REVISTA TRIMENSAL

RELAÇÃO

dos

Manuscriptos portuguezes e estrangeiros, de interesse para o Brazil,

existentes no Museu Britannico de Londres.

Todos quantos, em Portugal e Brazil, se interessam por assumptos historicos nacionaes, ou mesmo se encontram apenas atacados da absorvente posto que inoffensiva paixão bibliographica, conhecem e consultam o *Catalogo dos Manuscriptos portuguezes existentes no Museu Britannico*, organisado pelo erudito Sr. Frederico F. de La Figanière, e impresso em Lisboa em 1853. Dez annos depois o nosso Varnhagen fez um additamento ao referido Catalogo, o qual imprimio na Havana, e onde se limitou a dar a singela enumeração dos codices adquiridos pelo Museu no leilão da livraria de Lord Stuart de Rothesay, no anno de 1855. Um e outro desses trabalhos, por mais interessantes e valiosos que sejam considerados — o primeiro especialmente, porque o segundo não tem quasi importancia e diz menos do que o catalogo do leilão — acham-se naturalmente incompletos, já pelas datas em que foram elaborados; já e sobretudo porque catalogos d'aquelle genero, abrangendo a descripção de centenares de codices volumosos e comprehendendo o manusear de milhares de documentos, devem necessariamente andar inquinados de imperfeições e lacunas.

O nosso mallogrado confrade e distincto escriptor Sr. Eduardo Prado teve a boa idéa de augmentar, corrigir e pôr em dia no tocante ao Brazil o livro classico do Sr. Figanière,

mas não podendo realizar seu intento, fez-me delle parte e suggerio-me a resolução de emprehender eu a sua execução. Aproveitando a minha estada na Legação de Londres, puz effectivamente mãos á obra e consegui felizmente concluil-a, si bem que me não sobrando o tempo por motivo de transferencia. Não aninho a pretenção que o Museu Britannico ficasse desta feita absolutamente devassado para os estudiosos da Historia Brazileira: adianto, porém, com bons fundamentos que a actual relação fornece dados incomparavelmente mais completos do que as duas anteriores, além de as pôr ao corrente das recentes acquisições do grande repositorio litterario britannico.

Comparei occasionalmente a descripção de um mesmo codice na relação moderna, agora entregue ao publico, e na antiga, organisada pelo Sr. Figanière, para mostrar como aquella, feita com um fito mais restricto ou particular, offerece nos seus summarios, não poucos até novos, maior numero de pormenores a quem se dispuzer a consultal-os do que a primitiva, cujo merecimento nem por isso fica diminuido. Tambem cingi-me deliberadamente ao que interessava propriamente o Brazil, deixando de lado os papeis e documentos sómente relacionados com Portugal, comquanto seja por vezes bastante difficil discriminar durante o periodo colonial aquillo que pertence ao Reino daquillo que pertence á possessão, entidades politicas então inseparaveis, e conversiveis debaixo de certos pontos de vista. E' portanto possivel existirem nos numerosissimos codices referentes a Portugal — alguns contendo muitas dezenas de documentos — referencias passageiras ou accidentaes ao Brazil que me hajam escapado. O mesmo com relação aos codices, ainda mais copiosos, referentes á Hespanha e á America Hespanhola. Julgo entretanto ter examinado conscienciosamente *todos* os volumes de que achei indicação nos variados catalogos que compulsei, e registrado *todos* os documentos versando na integra sobre a America Portugueza.

Encontram-se porém entre as opulentas collecções do Museu bom numero de codices relacionados com a historia di-

plomatica portugueza, quer correspondencia dos enviados portuguezes no estrangeiro, quer correspondencia dos enviados inglezes em Portugal: as missões do marquez de Pombal em Vienna e em Londres, por exemplo, e a missão de Sir Robert Southwell em Lisboa. No archivo desta, que precedeu a de Methuen e se occupou da negociação de um tratado de commercio, e no de outras congeneres, poderão deparar-se-nos allusões á colonia americana que seria comtudo quasi impossivel descobrir, a menos de propositalmente fazer uma leitura exhaustiva de todos esses codices. Ao amador de historia diplomatica será facilmente dado manuseal-os, querendo, em qualquer tempo, pois que delles encontrará senão descripção, pelo menos menção na serie de catalogos do Museu. Não entendi que me competisse inseril-os e descrevel-os nesta relação porque dizem *tão sómente* respeito ao Reino, no seu caracter.

Sempre que me foi possivel, consignei si o manuscripto descripto se achava já impresso, o que não quer dizer que o não estejam alguns que vão sem tal designação, e que não logrei verificar si realmente se conservavam ineditos. E' evidente que todos os Manuscriptos mencionados neste catalogo se encontram exarados no Catalogo official do Museu e seus additamentos, impressos e manuscriptos, e muitos delles igualmente no Catalogo especial de Manuscriptos hespanhoes, elaborado em quatro grossos volumes por D. Pascual de Gayangos, de accordo com os *trustees* do Museu (1867—1893). O meu movel foi aliás perfeitamente identico ao desse notavel erudito, o qual escreveu ter feito a sua relação differenciada pelo facto dos codices se acharem dispersos nos numerosos volumes do Catalogo Geral, onde é difficil localisal-os, e as mais das vezes descriptos com extrema concisão. Accresce que o proprio Gayangos de ordinario *elimina* ou, quando muito, trata de fugida dos manuscriptos portuguezes e brazileiros, reservando os seus extensos arrolamentos para os manuscriptos hespanhoes, que exclusivamente o interessavam.

Das vantagens possiveis a derivar do trabalho que emprehendi já deram boa prova os dois mappas do seculo XVIII

apresentados em copias pelo Sr. Eduardo Prado ao Instituto Historico de S. Paulo no anno de 1901 (sessão de 5 de Março) e que, encontrados no decorrer da minha tarefa, lhe foram por mim apontados, percebendo elle immediatamente o seu valor historico e geographico. Naquella occasião o fallecido publicista expressava na reunião do Instituto o desejo de que se organizassem para os archivos e bibliothecas da Europa, particularmente de Portugal e Hespanha, catalogos no genero deste, então em preparação e ao qual se referiu. Nas suas palavras, seria uma gloria para o Brazil o ser o primeiro paiz da America a captar as fontes da sua historia. Pelo que toca ao Museu Britannico, a faina fica agora feita.

O curioso nacional encontrará pois reunidos nas paginas que se seguem, e quanto possivel resumidos no seu conteudo e considerados no seu valor, os documentos cuja indicação teria de procurar com grande fadiga e desperdicio de tempo em enormes e seccos catalogos, abrangendo forçosamente todos os assumptos. Eis a explicação, quiçá o merito desta relação. Cumpre ajuntar que as acquisições do Museu têm sido nos ultimos decennios, com relação a manuscriptos sobre o Brazil, relativamente insignificantes. A mór parte delles foram comprados até 1860, e em boa proporção conhecidos de Robert Southey e aproveitados para a sua *Historia do Brazil.* Este excellente trabalho não foi todavia definitivo, e nos mesmos manuscriptos percorridos pelo historiador inglez encontram-se dados e informações que se não acham por ora reveladas e devem ficar conhecidas. O Museu é uma mina riquissima, que ainda está muitissimo longe de haver sido total e proveitosamente explorada.

OLIVEIRA LIMA.

Londres, 28 de Fevereiro de 1901.

NOTA PRELIMINAR

O Museu Britannico, importantissima instituição que abrange uma das mais ricas, senão a mais rica bibliotheca do mundo, collecções artisticas de primeira ordem, entre as quaes os formosos marmores do Parthenon, e incomparaveis riquezas de natureza scientifica, taes como collecções de historia natural, ethnographia, etc., é um estabelecimento do Estado, mas, no caracter predominante na Inglaterra, governado em parte por tradições e reservando o seu campo á iniciativa privada, tendo aliás sido planeado por um celebre medico, Sir Hans Sloane. Foi este igualmente o organizador da collecção de manuscriptos conhecida por *Sloaniana*, a qual o Parlamento mandou comprar em 1753, depois da morte do colleccionador, pela somma de 20.000 libras esterlinas, juntamente com a livraria e as collecções de antiguidades, objectos artisticos e exemplares de historia natural, para semelhante fim e por tal somma deixadas por Sir Hans Sloane, que com ellas despendera 50.000 libras.

A *Bibliotheca Sloaniana* (Mss.) vai até n. 4099. Os ns. 4100 a 4478 representam o legado, em 1765, do Reverendo Birch. Entre os ns. 4479 e 5027 existem codices doados e codices comprados. Com o n. 5028 começam em rigor os chamados Manuscriptos Addicionaes, posto que figurem ainda depois sob o nome do fundador Sloane. Sobem hoje ou antes subiam em principios de 1900 a 36.297 codices, e crescem constantemente com as compras e legados. Os documentos da casa do conde de Hardwicke, por exemplo, ajuntaram em 1899 centenares de volumes á immensa collecção. Tambem augmenta sempre a

intitulada *Bibliotheca Egertoniana*, porque Francis H. Egerton (conde de Bridgewater) deixou por testamento uma somma de 7.000 libras para serem os juros della empregados na acquisição de novos manuscriptos com que se enriquecesse sua collecção, agora no Museu. Sobe actualmente o seu numero a 2790.

As outras collecções encorporadas na Secção dos Mss. do Museu Britannico—a qual tambem comprehende Escripturas, Rolos e Sellos—e que nos interessam por serem aqui citadas, são : a *Harleiana*, de 7640 codices, formada pelo conde de Oxford e Mortimer (Roberto Harley), fallecido em 1724, e por seu filho, fallecido em 1741, e que foi adquirida por 10.000 libras; a *Cottoniana*, de cerca de 1000 codices, organizada no fim do seculo XVI e começo do seculo XVII por Sir Robert Cotton e doada ao Estado por seu neto no anno de 1700, sendo ambas essas *bibliothecas* anteriores á fundação do Museu, o qual data de 1753 ; a *Lansdowniana*, de 1245 codices, reunida pelo primeiro marquez de Lansdowne e comprada em 1807 por quasi 5.000 libras, e finalmente a de *Jorge IV*, com 438 codices, offerecida por este monarcha em 1823, mas colligida no reinado anterior de Jorge III.

BIBLIOTHECA HARLEIANA

Observações

Existe catalogo muito completo e detalhado desta bibliotheca, impresso em 1808 em 4 vols. in-folio.

N. 167

Codice de 202 fls., tendo na lombada *Papers relating to naval affairs* etc.

FLS. 39 a 75.—Livro sobre a arte da navegação.

NOTA.—O Catalogo suppõe ser traducção de original hespanhol. Nas duas ultimas paginas encontram-se algumas indicações sobre a costa do Brazil, distancias, etc. e o trabalho insere notas occasionaes sobre descobrimentos, escriptas em portuguez.

N. 3450

Codice in-8° de 18 fls. ou cartas, tendo na lombada *Portolano da Joan Martines 1578*. E' Juan Martinez de Messina. As cartas são pintadas sobre pergaminho, a côres e a ouro, com desenhos de castellos, galeões, animaes marinhos, etc. e abrangem, cada uma, as duas paginas cobrindo a folha inteira.

1. Planispherio do mundo.
2. Mappa-mundi com os dois hemispherios.
3. Projecção do mundo.
12. Parte meridional extrema da America do Sul.
13. Costa norte-oriental da America do Sul.
16. Costas occidentaes da Europa e Africa com as costas fronteiras da America.

Observações

Não é citado por Figanière. No esplendido atlas que acompanha a primeira Memoria apresentada ao Conselho Federal Suisso em defeza do nosso direito ao territorio

limitrophe da Guyana Franceza, o Sr. Barão do Rio Branco publicou um mappa-mundi e um mappa da America do Sul de João Martinez de Messina, feitos em 1582 e que se encontram na Bibliotheca do Arsenal, de Pariz.

N. 4547

Codice in-folio de 349 fls. tendo na lombada *Lettres de M. de Comenges de Portugal 1657-1658*, fazendo parte da collecção Seguier, e primitivamente da collecção dos papeis de M. de Brienne, ministro de Estrangeiros na França no tempo de Luiz XIII, a qual existe toda na Bibliotheca Harleiana. São os proprios originaes.

Fl. 85.—Traicté d'accommodement sur les differens et mesintelligences, survenues au Brazil, Angola, l'Isle de Saint Thomé, et ailleurs dans le destroit de l'octroy de la Compagnie des Indes Orientales des Provinces Unies, entre la Roy, la Reyne Regente, et la Couronne de Portugal, d'un costé; et les hauts et Puissans seigneurs Estats Generaux des Provinces Unies de l'autre costé, conclu et arresté (com annotações de Mr. de Comenges, que foi embaixador francez em Lisboa justamente quando a Hollanda pretendia declarar a guerra a Portugal por motivo da libertação do Brazil Hollandez, levada a effeito alémmar, e estava envolvido em todas as negociações, a França havendo apoiado a independencia do Reino).

N. 4803

Codice in-4.° de 507 fls, tendo na lombada *Techo Historia Provinciæ Paraquar.*, e no frontispicio *Historia Provinciæ Paraquariæ Societatis Jesu autore Nicolas del Techo Societatis Jesu Sacerdote Gallo—Belga insulensi 14 libris.*

Nota.—Bella copia, com vinhetas, em letra imitando a de impressão, d'uma obra logo impressa, depois incluida na *Collecção de Viagens de Churchill* (Londres, 1703, 6 vols. in-folio) e proveitosamente citada na Exposição do Sr. Barão do Rio Branco sobre a questão das Missões.

N. 6991

Codice in-folio de 139 fls, tendo na lombada *Original letters of state, warrants, etc. 1571-1574.*

NOTA. — No catalogo da Bibliotheca Harleiana encontra-se o indice completo deste codice de originaes.

FL. 27. — Dr. Wilson to the Lord Treasurer, on the Portuguese Ambassador's Endeavour to obtain the Queen's seal to prohibit her subjects to trade in the Portugal conquests; promising the trade to Barbary should be winked at by his King. ult. Julho 1573.

NOTA. — Documento interessante para o estudo dos esforços empregados pela diplomacia da Peninsula, durante o seculo XVI, para conservar cerradas as conquistas e descobertas, preservando-se o exclusivismo commercial.

BIBLIOTHECA COTTONIANA

Augustus I, vol. I

Pasta grande de mappas, planos, cartas, etc.

N.º 55. — Mappa da Bahia de todos os Santos, desenhado em papel e a côres por William Watkins em 1707.

NERO B I

Codice in-folio de 301 fls. do qual se encontra no catalogo de Figanière um indice completissimo e muito estudado (pags. 54 a 101), superior ao do Catalogo da Collecção, impresso em 1802 e que já é muito detalhado. O codice diz todo respeito a Portugal, encerrando numerosos documentos sobre as relações commerciaes de Portugal com a Inglaterra no seculo XVI, juntamente com valiosos documentos relativos ao Prior do Crato, seus filhos e suas peregrinações pela Europa, como pretendente ao throno occupado por Philippe II. Os papeis commerciaes interessam indirectamente o Brazil, versando sobre o monopolio mercantil que os Portuguezes pretendiam exercer, de facto e de direito, sobre *os mares nunca dantes navegados*.

GALBA C VII

Codice contendo alguns documentos importantes sobre o Prior do Crato.

Fl. 70. — Carta original de Christopher Hoddesdon ao Conde de Leicester, datada de Antuerpia, 25 de Setembro de 1580, prestando, entre outros assumptos, informações sobre navios portuguezes vindos do *Brazil*, India e Terceira.

GALBA D X

Codice de que Figanière apenas menciona um documento:

Fl. 129 verso — Copia de uma carta em inglez, datada de Lisboa em 7 de Dezembro de 1594, sobre o commercio do Brazil, intenções hostis dos Hollandezes na India Oriental, etc.

Observações

Toda a collecção Cottoniana encerra documentos preciosos para o estudo das condições do commercio portuguez no seculo XVI, as aventuras do Prior do Crato, a questão intricada da successão portugueza, aberta pelo fallecimento do Cardeal D. Henrique, as relações da Peninsula Iberica com a Inglaterra de Izabel, e o papel politico *europeu* que Portugal foi arrastado a representar na transição do seculo XVI para o XVII. E' esta tambem a collecção tratada com mais carinho e attenção no Catalogo de Figanière, cuja parte fraca é a relativa aos Mss. Add., aliás a mais importante para o Brazil. Figanière diz mesmo não lhe ter chegado o tempo para examinar os Mss. Add. Da collecção Cottoniana e outras especiaes dá elle optimos resumos e até transcreve alguns documentos, não me parecendo que se possa melhorar o seu trabalho.

Rot. Cott. XIII, 46

Mappa de 0,m93 de largura sobre 0,m75 de altura, pintado a côres e ouro sobre pergaminho, e representando o Oceano Atlantico desde 60.° lat. norte até 45.° lat. sul, assim como as costas occidentaes da Europa e Africa, e as orientaes das duas Americas. Desenhados e illuminados sobre as differentes regiões, vêm-se escudos com as armas nacionaes, castellos, templos, etc., constituindo o conjuncto um bonito panorama. Ao lado direito vê-se a seguinte legenda, pintada a côres escuras: *Cyprian Sanchez a fez. Em Lisboa dezembro 1596*, e á esquerda, escripto o nome: *Balthazar Lavanha*, que Figanière presume ser o do primitivo possuidor.

Observações

E' o mesmo mappa anteriormente classificado E E 17 e descripto no *Catalogo* de Figanière, pag. 324.

Rot. Cott. XIII, 48

Mappa de 1m, 21 × 0m82, em pergaminho e a tinta, representando o Oceano Atlantico desde 70.° lat. norte até 35.° lat. sul, e bem assim as costas occidentaes da Europa e Africa e orientaes das duas Americas. Não está concluido, apresentando sómente o desenho das costas, e os nomes dos lugares e rios n'uma parte das costas americanas. Na parte superior, á esquerda, lê-se o seguinte: *The cownterfet* (*copia*) *of Mr. Fernando his Simon Sea carte which he lent un tomy master at Mortlake, Anno 1580. Novemb. 20. The same Fernando Simon is a Portugale and borne in Terceira being one of the Iles called Azores.* O mappa não passa portanto de uma copia, incompleta, do trabalho original do citado cartographo portuguez.

Observações

E' o mesmo mappa anteriormente classificado E E 19 e descripto no *Catalogo* de Figanière, pag. 325.

BIBLIOTHECA LANDSDOWNIANA

N. 139

Codice in-4.° de 430 fls., tendo na lombada *Caesar Papers—Admiralty.*

Fl. 172 — Traducção ingleza de um contracto feito em portuguez entre o Rei d'Hespanha e Julião de la Court e João du Bois, pelo qual estes se obrigavam a transportar provisões, etc., para o Brazil. Datado de Lisboa aos 13 de Novembro de 1592.

N. 145

Codice in-fol. de 456 fls., tendo na lombada *Caesar Papers—Admiralty.*

Fls. 144 a 146. — Summario da causa entre o Lord Embaixador da Hespanha e Terryer, com seus companheiros, a respeito de uma caravella portugueza carregada de pau brazil e assucares aprezada por esses corsarios (1612).

N. 157

Codice in-fol. de 457 fls., tendo na lombada *Caesar Papers, Letters, etc.*

Nota. — No catalogo da Bibliotheca Lansdowniana, impresso em 1819 (in-fol.) existe um indice completo deste volume.

Fl. 71. — Copia de uma carta de Sir Julius Caesar ao Secretario Walsingham a respeito de 39 caixas de assucar e 370 quintaes de pau brazil, que se diziam pertencer ao Sr. de Vega — 15 de Julho de 1588.

FL. 163. — Minuta de uma carta da Rainha ao Juiz do Almirantado (Sir Julius Caesar) sobre assucares de Portugal.

N. 160

Codice in-4.º de 432 fls., tendo na lombada *Caesar Papers—Admiralty*.

FLS. 64 a 66. — Papel sobre a desintelligencia suscitada entre os Embaixadores de França e de Hespanha em Inglaterra, ácerca de um navio portuguez que, seguindo viagem do Brazil, fôra aprezado por um cruzador francez e levado a Dinamarca. Anno de 1611 (Figanière, *Catalogo*, pag. 149).

N. 820

Codice in-4.º de 162 fls., tendo na lombada *Miscellanies*.

FLS. 38 e 39.—Instrucções para servir de governo na compra dos Diamantes brutos nas minas do Brazil.

FLS. 43 a 45. — Março 1732. Pauta dos preços para o governo da compra dos Diamantes brutos por outava e a quilate.

FL. 54 verso. — Calculacam da navegacam para o Brazil.

BIBLIOTHECA DE GEORGE IV

N. 223

Codice in-8.° de 137 fls., tendo na lombada *Vocabulary of South American languages.*

Refere-se á chamada lingoa geral do Brazil e é obra de um jesuita, tendo pertencido á fazenda de Gelhoe, anno de 1757. O vocabulario é em portuguez e brazilico. No fim existe uma parte com a seguinte epigraphe — *Caderno da Doutrina pella lingoa dos Manaos,* — outra antes que diz—*Dialogo da Doutrina Christan pella lingoa brazilica,* — e ainda outra sob a seguinte designação — *Doutrina, e perguntas dos Misterios principaes da nossa Santa Fé na lingoa Brazila.*

NOTA. — Não me foi possivel verificar si o Vocabulario é o mesmo *Diccionario portuguez e braziliano*, impresso em Lisboa, na Officina Patriarchal, no anno de 1795, com o seguinte sub-titulo: *Obra necessaria aos ministros do altar*. Julgo, porém, ser trabalho differente.

BIBLIOTHECA EGERTONIANA

N. 319

Codice in-4.º de 176 fls., tendo na lombada *Consultas del consejo de Estado, tocantes al ramo de guerra, 1626*, e sendo as minutas dessas consultas.

FL. 8. — Sobre lo que pide el licenciado Don Geronimo de Guijada Solorzano, alcalde mayor que fué de Cadiz, y auditor general del ejercito que fué á la jornada del Brasil con el marques de Villanueva de Baldueza (D. Fradique de Toledo) — 8 de Julho de 1626.

FLS. 71 e 72. — Sobre lo que escriben Don Fradique, Don Antonio de Oquendo y el Veedor General y las relaciones que envian de la Armada — 23 de Agosto de 1626.

NOTA. — Todos sabem o papel importantissimo desempenhado pelas armadas hispano-portuguezas na guerra contra os Hollandezes que occuparam o Brazil Septentrional.
A guerra foi tanto maritima quasi como terrestre.

FL. 129. — Sobre los avisos que hubo de lo que Olandeses querian intentar en el Brasil y la forma en que se podria prevenir — 15 de Agosto de 1626.

NOTA. — Presagios da expedição de 1630, que se apoderou de Pernambuco.

Observações

Codice não citado por Figanière.

N. 320

Codice in-8.º de 133 fls., tendo na lombada *Consultas del Consejo de Estado, tocantes a Indias, 1625, vol. II.*

Fl. 12. — Consulta sobre o despacho de trez ou quatro caravellas para o Brazil e Indias Occidentaes com o fim de avisar D. Fradique de Toledo e os commandantes dos galeões da ida da frota ingleza para aquelles mares (21 de Junho de 1625).

Observações

Não citado no Catalogo de Figanière.

N. 323

Codice in-4º de 185 fls., tendo na lombada *Consultas tocantes a Portugal* e contendo os informes e consultas originaes referentes ao anno de 1622.

Nota. — P. de Gayangos dá um indice muito completo deste codice.

Fl. 4. — Sobre um memorial de Gaspar de Souza pedindo um titulo no Maranhão, um lugar no Conselho de Estado e outras mercês — 16 de Julho de 1622.

Nota. — Foi Governador Geral do Brazil de 1613 a 1616.

Fl. 8. — Sobre a petição de Gaspar de Souza — mesma data.

Fl. 65. — Sobre si Vasco Fernandes Cesar entrará na posse do seu cargo antes de se lhe dar novo regimento, ou si esperará e que se faça a pretenção de Christovão d'Amaral de Vasconcellos, e contas que se hão de pedir a D. Luiz de Souza do que sobrou no Brazil das rendas reaes — 8 — 26 de Agosto de 1622.

Fl. 97. — Sobre a creação no Brazil de um Tribunal do Santo Officio.

FL. 99. — Sobre o aviso dado de que um navio de Corsarios apresou dous que vinham do Brazil — 6 de Outubro de 1622.

FL. 100. — Sobre si convem que os sete navios que se acham no Cabo de S. Vicente se juntem á armada de Portugal para todos juntos resistirem aos corsarios.

FL. 155. — Sobre uma petição da Camara do Porto relativa ao apresamento de um navio do Brazil por Mr. de Saint George, francez de Honfleur, e outros particulares do bispo Inquisidor Geral — 11 de Dezembro de 1622.

FL. 172. — Consultando a S. Magestade sobre si convirá voltar a unir ao bispado do Brazil a administração de Pernambuco — 20 de Dezembro de 1622.

Observações

Figanière menciona o codice, mas não especifica os documentos nelle contidos, e que julga serem minutas ou copias.

N. 324

Codice in-4° de 173 fls., tendo na lombada *Consultas del Consejo de Estado tocantes a Portugal, 1626.*

FL. 5. — Sobre a ordem dada a D. Luiz de Oliveyra para tomar a artilheria e munições que pedia para o Brazil — 4 de Abril de 1626.

NOTA. — Trata-se de Diogo Luiz de Oliveira, governador geral do Brazil, o qual chegou ao seu posto na Bahia em 1626.

FL. 18. — Que havendo-se confiado a D. Manoel de Menezes, chronista mór de S. M. e general da armada de Portugal que foi á jornada do Brazil, o encargo de escrever a historia dos successos da Bahia de Todos os Santos, e

tendo o Conselho ouvido que outras pessoas tratam de dar á luz a dita Historia, mandase que por modo algum se conceda licença para imprimir os ditos livros — 23 de Abril de 1626.

NOTA. — A historia ou relação de D. Manoel de Menezes foi impressa na *Revista do Instituto Historico.*

FL. 33. — Sobre a pretenção de Diogo Luiz de Oliveyra de que se mande em sua companhia ao Brazil D. Vasco Mascarenhas com o cargo de sargento mór — 24 de Abril de 1626.

FL. 45. — Sobre uma petição de João Mendes de Vasconcellos e outros cavalleiros e pessoas que aprisionaram hollandezes vindo da Bahia de Todos os Santos.

FL. 47. — Propondo successor para o governo do Brazil a Martim de Sá, capitão do Rio de Janeiro — 9 de Maio de 1626.

NOTA. — M. de Sá foi provido capitão do Rio de Janeiro em Julho de 1623.

FL. 173. — Sobre uma petição de Alvaro Cordovil, capitão proprietario da fortaleza do Arrecife de Pernambuco — 28 de Junho de 1626.

Observações

Citado em Figanière, sem que os documentos sejam enumerados, o que torna quasi inutil a citação.

N. 335

Codice in-4º de 462 fls., tendo na lombada *Papeis Varios : 1575-1701*, constituindo o quinto volume de uma collecção de documentos historicos feita por Don Juan de Isassi Idiaquez; versando em parte sobre assumptos dependentes do Conselho das Indias e principalmente relativa aos reinados de Filippe III e Filippe IV. Traz um indice, muito menos desenvolvido porém do que o publicado por Gayangos, vol. I.

FL. 190. — Libro de partes y oficios del año 1623.

NOTA. — E' o livro original de inscripção das ordens expedidas aos presidentes dos varios Conselhos e chefes da administração, com uma lista alphabetica dos nomes proprios e das materias.

FL. 241 verso. — Sobre o que escreve de Lisboa Don Fernando Alviá de Castro ácerca dos 14 navios que se estão fabricando na Hollanda para irem ás Indias. (El Pardo, 22 de Janeiro de 1623).

NOTA. — A conquista da Bahia foi em 1624.

FL. 283. — Remettendo á Junta das Armadas os avisos que um confidente enviou de Sevilha relativos á frota que se faz na Hollanda. (Madrid, 16 de Fevereiro de 1623).

FL. 383 verso. — Ao Secretario Bartholomeu de Anaya, que havendo aviso de que os Hollandezes preparavam armada, e se entendendo que poderiam atacar alguma das praças da Berberia, ordenou-se pelo Conselho de Portugal que as daquella Corôa estivessem bem prevenidas, sendo bom escrever-se ao Duque de Medina Sidonia para que estivesse tambem (Madrid, 15 de Maio de 1623).

FL. 448 verso.—Ao Duque de Villa Hermosa, que tendo-se tido intelligencia de que haviam sahido armadas de Hollanda, conviria que o Conselho de Portugal se informasse com a maior brevidade e em sigillo, ácerca do estado em que se achavam e defeza que tinham os portos do Brazil e particularmente o de Pernambuco (Madrid, 21 de Junho de 1623).

Observações

Não citado por Figanière.

N. 374

Codice in-4° de 180 fls., tendo na lombada *Expedicion de Cevallos a S. Catalina — 1776 - 1777*, e na primeira pagina *Apontamentos diversos*.

FLS. 2 e 3. — *Apontamentos sobre o ataque portuguez no Rio Grande e descripção do lugar*.

FLS. 6 a 9. — Nombramento de Virrey Governador y Capitan General de las Provincias del Rio de la Plata.

FLS. 10 a 20. — Plan de Batalla.

FLS. 21 a 37. — Prontuario dela Navegacion, y operaciones dela Esquadra, y Ejercito que ha destinado S. M. a la America Meridional a las ordens del Exmo. Sr. Dn. Pedro de Cevallos Comandante General de Mar y Tierra y de la Expedicion, etc., etc.

FLS. 38 á 41. — Breve relacion de la navegacion dela esquadra, y convoy, y de las operaciones del Exercito de S. M. dirigido a la America Meridional al mando del Exmo. Sr. Dn. Pedro Cevallos Comandante General de Mar y Tierra de esta Expedicion.

FLS. 42 a 54. — Apuntamentos sobre varias incidencias ocurridas en la expedicion del mando del Exmo. Sr. Dn. Pedro de Cevallos.

FLS. 55 a 80. — Correspondencia de S. E. con el General de la Esquadra. (*São quasi todos originaes*).

FLS. 81 a 84 e 92 a 100. — *Rol dos cavallos, effectivo das tropas e outros papeis relacionados com o assumpto*.

FLS. 100 a 103. — Orden de suspension.

FLS. 109 e 110. — *Informações sobre as forças do Rio Grande, etc*.

Fls. 111 e 112.— Relacion de las embarcaciones que deben estar prontas para pasar a la primera orden al Rio Grande.

Fl. 124.— Noticia de las Tropas que tenia la Isla de Santa Catalina para su Defensa al tiempo que vino sobre ella el Exmo. Sr. Dn. Pedro de Cevallos.

Fls. 125 a 152.— Capitulacion de Santa Catalina en su entrega.

Fl. 158.— Del indultó general, en que se ofrece libertad a los negros de la Isla, y de su Jurisdiccion en tierra firme, que se pasaren al Exercito, y procedieren con fidelidad en el Real Servicio de S. M., se exceptuarán los que fuesen Esclavos del Rey de Portugal, porque estos pertenecen al Rey nuestro Señor.

Fls. 159 e 160.— Noticia de las obras de fortificacion que se havian hecho de nuevo en la Plaza de la Colonia del Sacramento despues de la primera conquista de ella.

Observações

Figanière menciona o codice, mas não especifica os documentos nelle contidos.

N. 454

Codice in-8º de 178 fls., tendo na lombada : *Papeles tocantes a los Jesuitas.*

Fls. 3 a 38.— Memorial que el Padre Provincial de la Provincia del Paraguay presentó al Señor Commissario Marques de Valdelirios, en que le suplicca, que suspenda las Disposiciones de Guerra contra los Indios de las Misiones. Datado Cordova 19 Julho 1755.

Fls. 39 a 167. — Sobre los Sucesos de Misiones. Representacion del Provincial de la Com-

pañia de Jesus. Na folha immediata acha-se outro titulo : «Papel de cierto sujeto, que agitado de su conciencia, por haber concurrido en parte á las Persecuciones y Deshonor de la Compañia de Jesus en Portugal, dá la satisfaccion, que puede, defendiendo el honor de la Compañia, descubriendo las rayzes, y fautores de su atroz persecucion en aquel Reyno.» A nota seguinte vem na folha depois: «Este papel llegó a mis manos despues de habida esta copia con el titulo siguiente: Informacion que dió al Exmo. Señor Marques de Sarria siendo Comandante General del exercito en Portugal sobre el hecho de la expulsion de los Jesuitas de aquel Reyno el P. Dr. Fr. Joseph de Santa Rita Duran, theologo conimbricense, lector de prima en su Colegio de los Ermitanos de San Agustin, socio y censor de la Academia Pontifica Liturgica, y theologo, que fué del Arzobispo, Presidente del Supremo Consejo de Justicias, en Lisboa.

NOTA.—E' o auctor do *Caramurú*.

Observações

Figanière não cita este codice.

N. 520

Codice in-4º de 330 fls., tendo na lombada : *Papeles sobre las Colonias de España*, pertencente á collecção de D. Bernardo de Yriarte.

FLS. 157 a 161. — Papel original, do punho de Yriarte, mostrando quão fortemente combateu a opinião de Florida Blanca sobre a questão de limites entre as colonias hespanholas e portuguezas na America do Sul. Traz a seguinte nota do auctor : «Relativo a mi per-

sona y a las ideas que por sugestiones del Marquez de Grimaldi y aun mas de Florida Blanca se daban al Rey N. S. Carlos III á causa del teson y conviccion com que me oponia a que el Gabinete de Lisboa abusase de nuestra obsecacion, debilidad, etc.»

Fl. 163.—Outra minuta sobre o mesmo assumpto.

Observações

Não citado no catalogo de Figanière.

N. 525

Codice in-4º, tendo na lombada *Correo de Lisboa, 1763-1767*, proveniente da collecção Yriarte.

Registro da correspondencia official do Consul Geral da Hespanha em Portugal (Don Manoel de Vegas Arce) con Don Ricardo Wall, ministro das finanças, e o Marquez de Grimaldi, seu successor, sobre commercio, alfandegas, etc., com referencias constantes á colonia americana, com a qual se fazia então a mór parte do trafico portuguez.

Nota. — Papeis muito importantes sob o ponto de vista mercantil.

N. 528

Codice in-4º de 223 fls., tendo na lombada *Mappa de Comercio de Portugal*.

Fls. 118 a 132. — Comercio de Portugal — Capitulo nono, e ultimo — Do Comercio de Portugal com as suas conquistas, e collonias.

Fls. 133 a 136. — Plano de providencias sobre o commercio estrangeiro, e das collonias.

Fls. 137 ao fim. — Plano geral de commercio para o Reyno de Portugal.

N. 529

Codice in-folio de 187 fls., tendo na lombada *Papeis sobre o commercio etc. de Portugal.*

Fls. 17 a 36.—Fazendas, e Generos que dos Reynos estrangeiros vem para Lisboa, tanto para o consumo do Reyno de Portugal, como do Brazil: nomes das ditas Fazendas, e Generos, seus comprimentos, e Larguras, e custos nas terras de donde se mandam vir.

Fls. 37 a 83. —Sobre Tabaco del Brasil, dirigido a D. Bernardo Yriarte por Dosarte.

Nota.—Contem uma porção de documentos sobre o assumpto:
A — Papel que deu Mr. de Samprie (Saint Priest) Ministro da França ao C. de Oeyras (proposta de tratado de commercio). O cavalheiro de Saint-Priest foi o ministro que reatou as relações diplomaticas com Portugal depois da guerra do chamado Pacto de Familia. Exerceu suas funcções de 1763 a 1766. Nas suas instrucções acha-se previsto este ponto. Vide *Recueil des instructions données aux ambassadeurs et ministres de France, Portugal,* Paris, 1886, pags. 346 e 347.)
B — Resposta augmentando a negociação.
C — Carta de D. Luiz da Cunha para o duque de Choiseul.
D — Carta do Duque de Choiseul para D. Luiz da Cunha (Fevereiro 1770).
E — Uma longa memoria em hespanhol sobre o tabaco na Hespanha e possessões, na qual se trata muito do fumo brazileiro e do commercio deste ramo, considerando-se o assumpto debaixo de todos os pontos de vista, e mais outros papeis.

Fl. 87.—Informação do Governador de Pernambuco Corrêa de Sá a El-Rey sobre uma informação (1751).

Fl. 88.—Informação do V. Rey da Bahia C. de Sabugosa sobre o preenchimento de uma vaga de guarda-mór da alfandega.

Fl. 90.—Informação do Governador do Rio de Janeiro Gomes Freire de Andrade sobre baixa de uma praça.

Fl. 91.—Carta do Capelam do Forte de Cabedelo a El-Rey (Luiz de Freytas Coelho) pedindo um sino e algumas imagens.

Fl. 93.—Representação de Feliciano de Torres Ribeiro a El-Rey.

Fl. 94.—Informe do Governador de Pernambuco André de Mello e Castro sobre a dita representação a proposito de uma demanda (1697).

Fl. 95.—Carta de El-Rey ao dito Governador sobre o mesmo assumpto.

Fls. 98 a 100.—Requerimento do Capitam João de Brito de Sergipe pedindo satisfacção de serviços e papeis referentes a esta pretenção.

Fl. 102.—Requerimento de Domingos da Costa de Araujo, senhor d'engenho de Pernambuco, para que os seus carros sejam isentos e o capitão mór «os não possa obrigar a assistir com as carruages algumas.»

Fl. 103.—Informaçam da Camara da Parahyba sobre peso de assucares.

Fl. 104.—Idem.

Fl. 112.—Requerimento de uma praça (1738).

Fls. 163 a 165. — Commercio que faz a ilha de S. Thomé com os Generos da sua produção para os seguintes Portos: Pará e Bahia de todos os Santos..........

Fls. 166 e 167 verso.—Rendimentos dos dismos de dentro e fóra, e do subsidio do Maranhão e do Piauhy. Rendimentos dos direitos dos escravos que vão do Rio Janeiro ás minas e de

800 rs. por cada escravo que entra no dito rio de Janeiro.

Rendimentos das passagens dos rios Paraiba e paraibuna para as minas geraes e do rio das mortes.

Rendimentos dos dismos, quintos, entradas tersas partes dos officios e demais direitos reaes da Capitania de Goyaz.

Rendimentos dos dismos, quintos entradas de ofisios e mas direitos reaes das capitanias de Cuiba e Matto-Grosso.

Observações

Não se acham enumerados estes documentos no *Catalogo* de Figanière, que dedica 11 linhas apenas a este codice, o qual fazia parte da collecção de D. Bernardo de Yriarte.

N. 592

Codice in-4º de 201 fls., tendo na lombada *Papeles matematicos etc.* e sendo uma collecção feita por D. Bernardo de Yriarte de documentos e ensaios sobre mathematicas, fortificação, equitação, etc.

Fls. 56 a 58. — Carta muy elegante de Henoc Estartemus, predicante calvinista de los Olandeses rendidos, que escribió en latin al senõr Don Geronimo Quixada de Solorçano, auditor general de las armadas y exercitos de Su Magestad Catholica (Philippe IV), dandole en ella quenta del porque se movieron los Estados rebeldes á inviar á conquistar el Brasil, la armada que truxeron, y lo que les sucedió desde la toma de la ciudad de San Salvador hasta que se rindieron al exercito de Su Magestad y á Don Fradique de Toledo, nuestro general en su nombre, la qual traduzida de latin en castellano por el dicho senõr auditor general, es como sigue.

Observações

Não citado por Figanière. Como o leitor está verificando, são muito abundantes os documentos fornecidos pelo Museu para o estudo do episodio historico da occupação e recuperação da Bahia, primeiro da guerra hollandeza.

N. 599

Codice in-4º de 228 fls., tendo na lombada *Catalago de Papeles manuscritos.*

NOTA.—E' o registro original dos documentos de um archivo hespanhol, que P. de Gayangos suppõe ser o do Conselho d'Estado de Madrid, hoje encorporado no de Simancas.

FLS. 69 a 79.—Legajo n. 7—Portugal.

NOTA.—Encontram-se na nomenclatura dos papeis referencias incidentaes ao Brazil, sob o ponto de vista administrativo.

Observações

Figanière não menciona este codice.

N. 660

Codice in-12º de 228 fls., tendo na lombada *Poezias varias*, comprado a Baynes em 1838 e que fez parte da collecção do Dr. Adam Clarke. O titulo exarado no frontispicio é *Poezias varias de differentes autores, que neste livro se contem.*

NOTA.— A maior parte em portuguez e quasi todas sem assignatura, excepção feita das de Fr. Antonio das Chagas, tornando difficillimo verificar, sem trabalho especial, si algumas são da lavra de escriptores coloniaes brazileiros. Figanière diz que ha 14 sonetos de Luiz de Camões.

N. 742

Codice in-4.º de 31 fls., que começa pela copia da resposta, em latim, de Izabel de Inglaterra ou antes do Conselho Privado do Reino ao embaixador portuguez, sobre o pedido por este formulado para ficar defezo aos subditos britannicos navegarem para o *Brazil*, Ethiopia, India, ou qualquer terra descoberta por Portuguezes, da mesma fórma que o prohibira El-Rei de França. Westminster, 31 de Maio de 1562.

N. 902

Codice in-4.° de 159 fls., tendo na lombada *Navegaciones en la mar del Sur y otras partes del Globo recogidas por J. D. de Armona*, e como titulo «Navegaciones antiguas y modernas; Descobrimientos y Diarios curiosos de Viages hechos á la mar del Sur, y otras partes incognitas del Globo en America. Recogidas por Don Joseph Antonio de Armona Cavall°. Pensionista dela distingdª. Real Orden Españõla de Carlos III. Año de 1772.»

FLS. 75 a 77.—Diario por mayor de la Fragata nombrada Nuestra Snra de los Dolores (alias la Bentura) en el regreso de su viage, desde el Puerto del Callao de Lima, á el Rio de Janeiro.

Observações

Figanière não cita este codice.

N. 1049

Codice in-folio tendo na lombada *Original letters and papers*, comprado a Jos. Lilly em 1844. (Originaes)

FLS. 6 e 7.—Dois memoriaes dirigidos a Oliver Cromwell por Manuel Martines Dormido, alias David Abrabanel, negociante judeo hespanhol, arruinado e expulso do seu paiz natal pela Inquisição, pedindo a intervenção do Protector junto ao Governo Portuguez para a recuperação das suas dividas, perdidas pelo confisco dos bens dos cidadãos de Pernambuco, por occasião da capitulação do Recife em 1654; mostrando as vantagens de attrahir os judeus para a Inglaterra, assegurando-se-lhes liberdade religiosa e protecção.

Ns. 1131—1136

Collecção de 6 codices in-folio tendo na lombada *Papeles Varios de Portugal*.

NOTA.—E' uma collecção de documentos officiaes em hespanhol, abrangendo originaes das consultas do Conselho e

Governadores de Portugal, Conselho de Estado em Madrid e diversas Juntas; juntamente com Relatorios de Ministros, Cartas, Memoriaes, etc., tudo referente a Portugal e suas Colonias durante parte do periodo da união com Hespanha e principalmente nos annos de 1620 a 1626. O Catalogo do Museu publica um indice completo destes documentos que são quasi todos originaes.

TOMO I, DE 353 FLS.

Fls. 33 e 34.— Relacion sumaria de los avisos que ha avido en razon de las prevenciones que se hacian en Olanda para el Brasil.

Fls. 37 e 38.— Carta de Gaspar de Sosa dando parecer sobre outro papel e tratando das medidas para a protecção das costas do Brazil (Agosto de 1624).

Fl. 202.— Consultas do Conselho de Guerra e Conselho de Portugal relativas á distribuição de tropas na Africa e Brazil.

Fls. 251 a 256.— Consultas do Conselho de Portugal tocantes a assumptos do Brazil e defezas da Bahia (Julho de 1623).

Fls. 275 a 282.— Consultas «del aviso que embió Henrique Siñel de haver tenido parte los Christianos nuevos de la perdida de Bahia» (Setembro de 1624), e outro papel «sobre el socorro de 40 vajeles que se aprestava en Olanda para el Brazil, y la declaracion que en Lisboa se ha tomado a un marinero olandes que se hallo con la armada de Olanda quando tomo la Vahya y lo que parece al Consejo.»

Fls. 288 a 291.— Consultas do Conselho d'Estado e Conselho de Portugal «del servicio que ha echo la Camara de Lisboa para lo del Brasil, y del estado de las cosas de Portugal» (Setembro 1624).

Fls. 293 a 305. — La junta de Consejeros de Estado Guerra y Portugal en Madrid a 2 de Agosto de 1624 con unas consultas de los cons.os de estado y portugal que tratan de las fuerças que conbendra prevenir para echar del Brasil a Olandeses.

Nota. — Consulta extensa e interessante.

Fls. 306 a 315. — Consultas do Conselho d'Estado e Conselho de Portugal sobre a Armada destinada ao Brazil (Dezembro de 1624) e parecer da Junta do Almirantado, com uma consulta do Conselho de Portugal « sobre las propuestas de formar una armada para asegurar los navios que vienen del Brazil » (Setembro de 1626).

Fls. 330 a 333. — Parecer do Marques de la Hinojosa e Consultas do Conselho de Portugal « sobre las ocho pieças de artilleria que se piden para el Brasil » (Junho de 1626).

TOMO II, DE 152 FLS.

Fl. 6. — Carta do Duque de Villa Hermosa sobre a doação de uma pensão a Diogo Luiz de Oliveira, que foi governador do Brazil (1622).

TOMO III, DE 437 FLS.

Fls. 1 e 14. — Ordens ao Duque de Villa Hermosa, Presidente do Conselho de Portugal, sobre mercês aos que tomaram parte na expedição da Bahia.

Fl. 344. — Memorial de Diogo de Mendoça Furtado, ex-governador do Brazil, relativo ás perdas que soffreo com ter sido feito prisioneiro pelos Hollandezes em 1624.

FL. 375. — Carta de Antonio da Silva sobre os «navios de Brazil cargados de azucar, que han tomado los enemigos» (Julho de 1623).

TOMO V, DE 340 FLS.

FL. 30. — Consulta do Conselho de Portugal «sobre los avisos que embió el Virey de los navios que se arman em Olanda» (1621).

FL. 31. — Informe sobre o mesmo assumpto do inglez William Molle, assignado tambem pelo consul inglez Anthony Alexander.

FL. 234. — Consulta « sobre el medio de proveer para las necessidades publicas por cuenta de la Corona de Portugal» (Janeiro de 1625).

NOTA. — Refere-se igualmente ao Brazil.

FLS. 235, 236, 241 e 242. — Informações de Pieter Vaase, de Dantzig, e Jacob Voes, de Hamburgo, sobre preparativos navaes dos Hollandezes contra a Hespanha (Março de 1625).

FL. 247. — Carta dos Governadores de Portugal sobre o principio da companhia de commercio (Julho de 1625).

FLS. 255 e 256. — Relação do estado que tem os sete navios que se aprestão darmada (Julho de 1626).

FL. 315. — Carta dos Governadores de Portugal «sobre la union de las armas» (Setembro de 1626).

NOTA. — Refere-se igualmente ao Brazil.

FLS. 331 a 336. — Breve relacion y sustancia de lo que importan las Rentas del Reino de Portugal y la situacion dellas — de los goviernos, tribunales, plaças, encomiendas, obispados e

Beneficios y mas cosas que Su Magestad tiene y provee en aquel Reino — por el Licenciado Fernando Loureyro, su criado.

Fl. 337. — Relação do Estado que tem os seis navios que se aprestão darmada da Costa, e os tres em que vay o governador do Brazil Diogo Luiz d'Oliveyra.

TOMO VI, DE 545 FLS.

Fls. 537 a 541. — Informes sobre a petição de D. Garcia de Castro sobre uma pensão em consideração dos serviços de seu pai D. João de Castro, governador do Brazil (Março de 1624).

N. 2251

Codice in-4° de 81 fls., tendo na lombada *Brit. Mus. Portuguese and Spanish Books in Library of British Museum* e no interior da pasta esta nota manuscripta, a lapis: *Written by Mr Emperor and designed to have been sent to Dr. Nunes of Coimbra.* Adquirido em 1873 n'um leilão da casa Sotheby. Como o seu titulo assaz o indica, é uma relação alfabetica dos livros hespanhoes e portuguezes existentes no Museu, e dos quaes muitos se referem ao Brazil.

Observações

O ultimo codice da Bibl. Egert. citado por Figanière é o n. 1136. A partir deste numero, são de acquisição posterior ao seo *Catalogo.*

N. 2395

Codice in-fol de 698 fls., tendo na lombada *Papers relating to English Colonies in America & the West Indies. 1627—1699.* Com indice.

Nota. — E' uma enorme collecção de documentos originaes, dos quaes grande parte se referem á Jamaica, e muitos tratam de plantações de assucar, desenvolvimento agricola das Antilhas, estabelecimentos estrangeiros na America da mesma cathegoria ou caracter economico, etc.

O interesse deste codice para o Brazil é indirecto, mas não deixa de ser bastante si considerarmos o aspecto de fazenda que a colonia offerecia no seculo XVII, fundando a sua riqueza sobre a producção do assucar, quasi exclusivamente.

N. 9244

Codice in-8° de 144 fls., tendo na lombada *Coxe Papers. Vol. CLXVII. Correspondence relative to Portugal 1749-1760.*

Nota. — Abrange a correspondencia do consul Castries com o duque de Bedford e outros; a correspondencia de Lord Tyrawley, pela segunda vez representante diplomatico em Lisboa; a correspondencia de Lord Kinnoull para Mr. Pitt, e outros papeis sobre os ultimos dias de D. João V e o reinado do seu successor D. José, encerrando particulares sobre a ascensão ao poder e a administração do marquez de Pombal, e referencias occasionaes a personagens da historia brazileira como Alexandre de Gusmão e Francisco Xavier de Mendonça Furtado, e assumptos do Brazil, como as minas. Comprehendem esses documentos um periodo de associação maxima do reino e da colonia.

N. 9252

Codice in.-4° de 176 fls., tendo na lombada *Coxe Papers. Vol. CLXXV, Papers relative to Portugal.*

Nota. — Versa sobre os reinados de D. João V, D. José e D. Maria I, isto é, sobre o seculo XVIII, cujo caracteristico em Portugal é marcadamente brazileiro. Os papeis deste codice não só tratam da feitoria ingleza do Reino, da tentativa de assassinato do rei D. José, da execução do duque de Aveiro e dos Tavoras, segundo a correspondencia do ministro britannico Lord Littleton, como da Companhia do Grão Pará e Maranhão (fls. 96 e 97), do commercio com o Brazil em 1791 (fls. 98 a 101), das estatisticas referentes ao algodão vindo do Brazil etc.

BIBLIOTHECA SLOANIANA

N. 2026

Codice in-16º de 48 fls., tendo na lombada *Tractado da Provincia do Brasil* e por titulo « Tractado da Provincia do Brasil no qual se contem a informação das cousas que ha na terra, assi das capitanias e fazendas dos moradores que viven pella costa, e doutras particullaridades que aqui se cõtan ; como tambem da condição e bestiaes custumes dos Indios da terra, e doutras estranhezas de bichos que ha nestas partes, offerecido a muito Alta e serenissima Sñra. Dona Catharina Rainha de Portugal Sñra nossa. Visto e approvado pellos deputados da Sancta Inquisição ».

Nota.—E' o trabalho de Pero de Magalhães de Gandavo, não a *Historia da Provincia de Santa Cruz*, mas o *Tratado* impresso no tomo IV da « Collecção de Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas », edição da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1826, 8.º Innocencio da Silva diz que consta ter Gandavo estado no Brazil (Tomo VI, pag. 430): elle porem escreve positivamente que residio na colonia (*destas partes onde por algũs annos me achei*). A copia manuscripta do Museu é por letra do seculo XVII ou XVIII. O prologo, exalçando o Brazil, é no tom caracteristicamente admirativo que distingue os *Dialogos*, e quejandas producções do seculo XVI. Em seguida descreve a costa e trata da capitania de Itamaracá, da de Pernambuco, dos rios Real e S. Francisco, das capitanias da Bahia, Ilheos e seo gentio Aymoré, Porto Seguro, Espirito Santo e São Vicente, do Rio da Paraiba e Rio de Janeiro. Occupa-se finalmente, e com interessantes pormenores das fazendas da terra, do gado transportado e acclimatado, dos costumes inclusive da escravatura, das qualidades do clima, dos mantimentos, caça e fructas, com bastante desenvolvimento dos usos dos Indios, e da fauna.

N. 5221

Codice in-folio oblongo tendo na lombada *Posts |Views in Brasil* e na pasta *Brasiliae Regiones*, contendo 32 desenhos originaes de Post, a tinta da China. que serviram para a illustração da formosa obra de Barlaeus « Rerum per octennium in Brasilia gestarum », Amsterdam, 1647.

Tem dentro a seguinte nota manuscripta, em papel separado : « Archetypae delineationes Brasiliæ Regionum, Civitatum, Arcium, Fluviorumque Prospectus, ut et Castrorum, prœliorumque tam navalium quam terrestrium, sub Joh. Mauritio Nassoviæ Comite per F. Post 1645 Being the original drawings of a Book entitled Gesta sub C. Mauritio in Brasilia Casp. BarlaeoAmst. 1647 — Completiores multo ac elegantiores quam in dicto opere—It contains also the originals of Francisci Plante Mauritiados Libri XII Bat. 1647. »

Observações

Da comparação deste codice, não mencionado por Figanière, com a obra de Barlaeus, verifica-se que se acham nesta todos os desenhos daquelle, excepto o n. 32 (Arx Archin), igualmente assignado F. Post e datado 1645. Por contra não figura no codice o desenho que apparece na obra sob o titulo : *Obsidio et expugnatio Portus Calvi.*

N. 5253

Codice in-folio contendo 79 formosas aquarellas e tendo na lombada *Drawings of Indian Dresses, Chinese Buildings, etc.*

Fl. 23, 44 × 28cm. — Inhabitants of Brasile, the man with Rattles or Castanets, made of ye fruit Ahovai about his Leggs & a Maracca or God in ye hand of one of their Women. Also a Sagouin or small Monkey & Parrot.

Nota.—Representa um indio e uma india dansando, o homem usando dependurado das costas e preso por uma fita a tiracollo o conhecido enfeite multicolor de pennas de ema, e a mulher, cuja carnação é alva demais para indigena, ostentando um diadema de pennas e tangendo um maracá, tambem adornado de pennas. Ambos completamente nús, o homem com duas ligas, abaixo dos joelhos, formadas de guizos de ahovái. No chão um saguim e trepada num galho de arvore uma arara.

Fl. 24, 44 × 28^{cm}.— Inhabitants of Brasile with Bows, Arrows and a Pine apple.

Nota. — Homem e mulher nús, de côr mais bronzeada que os anteriores; o homem armado de arco, com quatro flechas compridas, e enfeitado o pescoço com um collar formado de uma pedra no feitio de meia lua; a mulher descançando a mão sobre o hombro delle e carregando uma criança mettida num panno que lhe sobe da anca esquerda ao hombro direito. No chão vêm-se dois fructos brancos num prato de barro vermelho e ao canto da aquarella cresce um abacaxi.

Fl. 25, 44 × 28^{cm}. — An Indian of Brasile who hath Killed his enemy rejoicing upon that occasion.

Nota. — Figura de indio nú, com riscos escuros nos braços, peitos, coxas e pernas, dançando com um tacape, enfeitado de pennas, na mão, em frente á cabeça decepada de outro indio, que se encontra no chão.

Fl. 26, 30.5×20^{cm}.—A Brasilian Cannibal.

Nota. —E' o mesmo indio armado de flechas, zarabatana e tacape, com diadema e o enfeite dorsal de pennas de ema atado no ventre, a ligadura do penis e os botoques nos cantos da bocca e no queixo que Ehrenreich descreve no seu artigo *Über einige ältere Bildnisse südamerikanischer Indiäner,* publicado no *Globus* de Brunswick, Bd. LXVI, n. 6, 1894, e traduzido por Oliveira Lima (*Diario Official*, do Rio de Janeiro, 29 de Outubro e 5 de Novembro de 1900). Aquelle indio encontra-se, assignado « Eckhout 1641 Brasil», num dos grandes quadros de Copenhague, provenientes da collecção de Mauricio de Nassau, e sob a epigraphe « Omem tapuya » na *Zoologia* de Zacharias Wagner existente no Real Gabinete de Estampas de Dresde, tendo além disso sido reproduzido no Arch. Intern. de Ethnogr. de Copenhague, Vol. 2, pag. 221 (quadro XIII); já o fôra antigamente no frontispicio da obra classica de Piso e Marcgraf e no texto da mesmo obra, e mais modernamente no « Calendario historico-genealogico para o anno bissexto 1818, publicado pela Real Deputação Prussiana dos Calendarios.» O citado artigo de Ehrenreich é digno de leitura pela massa de informações nelle contidas, chegando o auctor á conclusão que os mo-

delos dos artistas de Mauricio de Nassau eram duma tribu gés, os Turairyaés ou Otschucayanos, possivel mente aparentados com os Patachos ou Koropós.

FL. 27, 30.5×20cm.—A Brasilian Cannibal.

NOTA.—E' a mesma mulher tapuya atravessando um riacho, de cujas aguas bebe um cachorro, revestida de uma cinta de folhagem, carregando na mão uma mão humana decepada e ás costas, numa cesta, um pé, descripta por Ehrenreich no art. cit. e cujo retrato, assignado por Eckhout, faz parte da collecção de Copenhague, encontrando-se tambem na *Zoologia* de Wagner (fl. 96) e na obra de Piso e Marcgraf. E' quasi impossivel saber, entre tantos exemplares, qual o original e quaes os modelos. Ehrenreich opina que tanto os quadros de Copenhague como os desenhos de Dresde podem ter sido copiados de material artistico mandado do Brazil.

FL. 28, 44×28cm.—Indians of Brasile lamenting their dead friend lying in a Cotton hamac.

NOTA. — N'uma rede jaz um indio morto; acocoradas em redor quatro mulheres carpindo, ao passo que um homem chora e lamenta-se, tangendo um maracá enfeitado de pennas.

FL. 29, 44 × 28cm. — The ceremony of cutting the Arrow of the dead person who hath no farther use of it.

NOTA. — Um indio de pé corta a flecha com um facão, ao passo que um velho europeu, de longas barbas, vestido e calçado á européa, chora sentado na rede vazia, e que uma india acocorada, com o cabello dividido em dois rolos ornados de fitas azues, o acompanha na lamentação.

Observações

Figanière não menciona este codice.

N. 4158

Codice in-4° de 207 fls., tendo na lombada *Collection of Letters and State Papers.*

Fl. 120. — Carta da Rainha Regente D. Luiza de Guzmán ao residente inglez na Hollanda George Downing, sobre a perspectiva de paz com as Provincias Unidas, segundo as informações do seu agente em Amsterdam, e sobre a embaixada de D. Fernando de Faro. Lisboa, 2 de Abril de 1658.

Fl. 203. — Copia da credencial, em latim, do Conde de Miranda mandado como Embaixador junto aos Estados Geraes. Lisboa, 24 de Setembro de 1659.

Nota. — Foi o Conde de Miranda quem, em 1661, assignou o tratado de paz entre Portugal e a Hollanda.

MANUSCRIPTOS ADDICIONAES

N. 5027 A

Codice in-folio de 83 fls., tendo na lombada *Maps and Charts* e formando uma collecção de mappas a penna e aquarella, sobre papel e pergaminho, a qual contem varios dos originaes dos famosos mappas de Blaeu.

FL. 49. — Mappa á penna das costas da *Guiana e Pernambuco* feito em 1670 por Sebastian de Ruesta.

Observações

Não citado por Figanière.

N. 6893

Codice in-folio de 148 fls., tendo na lombada *Expedicion de D. Cevallos em 1776* e na primeira folha « Conquista de la Isla de Santa Catalina y de la Colonia del Sacramento, y Demolicion d'esta ultima, segun encargó Yriarte al Teniente General Don Pedro Ceballos que mandaba el Exercito. La Isla de Santa Catalina se devolvió á Portugal ápesar del dictamen contrario que dió Yriarte al Primer Secretario de Estado Conde de Florida Blanca. Tambien se habria devuelto a los Portugueses la Colonia del Sacramiento que tanto pretexto les habia dado para usurpar terrenos en la Banda Septentrional del Rio de la Plata ». Sem indicação de proveniencia, muito provavelmente da collecção Yriarte, e formando uma collecção de documentos e mappas de forças, etc., com um bom indice no fim do volume, como segue:

Estado del exercito de expedicion al mando de Don Pedro Cevallos.

Relacion de los Buques destinados al transporte de Tropas a America.

Goces que desfruta la Infanteria de Buenos Ayres.

Razon de las medicinas que se llevan para el exercito.

Estado de los Navios, Fragatas, y demas embarcaciones que se hallan armadas en Europa y America divididas en esquadras y las demas sueltas.

Relacion del Tren de campaña que se aprontó en Cadiz.

Relacion del Tren de batir que se aprontó en Cadiz con todos sus adherentes por disposicion del Señor Don Pedro Cevallos.

Copia de la orñ. del 24 al 25 de Septiembre de 1776, dada em Cadiz.

Descripcion del Rio de la plata y sus immediaciones.

Noticias de Buenos Ayres en 9 de Abril de 1776.
Diario de las operaciones del exercito de S. M. en la America Meridional.
Plano que manifiesta los Buques marchantes de la presente expedicion del mando de Don Pedro Cevallos.
Estado que demuestra los Navios, Fragatas, y demas Buques que se hallan armados en Europa, y America divididos en esquadras y los demas sueltos.
Estado de las embarcaciones que se ocupan en el comboy de la presente expedicion.
Estado que representa el numero de embarcaciones, cañones y comandantes & de que consta la esquadra del mando del Exmo. Señor Marques de Casa Tilly.
Plano que manifiesta la figura que hará en el mar dicha esquadra y comboy.
Instruccion sobre la derrota, y parage de reunion de los Bageles de Guerra y mercantes que componen dicha Esquadra.
Relacion del Combate del Rio Grande entre los Españoles y los Portugueses.
Noticias del Rio Grande.
Relacion de las fuerzas de mar y Tierra que tienen los Portugueses en el Brasil.
Puntos y acaecimientos notables de la Navegacion que ha hecho la esquadra al mando del Señor Marques de Casa Tilly.
Orden de Batalla del exercito de S. M. destinado a la expedicion.

Observações

Esta collecção, parte de documentos originaes e parte de copias, deve ser consultada conjunctamente com as de ns. 13975 (pgs. 137 a 142), 13980, 17606, 17573, 20986 e 35839 (Mss. Add.), e a do n. 374 (Egertoniana); tambem com o mappa 17664 D (Mss. Add.) e o primeiro papel do codice n. 17619 (Mss. Add.) Parece-me que uma historia completa dessa guerra ultramarina, echo da guerra que resultou na Europa do chamado *Pacto de familia*, não poderá ser feita sem o exame de todos os papeis apontados e reunidos no Museu Britannico.

N. 10246

Codice in-4º de 274 fls., tendo na lombada *Papeles Varios Vol. IV*, relativo principalmente á Colonia do Sacramento.

FLS. 2 a 112.—Copias de varios Documentos sobre la fundacion de la Colonia del Sacramento, en que se establece el verdadero meridiano de division entre los terminos de la Conquista de Castilla y Portugal en la America Meridional.

NOTA. — N'uma bella calligraphia uniforme do seculo XVIII e terminando pela transcripção do tratado de 1681.

Observações

No *Catalogo* de Figanière não está citado este codice.

N. 13974

Codice in-fol. de 5 17 fls., proveniente do leilão de Lord Kingsborough e comprado a Tho. Rodd em 1843.

FLS. 1 a 9. — Relacion de la jornada del Brasil de la Ciudad de S. Salvador y Baya de todos los Sanctos Por D. Fradique de Toledo Osorio Marques de Baldueça Capitam General de mar y tierra Por el Rey nos. Sr.

NOTA. — Supponho que não está citada no exhaustivo estudo publicado sobre a conquista e reconquista da Bahia em 1624 pelo Rev. Edmundson na *English Historical Review* de Outubro de 1898.

FLS. 10 a 12. — Derrotero desde S. Lucas de Barrameda a las Filipinas yendo por los estrechos de Magallanes y San Vicente hecho por los capitanes Gonçalo de Nodal y Bartholome Garcia de Nodal y D. Ramiro de Avellano. Em Madrid, 30 de Setiembre de 1619.

NOTA. — De passagem refere-se ao Brazil e traz, desenhados á penna, os perfis da montanha O Frade e do Cabo Frio.

FLS. 50 a 63. — Carta del Capitam José Hurtado a D. Francisco de Alfaro sobre el Modo de Armar: 4 navios de 400 y 350 toneladas, y menos para hacer guerra a los piratas olandeses, y librar la mar y limpiar la de ellos «em 22 de Mayo de 1624 años.»

NOTA. — E' o anno da occupação da Bahia pelos Hollandezes.

FLS. 454 a 459. — Declaracion que ha hecho el Cabo de Esquadra de infanteria de la dotacion de esta Provincia Josef Marquez natural

del reyno de Portugal, de los estabelecimientos y nuevas colonias que los de su nacion poseen con la nominacion de los Estados del Gran-Pará, por uno y otro lado de Amazonas, donde dicho cabo servio, y desertado vino á esta capital de Guayana en veinte y nueve de Enero de mil setecientos y seis, que sentó plaza de Fusilero — 1777.

NOTA. — Documento interessante para a historia da colonisação da Amazonia e nossas questões de limites com as Guyanas.

Observações

Figanière apenas menciona o primeiro dos documentos acima enumerados, citando dois mais que não nos dizem respeito e dando como relativo ao Brazil um papel referente a uma expedição hollandeza ao Perú. (Vide pag. 276 do seu *Catalogo*).

N. 13975

Codice in-4° de 350 fls., tendo na lombada *Mss. de Indias. Tom II.*

FLS. 137 a 142. — Descripção de Montevideo, suas defezas, estado das tropas, etc. em 1763.

NOTA. — Papel muito detalhado.

FL. 184. — Resposta de Filippe IV a uma Consulta do Conselho sobre a prohibição da entrada dos Portuguezes nas Indias Occidentaes depois da revolução de 1640.

FLS. 346 e 347. — Apontamento sobre as missões jesuiticas no Paraguay em 1741.

FLS. 348 e 349. — Lista de obras em todas as linguas (varias dellas em portuguez) sobre a America e Indias Orientaes.

Observações

Figanière faz menção deste codice, mas não destes documentos.

N. 13977

Codice in-fol. de 578 fls., tendo na lombada *Papeles Varios de Indias*, proveniente do leilão de Lord Kingsborough e comprado a Th. Rodd em 1843.

FLS. 1 a 13. — En esto libro está traslado de dos bulas por las quales consta el derecho que tieñe los Reyes de españa a las Indias Ocidentales y otras instruciones de su Mag.d y muchas dudas y cosas tocantes aquellas Partes.

NOTA. — Refere-se ás conhecidas Bullas de Alexandre VI.

FLS. 71 a 74. — Demarcacion y division de las Indias.

NOTA. — Occupa-se do mesmo assumpto.

FL. 126. — Decreto do Rei de Hespanha de 25 de Julho de 1625 sobre bens tomados na Bahia pelos Hollandezes a Don Francisco Sarmiento, governador de Potosi.

NOTA. — E' uma folha impressa.

FLS. 485 e 486. — Petição do « Capitan Symon Estacio da Silveyra, Procurador general de la cõquista del Marañon », para que a prata do Perú, em vez de descer a Lima e ser transportada para a Europa por via de Panamá, fosse trazida *por um dos rios do Maranhão*, o que se poder ia fazer em quatro mezes «por las entrañas de una ancha tierra, que por si propria se defiende a todos los exercitos del mundo.»

NOTA. — E' o proprio impresso e traz a data de 15 de Junho de 1626.

FLS. 487 a 498 — Relação sumaria das cousas do Maranhão escripta pello Capitão Symão Estacio da Sylveira, dirigida aos pobres deste Reyno de Portugal. Em Lisboa. Com todas as licenças necessarias. Por Geraldo da Vinha. 7 de Março de 1624 (sem numeração).

NOTA. — Innocencio diz do auctor que militou na America no tempo do dominio hespanhol, nada mais constando de suas circumstancias pessoaes, e diz do mencionado opusculo que é rarissimo, conhecendo-se apenas a existencia de um exemplar na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, entre os papeis da *Collecção* denominada de Diogo Barbosa Machado, vol. XLVII. (Vide Figanière, Bibliogr. Hist., n. 865). Na Bibliotheca Publica de Evora existe uma copia manuscripta in-4º, por letra do seculo passado e tirada provavelmente do impresso (Codex CXVI — I — 9).

FLS. 543 e 544 — Copia del Memorial del oBispo electo del Rio de Janeyro que su Mag.d Manda consultar en la Junta de su Confesor El Sr. Arçobispo Inquisidor General y adjuntos los Señores D. Sebastiam Lambrana y D. Juan de Solorcano.

NOTA. — São queixas da diocese para que fôra designado o prelado, que pouca vontade mostrava de a conhecer.

Observações

De todos estes documentos, Figanière apenas menciona « dous papeis *impressos* sobre o rio e a provincia do Maranhão. » (Vide pag. 277 do seu *Catalogo*).

N. 13979

Codice in-fol. de 388 fls., tendo na lombada *Mss. de Paraguay*, proveniente do leilão de Lord Kingsborough e comprado a Tho. Rodd em 1843.

FLS. 1 a 33. — Breve relacion delo sucedido en la Provincia del Rio de la Plata sobre la entrega de los siete Pueblos de Indios Guaranis, que el Rey Catholico ha mandado hacer a la Corona de Portugal; en donde consta la fiel obediencia, y constante celo con que los Misionarios Jesuitas han cohoperado en la Execucion de las Reales Ordenes.

FLS. 34 a 39. — Daños considerables, y perjuicios graves, que de la Linea Divisoria se siguen a

los 7 Pueblos señalados, y a otros aun no comprehendidos en ella, en lo temporal, y primeramente en la yerba, y yerbales.

Fls. 40 a 45. — Algunos de los daños, que de la nueva demarcacion se siguen á los dominios de España.

Nota. — Queixando-se de que a demarcação portugueza rouba o valor estrategico da fronteira castelhana.

Fls. 46 a 54. — Idea de la conducta de la Corte de Lisboa respeto a la de Madrid, en los asuntos pendientes de America Meridional.

Fls. 56 a 60. — Noticias antiguas desde el año de 1755 hasta el presente de 1759 tanto a lo que corresponde a los negocios del Paraguay como las persecuciones de los Padres de la Compañia de Jesus en Portugal copiadas, y traducidas de Italiano en Español.

Nota. — 1759 é o anno da expulsão dos Jesuitas da Colonia.

Fls. 62 a 69. — Relacion de lo succedido en la persecucion que contra la Compañia de Jesus se levantó en el Brasil, Dominio de Portugal.

Fls. 70 a 78. — Carta escrita por el R. P. Joseph Quiroga de la Compª. de Jhs. al Exmo. S.or Don Joseph de Carvajal y Lancaster.

Fls. 80 a 155. — Manifiesto de las operaciones del theniente general de los Reales Exercitos Don Joseph de Andonacqui Governador y Capitan General de las Provincias del Rio de la Plata, en observancia de las Orñs del Rey para el reglamento de limites con la Corona de Portugal por la parte de la America Meridional y evacuacion de los Siete Pueblos de Indios Guaranis situados al Oriente del Rio Uruguay, de las Misiones que estan al cargo de los Religiosos de la Compª. de Jhs. cuios

territorios segun los Tratados y la Linea divisoria se davan a la Corona de Portugal en equibalente dela Colonia del Sacramento, y de la navegacion privatiba del Rio de la Plata, que quedava a la de S. M. C. En el que se dá una brebe noticia de los primeros progresos para su mejor inteligencia.

Fls. 158 a 215. — Disertacion historica y geographica sobre el Meridiano de demarcacion entre los dominios de España, y Portugal, y los parages por donde pasa en la America Meridional, conforme a los tratados y derechos de cada estado, y las mas seguras y modernas observaciones.

Por Dn. Jorge Juan, y Dn. Antonio de Ulloa, en la imprenta de Antonio Marin, año de MDCCXLIX.

Nota.—E' o conhecido trabalho, logo impresso, dos irmãos Ulloa.

Fls. 216 a 388.— Respuesta a la memoria presenteada en 16 de Enero de 1776 pr el Ex.mo Sr. Dn. Fran.co Inocencio de Souza Coutiño, Embaxador de S. M. F. cerca del Rey N. S. y relativa á la negociacion del arreglo de Limites de las Posesiones Españolas y Portuguesas en América Meridional.

Carta de Acompañamiento que precede á la Respuesta y contiene un Extracto, ó Analisis de la misma Respuesta.

Apendice de Documentos que se citan en la Respuesta misma.

Nota.—São os originaes para a impressão, copiados da minuta e com correcções do marquez de Grimaldi. Da folha 351 ao fim do codice acham-se os Documentos, que são os seguintes:

A. e B. Ordens reaes de 1716 e 1720 ao governador de Buenos Ayres.

C. Carta de D. Pedro de Cevallos ao conde de Bobadela em data de 15 de Julho de 1762 e escripta de Buenos Ayres.
D. Memoria en que el S.r Embaxador d.m Aires de Sá y Mello dió cuenta delo ocurido en el Rio Grande de S.n Pedro, quando los Portugueses acometieron la Banda del Norte de él, en el año de 1767.
E. Reclamaciones hechas por escripto hasta fin del año de 1773 por los Gobernadores del Rei en varias provincias de la América Meridional, con motivo de las usurpaciones de los Portugueses en el Rio Grande de S.n Pedro, y demas Paises de la Corona de España en aquella Region.
F. Estado de la Tropa que D.n Juan Joseph de Vintiz llevó para su propria defensa quando salió á reconocer en el año de 1773 los Dominios de S. M. en las Provincias de su mando.

Observações

Todos estes documentos, alguns delles bem interessantes, são de valor, senão immediato, pois trata-se de uma questão felizmente liquidada pela decisão arbitral de Washington, pelo menos retrospectivo, para a historia diplomatica do nosso longo conflicto de fronteiras com a Hespanha, reguladas primeiro pelo tratado de 1750, o qual provocou a sublevação dos indigenas aldeados, guiados pelos Jesuitas, em 1754-1756, e novamente ajustadas pelo tratado de S. Ildefonso, de 1777, igualmente mallogrado. O summario de Figanière, relativo a este codice, abrange sómente seis linhas (Vide pag. 277 do *Catalogo*).

N. 13980

Codice in-folio de 289 fls., tendo na lombada *Mss. de la Plata*, proveniente do leilão de Lord Kingsborough e comprado a Tho. Rodd em 1843.

NOTA.—Figanière não menciona este codice, que é o complemento do n. 6893 e traz na primeira pagina «Expedicion al Rio la Plata.» Consta de copias na grande maioria, e não tem indice.

FLS. 1 a 3.—Cartas e documentos relativos a projectos de invasão do Rio Grande, assignados por D. Pedro de Cevallos (1777-1778).

Fls. 16 a 19.—Papel referente a rectificações das fronteiras, assignado por D. Pedro de Cevallos (1777).

Fls. 21 a 26.—Outros papeis sobre os mesmos assumptos.

Fl. 26.—Relacion de las fuerzas de Mar y Tierra que se hallan a la disposicion del Marques de la Bradia (*Lavradio*), Virrey y Capitan General del Brasil, entre Rio-Janeyro, Santa Cathalina, Rio Grande, y Rio Pardo con especificacion en qual de los dichos Puertos se hallan los Navios, y Regimientos de Tropa, y sus nombres.

Fl. 29.—Resumen de la Artilleria, tropa y embarcaciones tomadas a los Españoles en el Rio Grande.

Fls. 30 e 31.—Pueblos de Miciones del Paraguay (Borrador de la instruccion a Vertiz).

Fl. 37.—Carta de D. Josef de Galvez sobre a questão de limites.

Fls. 39 e 40.—Borrador sobre la mala fé de la Marina en negarse a concurrir, y coadjuvar la conquista de la Isla de Santa Catalina.

Fls. 41 e 42.—Relacion de los viveres enbiados a S.ta Catalina, para la esquadra y guarnicion.

Fls. 43 a 50.—Previenese al Marq.s de Casa Tilly lo que debe executar la esquadra de su mando (*Troca de cartas entre o almirante e D. Pedro de Cevallos*).

Fl. 51.—Informe del com.te de Santa Cathalina (*Guillermo Vaughan*) sobre la detencion de la esquadra em aqu.lla Isla.

Fls. 53 e 54.—Avisa el Governador de Santa Cathalina sobre competencias suscitadas con

la esq.[dra] y de haverse presentado la de los en.[os] a la vista de la ñra.

Fls. 55 e 56.—Informe que ha tenido el Governador de la Isla de Santa Cat.[a] sobre la perdida del navio San Agustin.

Fls. 57 a 60.—Al marq.[s] de Casa Tilly sobre aver dejado sin viveres la Isla de Santa Catalina, y bloqueada de los enimigos por mar.

Fls. 61 a 65 — Al Exmo. Sr. D. Josef de Galvez Con motivo de la orden de cesacion de hostilidades, se le informa de la conducta del Marq.[s] de Casa Tilly.

Fls. 66 a 68. — Papel sobre limites, restituição de prisioneiros e artilheria.

Fls. 73 a 76. — Fortaleza del Rio Grande de San Pedro, Tropas que las guarnecia, Artilleria y Pertrechos de guerra que se hallaron en ellas quando los Castellanos salieron de ellas precipitadamente el dia 1° de Abril de 1776.

Fls. 82 a 86. — Proclamação real e carta do Marquez de Casa Tilly a D. Pedro de Cevallos, escripta do porto de Montevideo e relativa á occupação de Santa Catharina.

Fls. 88 e 89. — Carta de D. Pedro de Cevallos ao Marquez de Lavradio sobre o tratado de paz de 1777.

Fls. 93 a 96. — Interrogatorio de Preguntas en la Pesquiza Recidencia.

Fls. 97 e 98. — Relação do mallogrado encontro das esquadras hespanhola e portugueza.

Fls. 101 a 119. — Mais documentos (ordens do Vice-Rey, disposições militares, etc.) concernentes á guerra do Sul e occupação de Santa Catharina.

FLS. 140 e 141. — Carta de Guillermo Vaughan para D. Pedro de Cevallos, escripta do Desterro a 13 de Junho de 1777.

FLS. 146 e 147. — Carta a D. Josef de Galvezsobre a tomada de Igatimi.

FLS. 153 e 154. — Troca de cartas entre o Marquez de Lavradio e D. Pedro de Cevallos sobre a paz de 1777.

FL. 179. — Papel sobre a praça de Iguatimi, etc., ao governador do Paraguay.

FLS. 181 e 182. — Carta original de D. Josef de Galvez sobre o mesmo assumpto.

FLS. 217 a 220. — Comercio ilicito del Corregedor de Moxos con los Portugueses.

NOTA. — Interessante para o conhecimento das relações mercantis estabelecidas pelo interior entre Hespanhoes e Portuguezes.

N. 13981

Codice in-fol. de 167 fls., tendo na lombada *Papeles locantes al Peru y Brazil*, proveniente do leilão de Lord Kingsborough e comprado a Tho. Rodd em 1843.

FLS. 65 a 137. — Discripção do Estado do Brazil, suas Capitanias, produções e Commercio. Indez do que se conthem neste Livro.

Limites do Estado do Brazil.
Capitanias que conthem o Estado do Brazil.
Cidades que tem o dito Estado.
Villas que tem o dito Estado.
Quem povoou as Cidades e Villas do Brazil.
Capitania do Grão Pará.
Cidade de N. Snr.ª de Belem Capital do Pará.
Moedas de Ouro, Prata e Cobre.
Medidas compridas, para Graõns e para Liquidos.
Pezos.
Generos de produção do Pará.
» que se cultivão.
Villas pertencentes a Capitania do Pará.
» » » » » Caeté.
Enseadas e Rios da Capitania do Pará.
Contratos Reaes.

Capitania de S. Luiz do Maranhão.
Cidade de S. Luiz Cap.[al] do Maranhão.
Moedas de Ouro, Prata e Cobre.
Medidas compridas, para Graõns e para Liquidos.
Generos de produçam do Maranhão.
Villas pertencentes á Capitania do Maranhão.
Rios e enseadas na dita Capitania.
Contratos Reaes.
Capitania do Piauhy.
Generos que se exportão da Parnaiba.
Contratos Reaes.
Capitania do Seará.
Villas pertencentes a Capitania do Seará.
Rios da dita Capitania.
Contratos Reaes.
Capitania do Rio Grande.
Enseadas desta Capitania.
Contratos Reaes.
Capitania da Parayba do Norte.
Generos da sua produçam.
Villas desta Capitania.
Portos desta Capitania.
Contratos Reaes.
Capitania de Itamaracá.
Generos da sua produçam.
Portos e Rios desta Capitania.
Contratos Reaes.
Capitania de Pernambuco.
Recife de Pernambuco.
Moedas de Ouro, Prata e Cobre.
Medidas compridas, para Graõns e para Liquidos.
Generos que se exportão de Pernambuco.
Madeiras » » » » idem.
Villas pertencentes a esta Capitania.
Portos e Rios desta Capitania.
Contratos Reaes.
Capitania de Sergipe de El-Rey.
Generos de produçam desta Capitania.
Portos e Rios desta Capitania.
Capitania da Bahia de Todos os Santos.
Cidade da Bahia de S. Salvador.
Moedas de Ouro, Prata e Cobre.
Medidas compridas, para Graõns e para Liquidos.
Pezos.
Generos que se exportão da Bahia.
Medidas que se exportão, idem.
Piassava » » » idem.
Villas pertencentes a Capitania da B.[a]
Enseadas, Portos e Rios desta Capit.[nia]
Contratos Reaes.
Capitania dos Ilheos.
Portos desta Capitania.
Capitania de Porto Seguro.
Generos de produção desta Capitania.
Villa da dita Capitania.
Portos e Rios da dita Capitania.

- Capitania do Espirito Santo.
  - Medidas para Graõns e para Liquidos.
  - Generos da sua produção.
  - Madeiras idem.
  - Villas desta Capitania.
  - Portos e Rios desta Capitania.
- Capitania da Parayba do Sul.
  - Medidas para Graõns e para Liquidos.
  - Generos da produçam desta Capitania.
  - Villas desta Capitania.
  - Portos e Rios desta Capitania.
- Capitania de Cabo Frio.
- Capitania do Rio de Janeiro.
  - Cidade de S. Sebastião.
  - Moedas de Ouro, Prata e Cobre.
  - Medidas compridas, para Graõns e para Liquidos.
  - Generos que se exportão do Rio de Janeiro.
  - Madeiras idem.
  - Villas desta Capitania.
  - Ilhas, Portos e Rios da d.ª.
- Capitania de S. Paulo.
  - Cidade de S. Paulo.
  - Moedas de Ouro, Prata e Cobre.
  - Villa de Santos.
  - Medidas de que uzão
  - Generos que se exportão de Santos.
  - Villa do Bom Jezus do Iguape.
  - Medidas que uzão.
  - Generos que della se exportão.
  - Villa de S. João Baptista de Cananêa.
  - Medidas que uzão.
  - Generos que se exportão.
  - Villa de N. Snr.ª do Rozario de Parnagoá.
  - Medidas que uzão.
  - Generos que se exportão.
  - Villa de N. Snr.ª da Graça do Rio de S. Fran.co
  - Medidas que uzão.
  - Generos que se exportão.
  - Ilha de S.ta Catherina.
  - Villa de N. Snr.ª da Conc.am da Laguna.
  - Generos que della se exportam.
  - Villas que mais tem esta Capitania.
- Provincia de El Rey.
  - Cidade de S. Pedro do Rio Grande.
  - Generos que se exportão.
  - Discripção do Rio Grande.
  - Commercio do Rio Grande.
- Capitania de Minas Geraes.
  - Minas dos Cataguás.
  - » do Rio das Velhas.
  - » novas do Caeté.
  - Cidade de Mariana.
  - Villas que tem esta Capitania.
  - Valor do Ouro nas Minas Ger.s
  - Moeda de Prata nas Minas.
  - Cazas de Fundiçam que ha em Minas Ger.s e despezas que fazem á Coroa.

Quantidade de Ouro que se extrae de Minas Geraes.
Contratos Reaes.
Capitania de Goyazes.
Villa boa. Capital de Goyazes.
Capitania de Mato Groço, e Cuyabá.
Villa bella da S. S.ma Trindade de Mato Groço.
Villa Real do Snr. Jezus do Cuyabá.
Divizão dos Estados do Brazil.
Bispados do Brazil.
Governadores do Brazil.
Estados do Norte.
Ouvidorias destes Estados.
Estados do Sul.
Ouvidorias pertencentes a Relação da B.a
Idem do Rio.
Rendas que percebe a Coroa de Portugal dos Estados do Brazil.
Contratos Reaes idem.
Despezas que faz a Coroa no Brazil.
Direitos, despachos, e mais despezas que pagam os Generos do Brazil em Lisboa.
Fretes que pagam os Generos que dos Portos do Brazil se exportam para Lisboa.

NOTA. — A data desta descripção é approximadamente 1792.

FLS. 139 a 167. — Cultura de diversas plantas etc.

Index do que se conthem neste livro.
Como se faz a tinta de Anil.
Modo de se cultivar a Erva do Anil, e fazer tinta ao estilo de Cabo Verde.
Modo de fabricar o Anil, ao uzo da America, conforme a insinuação do Padre Labbe *(Labbat)*.
Modo de fabricar o Anil por insinuaçam de hum Inglez.
Modo de cultivar, e fazer o Urucú, conforme a insinuação do Padre Labbe *(Labbat)*.
Modo de fazer Urucú.
Cultura do Café.
Methodo de preparar o Linho canhamo.
Methodo para se plantar, tratar e beneficiar a planta da Canella em toda a America.
Receita para fazer Licores de toda a Casta de frutas, cheiros, ou flores.
Lacre.

NOTA. — Estas duas ultimas epigraphes não constam do indice, que é aliás muito extenso e detalhado, tendo eu apenas transcripto os titulos das divisões e não o summario todo. A noticia de Figanière consta de trez linhas (Vide pagina 277 do seu *Catalogo*). A descripção do Brazil, especialmente com o additamento sobre as culturas, visivelmente do mesmo auctor, parece obra de Frei José Mariano da Conceição Velloso, o auctor da *Flora Fluminensis*. Nada comtudo corrobora directamente tal indicação, pois não existe menção do referido trabalho na lista dada depois do *Elogio historico* pronunciado por Manoel Ferreira Lagos

(Rev. Trim. do Inst. Hist., supplem. ao Tomo II, pag. 40 e seguintes). A data (1792) coincide aliás com a permanencia em Lisboa do frade Velloso, o qual regressou para o Rio de Janeiro em 1808, por occasião da trasladação da côrte portugueza. A descripção sob numero 13982, Mss. Add., pode igualmente ser-lhe attribuida, á falta de segura paternidade para uma e outra obra.

N. 13982

Codice in-fol. de 112 fls., tendo na lombada *Description of Brazil in Portuguese*, proveniente do leilão do Lord Kingsborough e comprado a Tho. Rodd em 1843.

Fls. 1 a 112. — Brazil — Cabo do Norte, Rio Arawari, Macapá, Rio das Amazonas (e affluentes), Barra do Pará .... até Provincia de Mato Groço.

Nota. — Descripção summaria, approximadamente da mesma data que a anterior e provavelmente do mesmo auctor, mas bastante completa e sobretudo muito detalhada.

N. 13984

Codice in-4º pequeno de 278 fls., tendo na lombada *Papeles Varios de Indias. Tom. 1º*, proveniente do leilão de Lord Kingsborough e comprado a Tho. Rodd em 1843.

Fls. 1 a 6. — Bula de Alexandre VI de la linea divisoria dada el año de 1493.

Nota. — Impressa em Navarrete e frequentemente reproduzida.

N. 13985

Codice in.-4º de 256 fls., tendo na lombada *Papeles Varios de Indias, Tom. II*, proveniente do leilão de Lord Kingsborough e comprado a Tho. Rodd. em 1843.

Fls. 1 a 29. — Resumen de las cosas principales, que se contienen en el Diario, que hizo Fr. Manuel Londoño Capellan del S.r Gov.or de Monte-Video sobre el Viage & la Espedición, contra los Indios Guaranies, cuyo titulo del

dicho Diario, es, como se sigue, Diario Historico de las marchas, que ha hecho el Exercito español mandado por el Ex.mo S.r D.n Joseph Andonacqui al fin de sugetar 7 Pueblos de Indios Tapes de los P. P.s de la Compan.a de Jesus, rebeldes á los ordenes del R. N. S.r

FLS. 31 a 37.—Recopila.n de noticias desde el año de 1755 hasta el de 1759 tanto en orden a los suzecos del Paraguay quanto a lo que mira a la Persecucion de los P. P. de la Comp.a en Portugal enbiadas de un gran Ministro de Estado. Esparcidas en Napoles por otro Ministro.

FLS. 226 a 240.— Copia del mem.al que el P.e Prov.al de la Prov.a del Paraguay de la Comp.a de Jesus, presentó a el S.r Comisario Marquez de Valderios en que lo sup.ca que se suspendan las disposiciones de Guerra contra los Indios Guaranis (assignado Joseph de Berreda, Cordova 7 Jullio de 1753).

FLS. 241 a 252.— Carta em hespanhol de um Fulano Siqueira a José Pereira Viana perguntando-lhe varias cousas: o preço de um negro no Brazil; a producção annual do assucar; condições do commercio; direitos a pagar na Colonia e no Reino; taxas locaes, etc. Seguem-se as respostas, tambem em hespanhol, com a seguinte nota: Madrid 12 de Deciembre de 1791.— Copia del Papel que de a D.n Josef de Siqueira y Palma en respuesta de las preguntas que me hiso constantes de su Carta etc. Acompanham-nas varias annotações avulsas, em portuguez, sobre os navios entrados em Cadiz em 1791, Colonia do Sacramento, congruas ecclesiasticas, sertão de Pernambuco, etc.

N. 13986

Codice in-4º de 383 fls., tendo na lombada *Papeles Varios de Indias, Tom. III*, proveniente do leilão de Lord Kingsborough e comprado a Tho. Rodd em 1843.

Fls. 1 a 7. — Descubrim.[to] do Brazil p.[r] Pedro Alvares Cabral, seo reconhecim.[to] p.[r] Americo Vespusio, e outros Cap.[ams] sua demarcação, e limites etc.

Nota. — Noticia pouco interessante: a *unica* entretanto que Figanière menciona.

Fls. 8 a 12. — Negociações que do Brazil se podem fazer para Tabelfay, Ilha de S.[ta] Elena Ilhas Malvinas, e dos Estados.

Nota. — E' uma curiosa indicação commercial.

Fls. 13 a 18. — Discripção das Terras, desde o Rio da Cananea, até a aldea de S. Franc.[o] X.[er] nas vezinhç.[as] da V.[a] do Otú, pertenc.[te] á Ouvid[ria] de S. Paulo.

Nota. — Relação curta, porem muito detalhada e que deve offerecer interesse para o conhecimento do estado de povoação de S. Paulo no seculo passado.

Fl. 19. — Discripção da Costa do Brazil desde o Pará até ao Rio da Prata conforme a Arte de Navegar contando da Cidade da Bahia para o Norte e para o Sul.

N. 13987

Codice in-4º pequeno, de 323 fls., tendo na lombada *Papeles Varios de Indias, Tom. IV*, proveniente do leilão de Lord Kingsborough e comprado a Tho. Rodd em 1843.

Fls. 9 a 19. — Reflexiones sobre el perjuicio, y daños que pueden ocasionar a España el Tratado de Paz celebrado entre el Rey de Portugal y la Republica Francesa echo en Madrid en 29 de Septiembre de 1801.

NOTA.— Refere-se á Guyana Franceza e seus limites com o Brazil.

FL. 316.— Obras y Reparos hechos en los Castillos, edificios de Hospital y almacenes de la Isla de S.ta Catalina desde que salio de ella S. E. hasta 1.º de Mayo del m.º año de 1777.

N. 13992

Codice in—folio de 715 fls., tendo na lombada *Papeles tocantes a las Indias Occidentales, y Philippinas, Flotas y Galeones*, proveniente do leilão de Lord Kingsborough.

NOTA.—Boa parte deste codice consta de impressos

FLS. 1 a13. —(*Papel impresso*)—Los del Consejo Real de las Indias, sobre que se debe escusar el de Camara, que en el se ha tratado de formar.

FLS. 25 a 33 — Consideraciones sobre si conviene, o no, que los Consejeros del R.l de Indias en esta Corte sean de los que han servido en las audiencias de ellas

NOTA.—E' sabido que o Conselho das Indias representou o papel de tribunal de ultima instancia para os assumptos ultramarinos, e não foram poucos os desta natureza que subiram á sua apreciação, entre outros os relativos á defeza do Brazil contra os Hollandezes, durante os 60 annos da união de Portugal e Hespanha.

N. 14005

Codice in 4.º de 454 fls., tendo na lombada *Papeles varios tocantes a Hollanda*, proveniente do leilão de Lord Kingsborough e comprado a Tho. Rodd em Março de 1843.

FLS. 153 e 154 — Copia del que representó el S.or Downing embiado por Milord Protector a los Estados Generales de las Provincias Unidas de Holanda persuadiendoles, a que se ajustasen por su medio y el de la Francia en la guerra, que tenian con Portugal.

Nota. — Guerra, como é sabido, motivada pela libertação do chamado Brazil Hollandez. Figanière diz que aquelle documento, não datado, deve pertencer pouco mais ou menos ao anno de 1658.

N. 14027

Codice in-fol. de 302 fls., tendo na lombada *Caesar Papers* e dentro o ex-libris de Geo. Chalmers F. R. S. S. A., proveniente do leilão de Chalmers em 1842, previamente no catalogo de venda de Sir Jul. Caesar, Dezembro 1757, e comprado a Tho. Rodd. em 1843.

Nota. — São todos casos do Almirantado (de que Sir Julius foi Juiz), cuja leitura offerece em alguns pontos dados interessantes para o estudo das relações commerciaes entre Inglaterra, Paizes Baixos, Hespanha e Portugal, nações então reunidas debaixo do mesmo sceptro, e suas colonias. Os casos referem-se sobretudo a aprezamentos, que constituem o fundo da historia maritima do seculo XVI.

Fls. 20 e 21 — Draft of articles whereupon letters of reprisal against the Spanish Kings' subjects were grounded, in 1585.

Fls. 123 a 126 — The substance of Francisco da Rocha's book of accounts, in a question touching Richard May's venture of clothes into Brazil, 1585.

Observações

No volume *Additions to the British Museum Manuscripts, 1841—1845*, encontra-se a pags. 25 a 28 (Anno de 1843) um summario completo deste volume. E' força reparar que a numeração dada pelo volume impresso do Catalogo do Museu já não corresponde á numeração posta no codice, existindo uma pequena differença.

N. 14936

Codice in-4º de 121 fls., tendo na lombada *R. Morris Miscellan. Collections relating to Wales*, doado ao Museu pelos directores da Welsh School.

Fl. 77 (verso). — The Diamond now in the Possession of the King of Portugal weighing 6400 grains. Val. 36 Million Sterl. according

to the sale of the Late Govr. Pitts'Diamond being 14 times heavier than that.

NOTA.—Tem um desenho á penna da forma e tamanho desse diamante, achado em Minas em 1741 e remettido para Portugal, e mais um calculo para avaliar-se o preço de qualquer diamante pelo seu pezo.

N. 15170

Codice in-fol. de 349 fls., tendo na lombada *Papeles do Duque de Cadaval,* comprado, em Maio de 1844, no leilão de Southey.

NOTA.—Tem no fim um bom indice e a seguinte primitiva inscripção — Copyador tomo 9.

FL. 202 (verso) a 208. — Papel de André Luis Coutinho Almotasel Mor e Governador da Bahia sobre a falta de Moeda daquelle Estado — 4 de Julho de 1692.

FL. 208.—Papel do Duque (*de Cadaval*) sobre a moeda da Bahya em que se conforma com o papel asima do Almotasel Mor.

FL. 275.—Escrypto para o Secretario sobre o governo do Rio de Janeyro.

NOTA.—E' uma recommendação do Duque em favor do Marquez de Montebello, que foi vice-rei do Brazil e era hespanhol de nascimento.

Observações

Figanière publica (pags. 281 a 285) um indice completo deste codice, mas engana-se no *papel* relativo ao Brazil escrevendo falta de cereaes em vez de falta de moeda, engano que reproduziu do Catalogo official do Museu Britanico, onde está *corn* por *coin*.

N. 15180

Codice in-4º de 164 fls., tendo na lombada *Cartas de D. Luiz da Cunha 1737 — 1749,* e no frontispicio « Cartas e officios de D. Luis da Cunha, Embaixor. Extrao. e Plenipotenciario dos S. S. Sñres Reis de Portugal D. Pedro 2º e D. João 5º na Corte de Londres e no Congresso de Utrecht. Copia fiel do original que se conserva na Bibliotheca da Real Casa de Bragança, etc.»

Nota. — Essa correspondencia é de interesse indirecto para o Brazil, occupando-se mesmo incidentemente da Colonia a proposito do projecto do tratado de commercio com a França.

N. 15181

Codice in-4º pequeno, de 485 fls., tendo na lombada *D. Luiz da Cunha Carta ao Marco Antonio*, proveniente do leilão de Southey.

Fls. 1 a 9. — Carta começando pelas palavras «Meu Sobrinho» e referindo que Marcos Antonio de Azevedo Coutinho lhe pedira instrucções ao ser nomeado para o cargo de Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, como provecto diplomata que era.

Fls. 10 a 475. — Carta começando pelas palavras «Meu Filho e meu Sñr. do meu Coração.»

Nota. — E' a tão fallada carta a Marcos Antonio, que ainda se conserva inedita, existindo porem della varias copias como esta por lettra do seculo XVIII. Antonio Lourenço Caminha começou em 1821 a publicação das obras do famoso diplomata portuguez, mas apenas publicou um pequeno volume de menos de 200 paginas. Os quatro ou seis grandes volumes das Memorias de Utrecht conservam-se igualmente ineditos. Na carta citada apparecem muitas referencias ao Brazil, como acontece nos demais escriptos de D. Luiz da Cunha e era de rigor no seculo em que elle escrevia, durante o qual a colonia americana foi tudo para Portugal.

Fls. 476 ao fim. — Carta 1725.

Nota. — E' uma carta ao Cardeal da Cunha com o projecto «de se poder augmentar o Commercio de Portugal, que já se não pode estender, senão pelo que de novo se descubrir.» Neste papel, em que ha passageiras allusões ao Brazil, D. Luiz aconselha a conquista do interior da Africa, a penetração do continente negro, na qual Portugal não cuidou a valer e que teria de ser a obra cosmopolita do seculo XIX. São todas copias.

N. 15189

Codice in-fol. de 343 fls., tendo na lombada *Memorias antigas, tom. II*, proveniente do leilão de Southey.

Nota. — São copias, e dos dois volumes dá Figanière o indice completo (pags. 289 a 292).

Fls. 241 a 252. — Satira geral a todo o Governo do Reyno de Portugal por Gregorio de Mattos, ressuscitado em Pernambuco no anno de 1713 glosado o seguinte Motte: Este he o bom Governo de Portugal.

Nota. — Gregorio de Mattos falleceu em 1696, mas o desconhecido que lhe tomou o nome rivaliza com elle na mordacidade e petulancia.

N. 15190

Codice in-fol. de 85 fls., tendo na lombada *Minas Geraes Consp. de 1789*, proveniente do leilão de Robert Southey.

Fls. 2 ao fim. — Sentença que os da Alçada do Rio de Janeiro profferiram contra os Réos de alta traição e Rebelião em 18 de Março de 1792, Pela Rebelião que intentaram fazer nas Minas Geraes.
Copiada fielmente do seu original por A. L. C.

Nota. — E' o compilador Antonio Lourenço Caminha, de quem possuo trez grandes volumes de copias, e que nos fins do seculo XVIII e começos do seculo XIX explorou bastante, posto que sem methodo nem proveito para as lettras, as bibliothecas portuguezas.

N. 15191

Codice in-4.º de 122 fls., tendo na lombada *Voyage up the river Madeira in Brazil etc*, proveniente do leilão, em Maio de 1844, do poeta Southey, auctor da *Historia do Brazil*.

Fls. 1 a 54. — Voyage up the Madeira in 1749, com um mappa á penna no fim, e a seguinte observação a lapis: The Cuyaba falls into the

Paraguay about 19.º — previously receiving the Coxipo, or the Chexo pequeno e grande, as appears by the map of the certão of São Paulo and Minas Geraes.

NOTA. — Parece muito interessante para o estudo da nossa geographia colonial.

FLS. 55 a 79 — Relação noticiosa e exacta do que se passou nas Fronteiras de Mato Grosso e Santa Cruz de la Sierra desde o anno 1759 até ao principio do anno 1764 (com trez notas finaes em inglez).

NOTA. — Digna de leitura para o conhecimento das origens das nossas questões de limites, theoricamente reguladas pela diplomacia das duas metropoles, mas complicadas pelas desavenças com os Jesuitas e conflictos locaes entre Portuguezes e Hespanhoes. O castelhano foi no seculo XVIII o inimigo, como o fôra o Hollandez no seculo XVII e o Francez no seculo XVI. Por outro lado o seculo XVIII marca o apogeu da lucta entre o poder militar e o theocratico, o elemento civil e o religioso.

FLS. 80 a 93. — Noticias do lago Xarayes (tambem escripto Xerayes no decurso da relação) ponto litigioso para os geographos — expedição partida de Villa Bella (Matto Grosso). Diz no final — Lido na Academia por seu author — Pontes.

FLS. 94 a 122. — Memoria de Observaçoens Physico-Economicas acerca da extracção do oiro das Minas do Brazil por Manoel Ferreira da Camara (tambem lida na Academia e citada por Vandelli na sua *Memoria sobre as Producçoens Naturaes do Reino e das Conquistas etc.*, nas Mem. Econ. da Acad. Real das Sc. de Lisboa, Tom. I, pag. 223.

NOTA. — Na sua lista de trabalhos impressos de Ferreira da Camara, Innocencio não faz menção desse, cujo titulo vai acima transcripto.

N. 15193

Codice in-fol. de 427 fls., tendo na lombada *Papeis Politicos, Tom. 1*, comprado em Maio de 1844 no leilão de Southey; primitivamente, bem como os oito codices mais que completam esta collecção, na livraria do desembargador Mathias Pinheiro e depois na do desembargador João Tavares de Abreu. São todos copias.

NOTA.—Figanière publica os indices completos destes volumes, cada um dos quaes aliás o possue mui detalhado.

FLS. 315 a 320.—Forma com que se estabeleceu a casa da moeda das Minas ou Para melhor dizer a sua perdição como se tem visto, vê e verá. No anno de 1724.

FLS. 372 a 385.— Arbitrios que se deram a Sua Magestade o Senhor Rey Dom João o quinto á cerca Dos Diamantes, que se extrahirão no serro do Frio, os quais se determinavão recolher a huma Companhia; ou se seguisse algum Dos projectos mencionado neste papel que Sua Magestade mandou consultar pellos homens de negocio da Praça querendo ouvir seus pareceres; hũ dos quais por onde se rezolveo o negoçio, foy o que deu o Doutor João Mendes de Almdª.

FLS. 386 a 397—Resposta Do Doutor João Mendes de Almeyda. Ao papel Pello qual Sua Magestade mandou propor se hera conveniente o fixar se a Mina delles, e os extrahidos juntallos em huma Companhia para della se venderem quando vierão tanta abundancia de diamantes do Brazil — Copiado do Original.

N. 15194

Codice in-fol. de 380 fls., Tom. 2 da collecção dos *Papeis Politicos*.

FLS. 98 a 102—Parecer politico que se dió al valido de Espanha para Phelippe quarto em que se apuntão los incobinientes, que se

ofrezen en la jornada, y socorro de Pernambuco, en la conjuntura prezente del año de 1630—Este papel fue sacado del gabinete del Señor Marques de Gobeya — heredero del Conde de Portalegre Don Juan da Sylva, y copiado del original.

Fls. 117 a 130.—Rezam da guerra entre Portugal, e as Provincias Unidas com a noticia da cauza de que proçedeo em ô anno de 1657.

Nota.—A capitulação do Recife deu-se no anno de 1654, mas a paz só foi firmada em 1661, publicando a Hollanda o convenio apenas em 1663 e apoderando-se entretanto as mesmas Provincias Unidas de grande parte da costa do Malabar.

N. 15195

Codice in-fol. de 364 fls., Tom. 3 da collecção dos *Papeis Politicos*.

Fls. 183 a 207.— Noticia que dá o Illustrissimo Bispo do Maranham, Don Fr. Joze Delgarte de huma energumena no anno de 1695.

Fls. 208 a 212.— Poblema de Bertolameu Lourenço de Gusmao qual he mais illustre se a Prudencia se a temperança.

Nota.—O inventor dos aerostatos era, como se sabe, paulista. O papel mencionado é um dos muitos insipidos productos da Academia do Conde da Ericeira.

Fls. 217 a 234.— Relacion y informe de los Caballeros Fidalgos e Menistros de Portugal. con suas mañas, virtudes y indinaçiones; para la verdadera inteligencia de Felipe quarto dada por un inteligente secreto al Conde Duque en tiempo que gobernaba la Princeza Margarita Duqueza de Mantua.

Nota.—A fls. 230 occupa-se das partes ultramarinas, e refere-se ao governador Diogo de Oliveira e a Mathias de Albuquerque, dizendo serem ambos pouco limpos de mãos. Todo o escripto aliás é em tom diffamatorio.

N. 15197

Codice in-fol. de 335 fls. Tom. 5 da collecção dos *Papeis Politicos.*

Fls. 318 a 323. — Breve Noticia e Rezumo de Todo o Estado do Brazil e Maranhao. Para instrução de qualquer curioso.

N. 15198

Codice in-fol. de 394 fls. Tom. 6 da collecção dos *Papeis Politicos.*

Fls. 68 a 72.—Papel offerecido pellos comisarios do Estados Geraes. Pontos provincionalmente propostos para tirar, e pacificar as deferenças entre o Senhor Rey de Portugal de huma parte e os Senhores Estados Geraes das Provincias Unidas, e Paizes Bayxos da outra Anno de 1648.

Fls. 73 a 129. —Decreto de Sua Magestade o Senhor Rey Dom Joam o Quarto em que mandou ver as capitulacoens com Holanda no concello da Fazenda e Consulta que nelle se fez. Reposta do Procurador da Fazenda Pedro Fernandes Monteyro, e o Papel com que o impugnou o Padre Antonio Vieyra, e o mais que houve sobre esta materia. Tem incluso o parecer do conde de Odemira e o parecer da Meza da Conciençia.

Nota. — Documentos já impressos. O parecer de Monteyro é muito conhecido, e mais ainda o do Padre Antonio Vieira, que é o famoso *Papel forte.*

Fls. 147 a 188. — Noticia dos successos, e expulxam dos Padres da Companhia do Estado do Maranhão authora a Verdade Anno de 1662.

Fls. 189 a 251. —Papel politico sobre o Estado do Maranham Aprezentado em nome da Camara ao Senhor Rey Dom Pedro Segundo por seo procurador Manoel Guedes Aranha anno de

1685 Devidido em tres capitullos, e copiado da Livraria de hum Menistro que teve o principal manejo dos negocios Politicos desta Coroa de Portugal.

Fls. 252 a 260. — Parecer sobre os successos do Maranham feito por Manoel da Vide Souto Mayor Anno de 1658.

Fls. 261 a 269.—Paresçer ou Parecer Sobre o Governo do Maranhão Dado no Conselho ultramarino Pello Porcurador daquelle Estado Manuel davide Souto Mayor.

Fls. 270 a 275.—Parecer sobre se augmentar o Estado do Maranhão Fazendo-se asento para Negros de Cabo Verde Feito por Joam de Moura.

Fls. 280 a 305.—Discurso a favor da antiga cappitacam Mostrando os inconvinientes que resultão da Nova Ley de Sua Magestade, vinda para as Minas, cos projuizos que della se hão de seguir Por Alexandre de Gusmão, Cavalleiro professo na ordem de Christo. Fidalgo da Caza de sua Magestade, e Concelheiro do Concelho ultramarino. Em Lisboa Em 18 de Dezembro de 1750.

Nota. —Anda impresso, si me não engano, ainda que com titulo differente.

Fls. 306 a 359. —Papel feito acerca do como se estabelleceu a capitaçam nas Minas Geraes e em que se mostra ser maiz util o quintar-se o ouro porque assim só o paga o que o deve seu author o Doutor Thome Gomes Moreyra Secretario do Estado da India e Conçelheyro do Conçelho Ultramarino No anno de 1749.

Fls. 383 a 387. — Petição a ElRey Nosso Senhor Dom Jozé o primeiro do contrador dos diamantes Anno de 1754.

N. 15201

Codice in-fol de 393 fls. Tom. 9 da collecção dos *Papeis Politicos*.

FLS. 91 a 106.—Cartas do sargento mor Jozé da Cruz da Sylveyra........................
A segunda escripta ao Doutor Ignacio Barboza Machado, hindo por Juis de Fora para a Bahya.

NOTA.—Pouco interessante.

FLS. 349 a 351.—Carta por titullo de comedia a hum Amigo que veyo para o Reyno dandolhe noticia do que succedia nas Minas do Rio de Janeyro (en portuguez e hespanhol, assignada El Capitan Belizario).

FLS. 380 a 382.—Petiçam que fes o Padre Bertholameu Lourenco ao Dezembargo do Passo para que se lhe concedesse fazer hum invento que havia andar pello ar, e com effeito se lhe concedeo o qual fes, e levando-o a Caza da India o fez subir ao ar (1709).

NOTA.—Tem na pagina fronteira ao titulo um desenho á penna, de data posterior á copia, sob a epigraphe *Explicação da maquina*, seguido da sua descripção. Interessante.

FLS. 383 a 387 — Relacam da Cathedral do Rio de Janeyro que foy sufraganea da Bahya, de quem se desmembrou em dezenove de Agosto de mil e seiscentos e oitenta e dous por El-Rey Dom Pedro Segundo sendo seu primeiro Bispo D. Jozé de Alarcam em treze de Junho de mil e seiscentos, e oitenta e dous, e foy confirmado pello Sumo Pontifice Innocencio decimo primeyro erigido o seu cabido em dezenove de Janeiro de mil e seiscentos e oitenta e cinco.

Observações

Os Mss. Add. sob ns. 15196, 15199 e 15200 (Tom. 4, 7 e 8 da collecção dos *Papeis Politicos*) nada conteem relativo ao Brazil.

N. 15597

Codice in-12º de 56 fls., tendo na lombada *Papel forte*, proveniente da venda do espolio de Southey.

FLS. 1 ao fim. — Discurso politico chamado vulgarmente o Papel forte Feyto por mandado do S.r Rey D. João o 4º, em que se responde ao parecer do Procurador da Faz.a Real Pedro Fernandes Monteyro.

NOTA. — Trabalho muito conhecido e já impresso.

N. 15714

Codice in-4º de 7 fls., ou mappas, tendo na lombada *Joan Martines Portolano 1567*, comprado em 1846 ao livreiro Asher, de Berlim, e tendo na primeira pagina a seguinte nota do punho do Visconde de Santarem, o eminente cartographista portuguez: «Cet Atlas est plus précieux que celui qu'on trouvait dessiné par le même Cosmographe dans la collection du Cardinal *Borgia*. Celui-ci est daté de 1567, et celui du Musée Borgia était de 1586. Paris le 2 Decembre de 1840. Le Vicomte de Santarem». Os mappas são desenhados a côres e ouro, tomando toda a largura da folha aberta.

1 Mappa mundi, com os dois hemispherios.

5 America Meridional quasi toda, incluindo o Brazil.

NOTA. — Os outros são mappas da Europa, Asia, Africa, America do Norte e America Central. Forma pois o codice um atlas completo da geographia do tempo.

Observações

Não se acha mencionado, nem em Figanière, nem em Gayangos. A data marcada no ultimo mappa é effectivamente 1567, mas a observação do visconde de Santarem não me parece ser justa, e antes penso que o mappa se acha anti-datado, pois os castellos desenhados no Brazil estão todos marcados com o estandarte hespanhol, o que significa tel-os o artista pintado depois da anne-

xação, a qual teve lugar em 1580. Vide Bibl. Harl. n. 3450. Muito provavelmente os 3 portulanos são approximadamente da mesma data.

N. 15717

Codice in-folio de 47 fls., tendo na lombada *Plans of ports in Spain, W. Indies, etc.*, comprado n'um leilão da caza Sotheby em 1846. Tem um bom indice antigo no fim.

N. 30.— Plano de la Isla y Puerto de Santa Cathalina en la Costa del Brasil situado en su punta del Norte y boca del Puerto en 27 grs. 28 minutos Latitud sur, 327 grs. 36 minutos Longitud meridiano de Theneriffe.

A' penna, feito com muita nitidez.

Observações

Figanière não menciona este codice.

N. 15740

Codice in-folio de 55 fls., tendo na lombada *Descripcion de la America Meridional* por M. Sobrevida. Various maps of South America. Presented by the Lords of the Admiralty » e no frontispicio «Descripcion historico-geografica politica eclesiastica y militar de la America Meridional dividida en ocho partes que son...... .... 7ª America Portuguesa con el Brasil. 8ª Tierras que posehen los Gentilès. Ordenada por el P.e Fr. Manuel Sobreviela Missionario de Ocopa. Año 1796 en Lima Capital del Vireynato de el Perú.»

Nota.—Uma pequena descripção manuscripta precede a collecção de mappas, manuscriptos e impressos (estes por d'Anville, L'Isle, etc.), sobretudo referentes ao Perú, e trata da:

Fls. 34 a 41. —Descripcion del Marañon desde su origen hasta su desenbocadura en el mar e Viages desde Lima, Jaen de Bracamoros y Quito, por el Rio Marañon hasta el gran Para y España, y regreso por el mismo rio y sus colaterales.

Os mappas referentes ao Brazil são os seguintes :

A I—As duas Americas, por M. L'Isle.

B II—America Meridional, por M. Amville.
C III — Provincia Quitensis Societatis Jesu (com o Amazonas e região que banha).

NOTA.—São impressos.

D XXV—Plano de la Colonia del Sacramento por Don Juan de la Cruz.

NOTA. — Falta o mappa antecedente, mencionado no indice, como sendo igualmente de Juan de la Cruz, e representando a provincia e costas de Buenos Ayres até Santa Catharina (*sic*).

Observações

Não se encontra mencionado este codice em Figanière.

(Ns. 16936 — 16939)

Codices depositados no Museu em 1847 por ordem do Secretario das Colonias conde Grey e contendo todo o trabalho artistico de E. A. Goodall que, na qualidade de desenhista, acompanhou a expedição de Sir Robert Schomburgk ás nascentes do Takutú em 1842—43, por occasião da qual se deo a occupação do aldeamento do Pirára. Da anterior expedição Schomburgk, nos annos de 1835 a 1839, existe publicado por Ackermann and Co, em 1841, um bello album encerrando 12 vistas, segundo desenhos executados por Charles Bentley, que acompanhou a referida expedição. Os desenhos de Goodall, que como feitura se parecem com os de Bentley, mas lhes são muito superiores como numero e variedade, não penso porem acharem-se publicados.

N. 16936

Codice in-folio, tendo na lombada *Goodall's Drawings of Guiana. Landscapes and Sketches* e abrangendo 79 aquarellas e desenhos, representando lindissimas vistas tiradas não só no territorio incontestado como no contestado — o monte Roraima, paizagens das margens do Essequibo, Mazaruni, Cutari e outros rios, curiosas formações geologicas, scenas de viagem, habitações européas e indigenas, esboços de florestas virgens, episodios da vida do acampamento e da obra da delimitação. Destacam-se desta magnifica serie, pelo interesse que nos merecem, a scena historica da partida dos Brazileiros da aldeia do Pirára, onde ficava fluctuando a bandeira ingleza (n. 54) e a vista da juncção dos rios Takutú e Cotingo ou Mahú (n. 62). Trata-se nada menos do que do commentario artistico desses acontecimentos da historia patria, que actualmente volverão a attrahir muito a attenção, mercê da regulação de fronteiras que foi submettida ao arbitramento de S. M. o Rei da Italia.

N. 16937

Codice in-folio, tendo na lombada *Goodall's Drawings of Guiana. Portraits of Indians* e abrangendo 77 soberbas aquarellas representando variados typos das tribus Macusi, Warran, Caribisi, Tarumas e outras dessa região. O artista deu o maior relevo á expressão physionomica, tão difficil de reproduzir, dos taciturnos indigenas americanos, formando uma esplendida galeria aborigene.

N. 16938

Codice in-4º, tendo na lombada *Goodall's Drawings of Guiana. Rough Sketches of Portraits, etc.* e encerrando aquarellas e desenhos a lapis representando indigenas peneirando a mandioca, tocando a guama, fiando no fuso, atirando com o arco, dormindo em redes, etc. Encontram-se ahi reproduzidos não só os seus objectos de uso, as suas vestimentas summarias, as suas ornamentações de pennas, os seus raros utensilios de industria, como as suas habitações vistas no interior e no exterior, as suas canôas de pesca, a par de algumas paizagens. Como no volume anterior, os typos indigenas são admiravelmente esboçados, apresentando a mais suggestiva diversidade.

N. 16939

Codice in-folio, tendo na lombada *Goodall's Drawings of Guiana. Landscapes Botanical, etc.* e contendo primorosas aquarellas reproduzindo vistas do interior da Guyana, entre ellas a juncção dos rios Takutu e Mahú (n. 6), a aldeia do Pirára em 1842 (n. 7), as nascentes do Takutú (n. 10), o monte Zabang (n. 13), as cabanas dos Macusis perto do Pirára (n. 15), o interior de uma cabana ou taba de Macusi (n. 19), e outras vistas de savannas, montanhas, florestas e cachoeiras, com animaes da fauna indigena. Estas 24 aquarellas de paizagens e costumes constituem a mais formosa e expressiva representação da vida selvagem americana que eu tenho examinado. De ns. 25 a 54 as aquarellas são de plantas, pela maior parte da familia das palmeiras, e fructos. No fim encontram-se 3 aquarellas mais — vistas de Demerara — pintadas por W. L. Walton em 1841. Não mencionados, estes codices, por Figaniére.

N. 17573

Codice in-8º de 112 fls., tendo na lombada *Mexico. Tratados varios* e contendo papeis em hespanhol, quasi todos referentes ao Mexico e America Central.

FLS. 70 a 81. — Noticia de lo que ha ocurrido en la Navegacion que hizo â la America Meridional la Esquadra y Comboy del Mando del Theniente General de Marina, Marquez da Casa

Tilli, desde su salida de Cadiz, hasta el arribo al sitio de su destino.

Nota. — Refere-se ao ataque de Santa Catharina e conflictos entre portuguezes e hespanhoes.

Observações

Figanière não menciona este codice.

N. 17587

Codice in-8° grande, de 172 fls., tendo na lombada *Perú. Tratados varios*, proveniente da collecção Bauzá e comprado a Michelena y Rojas em 1848.

Nota. — Todo o codice consta de papeis relativos ao antigo Vice-reinado do Perú.

Fls. 120 a 123. — Plano general de las Montañas Orientales del Reyno del Perú pertenecientes a la Corona de España y Confines de Portugal que comprehende desde uno hasta 20° de latitud S. y desde el meridiano de Lima hasta 20° de longitud al E. Formado sobre los reconocimientos que verificó el Rev. Padre Fr Joaquin Soler Misionero apostolico en el discurso de 15 años que estubo exercitado en las conversiones y en el...... de noticias que adquirio, teniendo presentes todas las incursiones y descubrimientos que hay hasta la fecha, de lo que dedujo el giro y confluencia de todos los Rios considerables, la direccion de las Serranias principales y la posicion geografica de los Paises y Naciones aũ christianas como barbaras del modo qual manifiesta este Plano. Hecho de orden del Exmo. Señor Virrey Baylio Frey D. Francisco Gil y Lemos por D. Andrés Baleato. Año 1795.

Nota. — Trata dos rios Madeira, Javary, Ucayali, Huallaga e Maranhão e é documento interessante para a nossa delimitação com o Alto Perú. Figanière não cita este codice nem o immediato.

N. 17588

Codice in-8° de 76 fls., tendo na lombada *Perú. Tratados Varios*, proveniente da collecção Bauzá e comprado a Michelena y Rojas em 1848.

Fls. 68 e 69.—Derrotero e Itinerario formado con una prolija delineacion de la distancia y jornadas regulares que hay desde esta ciudad de Rio de Janeyro hasta el punto de Purniz y desde este por la carrera del Brazil hasta la villa de Cuyabá.

Nota.—E' uma secca e pouco interessante relação do numero de leguas e dias de jornada.

N. 17601

Codice in-8° grande de 247 fls., tendo na lombada *Buenos Ayres — Relacion del Govierno 1784*, proveniente da collecção Bauzá e comprado a Michelena y Rojas em 1848.

Fls. 3 a 185.—Relacion del Govierno del Vireynato de Buenos Ayres por D. Juan José de Vertiz al Marques de Lorento en 12 de Marzo de 1784.

Nota. — Gayangos menciona apenas o titulo geral do documento, que é uma exposição de administração.

De folhas 55 verso a 93 verso trata de Montevidéo, guerras suscitadas pela Colonia, especialmente a de 1776—77, arranjos de paz successivamente feitos com Portugal, razões pelas quaes devia fortificar-se Montevidéo; de fls. 94 a 103 dos indios guaranis e outros, e dos negros importados; de fls. 104 a 107 das arribadas de navios estrangeiros aos portos e costas da America; de fls. 131 a 143 da defeza das fronteiras; de fls. 182 verso a 183 verso « do commercio feito por Hespanha durante a ultima guerra por meio dos Portuguezes. »

Fls. 186 ao fim. — Quatro informes hechos al Exmo. Sr. D. Pedro Ceballos, Virrey de las Provincias del Rio de La Plata por um apasionado.

Trata ....
en el segundo... del origen de la Conquista del Brasil, Rio de la Plata, Paraguay, y Tucuman. En el tercero de las riquezas de aquel Virreynato, fundamentos de las Provincias de Indios... y en el quarto describe la colonia del Sacramento, Puertos del Rio de la Plata situados al norte y sur de Buenos Ayres....

Observações

Figanière não cita este codice.

N. 17603

Codice in-8º de 117 fls., tendo na lombada *Buenos Ayres y Paraguay—Tratados varios*, proveniente da collecção Bauzá e comprado a Michelena y Rojas em 1848.

Fls. 1 a 13.— Hechos de la verdad contra los artificios de la Calumnia, por el P. Gaspar Rodero, en defenza de las Misiones del Paraguay.

Fls. 90 a 96.— Noticias do Lago Xerayes (1786).

Nota.— Interessante documento em portuguez sobre a exploração do interior do continente sul-americano no seculo XVIII, com a seguinte nota final — Lido n'Academia por seu author Pontes.

Fls. 97 a 111.— Marcha del Sr. Gomez de Andrada, hizo desde la Colonia del Sacramento, en accion de guerra, como auxiliar de S. M. C. para la evacuacion de las 7 Misiones sublevadas etc., etc., (1754).

Nota.— Refere-se ao conhecido episodio historico celebrado por Basilio da Gama no Uruguay.

Observações

Codice não mencionado por Figanière.

N. 17606

Codice in-4° de 128 fls., tendo na lombada *Buenos Ayres — Tratados varios*, proveniente da collecção Bauzá e comprado a Michelena y Rojas em 1848.

Fls. 14 e 15.—Diario de las faenas egecutadas en el Rio Grande de San Pedro desde la tarde del 14 de febrero, habiendose presentado diez embarcaciones del Rei fidelissimo, hasta el 21 del mismo, que cesaron las espresadas faenas, i acaecimientos del Combate de la tarde del 19 del corriente (1776) en el sitado Rio, sostenido con cinco embarcaciones de S. M. C. al mando del Sr. D. Francisco Javier de Morales, contra nueve de S. M. F., las que llegaron convoyadas de un navio de 70 cañones, el que se hizo á la vela en vuelta de fuera, luego que vio todo su convoi dentro del Rio.

Fl. 16.—Copia de uma carta assignada — José de Iriarte e dirigida a *querido Javier*, dando-lhe conta do combate naval acima relatado (datada de Montevidéo aos 18 de Abril de 1776).

Fls. 38 e 39.—Origen, y Progresos de las Misiones del Paraná y Paraguay.

Fls. 81 verso a 89.—Relacion de la toma de la Colonia del Sacramento, sitiada en 8 de Octubre de 1762 por el Exmó. Sr. D. Pedro Cevallos, Teniente General del Ejercito de S. M. C. y entregada en 29 del mismo mes por el Brigadier D. Vicente da Silva Gobernador de ella.

Fls. 125 ao fim.— Sobre la posicion geografica de la Costa oriental de la America Meridional, como Buenos Ayres, el Cabo Santa

Maria, á la boca del Rio de la Plata, Rio de Janeiro, Pernambuco.

Nota.— E' apenas o calculo das latitudes e longitudes.

Observações

Codice não mencionado em Figanière.

N. 17607

Codice in-4° de 275 fls., tendo na lombada *Buenos-Ayres — Tratados Varios*, proveniente da collecção Bauzá e comprado a Michelena y Rojas em 1848.

Fls. 48 a 52 — Extracto del Diario, de ida y buelta, desde Buenos Ayres al Arroyo de la China por el Rio Uruguay, para adquirir noticias del sitio en que tuvieron poblacion los primeros españoles que llegáron a esta America por D. Andrés de Oyarvide (Outubro e Novembro de 1801).

Fls. 268 a 273 — Conclusion del reconocimiento del Rio Piquiry Guazú extractado del Diario de acaecimientos que desde la salida para esta diligencia del Pueblo de Santo Angel el dia 3 de Noviembre de 1790, se llevó exactamente hasta el regreso á dicho pueblo el 1° de Agosto de 1791. Assignado — Andrés de Oyarvide e com una nota autographa do auctor. A pag. 271 verso encontra-se uma subdivisão sob o titulo — Descripcion del Rio y Terrenos del Piquiryguazú.

Observações

Tanto este documento como muitos outros congeneres, aqui citados, disseminados pelos varios codices, principalmente das collecções Bauzá e Yriarte, são certamente de utilidade e porventura de valor para a demarcação dos limites em andamento. Figanière não menciona este codice.

N. 17608

Codice in-8º de 44 fls., tendo na lombada *Buenos Ayres — Diario al Rio de la Plata, etc.*, proveniente da collecção Bauzá e comprado a Michelena y Rojas em 1848.

Fls. 2 a 29—Diario de la navegacion desde España al rio de la Plata hecha por el comandante Don Alexandro Malespina en la *Descubierta* — papel mandado pelo auctor a Bauzá e intercalado de desenhos á penna, entre os quaes um da ilha da Trindade, á qual se refere o *Diario*.

Fls. 30 a 39—Memoria sobre las situaciones geograficas de Montevideo Jeneyro é Isla de Anhatomirin y costa entre Santa Catalina y Castillos Grandes — assignada Bauzá, Londres, 15 Outubro 1832.

Fls. 40 e 41—Nueva situacion geografica del Rio Jeneyro — assignada Bauzá, Londres, 1º Janeyro 1833.

Fls. 42 a 44—Continuacion de las situaciones geograficas de la costa, desde Santa Catalina hasta Castillos Grandes (Rio Grande de São Pedro, etc.). Igualmente de Bauzá.

Observações

Figanière não menciona este codice.

N. 17610

Codice in-8.º de 194 fls., tendo na lombada *Guerra de los Guaranis*, provavelmente da collecção Bauzá e comprado en 1848 a Michelena y Rojas.

Diario historico de la Guerra de los Guaranis desde el año de 1754. Do latim, do Padre Tadeo Xavier Enis.

Nota. — Refere-se á expedição de Gomes Freire de Andrada. No codice n. 17606, pags. 66 verso a 78, encontra-se outra traducção, porem imperfeita.

Observações

Não citado em Figanière.

Ns. 17611—17612

Codices in—folio de 330 e 491 fls., respectivamente, tendo na lombada, o primeiro — *Diario de la Demarcacion de limites 1783 — 1789*, e o segundo — *Diario de la Demarcacion de limites 1789—1801*, comprados a Michelena y Rojas.

1.º Vol.

Fl. 1 ao fim — Diario de la Segunda Partida de Demarcacion de Limites entre los Dominios de España y Portugal en la America Meridional. por el Comisario Español Don Diego de Alvear y Ponce. Primeira Parte. Tomo primero. Los trabajos de la Demarcacion... ....y competencias de los Comisarios. Años de 1783, hasta 1789.

2.º Vol.

Fl. 1 ao fim — *Idem* — Primera parte. Tomo segundo. *Idem*. Años de 1789 hta 1801 Inclusive.

Indice.—Introducion g[l]. incluye lo siguiente:
La instruccion de S. M. sobre la Demarcacion de limites.
Plan de operaciones aprobado tambien por S. M.
Otra instruccion para gobierno interior de los Comisarios.
Su titulo y pasaporte.
Relacion de individuos de las quatro Partidas habitadas en Buenos Ayres.
Instrumentos Astronomicos y Fisicos de las colecciones.
Plan de la formacion de este Diario.

1.º Cap.º Salida de la Capital de Buenos Ayres. Viage a Montevideo, con noticia de la Colonia del Sacramento y demas Pueblos que median.

2.º Cap.º Descripcion de la Ciudad y Puerto de Montevideo: su Poblacion, Gobierno y Comercio. Navegacion de las Lan-

17º Cap.º Traslacion dela Partida Española al Pueblo de San Luis y la Portuguesa al Campamento de Santa Maria en la frontera de sus Dominios.
18º Cap.º Regreso de la Partida a Buenos Ayres: Causas de esta resolucion, y Noticias de los dos Caminos de Montevideo, y Corrientes con la navegacion del Paraná.
19º Cap.º Descripcion de Buenos Ayres y de sus Puertos, su actual situacion, Vecindario, Edificios Publicos, Tribunales, y Estado de su agricultura, Industria, y Comercio inclusas las Provincias del Vireynato.
20º Cap.º Reflexiones generales sobre lo perjudicial del Comercio exclusivo de las Americas: Considerables ventajas de la libertad de Comercio y sus ultimos progresos en el Rio de la Plata.

Observações

Esta obra é o mesmo «Diario de la Demarcacion» de Cabrer, repetidamente citado na magistral *Exposição* de 8 de Fevereiro de 1894 do Sr. Barão do Rio Branco ao Arbitro da questão das Missões, e editado em Montevideo, no anno de 1882, pelo Sr. Meliton Gonzalez no 2º e 3º tomos do seu trabalho — *El Limite oriental del Territorio de Misiones (Republica Argentina)*, 3 tomos. A copia do Museu é toda numa bella lettra uniforme, e consta de dois tomos como o original que serviu para a edição de Montevideo; porem diz Pedro de Angelis (biogr. de Cabrer) que a obra completa se compunha de 4 tomos, e o proprio Cabrer numa carta publicada por Meliton Gonzalez, ao querer, sem resultado, vender o manuscripto, em 1834, ao Governo Uruguayo, escreve que o 3º tomo continha a relação historica-geographica feita por D. Diogo de Alvear y Ponce, e refere-se aos planos topographicos, que constituiriam o 4º tomo. O Sr. Barão do Rio Branco menciona o «Diario de la Segunda Subdivicion de limites Española», assignado pelo auctor, como sendo propriedade do Ministerio das Relações Exteriores do Brazil. Estamos pois em face de tres copias ou antes exemplares manuscriptos de um só *Diario*. Transcrevi integralmente o indice do exemplar do Museu Britannico porque contem ligeirissimas variantes do indice impresso na obra citada de M. Gonzalez, onde aliás se não encontra o ultimo capitulo sobre commercio.

Affirma o Sr. Barão do Rio Branco (pag. 205 do tomo I da Exposição) que Cabrer escreveu o seu *Diario* muitos

annos depois de terminada a demarcação em 1801, por motivo da guerra entre Portugal e Hespanha. A lettra e papel do exemplar do Museu são todavia do começo do seculo. O ajudante do Real Corpo de Engenheiros D. José Maria Cabrer veio para Buenos Ayres em 1781, com 20 annos de idade, e nunca mais sahiu do Rio da Prata, fallecendo com 75 annos em 1836. O Sr. Meliton Gonzalez assegura que o exemplar da Bibliotheca Publica de Montevideo é o proprio original autographo do *Diario*, offerecido a essa livraria em 1853 pelo Brigadeiro General D. Manoel Oribe, e cuja existencia ficou ignorada até 1880, quando foi encontrado inesperadamente num cofre de ferro, arrombado perante o bibliothecario, escrivão, etc., (M. Gonzalez, obr. cit., Tomo I, pag. 113). Em 1853 a obra figurava porem no Catalogo da Bibliotheca de Montevideo, e por uma singular coincidencia no mesmo anno de 1853 foi citado no *Catalogo* de Figanière (pag. 316) o exemplar do Museu Britannico, adquirido em 1848. O *Diario* poderia ter desapparecido de todo em Montevideo sem grave damno porque ficava patente á consulta, alem do exemplar brazileiro, o vendido pelo Sr. Michelena y Rojas. Uma nova edição, que ignoro si abrange o 3º tomo ou relação feita por D. Diogo de Alvear, está, segundo constou-me por um artigo do Sr. José Verissimo, em publicação nos Annaes da Bibliotheca de Buenos Ayres, proficientemente dirigida pelo Sr. Paulo Groussac.

N. 17613

Codice in-4.° de 112 fls., tendo na lombada *Relacion de la Provincia de Misiones para servir de suplemento al Diario de la demarcacion de limites*, proveniente da colleção Bauzá e comprado a Michelena y Rojas em 1848.

Nota.—Figanière não cita este codice, mas Gayangos diz com toda a razão dever ser o complemento ou 3.° tomo do Diario da demarcação, de Alvear, escripto em 1802 segundo o erudito hespanhol. O vol. 4.°, de planos e mappas, deve ser um dos varios existentes no Museu e descriptos sob seus numeros. Gayangos não transcreve o seguinte indice que se encontra no codice :

Descripcion corografica de la Provincia de Misiones.
Naciones antiguas que la habitaban.
Su descobrimiento, conquista y Poblacion.
Conquista espiritual y Poblacion continuada por los Misioneros.

Gobierno y Estado florido de las Misiones em tiempo de los Jesuitas.
Gobierno y Estado presente con noticia de su Vecindario, industria, comercio, causas de su decadencia, reforma, etc.
Departamento de Candelaria.
de Concepcion.
de Santiago.
de Zapeyú
de San Miguel.

Ns. 17614-17615

Codices in-12.º de 159 e 272 fls., respectivamente, tendo na lombada *Descripção da America Portugueza I, Parte segunda*, comprados a Michelena y Rojas em 1848, e previamente na collecção Bauzá.

I

Fls. 2 ao fim. — Descripção Geographica, Geometrica, e Colecção Juridica, e Historica da America Meridional, ou Estado do Brazil, em que se dá verdadeira noticia do descobrimento, situação, e demarcação deste paiz; de sua fertelidade interna, e externa; da qualidade de suas agoas, e ares; dos ritos, seremoniaes, e trages dos seus habitadores, digo dos seus naturaes habitadores; e da aptidão que tem para ser o mais vasto, poderozo, e independente Imperio do Mundo.
Tão bem se referem todas as operaçoens acontecidas a respeito da fundação da Praça da Nova Colonia do Sacramento; os movimentos politicos, e melitares, com os Tratados que por este motivo tem havido entre as Coroas de Portugal, e Castella; a commutação porque a este se demitio; as utilidades que desta negociação rezultam a ambas as Potencias, á vista das quaes ficam convencidos os pareceres dos que com mais paixão, que pru-

dencia a reputaram prejudicial á Coroa de Portugal; e as operaçoens militares que foram, e tem sido necessarias para final concluzão da entrega dos terrenos commutados.

Index geral

Como este volume se compoem de varios discursos que em diversos tempos foi ajuntado a minha curiozidade, sem animo de os agregar em Livro, lhe não posso fazer perfeito Index, por ter cada hum particular, e separado numero de folhas; pelo que servirão os seus titulos de individual indicativo do que elle contem, e a quitação sómente referirei em geral as obras que nelle se enserram ....
Descripção.......... escripta por hum curiozo investigador de noticias, que por espaço de dezacete annos correo a mayor parte deste continente; e fazia lembrança dos que a elle fossem, ou quizessem saber o que nella acontecia. Dedicada pelo mesmo autor a certo cavalheiro, cujo nome se oculta, e a sua dedicatoria por superflua; bastando saberse que lhe foi offerecida em o anno de 1758. Da qual foi exactamente copeada, excepto a dita dedicatoria, por outro não menos curiozo de boas noticias.

Parte segunda.

Fl. 1 ao fim.—Em que se referem as grandezas da Bahia de todos os Santos; sua fertelidade, Arvores, plantas, animaes, peixes, Aves; e outras muitas couzas notaveis deste Continente. *Termina a obra com as seguintes palavras:* Esta he a noticia que pude alcançar no espaço de dezacete annos que continuamente girey o Brazil pela Costa, e enterior da terra; de que bem se collige ser aquelle Continente o melhor que ha em todo o Mundo pela qualidade dos ares, pela fertelidade da terra, pela producção do mar, pela singularidade das agoas, pelo que mostra, pelo que enserra, e pelo que se prozume que pode vir a ser.

Observações

Figanière deu noticia d'estes codices (pg. 317) e Innocencio da Silva affirmou (Vol. II, pg. 134) que a *Descripção* não passava da *Noticia* de Gabriel Soares, impressa pela primeira vez no Tomo III da *Collecção de Noticias para a Historia das Nações Ultramarinas*, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1825, e reimpressa na *Rev. Trim. do Inst. Hist. do Rio.* Comparei os dois trabalhos e verifiquei ser isto exacto, existindo apenas ligeiras variantes nos titulos dos capitulos e no texto. O anonymo do seculo XVIII quiz porem fazer passar por sua a producção do fazendeiro bahiano, conforme se deprehende da dedicatoria que transcrevi da copia outr'ora de Bauzá, cuja orthographia é das mais incorrectas, devendo existir copias do *Roteiro* ou *Noticia* mais cuidadas, como as que serviram para as posteriores edições. O titulo geral é que é inteiramente diverso do de Gabriel Soares, promettendo tratar a obra de assumptos acontecidos mais de um seculo depois da vida do verdadeiro auctor, como foram os da Colonia do Sacramento. Pelo calor com que se refere a dedicatoria, que vem no lugar da primitiva a Christovão de Moura, ao tratado de limites entre Portugal e Hespanha, e pelo modo enthusiastico porque considera o futuro do Brazil, não estou longe de pensar que o plagio fosse destinado a Alexandre de Gusmão pelo offerente, que afinal não se occupou absolutamente da Colonia do Sacramento e não foi nada alem de Gabriel Soares. O estylo despretencioso do fazendeiro é aliás muito differente da forma rebuscada e gongorica, visivel na dedicatoria e index geral, e distingue claramente o que lhe pertence e o que o outro ajuntou.

N. 17616

Codice-in-12.º de 174 fls., tendo na lombada *Brasil Del Marañon del Capt. Diego de Aguilar*, comprado a Michelena y Rojas em 1848 e primitivamente na collecção Bauzá.

Fl. 1 ao fim.—Brasil Del Marañon del Capitan Diego de Aguilar y de Cordoba 1578 en 2 libros Manto. antiguo. Al Lector.—Abiendo-me determinado el año de setenta y ocho de

escribir esta jornada de Lope de Aguirre, comence a hazerlo al tiempo que me hallava donde la noticia del famoso Rio del Marañon me fue clara,..........................

Argumento del primer libro.—Descubiertas las Indias Occidentales, suceden en el Piru las Guerras civiles entre Don Francisco Pizarro y Don Diego de Almagro, al qual mata hernando Pizarro, y Don Diego de Almagro hijo del muerto mata a Don Francisco Pizarro. Rompe Vaca de Castro en los Campos de Chupas a don Diego y cortale la cabeza. Viene Blasco Nunez por Virrey y Gonzalo Pizarro Tiraniza el Reyno, y matalo en Quito, y viene el de la Gasca y desbaratalo: en Saquixiguana, y cortale la cabeza, llegan Indios del Brasil a la ciudad de Chachapoyas, y dan noticia del Rio Marañon. Altera el Reyno Francisco Hernandez Giron, desbaratanlo en Pucara. Viene por Virrey del Piru el Marques de Canete, y dale a Pedro de Orsua la Jornada del Marañon. Haçe gente y Navios y Navega por el Rio, conjuran contra el y matanlo, alçan a Don Fernando de Guzman, describese el nacimiento del Rio Marañon.

Cap. 1.º Principio del descubrimiento de las Indias Occidentales y algunos sucesos acaecidos en ellas.
» 2.º Del Descubrimiento del Peru y Sucesos de las Guerras Civiles de los Ingas.
» 3.º Delas guerras civiles del Peru y otros acaecimientos.
» 4.º Del Descubrimiento del Cerro de Potosi, y Venida de los Indios Brasiles al Piru.
» 5.º De la tierra del Brasil y jornada que los naturales della hicieron por el grande y famoso Rio del Marañon.
» 6.º Noticia que los Indios Brasiles dan de la provincia de Omagua y Dorado.
» 7.º Descripcion de la Provincia de Guanuco y nacimiento de el Marañon.

a otros soldados. Alzase con la gente hace Navios y sale a la Mar del Norte llega a la Ysla Margarita prende y mata al governador y justicias della: mata frayles y mugeres y comete infinitas crueldades. El capitan Monquia y ciertos soldados se pasan al servicio del Rey. Viene el provincial de la Orden de Sancto Domingo con un navio y gente en socorro de la ysla no pudiendo socorrela da abiso en la tierra firme, acaba Aguirre otro navio y vendice sus vanderas y partese a la Burburata porque Francisco Faxardo llego com Yndios de guerra a la Margarita a socorrerla. Llevase Aguirre preso al Vicario Contreras y mata a ciertos soldados.

Observações

Transcrevi em toda sua extensão os argumentos e indices desta obra porque supponho ser ella inedita. Não a encontro mencionada na *Bibliografia Española* de Hidalgo, nem no grande *Dictionary of Books relating to America from its discovery to the present time*, por Joseph Sabin, N. York, 1871, 16 volumes. O Catalogo dos manuscriptos hespanhoes do Museu, pacientemente elaborado por Pascual de Gayangos, nada accrescenta ao titulo do codice descripto, que é interessante para a historia da Amazonia num seculo que foi o periodo por excellencia da sua ex-

ploração. Só muito mais tarde volverião o Perú e Bolivia a utilizar um meio de communicação que fôra preconizado depois que Orellana primeiro o desvendou, mas que a separação de Portugal e Hespanha e a politica de isolamento, predominante até 1866, tornaram sem prestimo. A simples leitura do indice do livro do Capitão Diego de Aguilar mostra que a historia do Perú começou com muito sangue derramado. No seu trabalho, impresso primeiro no «Edinburgh Annual Register,» e depois, em 1821, sob o titulo — The Expedition of Orsua; and the crimes of Aguirre, Roberto Southey escreve que este episodio, chamado por Humboldt o mais dramatico da historia da conquista hespanhola, foi successivamente tratado por um Jesuita, o qual, naquelle tempo um rapazola, tomou parte na expedição; por F. Pedro Simon, que muito provavelmente se inspirou da primitiva perdida relação, e pelo bispo de Santa Martha, Piedrahita. Será a relação do Museu uma dessas trez ou uma quarta, desconhecida de Southey?

N. 17617

Codice in-4º pequeno, de 55 fls., tendo na lombada *Ytinerario desde el Rio Janeyro hasta Lima 1818*, comprado em Dezembro de 1848 a Michelena y Rojas (venezuelano, auctor de uma conhecida viagem na America do Sul, impressa em Bruxellas em 1867).

Fl. 1 ao fim. — Ytinerario de un viage por tierra desde el Rio Janeyro hasta Lima (Peru) Por Don Fernando Cacho Teniente Coronel al Servicio de España Año 1818.

Nota. — Descreve as provincias do Rio de Janeiro, Minas Geraes e Matto Grosso.

N. 17618

Codice in-4º pequeno, de 48 fls., tendo na lombada *Roteiro pelo Rio Tocantins até o Porto Real do Pontal 1810 — Memoria sobre a capitania de Serzipe 1808*, comprado em Dezembro de 1848 a Michelena y Rojas.

Fls. 1 a 15.—Brasil—Roteiro da Cidade de Santa Maria de Belem do Gram-pará pelo rio Tocantins acima até o Porto Real do Pontal na Capitania de Goiaz etc por Manoel José

d'Oliveira Bastos. Rio de Janeiro 1811. Na Impressão Regia.

NOTA. — Impresso (Vide Innocencio, Dicc. Bibliogr. Tomo VI, pag. 30).

FLS. 18 a 48. — Memoria sobre a Capitania de Serzipe sua fundação, população, productos, e melhoramentos de que he capas Offerecida ao Illustricimo e Ex.mo Senhor D. Rodrigo de Souza Coutinho Ministro e Secretario de Estado dos negocios estrangeiros e da guerra Por Marcos Antonio de Souza Presbitero secular do habito de San Pedro, e Vigario de nossa Senhora da Victoria da Bahia — Anno 1808.

N. 17619

Codice in-4° de 42 fls., tendo na lombada *Brasil Tratados Varios*, comprado a Michelena y Rojas.

FLS. 1 a 34 — Brasil — Relacion que acompaña el Plano General, y los particulares de la isla de Santa Catalina situada sobre la costa del Brasil, y explica las circumstancias de las Fortificaciones Puerto Poblacion &, y costa de tierra firme que comprende la extension de su frente.

NOTA. — E' uma explicação feita no Desterro a 4 de Maio de 1778, contemporanea portanto do mappa (Mss. Add. 17664 D) e quiçá do mesmo auctor, o engenheiro Escofeta ou Escofet, pois que se encontra ortographado dos dois modos. A relação é tão interessante quanto é bem feita a carta.

FLS. 35 a 39 — Brasil Sobre a Capitania das Minas Geraes, por José Vieira Couto em 1799.

NOTA. — Muito condensado e pouco interessante.

FLS. 41 e 42 — Derrotero desde la ciudad de S.n Pablo distante trece leguas del Puerto de

Todos los Santos en la costa del Brasil á la Villa de Cuyabá Riesgos y precipicios que hay en su Transito tanto por tierra como en los Rios que se ofrecen en el segun las noticias que dieron a D.n Juan de Pestaña Presidente de la Audiencia de Charcas los Prisioneros Portugueses que se llevaron á aquella Capital año de 1764.

Nota. — Apontamento muito resumido.

Observações

Figanière dá este summario muito completo (Vide pag. 319 do seu *Catalogo*). O trabalho acima mencionado de J. Vieira Couto não offerece interesse em vista da *Memoria* muito mais extensa sobre o mesmo assumpto, e do mesmo auctor, publicada na Rev. Trim. do Inst. Hist. vol. XI (supplem. 1848), pags. 289 a 335.

N. 17620

Codice in 4º de 24 fls., tendo na lombada *Brasil Tratados Varios* comprado a Michelena y Rojas.

Fls. 1 a 5.—Peticion prezentada en el Consejo de Indias el año de 1543 por el capitan Francisco de Orellana, sobre el descubrimiento del Marañon: y pareceres del Consejo sobre ello.

Nota. —E' copia extrahida do archivo de Simancas em 1818; devidamente rubricada.

Fl. 10. — Copia (tambem de Simancas) de uma carta, datada de Evora aos 27 de Julho de 1524, do embaixador em Portugal Juan de Zuniga ao seu soberano Carlos V, na qual trata de um recem-chegado do Brazil e das noticias de metaes que este trazia e não pareciam seduzir o rei D. Manoel, pelo que solicitava o auxilio do Imperador.

Nota. — Refere-se a uma expedição de Christovão Jaques ao Rio da Prata. Este documento encontra-se impresso na obra de Medina — *Juan Diaz de Solís, Estudio historico*, Santiago do Chile, 1897, e parcialmente transcripto no folheto do sr. Capistrano de Abreu, *Sobre a Colonia do Sacramento*, Rio de Janeiro, 1900.

Fls. 14 a 24.—Noticias del Gran Rio del Paraná, y otras del Brasil — El gran Paraná nuevamente delineado segun su mayor extension sobre las noticias que dieron unos Portugueses del Brasil.

Nota.—Occupa-se do roteiro de S. Paulo a Cuyabá, minas de ouro de Matto Grosso e da viagem do «P. Matematico Italiano», Jesuita, pelo Brazil. Parece interessante para o estudo da conquista do nosso interior, que foi a grande obra portugueza do seculo XVIII. E' o texto para o mappa n. 17666 A.

N. 17621

Codice in-4° de 178 fls., tendo na lombada *Viages al estrecho de Magallanes 1519—1699*, comprado em 1848 a Michelena y Rojas e constituindo copias authenticadas, tiradas no fim do seculo passado, de documentos de Simancas. da Bibliotheca Real de Madrid e de outros repositorios hespanhoes.

Nota. — Occupam-se de passagem do Brazil, onde arribavam aquellas expedições.

Fls. 1 a 20.—Magallanes — Derrotero del viage de Fernando de Magallanes en demanda del Estrecho desde el Cabo de San Agustin.

Fls. 108 a 144. — Viage que el año de 1615 hizo por el Estrecho a la mar del Sur el Olandés Jorge Espernet.

Fls. 145 a 163.— Año de 1620—Maravillosa declaracion hecha en Lima en 21 de Marzo de 1620 por Tome Hernandez natural de Badajoz soldado de los que fueron en el año de 1581 de los Reynos de España en la Armada de Diego Flores de Valdes al

descubrimiento y poblacion del estrecho de Magallanes...

Nota. — Impressa na Viagem de Sarmiento (1579-1580), publicada em Madrid por D. Bernardo de Yriarte em 1769.

Fls. 164 a 173.—Relacion del viage del Señor de Gennes al Estrecho de Magallanes Por el Señor Foguer (*sic*) en Amsterdam, 1699, trad. en lingua española.

Fls. 174 a 177.—Papel sobre as navegações de Americo Vespucio, e outros com relação ás ilhas Malvinas.

Observações

Figanière não menciona este volume, nem o descreve o Catalogo do Museu.

N. 17630

Codice in-4º de 62 fls., tendo na lombada *Derrotas desde Cadiz a varios puertos de la America Setentrional 1809*, proveniente da collecção Bauzá e comprado a Michelena y Rojas em 1848. Datado e assignado no fim—Ferrol 24 de Mayo de 1809—Alonso de la Riva.

Fls. 28 a 31.—Derrotas a los mares del Sur. Vientos desde Canarias a la Equinocial. Vientos desde la linea á los 28º de latitud, Costas del Brasil, i correspondientes de Africa. Vientos desde los 28º S. hasta la isla de los Estados comprehendidas las costas del Brasil, Rio de la Plata i Patagonica e islas Malvinas.

Fls. 33 a 39. — Derrota n. 1 de Cadiz al Rio de la Plata.

Nota.—Refere-se á ilha da Trindade, costas meridionaes do Brazil e Colonia do Sacramento, mas possue interesse exclusivamente nautico.

Fl. 42.—Derrota n. 4 del Rio de la Plata a Cadiz.

Observações

Não vem citado no *Catalogo* de Figanière.

N. 17634

Codice in-4.º de 268 fls., tendo na lombada *America Papeles geograficos*, comprado em 1848 a Michelena y Rojas e tendo feito parte dos papeis e apontamentos do coronel D. Felipe Bauzá.

FL. 55 — Tabla de la situacion de los principales puntos observados en la derrota, despues de la de los Pueblos de Misiones e Situacion astronomica de los puntos principales de la Carrera de Buenos Ayres á Monte-Video por la Colonia.

Observações

Figanière não faz menção desta collecção Bauzá.

N. 17636

Codice in-4.º de 276 fls., tendo na lombada *America Capt. F. Bauza. Papeles geograficos y astronomicos*, comprado em 1848 a Michelena y Rojas.

FLS. 64 a 66 — Calculos mathematicos e observações geographicas, astronomicas e para navegação de Jeneyro (*Rio de Janeiro*) e Montevideo feitas pelos capitão King, capitão Dickinson (*entre 1829 e 1830*), capitão Duperrey, Mr. Freicinet, Mr. Givry (*em 1821, 22 e 23*), capitão Beaufort, etc.

FLS. 153 e 154—Derrota de estima desde Buenos Ayres aguas arriba por el Rio Uruguay. diario feito em 1793 (*até a villa de la Concepcion del Arroyo*).

FLS. 188 a 198 — Notas soltas sobre America do Sul (comprehendido o Brazil), Antilhas, etc.

NOTA.— Referem-se sobretudo, a fls. 188 e 189, aos territorios limitrophes da Hespanha e Portugal e ao tratado de limites de 1777.

N. 17637

Codice in-4.° de 204 fls., tendo na lombada *America Capt. F. Bauza. Papeles geographicos*, comprado em 1848 a Michelena y Rojas.

Fls. 8 a 11 — Posições da America Meridional para a formação de uma carta geographica (*calculos de geographia mathematica e de astronomia*).

Fls. 12 a 15 — Posições nos Rios Paraná e Paraguay, extrahidas as longitudes de uma carta manuscripta executada por D. Felix Azara em 1796.

Fls. 21 e 22 — Extracto do *Naval Chronicle* de Maio de 1817 sobre as ilhas da Trindade e Martim Vaz, segundo as demarcações do capitão da marinha real ingleza Arabin em 1809, Yes en 1808 e outros, e bem assim sobre o Cabo Frio, segundo varios navegantes.

Fl. 35 — Situaciones del Rio de la Plata entre la puente del Espinillo y la Colonia del Sacramento, sacadas del plano hecho por D. Diego de Alvear en 1794.

Fls. 36 a 40 — Posições dos rios que desaguam na costa norte do Rio da Prata.

Fl. 41 — Posições extrahidas de um plano topographico desde a ilha de Santa Catharina até a barra do Rio Grande de S. Pedro, em 1793, proprio de D. José Varela, escripto em portuguez e traduzido para hespanhol.

Observações

Esta collecção especial Bauzá só tem verdadeiramente interesse para os profissionaes.

N. 17647 A. B. C.

Copias de trez mappas, compradas em 1848 a Michelena y Rojas. Gayangos diz serem do começo do seculo XVII.

A. — Mappamundi em portuguez, de 69 cm. × 44 cm., tendo traçada a linha divisoria das conquistas de Portugal e de Castella.

NOTA. — O Brazil acha-se intencionalmente muito projectado para leste, ficando em grande parte dentro da linha de demarcação na esphera portugueza, a qual todavia não abrange a foz do Amazonas.

B. — Mappa de 70 cm. × 43 cm. do contorno das costas da America do Sul e das costas d'Africa, da Guiné para o Sul no lado occidental.

Traz a seguinte observação : « Esta terra do Perú e Brasil he maes grosa do que nesta Carta se mostra porque só teneve respeito as derrotas da Costa do Mar do Sul e do Mar do Norte para efeito da boa navegação.»

C. — « Mapa reducido que abraza todo lo descubierto de las costas occidentales de la America y las orientales de la Asia. »

NOTA. — A parte americana comprehende a costa occidental do continente desde Alaska até á Baixa California e a epocha do mappa é muito posterior á dos dois outros, já abrangendo resultados das viagens de Cook.

Observações

Não se acham mencionados em Figanière.

N. 17664 A. — D.

Collecção de quatro mappas do seculo XVIII.

A. — Mappa sem titulo de 79.5×71.5, feito á tinta e com dizeres em hespanhol, representando os rios Paraná, Paraguay e Tocantins com seus affluentes, abrangendo-se nestes systemas boa parte do interior do Brazil entre 11 e 23° de lat. Sul e 52 e 64° de longitude O. de Pariz.

NOTA. — Mappa muito claro e bem desenhado, onde se vêm as nascentes do Araguaya, Xingú e Tapajós.

B. — Mappa sem titulo de 89×68.5, feito a tinta e com dizeres em hespanhol, representando a costa brazileira do Espirito Santo (Bahia Garipary) até a ilha de Santa Catharina com boa parte de terra firme, entre 21 e 28° de lat. Sul e 34 e 44° de longitude O. de Pariz.

C. — Carta topografica da Capitania de S. Paulo e seu Certão em que se vem os descubertos que lhe foram tomados para Minas Geraes, como tão-bem o Caminho de Goyazes e do Rio Grande de S. Pedro do Sul com todos os seus pouzos, e Passagens thé o Rio Grande, Paraná e dahi a Tapera do defunto Carvalho que he o limite desta Capitania nos Campos das Lages.

Bello mappa de 76.5×59.5, em aquarella, com a seguinte inscripção — *Zacharie, Felix Doumet delineavit.*

D. — Plano general de la isla y puerto de Santa Catalina situada sobre la costa del Brasil a los 27 gr. y 23 min. de lat. austral tomada por las armas catolicas el dia 24 de Febrero de 1777 Mandadas por el Exmo. Sr. D. Pedro Ceballos Capitan General de los Rs. Exercitos y vi-rey de la Prov.ª de Buenos Aires, en el que se comprehende la tierra firme de su frente. Levantado por el Ingeniero en gefe Juan Escofeta.

Bello mappa de 1m.50×70.7, em aquarella, feito no Desterro aos 2 de Junho de 1777, com a explicação dos lugares representados.

N. 17665 A. — E.

Caixa contendo 5 mappas.

A. — Mappa geographico que compreende toda la costa que corre desde San Sebastian hasta Castillos con la division de goviernos y con las lineas de puntos de carmin los pertenecientes a S. M. F. que Dios guarde.

Bello mappa aquarellado de 1.^{m} 39×0^{m}, 96, abrangendo a costa desde quasi a altura de Santos até o territorio da Colonia do Sacramento (Castillos Grandes) com a demarcação feita num sentido favoravel ás pretenções hespanholas.

B. — Mapa de las Misiones de la Compañia de Jesus en los rios Paraná y Uruguay ; conforme a las mas modernas observaciones de latitud y de longitud, hechas en los pueblos de dichas Misiones y a las relaciones antiguas y modernas de los Padres Misioneros de ambos Rios. Por el P.^{e} Joseph Quiroga de la misma Compañia de Jesus en la Provincia de el Paraguay. Año de 1749.

Mappa gravado.

C. — Mapa esferico o reducido de la Provincia del Paraguay, Misiones Guaranis y districto de la ciudad de Corrientes, assignado—Felix de Azara.

Mappa a tinta de 1,^{m} 27 de altura por 0,^{m} 73 de largura.

D. — Carta plana de grande parte del rio Paraguay que expresa sus inundaciones anuales; hecha por los Demarcadores de limites Españoles y Lusitanos acordemente y con buenos instrumentos el año de 1753.

Mappa a tinta, como os outros muito nitido, de 0,^{m} 83 $\times$ 0.^{m} 47, com uma porção de notas manuscriptas interessando a capitania de Matto Grosso.

E. — Carta reducida del Rio Uruguay desde los 31 grados de latitud hasta su desague en el de la Plata lebantada en 1796, navegandolo desde su salto chico hasta Buenos Ayres y ratificada em 1801 desde el Arroyo de la China hasta su de S.^{n} Juan, etc.

Mappa a tinta de 0,^{m} 80 $\times$ 0,^{m} 28, com algumas notas manuscriptas.

Observações

Figanière não menciona este numero, do qual Gayangos dá um indice demasiado conciso. E' possivel terem alguns ou mesmo todos estes mappas do Museu sido aproveitados pela Missão Argentina em Washington para o arbitramento das Missões. Não possuindo a Memoria do Sr. Zeballos, não pude verificar este ponto. Porventura são estes os mappas do 4º volume do *Diario de Alvear.*

N. 17666 A. — D.

Caixa contendo 4 mappas.

A. — El gran Paraná nuevamente delineado segun su maior extension sobre las noticias que dieron unos Portugueses del Brasil.

Bello mappa aquarellado de 1^{m}, 36 de altura por 0,^{m} 75 de largura. O mappa em si tem apenas 0,^{m} 81 de altura, porquanto o resto é occupado por varias columnas de texto, tratando do «Motivo de sacar a lus esta carta. Distancias de algunos puntos principales de este mapa segun los portuguezes. Viage que hazen los Portugueses de S.^{n} Pablo a Cuiava. Noticia de las minas de Cuiava y otras del Brasil. Viage que hizo el Padre Mathematico Italiano por el Brazil. Linea de division segun el P.^{e} Mathematico Italiano.»

NOTA.—Este mappa é muito interessante, tanto como delienação geographica como pelo texto que a acompanha. A viagem do *padre mathematico* encontra-se tambem

referida no codice n. 17620. O desenho do mappa, que é dos meiados do seculo XVIII, abrange a costa desde a Lagoa dos Patos até ao norte de Cabo Frio, e o *hinterland* de S. Paulo, Minas e região banhada pelos rios Paraná e Paraguay e affluentes, numa palavra, uma boa porção do continente sul-americano.

B. — Curso do Paraná e do Uruguay e seus affluentes.

Mappa a tinta, com o percurso dos rios marcado a verde, de 0,^{m} 97 × 0^{m}, 71.

NOTA.—Valioso para a demarcação do territorio tanto tempo litigioso.

C. — Esta carta está construida por los Trabajos de las corvetas el año de 89 en S.^{ta} Lucia y Colonia del Sacramento hasta la barranca S. en la 1ª y hasta las Islas de Hornos en la 2ª. Los intermedios, y Pedaso de la Costa hasta Martim Chico, por los Trabajos del S.^{or} D.^{n} José Varela (y Ulloa) adoptando nuestras Longitudes entre Montevideo y Colonia del Sacramento como asi mismo las Latitudes observadas em ambos parages.

Mappa de 0^{m}, 82 de largura por 0^{m}, 53 de altura, em que se acham esboçados á penna a costa e rios que desaguam no mar. No pequeno desenho da configuração da Colonia, pregado ao mappa, existe a seguinte nota : « Esta configuracion de las Islas y Costa esta sacada del Plano en tiempo del Ex.^{mo} S.^{or} Marques de Casa Tylli 1789.»

D. — Plano del fuerte de S.^{ta} Teresa y el del terreno de sus immediaciones que manifiesta el proiecto para cerrar el paso que ofrece desde el Castillo al mar.

Mappa aquarellado de 0.^{m} 68 de altura por 0.^{m} 76 de largura, assignado—Miguel Juarez, 4 de Agosto de 1777, e acompanhado de uma explicação ácerca dessa fortaleza, que ficava situada muito perto do mar.

Observações

Figanière não faz menção destes mappas, e o indice que lhes diz respeito no vol. II do Catalogo de Gayangos comprehende sómente 6 linhas.

N. 17669

Codice in-folio, tendo na lombada *Maps of Buenos Ayres, etc. A. DD.*, comprado em 1848 a Michelena y Rojas.

A. — Mappa, como todos os outros manuscripto, da Capitania de Minas Geraes, « copiado de um original brazileño levantado por Oficial de Ing.º »

B. — Mapa esferico de las provincias septentrionales del rio de la Plata desde Buenos Ayres hasta el Paraguay con los grandes bosques que separan las Misiones Españolas de los Establecimientos Portugueses, y los Marcos que se pusieron desde la costa del mar hasta la Laguna Merin, e desde Santa Tecla al Montegrande ó Sierra del Tape. En conformidad del Tratado Preliminar de 1777 entre España y Portugal. Construido según las observaciones y reconocimientos hechos hasta el año de 1796.

NOTA. — Este mappa, bem como os demais desta collecção, excepção feita do de Azara, não se encontram no volume annexo á Memoria do Sr. barão do Rio Branco sobre as Missões, parecendo serem-lhe desconhecidos.

C. — Mappa dos rios Paraguay, Paraná, Pilcomayo e affluentes.
D. — Mappa do Paraguay « por el original ultimo y enmendado que dio dn. Felix Azara año 1791. »

NOTA. — Copia feita para o Deposito Hydrographico.

E. — Carta espherica de la Provincia del Paraguay segun los ultimos reconocimientos particulares por la 3ª y 4ª Partida de Demarcacion en el año 1789 a 1791.
F. — Fragmentos de mappa dos rios Uruguay e Paraná.
G. — Demonstracion geographica de las situaciones en que se hallan las dos Poblaciones de Españoles y Indios Guaicurus, de la jurisdiccion del Paraguay, que segun el Tratado Preliminar de Limítes quedan en la Demarcacion de Portugal.
H. — Carta que resulta de la derrota a los pueblos de Sn. Estanislao y Sn. Joaquim.
I. — Plano de los rios Curuguaty e Xexuy levantado en el año de 1788.
K. — Plano del rio Piqiryguazú desde la confluencia en el Uruguay hasta su primer Salto grande.
L. — Demonstracion geographica del Terreno en que se hallan los yerbales de los Pueblos de Indios del Rio Uruguay, que segun el Tratado Preliminar de Limites, queda en la Demarcacion de Portugal.
M. — Plano de Asuncion.
N. — Mappa do Rio Grande do Sul e Santa Catharina, da costa e de boa parte do interior.
O. — Carta espherica sacada del viage que hicieron desde la Isla Santa Catalina, por tierra sobre la costa o el mar hasta el Rio Grande, Los Geografos Portugueses para la Demarcacion de Limites el año de 1783.

P. — Mapa de los terrenos comprendidos desde el puerto del Maldonado al fuerte de Santa Tecla y la costa del mar hasta el Rio Grande de S. Pedro...

Q. — Plano y descripcion del Rio Grande de S. Pedro situado en la costa septentrional del Rio de la Plata.

Nota. — Bello mappa, entre tantos, todos muito nitidos e bem feitos.

R. — Plano del rio de la Plata.

S. — Plano que demuestra el camino carreteno que abrio en el Gran Chaco Gualamba el Teniente de fiagata D. Miguel Rubin de Celis...

T. — Mapa Geografico de una parte del virreynato de B. Ayres.

U. — Idem (Pampas).

X. — Carta Topografica de la Provincia de B. Ayres.

Y. — Plano de la ensenada de Barragan situada en la costa meridional del Rio de la Plata.

Z. — Plano del viaje que en el año de 1810 hicieron al Rio Negro en la costa Patagonica...

AA.—Viagem do Jesuita Joseph Cardiel no Vice-reinado de B. Ayres.

BB.—Plano do porto de Santo Antonio.

CC.—Plano e descripção das lagunas de Guanacache, Jurisdicção de Mendoza.

DD.—Plano de la direccion del camino principal de la Cordillera que guia de la ciudad de Santiago a la de Mendoza.

Observações

Figanière não cita estes mappas.

N. 17938 A. B. C.

Trez mappas em pergaminho, comprados a T. W. Turner em 1849.

A — Mappa colorido de 0m. 94 de altura por 0m. 75 de largura, representando uma parte do Atlantico, com as linhas de costa da Africa, Hespanha, Portugal e Brazil, principalmente da Africa e Brazil. As designações de lugares são em portuguez, hespanhol e latim.

B — Mappa colorido de 1m. 09 de largura por 0m. 80 de altura, representando as linhas de costas das Americas do Norte e do Sul, e bem assim da Irlanda, Inglaterra, França, Portugal e Hespanha.

Notas — São ambos do seculo XVII.

C — Mappa colorido das costas da Africa, Persia e India com partes das costas da America, medindo 1 m. 19 de largura por 0 m. 80 de altura e mostrando as posições relativas dos estabelecimentos portuguezes. Feito por João Teixeira em 1655.

Observações

Não citados por Figanière, nem por Gayangos.

O Sr. barão do Rio Branco publicou trez mappas manuscriptos de João Teixeira, feitos em 1640, 1642 e 1640, respectivamente, e existentes, o primeiro e terceiro na Bibliotheca Nacional de Pariz e o segundo na Bibliotheca Real da Ajuda, em Lisboa (ns. 66, 67 e 68 do atlas dos Mappas anteriores a 1713, annexo á primeira Memoria sobre a questão do Oyapoc). Dois destes mappas são do Brazil e um da costa do Pará e Guyana, sendo differentes inteiramente do do Museu.

N. 17940 A. B.

A — Mappa da Guyana, 0m. 78 de largura por 0 m. 69 de altura, por Sir Walter Raleigh (olographo), feito depois de 1596. E' desenhado á penna sobre pergaminho e abrange toda a região banhada pelo Orenoco e pelo Amazonas.

Nota — E' muito incorrecto.
Comprado a T. W. Turner em 1849.

Observações

Figanière e Gayangos não mencionam este mappa e o Catalogo apenas diz ser elle da mão de Sir Walter Ralegh (*sic*) numa nota manuscripta recentemente posta (Vide Catalogo das acquisições do Museu de 1848 a 1853).

N. 20090

Codice in-8° oblongo de 19 fls., tendo na lombada *Drawings of Headlands, etc by C. W. Browne*, comprado em 1854 no leilão de Mr. Crofton Croker.

Nota — Browne era official a bordo do H. M. S. « Leve » e fez as formozas aquarellas que compõem este volume, escrevendo na pagina fronteira curtas explicações.

Ns. 21, 22 e 23 — Vistas da ilha da Trindade.

Nota — São muito bonitas, sobretudo a do Nine pin Rock. Extraordinaria accumulação de penhascos, rodeados de mar.

Ns. 24, 25 e 26 — Vistas do archipelago de Martim Vaz, com a perspectiva distante da Trindade.

N. 27 — Vista do Cabo Frio.

N. 28— Vista da costa ao norte do Rio de Janeiro.

N. 20793

Codice in-12. de 430 fls., tendo na lombada *Bellas Letras*.

Fls. 341 a 358 — Extracto del Diario de observaciones, hechas en el viage de la Provincia de Quito, al Para por el Rio de las Amazonas; y del Para a Cayana, Surinam, y Amsterdam. Destinado para ser leido en la Asamblea publica de la Academia Real de las Ciencias de Paris. Por Monsr. de la Condamine uno de los tres embiados de la misma Academia á la Linea Equinocial para la medida de los grados terrestres: traducido Del Frances en Castellano, por el mismo, impreso en Amsterdam en la Imprensa de Juan Catufe año de 1745.

Observações

O ultimo codice dos Mss. Add. citado por Figanière é o n. 18208.

N. 20802

Codice in-folio de 279 fls., tendo na lombada *Cartas de Lisboa para Londres 1745-1748*, comprado no leilão de Lord Stuart de Rothesay.

Nota.—Refere-se ás embaixadas de Sebastião Joseph de Carvalho e Mello (Marquez de Pombal) em Vienna e Londres.

Fl. 277.—Original da Carta Patente, em pergaminho, nomeando Dom Antonio Rolim de Moura, Governador e Capitão General dos Estados de Cuyabá e Matto Grosso, para ser

principal Commissario para a fixação da linha de limites entre as possessões hespanholas e portuguezas pela parte do norte da America Meridional; datada de 17 de Agosto de 1758, assignada por El-Rei D. José e referendada por D. Luiz da Cunha, Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros.

N. 20844

Codice in-4º de 373 fls., tendo na lombada *Papeles varios Historicos 1656-1674*, e proveniente do leilão de Lord Stuart de Rothesay. São copias.

Fl. 228.—Outro parecer do Visconde D. Diogo de Lima sobre a liga com a França e Inglaterra contra Olanda e effeitos para ella.

Nota.—Refere-se ás ameaças de guerra por motivo da recuperação da colonia brazileira.

Fl. 308 verso.—Proposição de Sogeitos para Bispo da Bahia com atenção a que a de ser Arcebispo Metropolitano. Assignado—Francisco Correa de Lacerda.

N. 20846

Codice in-4º de 393 fls., tendo na lombada *Papeles Historicos portuguezes y espanoles. Philippe 3. 4 y João 4 Mss.* Pertenceu á collecção de lord Stuart de Rothesay e consta de cartas e papeis, principalmente politicos, referentes á Hespanha e Portugal

Fls. 43 e 44.—Informe de Manoel de Sousa Beça (?) governador do Grão-Pará sobre o estado da colonia nos começos do seculo XVII.

Nota.—E' documento interessante, O nome do governador não figura na lista publicada por Varnhagen.

Fls. 112 e 113.—Carta de Manoel Nunez da Costa, de Amsterdam, para pessoa do Reino, aos 10 de Novembro de 1650.

Nota.—Contém muitas noticias e algumas referencias á guerra de Pernambuco.

Fls. 125 a 128.—Copia de uma bulla do Papa Gregorio XIII sobre os missionarios destinados ás colonias portuguezas no Brazil e a erecção da administração do Rio de Janeiro (19 de Julho de 1575).

Fls. 167 a 176.—Descripção em hespanhol da Bahia de Todos os Santos em 1625.

Nota.—E' papel curioso.

Fls. 318 e 319.—Memorial de fr. Manoel Pereira ácerca do bispado da Bahia e copia de uma carta do cardeal Rospiglosi á regente de Portugal (1674).

Fls. 367 e 368.—Carta de fr. Manoel Pereira, bispo do Rio de Janeiro, ao Papa, datada de Roma, 30 de Maio de 1676.

Nota.—São documentos interessantes para a historia ecclesiastica do Brazil. O cardeal Rospigliosi era sobrinho do Pontifice Clemente IX e fizera um pedido á Côrte Portugueza. Existe mais uma carta do bispo, provavelmente ao confessor da rainha, que não podia deixar de ser consultado nessas intrigas diplomatico-fradescas.

N. 20848

Codice in-4.º de 331 fls., tendo na lombada *Cartas de Estado del Rey D. Fernando el Catolico.*

Fls. 196 a 205.— Cartas e respuestas que huvo de parte de los Olandeses y Don Fradique de Toledo desde 28 de Abril (*de 1625*) hasta 30 que se rendió (*a Bahia*). Copia em bella letra.

Nota.—A Bahia achava-se desde o anno anterior occupada pelos Hollandezes e o documento citado comprehende as capitulações.

Fls. 206 a 212.— Relacion de las armadas de Su Magestad (D. Philippe IV) del dia que llegaron a la Baya e de lo que se tiene hecho

en la expugnacion del enemigo desde 29 de Marzo que fué vispera de Pascua dia en que las dichas armadas dieron fondo en la dicha Baya hasta 22 de Abril que se embió a Pernambuco los papeles de que se saco esta Relacion.

FLS. 212 verso a 213. — Notas tiradas de outra relação (de um particular) sobre o mesmo assumpto.

N. 20936

Codice in-8°. de 50 fls., tendo na lombada *Diario de Portugal 1640 até 1719 Mss.*, e proveniente do leilão de Lord Stuart de Rothesay.

NOTA. — No anno de 1654 refere-se á rendição do Recife e final expulsão dos Hollandezes do Brazil, e aqui e além menciona outros acontecimentos occorridos na Colonia, tudo porém muito concisamente, sem offerecer interesse.

N. 20944

Codice in-4.° de 172 fls., tendo na lombada *Papeles historicos de Portugal Affonso 6 Pedro 2*, adquirido no leilão de Lord Stuart e outr'ora pertencente á collecção de Manuel da Cunha Pinheiro.

FLS. 70 a 74. — Breve relação da chegada a esta Bahia em huma Nao da India aribada o Illustrissimo S^or^. Bispo de Hespaham na Percia Rellig^o^. nosso descalço, D. Fr. Elias de S^to^. Alberto da Provincia de Flandres, e da felix morte que teve em este nosso Convento de Santa Thereza da Bahia, e de alguns sucessos que sucederão depois da sua morte.

NOTA. — E' todo escripto pelo prior Fr. Manoel de Santa Anna e assignado aos 5 de Dezembro de 1708.

Observações

Nem Varnhagen na sua curta relação dos codices comprados pelo Museu no leilão de Lord Stuart, nem o catalogo do Museu no seu indice se refere a este papel.

N. 20949

Codice in-4.° de 360 fls., tendo na lombada *Cortes de Portugal baxo los Felippes 1568—1631*, proveniente da venda de Lord Stuart de Rothesay em 1855. Tem um excellente indice contemporaneo dos documentos, o qual se acha transcripto em Gayangos, vol. II, pag. 85.

Fl. 321 verso. — Ordens de S. M. (Filippe IV), de 27 e 29 de Maio de 1628, relativas ás forças navaes mandadas pelos Hollandezes para Pernambuco e Bahia.

Nota. —Eram os prenuncios do ataque victorioso de 1630.

Fl. 325. — Ordem de S. M. de 18 de Setembro de 1628 sobre uma informação mandada pelo jesuita Juan Crespo de que os Portuguezes (*bandeirantes*) de S. Paulo captivavam Indios e os vendiam como escravos. Termina com as seguintes palavras «...dando las ordenes necessarias para su castigo pues no es justo se permita que vassallos mios cometan semehantes crueldades.»

Nota.—Interessante para a historia dos «bandeirantes.»

N. 20951

Codice in-4° de 256 fls., tendo na lombada *Papeis historicos portuguezes João 4. Mss.*, comprado no leilão de Lord Stuart.

Fls. 1 a 35.—Papeis pelo Padre Antonio Vieira e outros sobre a gente de nação (*hebreus*) para poder volver a Portugal e fomentar o commercio ultramarino, isentando-a da pena da confiscação.

Nota.—Esta opinião do celebre jesuita foi um dos fundamentos para o seu processo pela Inquisição. Tratava-se nessa occasião dos meios de fundar uma companhia de commercio para o Brazil, analoga ás que o Padre Vieira vira funccionar na Hollanda.

FLS. 36 a 46.—Papel impresso—Instituiçam da Companhia Geral para o Estado do Brazil.

NOTA—Seguem-se muitos outros papeis, consultas etc., relativos á Inquisição, sobre livros prohibidos, confiscos, etc., interessando mais a Portugal.

N. 20952

Codice in-4°, tendo na lombada *Papeles historicos sobre Portugal Felippe 3 e João 4. Mss.*, comprado no leilão de Lord Stuart.

NOTA—Entre as 242 cartas officiaes, vindas de Madrid para Lisboa, pela Secretaria d'Estado de Christovão Soares e pela Secretaria ultramarina de Ruy Dias de Menezes, e as 26 cartas officiaes de Philippe de Mesquita, tambem Secretario d'Estado, correspondencia que forma mais de metade do volume, encontram-se algumas sobre transporte de escravos da Africa para o Brazil, Hollandezes prisioneiros, etc. A grande maioria diz comtudo respeito a Portugal, e trata de assumptos de somenos importancia.

N. 20953

Codice in-4° de 347 fls., tendo na lombada *Papeles historicos de Portugal Pedro 2 João 5. Mss.*, comprado no leilão de Lord Stuart.

FLS. 227 a 229.—Relação da mais gloriosa e admiravel victoria que alcançarão as armas de El-Rey D. Affonso 6° neste Reino de Angola contra El-Rey, governando o Sr. André Vidal de Negreiros.

NOTA.—E' o heroe da revolução pernambucana contra os Hollandezes.

FL. 241.—Copia de huma carta que da Bahia escreveo o Marquez de Alorna, vindo de Vice-Rey da India na occasião de sobir ao Trono El-Rey D. José o 1° de Portugal (datada de 30 de Janeiro de 1751).

Observações

Estes dois papeis não constam do indice publicado no catalogo do Museu.

N. 20960

Codice in-4º de 344 fls., tendo na lombada *Antigas Resoluçoens do Dezembargo do Paço*, proveniente do leilão de Lord Stuart de Rothesay. No frontispicio traz o seguinte titulo «Varias resoluçoens tomadas em consultas, e Decretos, que principiou a extrahir dos Livros antigos do Dezembargo do Paço Sebastião Pereira de Castro, e concluio seu Sobrinho José Ricalde Pereira de Castro offerecidas ao Illmo. Exmo. Snr. Conde de Oeyras.....»

NOTA. — E' dividido em materias, classificadas por ordem alphabetica, interessando ao Brazil algumas das divisões —Bahia, Pará e Maranhão, Pau Brazil, etc.

N. 20961

Codice in-4º de 36 fls., tendo na lombada *Contractos reais desde 1745 to 1747Mss.*, proveniente do leilão de Lord Stuart de Rothesay.

NOTA.—O codice é dividido em duas secções: «Ao contador da fazenda desta cidade são sobordinados os seguintes contractos..; ao Provedor da Alfandega................. o contracto do Pao Brazil.....................» E' o unico ponto em que interessa ao Brazil: tudo o mais diz exclusivamente respeito ao Reino.

N. 20966

Codice in-4º de 529 fls., pertencente á collecção de Lord Stuart.

NOTA.—Segundo o catalogo do Museu, é uma collecção de ensaios sobre materias estheticas e politicas, com copias de documentos officiaes e alguns originaes, colligidos pelo genealogista Felix José Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcellos, governador de Pernambuco, e compostos em portuguez, hespanhol e latim. Com effeito, encontram-se ahi papeis administrativos, theologicos, academicos, moraes, etc. e tambem, entre varios papeis impressos intercalados, portuguezes e hespanhoes da segunda metade do seculo XVI e principios do seculo XVII, uma carta Regia de 1693 sobre a Companhia da India com as *Condições* e abundantes considerações sobre esse assumpto. Felix Machado governou Pernambuco de 1711 a 1715.

N. 20986

Codice in-4º de 306 fls., tendo na lombada *Noticias militares da America*, adquirido no leilão de Lord Stuart.

Fls. 19 e 20. —Pequeno papel relativo ás forças militares de Buenos Ayres com referencia á Colonia do Sacramento e guerra do Sul da America entre Portugal e Hespanha.

Fls. 85 a 112. —Diario de las operaciones de la Esquadra y Exercito desde su salida de Cadiz, hasta la suspencion de Armas.

Nota.—Trata do ataque a Santa Catharina, e é documento detalhado e interessante.

Observações

O catalogo do Museu occupa-se muito summariamente deste codice, sem fornecer qualquer indicação sobre o negocio da Colonia do Sacramento.

Ns. 20987-20998

Collecção de 12 codices in-folio, comprados no leilão de Lord Stuart de Rothesay em 1855 e tendo o primeiro delles na lombada contemporanea «Governo do Maranham. Ordens de S. Magestade pela Secretaria del Estado 1750-1758» e os restantes como será descripto. Dizem respeito ao governo de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do marquez de Pombal, e constituem o complemento necessario e indispensavel dos codices existentes na Collecção Pombalina da Bibliotheca Nacional de Lisboa. Os documentos contidos n'aquelles codices são interessantissimos para a historia amazonica, representando a sua chronica dia a dia, detalhada e viva como a derivada de jornaes, durante um decennio, o decennio justamente em que a Amazonia mais occupou a attenção da metropole e mereceu o especial desvelo do grande estadista que durante uma parte do seculo XVIII despertou Portugal do seu lethargo.

TOMO I, de 217 fls. (n. 20987)

São os originaes das cartas regias e despachos dirigidos a Luiz de Vasconcellos Lobo e Francisco Xavier de Mendonça Furtado, successivos governadores do Maranhão, e assignados, os segundos, por Diogo de Mendonça Côrte Real, Thomé Joaquim da Costa Côrte Real e outros. Referem-se aos minimos pormenores da administração militar, civil, ecclesiastica, etc., do Estado.

TOMO II, de 182 fls. (n. 20988)

Traz na lombada « Cartas do serviço de S. Magestade escritas ao governador do Maranhão 1750-1753. » São os officios, em grande parte originaes, dirigidos a Francisco X. de Mendonça Furtado nesses trez annos, assignados por Thomé Joaquim da Costa Côrte Real, membros do Conselho Ultramarino e outros elevados funccionarios da Côrte, e quasi todos referentes á administração da Justiça.

TOMOS III e IV de 194 fls. e 198 fls. (ns. 20989 e 20990)

Trazem na lombada « Governo do Grão Pará e Maranhão, Tomo I. Tomo II. Cartas para a Capitania do Maranham.» O primeiro destes dois tomos é o livro de registro da correspondencia official e particular, nos annos de 1751 a 1757, de Francisco X. de Mendonça Furtado, assistente no Pará, para o governador e bispo da Capitania do Maranhão e varios outros funccionarios da mesma capitania. Encontram-se ahi muitos dados sobre as missões religiosas.

O segundo abrange o registro de cartas de 1754 a 1758, dirigidas especialmente, além do governador, ao juiz de fóra, desembargador, ouvidor, etc. E', não irrealizavel, mas quasi inutil fazer um indice de todas essas missivas. Raro será a que não offereça interesse para a reconstrucção historica do Pará-Maranhão na época da administração pombalina. Sem a consulta da correspondencia de Francisco Xavier, é impossivel fixar completamente a fundação das novas povoações, o alastramento portuguez pelo interior, numa palavra a obra da colonização do Brazil Septentrional com os seus ultimos conflictos com o poder theocratico.

Nota. — Todos estes livros de registro eram destinados a servir na arrecadação da fazenda da alfandega do Pará, provedoria da fazenda, etc. As suas paginas iam todas rubricadas de Lisboa, o n. 20990 por Francisco José Marques Bacalháo, o n. 20998, em 1746, por Alexandre de Gusmão. Na Bibliotheca Nacional de Lisboa acham-se, sob os ns. 159 a 163 da secção XIII dos Mss. (Collecção Pombalina) cinco volumes mais desse registro authentico, que fazem parte desta serie ou antes da immediata, pois que dizem respeito á jurisdicção sobre o Pará e o Rio Negro.

TOMOS V, VI e VII de 200, 197 e 196 fls. (ns. 20991, 20992 e 20993)

Trazem na lombada « Governo do Grão Pará e Maranhão. Tomo I. Tomo II. Tomo III. Cartas para a Capitania do Pará, » e no frontispicio « Registo das cartas em geral que escreve o Illmo. e Exmo. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado nesta Capitania do Pará » de 1751 a 1756. Encontram-se ahi cartas para o padre José de Moraes, o auctor da Chronica da Companhia, F. Pedro de Mendonça Gorjão, Frei José da Magdalena, capitão-mór do Caeté, provincial da Companhia, auctoridades militares, etc., constituindo o diario do *hinterland* amazonico.

TOMOS VIII e IX de 197 e 116 fls. (ns. 20994 e 20995)

razem na lombada « Governo do Grão Pará e Maranhão. Tomo I. Tomo II. Cartas particulares para Lisboa » e abrangem os annos de 1751 a 1757, isto é, o tempo da administração de F. X. de Mendonça Furtado. São cartas de amizade dirigidas a Martinho de Mello e Castro, Pedro da Motta e Silva, marquez de Penalva, conde de Unhão, Sebastião Pereira de Castro, Antonio Rebello de Andrade, etc., encerrando detalhes intimos, a pequena historia do governo.

NOTA. — Quasi metade do volume segundo, depois de fls. 116, está em branco. Na Bibliotheca Nacional de Lisboa, Collecção Pombalina, encontram-se sob ns. 618, e 621 a 624 as cartas dirigidas *a* F. X. de Mendonça Furtado pelos seus correspondentes do Reino e das duas Capitanias. Completam-se portanto a collecção de Londres e a de Lisboa.

TOMOS X e XI, de 197 e 190 fls. (ns. 20996 e 20997)

Trazem na lombada « Governo, etc. Tomo I. Tomo II. Cartas familiares » e constituem o registro, feito pelo proprio punho de F. X. de Mendonça Furtado, da sua correspondencia com o irmão, marquez de Pombal, de 1751 a 1757. Os originaes não figuram na Collecção Pombalina de Lisboa.

Esta é entretanto a parte mais valiosa de toda esta collectanea verdadeiramente preciosa, sendo, como é, intercalada de descripções, relações de viajantes, informes de prati-

cos, etc. Basta citar, como exemplo, a « Noticia do Rio Branco que me deu Francisco Ferreira homem de mais de outenta annos, que tem mais de 50 de navegação do dito Rio, e m'as participou em Mariná.»

TOMO XII, de 192 fls. (n. 20998)

Traz na lombada « Governo, etc. Tomo 1. Resposta ás ordens de S. M. » E' o « livro de registo das informações, contas e respostas » que o Governador Mendonça Furtado deu á Secretaria de Estado e Conselho Ultramarino.

N. 21000

Codice in-4º de 152 fls., tendo na lombada *Cartas para a India 1690—1693 Mss.* e proveniente da venda de Lord Stuart de Rothesay.

NOTA. — E' um livro de registro particular, com indices muito completos e muito bem feitos, contendo a historia de Pernambuco, miuda e inteira, num periodo pouco conhecido, qual o da administração do marquez de Monte Bello, cujas armas se acham lindamente desenhadas á penna no frontispicio do codice.

FLS. 1 A 13. — Cartas d'El-Rey N. S. D. Pedro II vindas na frota do anno de 1690 para o governador de Pernambuco D. Antonio Fellix Machado da Silva e Castro, do seu Conselho e Marquez de Monte Bello.

FLS. 14 A 31. — Cartas do dito Senhor vindas na frota do anno de 1691 para o dito Governador.

FLS. 32 A 49. — Cartas de Sua Magestade vindas na frota de 1692 para o dito Governador.

FLS. 50 A 75. — Respostas ás cartas de Sua Magestade do anno de 1690.

FLS. 76 A 101. — Respostas ás cartas de Sua Magestade do anno de 1691.

FLS. 102 A 145. — Respostas ás cartas de Sua Magestade do anno de 1692.

FLS. 146 A 148. — Trez cartas para Roque Monteiro Paim.

Fls. 149 a 151.—Carta e soneto dirigidos ao Marquez de Monte Bello.

Fls. 151 e 152. —Lista dos Governadores que houve nestas capitanias desde o anno da restauração de 1654 athé o prezente, continuada até 1715, com D. Lourenço de Almeida.

N. 21003

Codice in-4º de 29 fls., tendo na lombada *Questão sobre a colonia do Sacramento*, adquirido no leilão de Lord Stuart.

Fls. 1 a 9.— Demonstracion convincente de la extension del Territorio, en que está situada la Colonia del Sacramento.

Nota.— Na primeira pagina tem um mappa desenhado á penna do alludido territorio. A primeira parte do documento é numa bella calligraphia, seguindo-se-lhe outros papeis sobre o mesmo assumpto, em letra diversa.

N. 21004

Codice in-folio de 689 fls., tendo na lombada *Tratados de paz y papeles diplomaticos*. Pertenceu á collecção de Lord Stuart de Rothesay, vendida em leilão em 1855 e consta na maioria de copias.

Fls. 62 a 101—Tratado de limites de 1750 relativo ás possessões de Portugal e Hespanha na America Meridional, e sua ratificação por D. João V.

Nota. —Impresso na Collecção de Tratados de Borges de Castro.

Fls. 102 a 192—Relacion historica de los sucesos politicos y militares ocurridos con motivo del establecimiento de la linea divisoria que las partidas de comisionados embiadas al Rio de la Plata por las Cortes de Madrid y de Lisboa demarcaron en la America Meridional, con

arreglo y por virtud del tratado de limites concluido entre Su Magestad Catholica y Fidelissima en Madrid a 13 de Enero de 1750. Escrita por uno de los oficiales comisionados del Rey nuestro Señor para las observaciones astronomicas y geograficas que sirvieron à la expressada demarcacion.

N. 21262

Codice in-8° de 251 fls., tendo na lombada *Catecismos en Guarani*, comprado a Stevens em 1856. E' todo escripto numa bella calligraphia uniforme, quasi parecendo impresso.

FLS. 1 a 40—Catecismos varios, y Exposiciones de la Doctrina christiana en lengua guarani. A proposito para hazerlas á los Indios, dispuestas por algunos Padres de la Compañia de Jesus. y recogidas en la doctrina de S. Nicolas. Año 1716.

FLS. 41 a 63—Doctrina christiana con su breve declaracion por preguntas, y respuestas por el Padre Gaspar de Astete de la Compañia de Jesus. nuevamente corregida por el mismo y trad. en lengua guarani por otro Padre de la misma Compañia.

FLS. 64 a 96—Catecismo y exposicion breve de la doctrina christiana compuesto en castellano por el P. M. Geronymo de Ripalda de la Compañia de Jesus. aora nuevamente emendado y traducido en guarani por Francisco Martinez con quatro tratados muy devotos.

FLS. 97 a 147—Catecismo maior o doctrina christiana, clarissima y brevissimamente explicada, y repartida, en quarenta y quatro lectiones, por un Padre de la Compañia de Jesus. y traducida en lengua guarani por otro Padre de la misma Compañia.

Fls. 148 a 205 —Varias doctrinas en lengua guarani por el P. Simon Bandini de la Compañia de Jesus. insigne lenguaraz. O. A. M. D. G.

Fls. 206 ao fim—Compendio de la doctrina christiana para niños compuesto en lengua francesa por el R. P. Francisco Pornaii de la Compañia de Jesus. y trad. en lengua guarani por el P. Christoval Altamirano de la misma Compañia.

N. 21592

Codice in-8° de 19 fls., tendo na lombada *Portolano XVI Cent.*, comprado em 1846 a Th. Thorpe. E' um portulano italiano, do seculo XVI, desenhado a côres e ouro sobre pergaminho e abrangendo successiva e separadamente todo o mundo então conhecido, depois de começar por um mappa-mundi com os dois hemispherios. A parte dedicada ao Brazil é muito resumida e pouco ou nenhum interesse offerece, a não ser para a historia da cartographia no tempo dos descobrimentos.

N. 22587

Codice in-8° de 73 fls., tendo na lombada *Miscell: Historical Papers, etc.*, comprado no leilão do Dr. Bliss em 1858. Contem um indice, o qual se encontra, muito mais desenvolvido, no Catalogo Official do Museu, volume referente aos annos de 1854 a 1860, pag. 680. Encerra varias cartas de Sir Walter Raleigh ao Rei, ao Secretario d'Estado Sir Ralph Winwood, etc., em que trata da Guyana. Algumas dessas cartas acham-se publicadas nas suas *Obras* (Oxford, 1829) ; outras não.

Observações

Tambem se encontra uma carta de Sir Walter Raleigh relativa á Guyana a fl. 2 do codice n. 29598 (Mss. Add.)

N. 22953

Codice in-4° de 332 fls., tendo na lombada *Letters of eminent Dutchmen 1589-1775.*

Fl. 31. — Carta de J. Gaspar Dias, em hespanhol, datada da Haya aos 3 de Junho de 1645.

Nota. — Era o tempo da occupação hollandeza no Norte do Brazil, e Gaspar Dias ia partir para o Brazil, ao que faz allusão.

N. 25353

Codice in-8° de 175 fls., tendo na lombada *Obras varias poeticas*, datando da segunda metade do seculo XVII e comprado a A. A. Burt em 1863. O frontispicio diz — Mecelanêa de obras varias — e traz a seguinte nota manuscripta — Written in the Jesuits College at Coimbra in Portugal and never printed.

Fl. 7 verso.— A hum retrato, por Gregorio de Mattos. Soneto começando pelo seguinte verso:

Se ha de ver quem hade retratar-vos

e terminando:

pintor, pintura, original e copia.

Fls. 114 a 116 verso. — Ao sentimento del Rey Dom Pedro 2° de Portugal na morte da Princeza Dona Isabel sua filha por Gregorio de Matos, tomando por mote este soneto:

Se a darte vida a minha dor bastara

Fls. 116 verso a 119 verso. — Satyra composta pelo mesmo Gregorio de Matos contra o Juiz da Moeda, começando:

Marinicolas todos os dias,

e terminando:

sendo inda ontem hũ vilão roim

Fls. 119 verso a 120 verso. — Satyra composta pelo mesmo aos moradores do Brazil, começando:

Hũ vendilhão baixo, e vil

e terminando:

e vai gostalla aos contornos
mil cornos

Fls. 127 verso a 129 verso. — Ode ao conde de Obidos Dom Vasco Mascarenhas Virrey e Capitam General de todo o estado do Brazil pellos elogios de seu filho Dom Martinho, pello Padre Francisco de Matos.

Observações

Gayangos dá noticia deste codice, mas não transcreve o seu indice, só se interessando pelas cousas hespanholas. As poesias satyricas de Gregorio de Mattos foram editadas no Rio de Janeiro por Valle Cabral, encontrando-se as lyricas dispersas em anthologias, historias litterarias e especialmente collecções manuscriptas, O *Florilegio* de Varnhagen attribue no seu 1° volume avultado espaço ás producções de Gregorio de Mattos.

N. 27303

Mappa em pergaminho, com pinturas, medindo 0m,99×0m,81. outr'ora pertencente ao Sr. Olivieri e representando as linhas de costas de parte da Europa, Africa e America. Feito por Bastiam Lopez, 15 Novembro 1558.

N. 27601

Codice in-folio de 276 fls., tendo na lombada *Grammatical collections for the guarani language* e comprado a Mrs. Ouseley em 1867.

NOTA.—Ouseley foi ministro inglez no Rio de Janeiro por volta de 1840, publicando um formozo album de vistas brazileiras. Este volume de notas manuscriptas sobre guarani foi compilado em Assumpção em 1856—57, onde elle provavelmente viveu como representante diplomatico acreditado em todo o Rio da Prata.

O codice começa pela traducção de parte do trabalho de um official de engenheiros hespanhol, o qual foi mandado seguir para Buenos Ayres com o capitão Varela y Ulloa e outros officiaes de marinha afim de demarcarem a fronteira hispano-portugueza de accordo com o tratado de 1777: passou então 13 annos no Paraguay e lugares circumvizinhos. Seguem-se extractos traduzidos de outros trabalhos antigos, observações grammaticaes, vocabularios, notas bibliographicas, observações sobre o Paraguay, alguns documentos originaes, etc., formando o conjuncto uma obra bastante extensa.

N. 27602

Codice in-4.° de 224 fls., tendo na lombada *Topographical and Scientific Notes on Paraguay*.

E' o segundo volume dos apontamentos do ministro Ouseley, constando de extractos e transcripções de Azara, Herndon e Gibbon, Page, Ferdinand Denis, Charlevoix, etc.; desenhos e mappas copiados

dos mesmos auctores; quadros de distancias; impressões pessoaes de viagem; notas philologicas, ethnographicas, etc.; vocabulario guarani; lista da fauna do Paraguay; receitas medicinaes, em que são principalmente empregadas hervas medicinaes do Paraguay. Muitos desses apontamentos interessam ao Brazil.

N. 28423

Codice in-folio de 463 fls., tendo na lombada *Correspondence of Don Juan de Borja with the Duke of Lerma Vol. II June 1600—Mar. 1601.*

Fl. 285 — Consulta sobre a urca que ha de ir ao Brazil a buscar a pimenta, e fazenda da nao Saint Martin que la sta.

Nota. — E' um simples apontamento, com a indicação — Pera S. Magestade assinar.

N. 28428

Codice in-folio de 454 fls., tendo na lombada *Letters to Don Juan de Borja, Conde de Ficalho, Vice Roy of Portugal, vol. III, 1606.*

Nota. — O indice deste codice encontra-se na integra no Catalogo de P. de Gayangos.

Fl. 213—Dernis Lhermite sobre las minas (*1 mina de prata*) de San Vicente en el Estado del Brasil: offrecese á hacer venir de Alemania a estos Reynos de España maestres y officiales con todos los pertrechos y materiales necessarios, toda a costa del supplicante.

Fls. 299 a 306 — Papel anonymo em forma de memorial propondo os meios de melhorar a Real Fazenda.

Nota. — Refere-se de passagem ao Brazil.

N. 28439

Codice in-4.° de 162 fls., tendo na lombada *Register of letters of the Commandant of the Castle in the I. of Terceira 1622 — 1631 Spanish.* No frontispicio reza: Cartas escritas al Rey Nuestro Señor y sus Consejeros de Estado y Guerra por el Maestre de Campo Don Pedro Estevan d' Avila Castellano del Castillo St. Ph. de la Isla Tercera y Governador de la Gente de Guerra desde que se le hiço merced del cargo del dicho Castillo.

FLS. 151 a 158—Cartas escriptas pelo mesmo do Rio de Janeiro ao Rei d'Hespanha pelo Conselho das Indias, entre Julho e Novembro de 1631.

NOTA.— São interessantes para a historia da occupação hollandeza do Norte.

N. 28461

Codice in-4.º de 283 fls., tendo na lombada *Papers relating to Portugal etc. 16th and 17th Centt. Span. and Portug.*

NOTA. — E' o tomo XIII de uma collecção hespanhola e o seu indice, publicado no catalogo do Museu, é deficiente.

FLS. 41 a 43—Declaração do que contem o Mapa dos portos do Rio das Amazonas até a Ilha de Santa Margarida donde se pescam as Perolas.

NOTA. — E' a explicação detalhada de um mappa que falta.

FLS. 50 a 52 — Relação do que ha no Grande Rio das Amazonas novamente descuberto.

NOTA. — Deve ser uma copia de papel mais antigo. A mór parte destes papeis são relações contemporaneas do dominio hespanhol, copiadas porém no decorrer do seculo XVIII.

FLS. 95 a 102.— Razones que no se deve imprimir la Historia que tratta de las guerras de Pernambuco compuesta por Duarte de Albuquerque en su nombre, o ajeno, por los inconvenientes que rezultan de esto contra el servicio de V. Mag.d.........

NOTA. — Papel bem interessante para a historia dos donatarios de Pernambuco, e do livro de D. de Albuquerque, impresso em 1654.

FLS. 151 e 152. — Descripção do Rio Grande (*do Norte*).

FLS. 179 a 184—Roteiro de Pernambuco ao Maranhão. Jornada, que fizemos da Capitania de

Pernambuco com a Armada em que veyo por Capitão-mór Alexandre de Moura a conquista do Maranhão e trouxe por piloto na Capitana a Manoel Gonçalves o Regafeiro de Leça.

NOTA.— E' a relação feita por este piloto, e para mim desconhecida.

Observações

Encadernado no fim do codice encontra-se o Regimento impresso em Madrid dos Capitães móres, e mais Capitães, e Officiaes das companhias da gente de pé, e de cavallo: e da ordem que terão em se exercitarem.

N. 29299

Codice in-8.° de 159 fls., tendo na lombada *Florida Blanca Represent.*, comprado em 1873 a E. Pearne. No rosto diz—*Representacion hecha al Sñr Rey Don Carlos 3.° por el Conde de Florida Blanca*, e é datado de 6 de Outubro de 1789. Copia em boa letra contemporanea da defeza.

NOTA.—Bastante interessante para a nossa historia diplomatica no seculo XVIII, sobretudo pelas longas referencias á questão das Missões e ás negociações para o tratado de 1777, entaboladas e executadas com Portugal por intermedio de D. F. Innocencio de Souza Coutinho.

N. 30097

Codice in-4° de 109 fls., tendo na lombada *Sir Robert Wilson Journals, Vol. III 1805-1806*. Faz parte de uma immensa collecção de papeis de Sir Robert Wilson, personagem muito conhecido na historia ingleza do começo do seculo XIX, o qual pelejou na Hespanha e em Portugal contra os francezes e andou tambem mettido em negociações diplomaticas depois do restabelecimento dos Bourbons. Os papeis de Sir Robert Wilson dizem quasi exclusivamente respeito ao Reino Portuguez e não ao Brazileiro, mas ainda assim encontra-se neste codice:

FLS. 9 a 18.—Memorandum of S. Salvador da Bahia, 1805.

NOTA.—Escripto *sur place* e contendo uma descripção da capitania nesse anno, pouco tempo antes da trasladação da côrte para o Rio de Janeiro.

N. 30141

Codice in-4º de 43 fls., tendo na lombada *Sir Robert Wilson. Papers relating to America 1811-1841.* São todos papeis relativos á independencia sul-americana, desde o Mexico até Buenos-Ayres, incluindo:

FL. 25.—Official value of Exports to Brazils ending 5th. January 1827.

NOTA.—Intercalado nos documentos, tambem se encontra neste codice o numero da *Cronica Politica y Literaria* de Buenos Ayres, de 28 de Junho de 1827, no qual vem publicado o tratado firmado no Rio de Janeiro a 24 de Maio de 1827 pelo enviado Manoel J. Garcia e as instrucções que haviam sido dadas ao referido enviado pelo governo de Buenos Ayres, o qual repudiou o tratado, que ratificava a posse da Cisplatina pelo Imperio, motivo da guerra.

N. 30262

Codice in-4º de 92 fls., tendo na lombada *Autographs 16th.-19th. Centt.*

FLS. 63 a 65 — Duas cartas do duque de Sussex, irmão de Jorge IV, datadas do palacio das Necessidades, em Lisboa, aos 31 de Julho e 1º de Agosto de 1803 e relativas a uma desavença com os ministros do Principe Regente D. João.

Nota — Como os homens d'Estado que então rodeavam o Principe Regente desempenharam depois papel conspicuo no Brazil, é curioso conhecer-lhes os antecedentes politicos e sociaes.

N. 30695

Codice in-folio de 247 fls., tendo na lombada *Espagne Riviere d'Andaye Biscaye Portugal Instructions de l'Empereur Charles V. 55 et 56.*

FLS. 148 a 164 — Papeis referentes a Portugal antes da união com a corôa de Castella, tratados celebrados com a Hespanha e a França em que se regulam as relações commerciaes, indirectamente occupando-se do Brazil.

N. 31236

Codice in-4° de 166 fls. tendo na lombada *Despatches from Sir C. Stuart, Envoy to Portugal, to Lord Castlereagh, 1812. Bequeathed by Lord Bexley.* E'a correspondencia official de Sir Charles Stuart, mais tarde o negociador do reconhecimento do Imperio Brazileiro, com o secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros Lord Castlereagh.

Comprehende cartas de Lisboa, Madrid, Salamanca etc., e versa quasi exclusivamente sobre finanças portuguezas, situação do Erario e condições mercantis, além de assumptos militares.

Fls. 102 a 107 — Copias de duas cartas escriptas do Rio de Janeiro, em Junho de 1812, pelo ministro Strangford a Sir Charles Stuart e contendo apreciações sobre o Principe Regente, a Princeza do Brazil, os ministros, etc.

Observações

Lord Bexley, que legou os seus papeis ao Museu Britannico, é mais conhecido pelo seu nome primitivo de Vansittart, sob o qual occupou durante o primeiro quartel do seculo XIX o cargo de *Chancellor of the Exchequer*. Interessava-se extraordinariamente por politica estrangeira e correspondeu-se longamente com os Generaes Dumouriez e Miranda.

N. 31237

Codice in-4°. de 293 fls. tendo na lombada *Miscellaneous Papers of Lord Bexley 1796-1844. Bequeathed by Lord Bexley.* E' uma curiosa collecção de manuscriptos originaes, de diversos auctores, em que se encontram muitos traços referentes á independencia da America Latina e ao trafico de escravos.

Fls. 182 a 191.—Papel relativo ao Brazil no anno de 1808, tratando da trasladação da familia real portugueza e discutindo a conveniencia da abolição do trafico, como o melhor meio de arruinar a concurrencia do Brazil aos estabelecimentos inglezes das Indias Occidentaes.

Nota. — Documentos preciosos para o estudo da opinião britannica antes da negociação dos tratados de 1810.

Fls. 214 a 225 e 226 a 236. — O acto da Federação (impresso) das Provincias Unidas da Nova Granada, seguido d'*Observations sur l'Amérique Unie.*

Fls. 258 a 265. — Papel sobre a resposta de Villèle, presidente do conselho de ministros francez, e do barão de Damas, ministro dos negocios estrangeiros, concernente ao reconhecimento da America Hespanhola.

Observações

Não se acha mencionado em P. de Gayangos.

N. 31317

Codice in-folio de 42 fls. mettido dentro duma caixa de marroquim e tendo na lombada *Universalis Orbis Hydrographia F. Vaz Dourado.* Foi dado em 1872 pelos Lords do Almirantado. E' uma collecção de mappas, sobre pergaminho, trazendo a seguinte nota mss. «This manuscript appears to have been written in the year 1546 In the reign of John 3 King of Portugal when the Portuguese Nation had completed their Discoverys and Conquests in Africa, Asia and America, at the time when their navigation and Commerce was in the most flourishing State: Their various Settlements are here exhibited in 21 sheets of Sea Charts etc neatly delineated with the pen, in the Portuguese Language. Lisbon 1772». A Junta do Almirantado inglez comprou-a em Lisboa no mez de Abril de 1792. A data em que foi desenhado o portulano deve porventura ser um pouco modificada porque a figura de São Sebastião, que se encontra pintada do outro lado do frontispicio, faz crêr que já reinava o neto de D. João III, o rei D. Sebastião, a quem teria sido offertado o bellissimo trabalho. D. Sebastião nasceu, filho posthumo do infante D. João, em 1554 e herdou o throno em 1557, trez annos depois.

O frontispicio inclue o escudo d'armas de Portugal e a seguinte legenda — Este livro fes Fernão Vaz Dourado. Numa rica bordadura lêse: «Universalis et integra Totius Orbis Hidrographia Ad verissimam Luzitanorum traditionem Descripcio. Fernão Vaz Dourado». Logo o primeiro mappa é da America do Sul quasi toda, occupando sua parte extrema meridional, do Rio da Prata ao Estreito de Magalhães, o segundo mappa, e sua parte extrema septentrional, acima do Amazonas, e o mar das Antilhas, o oitavo mappa. Todos elles são lindamente ornamentados com bandeiras, escudos, etc., conservando-se o colorido e o dourado tão frescos e vivos como si tivessem sido assentados hontem. No fim, tabellas cosmographicas artisticamente desenhadas sobre pergaminho.

Nota. — O Sr. barão do Rio Branco publicou (Atlas citado dos mappas anteriores ao Tratado de Utrecht, ns. 18.ª,

18.[b], 22.[a], 22.[b], 26.[a] e 26.[b]) mappas manuscriptos da America do Sul executados por F. Vaz Dourado em 1568, 1571 e 1580, e existentes na Bibliotheca Real da Ajuda, Torre do Tombo e Bibliotheca Real de Munich.

Parecem, numa summaria inspecção, reproducções do anterior portulano, cuja data deve, por uma razão mais, ser collocada depois de 1546. Os outros trez portulanos são de datas muito proximas nma das outras.

N. 31320 A.—D.

B. — Mappa do Atlantico do Sul, com as costas da Europa Occidental, Africa e America do Sul, feito por Nicholas Comberford, de Radcliffe, no anno de 1647. Colorido, sobre pergaminho, e medindo $1^{m},03 \times 0^{m},73$.

C. — Mappa do Atlantico do Sul, com as costas da Europa Occidental, Africa, America do Sul, Arabia e India, feito por João Teixeira Albernas, no anno de 1676. Sobre pergaminho, medindo $1^{m},19 \times 0,^{m}81$.

Observações

Vide, com relação aos mappas de João Teixeira, o que se acha dito por occasião do n. 17938. C.

N. 31321

Mappa total da Africa e America do Sul e parcial da Europa Occidental e America Septentrional, desenhado sobre papel, pregado em tela, e medindo $1^{m},32 \times 1^{m},03$. Está mettido numa caixa, com o distico—Chart of the Atlantic Ocean. Feito em Lisboa, no anno de 1688, por Joseph da Costa e Miranda, o qual subscreveu seu trabalho e por elle espalhou figuras humanas, animaes, montanhas, tornando-o quasi um cosmorama.

N. 31357 Q 3—W 3

Dois mappas desenhados á penna, medindo o primeiro 50 cm. de comprimento sobre 32 cm. de largura, e representando a Bahia de Todos os Santos; e medindo o segundo 72 cm. de cómprimento sobre 51 cm. de largura. O primeiro é copiado sobre outro, e o segundo, que representa a Capitania do Rio Grande (do Norte), é aquarellado, de auctor hollandez, e tem no lado esquerdo superior as armas da Capitania, symbolisadas pelos conquistadores batavos numa seriema.

Ns. 32253—32257, 32258—32305 e 32307—32309

Os cinco primeiros volumes são as minutas, para serem postas em cifra, de despachos do Foreign Office para os representantes britannicos no estrangeiro, de 1760 a 1839, com as chaves das cifras, e os restantes são decifrações dos despachos dos Governos Estrangeiros para os seus representantes na Grã Bretanha e em outros paizes, e Officios desses representantes com as chaves das cifras. O codice n. 32300, a partir de fls. 206, é referente a Portugal, annos de 1725 a 1857, e as chaves das cifras acham-se no codice immediato, n. 32301. Apenas indirectamente interessa ao Brazil. Encontram-se despachos e officios de Diogo de Mendonça Côrte Real, Galvão Castello Branco, D. Alexandre de Souza Holstein (pai do duque de Palmella), etc. Os codices ns. 32307 a 32309 contêm registros das cartas dos ministros estrangeiros em Londres e outras partes, nos annos de 1716 a 1725, e 1766 a 1772.

N. 32605

Codice in-4.º de 151 fls., tendo na lombada *Buenos Ayres Expulsion of Jesuits 1767-1770* e pertencente á collecção formada pelo consul britannico no Rio da Prata Woodbine Parish, a quem Canning se refere repetidamente nas suas cartas e instrucções relativas ao reconhecimento politico da America Latina. Este codice contem, em originaes e copias, os papeis relativos áquelle acto simultaneamente levado a effeito por Pombal, Aranda e Choiseul, na parte concernente ao Rio da Prata, Paraguay, etc., abrangendo a correspondencia entre o capitão general e governador das provincias de Buenos Ayres, Paraguay e Tucuman, Bucarelli y Ursúa, o conde de Aranda e o governador de Montevideo D. Agustin de la Roza.

Nota. — Encontra-se em Gayangos um excellente indice, copiado do do proprio codice, feito por Parish. Alguns dos documentos dizem respeito especialmente ao Brazil, interessando muito as Missões.

Fl. 21. — Resumo de uma carta do Vice Rei do Brazil, conde de Azambuja, declarando ter recebido ordens do Rei de Portugal para repôr as cousas no Rio Grande (do Sul) no estado anterior á invasão de 28 de Maio (30 de Novembro 1767).

Fls. 22 e 25. — Copia da mesma carta.

Fls. 28 e 29. — Copia da carta de Bucarelli para Aranda incluindo outra para o Rei dirigida pelos corregedores e caciques dos 30 povos

situados entre os rios Uruguay e Paraná (Buenos Ayres, aos 27 de Março de 1768).

Fl. 30—Original da resposta do conde de Aranda (Madrid, aos 9 de Setembro de 1768).

Fls. 52 e 53. — Lista dos regulares da Companhia de Jesus que existem nas Missões.

Observações

O estudioso do conflicto das Missões procederá acertadamente percorrendo este codice, porque encontrará nelle documentos que, si bem que pertencentes tão sómente á historia do dominio hespanhol no Rio da Prata, são valiosos para o conhecimento do estado de espirito que conduzio á rebellião dos povos indigenas contra as resoluções do poder civil, em defeza da organização theocratica.

N. 32606

Codice in-4.º de 122 fls. tendo na lombada *Mss. Buenos Ayres 1776-1798—Instructions and Correspondence* e dentro a seguinte nota do punho de W. Parish — *All secret and confidential papers (political) n. 1 of Original Documents from the Archives of Buenos Ayres.* Como os demais desta collecção, comprado a C. W. Parish em 1885 e contendo um indice que Gayangos traduzio, neste cazo porem melhorando-o muito.

Fls. 3 a 8. — Instrucções do Rei de Hespanha a D. Pedro Cevallos ao partir como primeiro Vice-Rey para Buenos Ayres com o exercito, afim de tomar Santa Catharina e iniciar as hostilidades com os Portuguezes (15 de Agosto de 1776). — Copia.

Fl. 9. — Original da carta com que o ministro Galvez remetteo a Cevallos as copias do tratado de paz (Novembro de 1777).

Fl. 11. — Original de uma carta do mesmo ministro sobre o tratado definitivo de limites com Portugal.

Fls. 29 a 48. — Correspondencia original sobre a remessa do numerario em 1798, 1799 e 1800

pela esquadra portugueza a partir do Rio de Janeiro, onde era vice-rei o Conde de Rezende, a qual iria a Montevideo buscar aquelles valores, o que todavia foi empatado pela chegada de embarcações francezas. O porto de Cadiz achava-se bloqueado, aconselhando portanto a utilisação do de Lisboa como meio de importar os valores coloniaes.

NOTA.—O resto do volume é occupado com correspondencia official trocada entre Madrid e Buenos Ayres sobre a expulsão dos Jesuitas e a expulsão dos Inglezes das ilhas Falkland. Existem porém neste codice, alem dos documentos acima mencionados, muitos outros, de interesse para a primitiva historia da Independencia sul-americana, versando, entre outros assumptos, sobre boatos de armamento exportado da Inglaterra, emissarios mandados da Europa e receios de ataques britannicos ás colonias hespanholas na America.

Observações

O codice de numero immediato — 32607—, pertencente a esta collecção, nada tem que vêr com o Brazil, tratando todo das invasões inglezas no Rio da Prata em 1806—1807.

Ns. 32608 e 32609

Codices in-4°, o segundo de 299 fls., tendo na lombada «Mss. Buenos Ayres 1808—1809». Pertencem á mesma collecção e têm excellentes summarios do collector, reproduzidos por Gayangos, volume IV pag. 285 e seguintes.

NOTA.—Os originaes e copias contidos nesses dois codices são do mais alto interesse para o periodo da historia brazileira que corresponde ao reinado americano de D.João VI e para o inicio da independencia hispano-americana, contendo nomeadamente as melhores contribuições para a fixação dos precedentes da questão da Cisplatina.

(N. 32608)

FLS. 5 A 9.—Officio de Liniers, Vice Rey de Buenos Ayres, ao Principe da Paz, dando-lhe conta da trasladação da Familia Real Por-

tugueza para o Rio de Janeiro, dos *perfidos* designios de D. Rodrigo de Souza Coutinho, das medidas que estava tomando no Rio da Prata para pôr-se em estado de defeza, etc. (31 de Maio de 1808).

Fls. 10 a 14.—Carta de Paulo José da Silva Gama, Governador do Rio Grande do Sul, de 8 de Abril de 1808, acreditando Xavier Curado numa missão confidencial sobre as relações politicas e commerciaes entre as possessões limitrophes das duas Corôas, e outra correspondencia, em original e copia, travada sobre o assumpto.

Fls. 15 a 22.— Correspondencia trocada entre Liniers e o Principe da Paz sobre as occorrencias do Rio de Janeiro.

Fls. 23 e 24.— Proclamação de Fernando VII em Montevideo.

Fls. 26 a 31 e 36 a 46.— Missão do Marquez de Sassenay junto de Liniers e missão do brigadeiro Goyeneche, mandado pela Junta de Sevilha a Buenos Ayres: documentos sobre ambas, tratando da acclamação de Fernando VII, em particular a correspondencia com os outros vice-reinados.

Nota.— Sobre a primeira missão o marquez de Sassenay, descendente do emissario, publicou um pequeno volume em 1892 (edição Plon, Nourrit & C.).

Fls. 67 a 155.—Intrigas platinas de D. Carlota Joaquina: cartas da Princeza do Brazil para Liniers; papeis relativos á sublevação de Elio, formando em Montevideo outra junta de governo, dependente da de Sevilha; circular de Liniers sobre este assumpto; carta de D. Rodrigo de Souza Coutinho ao Governa-

dor de Potosi; carta de Goyeneche ao mesmo; relação prestada por Liniers a 21 de Junho de 1809 ao ministro D. Antonio Cornel, da Junta Suprema de Sevilha. Copias e originaes.

NOTAS.— A relação de Liniers para Cornel é uma communicação desenvolvida e valiosa, tendo annexos documentos capitaes como uma carta de D. Rodrigo de Souza Coutinbo (conde de Linhares) ao Cabildo de Buenos Ayres; as actas, datadas do Rio aos 23 de Novembro de 1808, das occorrencias passadas á fragata hespanhola *La Prueba*; uma carta de D. Carlota Joaquina ao Vice-Rei Liniers, com a resposta deste; varios papeis concernentes á missão Sassenay, etc.

(N. 32609)

Consta este codice de communicações de Liniers para a Junta Suprema, na pessoa de D. Antonio Cornel, ministro da guerra, relativas á sublevação do governador Elio, de Montevideo; aos conflictos entre Montevideo e Buenos Ayres; aos successos connexos com a acclamação real de Fernando VII; numa palavra, encerra a chronica diaria dos acontecimentos immediatamente anteriores á libertação do Rio da Prata em 1810. Não diz propriamente respeito ao Brazil, mas occupa-se de factos inseparaveis da nossa historia, posto que de caracter domestico, como a substituição de Liniers pelo Vice-Rei Cisneros e embarque daquelle para Hespanha.

N. 32795

Codice in-folio, tendo na lombada «Newcastle Papers — Vol. CX — Correspondence of the Duke of Newcastle (diplomatic). May — Sept. 1737.»

FLS. 4 a 13. —Correspondencia de Lisboa, de Lord Tirawly, com copias de outros papeis, sobre a cessação das hostilidades na America do Sul. Na correspondencia de Hespanha e outra correspondencia encontram-se, disseminadas neste volume, mais referencias áquella paz, que interessa particularmente a historia da Colonia do Sacramento.

N. 34205

Codice in-folio de 146 fls., contendo o Diario de uma expedição do Pirára ao Alto Corentyno e dahi a Demerara, realizada em 1843 por Schomburgk (Roberto Hermann) com o intuito de explorar os limites da Guyana Ingleza.

NOTA.—Impresso no «Journal of the Royal Geographical Society», vol. XV, 1845.

N. 34240 A—O

Coll.ção de mappas.

N — Mappa colorido da Guyana, desde Ponta de Araza, em frente á ilha Margarida, até á foz do rio Amazonas, incluindo a ilha da Trindade. Feito sobre pergaminho por Gabriell Talton em 1608; data no emtanto incerta porque foi visivelmente posta sobre outra, que foi apagada. Mede 0m,80 × 0m,60.

Observações

Deste cartographo publica o Snr. Barão do Rio Branco, no Atlas cit. publicado para servir de annexo á primeira Memoria sobre a questão do Contestado limitrophe da Guyana (n. 50), um outro mappa, de 1602, conservado na Bibliotheca Nacional de Florença. A ortographia do nome é, na obra do Snr. Barão do Rio Branco, Tatton.

N. 34246

Codice in-folio de 128 fls., tendo na lombada «Lieut. Pitonays Journal of voyage, 1706-1709», comprado em 1892 no leilão Apponyi. No frontispicio reza: «Despart du port Louis pour le voyage de la Coste des Indes d'Espagne dans le vaisseau le Patriarche de 24 cannons commandé par Monsieur Darquistade appartenant à Mr. du Halay Descaseau.»

NOTA.—Esta embarcação havia anteriormente feito uma feliz viagem a Vera Cruz e foi então mandada para Buenos Ayres, ao mesmo tempo que outro navio do mesmo dono ou armador partia com destino ao Pacifico. Na ida e na volta o *Patriarcha* avistou e tocou no Brazil. O volume mencionado é mais um diario de bordo, um *log-look* como

o denominam os Inglezes, do que uma descripção de viagem, mas ainda assim encerra notas aproveitaveis. E' todo entremeado de aquarellas no texto e em folhas separadas, representando uma dellas a ilha de Santa Catharina.

N. 35839

Codice pertencente á collecção dos chamados Hardwicke Papers, Vol. CCCCXCI, e intitulado *Miscellaneous Historical Collections, 1700-1817*. Consta principalmente de copias, incluindo:

Fls. 372.—Parallele de toutes les Actions qui se sont passées entre les Portugais et Espagnols au Sud du Brezil depuis le commencement des Hostilités 1772-76.

Nota.—Refere-se á guerra em que foi tomada e occupada a ilha de Santa Catharina, sobre a qual existem no Museu tantos outros documentos.

Observações

Tanto este documento como o immediato, não me foi possivel examinal-os por não se acharem ainda á disposição dos leitores. Encontrei menção delles no Catalogo em preparação, das acquisições de 1894 a 1899, cujas provas me foram obsequiosamente communicadas por um dos superintendentes da secção dos Mss, o Sr. J. A. Herbert, e que brevemente será tornado publico.

N. 36297

Codice intitulado *Miscellaneous Autographs and Papers*, o ultimo do *Catalogo* no anno de 1899.

Fls. 10 e 11.—Carta de D. Pedro I do Brazil, assignada *Imperador*, e dirigida á Marqueza de Santos a 22 de Maio de 1828, com minuta da resposta. Traz a seguinte menção—Dada pelo Dr. Mello Moraes Filho.

Numeros dos codices descriptos na presente relação

Bibliotheca Harleiana.—Ns. 167, 3450, 4547, 4803, 6991.

Bibliotheca Cottoniana.—Augustus I vol. 1, Nero B I, Galba C VII, Galba D X. Rott. Cott. XIII, 46, 48.

Bibliotheca Lansdowniana.—Ns. 139, 145, 157, 160, 820.

Bibliotheca de Jorge IV.—N. 223.

Bibliotheca Egertoniana.—Ns. 319, 321, 323, 324, 335, 374, 454, 520, 525, 528, 529, 592, 599, 660, 742, 902, 1049, 1131, 1132, 1133, 1135, 1136, 2251, 2395, 9244, 9252.

Bibliotheca Sloaniana.—Ns. 2026, 5221, 5253.

Bibliotheca Birch.—N. 4158.

Manuscriptos Addicionaes.—Ns. 5027 A, 6893, 10246, 13974, 13975, 13977, 13979, 13980, 13981, 13982, 13984, 13985, 13986, 13987, 13992, 14005, 14027, 14936, 15170, 15180, 15181, 15189, 15190, 15191, 15193, 15194, 15195, 15197, 15198, 15201, 15597, 15714, 15717, 15740, 16936, 16937, 16938, 16939, 17573, 17587, 17588, 17601, 17603, 17606, 17607, 17608, 17310, 17611, 17612, 17613, 17614, 17615, 17616, 17617, 17618, 17619, 17620, 17621, 17630, 17634, 17636, 17637, 17647, 17664, 17665, 17666, 17669, 17938, 17940, 20090, 20793, 20802, 20844, 20846, 20848, 20936, 20944, 20949, 20951, 20952, 20953, 20960, 20961, 20966, 20986, 20987, 20989, 20990, 20991, 20992, 20993, 20994, 20995, 20996, 20997, 20998, 21000, 21003, 21004, 21262, 21592, 22587, 22953, 25353, 27303, 27601, 27602, 28423, 28428, 28439, 28461, 29299, 30097, 30141, 30262, 30695, 31236, 31237, 31317, 31320, 31321, 31357, 32300, 32301, 32605, 32606, 32608, 32609, 32795, 34205, 34240, 34246, 35839, 36297.

Total—181 Codices descriptos, dos quaes Figanière não menciona 110, dando de outros, que cito, descripções demasiado concisas para a boa intelligencia do leitor.

Não tem docs. ingleses
(viagens etc)

UM MUNICIPIO DE OURO

MEMORIA HISTORICA

OFFERECIDA AO

Instituto Historico e Geographico Brazileiro

PELO SR.

AUGUSTO DE LIMA

Lida em sessão de 26 de Abril de 1901, pelo 2º Secretario

SR. MAX FLEIUSS

Pela vertente sudeste da serra do Curral, um dos mais importantes ramos do massiço do Espinhaço, a 18 kilometros de Bello Horisonte, nova capital de Minas, ao norte, a 68 da antiga Villa Rica, ao sul, e a 4 da Estrada de Ferro Central do Brazil (kilometro 562), estende-se um velho povoado, cuja origem, como a de quasi todos os outros do planalto central de Minas, prende-se ao sub-solo aurifero desta região, outr'ora tão agitada e revolvida pela ambição dos bandeirantes.

Mais afortunada, porém, que outras suas co-irmãs, envoltas hoje numa atmosphera de solidão, de miseria e de tristesa, attestando-se ao viajante pelas suas ruinas espectraes, freguezia de Congonhas de Sabará, hoje Villa Nova de Lima, continúa a manter, com prosperidade crescente, os nobres fóros que lhe deferiram os primeiros exploradores, que em fins do seculo XVII, partindo da margem esquerda do Rio das Velhas, subiram pelos ribeiros e corregos, attrahidos pela riqueza das suas areas e taboleiros auriferos.

E' que alli, ás desordenadas explorações e aos processos rudimentares e defectivos da mineração colonial, succedeu um systema exemplar e reflectido, posto em pratica com os mais variados recursos da mecanica e da mineralogia, exercendo-se sobre um inexgotavel veio de ouro que, vae para 67 annos, desentranha-se em riquezas.

Até meiados do seculo passado, é mais que obscura a historia deste velho arraial, alludido apenas nos livros da guarda-moria, nos poentos archivos da fundição de Sabará ou dos consistorios da sua matriz e da de Raposos, a mais antiga de Minas.

Era no principio um abarracamento ou garimpo de faiscadores de arribação, cujo paradeiro de preferencia collimado, era o arraial de Rapozos, já então nucleo importante de actividade e de trabalho.

Acreditamos datar dos ultimos dias do seculo XVII, a primeira entrada nos veios auriferos do territorio de Congonhas, coberto então de espessas matas.

Borba Gato, genro de Fernam Dias, em sua segunda viagem ás ricas lavras de Sabará-boçu, lançou as suas vistas para outros affluentes do Rio das Velhas, cuja exploração se lhe afigurou mais facil e menos dispendiosa pelo menor volume das aguas.

Subindo pelo ribeirão de Macacos, depois denominado—Fernam Paes—, foi até o corrego que recebeu o seu nome.

Na mesma occasião, ou pouco depois, Manoel Affonso Gaya, installava na fóz desse ribeirão uma exploração de grandes resultados. Da barra do Cambyses, seguiu uma *bandeira* até as fraldas da serra do Curral, dentro em pouco, toda a zona comprehendida entre as actuaes povoações de Santo Antonio, Santa Rita, Raposos, Macacos e Congonhas, era activamente lavrada.

Em 1720, sendo Fernam Paes Leme guarda-mór geral do Rio das Velhas, Santo Antonio, Paraopeba, Rapozos e Congonhas, já era enorme a população que se apinhava nos valles estreitos dos diversos ribeirões da

serra do Curral. As datas, porém e provisões de agua eram concedidas em titulos avulsos, não havendo ainda livros de guarda-moria. O primeiro livro destes, que começou a servir, data de 1726, e o primeiro auto de posse nelle lavrado é de 23 de maio desse mesmo anno.

Essa antiguidade é authentica e consta do seguinte documento, que fielmente vamos trasladar do Livro 14°, fs 22v. da Guarda-moria de Raposos:

> « Registo de huma petição e seo despacho replica e titulo de terras mineraes feyto arequerimento de Manoel Gonsalves de Miranda por ordem do Ouvidor Geral e superintendente desta comarca cujo theor he o seguinte: Dis Manoel Gonsalves de Miranda que elle suplicante ouve por titulo de compra os titulos juntos, os quaes comprou a viuva e testamenteyra e erdeyra do falecido Thomé Dias e por que os ditos titulos forão concedidos em tempo que não havia livros da guarda-moria quer o suplicante faselos rezistar nos livros desta superintendencia e que Vmce. haja o suplicante por ratificado nos ditos titulos. Pede a Vmce. seja servido asim o mandar na forma requerida. E recebera merce. Informe o escrivão da guarda-moria se no tempo da data dos titulos juntos havião livros em que escrevessem as datas = *Campos* = Senhor Ouvidor Geral. Da data dos titulos juntos consta hum ser passado a sasenta e tantos annos e outro a perto de sincoenta annos tempo em que não havia livros de guardamoria, a vista do que espera que Vmce. mande que se rejistem e haver o suplicante por ratificado nelles. = Informe o escrivão na forma do despacho supra = *Campos* = Senhor Ouvidor Geral e Superintendente = o que posso informar a Vossa merce he que revendo os Livros desta Guarda Moria, o prymeiro Livro que se acha em meu poder principiou a servir na era de mil e sete sentos e vinte e seis annos e o primeyro auto de posse que consta do dito Livro foy feito aos vinte e

tres dias do mes de Mayo do dito anno e não consta haver para traz Livros da dita era e o que me consta athe este tempo daremce os titulos em mão. He o que posso informar a vossa merce que mandará ao que for servido. Visarrão desacete de Junho de mil e setesentos esetenta e seis annos = *Manoel de Souza Sanches* = Lancemse nos livros da guarda moria sem prejuizo de terceyro. = *Campos.* »

O titulo, a que se refere o escrivão, era de posse concedida pelo guarda mór Luiz de Figueiredo Montaroyo em 28 de novembro de 1720, como consta do Livro citado a fs 23.

No anno de 1726, já havia estabelecidos numerosos engenhos de pilões e continuavam em incremento as extracções nas *faisqueiras.*

Eis, transcriptos fielmente do livro da guardamoria, os nomes dos incansaveis operarios da mineração nesse anno :

Capitão Alexandre Affonso, Capitão Antonio de Araujo dos Santos, Joaquim da Costa Pinheiro, Manuel Simões Tavora, Sebastião de Meirelles (Santo Antonio do Rio Acima), Sargento mór Christovão Joaquim Corrêa (Corrego do Borba), Antonio Rodrigues de Faria, José Lopes Pinheiro, Sargento mór Joaquim Gonçalves de Azevedo, Paschoal Fernandes, Damasio da Silva Falcão (Congonhas), Amaro Gomes Cardoso (lavra velha no ribeirão de Fernam Paes), Pedro Peixoto Iluna (ribeirão de Congonhas), Pedro de Souza Barros, Antonio Cardoso, Guarda mór Pedro da Fonseca Osorio, Manoel Rodrigues Lima, Padre Manoel de Almeida, Manoel Ferreira Barbosa (arraial de Congonhas), Damasio da Silva Falcão, José da Costa Valle (corregos de Congonhas), Antonio Mina, Firmo Dias, Joaquim Maciel (Curralinho), Antonio Alves Pugez (rio das Velhas), Pascual da Silva Guimarães, Joaquim Carvalho Silva, Julio de Mosqueira, Balthazar do Valle, Padre Manoel Caetano de Motta e Moura, Thomé Leitão da Costa, Bento Rodrigues, Francisco da Costa Soares, Manoel de Freitas Velho, Manoel Fernandes Lima (Macacos), Joaquim da Costa de Mesquita, Nicolau de Faria, Antonio Dias e José Dias,

Manoel da Silva Lopes, Lourenço Duarte, Aguida Ribeiro da Silva, Domingos Gonçalves Lima, Joaquim Rodrigues Alves, Gaspar de Souza Dias, Domingos Gomes Albernaz, Thomé Dias da Silva, Manoel Pires Sardinha (em diversos pontos).

Embora fastidiosa, esta enumeração de nomes, alguns delles ligados a episodios notaveis da historia de Minas, tem a vantagem de elucidar mais de um ponto obscuro na vida de certos personagens, cujo paradeiro assim fica explicado.

Como especimen do acto de concessão de datas, adiante transcrevemos uma provisão concedida pelo guarda mór:

> « Fernando Paes Leme, Guarda mór deste districto do rio das Velhas, Freguezia de Santo Antonio do Rio Acima, ribeirão da Prata, comprehendendo as Congonhas, digo Raposos Congonhas Paraopeba, com todas as suas vertentes, por provimento do Guarda mor Geral Garcia Rodrigues Paes e por resolução de Sua Magestade que Deos guarde, etc.
>
> Fasso saber a todos os que esta minha carta de data virem indo primeiro por mim assignada em como o guarda mor Pedro da Fonseca Osorio me enviou a diser o conteudo em sua petiçam e della se vê queria quatro datas de terra sobre a sua lavra do veyo dagua fazendo pião na casa adonde elle sup.^e esta dando ou trabalhando, começando das goyabeyras que estam abaixo de Firmino Barboza correndo rio assima, na qual deferi meu despacho nella mencionado, em virtude do qual ey por bem conseder-lhe a ditta terra na forma do Regimento, e mando ao Escrivão das datas deste districto dê posse ao sup.^e na forma costumada, para que ninguem em tempo algu lhe ponha duvida ou embarasso, e outro sim tendo alguas pessoas que alegar ao comprimento desta minha carta de data o farão perante a mim para lhe deferir summariamente na forma da hordem de Sua Magestade que Deos guarde, e assim o comprirão debaixo da pena de perderem o direito

que nas sobreditas cartas de data tiverem. Dada neste Rio Assima Freguezia de Santo Antonio aos vinte e sete de setembro de mil sete sentos e vinte e seys annos. E eu Bento Barreto de Siqueira Escrivão das datas e provisoens q. escrevy, digo de aguas que escrevy. Fernando Paes Leme.»

Eis agora o processo para se obter posse de agua mineral:

« Provisão de agua do licensiado Dionisio de Almeida e do coronel Constantino de Lima Moreira.

Dizem o licenciado Dionisio de Almeida e o coronel Constantino de Lima Moreira que estando os sup.[es] com fabrica bastante para poderem minerar e porque na rossa que he do licenciado Dionisio de Almeida sita no pé do Morro Grande das Congonhas se acha um corrego de agua o qual querem tirar e possuir para poderem minerar sem outra dificuldade de pessoa algua e pagar os reaes quintos a Sua Magestade que Deos guarde, Portanto pedem a Vm. lhes fassa merce mandar passar provisão da dita agua na forma do Regimento. E. R. M. Passe provisão sem prejuizo de terceiro. Rio das Velhas em 5 de Outubro de mil e sete sentos e vinte e seys annos. Leme.

PROVISÃO

Fernando Paes Leme Guarda mór do destricto do Rio das Velhas de hua e outra parte, Freguezia de Santo Antonio do Rio Assima, Ribeirão da Prata comprehendendo Raposos, Congonhas, Paraupeba com todas as suas vertentes por provimento do Guarda Mór Geral Garcia Rodrigues Paes, e por Resolução de Sua Magestade que Deos guarde, &.

Fasso saber a todos os que esta minha provizão virem indo primeiro por mim assignada em como o dito senhor foi servido determinar a re-

partisam das aguas das minas do ouro aos guarda mores della por hordem que baixou a dezanove de Fevereiro de mil e sete sentos e vinte para que todos trabalhem e minerem conforme suas possibilidades, e porque o licenciado Dionisio de Almeida e o coronel Constantino de Lima Moreira me enviarão a dizer em sua petissão o que della se vê queriam a agua do corrego nella mencic- do para com ella minerar lhes concedo a dita agua do corrego na forma da Ley nova do dito Senhor que he toda dirigida a não serem as aguas empatadas senão trabalhando com ellas continuando com as regas, o que farão os sup.^{es} não prejudicando a terceiro. E o Escrivão das datas deste districto dê posse aos ditos sup.^{es} na forma costumada, para que ninguem em tempo algu lhe ponha duvida ou embarasso. E outro si tendo alguas pessoas que alegar ao comprimento desta minha provisão, o farão perante a mim para lhe deferir como for de justissa e assim o cumprirão debaixo da pena de perderem o direito que na sobredita agua do corrego tiverem. Dada neste districto do Rio das Velhas, Freguezia de Santo Antonio do Rio Assima, aos cinco de Outubro de mil sete sentos e vinte e seys annos. E eu Bento Barreto de Siqueira Escrivão das Datas e provisõens de aguas que escrevy—Fernando Paes Leme. »

(Livro 1º da guarda moria do Rio das Velhas).

Já por esse tempo, era Congonhas de Sabará uma importante freguezia, parochiando-a o reverendo Doutor Manoel Pinheiro de Oliveira, que em 1727 impetrou, juntamente com os seus freguezes, uma provisão de aguas ao Guarda Mór Fernando Paes (L° 14° da Guarda Moria de Raposos sem referencia ao L° 1°).

O campo das Congonhas, bello planalto florido, emergindo de selvas densas, e que a principio só attrahira a attenção dos forasteiros pela formosura do seu jardim natural e pela abundancia da preciosa herva, que lhe deu

o nome, ia-se tornando, pelas riquezas auriferas, um nucleo populoso de elementos heterogeneos, propicio a frequentes perturbações. Alem da população livre, constituida por homens de grande cabedal e fortuna, tumultuava uma multidão muito maior de escravos e libertos, que se acotovelavam nas catas, nos corregos, nas minas. A promiscuidade sexual, a intemperança, o alcool geravam os seus naturaes productos e os contingentes de milicia mandados para alli eram impotentes contra os desmandos da desmoralisação geral, ainda mais estimulada na explosão dos seus vicios pela riqueza aurifera que, á flôr da terra, iam os homens encontrando.

Como um especimen das medidas policiaes tomadas para a boa ordem do agitado *campo das Congonhas*, vae adiante transcripto o *bando* de 11 de setembro de 1729, que extrahimos, *data venia*, do L° 27 do *Archivo Publico Mineiro*, e que, pelo seu conteúdo mostra o principal mal a combater naquellas paragens.

> « Sobre não haver vendas com negras, nem estas a faiscar no morro das Congonhas do Sabará.
>
> Dom Lourenço de Almeyda do Conselho de Sua Magestade, que Deos guarde Governador e Capitão General das minas. Faço saber aos que este meo bando virem que tendo respeito a representação que me fizerão os moradores assistentes no morro das Congonhas do termo da Villa Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará queixando se me da oppressam que continuamente tem pellas repetidas desordens, e disgraças soccedidas por causa das muitas vendas que no ditto morro ha, as quaes estando abertas de dia e de noute consomem os jornaes aos negros, embebedando-se estes, de que tem resultado haver entre elles pendencias, e ferirem-se gravemente, concorrendo tambem para esta desordem a multidão de negras, escravas e forras que no ditto morro andão vendendo com taboleiros, e faiscando, a mayor parte das quaes procedem sem temor algum de Deos Nosso Senhor desencaminhando

aos dittos negros, e servindo-lhes de occasião para cometerem infinitos insultos, pedindo-me desse a providencia necessaria para se evitarem, e precedendo a informação muito individual de Joam de Mello, e Brito Capitam mor da Villa Real do Sabará.

Hey por bem ordenar, e declarar por este meo bando que no ditto morro das Congonhas, e duzentos passos delle em roda que se contarão dos Limites do ditto morro para fora, se não consintão, nem possão vender cousas, comestiveis ou bebidas negras ou mulatas escravas ou forras nem em ranchos, nem com taboleiros porque nos ranchos que ha no ditto morro, e distancia referida de duzentos passos a roda delle podem seus Donos convindo-lhes vender por sua mão, ou ter negros que vendão mas de nenhuma sorte terão negras ou mulatas, ou escravas, ou forras, vendendo nos dittos ranchos e toda a negra ou mulata ou escrava, ou forra que for achada vendendo em rancho, ou com taboleiro, ou vendendo de qualquer forma que seja, assim no ditto morro como na referida distancia de duzentos passos a roda delle será presa, e se lhes dará cem açoutes, e se lhe tomara todo o comestivel, ou bebidas que se lhe acharem que tudo se repartira pellos negros do ditto morro aos quaes se dara o que assim se lhe tomar por perdido e será remettida á Cadea de Villa Real de N. S. da Conceição de Sabará, onde tera tres mezes de prisão indispensavelmente e da cadeia pagara sendo forra, e não o sendo, seu senhor, vinte outavas de ouro que a Camara da ditta Villa cobrará para se gastarem nas despezas e obras publicas, e sem pagarem a ditta condemnação não serão soltas pela Camara a cuja ordem ficarão logo que se prenderem, e nesta penna incorrerão inteiramente as negras que faiscarem no ditto morro, e seus Senhores por ter mostrado a experiencia que nam faiscão, e pella mayor

parte ganhão os jornaes que os negros lhes dão por usarem mal de sy, e assim sendo achadas as taes negras faiscando no ditto morro, ou na distancia referida de duzentos passos em roda delle que se contarão dos Limites do ditto morro, para fora incorreram na mesma penna referida e o Capitão mor das ordenanças da Villa de Sabará mandará publicar a som de caixas este meo bando no ditto morro, fixando-se na parte mais publica delle para que nam haja ignorancia, e o fará executar, e todos os mais officiaes de milicia que assistem no ditto morro, os quaes serão por my castigados severamente, se faltarem a observancia deste bando que se registará nos Livros da Secretaria deste Governo e nos maes a que tocar.

Dado nesta Villa Rica a 11 de Setembro de 1729.

O Secretario deste Governo Manoel de Affonseca de Azevedo o fez escrever. Dom Lourenço de Almeyda.»

Não era sómente no *Campo das Congonhas* que se agitava a turba desordenada dos exploradores de *faisqueiras*. Em Santo Antonio, Santa Rita, á margem do Rio das Velhas, e em Macacos, á margem do ribeirão de Fernam Dias, derramavam-se as multidões e, durante muitas decadas, bebeu fartos recursos no subsolo dessa zona a insaciavel ambição de riquezas dos nossos bandeirantes e mineiros.

Adiante enumeraremos summariamente os diversos pontos, em que se agglomeraram os faiscadores, — pontos ainda hoje assignalados por maior ou menor riqueza.

Por agora, retomando o fio principal da historia de Congonhas, passamos a traçar o do Morro Vello, que mais que todos se liga áquella.

Morro Velho

Não sabemos em que se funda o *Diccionario das Minas*, para dar como assentado que as jazidas auriferas do Morro Velho foram precisamente descobertas em 1700, por Manoel de Borba Gato. Por mais que o investigassemos, não conseguimos divisar entre innumeros documentos antigos, um só que precisasse a data daquelle descoberto, famoso, o mais antigo nas explorações actuaes. Como quer que seja, a data apontada não pode estar longe da verdade que para nós é ter sido o Morro Velho descoberto antes de 1700, na mesma occasião em que o ousado sertanista Borba Gato, em companhia de Arthur de Sá e Menezes, voltou ao Rio das Velhas.

A versão que de todo não se justifica, é a que attribue ao Padre Freitas a primeira exploração do Morro Velho, quando esta consta de livros antiquissimos da Guarda Moria, por concessão de Fernam Paes e outros guardamores.

O documento que se segue é do seculo XVIII :

> « Termo de demarcação de data feyta ao Tenente Antonio Almeyda Lima.
>
> Aos quinze dias do mez de Março de mil e sete sentos e setenta e seys annos no morro velho freguezia das Congonhas, se concedeu e demarcou quinhentos palmos de terra para hua data que teve seu principio no caminho velho que vem para a casa do empossado por riba do rancho do Pay Paulo e correu a medissão quinhentos palmos morro assima e de largura duzentos do corrego que fica defronte do servisso do empossado athé o corrego do Sacranda (?) entre hum corrego e o outro os dittos duzentos palmos, a qual terra por se achar devoluta e se achar presente Manoel Gonçalves Brejo e está como guarda das ditas terras diz se achão devolutas e que podia o empossado tomalas e o mesmo Brejo andou com a corda medindo e della logo se lhe deu posse sem prejuizo de terceyro, em

presença das testemunhas o mesmo Manoel Gonçalves Brejo e Manoel Pereira da Rocha pelo Guarda Mor do Districto o Tenente José Ribeyro Domingues em virtude da carta de data passada por esta guardamoria, do que fiz este termo que assignão os sobredittos. E eu Manoel Ribeyro de Almeyda, escrivão da guarda moria, que escrevy. — *Domingues.* — *Antonio de Almeyda Lima.* — *Manoel Pereyra da Rocha.* — *Manoel Gonçalves Brejo.*

(Do L. 14º fls. 8, Guarda Moria de Raposos).

Nesse mesmo anno de 1776, foram nas fraldas do Morro Velho concedidas numerosas datas, abrangendo uma grande estensão, a Salvador Ferreira da Luz, que alli teve um grande estabelecimento de extracção de ouro.

A denominação Morro Velho abrangia toda a extensão das cabeceiras até a Praia de Congonhas, comprehendendo o Morro do Bomfim, ou do Mingú, onde se abre hoje a grande mina dos Inglezes.

A respeito deste ultimo sitio, encontra-se á fls. 96 v, do citado Livro 14.°, esta serie de documentos:

« Termo de ratificação de data feyta a Antonio Rodrigues da Cruz.

Aos doze dias do mez de Março de mil e sete sentos e setenta e seys annos de fronte do Morro Velho por sima do caminho que vay para Sabará no morro do Senhor do Bom Fim Freguesia das Congonhas se ratifica o sobredito em huma data de sento e sincoenta palmos que tem seu principio aonde está hum toco de barauna no caminho que vem de Raposos para o arrayal e correndo morro assima os dito sento e sincoenta palmos em quadro e findou-se a medissam com terras devolutas, a qual terra se ratifica Antonio Rodrigues Cruz na mesma forma que consedida, da qual se me dá posse sem prejuizo de terceyro pelo Guarda Mor do districto, o T.e José Ribeyro Domingues em virtude da carta de ratificação passada pela guardamoria em presença das teste-

munhas Manoel de Lima e Silva e Antonio José da Silva, do que fis este termo que assignaram os sobreditos, e eu Manoel Ribeyro de Almeyda, escrivão da guardamoria que escrevi. — *Domingues.* — *Antonio Rodrigues da Cruz.* — *Antonio José da Silva.* — *Manoel de Lima e Silva.* »

Outro termo de ratificação do mesmo Antonio Rodrigues da Cruz.

« Aos doze dias do mez de Março de mil e setesentos e setenta e seys annos no morro chamado do Senhor do Bom Fim Freguezia das Congonhas se ratifica o sobredito em duas datas de quinze brassas cada huma que terão seu principio no fim das datas de Manoel Severino e Anna Rosa Joaquina e correm pela cabesseyra do servisso para a parte do nascente e tem o seu limite para a parte do poente, nas coaes datas se ratifica Antonio Rodrigues Cruz em rezão do pertense que lhe fes o Vigario Jeronimo de Sá Vilhena na mesma forma que foy consedida ao seu antessesor da coal se lhe dá posse sem prejuiso de terceyro pelo Guarda Mor do destricto o T.e José Ribeyro Domingues em virtude de carta de ratificação passada por esta guardamoria em presensa das testemunhas Manoel de Lima e Silva e Antonio José da Silva, do que fis este termo que assinão os sobreditos. E eu Manoel Ribeyro de Almeyda escrivão da guardamoria que escrevy. — *Domingues.* — *Antonio Rodrigues da Cruz.* — *Antonio José da Silva.* — *Manoel de Lima e Silva.* »

« Outro termo de ratificação do mesmo Antonio Rodrigues da Cruz.

Aos doze dias do mez de Março de mil e setesentos e setenta e seys annos neste morro chamado do Senhor do Bom Fim, Freguezia das Congonhas se ratifica o sobredito em hua data de terra de sem palmos que tem seu principio par-

tindo com data de Anna Joaquina Rosa pela parte do norte e parte pelos mais lados com terras devolutas na qual data se ratifica Antonio Rodrigues Cruz em rezão do pertence que lhe fez o vigario Jeronimo de Sá Vilhena na mesma forma que foy consedida ao seu antecessor da qual se lhe da posse sem prejuiso de terceyro pelo Guarda mor do destricto, o T[e]. José Ribeyro Domingues em virtude da carta de ratificação passada por esta guardamoria em presensa das testemunhas Manoel de Lima e Silva e Antonio José da Silva — do que fis este termo que assignarão os sobreditos. E eu Manoel Ribeyro de Almeyda escrivão da guardamoria que escrevy. — *Domingues.* — *Antonio Rodrigues da Cruz.* — *Antonio José da Silva.* — *Manoel de Lima e Silva.*»

« Outro termo de ratificação do mesmo Antonio Rodrigues da Cruz.

Aos doze dias do mez de Março de mil e sete sentos e setenta e seys annos no morro chamado do Senhor do Bom Fim Freguezia das Congonhas se ratifica o sobredito em huma data de terras de sem palmos em coadra que tem seu principio partindo pela parte de baixo com datas de Jeronimo da Silva e pelos mais lados com terrras devolutas na qual data se ratifica Antonio Rodrigues Cruz por pertense que lhe fez o Vigario Jeronimo de Sá Vilhena e se ratifica na mesma forma que foy consedida ao seu antessesor da qual se lhe dá posse sem prejuiso de terceyro pelo Guarda mor do destricto, o T[e]. José Ribeyro Domingues em virtude da carta de ratificação passada por esta guardamoria em presensa das testemunhas Manoel de Lima e Silva e Antonio José da Silva do que fis este termo que assinão os sobreditos. E eu Manoel Ribeyro de Almeyda, escrivão da guardamoria que escrevy. —*Domingues.*— *Antonio Rodrigues da Cruz.*— *Antonio José da Silva.*—*Manoel de Lima e Silva.*

Como essas, numerosas outras datas foram então, antes e depois, concedidas nas paragens do Morro Velho, onde havia muitos engenhos de pilões.

Abrimos agora espaço para a transcripção de um outro termo de concessão, que prova o que affirmamos sobre a antiguidade da exploração do ouro em Morro Velho por nacionaes.

Como se vê do interessante documento, a primeira concessão *legal* para a exploração nos terrenos a que elle se refere, foi outorgada pelo guarda mór Fernando Paes, Leme o primeiro que existiu naquelles districtos mineraes.

> « Termo de ratificação e nova conceção de Dattas feito ao Rev. Dr. Vig. da vara José Corrêa da Silva.
>
> Aos tres dias do mes de Janeiro de mil e setesentos e oitenta e sete annos, nesta paragem chamada Morro Velho, freguezia de N. Senhora do Pillar de Congonhas, pelo Guarda Mór do destricto, o Sargento Mayor Anastacio das Neves Ribeiro, se ratifica, e novamente se concede, e dá posse ao Reverendo Dr. José Corrêa da Silva em umas dattas de terras mineraes, cujas foram concedidas a Francisco Neto Albernaz, aos dezanove dias do mez de Abril de mil setecentos e vinto e oito annos, nas quaes dattas se empossou o Capitão Antonio de Almeida Lima, por compra que fez a Manoel Gonsalves Brejo, cuja posse está lançada neste livro decimo quinto a folhas quatro, até verso, e *a primeira concessão foi feita pelo Guarda Mór Fernando Paes Leme*, cujas dattas são em um corrego que vem da rossa do dito Albernaz, e hoje do Reverendo empossado, e socio, chamado o corrego do Taquaril, duas dattas, que se medirão oitenta braças, pelo veyo do corrego adiante, até onde nasce hum olho de agua, o qual veyo do corrego, e seus barrancos, de huma, e outra parte, faz barrá o dito corrego no Ribeirão das Congonhas, e mais se medio da barra do corrego Taquaril, indo rio abaixo, vinte braças de veyo de agua; e em todos

estas terras se dá posse ao dito Reverendo Doutor, para as possuir na mesma forma que possuirão seus antepossuidores, em virtude da compra que dellas fez ao dito Capitão Antonio de Almeida Lima, por escriptura publica, que apresentou neste acto, do que se lhe deu posse sem prejuiso de terceiro, em presença das testemunhas o Reverendo Joaquim José Ferreira de Aguiar e Manoel Mendes da Costa, do que para constar faço este termo, que assignarão os sobreditos, e eu Francisco de Sales Ferreira da Silva, escrivão da guardamoria no impedimento do actual, que o escrevi.—*Neves.—José Correa da Silva.—Joaquim José Ferreira de Aguiar.—Manoel Mendes da Costa.*

(Do L.º 15° da guardamoria de Raposos).

Alem das datas que originariamente pertenceram a Manoel Gonçalves Brejo, adquiriu o padre José Corrêa da Silva quasi todas as outras do Morro Velho.

Eis o titulo de mais uma dellas :

« Termo de ratificação, e nova concessão de datta, feita ao Rev. Dr. Vigario Geral José Corrêa da Silva.

Aos tres dias do mez de Janeiro de mil setecentos, e oitenta e sete annos, nesta paragem chamada Morro Velho, Freguezia de Nossa Senhora do Pillar de Congonhas, pelo Guarda Mor do districto, o Sargento Mayor Anastacio das Neves Ribeiro se ratifica, e novamente se consede, e dá posse ao Reverendo Doutor Vigario da vara José Corrêa da Silva de huma datta de terras mineraes que foram concedidas a Manoel Alvares de Oliveira, aos desasete dias do mez de Setembro de mil sete centos, e trinta e sete, cuja posse está lançada em o livro primeiro desta guardamoria a folhas cincoenta e seis verso, e assim foram demarcadas trinta braças pela beira do Ribeirão seco, que vem da paragem chamada o Oiro Preto, e tem seu limite, aonde se

pôz huma estaca de pau de ley nas quaes terras se ratifica ao dito Reverendo Doutor, e se lhe dá dellas posse, para as possuir pelas haver comprado ao Capitão Antonio de Almeida Lima, por escriptura publica, que apresentou neste acto, e sem prejuiso de terceiro, em presença das testemunhas Reverendo Joaquim José Ferreira de Aguiar e Manoel Mendes da Costa, do que para constar faço este termo, que assignarão os sobreditos, e eu Francisco de Sales Ferreira da Silva escrivão da guardamoria no impedimento do actual, que o escrevi.—*Neves.—José Corrêa da Silva. — Joaquim José Ferreira de Aguiar. — Manoel Mendes da Costa.*

Em 1795, foram estas e outras datas vendidas ao Coronel Manoel Pereira de Freitas.

Todas as explorações, porém, do Morro Velho, como de todas as outras lavras desse tempo, eram superficiaes, e poucos mineiros se abalançavam, alem das grupiaras e cascalhos, em demanda das rochas, verdadeira séde de mais constante formação aurifera. Foi só no começo deste seculo, que o Padre Freitas, homem de consideravel fortuna, iniciou mais seria exploração, abrindo no Morro Velho os seus serviços na rocha pelo systema de talho aberto. A riquesa da jazida era presentida, tendo custado as datas mineraes a somma importante naquelle tempo, de 150.000 cruzados. Os afloramentos annunciavam resultados extraordinarios, que não falharam emquanto estavam ao alcance dos instrumentos rudimentares e do processo primitivo de extracção, de que se serviam os mineiros.

E' bem sabido que só mais tarde foi generalisado na mineração o emprego da polvora. O despotismo da metropole, tão avido da percepção dos *quintos*, quanto suspeitoso da *inconfidencia* dos seus vassalos e colonos, não quiz liberalisar, senão tolerar de modo muito restricto, o fabrico do ferro, principal alavanca da exploração do subsolo.

O Padre Freitas iniciou o seu trabalho queimando a rocha e espargindo-lhe agua, para obter o seu quebramento; era o minerio depois moido e lavado. Com este processo grosseiro obteve em 1814, apurar 16 kilos de

ouro, trabalhando na mineração 24 operarios livres e 122 escravos (Von Echwege—*Pluto Brasiliensis*). Esta exploração durou quatro annos apenas, interrompendo-se em 1818.

Dizia por este tempo, Auguste de Saint Hilaire :

> « Congonhas doit sa fondation à de mineurs attirés par l'or que l'on trouvait dans les alentours, et son histoire est celle de tant d'autres bourgades.
>
> Le précieux métal s'est epuisé ; les travaux sont dévenus plus difficiles et Congonhas n'annonce actuellement que la décadence et l'abandon. »
>
> (Aug. de Saint-Hilaire—*Voyage dans le district des diamants*, 1833, I, pag. 169).

Enganara-se o sabio viajante. Não era o Padre Freitas o unico mineiro, nem o Morro Velho a unica mineração que prosperisavam nesse tempo aquella zona tradicionalmente aurifera.

O veyeiro de *Bella Fama* havia sido encontrado e, em distancias proximas, eram exploradas com exito regular as minas do morro da *Cachaça*, do *Veeiro*, do *Urubú*, do *Gaia*, de *Gabiroba*, do *Faria*, do *Garcez*, do *Baptista* e numerosissimas outras, não falando nas praias do Rio das Velhas e dos ribeiros seus affluentes e nas alluviões auriferas, que continuavam a florescer, tudo isso comprehendido nos limites do actual municipio de Villa Nova de Lima, cujo maior diametro não excederá de tres leguas ou dezoito kilometros.

Verdade é que da mineração iniciada pelo Padre Freitas no Morro Velho, promanava mais directamente a vida do arraial de Congonhas, abandonados, como já o haviam sido, por supposto esgotamento, as vastas extensões de cascalhos da praia do ribeirão de cristaes. A idade de ouro era para Santa Rita e Santo Antonio. No intervallo de 1818 a 1834, pareciam até certo ponto, justificadas as apprehensões de Saint-Hilaire. Mas a datar desse ultimo anno, abria-se para Congonhas nova éra de prosperidade. As tradições de Fernam Paes Leme e de Anastacio das

Neves Ribeiro despertavam novo vigor na culta e laboriosa população que se nucleava entre as serras do Curral, de Raposos, do Ramos e do Pires, população em cujo seio se contavam homens de grande merecimento e virtudes, como entre outros, o Major Henrique Felizardo Ribeiro, o Capitão João Vaz de Mello, o Cirurgião Deniz Antonio Barbosa, o Capitão José de Araujo Lima, o Capitão José Maria da Cunha Jardim, etc.

Tendo o capitão Lyon, director do Gongo Loco comprado ao Padre Freitas, as datas do Morro Velho, revendeu-as á empreza ingleza *St. John d'El-Rey Mining Company Limited*, que passou a exploral-as sem mais interrupção até hoje.

Os primeiros trabalhos da nova empreza foram executados a *talho aberto*, simultaneamente nos logares denominados *Bahú*, *Cachoeira* e *Gambá*, por onde mais promissores brotavam os *afloramentos*.

Reconheceu-se desde logo um vasto corpo constituido por uma massa compacta de quartzo de grãos finos, com pyrites arsenical de ferro, magnetica, de cobre e outros minerios menos importantes.

A posição da columna é levemente inclinada para noroeste e tem uma espessura variavel que se eleva até 20 metros em alguns pontos, attingindo a sua extensão horisontal á média de 150 metros.

(Ferrand— *L'or à Minas Geraes*, pag. 115).

Antes de proseguirmos no ligeiro historico sobre a mineração do Morro Velho, lancemos um olhar de relance sobre a vida e o desenvolvimento do arraial de Congonhas.

Desde o começo do seculo XVIII que uma pequena povoação permanecia sedentaria, resistindo ás fluctuações dos aventureiros que vinham de toda a parte e voltavam. Os descobertos auriferos se succediam com frequencia, o que entretinha um activo commercio, e uma grande concurrencia de viajantes e tropas. O movimento commercial foi crescendo até 1780, anno em que o numero das

casas do arraial era já insufficiente para conter a população, que se estendia pelo valle do Ribeirão dos Cristaes, galgava o Campo do Pires e derramava-se até os concavos do Garcez. A Camara da Villa Real do Sabará, entre outras medidas usadas naquella época, entendera conveniente policiar as estalagens, zelando o commodo e bem estar dos viajantes.

Eis um curioso documento desse tempo:

«Regimento de Estalage de novas posturas passado a Ignacia Francisca Rodrigues moradora em Congonhas que durará em quanto poder ser ou não houver reforma nas ditas posturas.

Levará ao passageiro de cama e luz por dia, *tres vintens.*

Por meya quarta de milho, *dois vintens.*

Por hum feixe de capim atacado de dez palmos, sendo de andrequicé, ou folha longa, *quatro vintens.*

E sendo de outra qualidade de capim, *dois vintens.*

Por metade do dito feixe, *hum vintem.*

Por hua galinha assada, *meya pataca.*

Por hua dita assada e recheiada ou ensopada, *dous tustoens.*

Por hua lingua ensopada, *quatro vintens.*

Por assar hum leitão bem preparado dando o mesmo, *quatro tustoens.*

Pelo jantar de hum passageiro dando-se carne, pam, soupas, arroz e bananas, *seis vintens.*

Hum dito de peixe e hum prato de ervas, com seis ovos bem temperado, *seis vintens.*

Meya libra de bacalhau com seu molho de azeite e vinagre, *tres vintens.*

E sendo peixe de barril, os mesmos *tres vintens.*

E sendo afogado de peixe ou bacalhau com seu escaldado de farinha, *seis vintens.*

Hum prato de arroz temperado com manteiga do Reyno ou azeite, *dois vintens.*

Hum prato de selada de meya cosinha, *quatro vintens.*

Hum prato de feijão bem temperado e hum prato de farinha com carne para um page, *dois vintens.*

E assim mais será obrigado a dar os ditos generos dos melhores que houver, sem vicio ou corrução algúa. Os quartos em que pousarem os passageiros devem estar assiados, a roupa lavada, que constará de dois lençois, dois travesseiros, com suas frouhas, cobertor e colchão, toalha, guardanapos, garfo, culher, e assim o fará a cada hum dos hospedes.

E não se continha mais em o dito Regimento de novas posturas que o Senado da Camara manda observar a dita Ignacia Francisca Rodrigues para quem somente o mesmo Regimento serve.

Sabará a 28 de Mayo de 1795.

O Escrivam da Camara—*João Theotonio da Costa Vianna*».

(De um doc. pertencente ao Archivo Publico Mineiro).

Vieram, porém, os primeiros dias da decadencia de Congonhas com os ultimos do seculo XVIII. Reanimado o arraial com a ephemera mineração do Padre Freitas, não tardou em descambar outra vez. Começava-se já a discutir a continuação de sua prerogativa secular de freguezia, que lhe disputava então Raposos, sendo o arraial de Congonhas sustentado pelo Conselho do Governo em suas sessões de 16 e 17 de março de 1826.

Novo embate soffreu a freguezia de Congonhas em 1832, de que ainda sahiu victoriosa.

« A sua Egreja, dedicada a N. S. do Pilar, diz Saint Adolphe, gosou muito tempo do titulo de freguezia; porém, como o numero dos seus habitantes, que em outro tempo chegava a 1400, tivesse sensivelmente diminuido, um decreto de 14 de Julho de 1832 a annexou, como filial á matriz de Raposos».

(*Diccionario do Brazil,* vol. 1º, pag. 291).

Tal acto da Assembléa Geral não produziu effeito, por ter sido attendida a reclamação dos habitantes de Congonhas. Estas victorias, porém, eram ephemeras, e bem pouco valeria a tradicção gloriosa de Congonhas e mais o sentimento de autonomia local de seus habitantes em face da decadencia que, a proseguir mais algum tempo, arrastal-a-ia ao jugo de outra parochia.

Iam voltar, entretanto, os seus dias de prosperidade com a nascente mineração ingleza de Morro Velho.

Em 1836, tendo o povo de Raposos pedido á Assembléa Provincial ficasse a sua Egreja como séde de parochia, comprehendendo a de Congonhas, eis como esta se dirigiu aos legisladores por meio dos principaes cidadãos do logar :

> « Dignissimos Senhores Representantes da Provincia.
>
> A Sociedade Cultora da Religião e sustentadora da Lei e Liberdade, estabelecida na parochia de Congonhas do Sabará, inteirada pela leitura do n. 21 do periodico *Universal* de 16 do corrente que os moradores de Raposos enderessaram a vós huma representação pedindo que seja declarada sede da matriz sua Igreja, e não a de Congonhas, persuadida que a esta assiste mais direito, do que áquella para requerer, o que os moradores de Raposos solicitão, vem perante vós reclamar contra a pretenção dos habitantes de Raposos, que levarão seus intentos a tão longe, que já se não contentão com a estabilidade de sua freguezia, mas ainda se esforção em obter a reunião da de Congonhas a esta, sem terem por ventura outro titulo mais, do que a commodidade propria, e particular, e não a commum, e Publica. Dignissimos Senhores Representantes da Provincia, já em 1826 o extincto Conselho do Governo nas sessões de 16 e 17 de Março desse anno, segundo o plano de statistica, que lhe foi presente, tinha resolvido que se preferisse para sede da matriz a parochia de Congonhas, e porque em 1832 a Assembléa Geral Legislativa talvez por falta de conhecimentos

praticos, e estatisticos, attendesse favoravelmente as representações dos moradores de Raposos em prejuizo das dos moradores de Congonhas, estes reclamarão contra tal medida, e entretanto sobreestiverão ambas as freguezias. Installada a Assembléa Provincial Legislativa em 1835, esta mais conhecedora das necessidades da Provincia, e possuindo mais exactos conhecimentos de sua Statistica, propôz logo para séde da matriz a parochia de Congonhas, o que consta ter já passado a segunda discussão.

Ora si em 1826 a parochia de Congonhas foi preferida para matriz attenta sua população, e posição, que se deve esperar hoje, quando aquella se tem augmentado, e está melhorada? Nunca, Dignissimos Senhores Representantes da Provincia, os moradores de Congonhas requereram a reunião da freguezia de Raposos a esta, pois estão convencidos que nada têm a ganhar com tal acquisição; mas sempre representaram contra a injustiça, que se pretendia fazer-lhes, privando-os da cathegoria de freguezia, obrigando-os com sacrificio, e incommodo, a mendigar o pasto espiritual em parochia alheia.

Esta Sociedade não pretende fundamentar sua representação em nós abaixo-assignados colhidos de ordinario por estradas de pessoas incognitas, e de diversos Districtos; si tal genero de documento merecesse algúa consideração, facil lhe era obter avultado numero de assignaturas; mas ella apresenta a vossa consideração e sabedoria documentos verdadeiros, e appella para o testemunho mesmo dos Senhores Deputados, que conhecem bem as circumstancias de Raposos e Congonhas. A população de Congonhas, sua posição moral, e politica, o augmento de seu commercio e industria, o decidido afferro, que seus habitantes mostram ás Instituições, sua prompta cooperação para o serviço Publico todas as vezes que a Patria o reclama, a justiça de sua

causa, são sem duvida a base em que se funda para esperar de vós favoravel deferimento, quando mesmo não puzesse debaixo das vossas vistas os documentos juntos.

Pelo de n. 1.° se evidencia que em Congonhas tem a mocidade onde se instrúa nos principios de instrucção primaria, e secundaria, que aqui prospéra o commercio, duas fontes da Publica prosperidade. Pelo de n. 2.° se demonstra que a população de Congonhas é maior, que a de Raposos, pois aquella parochia dá tres Eleitores, e esta só dois: que aquella se acha quasi toda reunida, o que não pouco influe para o desempenho de qualquer funcção Publica pela felicidade, com que podem ser convocados, e reunidos os cidadãos. Pelo de n. 3.° finalmente se conhece que Congonhas a tres annos tem entrado para o Thesouro Provincial com o contingente de 86 marcos, e tanto de ouro. Que de semelhante pode apresentar Raposos sem faltar a verdade? Que contraste deploravel não se deprehenderia, entre o quadro de Congonhas comparativamente ao de Raposos, si esta Sociedade quizesse entrar na analyse das tristes circunstancias deste? Mas ella se abstem de tal intuito para que se não supponha que quer adquirir direito a custa do desabono dos seus convisinhos, e espera que vós, conhecendo a justiça da sua causa, e tendo-vos já pronunciado na Sessão do anno passado a favor de Congonhas não haveis de incorrer na nota de incoherentes. Deos vos guarde, Dignissimos Senhores Representantes da Provincia, como he mister para a prosperidade da mesma.

Congonhas do Sabará 26 de Fevereiro de 1836.

O Presidente *Diniz Antonio Barbosa.*
O 1° Secretario *Joaquim Felizardo Ribeiro.*
O 2° Secretario *João Antunes Teixeira Braga.*»

« DOC. N. 1.º

«O Alferes Joaquim Antonio Diniz cidadão Brazileiro, e Juiz de Paz da Parochia de Congonhas de Sabará na forma da Ley.

Attesto, e faço certo que neste Arrayal existem tres casas de negocios de Fazenda Secca, e molhados, huma Botica, e mais de doze casas de Generos da terra, assim como tão bem huma aula de Grammatica Latina, e Franceza, frequentada de não poucos Alumnos, e Escola particular de Primeiras Letras, assim mais huma Companhia de G. N. em numero de 63 de Serviço Ordinario, quasi todos fardados, e armados, hum corpo de cassadores do Matto em numero de 30, os quaes todos com os demais cidadãos se tem prestado promptos ao Serviço Publico, todas as vezes, que a Patria o reclama, tão bem dá tres Eleitores da Parochia, sendo alem de tudo a Estrada mais frequentada na direcção da Villa do Sabará para a Capital da Provincia, e Côrte do Rio de Janeiro.

Por verdade passo este para constar onde necessario fôr, que vay tão somente por mim assignado. Congonhas do Sabará 26 de Fevereiro de 1836.

Joaquim Antonio Diniz
Juiz de Paz.»

«DOC. N. 2.º»

« Joaquim Albino Pereira da Silva Roxa, Vigario encommendado da Parochia de Congonhas do Sabará por S. Ex.ª Rma.

Certifico, e sendo necessario juro in fide Parochi, que nesta Parochia contam-se duzentos, e vinte fogos, habitados por mil, e settecentas Almas; estando ao toque do sino destas para cima de mil, e quatro centas; e daquelles para

mais de cento, e cincoenta : e por ser o referido verdade passo o presente para constar, onde necessario fôr. Congonhas 25 de Fevereiro de 1836.

O Vigario, *Joaquim Albino Pereira.* »

«DOC. N. 3.°»

« Certifico que a receita dos direitos de Ouro arrecadado nesta Parochia por o Thesoureiro o Capitão João Vaz de Mello desde 9 de Dezembro de 1832 até 31 de Dezembro de 1835, como consta do respectivo Livro desde fls. 1 até fls. 10 v., e dos conhecimentos de recibo do Thesoureiro da Intendencia de Sabará N. 1°, 2°, 3°, 4°, 5°, 6°, tem sido de oitenta e seis marcos, huma onça, huma oitava, e vinte e dois grãos.

Por ser verdade passo a presente, que vae assignada pelo referido Thesoureiro comigo Escrivão. Hoje Congonhas do Sabará 26 de Fevereiro de 1836.

João Vaz de Mello.
Deniz Antonio Barboza.»

(De um masso de docs. avulsos do Archivo Publico Mineiro).

Esta representação, bem se vê, não podia deixar de ser acolhida pela Assemblea, que manteve a Congonhas o seu fôro secular de Parochia.

A lei n. 50, de 8 de abril de 1836 resolveu a questão, dispondo o seguinte em seu artigo 1.° :

« Ficam subsistindo as Freguezias de Congonhas e de Raposos, e annexando-se-lhes o territorio das freguezias supprimidas de Santo Antonio do Rio acima, e do Rio das Pedras, servir-lhes-á de divisa o Rio das Velhas. »

Ha evidente equivoco no *Almanach* de Assis Martins, de 1864, quando á pagina 162 affirma que a freguezia de Congonhas foi creada por essa lei. Uma cousa é a creação, e outra cousa é a declaração de que continúa a existir.

Estava de vez firmada a regalia parochial de Congonhas, que nunca mais a devia perder, como adiante se mostra.

Desde 1838 até 1863, segundo dados officiaes, extrahio a Companhia do Morro Velho 1.523,274 toneladas de pedra; despresou 124.986 desta, por não conter ouro, e socou 1.398,288 que produziram 1.972 arrobas, 12 marcos, 3 onças e 2 oitavas de ouro.

Despendeu desde o seu começo até aquelle anno £ 1.477,526 e lucrou 638.017. Destas, abatidas £165.743, capital da Companhia, fica-lhe o saldo de £ 472.264.

(*Almanach* de Assis Martins—1864).

Vejamos agora qual o aspecto geral do Morro Velho no anno de 1864, e para isso recorreremos a um interessante e minucioso relatorio dirigido naquelle anno pelo superintendente da Companhia ao Dr. Quintiliano José da Silva, então chefe de policia.

Eis o movimento do trabalho livre e escravo.

Brazileiros	no	fim	de	dezembro	de	1863	eram	810
»	»	»	»	março	»	1864	»	930
»	»	»	»	maio	»	1864	»	719
Escravos	»	»	»	maio	»	1864	»	1691

O capital então empregado na compra dos materiaes e mantimentos nos armazens da Companhia importava em 412:200$420.

A despeza annual destes artigos assim se discriminava:

Mantimentos	81:148$370
Materiaes	318:866$340
Jornaes	663:025$054

Os jornaes assim se distribuiam pelos empregados:

Nacionaes	491:008$953
Estrangeiros	172:016$101

Eis o material de machinas: 20 rodas tocadas por agua; 8 que moviam 191 mãos de pilão, para pulverisar e quebrar a pedra; 6 *arrastas* para moer areias; 1 que movia

oito *arrastas*; 1 que movia o machinismo na amalgamação e 4 *arrastas* para moer areias; 1 de engenho de serra e 4 arrastos; 3 para içar a pedra das minas: 2 para esgotar a agua; 1 para levantar o malho na Tenda Grande; 2 para mover as ventaneiras das forjas de duas tendas de ferreiro; 1 para mover o moinho de fubá.

Em 19 de Abril de 1864, a queda de uma pedra na mina da *Cachoeira*, tendo causado alguns desastres pessoaes, produzio grande panico e a retirada de muitos trabalhadores. Este desastre exigio obras de segurança nessa e na mina do Bahú.

A despeza da Companhia em 1864 foi de.......... 1.098:151$019.

Eis o theor do ouro do observado em quatro annos:

Em 1860 foi de 7 $^3/_4$ oitavas por tonelada.
» 1861 » » 10 $^3/_4$ » » »
» 1862 » » 10 $^1/_2$ » » »
» 1863 » » 9 $^1/_4$ » » »

A quantidade de minerio extrahido das minas era:

Em 1860 de 91.361 toneladas
» 1861 » 96.612 »
» 1862 » 90.895 »
» 1863 » 84.758 »

A quantidade de ouro extrahido foi:

Em 1860 de 413.658 oitavas
» 1861 » 525.754 »
» 1862 » 539.466 »
» 1863 » 490.611 »

Observou-se que o toque do ouro variava de 19 quilates a 19 quilates e 2 grãos, isto é, a amalgamação do ouro e prata na proporção de 80,90 % de ouro, e 19,10 % de prata. Alem de ouro e prata, encontrou-se tambem cobre.

O pessoal administrativo constava de um superintendente, um capellão e outros auxiliares em numero de 14, seguindo-se-lhes funccionarios subalternos. A Companhia occupava então 2.522 pessoas.

Em 1867, a mina havia attingido a profundidade de 360 metros dos afflloramentos, com uma extensão de 210 metros, uma largura variando em diversos pontos de 2 a 27 metros, com uma media de 9 metros na parte da Cachoeira e de 12 metros na do *Bahú*.

(Captain R. Burton—*The Highlands of Brazil*).

Haviam até esta data sido extrahidos 28.658 kilogrammas de ouro, e ninguem mais duvidava da opulencia e grandeza do Morro Velho, garantidas por um enorme corpo aurifero.

Em torno desse fóco de vida industrial confluio a actividade das populações de uma extensa zona onde, em geral, a ingratidão das terras de cultura não offerecia fiança, nem compensação para o trabalho e capital. Tornara-se Congonhas um agitado centro industrial. Com effeito, o grande consumo que a empreza do Morro Velho fazia de carvão vegetal, vélas, azeite, cascas de madeira para cortume de sola, polvora, bem como outros artigos e materiaes, determinou o apparecimento das respectivas industrias, cuja retribuição, justa e razoavel, fez abastadas muitas familias, e salvou da penuria innumeros braços ociosos.

A abastança convidava o povo ás diversões. Já em 1852, uma associação formada dos homens mais importantes de Congonhas, levantava na praça principal do arraial, um espaçoso theatro, onde exercitava-se a mocidade na arte dramatica.

Nesse theatro, um dos tres unicos então existentes na provincia de Minas (os outros eram os de Ouro Preto e Sabará), foram representados, entre outros dramas muito em voga na epoca, *Nova Castro* e *Frei Luiz de Souza*.

Tres templos reuniam os fieis: a Egreja do Rosario, a mais antiga, construida de pedra e por acabar, como quasi todas as outras da mesma invocação; a Matriz, consagrada a N. S. do Pilar, de construcção elegante, decentemente decorada, graças ao venerando frei Francisco de Coriolano; e a Capella do Bomfim, celebre por ter albergado Theophilo Ottoni, quando condusido preso em 1842, após os successos de Santa Luzia.

Alem desses edificios, situados no fòco principal da povoação, outros muitos haviam sido levantados dentro do perimetro do Morro Velho, com a solidez, a sobriedade e o bom gosto das habitações inglezas de campo. O templo catholico, o protestante, o hospital, a *Casa Grande* (residencia do Superintendente) e outros edificios bem dispostos por aquelles valles e collinas, davam ao viajante, que os contemplava de distancia em distancia, a risonha perspectiva de uma aldêa suissa.

Quando, em 1843, o sabio viajante francez Francis de Castelnau visitou as minas do Morro Velho, já ahi encontrou uma installação completa. Vestidos de costumes de mineiros, elle e os mais expedicionarios, percorreram todos os trabalhos do estabelecimento, descendo á mina do *Bahú*, já então profunda de cincoenta e quatro braças. A diaria de extracção era de duzentas toneladas de minerio, cujo theor era de cinco oitavas de ouro por tonelada. Era director M. Herring e capitão de mina William Warren.

Eis, pelas proprias palavras, a impressão recebida pelo illustre commissario do governo francez :

> « Nous fûmes reçus à l'établissement comme de vieux amis par une charmante famille dont je conserverai toujours le plus touchant souvenir. Madame Herring, pour ainsi dire perdue dans ces déserts depuis de longues années, avait su, sans aucune assistance quelconque, donner à ses enfants une éducation tout européenne. Elle et ses charmantes filles nous firent bientôt oublier les fatigues du voyage, et, pendant plusieurs jours, *nous pûmes croire que nous avions étés transportés tout à coup par une baguette féerique dans un des ravissants cottages des environs de Londres.* Le jour de Noël se passa le plus gaiement du monde, et si l'étouffante chaleur empêcha de consumer la bûche consacrée, *un grand diner, une nombreuse société et une excellente musique, nous firent oublier que nous étions sous les tropiques.* »

(Castelnau—*Expédition dans l'Amérique du Sud,* 1° vol., pag. 251).

O superintendente de 1867, não cedia em gentileza e cultura ao de 1843. Mr. James N. Gordon, um *gentleman* de fina educação, tanto quanto dotado de uma rara penetração, tinha um temperamento expansivo e sociavel, reunindo frequentemente nos elegantes salões da *Casa Grande* tudo o que de mais selecto havia na sociedade dos arredores.

Com essas diversões, em que havia tal ou qual cortezia de etiqueta, sendo sempre exigida a *toïlette* de rigor, alternavam cá fóra, nos campos e nas praças, os folguedos do *folke-lore*: as cavalhadas, os curros, os torneios de argolinha, a dansa dos velhos, o boi da manta, os mastros e as fogueiras, e outras numerosas especies de jogos e festas populares, que se repetiam a qualquer pretexto de regosijo ou de pia invocação. Reinava assim o bem estar, e a cordialidade em todos estreitava as relações de tal modo, que nem as conseguiam romper as luctas politicas em quadras de eleição.

O incendio das minas

Achava-se Congonhas nesta feliz situação, quando, na noute de 21 de novembro de 1867, foi toda a população sobresaltada com a noticia fulminante de que um pavoroso incendio estava lavrando nas galerias subterraneas do Morro Velho, onde trabalhava áquella mesma hora mais de uma centena de operarios.

Não se descreve o effeito produzido pelo sinistro alarma.

A imaginação do povo, exagerada pelo terror subito da catastrophe, exaltou-se até o extremo, e momentos houve em que muitos julgaram o proprio arraial em risco imminente de ir pelos ares, ou de ser tragado pelo abysmo, ao ouvirem os surdos estampidos subterraneos dos materiaes explosivos attingidos pelo fogo. A manhã, que succedeu a essa noute dantesca, veiu amortalhada nos vapores que sahiam das minas, ennovelavam-se nos montes e envolviam de sombras a atmosphera.

Era a desolação para todos, e o luto para muitos, a quem nem ficou o triste consolo piedoso de dar sepultura

aos seus mortos, que a tinham achado no fundo ardente das minas. A' desolação moral e ao luto, accrescia para innumeros a perspectiva da miseria.

Não é seguramente numa rapida memoria como esta, o logar proprio para descrever os tramites dolorosos, as angustias estortegantes, as scenas tragicas de desespero, com que a magua publica assistiu ao lugubre sinistro. Quantas victimas pereceram, quantas se salvaram, incolumes mas aterradas do que viram, e quantas outras sobreviveram mutiladas para maior infortunio : — que o digam as testemunhas ainda vivas. A mina, depois de vomitar, durante dias e noutes, espesso fumo denegrido e sulphuroso, emmudecêra por fim, como uma cratéra de volcão exhausto, num tenebroso bocejo de cançaço e de vacuo. A atmosphera readquiriu a sua transparencia, lavada pelos aguaceiros de novembro, e o sol brilhou de novo sem vapores. Mas o povo do arraial continuava amortalhado em sua desolação.

Não fôra menos surprehendida, que o povo, a empreza cujos avultados capitaes foram num momento devorados.

« Os trabalhos haviam tomado tal desenvolvimento, diz Arthur Phillips, que, emquanto se socavam em 1838 com 65 pilões apenas 16.000 toneladas, chegava-se a socar, já em 1856, com 135 pilões cerca de 90.000 toneladas ; e o pessoal, que se compunha sómente de 300 cabeças em 1836, elevára-se a 2.400, das quaes apenas 130 europeus.»

(J. Arthur Phillips—*The Mining and Metallurgy of Gold and Silver*—1867, pag. 83).

A *queima* do Morro Velho, como o povo dizia, era uma verdadeira desgraça publica. Basta considerar-se, entre outras tantas cousas, que dos 258 predios que a Companhia possuia, só 52 eram occupados por estrangeiros. O seu hospital recebia annualmente perto de dous mil enfermos

(*Almanach Martins* de 1865, pag. 214).

Mas nem tudo conseguira o incendio devorar. No subterraneo proseguia seu curso inalteravel, na linha geologica, o corpo virgem da rocha aurifera, cujo filão, quanto menos accessivel era agora, mais accendia o esti-

mulo para novas tentativas de exploração. Era preciso tocal-o de novo, e assim se conseguiu, com innumeros sacrificios, a uma profundidade de 365 metros. Para esse fim, foram perfurados dous poços no valle entre os morros do Bomfim e do da antiga mineração. Durante longos sete annos, não fez a empreza senão despender, tendo-lhe custado os dous novos poços 86.515 libras. Sómente em 1874 poude ser distribuido aos accionistas um pequeno dividendo.

Mas era o bastante para que se reanimasse a vida de Congonhas e voltassem os seus dias prosperos.

Tal estado, porém, não durou muito, porque avultando as difficuldades da extracção do ouro e empobrecendo consideravelmente o minerio, reduziu a Companhia as suas despezas, diminuiu o pessoal e dispensou numerosos fornecimentos.

Em 1882, occorreu um accidente na mina, que ainda mais aggravou as suas condições, tendo desmoronado uma grande pedra sobre uma das galerias. Removidos estes obstaculos, proseguiu a exploração. « Infelizmente, porém, á medida que a mina se aprofundava, cresciam as difficuldades da exploração. Ameaçando as aguas subterraneas invadir os trabalhos, foram necessarias machinas de esgotamento mais possantes que as installadas, o que aggravou as despezas, que se foram tornando cada vez mais onerosas.»

(*Mining Journal,* citado pelo Dr. Ferrand).

Novo desastre ia estrondar quatro annos depois.

Na noute de 10 de novembro de 1886, o immenso salão inclinado, medindo cerca de 200 metros de profundidade, tornou-se o receptaculo lugubre de immensos blocos de pedra, materiaes pesados e compacta massa de terra, que desabaram sobre a mina, sepultando novas e numerosas victimas. No interesse da exploração aurifera haviam feito, no logar da columna do mineral, um immenso salão. Os blocos de pedra se desprenderam de um pilar de apoio horizontal que havia na rocha, em cima da escavação; e as muralhas, então insufficientemente firmadas, desmoronaram-se, arrastando e quebrando em sua

quéda as vigas massiças que serviam de sustentaculo, assim como o material de extracção e de esgotamento e tudo quanto havia em caminho. Tão violento foi o abalo, que se communicou aos poços, onde os revestimentos e as peças metallicas foram em parte demolidos ou deslocados.

(Xavier da Veiga—*Ephemerides Mineiras*, vol. 4.º pag. 181).

A mina do Morro Velho havia produzido em 52 annos 58.344 kilogrammas de ouro, representando um valor de 5.215.000 libras sterlinas, ou, ao cambio actual—. . . . 131.375:000$000 !

(G. Chalmers—*Propening of Morro Velho—London 1888*).

A restauração das minas

A eloquencia d'aquelles algarismos sobre o passado do Morro Velho induzia a empreza a novos e mais ousados commettimentos.

Quem, porém, se arrojaria a assumir a responsabilidade na iniciativa delles ? Immensas eram as difficuldades: a segunda escavação abaixo do nivel da bocca dos poços tinha a profundidade de 570 metros, estando os poços em parte destruidos. Um grande capital era preciso ; como attrahil-o, exhaustos os accionistas nos annos anteriores, em que o *deficit* era constante ?

Appareceu o homem para a situação, e a fé que o animava, tão grande como a sua competencia e capacidade, communicou-se aos accionistas, de modo que em 1888, levantava-se em Londres um avultado capital (233.174 libras), e á sombra delle Mr. G. Chalmers executou o plano gigantesco, que concebêra, de restaurar o Morro Velho, elevando-o a uma grandeza, nunca dantes attingida.

Perfurando dous novos poços de 768 metros de profundidade, conseguiu ferir o veeiro, e em 1895 a installação exterior estava completa. Não se illudira o sagaz mineiro e eminente industrial ; a Companhia entrára em phase de prosperidade, e, indemnisadas as despezas dos longos sacrificios, fruiram os accionistas nos dous ultimos annos

avultados lucros. Para se chegar a este resultado, quantas luctas!

A directoria em Londres, embora o seu grande credito e influencia, encontrou muitos obices, que teve de superar, para conseguir o capital, que se retrahira. No periodo de 1886-1892, foi tudo sacrificio, em que a perseverança do genio inglez, foi muitas vezes posta á prova.

Para se fazer uma idéa, em algarismos, das difficuldades vencidas, basta que se saiba que o capital empregado, *só na mina*, importou em mais de 400.000 libras. Apezar de toda a economia e do emprego dos melhores machinismos, ainda decorreu muito tempo, antes que a mina pudesse indemnisar as despezas da extracção.

Data desta nova phase do Morro Velho a maxima prosperidade do antigo arraial de Congonhas, elevado a Villa por decreto do Governador Dr. Bias Fortes, n. 364 de 5 de Fevereiro de 1891, do seguinte theor:

« Art. 1°. Fica elevada á categoria de Villa e constituida em municipio com a denominação de Villa Nova de Lima a freguezia de Congonhas de Sabará, desmembrada do municipio de Sabará.

§ 1.° O novo municipio não terá fôro civil e se comporá, alem da freguezia da Villa, da de Santo Antonio do Rio Acima, desmembrada do municipio de Sabará, etc. »

A installação da Villa teve logar a 29 de março de 1891, com grandes festejos populares, para os quaes concorreu com avultados recursos e elementos a Companhia do Morro Velho, tendo comparecido representantes do governo e altos funccionarios, que todos receberam dos habitantes da Villa e principalmente do Dr. G. Chalmers as mais assignaladas provas de gentilesa, tendo este agasalhado fidalgamente na *Casa Grande* o Secretario do Governador.

Bem merecia ser dotada de lar municipal e de autonomia a velha povoação colonial, que resistira ás tempestuosas crises da mineração, contribuindo sem cessar com largas sommas para as despezas da União e do Estado.

A actual installação do Morro Velho, *inclusive* as grandes minas, é na fralda do Morro do Bomfim, e nesses terrenos era condomino o cirurgião Deniz Antonio Bar-

bosa, cujos herdeiros permutaram a sua parte com a Companhia pelas terras do Garcez, avaliadas em 100$000!

Outras lavras foram pela Companhia Saint John d'El Rey exploradas no mesmo districto de Congonhas: as do Gaya e Gabiroba, pertencentes ambas outr'ora ao guardamor Fernam Paes Leme e depois ao capitão José Maria da Cunha Jardim e outros, que as venderam em 1862 ao Morro Velho por cerca de 12.000 libras. Uma e outra foram abandonadas, não por pobreza dos veeiros, que são de quartzo aurifero, mas pela imperfeição do tratamento do minerio, sendo o ouro excessivamente fino e perdendo-se em alta porcentagem.

Outras lavras no districto de Villa Nova

Se Auguste de Saint Hilaire houvesse observado mais de perto a formação geologica do velho districto de Congonhas e percorrido as ramificações da serra do Curral em sua vertente de sudeste, examinando tambem detidamente as innumeras minas que desde remotos tempos coloniaes, ahi haviam aberto os antigos, não formularia certamente o temeroso prognostico, a que já nos referimos. Só um exame da bacia do Rio das Velhas, independentemente de outras investigações, dar-lhe-ia verdadeira *prova de batêa* da immensa riqueza das vertentes dos morros adjacentes. Nesse collector, que de balde os mineiros primitivos procuraram esgotar, e donde em poucos dias tirou Arthur de Sá trinta arrobas de ouro, segundo o testemunho de André Antonil, accumularam-se, com os detrictos das alluviões, verdadeiros thesouros desaggregados das rochas primitivas em decomposição. Desses thesouros ainda resta grande parte, que não foi attingida pelos rudes processos da mineração colonial.

O proprio corpo aurifero que o illustre naturalista suppuzera esgotado no tempo do Padre Freitas, escondia nas entranhas da terra toda essa enorme opulencia, que um seculo inteiro não poude exhaurir.

E essa opulencia era tão prodiga que, aproveitado o minerio nos machinismos do importante estabelecimento

inglez, os seus residuos, desprezados, como estereis, desciam pelo veio do corrego levando ainda abundante ouro para sustentar emprezas, como a dos Vazes na praia de Congonhas (2 engenhos de *arrasto*), a da California, do Capitão João Vaz de Mello e Capitão José Maria da Cunha Jardim, e a do Gallo, da familia Jardim e outros.

O que succedeu com a Companhia do Morro Velho, teria de certo succedido com outras emprezas, si não fallecesse a estas o capital para vencer os revezes tão frequentes na industria da mineração. A natureza da formação sendo a mesma, não havia razão para que não fossem identicos os resultados, differençando apenas a taxa resultante da maior ou menor possança aurifera. As leis da geologia e da mineralogia não podem falhar. Conhecidos os dados, que alli estão ao alcance de uma simples inspecção illuminada de criterio scientifico; reconhecido que não houve sublevação plutonica *extraordinaria* que perturbasse a evolução natural das rochas primitivas, constituidas hoje, taes como se formaram no mais remoto periodo das revoluções do Globo, não podem illudir os signaes, indicados pela sciencia como seguros de uma jazida aurifera.

As Minas do Faria

Cerca de oito kilometros de Villa Nova (antiga Congonhas), na fralda de um serrote, contraforte do Morro do Pires, na vertente deste para o ribeirão de Fernam Paes (Macacos), iniciava-se no começo deste seculo uma exploração sobre as antigas datas do Faria. Estavam á frente della John Wild, o Major Henrique Felizardo Ribeiro, o Capitão José de Araujo Lima e Francisco Alves de Menezes. Esta associação pouco durou por falta de unidade na administração. Adquiriu depois a mina o Coronel Francisco de Assis da Cunha Jardim, que a explorou durante toda a sua vida. Com insignificante despeza, e diminuto numero de empregados captivos, encontrou o proprietario da mina do Faria recursos fartos para sustentar com certo brilho a elevada posição que occupou no

municipio de Sabará, e para dar a sua numerosa prole uma educação digna de seu nome.

Por fallecimento do Coronel Assis Jardim, e em falta de accordo dos herdeiros para se proseguir na exploração da mina, foi esta vendida em 1887 a um syndicato de capitalistas e engenheiros francezes, que agiram por conta da *Société des Mines d'or de Faria*, então fundada em Paris.

A lavra foi adquirida por 60:000$000.

Essa jazida comprehende um filão de quartzo schistoso e de pyrites auriferas, cujos *afloramentos* apparecem a 250 metros acima do fundo do valle (Ferrand). Segundo informações e documentos, a exploração desta lavra, pertencente hoje a uma Companhia ingleza, depois de algumas vicissitudes e contratempos, entrou em franca prosperidade, ostentando presentemente uma installação completa de todos os machinismos e accessorios de que ha mister uma grande empreza aurifera. O veeiro não tem falhado, e a producção do ouro obedece á regularidade já por nós assignalada nesta zona, onde toda a difficuldade está em attingir o corpo aurifero, que, uma vez descoberto, segue ordinariamente o seu curso subterraneo, levando os mesmos caracteres mineralogicos dos *afloramentos* da superficie.

Desde 1896, que a mina do Faria é explorada pela *Faria Gold Mining Company of Brazil*, que foi fundada com o capital de 60.000 libras.

As minas de D. Florisbella

Esta denominação é moderna e foi tomada da viuva do Capitão Hilario Jardim. Não podemos averiguar com precisão que nome tinham essas datas mineraes e o sitio da mina nos tempos coloniaes. Como adiante daremos uma relação, por nomes e lugares, das diversas concessões, será facil a algum erudito de antiguidades mineraes reclamar para esta lavra a denominação com que por ventura figurou nos livros da guardamoria. O que podemos assegurar, de tradição local, que ainda alcançamos, é que o

Capitão Hilario já encontrou em exploração a mina, e a explorou com pequena despeza e excellentes resultados.

E' uma lavra *rica*, no sentido proprio deste qualificativo. A sua riqueza varia de 80 a 500 grammas de ouro por tonelada de minerio: — ao menos foi este o resultado de diversas analyses procedidas sobre amostras de sua procedencia.

A sua formação é de quartzitos de pyrites arsenicaes e magneticas. O illustre engenheiro Dr. Ferraz, que ha pouco visitou o estabelecimento, referindo-se á formação do veeiro do *Bahú*, uma dessas minas, disse:

« O veeiro do *Bahú* é formado de duas zonas bem distinctas: uma central, constituida por quartzito acinzentado, impregnado de pyrites quasi exclusivamente arsenicaes (mispickel), acompanhadas de ouro visivel, ora superposto ou ligado ás massas pyritosas, ora em bellos filetes de ouro fino pulverisado na massa quartzosa, lembrando a structura do minerio do Transwaal; e a outra zona lateral constituida por schisto pyritoso aurifero. Estas duas zonas representam uma potencia de 5 metros.»

O theor medio do aproveitamento de todos os seus minerios tem sido de 18 grammas por tonelada.

Esta lavra pertence hoje á *Companhia Aurifera de Minas Geraes*, organisada a 21 de Março de 1892, com o capital de 200:000$. E' a unica companhia nacional de mineração que se tem podido manter, em grande parte devido á tenacidade e perseverança do seu presidente, o Dr. Urbano Marcondes.

O unico inconveniente dessas minas, é o da sua situação ao nivel do Rio das Velhas, o que deve exigir uma installação de possantes machinas de esgotamento de aguas subterraneas.

As minas do morro da Gloria (antigo da Cachaça)

Em outro braço da serra, em que se esguelha o Morro do Pires, estão situadas as datas mineraes do morro da Gloria, em cujas minas, reza a tradição, foram outr'ora

achadas grandes riquezas. Equidista cerca de dous kilometros das minas do Faria e de D. Florisbella.

O registro mais antigo que pudemos encontrar de datas no morro da Gloria, ou da Cachaça, é o constante do L. 2° da guarda moria de Raposos e data de 1763. Certo é, porem, que muito mais remota é a antiguidade das explorações daquellas paragens, antes de estarem reguladas as concessões mineraes. Vamos trasladar o que consta de fls. 32 do dito Livro:

> « Registro de huma carta de cinco datas no Morro da Cachassa.
>
> O Doutor Antonio Manoel das Povoas, fidalgo da casa de Sua Magestade fidelissima que Deus guarde & e do seu desembargo e seu ouvidor geral e coregedor desta comarca do Rio das Velhas e nella provedor dos Bens e Fazendas dos defuntos e ausentes Capellas e Residuos e superintendente das terras e aguas mineraes juiz dos Feitos da Corôa e das justificaçoens tudo com alsada no sivel e crime pello dito Senhor &. Faço saber aos que a presente minha carta de data virem que a mim me enviou a dizer por sua petisão por escripto Claudio da Silva e outros, o theor seguinte — Diz Claudio da Silva Monica de Oliveira e Maria da Luz que elles suplicantes exercitão ouro de minerar e tem fabrica para tal uso e como no caminho do Morro da Cachassa em Santa Rita vindo para o morro de D. Marta em huma quebrada entre dous morros agudos onde se acha huma cruz das almas estão e são terras devolutas querem elles suplicantes que vossa mercê lhes conceda dose datas de terras com quadras e sobrequadras correndo para o dito arrayal de Santa Rita e para melhor dizer para a parte delle — Pede a vossa mercê seja servido conceder-lhes as datas na forma praticada e receberá mercê — Segundo o que tudo isto assim e tão cumpridamente se continha e declarava a hera conteúdo e escripto e declarado em dita petisão a qual sendo me apresentada e

por mim vista nela dei o despacho seguinte — Passe carta de sinco datas que alli se medirão e demarcarão na paragem e dellas se lhe dará posse sem prejuizo de terceyro. Sabara mayo de 27 de mil sete sentos e sesenta e tres — *Povoas* e não se continha mais em o dito meu despacho em cumprimento do qual se passou a presente minha carta de data pela qual Hey por bem em nome de Sua Magestade Felisissima que Deus guarde de conceder aos suplicantes Claudio da Silva, Francisco Pereyra Vasconcellos, Monica de Oliveyra Maria da Luz por carta de data sinco datas na paragem que mensionarão em sua petisão sem prejuiso de terceyro, e dellas haverão posse que lhes dará o guarda mór do districto com seu Escrivão medindo-as e demarcando-as na forma do estilo e Regimento para nelas fazerem cervisso como determina o Regimento e esta se registrará nesta superintendencia sem o que não terá o seu devido effeito.

Assim o cumprão e al não fassão. Dada e passada nesta Villa Real de Nossa Senhora da Conceyção do Sabará sob meu signal e sello que ante mim serve ou valha com sello *ex causa*— Aos vinte sete dias do mez de Mayo do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e sete sentos sesenta e tres. Pagou-se de feytio por esta minha carta de data por parte dos suplicantes Claudio da Silva e outros a cujo requerimento e petitorio se lhe deu e passou na forma do contado pelo Regimento destas minas observado e praticado quinhentos e vinte e sinco Reis de assignatura e sello pagará quinhentos reis e eu José de Seyxas de Almeyda escrivão da ouvidoria e superintendencia o subscrevy —*Antonio Manoel das Povoas*—Registrada a fs. dezoito do livro do Registro desta Superintendencia. Sabará 27 de Mayo de 1763.— *Seyxas* E não se continha mais cousa alguma em a dita carta de data que eu Escrivão aquy trasley bem e fiel-

mente da propria a que me reporto. Raposos quatro de Outubro de mil e setesentos e sesenta tres eu Manoel de Souza Sanches escrivão da guardamoria que escrevy e assigney.

Manoel de Souza Sanches

De outros livros da guardamoria, que poucos e truncados existem, pudemos ainda verificar as seguintes concessões no Morro da Gloria:

1774

José de Souza de Andrade, Miguel da Silva Sampaio, Manoel Rodrigues Dias, Thereza Nogueira, Domingos Alves Braga, Manoel Martins Pacheco, Rita Gonçalves Peixoto, Antonio de Souza Moreira, Anna Peixoto Gonçalves, Manoel Francisco e Joaquim Francisco da Silva.

1765

Sargento mór José Correa Villas Boas, Marciano Lopes, Felix da Silva.

1785

Manoel Rodrigues Dias, José Ribeiro da Cruz, Manoel José Munihé, Thereza Nogueira.

1800

Telles Ferreira de Freitas, Padre José Alves Pereira Jardim, capitão Antonio de Almeida Lima, Joaquim José de Almeida.

1801

Joaquim José de Almeida, Hilario Rodrigues Lima.

Nos primeiros annos do seculo actual, pertenciam as minas do morro da Gloria ao capitão José de Araujo Lima que as explorou até 1829. Seus herdeiros as venderam a uma companhia, de quem as adquiriu Francisco Alves, que por sua vez, as transferiu ao rico portuguez Francisco Alves da Cunha, irmão de Geraldo Alves da Cunha, proprietario de um trapiche no Rio de Janeiro.

Foi em poder do ultimo proprietario, que a lavra do morro da Gloria justificou o seu nome, ostentando enorme potencia aurifera.

São tres as suas galerias: a mina *Rica*, a dos *Morcegos* e a de *Santo Antonio*. A producção do ouro foi ahi maravilhosa.

Tendo-se descoberto o veeiro, manifestou-se uma grande mancha de ouro, donde, sendo destacado um seixo de pouco mais de um decimetro cubico, foram extrahidas cerca de 90 oitavas!

Foi-nos isto referido pelo antigo administrador de Obras Publicas de Minas, major Agostinho do Couto, ainda hoje residente em Ouro Preto, o qual foi durante muitos annos, até 1843, administrador da mineração de Antonio José Alves da Cunha. Desse mesmo auctorisado depoimento, tivemos occasião de ouvir factos interessantes, que attestam a opulencia e o luxo então reinantes no arraial de Santa Rita, povoação proxima do morro da Gloria, hoje quasi ruinas sob um bosque de coqueiros.

O quartzo aurifero do morro da Gloria era tão rico, que as areias dos seus residuos, abandonadas e expostas á acção do sol, continuaram a ser, durante quarenta annos, proveitosamente exploradas pelos faiscadores.

Esta notavel jazida, segundo estamos informados, pertence hoje aos herdeiros de Mr. James N. Gordon, aos do Sr. Antonio Marques da Rocha e aos do commendador Francisco de Paula Santos.

Suas immensas riquezas, pode-se affirmal-o, estão quasi intactas, tendo apenas sido esplorada a formação pelos deficientes processos antigos.

Lavra do Canavial

No prolongamento da mesma linha orographica, a morrer na margem esquerda do Rio das Velhas, junto ao arraial de Santa Rita, mencionam os registros da guardamoria a lavra do canavial, cujas datas em 1789 foram concedidas aos seguintes mineiros: Clara Pinto da Silva, Maria da Silva Rosa, Anna da Silva Rosa, Rita Clara da Silva, José

Coelho de Menezes, João Ferreira de Aguiar, Luiz Dias Faneco, Luiz da Silva Cardozo, Licenciado Pedro França, José da Silva Rosa, Hilario Roiz Lima.

Pelo anno de 1830, o capitão José de Araujo Lima, grande proprietario e fazendeiro, iniciou no canavial um serviço de *talho aberto*, onde apurou numa *canôa* tal quantidade de ouro, que com elle conseguiu restaurar completamente a sua fortuna, até então abalada nas aventuras de outras explorações auriferas. As alluviões pluviaes, interrompida a exploração, entulharam a escavação em cujo fundo jaziam tantas riquesas.

Arraial de Santa Rita

Foi theatro de grande actividade mineral em todo o seculo XVIII; a sua tradição mais antiga perdeu-se ou jaz occulta com os detentores dos Livros da guardamoria de Raposos que faltam ao Archivo Mineiro. Conseguimos apenas apurar dos poucos registros as seguintes concessões, feitas quando a povoação já era muito antiga: em 1764, as de Josepha Ribeiro e Domingos Alves Braga; em 1771, as de Luiz da Silva Cardozo; em 1773, a do Padre Francisco Monteiro da Silva Lopes; em 1774, as de Antonio José da Silva, Alferes Manoel Machado Paim; em 1782, as de Jeronimo de Araujo Lima, reverendo Dr. Quintiliano Teixeira Jardim, que foi governador do Bispado, Manoel João de Miranda e Antonio Pereira Ribeiro; em 1786, a do Padre Manoel Antonio de Caldas Alvarenga; em 1787, a de João da Costa Figueiredo; em 1788, a de Ubaldo da Silva Rosa.

O serviço mais importante de mineração foi o de Jeronimo de Araujo Lima no leito do Rio das Velhas.

Lavras do Batatal

Seus concessionarios mais antigos, de que ha memoria, são os seguintes:— em 1773, Padre Francisco Lopes e Ignacio Ribeiro de Queiroz; em 1778, D. Suzana Fran-

cisca de Sant'Anna e Padre Manoel da Fraga Coelho; em 1786, Anna da Costa Mesquita; em 1789, José Antonio da Fraga Coelho, Antonio da Silva Diniz, Lauriano Ferreira da Luz, Anna Joaquinha, Manoel Joaquim, Joaquim Mariano e Capitão Antonio de Almeida Lima; em 1796, José Antonio da Fraga Coelho e Miguel Gonçalves Palmeira.

Lavras de Fernam Paes

Foram seus concessionarios: em 1786, Alferes Francisco Ferreira Real; em 1795, Padre Antonio Martins Gomes; em 1796, José Antonio da Fonseca Lemos e Joaquim Machado Ribeiro.

Datas de Mattosinhos

Encontra-se este registro:

« Termo de demarcação de dattas concedidas a D. Marianna Rosa de Jesus e D. Maria Cleta de S. José.

Aos quatorze dias do mez Janeiro de mil setecentos e oitenta e sete annos, neste citio de Mattosinhos, Freguezia de Santo Antonio do Rio Asima, pelo guarda-mór do Districto Sargento Mayor Anastacio das Neves Ribeiro se concedeu, e demarcou, huma nesga de terra, para D. Mariana Rosa de Jesus, e D. Maria Cleta de S. José minerarem, a qual se acha vaga, e devoluta entre os titulos de Agostinho da Silva Campos, e outro das mesmas empossadas, e outro de hum córte de terras do Padre Antonio Mendes, cuja terra novamente concedida fica em o Morro que está á direita, vindo para o dito citio, de D. Joanna Angela de Cerqueira, a qual terra por se achar devoluta foi assim concedida, e demarcada as sobreditas empossadas, pelo sobredito guarda-mór, em virtude da carta de Datta passada por esta guardamoria, e dellas logo se lhe deu posse, sem prejuiso de terceiro, em presença das testemunhas o Reverendo Doutor Vigario Geral José Corrêa da Silva e Luiz da Silva Cardoso, de que para constar faço este termo, que assignarão os sobreditos, e eu Francisco

de Sales Ferreira escrivão da guardamoria no impedimento do actual que o escrevi.—*Neves.—Marianna Rosa de Jesus. Maria Cleta de S. José. Corrêa da Silva.—Luiz da Silva Cardozo.* »

Estes terrenos pertencem hoje á Companhia do Morro Velho.

Arraial de Congonhas

Ha registros das seguintes concessões :

1726. Pedro Peixoto Huna, Pedro de Souza Barros, Antonio Cardoso, guarda-mór Pedro da Fonseca Osorio, Manoel Ferreira Barbosa, Damasio da Silva Falcão, José da Costa Valle, Antonio Mina, Firmo Dias, Joaquim da Costa de Mesquita.

1764. José da Silva Cardoso, João Gonçalves de Lima, Manoel de Lima e Silva, Diogo Alves, André Pinto Dias, Pedro José da Silva, Manoel Gonçalves de Almeida.

1771. Luiz Antonio de Abreu, Pedro de Souza Cunha, Antonio Rodrigues Sobreira, Pedro Antonio de Carvalho, Luiz Moreira da Silva, Ajudante Anastacio das Neves Ribeiro, Padre Manoel Dias Faneco, Miguel Gonçalves Palmeira, Caetano Velho do Val, Domingos Martins Braga, Salvador Valente Simas, Alexandre Martins de Carvalho, Manoel Ribeiro, Luiza de Carvalho (Paiol de Cougonhas), Hilario Rodrigues Lima (Morro de S. Jorge), Reverendo Dr. Francisco da Silva Monteiro Lopes, Domingos Gonçalves Alfenas.

1775. Rodrigo Carvalho da Costa, Domingos Carvalho da Costa, Manoel de Lima e Silva, Manoel Gonçalves Brejo (Aguas Claras).

1777. José Antonio da Fraga Coelho.

1778. Manoel Pereira da Rocha.

1779. Capitão Domingos Carvalho da Costa e João Pinheiro Braga.

1786. Francisco Gomes da Silva.
1788. D. Antonia Francisca da Silva, Antonio Ribeiro da Silva, capitão Domingos Carvalho da Costa, capitão-mór José Pinto da Costa, José Ribeiro da Silva, capitão José de Araujo Lima, João Baptista Villa Nova, Maria Thereza de Jesus, Camillo de Lellis Ribeiro, João Ribeiro da Silva, Iria Rosa do Espirito Santo.
1789. Caetano Gomes Ribeiro (sitio de Vera Cruz).
1795. José de Araujo da Cunha Alvarenga, coronel Manoel Pereira de Freitas.
1796. José Antonio da Fonseca Lemos e Bernardo Antonio dos Santos (Corrego da Onça).

Esta relação é deficientissima e apenas serve para indicar que, onde quer que se encontre um registro, documento ou livro tambem repercute um echo do grande movimento mineral que agitou o arraial de Congonhas no seculo XVIII, confirmando o que dissemos no começo desta memoria.

Dos arredores de Congonhas ha os seguintes registros:

No lugar denominado *Cabeceiras*: em 1764, Ignacio e José Gonçalves da Costa; em 1766, Thomé Gonçalves Brejo; em 1796, José Rodrigues de Abreu, Vicente Rodrigues de Abreu e o Capitão Manoel de Araujo Alves, D. Joanna Victoria Cerqueira, Luiz José da Silva, Jorge Rodrigues de Almeida, Jeronymo José de Oliveira, Simão Dias dos Santos.

No morro dos *Cabritos*: em 1777, Manoel Ribeiro Peixoto, José Pereira da Rocha, Valerio José de Mello.

Na serra do *Tombadouro*: em 1765, Manoel de Lima e Silva.

No morro do *Gengibre*: em 1775, Joaquim Francisco França, Anacleto Gonçalves Brejo e João Alves Joaquim.

No morro do *Bayacú*: em 1771, Antonio de Macedo Velho, Padre Francisco Manoel Martins, Mathias Marques Cardoso, João Rodrigues, commandante Jorge de Almeida Lara, Pedro Affonso Alves, Antonio Martins Villaça, Manoel dos Reis, Antonio José Gomes, Placido Borges de Alecrim, Luiz da Silva Cardoso, Jacintho Gonçalves de

Azevedo, Antonio Francisco da Silva; em 1786, Padre Domingos de Faria Pinolo e Manoel de Almeida Freitas.

Em *Ouro Pôdre da Varginha*: em 1795, Luiz da Silva Cardoso, Maria Antonia de Avellar, Luiz Dias Faneco, Joaquim Antonio da Fonseca, João da Silva Cardoso, João Rodrigues Baptista, Manoel da Silva Cardoso, Maria Victoria da Silva, Pedro da Silva Cardoso, Maria Luiza da Conceição, Joanna Maria da Trindade, Francisco Dias Faneco, Jeronymo Rodrigues Barros, José Rodrigues de Abreu, Antonio Rodrigues de Abreu, Bernardino de Senna e Silva, Fernando Luiz Barroso, Joaquim Machado Ribeiro, José da Costa Ribeiro, Jeronymo José de Oliveira, Antonio Gonçalves Simões, Francisco José Brochado, Padre Manoel Bernardo, capitão Luiz Antonio Rabello de Araujo, Felippe Ignacio Barbosa de Sá, Luiz Dias Faneco, Domingos Carvalho da Costa, Maria Antonia de Avellar, João da Silva de Oliveira, Rita Constancia da Silva, José da Costa Ribeiro, Padre Manoel Martins de Macedo, João Gomes de Miranda, Antonio da Rocha Rangel, Valentim José dos Santos, Francisco José dos Santos Brochado, Eloy Peixoto Carmo, Miguel Dias da Silva, Pedro José Terruxo, Marciliana Coelho, Domingos de Oliveira, Joaquim Luiz Ferreira, guarda-mór Antonio José Couto, Capitão Cipriano Ferreira da Camara, Padre Francisco de Souza Barros (vigario de Congonhas), Padre Joaquim Barbosa Ferreira, Jeronymo José de Oliveira, Joaquim Borges da Cunha, Antonio Ferreira de Azevedo, Manoel Gonçalves Prudente, Vicente Luiz de Miranda, Maria Lopes de Faria, Manoel Lopes Vidal, Antonio da Rocha Rangel, Athanasio de Souza Araujo, Capitão Caetano da Silva Guerra, Francisco da Silva Guerra, Francisco Dias Faneco, Marcello da Silveira Lobato, Joaquim de Almeida Lima, Agostinho da Silva Campos, Padre Antonio Mendes da Cunha; em 1796, Manoel de Oliveira, Domingos de Oliveira; em 1798, Tenente-Coronel Anastacio das Neves Ribeiro, Manoel Luiz Pacheco de Vasconcellos, Manoel de Araujo Alves.

Em *Mutuca*: em 1777, Gregorio da Costa Guimarães, Jeronymo José de Oliveira, Francisco de Freitas Velho, José Antonio da Fonseca, José Carvalho da Silva, Dr. João

Caetano Pinto, Padre Manoel das Neves Ribeiro, João de Souza São Boa Ventura, Francisco José da Silva, João Lopes Pinheiro de Figueiredo, Antonio José da Costa, Antonio Moreira Gomes, José Gonçalves Mourão, Antonio Martins Eyras, Reverendo Ignacio Cardoso de Mattos, João da Silva Lopes, Vigario Luiz Nogueira da Costa, Antonio Gonçalves, Gil Manoel Lopes Guimarães, Manoel de Azevedo e Pedro de Freitas, Reverendo Bernardo Salomé Villas Boas, Joanna Borges, Capitão Gregorio da Costa, Francisco Rodrigues Vaz, Ignacio Cardoso de Mattos, Maria Julianna da Encarnação, Manoel Pinto de Souza, Francisco de Seixas e Pedro de Seixas; em 1785, Antonio Maria, Francisco Rodrigues Lima, Jeronymo José de Oliveira, Francisco de Seixas Velho, José Antonio da Fonseca, José Carvalho da Silva, Francisco José da Silva, João Lopes Pinheiro de Figueiredo, Dr. João Caetano Pinto, João Ribeiro Rodrigues, Reverendo Manoel das Neves Ribeiro, Capitão João de Souza São Boa Ventura, Antonio Fernandes Gil, Manoel Lopes Guimarães, Maria de Seixas Velho, Custodia Perpetua da Silva, Marcellino Pires de Araujo, Vigario Luiz Nogueira da Costa, José Carvalho da Silva, Francisco de Miranda da Costa, Antonio Moreira Gomes, Joaquim Gomes de Abreu, Antonio Moreira Gomes, José Carvalho da Silva, Bemdictas Almas do Curral d'El Rey, Padre Bernardo Jacomo Villas Boas, Joanna Borges, Alferes Sebastião Alvares, Antonia Maria, Joanna dos Santos, Joaquim Luiz Ferreira da Silva, Joaquim Luiz Ferreira, Furriel Antonio José da Costa, Manoel da Costa, Maria da Costa, Pedro de Seixas, Manoel de Azevedo, Manoel José de Munihé, Francisco Antonio da Fonseca, João Baptista da Silva, Josepha Clara de S. José, Custodia Perpetua da Silva, Antonia Maria Pires; em 1801, João Rodrigues Chaves e Luiz Dias Faneco.

Nos cascalhos e veio de *Cambizes*: em 1778, Alexandre Baptista de Sá, Theodosio Pereira de Oliveira, Ambrosio Francisco dos Reis, Gregorio de Souza, Manoel Bôto Machado, Alferes João Marques da Lyra, Manoel de Faria, José Caetano Moreira de Meirelles, Pedro Lopes dos Santos, Luiz Jorge da Silva, Pedro Monteiro,

Antonio Machado Ribeiro, Antonio Bôto Machado, Caetano Martins do Valle, Maria Rosa de Jesus, Antonio de Souza Teixeira, Manoel das Neves Ribeiro, José Guilherme Bolina, Gonçalo Francisco Bolina, Felix de Andrade, Eusebio Caetano de Oliveira, Rosa Pereira de Oliveira, João Pereira de Oliveira, S. Francisco de Assis, Ambrosio Francisco dos Reis, Alexandre Baptista de Sá, Henrique Felizardo Ribeiro, José Caetano Moreira de Meirelles, Manoel Pereira Guimarães, Luiz Jorge da Silva, Jeronimo Tavares, Antonio Machado Ribeiro, José da Costa Ribeiro, José Guilherme do Valle, Joanna da Piedade, João Marques d'Eyras Machado, João Ribeiro Rodrigues, a Irmandade da Senhora do Rosario, Antonio Duarte de Souza, Joaquim Athanasio do Valle, Manoel de Jesus Ribeiro, Furriel Manoel Pereira Couto, Thereza Dias Carvalho, Manoel Pereira da Silva, Anastacio Baptista de Sá, Leandro José Pacheco, Caetano da Silva Guerra, Euzebio Caetano de Oliveira, Manoel Mendes de Andrade, Padre Manoel José Barbosa de Faria, Alferes José de Araujo Lima, Prudenciana do Espirito Santo, Ambrosio Francisco dos Reis, Antonio Cezar de Souza.

Nas lavras do *Garcez*: em 1788, D. Anna Maria da Silva, Geraldo Ferreira da Luz, D. Antonia Francisca da Silva, Antonio Ribeiro da Silva, João Ribeiro da Silva, Antonio da Silva Diniz, Manoel Francisco da Silva, Luiz da Silva Cardoso, Joaquim Machado Ribeiro; em 1794, Coronel Manoel Pereira de Freitas, Tenente Manoel Pereira Guimarães, Joaquim Machado Ribeiro, Manoel Francisco da Silva; em 1797, foi o *Garcez* absorvido pelo Tenente-Coronel e Guarda-Mór Anastacio das Neves Ribeiro, que só de uma vez, tirou cento e tantas datas!

Os descobertos de Macacos

Na *Serra de Macacos* obtiveram datas: em 1765, Francisco Duarte, Felix Duarte e Autonio Duarte, Antonio Fernandes Guimarães, D. Prudencia do Espirito Santo, Francisco Lopes Picado, Alferes João Martins Gomes; em 1771, Pedro Antonio de Carvalho, Antonio

Duarte, João Rodrigues, Francisco Pereira Pinto, Coronel Ventura Fernandes, D. Maria Antonia, Feliciana Rosa, Agostinho da Motta Campos, João Rodrigues; em 1773, Vigario Dr. Jeronymo de Sá Vilhena, Padre Ignacio Cardoso de Mattos, Maria Josepha de Avellar, Antonio José Gomes, João Martins Cabrita, Telles Duarte, Marcellino Pinto, Virissimo José da Costa, André Antonio Lage, Tenente Domingos Carvalho de Azevedo, José Antonio da Fonseca, Luiz Pereira Barbosa, Caetano Antonio de Souza, Thomé Mendes Jardim e Joaquim Gomes; em 1776, Manoel Gonçalves de Miranda; em 1778, José Fernandes de Lima; em 1780, José Antonio da Fraga, Reverendo Dr. João Caetano Pinto, João de Souza São Boa Ventura; em 1786, José Antonio da Fonseca Lemos; em 1789, Sebastião Rodrigues da Costa, José Fernandes Lima; em 1795, Manoel de Araujo Alves; em 1796, Maria Rosa da Silva, Magdalena Duarte, Maria Juliana da Encarnação; em 1798, Tenente Manoel Luiz Pacheco de Vasconcellos.

No *descoberto da serra do Tamanduá*; em 1771, Vigario Dr. Jeronimo de Sá Vilhena, José Rodrigues Carapusa, Luiz Antonio de Abreu, Antonio Rodrigues Sobreira, Padre João Brandão Coelho, Alferes Cypriano Correa da Costa, Manoel Gomes de Assumpção; em 1773, Custodio Francisco Guimarães, Antonio Fernandes Rosado.

Podia causar extranhesa que este *descoberto* não se encontrasse mencionado nos registros do anno de 1773 em diante si não fôra o seguinte Aviso do Governo de Lisboa, que a elle evidentemente se refere:

> «O Marquez de Pombal, do Conselho de Estado, Inspector Geral do Real Erario, e nelle Logar Tenente de El-Rey Meu Senhor, etc.
>
> Faço saber á Junta da Administração da Fazenda Real da Capitania de Minas Geraes, que neste Real Erario se vio a Carta, que enviou o Conde de Valadares, Governador que foi dessa Capitania, datada de 30 de Abril proximo passado, e mais papeis juntos, em que se refere ter feito entrar nos cofres dessa Thesouraria Geral

a quantia de cinco contos sete centos e vinte cinco mil, setecentos e desoito réis produzida do ouro, que se havia mandado extrahir do novo Descuberto, chamado dos Macacos, na Freguezia das Congonhas, Termo da Villa do Sabará, por se haver julgado pertencer á Real Fazenda, visto não se mostrar dono legitimo das terras, donde foi extrahido o dito Ouro: e que outro sim havia ordenado ao Ouvidor da Comarca do Sabará fizesse pôr em lanços a Data, que no dito Descuberto pertencia á Real Fazenda, e que o producto da sua arrematação remettesse, aos cofres dessa dita Thesouraria Geral. Em attenção ao que é El-Rey Meu Senhor servido conformar-se com o referido procedimento, havendo por muito recommendado a essa junta da Fazenda, que tenha o maior cuidado em fazer evitar todos os descaminhos, que nos novos Descubertos das Minas possão acontecer oppostos ás suas Reaes Determinações, dando para esse effeito as providencias, que julgar mais convenientes, fazendo inteiramente observar o Regimento dos Descubertos das terras mineraes, o que a mesma Junta assim fará praticar. El-Rey Meu Senhor o mandou pelo Marquez de Pombal, de seu Conselho de Estado Inspector Geral do Real Erario, e nelle Lugar Tenente immediato á Real Pessôa do mesmo Senhor. Lisbôa 19 de Setembro de 1773.—*Luiz José de Brito*, Contador Geral do Territorio da Rellação do Rio de Janeiro, Africa Oriental, e Asia Portugueza, a fez escrever.—*Marquez de Pombal*.»

(*Revista do Archivo Publico Mineiro* 1º volume, pag. 714).

No corrego dos Cristaes: em 1775, José Caetano da Rocha Pinto; em 1789, Joaquim Duarte e Pantaleão Duarte, Clara Pinto da Silva.

Na roça do Faneco: em 1771, Antonio de Macedo Velho, Manoel Martins de Carvalho, Padre Francisco Martins de Macedo.

Em Lavras Novas do Garcez: em 1802, o Coronel Anastacio das Neves Ribeiro, que se empossou de tudo quanto de melhor havia de datas mineraes naquellas paragens.

Macacos chegou a ser uma povoação ainmada, e a sua Egreja, consagrada a S. Sebastião, era filial á matriz de Congonhas.

Corrego da Anica

Em 1773, requereram e obtiveram datas ahi o Tenente Coronel Manoel Fernandes Pacheco, Sylvestre Pires de Passos, José Rodrigues Barros, João Francisco Barros, Manoel Francisco Barros ; em 1789, Joaquim Lopes da Silva, João Ferreira de Aguiar, Joaquim Lopes da Silva, Anna Thereza da Silva, Maria Victoria da Silva, Anna Luiza da Silva, João Francisco Barros, Luiz da Silva Cardozo, Padre Ignacio Pereira Barbosa, Tenente Paula Corrêa Villas Boas, Joaquim Lopes da Silva, Manoel Antonio de Araujo, Francisco Pinheiro, Felicia de Souza, Miguel Dias da Silva, Manoel Dias da Silva, Anna Maria de Jesus, Manoel Francisco da Silva.

Estas terras mineraes e outras que margeam o rio de Peixe, pertencem hoje á Companhia do Morro Velho.

Santo Antonio do Rio Acima

E' um velho povoado erguido e abatido pelas vicissitudes de grandeza e decadencia da mineração ; teria com certeza o aspecto ruinoso de Santa Rita, si a E. F. Central ahi não collocasse uma estação.

Suas riquesas mineraes, porém, adormecidas desde o começo deste seculo, só esperam o emprego dos processos aperfeiçoados de minerar, para que despertem com o brilho e opulencia de outr'ora.

A freguezia de Santo Antonio foi supprimida pela lei mineira n. 50 de 1836, que a annexou á freguezia de Raposos ; mas a lei n. 138 de 1839 a restaurou.

Eis a sua divisa, pelo lado de Congonhas, traçada pela lei n. 1893 de 1872, art. 3º : « pela linha que, par-

tindo da barra do corrego Cambibe, no Rio das Velhas, subir por este até o ribeirão dos Macacos e por este outro até a barra do corrego de Anica ; d'ahi em diante pelo espigão acima, até sahir ao campo, a linha seguirá os antigos traços.»

Eis os registros mineraes que encontramos.

Arraial

Em 1777, Dr. Silvestre de Carvalho Freire, Tenente Coronel Manoel Fernandes Pacheco, Silvestre Pires e João dos Santos Pacheco, ; em 1773, Tenente Domingos Ribeiro de Carvalho ; em 1794, Manoel Barbosa de Lima, Vigario Francisco de Souza Barros.

Lavras do Papa Milho

Em 1764, Manoel João de Miranda, João Alvares de Carvalho, Maria Bernarda da Conceição, Licenciado Antonio Gomes Mafra ; em 1771, Tenente Coronel Manoel Fernandes Pacheco, Maria Bernarda da Conceição ; em 1789, Padre Ignacio Pereira Barbosa ; em 1801, Capitão José de Araujo Lima.

Lavras do Curralinho

Em 1774, Domingos da Cunha, Antonio Affonso Lapa, Padre Ignacio Pereira Barbosa, Manoel João de Miranda, Bernardo Gomes ; em 1776, Padre José Luiz Sotto.

CONCLUSÃO

Alem destas lavras e minas, numerosas outras bordam os contrafortes da serra do Curral, podendo com justiça ser comparada ao "Rand" do Transwal a região que as contêm.

A especialidade geologica e mineral do sólo de Villa Nova de Lima assegura-lhe um futuro de incalculavel grandeza. Nenhum outro municipio do Brazil se lhe pode equiparar sob este aspecto, nem mesmo o da opulenta Villa Rica, cuja incontestavel pujança mineral está sujeita ás vicissitudes de formações variaveis e irregulares, emquanto Villa Nova, numa area limitadissima, offerece a exploração innumeros corpos compactos de veeiro pyritoso aurifero, que, uma vez descoberto, remunera sempre os sacrificios de uma extracção permanente e duradoura.

Não se realizou, felizmente, o vaticinio de Saint Hilaire. O velho arraial de Congonhas, transformado em Villa Nova, é hoje, mercê dos progressos da mineração, a melhor praça commercial de Minas, e o seu futuro justificará brilhantemente a epigraphe que tomamos para esta memoria : « Um municipio de ouro ».

Ouro Preto, 22 de Setembro de 1900.

CONEGO
JANUARIO DA CUNHA BARBOZA

Esboço biobibliographico

POR

Antonio da Cunha Barboza

Do Instituto Historico e Geographico Brazileiro

Não póde o silencio da morte suffocar as vozes da justiça e da gratidão, quando a memoria dos que ella arranca de entre os vivos, desperta a lembrança de acções grandes, que devem chegar á mais remota posteridade.

Tão memoraveis palavras foram proferidas em um eloquente sermão do Conego Januario da Cunha Barboza, a 23 de Maio de 1831.

I

O Conego Januario da Cunha Barboza é um nome que brilha nas paginas da historia brazileira.

Quando a vida litteraria nascia no Brazil, encontrou no Conego Januario um dos seus mais dedicados apostolos. No jornal — batalhando pela emancipação politica da sua terra natal ; na tribuna sagrada — pregando a doutrina religiosa do christianismo.

A sua penna e a sua palavra tiveram prodigiosa acção no espirito publico e obtiveram successos admiraveis.

Documento immorredouro de seus dotes de espirito foi a fundação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, por inspiração e execução sua de parceria com o Marechal Cunha Mattos.

Sapiente e honestissimo sacerdote, o seu illustre nome ainda não foi apagado da memoria nacional. Todos nós brazileiros, lhe somos devedores dos mais sinceros reconhecimentos e homenagens.

Deus in nobis. O Conego Januario da Cunha Barboza é um redivivo. Seu nome não está no olvido; figura nas paginas das revistas do Instituto Historico e Geographico Brazileiro; do Auxiliador da Industria Nacional; nos Archivos do Grande Oriente do Brazil, em quasi todos os livros biobibliographicos e cursos de litteratura nacional, selectas, parnasos e anthologias brazileiras.

Januario da Cunha Barboza, filho legitimo de Leonardo José da Cunha Barboza, natural de Lisboa, e de D. Bernarda Maria de Jesus, do Rio de Janeiro, posteriormente Barões do Ipiabanha, nasceu nesta cidade a 10 de Julho de 1780, á rua dos Pescadores, tendo sido baptisado na matriz da freguezia de Santa Rita.

Aos nove annos de idade perdeu sua mãi e pouco depois seu pai, tendo ficado á cargo de um tio paterno—José da Cunha Barboza,—a quem deveu a sua educação.

Após ter cursado as aulas preparatorias ecclesiasticas do Seminario de S. José, em 1801 tomou a ordem de subdiacono e dous annos mais tarde entrou no sacerdocio. (1)

Fôra seu lente n'aquelle Seminario o padre mestre Frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho, que igualmente houvera sido de S. Carlos, Sampaio, Mont'Alverne, monge seraphico franciscano, distinctissimo por seu saber e virtudes, o qual occupou, não só no seu convento como fóra d'elle os lugares mais elevados: censor e pregador regio e mais tarde bispo de Angola.

Disse a sua primeira missa na igreja matriz de Santa Rita.

---

(1) Ordem essa conferida pelo bispo do Rio de Janeiro D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco.

Nos estudos rudimentares e de humanidades, mostrou-se assiduo e fervoroso, lidando devéras para avantajar-se aos demais condiscipulos.

Reconhecendo que no clero estava concentrado todo o poder da época, e que abraçando a vida ecclesiastica, no dizer de João Francisco Lisboa, entraria pela porta mais facil e azada para quem queria seguir os caminhos que guiam á grandeza humana, Januario recolheu-se ao Seminario Episcopal de S. José e tomou ordens.

Ao envez do que se deu com o padre Antonio Vieira, seu tio não contrariou a sua vocação, ao contrario recebeu bem a idéa.

A nóssa Familia teve e continua a ter sentimentos eminentemente religiosos.

Após a sua ordenação fez duas viagens a Lisboa; ao regressar em 1805 dedicou-se ao ministerio do pulpito.

Estabelecida, em 1808, pelo principe regente D. João a Capella Real do Rio de Janeiro, foi Januario nomeado um dos pregadores regios: nessa occasião foi distinguido com o habito da ordem de Christo, e em Setembro do mesmo anno admittido substituto da cadeira de philosophia racional e moral, passando a proprietario da mesma em 1814; nomeação essa feita pelo bispo D. José Caetano da Silva Coutinho, que apreciando os subidos talentos do padre mestre Januario o distinguio desse modo.

Começou tambem a servir o lugar de procommissario da Ordem Terceira dos Minimos de S. Francisco de Paula.

Exerceu o magisterio até o anno de 1841.

Nelle madrugou propensão para os estudos philosophicos — a aptidão para leccionar. Estudioso e avido de conhecimentos, lia os mais difficeis livros das sagradas escripturas; commentava alguns, annotava outros, e com tanto ardor e vivacidade que se tornara um dos mais respeitados philosophos do seu tempo.

A vida do Conego Januario da Cunha Barboza teve duas phases distinctas: o politico e o litterato.

Estudemol-o em cada uma dellas.

Desde já, devemos declarar, que á primeira vista parece que Januario fôra um politico versatil, um desertor do seu partido. A verdade é que nunca o foi.

Quando redigia o *Diario Fluminense*, no 1º Imperio, mostrava-se amigo do Senhor D. Pedro I e defensor do seu governo.

Após o 7 de Abril porém, atacou-o, denominando-o de *despota* e *tyranno*, e os seus actos *anti-liberaes*. Não devemos estranhar, quando depois da revolução *ultra-liberaes* ligaram-se aos *Caramurús*, que desejavam a volta de D. Pedro I.

Ultra-liberaes, tentaram derrubar aquelle mesmo partido *moderado*, ao qual mais tarde se aggremiaram, partido esse creado e chefiado pelo eminente mineiro Evaristo Ferreira da Veiga, e a que já pertenciam Feijó, Vergueiro, Paula e Souza e o Conego Januario.

Como pois censurar-se o redactor do *Diario Fluminense* que, apenas atacava o 1.º Imperador e o seu governo respeitando, muito embora, a Monarchia Constitucional Representativa, pela qual tanto se esforçava ?

Se como escriptor Januario, defendia actos de governo adversario ; não era o politico quem escrevia, era o funcionario publico, que devia cumprir com os seus deveres de lealdade para com o governo que servio.

Nunca alugou a sua lingua, nem a sua penna.

Orava na tribuna sagrada, como pregador que era e na Maçonaria como grande orador. Nessas occasiões não mercadejava a lingua, desempenhava o seu papel profissional, tratando tão somente do assumpto para o qual tinha sido convidado. Na imprensa escrevia em folha official, e como tal o seu dever era apoiar a quem representava.

Um funccionario publico não é um mercenario, é um servidor da patria.

Em 1821, ligando-se a Joaquim Gonçalves Ledo fundou o *Reverbero Constitucional Fluminense*, periodico semanal, cujo primeiro numero appareceu a 15 de Setembro desse anno e que tinha por fim fazer a propaganda da indepencia do Brazil.

Relevantissimos serviços prestou á causa de nossa emancipação politica. Foi, especialmente, dirigido pela habil penna do Conego Januario que, soube sabiamente encaminhar o espirito publico, influenciando-o ás novas idéas, manejando a linguagem das circumstancias.

A sua influencia e parte activa na causa da nossa independencia, configura o nosso eminente estadista Sr. Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, propondo na sessão de 20 de Abril de 1839, da Camara dos Deputados, para que se convidassem os Srs. Joaquim Gonçalves Ledo, José Clemente Pereira e Januario da Cunha Barboza, afim de formarem uma commissão encarregada de colligir e escrever tudo aquillo que podesse esclarecer ao historiador sobre a gloriosa época da nossa emancipação.

Foram Hypolito José da Costa Pereira no *Correio Braziliense*; o Conego Januario de Cunha Barboza e Joaquim Gonçalves Ledo no *Reverbero* e José Clemente Pereira no memoravel *Fico*, de 9 de Janeiro de 1822, os precursores do assignalado dia 7 de Setembro.

Reflectidamente dirigiram o povo com os seus luminosos artigos para essa santa causa; tão felizes souberam preparar-lhe os animos e despertar-lhe as idéas, que sem medo de errar podemos asseverar, que o nosso grande acontecimento, como diz o venerando Sr. Conselheiro Alencar Araripe, não foi uma sorpresa, mas uma realidade esperada.

Em todos os escriptos cogitou sempre o redactor do *Reverbero*, dar liberdade a sua patria, dotando-a com uma Monarchia Constitucional Representativa, cujo chefe supremo, Defensor e Protector Perpetuo da Constituição deveria ser o Principe Regente D. Pedro.

Esse conceito manifesta no *Reverbero*, a proposito de um artigo — Confusão de *Poderes*, transcripto do *Correio Braziliense*: « O Brazil não exprimiu um só voto » diz Januario, « uma só expressão que significasse — desunião de Portugal.

Supponhamos, porém, por um momento, que elle reflectindo e calculando as suas circumstancias dizia : «Eu tenho uma joven e numerosa Familia, que sou obrigado a sustentar, e cujo cuidado me deve mais interessar que o de um poder remoto de quem nunca recebi senão oppressões, e que ultimamente me quer rebarbarisar destruindo a minha cathegoria, annullando os meus foraes, e roubando-me o thesouro precioso que eu possuia !

A natureza separou-me delle por localidade, clima, caracter de habitantes, producções de solo... Eu devo

formar nação independente? Perguntamos nós, que direito tinha Portugal de obrigal-o á força acceder ao seu Systema? de mandar cohortes Pretorianas commandadas por Proconsules atrevidos e independentes semear sizania, a discordia e a guerra? Será por juramento que se deverá acceder a sua Constituição? etc.»

Para esse patriota, a melhor forma de governo, sobretudo adequada á indole brazileira, era a de uma Monarchia Constitucional Representativa.

Ouçamol-o.

« Em uma Monarchia Representativa » dizia elle: «o Rei deve possuir todo o poder, que lhe he compativel com a Liberdade, este poder deve ser revestido de formas magestosas, porque na Monarchia Representativa a segurança do monarcha he uma das garantias da Liberdade, e esta segurança só pode nascer da consciencia e convicção de huma força sufficiente. Os Magistrados em huma Republica honram-se honrando no Povo a fonte de sua authoridade; os Cidadãos de huma Monarchia Constitucional honram-se honrando no Rei o Protector e Defensor da Nação.»

E mais adiante continúa:

« Ainda nenhum Brazileiro dice: Eu não quero Constituição; nenhum exclamou tambem: Separemo nos da Mãi Patria, mas o caprixo de alguns deputados nas Côrtes de Lisboa tem-nos grandemente approximado de hum termo, em que os Brazileiros todos gritaremos unanimes: temos Patria, temos Constituição, temos Rey e bastante denodo para defendermos a nossa Liberdade, para conservarmos as nossas Leys e a nossa Politica, gloriosa Representação Nacional.»

Leiamos ainda um periodo relativo — Aos Povos da America —:

« Se attentamente lançarmos os olhos pelo mundo, veremos que a America apresentou um desenvolvimento muito mais rapido e entrou em huma esphera de actividade muito mais energica que a Europa, mas o Brazil requintou sobre a America. Mais veloz que o fluido electrico, o calor da liberdade attravessou o espaço immenso do Amazonas ao Prata; e a differença de côres e de condições oppoz-lhe

menores obstaculos, do que a superstição em todos os estabelecimentos sociaes e religiosos. Já agora a zona constitucional da America abrange 25 milhões de homens livres, qual será o reagente formidavel que ha-de sustentar o grande impulso dado a esta massa poderosa? Qual o gigante que attrever-se-ha a pôr diques á impetuosa torrente da opinião? Quem ousará suster o desenvolvimento desta terceira força do Universo? Será possivel abafar este espirito na America do Sul; em parte da Europa e na séde da philosophia e de felicidade, quero dizer, nos Estados Unidos? Pois se não o é, como se pode temer pelo Brazil? O Brazil está cançado de arbitrariedades e de illegalidades; tem sêde de liberdade regular, está embebido no espirito Constitucional, Napoleão foi o exemplo immortal da luta do despotismo contra a opinião. O Brazil adoptando o Principe, adoptou o partido mais seguro; vai gozar dos bens da liberdade sem as commoções da democracia e sem as violencias de arbitrariedades, etc.»

Ouçamol-o, ainda, nesta outra reflexão:

« Pelo nosso abraçado systema de Monarchia Representativa nós saboreamos os fructos de liberdade sem nos expormos aos seus excessos, a paz de que hoje gozamos, foi precedida de longos trabalhos, porque a hydra da sangrenta anarchia por muitas vezes reproduziu as suas decepadas cabeças no meio dos que se diziam irmãos. A fortuna de termos um grande Pedro, da mesma dimnastia por nós escolhido e adorado, herdeiro do senhor D. João VI, que defenderemos sempre, é mais apreciavel, sem duvida, que a dos habitantes do vastissimo imperio do Norte; assemelham-se ás circumstancias, é verdade, mas serão bem diversos os resultados desta nova fundação no Brazil, porque o liberalismo entra nelle como materia prima e um principe liberal, como o que agora nos rege e nos defende, eternisa o seu nome na Historia do Mundo, eternisando a sua fundação e com ella a prosperidade de todos os seus subditos.»

Tal foi o modo de pensar de Januario, modo esse sempre externado em todos os seus escriptos, discursos e orações sacras, como a recitada na Real Capella no dia 12 de Agosto de 1822, celebrando-se, em pontifical, a missa

do Espirito Santo, que precedeu á eleição dos deputados, offerecida aos povos das provincias do norte do Brazil:

« Sou no templo Deus vivo!... exclama o orador.

« Sou á face de um respeitavel collegio eleitoral, que invoca a sabedoria do Céo, para acertar na escolha dos que devem lançar as bases da prosperidade brazileira!

Qual não deve ser agora a minha confusão, vendo-me na indispensavel necessidade de ligar em meu discurso os interesses da patria com os da religião, chamando-vos a consultar neste dia memoravel os avisos de vossa consciencia, na expectação do Brazil e do Mundo! Honrados collegas, um povo grande e brioso, que não soffre desprezo e deshonra, tem firmado em nós a sua confiança; da nossa actual escolha, depende sem duvida a nossa felicidade e a dos nossos descendentes. E' a primeira legislação do Brazil que se vae firmar, é o sabio codigo que deve segurar as nossas acções e é no momento em que foram illudidas as nossas tão bem fundadas esperanças, porque o capricho e não uma verdadeira confraternidade, dirigio aquelles que nos promettiam grandes bens, com a Constituição de Lisbôa. »

No dia 25 de Abril desse anno de 1822, appareceu no *Reverbero*:

« Principe, rasguemos o véo dos mysterios! Rompa-se a nuvem que encobre o sol que deve raiar na esphera brazileira! Forme-se o livro que nos deve reger sobre as bases já por nós juradas e com grande pompa seja conduzido e depositado sobre as Aras do Deus de nossos Pais. Ahi diante do Altissimo que te ha de ouvir e punir se fôres trahidor, jura defendel-o e guardal-o á custa do teu proprio sangue, não desprezes a gloria de seres o fundador de um novo Imperio! Principe. As nações todas tem um momento unico que não torna quando escapa, para estabelecerem seus governos.

O Rubincon passou-se. Atraz fica o inferno. Adiante está o templo da Immortalidade!

Redire sit nefas. »

A José Bonifacio de Andrada e Silva, benemerito brazileiro, cabe um dos primeiros, lugares entre os homens do passado, se bem que, como suppõe o Sr. Eunapio Deiró,

não tivesse tido competencia para guiar o povo brazileiro no exercicio da sua nova politica ; apezar de educado no regimen absoluto de Portugal, não soube reunir as difficeis e raras condições de um chefe completo de governo livre.

A verdade é que o venerando e eminente estadista revelou-se devotado e fiel amigo do Sr. D. Pedro I, e da constituição monarchica. Em um carta de 1 de Abril de 1830 dirigida ao Marquez de Barbacena, chefe organisador do ministerio imperial, expressou-se: « Sou e serei sempre o que fui, amei e amo o Soberano D. Pedro e a monarchia constitucional, unica fórma de governo que póde servir ao Brazil. »

A principio, o respeitavel e sabio paulista não era de opinião da nossa separação de Portugal, tinha simplesmente a idéa da federação com a metropole. A mensagem por elle assignada e trazida de S. Paulo, em nome do governo, camara, povo e clero, dizia :

« Mas nós declaramos perante os homens e perante Deus com solemne juramento, que não queremos nem desejamos separar-nos dos nossos caros irmãos de Portugal; queremos ser irmãos, irmãos inteiros e não seus escravos, esperamos que o soberano Congresso desprezando projectos insensatos e desorganisadores e pensando seriamente no que convém a Nação Portugueza, ponha as cousas no pé de justiça e de igualdade, querendo para nós o que os Portuguezes da Europa querem para si. »

Não foi, por conseguinte, a sua maior gloria a idéa de independencia, mas a parte que teve na organisação do novo Imperio.

Vem corroborar este nosso modo de pensar, a seguinte nota extrahida do 2° tomo do « Brazil Reino e Imperio » do Sr. Dr. Mello Moraes Pai : « Antonio Carlos que conhecia o modo de pensar de ser illustre irmão, de Lisbôa constantemente lhe escrevia aconselhando-o para que se empenhasse pela Independencia, abundando em razões ; e o mesmo faziam para Pernambuco o padre Muniz Tavares e outros. »

Nesse livro escreve ainda o illustre historiador : « Contava-me o Marquez de Olinda, que o Dr. José Boni-

facio era opposto á independencia do Brazil, porque tendo figurado muito na Europa, e por seus talentos e vasta condição, occupando os lugares de lente de direito e de philosophia na Universidade de Coimbra, nos quaes era jubilado, tendo a superintendencia do Mondego e sendo secretario perpetuo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e por conseguinte, remunerado por esses empregos não lhe convinha a separação do Brazil.

Não obstante, o nome que tinha e a reputação européa que gosava, o seu genio versatil e infantil o desconsiderou por fim em Portugal, e então, desgostoso por isso, passou-se para S. Paulo, sua patria. »

Na Assembléa Constituinte installada solemnemente a 3 de Maio de 1823, cujos trabalhos começaram a 17 de Abril, diversos assumptos importantes foram apresentados, refere o Sr. André Werneck, no seu artigo do *Jornal do Commercio : — José Bonifacio e a Independencia*, entre outros os projectos de José Bonifacio um sobre a abolição da escravidão ; outro sobre os indios e outro emfim, sobre a mudança da capital do Brazil.

Pensa o Sr. Werneck que, estando de posse o preclaro estadista de um poder dictatorial poderia ter realizado essas idéas ; mas fôra mais homem de palavra do que de acção e de certo modo esse conceito parece confirmar a supposição acima mencionada, do Sr. Eunapio Deiró.

Temos, pois, como primeiro patriarcha da nossa independencia politica o Senhor D. João VI, o magnanimo Principe Regente que ao trasladar-se com a sua Côrte, em 1808, para o Rio de Janeiro, tão encantado ficou do seu dominio americano, que resolveu nelle fixar-se.

Para esse fim elevou-o ao alto gráo de civilisação ; procurou tornal-o prospero e desenvolvido, como as mais cultas cidades da velha Europa. Solemnisava os seus anniversarios natalicios com a creação de estabelecimentos os mais liberaes e uteis.

Tanto mais somos de opinião que o Senhor D. João VI foi o maior cooperador da nossa emancipação politica, quanto foi elle, quem fez da sua colonia americana um Reino Unido, em 1815. Foi segundo pensamos essa idéa de pura iniciativa sua.

Fundou o Principe Regente a Imprensa Regia, a Faculdade de Medicina, as Escolas Militar e de Marinha, estaleiros, Jardim Botanico, Museu, Erario Regio, Tribunaes, etc., e sobretudo mandou lavrar a Carta Regia de 28 de Janeiro de 1808, que franqueava a todas as nações amigas e alliadas de Portugal os portos do Brazil. Foi esse o primeiro passo dado para a nossa independencia politica. Patriotica medida, suggestionada pelo sabio economista bahiano Visconde de Cayrú.

D. João vindo encontrar uma colonia ou melhor uma feitoria de governadores, que antes fôra de jesuitas, não obstante, contar talentosos e cultos brazileiros, transformou-a em uma nação progressista; preparou-a, de modo que elle proprio, ao regressar para Lisboa em 1821, previo a sua proxima separação da metropole; tão convicto estava que, ao despedir-se de seu Filho, ao abraçal-o declarou: « Pedro, se o Brazil se separar, seja antes para ti que me has-de respeitar do que para qualquer aventureiro.»

Achava-se a idéa da independencia desenvolvida, como escreve o respeitavel Sr. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, em a sua memoria os patriarchas da Independencia do Brazil. — Desde que o Brazil passara de colonia á cathegoria de reino, em 1815; desde que abrira os seus portos em 1808; desde aquellas memoraveis palavras de D. João VI á seu Filho, que deixou como regente, o influxo estava dado, só restava o impulso que fôra executado por D. Pedro, animado por alguns brazileiros intelligentes e liberaes.

Chronologicamente fallando, mencionaremos: Hypolito José da Costa Pereira, que não querendo sujeitar-se ao Desembargo do Paço, foi publicar em Londres de 1808 a 1822, o periodico *Correio Braziliense*, revista mensal destinada a toda idéa util ao Brazil. Concorreu poderosamente para nossa prosperidade politica, apressando a independencia da nossa patria.

Januario da Cunha Barboza e Joaquim Gonçalves Ledo, fundadores do *Reverbero Constitucional Fluminense*, apparecido de Setembro de 1821 a 1822, com a epigraphe: *Redire sit nefas*; periodico que não cessava de declarar

que o Brazil já estava no periodo da sua civilisação, que já não precisava de tutela.

Aguardava-se apenas a occasião de agir. Proporcionaram-na as côrtes portuguezas com as ordens de retirada do Principe Regente de entre os brazileiros e uma suppressão dos Tribunaes superiores; ordens reaes que deixavam transparecer o intuito de recolonisar a nação.

A 10 de Dezembro de 1821 chegou ao Rio de Janeiro o navio correio *Infante D. Miguel* trazendo os decretos de 30 de Setembro e 1 de Novembro daquelle anno, com ordem expressa das Côrtes de Lisboa, para que fossem executados immediatamente os decretos, que se referiam á organisação de governos locaes em todas as provincias, ordens que enfraquecendo o prestigio do Principe regente tinham, por fim impedir que se desenvolvesse a idéa de independencia do Brazil.

No mesmo intuito um outro decreto ordenava ao Regente recolher-se a Portugal para viajar pelas côrtes européas.

Tendo esse facto causado grande indignação, organisaram-se clubs, reuniu-se o povo nas praças publicas, protestando contra a politica de Lisboa.

Os partidos monarchista e republicano, que trabalhavam pela independencia da patria, dirigidos por Ledo, José Clemente, conego Januario, Curado, Nobrega, Barão de Santo Amaro e outros, continuando na sua gloriosa campanha, aproveitaram de tal indignação para unirem-se em um unico pensamento; isto é, obter que o Principe Regente desobedecesse ás ordens recebidas do Reino, para desse modo apressar a sacrosanta causa encetada.

Os directores do movimento mandaram emissarios a S. Paulo e Minas Geraes, pedindo aos patriotas dessas provincias que dirigissem representações a D. Pedro para que não abandonasse o Brazil.

A petição foi redigida por Gonçalves Ledo, em casa de Joaquim José da Rocha, tendo tido mais de oito mil assignaturas. No mesmo sentido dirigiu-se ao Regente, a 2 de Janeiro de 1822, o corpo commercial do Rio.

Foi marcado por S. Alteza o dia 9 de Janeiro para receber o Senado da Camara, portador das representações

do povo e do commercio. Nessa occasião José Clemente pronunciou energico discurso. D. Pedro, comprehendendo que a revolução estava victoriosa, respondeu :

« Como é para bem de todos e felicidade da nação estou prompto, diga ao povo que fico. »

Estava, por conseguinte, garantida a independencia. Organisou o Principe o ataque com tropas do paiz. Não se deu por ter o general portuguez capitulado.

Foram as forças desse general para a Praia Grande, até partirem para Lisboa, para onde seguiram a 15 de Fevereiro do mesmo anno de 1822. Fez S. Alteza depois preparar navios de guerra para obrigar as provincias a reconhecer o governo do Regente, que havia demittido o ministerio e chamado José Bonifacio para o governo a 16 de Janeiro de 1822.

Foi então que começou a cogitar dessa idéa o nosso sabio compatriota.

Digamos de passagem que por essa época se manifestou profunda crise monetaria, obrigando o governo a lançar o primeiro emprestimo que se realizou no Brazil.

O ministro da Fazenda Martim Francisco Ribeiro de Andrada dirigiu uma *Falla* aos negociantes e capitalistas do Rio de Janeiro ; juncto á qual, em carta particular, expoz as condições do emprestimo. Era de quatro centos contos de réis a juro de 6 %, garantido pelas rendas da Alfandega, pelo prazo de dez annos.

A nosso vêr o Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva pelo que acabamos de expôr, não deve estar, no plano superior dos influxores, da patriotica idéa.

Ao passo que Costa Pereira, Cunha Barboza, Gonçalves Ledo creavam jornaes politicos e nelles faziam a propaganda, o venerando paulista entregava-se a investigações mineralogicas em S. Paulo, com seu irmão Martim Francisco. Só foi dessa idéa apologista em 1822, após a sua nomeação de ministro, na regencia de D. Pedro e quando era Grão Mestre do Grande Oriente.

Adoptou então os planos apresentados pela Maçonaria, pondo-se á frente de outros cidadãos prestimosos. Nesse sentido concordou com seu irmão Martim Francisco.

Teve D. Pedro a iniciativa, comtudo, de um certo modo, revelou-se perplexo, por obediencia e respeito a seu angusto Pai, a quem amava.

Confrontando os factos, estudando os acontecimentos e colhendo restos da tradição oral e informações sobre o assumpto, divergimos, collocando-nos sob outro ponto de vista, relativamente ao que se attribue ao grande vulto que encheu com o seu respeitavel nome brilhante pagina da historia brazileira.

Sem contestarmos os grandes meritos do ex-tutor do Senhor D. Pedro II, resguardamos a convicção de que o Sr. Conselheiro José Bonifacio não foi o patriarcha da nossa independencia, porquanto o seu passado nos induz a acceitar esse conceito, e a sua intervenção nos acontecimentos politicos da época o desfigura nesse papel que lhe empresta a critica historica.

Conta-nos o Sr. Mello Moraes pai, que em um daquelles dias agitados que se seguiram ao da nossa emancipação politica, se lembrou alguem de collocar em uma vitrina da rua do Ouvidor o retrato do illustre sabio, acompanhado dos seguintes dizeres: *Patriarcha da Independencia.*

Desde essa occasião a phrase foi repetida, echoando progressivamente em todos os recantos da nossa historiographia.

Recolhendo mais tarde, a parte anecdotica da vida do eminente homem de Estado, nos foi mostrada uma carta escripta ao Conselheiro Vasconcellos Drummond, em 1825, na qual se lê: «Muito me arrependo de haver concorrido para a liberdade do povo brazileiro.»

Por esse topico que é a refutação do proprio José Bonifacio, ao titulo de *patriarcha* da Independencia, por isso mesmo que confessa *haver concorrido* para a liberdade dos brazileiros, deprehende-se o erro em que se acham os seus panegyristas.

Escreve o Sr. Dr. Mello Moraes filho, em um dos seus bellos artigos do *Correio da Manhã*—«Memorias da rua do Ouvidor: — «Após a proclamação da Independencia ouvimos do conego Geraldo Leite Martins Bastos, contemporaneo e intimo desse patriota da rua do Ouvidor (Passos), que á sua porta fôra collocado um retrato de

José Bonifacio, circulando o busto a seguinte inscripção: — « O Patriarcha da Independencia » —Dahi confirmava o velho conego, derivando o vistoso qualificativo, a sua reproducção em nossa historia nacional, que se deu facil e naturalmente. »

Não é justo, pois, collocarmos em primeiro plano a quem desse modo procedeu e nos ultimos aquelles que, com sua habil penna expuzeram-se a todas as perseguições, até mesmo a de um injusto exilio.

Este nosso grande acontecimento politico foi como se sabe discutido na Constituinte Portugueza de Lisboa, onde houve calorosos debates, sustentados com maximo patriotismo pelos deputados brazileiros.

Arvorou a bandeira o eloquentissimo paulista Antonio Carlos Ribeiro Machado de Andrada e Silva, que com toda a energia. atacou as pretenções absurdas dos seus collegas luzitanos. No intuito de encaminhar o Brazil á categoria de nação independente, organisou um projecto de federação brazileira, que pelos portuguezes foi rejeitado.

Indignado, quando se procedia ao juramento da Constituição, contraria a nós, convidou seus patricios para com elle não prestar o juramento e a sua assignatura. Acompanhado de seis d'elles retirou-se para a Inglaterra e d'ahi, a 6 de Outubro, para o Rio de Janeiro.

Vem a proposito, transcrevermos um periodo do interessantissimo trabalho do Sr. Dr. Mello Moraes filho — Cypriano Barata,— apparecido no *Correio da Manhã:*

« Patriota de acção e de virtudes, na lista dos deputados pela Bahia ás côrtes constituintes portuguezas encontrava-se o seu nome ; e elle, Lino Coutinho, Borges de Barros, Luiz Paulino Pinto da França e outros, n'aquelle mesmo anno (1822), partiram a tomar assento no Congresso Legislativo, ao lado de Antonio Carlos, Diogo Antonio Feijó, João Mendes Vianna, Bueno, Costa Aguiar, etc.. como naturaes defensores dos direitos do Brazil. Manifestando subserviencia aos portuguezes o Marechal Pinto da França, o indignado patriota levou-lhe a mão á cara, desacatando o recinto; oppoz-se tenaz á facção demagogica que nos deprimia, declarando terminante e solemne que *jamais brazileiros seriam escravos dos portuguezes!*

E a sua Coragem civica, espumante e indomita abalou o soberano congresso com a ameaça de separação e independencia do Brazil, si ao Brazil fôsse regateada a minima parcella de regalias constitucionaes. Para dar inteira medida de sua altivez e de seu caracter n'essas lutas em que o amor patrio é o unico combatente, tratando-se de subscrever e jurar a constituição portugueza a que poucos brazileiros ousavam subtrahir-se, o representante bahiano, n'um assomo de indignação, recusou-se a uma e outra coisa, evadindo-se em um navio inglez com Antonio Carlos, Lino Coutinho, o padre Feijó e dous outros mais, para a Inglaterra, de onde dirigira aos seus concidadãos alevantado manifesto dos motivos que a isso o obrigaram, insistindo na necessidade que tinha o Brazil em sacudir altaneiro o aviltante e vergonhoso jugo colonial.

« A bem da lealdade historica, é justo adiantarmos que o facto da nossa independencia achara, para predispor os animos, a inflammada praça politica e o largo procedimento do patriota deputado ás côrtes da metropole. »

A maioria dos deputados portuguezes não podia occultar o pensamento que tinha de dominar o Brazil e foi na sessão de 29 de Fevereiro que começaram as discordias, entre os deputados brazileiros e portuguezes, isto é, entre Antonio Carlos e Trigoso.

Na sessão de 12 de Março, a leitura das duas cartas do Sr. D. Pedro, datadas de 14 e 15 de Dezembro transacto, nas quaes expõe a extraordinaria sensação que produziu no Rio de Janeiro a publicação dos decretos e da opposição que se fazia á sahida de S. Alteza, veio exacerbar mais os animos.

Na de 22, quando se discutia o parecer da commissão sobre a representação de S. Paulo, perguntou Fernandes Thomaz:

« — Se o Brazil se quizer desunir quem lhe ha de obstar?

Porém o que é necessario saber é se esta demissão é fomentada por 13 facciosos do governo de S. Paulo, ou é a vontade geral do Brazil, e então voto contra qualquer medida de força que se lhe opponha, se estiver no primeiro caso appliquem-se as leis. »

Por esse topico é facil deprehender a divergencia que havia entre os proprios portuguezes.

As sessões que se seguiram foram ainda mais tumultuosas, porque os deputados do Brazil, em relações com as suas provincias, as animavam para a separação, pretendendo abandonar as côrtes.

Os odios e as paixões politicas separaram, nesse terreno, os lusitanos, que pugnavam pela *liberdade*, não se lembrando que perdendo o Brazil, reduziriam o seu paiz a gravissimos apuros, como depois aconteceu. Não se lembravam de que o Brazil de 1720 a 1780 mandou para Portugal, quasi todo o producto de suas minas, sendo este só de S. Paulo, Matto Grosso, Goyaz e Minas Geraes...... (132.118 arrobas), sem fallar do ouro daquellas outras da Bahia e do Rio de Janeiro.

Que a Maçonaria contribuio tambem poderosamente para a mudança do nosso regimen politico, não ha que duvidar, e ninguem o ignora.

Della fazia parte o padre Januario, grande orador da loja *Commercio e Artes*, loja que mais trabalhou a favor desta causa.

Logo que chegou o ensejo de libertar a patria, as mesmas idéas que predominavam nas reuniões do capitão-mór José Joaquim da Rocha e seus amigos, eram fervorosamente tratadas no club maçonico da loja *Commercio e Artes*, sita na rua Nova do Conde n. 4; 1° club a que pertenciam Joaquim Gonçalves Ledo, 1° grande vigilante; padre Januario da Cunha Barboza, grande orador; o brigadeiro Dr. Domingos Alves Branco Muniz Barreto; Dr. Manoel Joaquim de Menezes; Athayde Moncorvo; major José Maria de Sá Bittencourt; Ruy Germack Possolo; capitão Mendes Vinnna e outros.

Na acta da sessão de Março de 1822 (19 de Setembro), lê-se no Brazil Reino e Imperio» do Sr. Dr. Mello Moraes pai : « Tendo sido convocado os maçons membros das tres lojas metropolitanas, para esta sessão extraordinaria presidida pelo primeiro grande vigilante Joaquim Gonçalves Ledo, no impedimento do grão mestre Dr. José Bonifacio, proferio aquelle vigilante energico e fundado discurso demonstrando com as mais solidas razões: « Que

as actuaes politicas circumstancias da nossa patria, o rico, fertil e poderoso Brazil, demandavam e exigiam imperiosamente que a sua cathegoria fôsse inabavelmente firmada com a proclamação da nossa independencia e da realeza constitucional na pessoa do augusto Principe, perpetuo defensor do reino do Brazil. Esta moção foi approvada por unanime e simultanea acclamação, expressada com o ardor do mais puro e cordial enthusiasmo patriotico. »

Propoz mais o 1° grande vigilante a necessidade de ser a moção discutida, para que aquelles que podessem ter receio de que fosse precipitada a medida de segurança e engrandecimento da patria que se propunha, o perdessem convencidos pelos debates de que a proclamação da independencia do Brazil era a ancora da salvação da mesma patria.

« Em seguida propoz, que attenta a bôa disposição dos animos de todos os brazileiros, conformes em acclamar o augusto defensor perpetuo rei constitucional do Brazil e devendo os mações que foram os primeiros a dar este necessario impulso á opinião publica adeantar e pôr em execução os meios precisos para que nenhuma corporação civil os precedesse na gloria dessa honrosa empreza, acertado era que desta augusta ordem se enviassem ás provincias do Brazil emmissarios encarregados de propagar a opinião abraçada e dispor os animos dos povos a esta grande e gloriosa obra, fazendo-se a despeza aos empregados nesta importante commissão com os fundos que se achavam em caixa, porque, posto que destinados para os ornatos e decorações do Grande Oriente, parecia ficarem melhor empregadas na causa publica. »

Apoiada e approvada esta proposta, menos na parte relativa á applicação para outros destinos dos fundos existentes em caixa; offereceram-se logo alguns dos membros presentes para executar essas commissões. O P. Januario, abundando nas mesmas idéas do 1°. grande vigilante e seu companheiro na redacção do *Reverbero*, deliberou partir para Minas Geraes.

Fôra o P. Januario eleito grande orador, a 28 de Maio de 1822, da loja maçonica *Commercio e Artes*, loja que representava a idade de ouro, e que mais tarde trabalhou pela nossa liberdade politica.

Tomou posse a 26 de Junho seguinte, realisando-se a cerimonia em um edificio do porto do Meyer, Praia Grande.

Esta loja, installou-se a principio, na rua da Pedreira da Gloria, em casa do Dr. Vahia. N'ella se reuniam todos os homens de importancia da córte e da provincia do Rio de Janeiro.

A 12 de Outubro de 1822, quando foi acclamado D. Pedro, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil, os patriotas no Rio de Janeiro, achavam-se divididos pelas rivalidades que romperam no seio da Maçonaria (em torno de D. Pedro, seu grão mestre).

Lêmos no opusculo—«Exposição Historica da Maçonaria no Brazil, particularmente na provincia do Rio de Janeiro»,—pelo Sr. Manoel Joaquim de Menezes:

«A assembléa geral constituinte marcando para Portugal um numero superabundante de deputados, havia consignado para o Brazil uma representação muito inferior em numero, de sorte que os seus deputados seriam sempre vencidos nas deliberações; isto porém não bastava, e a assembléa mudou de plano, decretando por seus actos, a recolonisação do Brazil. O desejo de resistencia appareceu por toda a parte; mas, como para isto não eram sufficientes os esforços de poucos individuos colligados coube á Sociedade Maçonica, já então disseminada pelas principaes provincias, dar-lhe o impulso tomando a iniciativa, para o que se havia de antemão preparado, partindo as medidas desta côrte.

«Os nossos I.·. haviam empregado todos os meios para persuadirem ao principe a que esposasse a causa do Brazil e ficasse entre nós; mas elle, ainda credulo e votado á mãi patria, estava disposto a partir, e por isso publicou uma proclamação. Mas com a chegada quasi immediata das noticias do reino, em que vieram documentos e instrucções secretas do rei, sendo corrente o plano e a leitura dos discursos descommedidos de alguns deputados influentes contra o principe, mudou elle de opinião e entendendo-se com o presidente do senado da camara o nosso I.·. José Clemente Pereira, que fôra encarregado de o persuadir da parte do povo, conforme as instrucções da

Sociedade, concertaram em que cediria ao convite formal do senado, o que teve lugar no dia 9 de Janeiro de 1822, com as memoraveis palavras:—Como é para bem de todos, diga ao povo que fico.

« Na sessão n. 14, em assembléa geral do povo maçonico, em 20 do 6.° mez (2 de Agosto de 1822), presidida pelo I.·. Gr.·. Vig.·., resolveu-se que o querido I.·. *Guatimozim*, D. Pedro de Alcantara, principe regente e defensor perpetuo, fosse acclamado rei do Brazil, sob a monarchia constitucional representativa, com successão á sua dymnastia; que isto se communicasse logo as provincias e por todos os meios aos nossos I.·. e amigos, afim de se removerem quaesquer duvidas ou obstaculos; cujo acto deveria effectuar-se no dia 12 de Outubro, anniversario natalicio do monarcha; esforçando-se todos para o desempenhar e propagar.

« Na sessão n. 17, em assembléa geral, presidida pelo citado I.·. Gr.·. Vig.·., o I.·. Domingos Alves Branco Muniz Barreto tomou a palavra e propoz que a acclamação fosse de imperador e não de rei do Brazil, no que foi apoiado pela assembléa, e sem mais esperar exclamou uma voz forte: viva o Imperador do Brazil o Sr. D. Pedro I, seu defensor perpetuo!, o que foi repetido por toda a assembléa.

« Na sessão n. 18, o I.·. Mendes Vianna propoz que o titulo de defensor perpetuo do Brazil conferido ao Sapientissimo I.·. Gr.·. M.·., que tivera origem em sua Ord.·., fosse hereditario em sua dymnastia. Proposta essa que foi apoiada e approvada.

« Em uma das sessões extraordinarias em assembléa geral, tratou-se da formula do juramento que se havia de remetter ás camaras de todas as provincias; attendendo-se ao estado de desconfiança e incerteza em que estavam algumas sobre a forma de governo que se deveria adoptar, reconhecendo-se que a grande maioria do povo, principalmente das provincias do Norte, exigia uma constituição inteiramente democratica, que se não compadecia com os antigos habitos e o estado de civilsação dessas mesmas provincias, entenderam alguns dos I.·., que o imperador jurasse cumprir a constituição que fizesse a assembléa constituinte.

« O I.·. padre Januario da Cunha Barboza, que já estava prompto para partir para Minas, conforme lhe fôra ordenado, pedio copia do juramento e instrucções e partio no dia seguinte para o seu destino.

« Para guerrear o Gr.·. Or.·. foi fundado o *Apostolado*, tendo por principal collaborador o Dr. Antonio Carlos Ribeiro Machado de Andrada e Silva, com quem teve de lutar o P. Januario. Para essa sociedade passou-se o Gr.·. M.·. adjunto o Dr. José Bonifacio, despeitado por não haver sido reeleito nesse gráo, por ter sido conferido ao imperador; e com elle outras pessoas distinctas.

« Proclamava o *Apostolado* que o seu fim era do Gr.·. Or.·., isto é, a independencia e a integridade do Imperio e a acclamação do soberano na pessoa do defensor perpetuo; particularmente, porém, tratava de fazer desapparecer o Gr.·. Or.·.

« Os seus adversarios incitaram as massas do povo e propalaram a intriga de que os maçons pretendiam estabelecer o governo republicano, tendo para isso convocado seitas amotinadoras.

« Em sessão de 27 de Outubro de 1822, sob a presidencia do I.·. 1.º Gr.·. Vig.·. Joaquim Gonçalves Ledo, foi recebida uma columna gravada do Gr.·. M.·., o imperador, em a qual determinava, na qualidade de Gr.·. M.·. da Ord.·. e de imperador e defensor perpetuo do Brazil, que fossem suspensos os trabalhos do Gr.·. Or.·. e as suas officinas até segunda deliberação delle Gr.·. M.·. Foram encerrados os trabalhos.

« Reformado o ministerio abrio devassa rigorosa de inconfidencia; sem terem comtudo apparecido delatores.

« Foram presos e recolhidos á fortaleza de Santa Cruz e depois removidos para as da ilha das Cobras e Conceição os Ir.·. Domingos Alves Branco Muniz Barreto, José Joaquim Gouvêa, João da Rocha, Pedro José da Costa Barros, Thomaz José Tinoco de Almeida, Joaquim Valerio Tavares e Manoel Alves de Azevedo.

« Ledo contra quem se tinha conspirado o grupo dos accusadores, occultou-se na fazenda de um dos Ir.·., e dahi emigrou para Buenos-Ayres.

« Foram deportados os Ir. ·. Luiz Pereira da Nobrega e José Clemente Pereira, quando se procedeu a devassa.

« O P. Januario que partira para Minas Geraes, antes de ser reformada a acta e a suppressão da clausula do juramento previo, apresentando-se á camara da capital foi preso logo que chegou.

« O *Apostolado* pouco tempo existiu depois da suspensão do Gr. ·. Or. ·.

« O imperador acompanhado de alguns officiaes e pessoas de distincção e de sua confiança, batendo com a senha nas portas do edificio que se lhe abriram, entrou de surpreza na sala das sessões e ordenou aos socios, que se retirassem, dissolvendo a sociedade e tomando conta do archivo. »

Esta narrativa corroborando o que acima foi dito, vem provar que o Gr.·. Or.·., foi um dos mais fortes impulsores, não só de nossa emancipação, como da execução das principaes idéas da nossa Constituição.

Diz-nos mais que o Ir. ·. padre Januario fôra um dos dos mais activos e prestimosos obreiros.

Passou pois a rivalidade para a arena politica. Januario, Ledo, José Clemente, Nobrega e outros hostilisaram o ministerio Andrada, censurando-o como antiliberal ; a 28 de Outubro os dous ministros Andradas (José Bonifacio e Martim Francisco), provocaram a demissão do seu ministerio. Representações, porém, levaram o Imperador a chamal-os de novo ao governo a 30 de Outubro.

Acceitaram os dous ministros o convite imperial, sob a condição de tomar medidas extraordinarias que julgassem indispensaveis ; foram postas em pratica contra os cidadãos acima mencionados.

Sobre este assumpto, que nos permitta o Sr. Dr. Mello Moraes Filho, transcrever o que delle temos nas suas mencionadas « Memorias da rua do Ouvidor ».

Durante os acontecimentos de Outubro de 1822 o ministerio Andrada, prestigiado pela opinião publica e pelo Imperador, entendeu desforçar-se de eminentes vultos que, poderosamente contribuiram para a nossa emancipação politica, moveu-lhes perseguição sem tregoa, não

obstante os haver tido como alliados e amigos em dias mais tormentosos. Valendo-se de medidas extraordinarias fez seguir caminho de deportação a José Clemente Pereira, Nobrega e Januario da Cunha Barboza, que tão efficazmente propugnaram na maçonaria e na imprensa em favor da causa victoriosa, Joaquim Gonçalves Ledo, o intemerato companheiro de Januario da Cunha Barboza, na redacção do *Reverbero*, suspeitoso das perfidias governamentaes, se esquivando cauteloso das garras da politica buscara desde logo differentes acolhidos, e por ultimo no primeiro andar da rua do Ouvidor, que esquina com a rua da Valla, de onde, a horas mortas e sob disfarce se escapara, tomando o navio que o transportou para Buenos-Ayres. E o ministerio instaurou processo de imaginaria conspiração aos benemeritos deportados, afastando-os no exilio da eleição á Constituinte brazileira!

Foi pois o P. Januario um dos indicados da sonhada conspiração de 30 de Outubro de 1822.

No Auto Summario dos réos figuraram com elle os patriotas: Domingos Alves Branco Muniz Barreto, João da Rocha Pinto, Luiz Manoel Alves de Azevedo, Thomaz José Tinoco de Almeida, José Joaquim Gouveia, Joaquim Valerio Tavares e João Soares Lisboa (Presos). Pedro José da Costa Barros e João Fernandes Lopes (Em homenagem). Joaquim Gonçalves Ledo, Luiz Pereira da Nobrega, José Clemente Pereira, P. Januario da Cunha Barboza e P. Antonio João Lessa (Ausentes).

Na Devassa foi o P. Januario accusado de durante um jantar dado em sua casa a Antonio Carlos Ribeiro Machado de Andrada e Silva, nomeado deputado ás Côrtes de Lisbôa, ter com Joaquim Gonçalves Ledo, rogado aquelle paulista trabalhar nas mesmas Côrtes para fazer sahir do Brazil o principe D. Pedro, por ser um tigre filho de outro tigre.

Infamante calumnia contra quem tanto estimou e apreciou a D. João VI e á sua augusta Familia!

A linguagem dos seus sermões, dos seus discursos, dos seus escriptos no *Reverbero*, o seu procedimento politico, emfim, na Maçonaria nos authorizam a protestar contra semelhante accusação.

O Padre Januario soube sempre conservar-se grato á quem o distinguio com a nomeação de pregador regio, áquelle que declarava deleitar-se com os seus sermões, e que não cessava de repetir ser o collaborador do *Reverbero*, um dos nossos melhores oradores sacros. Este seu sentimento de gratidão accentuava-se ainda mais, porque elle não se esquecia de que o Principe Regente muito tinha distinguido todos os nossos antepassados, seus Pais e nossos Bisavós.

Quem, como nós, attentamente tiver lido os seus varios artigos politicos no *Reverbero* e os seus discursos na Maçonaria, como grande orador que della foi, repellirá as calumnias que lhe foram imputadas e concluirá que outro fôra o seu pensamento.

Escreveu e trabalhou pela nossa independencia politica, deixando sempre transparecer o seu ideal monarchico, o seu respeito e admiração pela casa de Bragança.

Escreveu, é verdade, após os successos de Sete de Abril, na *Mutuca Picante*, ter sido alguns actos do governo do ex-1º Imperador, *despoticos* e *tyrannos*. Mas, ao mesmo tempo, que assim se expressava, expunha abertamente o seu espirito monarchista constitucional representativo, forma politica essa sempre do seu ideal.

Depuzeram ainda as testemunhas, que o réo Januario, por occasião dos brindes naquelle jantar, mostrara-se inclinado á forma de Governo Federativo. Esta accusação, que nada tinha com o objecto da Devassa, cahiu por completo na defeza individual de Joaquim Gonçalves Ledo.

Foi accusado finalmente de ter ido a Minas Geraes, enviado pelos facciosos com o fim apparente de fazer certo naquella Provincia que a do Rio de Janeiro estava determinada a celebrar a acclamação de S. M. I. no dia 12 de Outubro, e que elle em desempenho do verdadeiro fim dos mesmos facciosos, espalhara idéas subversivas nos animos daquelles povos.

Clamorosa injustiça, quando é notorio que elle e Gonçalves Ledo foram dos primeiros que bradaram no *Reverbero* pela: a Constituição, Independencia e Monarchia Constitucional.

Alem de que, devemos declarar que o supposto réo foi á Minas authorisado pelo Ministerio, como se lê na portaria da Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio.

Naquella provincia deixou Januario seu nome saudoso no coração de todos, porque suas palavras e acções, sempre de accordo com o verdadeiro fim da sua missão, não lhe mereceram senão affectos, amizade e louvor.

Aquella provincia o distinguio elegendo-o para represental-a na primeira legislatura do Imperio.

No documento n. 25 dos depoimentos, percebe-se bem o espirito vingativo da pronuncia contra quem se achava innocente e contra quem não foram apresentadas provas nos Autos.

Este processo, vulgarmente denominado « *A Bonifacia* », vem minuciosamente publicado em um livro com o titulo — *Processo dos Cidadãos pronunciados na devassa que mandou proceder José Bonifacio de Andrada e Silva, para justificar os acontecimentos do famozo dia 30 de Outubro de 1822*, julgados innocentes por falta de provas (excepto João Soares Lisbôa), no Tribunal Supremo de Supplicação da Côrte do Rio de Janeiro.

No seu Prefacio — « Aos Leitores » —, lê-se : « A publicação deste famozo processo, que pela sua natureza singular e pela qualidade distincta das pessoas que nelle figuram, como denunciantes, testemunhas e accusadores, vai tomar um lugar notavel na lista das causas celebres, fará conhecer que elle he na realidade mais monstruozo, cabalistico e infame do que em geral tem sido reputado, porque a sua lição mostrará que a tumultuosa jornada de 30 de Outubro de 1822 teve por unico e verdadeiro fim o triumpho do egoismo desmarcado de dous Ministros justa e legitimamente demittidos, que o nome Augusto de S. M. I. foi alli invocado em soccorro da mesma cabala para illudir hum Povo Leal e Heroico, e enganar o mesmo Senhor e que finalmente a perseguição de innocentes Cidadãos debaixo do pretexto de Conspiradores foi empregada como meio necessario de sustentar os sobreditos dois Ministros, porque estes se persuadiram (desconfiança que acompanha sempre a consciencia sobresaltada dos despotas) que não podiam segurar-se no Ministerio,

que por força uzurpavam, continuando com o sistema arbitrario e sanguinario que os fizera cahir uma vez na presença daquelles que perseguiam. Com este procedimento inaudito calcou aquelle Ministro aos pés todas as formalidades da lei, roubou á justiça os meios de ser vingada por provas certas, a existir o crime e aos accusados os meios e provas de sua defeza que era de direito natural. E como convinha illudir o Povo com apparencias das formalidades da Ley, mandou se proceder a huma devassa, não para conhecer se o crime existia, que este se deu por existente, nem para descobrir os conspiradores, que estes se deram por convencidos, nem finalmente para os punir, porque a pena lhes foi imposta e executada antes da culpa pronunciada, mas somente para illudir, ou antes para tapar a bocca áquelles que fallavam nas formalidades da Ley.»

Este bellissimo Prefacio attribuido á José Clemente Pereira, vem ainda provar a innocencia dos suppostos conspiradores e o espirito vingativo do Ministerio, que se soube cercar de testemunhas adrede escolhidas para tal fim.

Ouçamos ainda José Clemente Pereira: «José Bonifacio, em portaria de 11 de Novembro, trata de José Clemente e seus amigos politicos de facção occulta e tenebrosa, de furiosos demagogos e anarchistas que..., ousavam temerarios com o maior machiavelismo calumniar a indubitavel constitucionalidade do augusto Imperador e dos seus mais fieis ministros.» José Bonifacio era algum tanto credulo, o principe muito joven e os inimigos da independencia numerosos e disfarçados.

O partido que promoveu a deportação dos suppostos sediciosos foi o mesmo que decretou a de José Bonifacio.

Esse partido, composto de recolonisadores e inimigos da monarchia, preparou os factos de 1831 e subsequentes, occasionando a série de protestos nacionaes que durante nove annos nos deram toda a sorte de provações e a grande lição de que a monarchia é uma verdade pura para o Brazil.

Os artigos do conego Januario no *Diario do Governo* foram verdadeiros typos de patriotismo e saber. Qual outro Antonio Carlos, notando que, após o 7 de Abril, a dymnastia imperial parecia ameaçada em sua estabilidade

o antigo redactor do *Reverbero* usou de sua penna, para na imprensa defender o throno constitucional contra os ataques dos ultra liberaes, planejados contra as instituições vigentes. Tornou-se um dos sustentaculos da monarchia constitucional; motivo pelo qual lhe advieram intrigas urdidas pelos seus proprios correligionarios.

As intrigas o conduziram ao desterro, mas os tormentos que ahi soffreu teceram-lhe uma coroa de gloria, porque os espinhos do martyrio immortalisam uma fronte quando a aureola a innocencia; são como a opala, quer se antepôr ao sol mas só consegue irrisar-lhe os raios.

A sua innocencia foi reconhecida pelo Imperador que ao seu regresso, o recebeu com signaes de apreço, nomeando-o official da ordem do Cruzeiro e Conego da Capella Imperial, além de lhe ter dispensado sempre a sua augusta e honrosa amisade.

O Conego Januario possuia o retrato de D. Pedro I, com dedicatoria do seu proprio punho; tendo sabido sempre corresponder a todo esse affecto. Foi contrario á revolução de 7 de Abril, mas consummado o facto subordinou-se e acompanhou a nova situação, para não complicar os acontecimentos.

Desterrado de sorpreza, foi soccorrido no exilio por um parente e seu amigo particular e outros admiradores que assim o valeram em sua pobreza e desgraça.

Desembarcou no Havre, partio para Pariz, onde esteve pouco tempo, seguindo para Londres; ahi, em 1822 publicou o seu poema *Nictheroy*.

Os nossos patriotas escriptores propagandistas da independencia foram inspirados pelos cantos e pelas obras de artistas, cujos trabalhos passaram para os clubs politicos, segundo o conceito do nosso saudoso mestre Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo:

«A poesia e as artes começaram a quebrar o jugo colonial e inspiradas pelo patriotismo lançavam no espirito publico os germens da nossa futura regeneração politica. José Basilio da Gama, no *Uruguay*, tinha já enriquecido a poesia com originalidade, imagens, descripções e a cor da patria; José de Santa Rita Durão, ostentava-se mais brazileiro no *Caramurú*, que se escrevia pouco mais ou

menos nos annos em que se executava a obra do Passeio Publico do Rio de Janeiro; dirigidos pelo mesmo sentir o mestre Valentim e o Xavier das Conchas escreviam seus poemas especiaes, cheios de patrioticas idéas na cascata e nos pavilhões do Passeio Publico. Quem não enxergar nos poemas do *Uruguay*, do *Caramurú* e depois no *Assumpção* de Frei S. Carlos e nas obras de Valentim e outros artistas a independencia do Brazil, que no fim de alguns lustros passou dos cantos dos poetas e dos quadros e trabalhos da arte para os clubs politicos, não enxerga a luz da verdade e a origem real dos factos. »

Nenhum dos benemeritos revolucionarios politicos foi membro da Constituinte Brazileira em 1823.

Retirando-se do governo os Andradas e dissolvida a Constituinte em Novembro, foram esses ministros, sabem todos, presos e obrigados a seguir para o desterro.

O patriota Januario, fôra como outros brazileiros, victima de sonhados tramas demagogicos; sua innocencia, porém, foi logo conhecida no processo que se intentou, e em Setembro de 1823. Com os seus companheiros de sorte, regressou ao seio da patria, vindo com elles figurar nas primeiras legislaturas do Imperio.

Quando regressava do exilio, deu-se a coincidencia de se ter encontrado no mar com o ministro seu perseguidor, que por seu turno ia soffrer as mesmas provas porque passara a sua victima.

A 4 de Abril de 1824 foi, como dissemos, condecorado official da ordem do Cruzeiro e a 25 despachado Conego da Capella Imperial.

Foi eleito deputado á primeira assembléa legislativa pelas provincias de Minas Geraes e Rio de Janeiro, optando por esta, seu berço de nascimento.

Nessa época os partidos disputavam a vantagem de encontrar adeptos nos homens novos que a eleição levava á Camara; o partido absolutista só vio alistar-se debaixo das suas bandeiras aquelles, cujos sentimentos para ellas o chamavam; emquanto que o partido liberal observava firme nos bancos de honra aquelles, em cuja eleição se empenhara; e bem que a camara electiva proseguisse timidamente em seus trabalhos, desconfiada da nova ordem

de cousas, considerando a sua convocação como um passo, calculado para illudir o povo, temendo-se a cada momento de ver terminados os seus trabalhos por meio de uma dissolução, igual á da Constituinte, incerta e suspeitada do apoio, com que devera contar da parte do povo; todavia, não recuou diante dos comprometimentos, e o partido liberal em maioria resolveu nomear uma commissão para o exame dos negocios diplomaticos e financeiros, que mais embaraçados se achavam (Conego José Antonio Marinho— *Historia do movimento politico que no anno de 1842 teve lugar na provincia de Minas Geraes*).

Nessa legislatura de 1826 a 1829, tomou posse na vaga do Marquez de Inhambupe, que houvera sido eleito senador em Abril de 1826.

Politico apaixonado, temperamento satyrico e polemista. a sua vida publica salientou-se, principalmente, no seio da commissão de instrucção publica da Camara dos Deputados, nos seus varios artigos de jornaes, atacando a politica dos Andradas e a de Bernardo Pereira de Vasconcellos, e finalmente em alguns opusculos satyricos contra certos homens notaveis da sua época.

Não se distinguio porém como orador parlamentar, as suas glorias oratorias teve-as na tribuna sagrada.

Recommendando-se pelo seu espirito culto e o adeantado, deve-se á elle os esforços que empregou para fazer passar a lei que creava os nossos dous cursos juridicos — de S. Paulo e Recife.

Sustentou varios debates sobre esse assumpto.

A sua paixão politica o afastara do poder; no gabinete de 1834, corria como certo haver sido convidado para a pasta da Marinha. Foi o proprio jornal *Sete de Abril*, seu adversario, quem deu essa noticia.

Na sessão de 31 de Maio de 1826, como relator leu o parecer da commissão de instrucção publica composta delle e dos deputados José Cardozo Pereira de Mello e Antonio Ferreira França.

Era assim concebido:

« A commissão de instrucção publica conhecendo quanto convem adoptar-se um plano para os estudos deste Imperio, offerece á consideração desta Illma. Camara o

plano feito pelo tenente-general Stockler e apresentado pelo illustre deputado o Sr. Domingos Malaquias, como muito digno para a reforma e progresso dos estudos e requer que seja impresso para se discutir principalmente a primeira parte, que versa sobre escolas menores. Camara dos Deputados, em 31 de Maio de 1826.—*Januario da Cunha Barboza — José Cardozo Pereira de Mello* e *Antonio Ferreira França.* »

Na mesma sessão foi lido outro Parecer, do qual fôra relator Odorico Mendes, relativo á redacção do *Diario Official*. Dessa commissão fez parte o conego Januario.

Os seus luminosos pareceres sobre varios outros projectos, de ensino publico, foram todos de grande erudição pedagogica.

Lemos o decreto e o regulamento do supracitado plano para os estudos do Imperio, offerecido pelo general Stockler, podemos asseverar ser um dos trabalhos mais bem concebidos desse genero. E, tanto assim, que por muito tempo teve execução esse decreto com satisfactorio resultado.

O Conego Januario foi emerito pedagogo, acompanhando o desenvolvimento da pedagogia nos paizes mais adeantados, e com a sua competencia do magisterio, soube criteriosamente aproveitar-se do plano Stockler para tornal-o uma excellente lei.

Terminado o quatriennio e não tendo sahido reeleito, foi dirigir o *Diario Fluminense* e a Typographia Nacional.

Achando-se extincta por Carta de Lei de 7 de Janeiro de 1830 a Juncta Directora da Officina Typographica foi nomeado, por decreto imperial de 18 de Dezembro do mesmo anno, o conego Januario da Cunha Barboza, director da mencionada Typographia Nacional, com o ordenado annual de oitocentos mil réis e cinco por cento de commissão, do producto liquido da referida Typographia.

Por uma outra lei, a de 3 de Outubro de 1834 ficou supprimido o emprego de director da Typographia Nacional, passando suas attribuições para o administrador da mesma Typographia, com o ordenado de 800$ e 400$ de gratificação, sem outro vencimento.

Era administrador o Sr. Braz Antonio Castrioto, que entrara para a Imprensa Regia como aprendiz, em 23 de Outubro de 1811.

Castrioto exerceu a arte de compositor até 26 de Setembro de 1816, occupando successivamente os lugares de escrevente, apontador e pagador, sendo nomeado administrador em 2 de Dezembro de 1828.

Obteve o habito de Christo, por serviços prestados á Typographia Nacional.

Eliminado, por conseguinte, o cargo de director da Typographia Nacional em 1834, fundou o Conego Januario o jornal politico e satyrico *Mutuca Picante*, do qual mais adeante nos occuparemos.

Quaes os serviços por este distincto brazileiro prestados no *Diario Fluminense*?

Que nos respondam alguns seguintes dos seus excerptos.

Este orgão official teve o nome de *Diario do Governo* de 1824 a 1825, sob a direcção de Frei Francisco de Sampaio, de 1825 a 1831, tomou o nome de *Diario Fluminense*, quando redactor o Conego Januario.

De 1830 a 1831 a sua penna foi incansavel para responder pelo *Diario Fluminense*, a varios artigos contra actos do governo, das redacções dos jornaes *Aurora*, *Astréa* e *Verdadeiro Patriota*.

Voltou á Camara na 6ª legislatura de 1845 a 1847, tendo sido substituido, desde Maio de 1846 por Paulino José Soares de Souza, depois Visconde de Uruguay.

No intervallo da ausencia parlamentar foi, por alguns annos radactor dos debates da Camara dos Deputados.

Em Abril de 1831, a Regencia provisoria dispensou-o daquella primeira commissão ; mas logo em Julho foi de novo chamado a desempenhal-a até 1837.

Tratemos dos seus artigos no *Diario Fluminense* : no n. 21 de Janeiro de 1831 escrevia :

« Consinta o nosso Correspondente Amigo do Observador, que desta vez deixemos de publicar a sua resposta á *Aurora* n. 436 porque parece prudencia dar fim a huma polemica, em que, por falta de razões da parte de quem a publicava, vão já apparecendo cousas, que não interessam

ao publico. Se o que disse ultimamente a *Aurora* em sua defeza nada conclue, como affirma o Amigo do Oservador; e se não merece resposta a correspondencia de hum curioso publicado naquelle mesmo numero, para que mais instar sobre os partidores do Arsenal?

A *Aurora* despediu-se da polemica á seu modo, como tambem diz o nosso Correspondente, vendo entrar na arena outros que, talvez lhe não cedam em teimas; logo he melhor lutar com esses curiosos que levantam a luva, quando apresentam reflexões dignas de resposta, do que ficar a retirada de quem deixa o combate dizendo sempre alguma cousa. Se he esse o seu genio, segundo affirma o Amigo do Observador, elle de certo não mudará do nosso, e por huma correspondencia, que nos parece algum tanto acre. »

Amigo da ordem e da legalidade, fiel e leal ao governo que servia e sobretudo avesso á motins, a 5 de Março seguinte dizia naquelle jornal, sob epigraphe *Rio de Janeiro*:

« Dissemos á paginas 182 do n. 4 deste *Diario* que não era, nem a *opinião publica nem a vontade Nacional*, quem se exprimia loucamente, por esses motins que se contam na Bahia e Pernambuco, por alguns escriptos que hoje na Côrte se publicam para vergonha do bom senso da civilisação brazileira, que elles fazem vêr em marcha retrograda. Este pensamento que não precisa de commentario para com as pessoas instruidas e amantes de boa ordem, que tambem como taes cousas aqui se fazem, merece todavia ser explicado, para melhor intelligencia dos Brazileiros Constitucionaes de todas as Provincias, que talvez se assustem de ousadias dos atrabiliarios, que se arrogam o direito de expressar como vontade Nacional a opinião Publica a sua mesma *opinião particular* e vontade, sempre em opposição á tranquilidade dos povos, que assim desinquietam e arrastam a abysmos da desgraça, etc.»

E assim continua no numero seguinte:

« Em toda a primeira decada da nossa Independencia encontramos sufficientes provas para dizermos, sem medo de errar, que os Brazileiros abraçaram de coração o systema Monarchico Constitucional Representativo e collocaram sobre o seu novo Throno, guarnecido de tantos baluartes, quantas são as provincias do Imperio, o Principe,

de cujos labios sahio a solemne declaração da nossa Independencia e Liberdade. Esses preciosos bens não só lhe merecerão a primeira e a mais brilhante Corôa do Novo Mundo, como tambem a generosa e cordial estimação dos que foram por elle elevados á cathegoria de membros de uma Nação livre, vendo aberta pelo seu genio essa estrada de grandeza e de gloria, em que marchamos com agigantados passos.

Quando tão rapida e voluntariamente se fez a sua Acclamação em todo o Brazil, os Brazileiros conheciam, que assim punham a salvo a sua presada Liberdade, conciliando-a com o respeito de hum Throno, em que as leis regulavam a vontade do Imperante ; em que o prestigio da Realeza seria de grande vantagem no meio de hum novo defensor de sua tranquillidade e hum centro de necessaria reunião.»

Conclue assim :

« Digamos aos Brazileiros : — com prudencia e respeito ás leis venceremos as maiores difficuldades. — Ha bem pouco tempo disse Luiz Felippe a hum Enviado da Belgica que a—Liberdade sahe raras vezes victoriosa depois de huma guerra—, e nós podemos accrescentar que huma guerra civil he o maior de todos os flagellos e os seus resultados quasi nunca se conformam com os interesses de quem a incendiara. Digo ao Governo, Constituição e Justiça, com energia, para que desappareçam os inimigos da ordem.»

Quem de tal sorte se expressava, não era certamente anarchista, e não tendo esse temperamento, sem duvida não iria á Minas Geraes, como faccioso, pregar idéas subversivas e hostis ao Governo.

O seu espirito monarchico constitucional está bem accentuado quando escreve, com a epigraphe—Hum Brazileiro Constitucional — :

« Brazileiros que tendes alguma cousa a perder, reflecti na nossa situação, ponderai nos acontecimentos, porque tem passado o Brazil desde o dia da nossa Independencia até hoje ; elle vos aconselhará o vosso dever. Em 1822, quando os Brazileiros conseguiram do teu Principe Regente esta solemne e memoravel promessa—Eu Fico—

todos os homens sensatos, todos os Brazileiros honrados se congratulavam ; o Brazil todo exultou e ennobreceu-se com huma acquisição que lhe garantio salvação da anarchia, Independencia e a importancia de huma respeitavel Nação no mundo.

Outrotanto não tem podido conseguir em tantos annos de proscripções e de horrorosos attentados a deploravel America hespanhola. »

E conclue :

« Tudo quanto não está na Constituição, não pertence á Constituição. Quem exige vivas, quem concita hum partido para sustentar com armas as reformas que tem na mente, he réo de lesa Nação. »

A 29 de Março manifesta-se mais francamente monarchista constitucional representativo. Ouçamol-o : « O redactor da *Aurora* fazendo-nos a justiça de suppor, que ainda o nosso coração não é trahidor á patria, sem duvida porque nos conhece ligados sinceramente ao Systhema Monarchico Constitucional Representativo, pelo qual trabalharemos sempre e emquanto a Patria e Liberdade tiverem sobre a nossa alma a doce e poderosa influencia que por ella experimentamos, offerece-nos opportuna occasião para explicar ao publico a verdade que sentimos sobre os acontecimentos das noites de 11, 12 e 13 deste mez. A moderação com que escrevemos este artigo publicado em o n. 61 do *Diario Fluminense*, foi injustamente tomado de ambiguidade em o n. 64 da *Aurora* ; a sua indignação ainda se achava em todo o calor, que muito me convinha moderar ; e é talvez por isso que não attendeu, que as paixões irritadas querem por força uniformidade de sentimentos, quando a prudencia aconselha repouso de espirito para que haja imparcialidade no que se diz ou no que se escreve. Todo aquelle que concorre para que se derrame o sangue dos seus concidadãos, nem é amigo da Patria, nem da humanidade, como não ignora o redactor da *Aurora*. »

Vejamos agora qual a sua attitude durante o periodo calamitoso, após o 7 de Abril, periodo esse que tanto perturbou o Brazil, durante as regencias e até principios da maioridade do Senhor D. Pedro II.

Foi n'essa época, que mais se accentuou o espirito jornalistico de Januario.

A 15 de Abril de 1831 deu á imprensa o seguinte:

« Quando disse em um dos numeros anteriores, que a vontade Nacional se declarava antes por factos do que por escriptos, que quasi sempre só exprimem a opinião do partido, á que servem, bem longe estavamos de pensar que tão depressa os Fluminenses, pugnando pela liberdade da Patria, se reuniriam em nobres sentimentos e em altitude respeitavel para salvarem os seus preciosos fóros, ameaçados pela imprudencia de quem manejava o leme da Náo do Estado. Confessamos que nos enganavamos sobre a opinião dominante, apesar de proferirmos uma verdade que tira todas as duvidas da gloriosa revolução, que estabeleceu a confiança entre o Governo e o Povo, promettendo melhoramentos, que já de outro modo se não podiam esperar. O Brazil no dia 7 vio no campo da honra a indignação de um povo, que tendo jurado a Constituição, se propoz fazer pela sua liberdade os maiores sacrificios, de que ella é digna. Cansada a sua paciencia pela falta de systema de um governo, cuja administração, ou cega ou acintosa, só concorria para o seu descredito e perpetua desconfiança; accordado pelos gritos de sua nacionalidade offendida por homens, que pareciam não tolerar que fossemos independentes e livres, e pela suspeita de que fôssem animados para esses insultos, em que tentaram aterrar um povo, que sabe defender a honra da sua Patria, que vio encher-se a medida dos seus soffrimentos, quando aos primeiros raios do dia 6 d'este mez leu a nomeação de ministros, que ha pouco haviam sido demittidos, substituindo-lhes outros, que em tal crise animavam as esperanças da Nação, pela sua popularidade e brazileirismo. O povo conheceu que a resistencia em tal caso era indispensavel e ainda susteve a insolencia, com que em outros paizes se tem feito a revolução por motivos semelhantes.

Subiram ao Throno, por intermedio dos Juizes de Paz, as representações, em que se expressava a vontade do Povo.

Subiram tambem pelo General Commandante das Armas, e não foram satisfeitas. Mas esta obstinação que já

se não podia apoiar em qualquer partido, porque o interesse geral reunia em um só ponto a salvação da Liberdade, os sentimentos briosos de todos os Brazileiros, vio logo faltar-lhe a do Throno, que entrou no campo para auxiliar a justiça do Povo, dando assim huma prova de que os Soldados Brazileiros não empunham as armas contra seus Irmãos porque são militares livres, e por isso incapazes de servir ao capricho ou á loucura de quem só sabe governar pela força. Então o desengano deu lugar á reflexão ; o Ministerio que se pedia e que por tantas vezes fôra recusado, appareceu sim no exercicio de suas funcções, mas já nomeado por huma Regencia, que fez necessario o acto de abdicação, termo de tanta volubilidade, desconcerto e indiscripção. A revolução estava assim preparada de muito tempo, por actos, que em outros paizes teem feito mais prompta explosão ; mas no Rio de Janeiro ella seguiu os passos da prudente moderação, que faz o principal caracter do Povo Brazileiro ; rebentou, quando já não era possivel retardal-a ; hum só passo mais sem defender-se a Nacionalidade offendida e a Liberdade tão indignamente ameaçada, nos faria ver a face do mundo como amantes da escravidão e indifferentes á honra da Patria. »

Accusaram-n'o os seus amigos politicos de incoherencia dos principios, senão formal infidelidade. Encabeçava-lhes apparente contradicção.

Mas assim procederam todos, excepção dos restauradores.

No regimen monarchico—conservadores se passaram para liberaes e vice-versa ; republicanos para liberaes e nem por isso deixaram de ser eminentes patriotas. Como censurar então o Conego Januario em uma época, em que os partidos não estavam bem acentuados ?

Considerado desertor do seu partido, como acima foi dito, foram-lhe retirados os cargos que exercia.

Em Agosto de 1834 fez apparecer o jornal politico e satyrico *Mutuca Picante*, que foi suspenso em 1835. Impresso na Typ. de T. B. Hunt & C., de formato in-8° e com a epigraphe.—*Vejam se assim vai boa, ou s'inda mais forte a querem*—tinha por emblema uma vespa procurando picar duas figuras, que a afastavam com as mãos.

Trazia artigos de fundo, em opposição á politica de B. P. de Vasconcellos e á seu orgão *Sete de Abril*, com o qual entreteve renhida polemica.

Publicava do mesmo modo notas sarcasticas e humoristicas contra certos personagens, especialmente Marianno Carlos de Souza Corrêa, cognominado o *Rato molhado*, seu parente e antigo protegido, o qual, depois de ter recebido em sua casa generoso agasalho, por espaço de quatro annos, tornara-se seu inimigo, provocando-o e insultando-o.

Tão perverso fôra esse homem, que procurou intrigar o conego Januario com Gonçalves Ledo, seu amigo particular, collega de estudos e companheiro no *Reverbero* e na Maçonaria.

Demos uma idéa do Conego Januario como propagandista da nossa emancipação politica, no *Reverbero*; e como escriptor official, defendendo actos do governo no *Diario Fluminense*. Estudemol-o agora como polemista e sarcastico na redacção da *Mutuca Picante*, para depois o apreciarmos como escriptor litterario e economista, na *Minerva Braziliense*, na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro* e na do *Auxiliador da Industria Nacional*.

Para formarmos um juizo do seu estylo de opposicionista politico, leiamos um periodo de um artigo publicado na *Mutuca* de 17 de Outubro de 1834:

« Espiritos ha em verdade a quem nada contenta, e que, semelhantes a certos estomagos tudo nauseam. Outros ha de contradicção; se dizeis que isto he pedra, elles sustentam que he de páo e argumentos não faltam para sustentar com habilidade hum paradoxo ao menos por uma boa hora. Hum desses espiritos tem se feito cargo por desenfado, de achar tudo máo em hum longo *Communicado*, que traz sempre o *continuar-se-ha*, no Periodico *Sete de Abril*. Parece que aproveitaram muito desde as administrações do Rei D. João VI, e que hoje comendo o *ganhado* em santo ocio, divertem-se em achar tudo máo, ainda mesmo o d'aquelles *tempos saudosos*, a que atira de quando em quando, suas catanadas, para melhor desfechar sobre as Administrações depois do 7 de Abril. Dizem mesmo que

nas horas, em que larga de mão o *communicado*, roda em boa carruagem ganhada em bom tempo e pelo seu acrisolado patriotismo, ora tão desenvolvido.

Seja o que fôr, o certo he que ahi, apparecendo algumas cousas boas e aproveitaveis, (porque emfim os proprios ladrões ás vezes ensinam o Publico a acautelar-se de roubos, e isto seja dito sem animo de aplicar o conto), apparece tambem sempre o tal espirito de nausea ou de contradicção. Louvavel he sem duvida que se censure as Administrações, no que tiverem de censuravel, no que fazem de máo ou no que deixam de fazer de bom, podendo-o, mas nada de bom terão feito os que se succederam depois de 7 de Abril. Sendo tantos e tão grandes os embaraços, que lhes deixaram os anteriores (em que parece ter tido grande parte o nosso Aristarcho), nem ao menos se lhes leva isso em conta? Ui, Sr. Censor! »

E arremata:

« Huma censura n'esse genero guia, esclarece e desempenha o officio de opposição, dando lugar ao debate; no entanto a que he feita pelo modo d'aquelle *Communicado*, nausêa a quem a lê, e apresenta os seus Auctores mais como puros *Pacholas* e *Capadocios*, que escrevem para fazer rir, do que como zelosos Patriotas, que só escrevem para dirigir. »

A *Mutuca Picante*, como já dissemos, foi um jornal satyrico creado pelo Conego Januario, quasi para fazer opposição a Bernardo Pereira de Vasconcellos e á sua folha *Sete de Abril*.

Entrementes, entreteve tambem polemica com a *Aurora*, de Evaristo Xavier da Veiga.

Na *Mutuca* e no *Sete de Abril* appareciam os mais acrimoniosos artigos. Era o estylo da época. De parte a parte as forças se batiam; cada qual mais atacante e sarcastico, sobretudo a *Mutuca* contra Vasconcellos, que se tinha tornado completamente aborrecido dos liberaes.

Nessa época cada um dos partidos dispunha de jornaes, jogava doestos os mais insultuosos e usando de uma linguagem desbragada.

Distincto mineiro, um dos nossos mais eminentes legisladores e estadistas, Vasconcellos fôra idolo do povo até

1834; a ambição, porém, do poder, que tanto o fascinara, tornou-o aborrecido, até dos seus proprios correligionarios.

Da polemica entre a *Mutuca Picante e o Sete de Abril*, vamos mencionar mais alguns trechos para melhor julgarmos do estylo mordaz de Januario.

Em o n. 12 do seu jornal *Mutuca* sahiu publicado o seguinte:

CANOTILHADA

« E' constante que quando o Sr. Vasconcellos partio desta cidade, bastantemente agonisado porque a Regencia não quiz confiar do seu zelo *eminentemente patriotico*, a execução de importantes transacções financeiras decretadas. Sua Senhoria em momentos de colera, dicera a diversos amigos que se havia de oppôr a quaesquer medidas que fossem sempre póstas, que incorrerão no seu desagrado; que hia a Minas com o fim unico de vingar-se por todos os meios e que em breve se veria como se anarquisava uma Provincia. Tambem se acreditou, que parte do vasto plano do Sr. Vasconcellos se estribava nas doutrinas que fazia propagar pela Imprensa e que o Sr. Alcibiades em S. João, o Sr. Bering em Ouro Preto e o *Sete de Abril*, que ficara encarregado ao Sr. Mariano Carlos de Souza Corrêa e a hum joven talentoso, cujo nome se cala, para se não provocar dissabores a hum respeitavel Ancião, havidos de serem os promotores d'essa guerra de penna, que á final deve derribar o actual Ministerio, que teve a desgraça de não admittir o Sr. Vasconcellos para a Repartição da Fazenda, ainda mesmo apezar do *relevante serviço* que se offereceu a fazer no almoço do banqueiro *Samuel*. Estes boatos, porém, realizam-se, porque da Typographia Americana, possuida por huma Papeleta, tem sahido grossas injurias á Administração e com especialidade ao Sr. Ministro da Justiça, que he a quem os Vasconcellos atiram com mais afinco, e tambem a pessoas, que com elle são relacionadas ou por parentesco ou por amizade. »

Mais adiante prosegue e conclue:

« Não he por ventura a causa da liberdade e a da nacionalidade que o governo tem sempre sustentado, como comprovam todos os seus actos? Não, ousadamente affir-

mamos; não, sejam quaes forem os talentos, Parlamentares do Sr. Vasconcellos, seja qual fôr o manejo da sua intriga, se com effeito se realizarem as suspeitas que grassam os Patriotas estarão todos em torno do Estandarte Nacional para defenderem os homens, que o sustentam com honra; homens que se não perfeitos, têm qualidades e serviços apreciaveis, e cuja honradez, superior sempre aos ataques dos discolos está inconcussa. Nossos parlamentares defenderão contra a insidia, as medidas que o governo adoptar, e repetimos não he crivel que possam triumphar no Brazil a immoralidade, o incesto, a concussão e a intriga, sobre a virtude e a probidade. »

No n. 11, respondeu-lhe, mais ou menos, o *Sete de Abril* :

« Ainda que na linguagem dos *bôbos de palacio*, se deva falar á *Mutuca*, todavia permitte ella que lhe dirija o *Sete* em tom serio e polido, embora frisante e vigoroso o seu artigo *Canotilhada*, a que acima se refere o *Sete*, contem, na verdade, um plano de intriga, que convem analysar miudamente, para ser distribuido aos olhos dos incautos, a quem se pretende illudir; mas elle envolve pessoas, cuja capacidade dispensa o auxilio de advogado, d'ellas haverá a *Mutuca* a competente resposta, e o publico um esclarecimento perfeito. Quanto á parte que d'esses enredos coube ao *Sete*; cumpre-lhe declarar francamente á *Mutuca*, que se recebeu de seus *amos* ordem para descobrir quem são os *redactores* ou redactor do *Sete*; se para isso começa, como usa dizer o vulgo a *deitar verdes*, recolha-se aos bastidores com o triste desengano de que *nunca o saberá*; esse segredo não o compra *todo o ouro dos Ministros*, quanto mais as aviltantes molhaduras, pelas quaes a *Mutuca* vende o seu brio e a sua consciencia!...

Não, essas pessoas malsinadas seriamente pelos *espiões que infestam até o interior dos estabelecimentos particulares*, estão innocentes; mas, a mancha e o fel denegrido do *Mutuca*; não, não as mancha, que essas invectivas, que esses desprezos são germens de gloria, são gomos de credito e honra, que brotam vigorosos no conceito Publico, dando estima e valor aquelles contra quem foram lançados pela *Mutuca*, como veneno de morte, o desprezo, as

invectivas, só caberiam a taes pessoas, se deslembradas da propria dignidade; se, traidores a seus deveres sagrados, fôssem iniciar-se nos misterios d'essa torpe *confraria*, cujo primeiro idolo é o interesse, tendo calcados debaixo dos pés a honra, a verdade, a Patria e... Sim, digamol-o sem temor, a *Liberdade*, etc.»

O Conego Januario comprehendia o papel de critico, compenetrava-se do *ridendo castigat mores*, do velho Horacio. Abundavam as armas em seu arsenal e conforme as necessidades de momento, ora lançava mão de hervada setta do epigramma, ora da clava philosophica.

A' proposito de uma apresentação feita á Camara dos Deputados, sob o titulo *Censo Commum*, reproduzida no *Sete de Abril*, escreveu Januario na sua folha:

« Que cruel fatalidade compellio o Sr. B. P. de Vasconcellos rasgar a capa que até agora cobrio o seu transcendente orgulho e ambição? Huma força invisivel o fez delirar e lançar as ultimas fezes da sua colera sobre a Camara Electiva, a que pertencia e todo o odio de seu coração sobre o Ministerio e principalmente sobre aquelles Ministros, que não aplaudiam seus planos; tal he a natureza das cousas artificiozas, que por si mesmas se destroem, mais cedo ou mais tarde.

« Verdades produzem verdades e erros geram erros, diz M. *Dorz* e *Pagés* accrescenta, que os erros em Politicos produzem crimes. Baseados n'essas theses, apenas lemos o *Sete de Abril* N. 174 e o Artigo— *Senso Commum* — conhecemos o dedo do gigante. N'esta producção amalgamada de verdades amargas e erros accrescentou o Sr. B. P. de Vasconcellos, o seu corpo de delicto á Camara dos Deputados quando lhe era mais facil fazer sentir aos seus collegas, os principios luminosos, de que esteve persuadido, e assim evitar o erro com prejuizo da Nação; e mais porque a estar inteiramente persuadido que o Ministerio tinha commettido abusos e erros era de seu dever, como representante da Nação, apresentar á Camara sua accusação motivada. Porém o Sr. Vasconcellos conhecendo a futilidade de suas asserções lançou mão das invectivas, sarcasmos e calumnias, meios indirectos de que se serve o falso e fraco intrigante, para desacreditar os

Ministros no vulgo incauto, afim de desgostosos se demittirem e collocar a Regencia na triste epoca dos fins de Junho de 1834, para convidal-o a occupar a Pasta da Fazenda e compor o Ministerio á seu bel prazer com seus apaniguados. Assim que felizmente não pegaram de todo as bichas, todavia vimos os effeitos nas demissões dos Srs. *Araujo Vianna*, *Rodrigues Torres*, que por excesso de sensibilidade se não lembrou de responder ao Sr. M. M. Carvalho, tendo o facto de emprestimo com que podia-se repellir as suas miseraveis invectivas.

Porém os Srs. Ministros do Imperio e Justiça interinamente encarregado dos Negocios do Estrangeiro e o da Guerra, que conheceram o plano, animados pela força moral, que lhes dava a tranquillidade de suas consciencias, desprezando como merecia, o vil astucioso intrigante, fizeram o sacrificio de sustentar o Posto para salvar a Patria dos horrores, que se seguiriam apparecendo o *futuro desastroso* no anno preconisado; no que mostraram haver ainda Cidadãos probos e verdadeiramente amigos da Patria, etc.»

Embora fastidiosa esta exposição, não deixamos de transcrever mais estes topicos da *Mutuca*, que nos parecem interessantes:

— Resenha de alguns factos que muito abonam a honra e a probidade de alguns sujeitos que atacam a dos outros.

«Certo figurão, (Nhó Dolé), encommmendou para Minas a hum seu amigo (J. J. L. M. R.) huma caixa de oiro, das que se fazem perfeitamente em Sabará. O amigo mandou-a fazer, pagou 200$ reis do seu imposto entregou-a ao emcommendante com a conta do seu custo; este ficou de lhe mandar a importancia, e não obstante de lhe ter sido pedido depois por varias vezes, o pobre pato, que desembolçou os 200$ reis, visse na precisão de vender a divida pela metade, e ainda não consta ter sido pago. Este encommendante quiz ser Ministro da Fazenda, ou pelo menos Inspector da Alfandega, e como não foi, — *pega nelle pr'a capar — Oh que capadocio!*

«Havendo tambem recebido huns quatro contos para entregar á Baroneza de S. por huma transação, sobre huma

chacara espaçou quanto lhe foi possivel esta entrega que parece não se realizou até a data de hoje por *puro patriotismo — Pega nelle pr'a capar — Oh que capadocio!*

«O mesmo costuma rebater os seus ordenados e negociava o seu subsidio de Deputado (quando o era); mas algumas vezes apparecerão dous ou tres sujeitos no Thesouro com recibos de hum mesmo quartel ou mez, ficando *mamando* quem não andava ligeiro. O Thesoureiro dos ordenados ha de saber desta traficancia e mais um tal Sr. Meira; quem fôr curioso pergunte-lhes. Mas como não foi Ministro nem Inspector — *Pega nelle pr'a capar — Oh que capadocio!*

« O mesmo chegando de Coimbra, formado o Sr. Torres, foi offerecer-se ao Pai, homem roceiro e simples, para o fazer despachar bem, inculcando-se de muito valimento para com os Ministros de então. Passados dias foi-lhe pedir quatro contos de reis para acodir a hum aperto. O bom velho emprestou-lh'os em boas moedas de oiro; mas até hoje não lhe tem posto a vista em cima, nem elle, nem seu filho, apezar das maiores diligencias. Afinal foi o negocio ao Juiz de Paz, e para não hir de todo á garra, passaram-se *Letras*, que queira a Deus, não tenham a sorte das de J. Bernardes, e por fim — *Pega nelle pr'a capar — Oh que cambada de marrecos!*

E se vós vos admirais
Ainda lá vem mais.»
etc.

Vamos terminar com esta outra *Canotilhada:*

— Ainda mais Canotilhada.

«Não devem sahir da lembrança dos brazileiros amigos da legalidade e da paz, e que só na paz e legalidade reconhece o fructo do bem geral da Nação, as scenas comicas que na Capital de Minas, tem feito representar esse pseudo patriota, cuja ambição sacrifica os seus comprovincianos as mais terriveis desgraças. Se nos lembramos que elle por suas artimanhas tem conseguido enganar a gente mais credula da sua Provincia, que ainda erradamente o respeita como esteio principal do systema politico que juramos defender, admiramo-nos com bastante razão de que

homens com mais proporção para ajuizarem de seus actos e bruxulearem os seus talentos com que o faz, se deixem levar de suas perfidas e criminosas insinuações, como pupillos obrigados a obedecer á vontade de tão perverso tutor. Em que desfechará o Drama começando no fim de Dezembro em Ouro Preto.

Drama ha mezes promettido e esperado, e em que se não pode esconder o genio revoltoso e vingativo de Vasconcellos. Que esperam os que tem coadjuvado a vingativa empreza desse homem, que para chegar a seus fins salta por todas as leis e por toda a Moral.»

Salva-nos por ventura do errado passo, que assim deram, a representação dos Ministros, escandalosamente angariada depois que se forjara na Capital da Provincia, assignada pelos primeiros figurantes dessa Comedia, e á força por alguns empregados, que recusaram acodir a tres rebates e que ainda assim fazem o numero de 74 assignaturas, em huma Cidade populosa como a de *OuroPreto*!...

« Convem que os Patriotas meditem sobre o perigo, em que os lançam tão detestaveis escriptores, para não cahirem em suas armadilhas. *Bilatin* he um pretexto para as desordens de Minas; *Vasc. he a sua verdadeira causa, o tempo não deixará mentirosa a Mutuca se he o que vemos ainda nos não convence.*»

Nestas linhas põe o redactor da *Mutuca*, em relevo certos particulares de B. P. de Vasconcellos, em estylo humoristico, sinão picante e ridiculo.

Longe iriamos se quizessemos mencionar todos os demais escriptos desse satyrico jornal. Pensamos que para dar um ligeiro conhecimento basta o que deixamos apontado.

A' principio, extranhamos a linguagem, aliás insultuosa destes dous contendores politicos, ambos intelligentissimos e cultos, ambos cavalheiros de fina educação e ambos de relevantes serviços á sua Patria.

Mas, não é de admirar, se como nos conta o Sr. Dr. J. M. de Macedo, a imprensa politica da época, isto é, a das gazetas periodicas do Governo e da opposição ou a absolutista e republicana, como se dizia, tinha adoptado por logica a injuria, por argumento o insulto, e de um e outro lado a vida privada dos adversarios era indigna e revol-

tantemente açoutada pela calumnia atroz, ou ainda mesmo pela vontade malvada.

De 1830 a 1837, foram os jornalistas politicos que mais se salientaram : Evaristo Ferreira da Veiga, na *Aurora Fluminense* ; o Conego Januario da Cunha Barbosa no *Diario Fluminense* e na *Mutuca Picante* e Bernardo Pereira de Vasconcellos no *Sete de Abril*.

Todos elles, porém, possuiram estylo diverso.

Não ignoramos, comtudo, que nesses annos circularam outros periodicos recommendaveis: *Astréa* (1826-1837) redigido por Antonio José do Amaral e José Joaquim Vieira Souto ; *O Constitucional*, em 1831 ; *O Fluminense* em 1835 ; *O Independente*, redigido por J. J. Rodrigues Torres, mais tarde Visconde de Itaborahy ; O *Jornal do Commercio*, propriedade então, da firma social J. Villeneuve & C., alem de muitos outros.

Evaristo Ferreira da Veiga levou vantagem á aquelles seus dous companheiros.

O illustre mineiro foi uma das nossas maiores mentalidades, e attingiu á mais alta culminancia da nossa imprensa. Foi o prototypo do jornalista brazileiro; não imitou como tambem não ha de ser imitado. Moldado e feito para o periodo politico em que viveu, assumiu por meio da imprensa uma posição excepcional, unica, como só elle soube conquistar e manter. John Harmitage, o sisudo e authorisado historiador desse periodo, considera-o um dos escriptores politicos mais talentosos, não só do Brazil como da lingua portugueza.

O seu periodico *Aurora Fluminense* foi grande acontecimento politico.

Nelle deu, como escreve um dos seus biographos, o bello exemplo de estudo grave e lucido das questões e da polemica sem azedume, e absolutamente izento de injuria e de aleive; não escapando todavia aos insultos e ás calumnias dos escriptores adversarios.

Este importantissimo jornal tornou-se o grande facto da época pela immensa influencia que exerceu.

Teve o seu distincto redactor espirito doutrinario, contrario aos republicanos e aos absolutistas. Como Januario, em politica, a sua bandeira foi sempre a—Monarchia

Constitucional Representativa —, tendo se conservado fiel á Constituição do Imperio.

Foi Evaristo quem creou em 1828 o partido monarchico constitucional no Brazil.

O redactor da *Aurora Fluminense*, como o redactor do *Diario Fluminense*, não acompanharam os seus correligionarios liberaes, ou antes não fizeram côro, com a maior parte delles, em aggremiação republicana, nas suas idéas de — federação das provincias — etc.

Teve, porém, indole politica mais firme que Januario, o qual, após o Sete de Abril, com grande numero de seus correligionarios, afastou-se do seio do seu partido, que se tinha exaltado, revolucionado, democratisado, constituindo-se em partido *anti-liberal*.

Januario ligou-se ao grupo *moderado*, creação de Evaristo Ferreira da Veiga, ao qual, se vieram ajuntar liberaes pacatos, sensatos e criteriosos, sob a chefia do immortal mineiro, que os dirigiu admiravelmente.

O caminho jornalistico de Januario fôra outro, o seu temperamento era apaixonado, fogoso e picante, Evaristo placido, delicado, correcto, firme e doutrinario.

Januario, a sua face principal jornalistica era o *humour* com que discutia os diversos problemas sociaes e politicos e a fina ironia com que atacava os adversarios, sem no entretanto ultrapassar as raias do homem bem educado.

Polemista habil e jornalista independente, acompanhava a nossa vida social e politica, advogando sempre assumptos interessantes ao desenvolvimento da terra que tanto estremeceu ; deixando, entretanto, sempre transparecer a sua nota dominante — a ironia — ; arma sua predilecta, de que lançava mão para bater o adversario, sem comtudo ter o seu genio rabelaisiano prejudicado os seus brios de fino cavalheiro, o que prova não ter deixado rancor nem inimigo, pois não causou mal á pessôa alguma. Tinha grande coração, alma generosa.

Januario era mais culto e erudito ; Evaristo, porém, superior no bom senso de estadista vidente, de modo a tornal-o até 1835, o politico mais influente na marcha do governo do Brazil. Foi o maior homem de sua época.

Bernardo Pereira de Vasconcellos, espirito lucido, foi um dos nossos mais consummados estadistas, a quem o partido liberal deve as mais consideraveis instituições com que dotou o Brazil.

Activo parlamentar e eloquentissimo orador, não prescindia jamais da imprensa. Qual outro Januario, seu temperamento era apaixonado e polemista e amigo de sarcasmos ; publicava artigos de potente argumentação, de desabridas zombarias contra seus adversarios.

Aconselhava sempre aos escriptores, publicar artigos curtos, de meia columna : — são esses que o povo lê —, dizia elle.

Os seus escriptos no *Sete de Abril*, na *Sentinella da Monarchia* e no *Caboclo* inspiravam a confiança dos seus correligionarios que, obedeciam á sua direcção e á seus conselhos.

Incontestavelmente foram estes tres benemeritos brazileiros, os tres jornalistas que prestaram os mais relevantes serviços á nossa causa politica, no periodo calamitoso de 1831 ; sobretudo Evaristo Ferreira da Veiga, que na *Aurora Fluminense*, não se cançava de aconselhar: « Moderação ! moderação ! haja moderação ! » Palavras historicas pronunciadas no campo de Sant'Anna no dia 7 de Abril, acudindo á noticia da abdicação de D. Pedro I, que o General das Armas Francisco de Lima e Silva immediatamente fez chegar ao seu conhecimento, conforme nos conta o Sr. Dr. J. M. de Macedo em seu *Anno Biographico*.

Fôra elle quem redigira, como deputado, a proclamação lida na assembléa ; quem restabelecera, com o seu invejavel bom senso e sabia direcção politica a ordem e a paz na capital do Imperio ; quem, emfim, salvara a monarchia constitucional ; e com elle o Conego Januario da Cunha Barbosa, no *Diario Fluminense* ; e Bernardo Pereira de Vasconcellos no *Sete de Abril* e na *Sentinella da Monarchia*, escreviam diariamente, indicando e provando ser a « Monarchia Constitucional Representativa », a melhor fórma de governo, sobretudo para o Brazil, o que é indisputavel verdade.

Recommendando-a, pediam aos seus compatriotas a favor obediencia ás leis, á Constituição jurada.

Se bem que, como acima dissemos, Januario e alguns mais dos antigos partidarios do ex-Imperador, viessem fazer causa com aquelles que lhe eram adversarios ; comtudo, o patriota conservou sempre illesa a sua fé monarchica, em favor da qual sempre se bateu.

O Padre Januario, um dos obreiros da nossa emancipação politica, foi tambem um dos sustentaculos da nossa Monarchia Constitucional Representativa.

Até 1837, ainda, escreveu elle, particularmente e como funccionario publico, na imprensa, defendendo os actos do governo do regente Feijó, de quem fôra particular amigo.

Desgostoso, porém, retrahio-se da vida publica, até ter sido em 1845, reeleito deputado pela provincia do Rio de Janeiro.

No Parlamento não tomou parte em questões politicas, tratou sómente, como nas legislaturas anteriores, de reformas referentes á instrucção publica.

Em sessão de Junho daquelle anno, foi signatario do projecto n. 23, autorisando a creação de um Curso de Sciencias Ecclesiasticas, no Seminario Episcopal de São José, se bem que adoentado e bastante nervoso, como elle proprio declarou em sessão de 7 de Junho, comtudo, pediu a palavra para responder, refutando o deputado pelo Pará, Souza Franco, ao qual declarou já ter sido reconhecida a utilidade do projecto, visto haver passado em primeira discussão e após longo debate. Varias outras vezes usou da palavra para identicos assumptos.

Esclarecido por uma longa e variada experiencia, rico de idéas, desenganado do ouropel das mundanas preoccupações, tranquillo e resignado com a injustiça dos homens, o conego Januario de ha muito havia professado e feito voto nessa thebaida do gabinete, nesse retiro dos philosophos e ahi trabalhava com ardor e crença no futuro, com fanatismo patriotico, para esse monumento intellectual, para essa gloria perduravel que atravessa as idades e forma a base da grandeza real de uma nação. Assim, tratou delle eloquentemente, o saudoso orador do nosso Instituto Historico o Sr. M. de Araujo Porto Alegre, ao baixar o seu corpo á sepultura.

Durante o interregno parlamentar o seu ardente patriotismo, a sua activissima vida, foram incansaveis; especialmente os dez ultimos annos de sua existencia, que se tornara de uma assombrosa dedicação á patria. Extensa foi a seara que produzio; mostrou-se verdadeiro pharol da civilisação brazileira.

II

Conhecemos, mais ou menos, o politico, tratemos agora do litterato.

Desgostoso por impertinentes injustiças, o batalhador, o generoso adversario, o satyrico não buscou descansar das fadigas, dos combates, no remanso solitario; ao contrario, activissimo, no fervor do patriotismo, applicou a sua culta intelligencia a serviços de outra ordem:— ás letras.

Animando-as, encaminhou a mocidade estudiosa.

A attitude consagrada á essa causa, tão rica á patria, deu ao literato uma aureola de grandeza, que o tem acompanhado além tumulo.

E, tanto assim, que com o seu fallecimento a parte illustrada da população brazileira foi profundamente abalada pelo desapparecimento desse homem tão util ao paiz e á humanidade. A imprensa, da qual Januario foi um dos ornamentos, ante o sepulchro que se abria ao distincto brazileiro, ao verdadeiro patriota, ao batalhador arrebatado e obreiro incansavel, fez-lhe justiça, não lhe regateando encomios.

O homem publico, o jornalista, o deputado fluminense desapparece diante do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, do Auxiliador da Industria Nacional, da tribuna sagrada etc.

O Conego Januario nascera para as letras; era esse o seu natural pendor.

Quebrou a penna politica, deu-lhe outra applicação, abrigando-se na literatura para descançar da vida agitada

nas redacções do *Reverbero*, *Diario Fluminense* e *Mutuca Picante*.

O Conego Januario, não fora unicamente um *colleccionador* de trabalhos de outrem, como refere o Sr. Sylvio Romero.

Certamente que um Parnaso, não é um livro de poesias proprias, antes uma collectanea de producções de varios poetas. Não ha negar porém que o illustre literato fluminense foi o primeiro que publicou trabalho de tal ordem ; do qual muito se tem servido e aproveitado subsequentes escriptores.

Varnhagen, Wolf, Porto Alegre, Joaquim Norberto, Bellegarde, etc, tecem-lhe os maiores elogios, considerando o auctor do Parnaso Brazileiro, o iniciador d'esse genero litterario.

Em F. Wolf, na sua *Littérature Brésilienne*, lêmos : «C'est lui qui le premier nous a donée une anthologie bien ordonnée et accompagnée de introductions biographiques et critiques des principales productions littéraires du Brésil. Il y a dans cet ouvrage non seulement jeté les fondement d'une histoire litteraire de son pays, mais a considerablement fortifié parce moyen le sentiment national.»

As suas memorias, umas traducções annotadas, outras originaes, publicadas nas revistas do Instituto Historico e do Auxiliador da Industria Nacional, não constituem meras collecções.

Interessantissimas ainda hoje são consultadas e mencionadas, por quem se dedica a esses assumptos.

Nas suas varias biographias, genero literario, em que como confessa o Sr. Sylvio Roméro, fôra Januario sensato e simples, deixando-se ler com agrado, especialmente quando trata de Claudio Manoel da Costa, o inconfidente mineiro, é verdadeiramente original.

Os seus innumeros sermões, os seus discursos maçoniços, como I .·. Gr.·. Ord.·. do Grande Oriente ; não devem tambem ser julgados d'aquelle modo.

Os seus artigos politicos, emfim no *Reverbero*, *Diario Fluminense* e na *Mutuca*, em opposição a alguns luminares do seu tempo, dão ainda testemunho do seu trabalho proprio. Lêmos uns e outros, e a despeito de qualquer

parcialidade, visto tratarmos de um nosso tio, asseveramos não ter notado vantagem nos seus contendores.

Muito embora, seja julgado escriptor de estylo pesado, desgracioso e monotono, tudo isso é compensado pela pureza de linguagem, pela sua vernaculidade, pela erudição, pelo estudo profundo.

Foi doutrinario e dialectico.

Temperamento ironico e satyrico, polemista por natureza, nenhum dos seus coevos levou-lhe vantagem.

Comparemos a *Mutuca* com o *Sete de Abril*, e vejamos qual dos dois periodicos era mais grosseiro. De prompto se verificará que foi o segundo.

Cotejemos ainda a linguagem do auctor das *Rusgas da Praia Grande*, com a da 2ª *Defeza*, do General Abreu e Lima; salta-nos logo á vista a inconveniencia d'este que ultrapassou a grosseria, attingiu o *insulto*.

Os seus poemas satyricos *Garympeiros* e *Rusgas da Praia Grande*, se não foram modelados pelos de *Juvenal*, se não hombrearam com os de Nicoláo Tolentino, no *humour* e na graça; se não mordazes, emfim, a Gregorio de Mattos, tambem não são pornographicos a Boccage, nem offensivos á *Chico Petisca*, (Pinheiro Guimarães), no seu *Pesadello*; o qual, até preoccupa-se com questões privadas de familia.

Talvez fôsse o *Petisca* inspirado pelo seu *anjinho*.

O poema *Nictheroy*, não obstante alguns senões, não é unicamente uma prosa rimada. Ha algumas estrophes, na verdade, que não nos agradam.

Mais adiante as mencionaremos.

Si, porém, tem trechos desagradaveis o poema, comtudo, n'elle revela o poeta imaginação, sem ter entretanto, aquelles *arroubos* notados, deixa transparecer; perfeito conhecimento da metrificação e da mythologia.

N'elle não se pode censurar a mescla de *classismo* e assumptos patrios.

O Conego Januario escreveu o seu poema em 1822, sob a acção da escola classica. O mesmo estylo mais ou menos, se lê em Fr. Francisco de S. Carlos, na *Assumpção da Virgem*, onde mistura a mythologia com a religião; como Januario notou *ao* proprio poeta; em Frei

Francisco de Santa Rita Durão e em Basilio da Gama, no *Uruguay* e no *Caramurú*.

Para provarmos que o autor do *Parnaso Brazileiro*, fôra um dos nossos mais escolhidos e laboriosos literatos do seu tempo, basta recordar que para elle se volviam todos os nossos mais considerados homens de letras, de então, convidando-o a fundar e a presidir as suas sessões literarias.

E, sem duvida, aquellas grandes mentalidades, não iriam procurar para dirigil-os uma *mediocridade*. Serão, por ventura, de somenos importancia os Gonçalves Dias, os Gonçalves de Magalhães, os Porto Alegre, os J. M. de Macedo, os Joaquim Norberto e quasi todos os seus collegas do Instituto Historico? Associação, da qual eram membros os mais conspicuos brazileiros.

Não queremos enaltecer os meritos literarios de nosso tio, mas collocal-o no seu verdadeiro lugar.

Cultivara o Conego Januario quasi todos os generos de literatura nacional.

Na poesia: foi epico e satyrico. Na oratoria: orador sacro, maçonico, literario e politico. Na historia escreveu varias biographias e monographias. Na prosa : artigos literarios e politicos, apparecidos em quasi todos os jornaes do seu tempo e memorias publicadas nas revistas do Instituto Historico e do *Auxiliador*. No theatro: dedicou-se á comedia.

Philologo, publicista, pedagogo, philosopho e politico, o Conego Januario foi sem duvida um dos mais eruditos e laboriosos escriptores.

O Revm. Bispo D. José Caetano da Silva que apreciava os padres illustrados, sabendo que o Conego Januario possuia essa qualidade preciosa, distinguiu-o com a nomeação de examinador synodal do seu bispado.

O Governo Imperial, por seu turno, fel-o chronista do Imperio, cargo esse que foi, mais tarde e após a sua morte exercido pelo conhecido historiographo bahiano Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, autor das — Memorias Historicas da Bahia.

Foi igualmente nomeado membro do Conservatorio Dramatico em 1844 e director da Bibliotheca Nacional da Côrte.

Esta ultima nomeação teve lugar por decreto de 5 de Setembro de 1844.

Tomou posse a 5 de Novembro do mesmo anno, por exoneração, á pedido, do Conego Antonio Fernandes de Oliveira, em Novembro do referido anno.

Foi bibliothecario até o seu fallecimento tendo sido substituido pelo Dr. José de Assis Alves Branco Muniz Barreto, nomeado por decreto de 5 de Março de 1846.

Os seus importantes serviços prestados nesse estabelecimento, dil-os, o seu digno successor, em relatorio, quando declarou ter achado esta util Repartição bem organisada e em certo gráo de desenvolvimento. O seu zeloso director estava em dia com todas as publicações; procurava adquiril-as por donativos, permutas e compras.

Pode-se mesmo dizer, que com a sua administração começamos a ter uma bibliotheca, propriamente dita, a qual chegou ao maior florescimento na sabia direcção de Frei Camillo de Monserrate, B. F. Ramiz Galvão e outros; agora continuada pelo actual director, pernambucano talentoso, e distincto cavalheiro.

O Sr. Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva é com effeito merecedor dos maiores elogios, pelos seus relevantes serviços.

Reuniam-se, então, no gabinete de Januario, Director da Bibliotheca, os nossos literatos, os sabios estrangeiros, nossos illustres visitantes e ahi realisavam-se as mais agradaveis palavras litterarias e scientificas.

Funccionava, então, a Bibliotheca no predio do antigo Hospital do Carmo, á rua desse nome, onde se acham actualmente varios estabelecimentos commerciaes.

Desse modo o intelligente Director tornava-a um ponto de attractivo, conseguindo por tal arte, preciosos donativos.

Literato, não se descuidava de enriquecer a secção litteraria, que ainda hoje é bastante rica e interessante.

Em 1843, foi fundado no Rio de Janeiro o Conservatorio Dramatico Brazileiro. Muito contribuiu para a sua creação o Conselheiro Diogo Soares da Silva Bivar; que

eleito seu presidente perpetuo, por esta instituição mostrou, por alguns annos, a mais desvelada solicitude.

Infelizmente o trabalho foi esteril, a dedicação perdida, os resultados nullos.

No pensar do Sr. Dr. J. M. de Macedo foi devido a ter sido incompleto, não ter mostrado mesmo ser o que o titulo dizia. Não passava de um simples auxiliar das obras dramaticas. Era o seu papel sómente o da censura ou antes policial.

Não fôra certamente esse objectivo que sonhara o Conego Januario para a realisação do conservatorio.

Entretanto, nesse cargo influiu, para a apuração do gosto, pelo modo porque dirigiu o theatro.

O Governo Imperial procedeu com acerto, aproveitando os talentos de um homem de tanta actividade e estudo, para reorganisar os principaes institutos de instrucção.

Ao passo que Januario leccionava a sua cadeira de philosophia ; cadeira antes regida pelo nosso Tio bisavô, o Dr. Agostinho Corrêa Goulão, que fizera parte da Constituinte Brazileira, como representante da provincia do Rio de Janeiro, e um dos mais illustrados homens da sua épocha: fazia-se o nosso Tio avô admirar-se na tribuna sagrada, com seus eloquentissimos sermões, trabalhando, ao mesmo tempo, em varias associações litterarias.

Regendo por mais de um quarto de seculo aquella cadeira, procurou tornar conhecidas as philosophias antiga e franceza, as criticas de Kant, as especulações de Schelling e a didactica de Hegel.

Cooperou para a prosperidade da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional ; Sociedade fundada por Ignacio Alves de Almeida, cuja primeira sessão celebrou-se a 28 de Fevereiro de 1828. Eram então seus primeiros funccionarios os Visconde de Alcantara, Brigadeiro Francisco Cordeiro da Silva Torres, João Fernandes Lopes, Manoel José Onofre, João Francisco Madureira Pará, Conselheiro João Rodrigues Pereira de Almeida e o referido Ignacio Alves de Almeida.

Contava na sua fundação 49 socios effectivos e 6 honorarios. Os seus Estatutos foram approvados pelo Governo por Portaria de 5 de Agosto de 1851.

Della secretario perpetuo, Januario em sua revista, — O *Auxiliador*, — escreveu varias memorias, tendo-a deixado, ao fallecer, com quatro volumes.

Dedicado á mocidade estudiosa, encaminhou-a e animou-a, presidindo as suas sessões, collaborando em seus jornaes litterarios: *Minerva Braziliense*, *Ostensor Brazileiro*, *Mutuca Picante*, jornal satyrico, do qual já nos occupamos.

Ligado ao Marechal Raymundo José da Cunha Mattos, creou o Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Em sessão do Conselho Administrativo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, de 18 de Agosto de 1839, leu o primeiro secretario Marechal Cunha Mattos uma proposta, por elle e pelo secretario adjunto o Conego Januario da Cunha Barboza assignada, na qual os proponentes indicavam a creação daquelle Instituto, filial á Sociedade. Approvada a idéa por uma assembléa geral da Associação, após larga discussão, foi unanimemente acceita em sessão de 19 de Setembro do mesmo anno. A 21 de Outubro seguinte, ás onze horas da manhã, reunidos vinte e um membros da Auxiliadora, installaram e fundaram o projectado Instituto.

Após a eleição do presidente, secretarios, representantes das respectivas commissões etc.; o primeiro secretario Conego Januario da Cunha Barboza leu o discurso inaugural, repleto de grande patriotismo e ardente zelo pelos estudos scientificos.

Levado pela tendencia dos espiritos da época, para o estudo das sciencias historicas, em sua eloquente oração lembrou procurar adquirir os meios para obterem-se os elementos concernentes á pesquiza da historia do Brazil. Elle proprio esforçou-se para realisal-os, offereceu á bibliotheca do Instituto quinze preciosas obras. Tornou-se incansavel para possuir todos os trabalhos interessantes á historia e geographia do Brazil; conseguio do Governo Imperial, que os addidos ás legações brazileiras, nas côrtes européas, fossem encarregados de copiar tudo o que se houvesse escripto sobre o Brazil.

Poz o Instituto Historico em relação com as mais importantes sociedades literarias e scientificas nacionaes e

estrangeiras. Attrahiu e acolheu os sabios que lhe foram recommendados, proporcionando-lhes facilidades em suas explorações scientificas.

Ao fundador do Instituto Historico se deve possuirmos os preciosos trabalhos do Conde de Castelnau, Visconde d'Osery, Dr. Dumerçay, alem de outros.

Correspondia-se com o eminente geographo e diplomata portuguez, Visconde de Santarem, da Sociedade de gragraphia de Paris, sobre assumptos historicos e geophicos brazileiros. Esse illustre luzitano distinguio o Conego Januario escrevendo-lhe a biographia.

Tão superior, tão patriota foi, que ao regressar do exilio, não viera alimentar odios, sustentar vinganças; mas, ao contrario, dotar a patria, para cuja independencia cooperou, com os nossos mais velhos monumentos litterarios.

Como prova de gratidão, foi a 6 de Abril de 1848, inaugurado o seu busto, na sala das sessões do Instituto, com solemne festa, honrada com as augustas presenças de S S. M M. o Imperador e a Imperatriz, membros do Instituto e grande numero de pessoas gradas. Ladea-o, sob o docel, o busto do Senhor D. Pedro II, o nosso amado e saudoso Protector, tendo á direita o do Marechal Cunha Mattos.

N'aquella solemnidade, de conformidade com o programma procedeu-se á leitura dos trabalhos:

1.º Discurso official do orador do Instituto o Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre.

2.º Elogio historico do Marechal Raymundo José da Cunha Mattos pelo socio correspondente Sr. Francisco Manoel Raposo de Almeida.

3.º Elogio historico do Conego Januario da Cunha Barboza pelo 2.º secretario o Sr. Dr. Francisco de Paula Menezes.

4.º Discurso sobre a necessidade de se protegerem as sciencias, as letras e as artes no Imperio do Brazil, pelo socio correspondente o Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho.

5.º Canto inaugural dedicado á memoria do Conego Januario da Cunha Barboza, pelo socio correspondente o Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva.

6.° Psalmo ao amor da gloria pelo secretario supplente Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

7.° Canto inaugural pelo socio effectivo Sr. Dr. Antonio Gonçalves Dias.

8.° Discurso do socio correspondente o Sr. Luiz Antonio de Castro.

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro é a gemma mais preciosa da corôa que cinge a altiva fronte do seu saudoso secretario perpetuo.

Foi Januario membro correspondente de 14 sociedades scientificas e litterarias, nacionaes e estrangeiras.

Pelos seus relevantes serviços foi agraciado com as commendas do Cruzeiro, de Christo e da Rosa do Brazil; com a da Conceição de Villa Viçosa de Portugal e a de Francisco I de Napoles.

Dias antes do seu fallecimento, foi elevado á dignidade de Monsenhor, distincção essa que não usou por ter logo fallecido e como tal não tem sido considerado.

Essas varias distincções, que lhe adornavam o peito dão testemunho dos seus apreciados trabalhos.

Orador sagrado de grande reputação, emulo de Souza Caldas, S. Carlos, Sampaio e Rodovalho, foi distinguido pelo grande Mont'Alverne, que em um *discurso preliminar* ás suas obras oratorias diz:

« O paiz tem altamente declarado que eu fui uma das suas glorias, de que elle ainda se ufana. Lançado na grande carreira de eloquencia em 1816, como pregador regio, oito annos depois que nelle entraram S. Carlos e Sampaio, Monsenhor Netto e o Conego Januario da Cunha Barbosa, tive de lutar com esses gigantes da oratoria, que tanto lustre tinham ganhado e que forcejavam por levar de vencida todos os seus dignos rivaes. »

Certamente, Mont'Alverne, graças ao seu amor proprio e vaidade conhecidas, não quizera ter como rival um pregador de segunda ordem.

A vida de Januario foi uma pendula sagrada movida pelo amor da patria e impellida a cadenciar entre a modestia e o genio, na inspirada phrase do eloquente orador do Instituto o Sr. M. de Araujo Porto Alegre (Barão de Santo Angelo).

Arcade romano, do Instituto Historico, da Sociedade Polytechnica de Paris, da Sociedade Real dos Antiquarios do Norte, do Circulo Medico e Cirurgico de Bruxellas, dos Curiosos da Natinea de Moguncia, da Academia Real de Sciencias de Lisboa, da Associação Maritima Portugueza; fez parte, ainda, de muitas outras associações litterarias e scientificas.

Na oratoria sagrada seguio a escola de Bossuet, o immortal bispo de Meaux, — o representante dos panegyristas; escola essa abraçada por Frei Francisco de São Carlos, o primeiro que, entre nós, recitou uma oração funebre, digna de ser recommendada, se bem que abaixo dos modelos da litteratura franceza.

O panegyrico, especie oratoria, é a pedra de toque dos oradores sagrados, nelle o Conego Januario houve-se bem, conquistando calorosos applausos.

Dominado de soberba inspiração e desdenhando os trechos usados por alguns rhetoricos pregadores, o certo é que Januario attrahia com os seus sermões.

Pregando, principalmente, para instruir, seu estylo era magestoso, tinha profundidade de idéas e admiravel eloquencia.

Arrojado, de phrase fluente, ás vezes ricas de imagens e de flores, era doutrinario, dialectico, cheio de encanto.

Dos seus innumeros sermões, poucos são encontrados, alguns na Bibliotheca Nacional e Fluminense; e outros correm por ahi, talvez em mãos bem impuras, mutilados, plagiados e quiçá abastardados.

Refere o Sr. Dr. Ramiz Galvão, que só encontrara alguns na Bibliotheca Fluminense, não tendo tido a fortuna de deparar com os apontados como grandes composições e indicados pelo Sr. Dr. Paula Menezes.

Entretanto, o nosso illustrado e operoso amigo e collega, o laborioso Sr. Dr. Sacramento Blake, em seu Diccionario Biobibliographico, — publica um certo numero d'elles.

Mais adiante os mencionaremos.

Tiveram o mesmo destino das orações funebres de Sampaio e dos sermões de S. Carlos.

O Conego Januario em sua oração funebre pelo magnanimo rei Dom João VI e pela nossa primeira Imperatriz, conquistou o titulo de grande orador sacro.

Se não póde rivalisar com nenhum dos membros do triumvirato oratorio, formado por S. Carlos, Sampaio e Mont'Alverne, comtudo é citado entre os pregadores de alto conceito e notoriedade. O grande Mont'Alverne considerava-o no numero dos seus competidores. O Sr. Porto Alegre tecendo-lhe o elogio funebre chama-o de uma realidade oratoria, na quadra em que o pulpito era occupado por verdadeiros luzeiros da tribuna sagrada. O Sr. Dr. Paula Menezes expressa-se dizendo : « Os ensaios do Conego Januario foram taes que lhe grangearam a solida reputação de que gozava, desde que appareceu em tão sublime quão perigoso theatro ». O Sr. Dr. Ramiz Galvão, julga que o merito de seus sermões não podendo correr parelhas com os dos grandes oradores da sua época eram merecedores de lugar elevado.

A 23 de Maio de 1826, assomou ao pulpito da Capella Imperial para proferir a oração funebre pelas solemnes exequias do Senhor D. João VI. Foi uma das suas melhores producções.

Pinta o pregador com as mais bellas imagens as despedidas do Tejo, a viagem e a invasão franceza. Em seguida faz o panegyrico do Principe :

« Não pode o silencio da morte suffocar as vozes da justiça e da gratidão quando a memoria dos que ella arranca de entre os vivos desperta a lembrança de acções grandes que devem chegar á mais remota posteridade. O tumulo abrindo-se para confundir no seu pó aquelles que o mundo distinguia, respeita todavia o poder da virtude, que salva os seus nomes dos seus terriveis estragos. Aqui finalisam, sim, os prazeres e as affeições da terra, volvendo á terra o que della sahio ; mas aqui tambem começa o juizo imparcial dos homens, e quando elle assenta sobre virtudes, que o mundo aprecia e que a religião santifica, então pode-se dizer que o homem desce á sepultura, porque o seu nome muito mais valioso que mil thesouros preciosos, sobrevive ás grandezas da terra e passa abençoado sempre de geração em geração. »

E termina:

« A virtude é sempre de todos os corações bem formados; a gloria é pertença de todos que a praticam, e si nós reconhecemos a gloria e a virtude nas acções do fallecido Senhor D. João VI, suppliquemos ao Deus de misericordia, a quem elle sempre adorava e servira que, purificando a sua alma no sangue precioso derramado em nossa salvação, lhe conceda descanço eternamente em paz e na felicidade de seu reino. »

Onde porém como orador alcançou maior triumpho foi na celebre oração recitada em presença de El-Rei na Capella Real no dia de Cinzas.

Nella se depara toda a força do seu genio e toda a seiva da mocidade. Revelou completa erudição sacra; com a lucidez de um apostolo desenvolveu os altos mysterios da religião. Todo o discurso é cheio de elegantes pensamentos e num estylo encantador.

Tratando d'outra oração, assim se exprime o Sr. Dr. Paula Menezes, que a ouvio:

«Recommendavel é o panegyrico de S. Pedro. Na descripção que faz das mudanças que se operaram no espirito de S. Pedro, ao deixar a sua humilde profissão para seguir a Jesus, se bem que breve, é um traço de mestre.

E' trabalho profuso de bellezas que asseguram o nome do orador. N'elle se encontram especimens de estylo florido, realmente attrahente, parece que o panegyrista falla uma linguagem de harmonia. »

Ouçamol-o:

«Suas vistas que eram tão curtas como seus pensamentos, já não se limitava ás praias do Lago que o vio nascer, seu coração endurecido pela ignorancia de uma grosseira occupação abranda-se, abre-se a um attractivo muito mais nobre, muito mais sublime; o seu espirito como que quebra as prisões que o ligavam á terra, como que se dilata para conseguir o alcance das grandes verdades que então se communicavam; elle sacode resoluto o peso de seus erros aggravados consideravelmente pelo peso de seus annos, segue com seguro passo a Jesus Christo e desde então é um homem, é um Apostolo, é o Principe dos Apostolos.»

E mais adeante exclama :

« Contai, se tanto é possivel, contai os homens sobre quem rasgara pesada nuvem do peccado e da morte, contai os milagres que operava até mesmo com a sombra do seu corpo, aqui eu vejo caminhando desembaraçado e contente esse esquecido paralytico que ha muitos annos gemia incuravel á porta do Templo, pediu a Pedro uma esmola e Pedro lhe deu a saude em nome de Jesus crucificado etc.»

No sermão das Chagas de S. Francisco de Assis, o orador pinta o quadro da vida do Patriarcha depois da sua mudança para o Mont'Alverne, e a descripção dos milagres das chagas.

Para dar uma idéa, reproduziremos um trecho :

«Francisco de Assis passando-se do convento da Porciuncula ao Mont'Alverne junto a cidade de Bergo na Toscana, apressou tanto a perfeição de sua santidade e a gloria de todos os seus filhos, que estava quasi a dizer-vos que elle obrigou o Senhor a galardoar ainda em vida seus grandes meritos por modo inaudito. Recolhido a uma pobre e acanhada choupana, onde o seu espirito livre do bulicio do mundo mais folgadamente se entregava á meditação dos mysterios da cruz, onde seu coração abrasado nas chammas do mais sancto amor, voava a descançar no coração de Jesus Christo, onde seu corpo extenuado de forças por suas penitencias e vigilias se offerecia em holocausto pelos peccados de todos os homens ; no Mont'Alverne, n'essa quasi desconhecida gruta em que todos os dias resoavam os gemidos d'este sancto penitente, nós podemos ver, Senhor, em complexo os grandes prodigios que a historia nos lembra dos mais celebres montes, tanto do Antigo como do Novo Testamento etc.»

Um dos seus primeiros sermões foi o de *acção de graças* pela feliz restauração do reino de Portugal, pregado na Capella Real do Rio de Janeiro a 19 de Dezembro de 1808. Rio de Janeiro 1809 16 pgs. in 8.º

Não temos certeza se com elle estreou a sua carreira oratoria, mas pela data podemos colligir ser o mais antigo.

Oração de acção de graças, recitada na Capella Real do Rio de Janeiro, celebrando-se o 5.º anniversario da

chegada de S. Alteza Real com toda a sua Familia á esta cidade. Rio de Janeiro 1813. 22 pp. in-4.°

Oração de graças que celebrando-se na Real Capella do Rio de Janeiro a 7 de Março de 1818 e 10.° da chegada de S. Magestade a esta cidade compoz, recitou e offereceu com permissão de El-Rei Nosso Senhor a José de Carvalho Ribeiro, etc. Rio de Janeiro 1818. 24 pp. in-4.°

Oração de acção de graças que recitou na Real Capella no dia 26 de Fevereiro, solemnisando-se por ordem de S. A. Real, o primeiro anniversario do juramento de El-Rei e povo desta Côrte á Constituição luzitana e offerece ao mesmo augusto e constitucional regente do Brazil. Rio de Janeiro.

Oração de acção de graças, recitada na Imperial Capella do Rio de Janeiro a 1 de Dezembro de 1825, terceiro anniversario da coroação e sagração do Senhor D. Pedro I, Imperador do Brazil, etc. Rio de Janeiro 1826. 24 pp. in-8.°

Oração funebre da muito alta e muito poderosa fidelissima senhora D. Maria I, rainha do Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves, nas exequias celebradas na Ordem 3.ª de S. Francisco de Paula pelos officiaes do batalhão de milicias n. 3. Rio de Janeiro 1818. 30 pp. in-8.°

Oração funebre que nas exequias de S. Magestade Fidelissima o Senhor D. João VI, na Capella Imperial recitou, etc. Rio de Janeiro 1826. 25 pp. in-8.°

Oração funebre nas exequias de S. Magestade Imperial a Senhora D. Maria Leopoldina Josepha Carolina, Archiduqueza d'Austria e primeira imperatriz do Brazil, celebrou na Capella Imperial no dia 26 de Janeiro deste anno, recitou, etc. Rio de Janeiro de 1827. 23 pp. in-8.°

Oração recitada na Imperial Capella no dia 10 de Novembro celebrando-se a missa solemne do Espirito Santo, que precedeu a eleição dos deputados do Rio de Janeiro para a segunda legislatura. Rio de Janeiro, 1828, 9 pp. in-4.°

Oração de acção de graças pelo fiel restabelecimento da saude de S. M. o Imperador, pregada na igreja parochial do SS. Sacramento no dia 14 de Fevereiro deste anno, etc. Rio de Janeiro, 1830. 15 pp. in-8.°

Oração de acção de graças e louvor a SS. Virgem do Monte do Carmo, que pelo feliz consorcio de S. M. o Imperador o Senhor D. Pedro I, com S. Alteza a Senhora Princeza de Leuchtemberg, D. Amelia Augusta Eugenia de Baviera, pregou na Capella Imperial. Rio de Janeiro, 1829. 16 pp. in-4.º

Cerca de vinte outros sermões, orações e discursos, mencionados pelo Sr. Dr. Sacramento Blake, pregou e recitou o illustre orador, todos com exito.

Daremos idéa de alguns delles.

Sermão na solemnidade da sagração do Exmº. Revm.º o Senhor D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, bispo do Rio de Janeiro e capellão-mór, recitado na Capella Imperial no dia 24 de Maio de 1840. Rio de Janeiro, 1840. 19 pp. in-4.º Foi uma das suas mais bem inspiradas composições.

Mencionaremos este topico:

« N'este acto solemne da sagração do Exmº e Revmº Sr. D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, bispo confirmado da Igreja Fluminense e Capellão-mór, julguei Senhores, que faria cousa agradavel aos vossos nobres sentimentos, manifestar-vos os de que sou possuido em momentos preciosos assente sobre bases que se não possam contestar, convem que vejamos o nosso Bispo, com tantas formalidades, com agrado á gloria do Senhor, subindo á sua cadeira, rodeada de recordações, que nos fazem esperar copiosos e abundantes fructos, que glorifiquem os céos e santifiquem os homens; fructos que realisem o pensamento de um grande sabio, quando exclamava cheio de respeito para com as solemnidades da Igreja e suas sagradas instituições.

« Coisa admiravel!

A Religião Christã, que parece não ter por objecto mais do que a felicidade da vida futura, faz igualmente a felicidade da vida presente. »

Após este bellissimo exordio começa a oração:

« Não foram somente os Apostolos, que nos principios da Igreja tiveram um poder illimitado sobre o reino de Jesus Christo elles o communicaram e alguns dos seus primeiros cooperadores de mais distincto merito, taes como S. Barnabé e S. Elias, etc. »

Eis a peroração :

« Acompanhemos fieis, acompanhemos o nosso respeitavel Pastor nas preces que assim dirige ao Altissimo; das graças que elle implora resultarão a sua gloria, e a gloria do seu rebanho.

Possa dest'arte firmar muito mais o Throno Constitucional do Senhor D. Pedro II, preparando os costumes de seus povos, temperando a acrimonia de suas paixões, equilibrando todos os espiritos segundo a moral santa do Evangelho, para que saibam em todos os tempos, em honra do Brazil e em gloria da Igreja, dar a Deus o que é de Deus e a Cezar o que é de Cezar; possa emfim occupado sempre na gloria do Senhor e na salvação dos povos, contentar o peso do seu Apostolado, tornando feliz o seu rebanho, por muitos annos. — *Ad multos annos*. »

Ouçamos ainda mais o *Sermão* pregado na igreja da Santa e Imperial Casa de Misericordia do Rio de Janeiro no dia 2 de Julho de 1840. 14 pp in-4.°

Começa assim :

« Não soffre delongas a Caridade, fallarei com as palavras de Santo Ambrosio, explicando a solemnidade d'este dia. No Mysterio da Annunciação um Anjo havia dito á Mãi de Jesus Christo que Isabel, sua parenta, concebera miraculosamente em sua velhice; e a vinda do Messias devia ser precedida de um reflexo d'essa luz divina, que dissipando as trevas que até então pesavam sobre a face do mundo, o descobrisse ás vistas do homem, etc. »

Eloquentissimo é o trecho que vamos reproduzir.

« Nem é de pequena importancia, Senhores, a fundação de nossos asylos de pobreza ou de seus accrescentamentos, onde a humanidade desvalida encontra o soccorro que parece particularmente largueado pelo verdadeiro espirito do Christianismo. Digne-se Deus abençoar estes nobres sentimentos e coroar de prosperidades os que tão desveladamente se empregam no serviço e augmento desta Santa Casa.

Possam os que a visitam inflammar-se na mesma Caridade, que levou Maria a visitar a Isabel. »

Eis a summa dos seus variados e innumeros sermões ; aquelles de que apenas podemos colher noticia.

Em todos elles foi sempre Januario vigoroso, forte e inspirado. Eram esses sermões ouvidos sob o mais religioso silencio, interrompido, apenas, pelos applausos que o criterio das idéas emittidas e o acerto dos conceitos expontaneamente provocam. Verdadeiros hymnos cantantes do seu accendrado culto á religião e eloquentes pareneses e effectividade da pratica dos seus principios; não se sabe o que mais admirar, si o resplandecer das suas purissimas doutrinações, se a belleza e correcção da forma.

Philosopho, as suas orações eram feitas, com criterio scientifico pelo seu espirito equilibrado e forte, liberto de liames escolasticos.

Como orador maçon deixou muitas preciosidades. Possuimos uma parte dellas, emprestamos a outrem que extraviou-a. Entretanto, mancionaremos alguns discursos:

Discurso recitado do G.·. O.·. B.·. Vem na collecção de discursos maçonicos recitados por G.·. etc. Rio de Janeiro 1832 in.-4.º

Discurso funebre nas exequias que fez celebrar a Aug.·. R.·. C.·. etc. Rio de Janeiro 1835. 12 pp. in.-4.º

Discurso na fusão annual do povo maçonico brazileiro, presidida pelo Sap.·. G.·. M.·. Geral e com assistencia do Gr.·. M.·. Provincial de Pernambuco, celebrado no dia de S. João em 1835, 19 pp. in.-8.º

Todos os seus discursos maçonicos tiveram successo politico, principalmente, se nos lembrarmos, como já foi escripto, que a Maçonaria prestou relevantes serviços á causa da nossa independencia politica.

No n. 10, 30 de Julho de 1822, do *Reverbero Constitucional Fluminense*, 2º volume, vem publicado um discurso pronunciado no acto da eleição parochial de Santa Rita, no domingo 21 de Julho desse anno, e offerecido á Serenissima Senhora Infante D. Januaria, por seu autor o Padre Januario da Cunha Barboza:

Orador litterario, os seus discursos correm impressos em varios jornaes e revistas do tempo.

No do Instituto Historico e Geographico Brazileiro figuram, entre outros:

Discurso pronunciado no acto de fundar-se o Instituto a 25 de Novembro de 1838, precedido de uma breve

noticia da proposta da installação do mesmo. Rio de Janeiro, 1838, 26 pp. in.-8.°

Discurso recitado pelo orador do Instituto Historico Brazileiro no enterro do Conselheiro José Joaquim da Rocha. Rio de Janeiro, 1838. 7 pp. in-8.°

Tratemos do poeta.

O Conego Januario cultivou dous generos de poesia : a epica no *Nictheroy*, no *Idyllio Protheu* e na cantata *Hero e Leandro*. E a satyrica nas *Rusgas da Praia Grande*, *Garimpeiros* e com varios versos apparecidos na *Mutuca Picante*.

O poema *Nictheroy*, é uma metamorphose do Rio de Janeiro dedicado a seu amigo Marcellino Gonçalves. De 60 pgs. in-8°, foi impresso em Londres em 1822, quando ahi esteve exilado o poeta.

Teve uma edição no *Florilegio da Poesia Brazileira*, tom. II, pgs. 667 a 682.

E' composto em verso endecasyllabo, no qual o poeta narra que Nictheroy filho do gigante Minos e Atlantida, era nascido de poucos dias, quando seu Pai foi morto na guerra dos gigantes. Neptuno tocado das lagrymas de Atlantida o fez criar em terras desconhecidas, que depois se chamaram Brazil.

Nictheroy crescendo vingou a morte de seu Pai renovando a guerra. Com este fim, com muita antecipação e segredo, juntou pedras, que ainda formam a serra dos *Orgãos*. Jupiter contrariando os seus intentos o matou com um raio, quando elle estava sobre aquelle caminho meditando na empreza. O seu corpo tombou sobre um valle, que hoje é a bahia do seu nome, o converteu em mar, cedendo as supplicas de Atlantida e marcando a sua separação do Oceano com o grande rochedo, que fora arrancado por Nictheroy para ser arremessado contra a Morte, e o qual com elle desabara da serra. Glauco para consolar Atlantida prophetisa a gloria do Brazil e com especialidades a do logar em que seu filho fora convertido em mar, principiando pela descoberta de Pedro Alvares Cabral, até o nascimento da Serenissima Senhora Princeza da Beira, enlaçados os troncos de Bragança e d'Austria. Finda a prophecia Atlantida é reconhecida Nympha maritima.

Este poema é classico pela linguagem e pela versificação e encerra diversas passagens que revelam grande imaginação.

Não nos parece razoavel o Sr. Dr. Sylvio Roméro, quando declara que :

« O *poemeto Nictheroy* é uma mistura de ficções classicas e de cousas do Brazil, terrivel á leitura. Versos corpulentos e duros atordoam-nos desde o principio ».

Se bem que hajam no poema alguns versos duros, certas expressões prosaicas, a locução entretanto é correctissima, a riqueza de vocabulario superabundante. Afastando-se da trilha commum servio-se Januario do verso endecasyllabo solto, que deu margem á sua fertil imaginação, de modo a tornar o poema, como apreciam quasi todos os criticos, um dos padrões de gloria da litteratura portugueza e como tal tido por classico.

Certamente, o poema *Nictheroy*, não formará parelha com o *Uruguay* de Basilio da Gama. Faltam-lhe aquellas scenas originaes de grande e bella execução descriptiva ; em compensação, porém, nelle se encontram phrases puras e sem affectação, versos naturaes, alguns até sublimes. Aberto com chave de ouro é encerrado com chave de prata.

O respeito que tributamos á este nosso parente não nos tolherá a imparcialidade no julgamento da sua obra ; ao contrario, permittir-nos-ha dar della e do autor a nossa impressão mais ou menos justa.

O Conego Januario, aliás escriptor com qualidades proprias, não *amaneirado*, no seu poema revela, mais uma vez, temperamento satyrico, preoccupando-se mais com os personagens do que com os traços pittorescos da nossa formosa bahia. A paisagem que é um estudo da alma, só uma ou outra vez é que foi pintada.

E' este, para nós, um dos senões desta linda composição.

Fazer politica, atacar certos personagens, como os Andradas, Vasconcellos e outros, em trabalho litterario, de pura ficção, que não tem relação alguma com o assumpto ; não é, certamente, de bom gosto.

O Sr. Santiago Nunes Ribeiro, tratando do *Nictheroy*, escreve : « Na primorosa metamorphose de *Nictheroy* a

fabula é fundada sobre as bellas ficções da Grecia, mas a novidade da scena descripta por Januario, a grandiosa idéa de dar ao colossal mancebo megatherio e mamuth por animaes domesticos, a agglomeração de escombros e penhascos, que elle sotopõe uns aos outros, a serra dos Orgãos, escada immensa que lhe deve servir para assaltar os céos, tem um não sei que de americano, que mais facil é sentir do que explicar. »

Temos para nós, acompanhando o nosso saudoso mestre, Sr. Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro: « Que o principal defeito desta obra consiste no demasiado escrupulo com que o poeta cingiu-se aos classicos modelos, despresando os estimulos da inspiração e não tirando todo partido da magnificencia da natureza, que lhe moldurava o quadro. »

Neste poema o Conego Januario põe em relevo o seu estro poetico. Nelle ha engenho artistico, vigorosa imaginação, cultura e erudição. Nelle ainda o poeta revelando profundos conhecimentos mythologicos; deixa transparecer, como dissemos acima, o seu temperamento satyrico, com epigrammaticas allusões, chistosos e sardonicos conceitos.

Na sua obra foi Januario exigente comsigo mesmo, a tal ponto, que como já foi dito, o Sr. Conego Dr. Fernandes Pinheiro, o criticou de exagerado *classista*. Monotono e de vôo curto na phrase do Sr. José Verissimo, é comtudo agradavel e encantador.

A' pag. 46 das suas *Modulações Poeticas*, o Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, falla-nos de duas outras composições poeticas do Conego Januario, pouco conhecidas, pelo menos não tivemos occasião de lêl-as.

Idyllio Protheu e a *Cantata Hero e Leandro*.

Com este ultimo nome sabemos haver um poema de João Mendes da Silva.

No *Florilegio da Infancia* de João Rodrigues da Fonseca Jordão, á pag. 129, vem um soneto dedicado a S. M. o Senhor D. Pedro II, no dia de seus annos, composto por Januario.

Na *Mutuca Picante*, apparecem alguns versos satyricos.

A Rusga da Praia Grande ou o *Quixotismo do General das Massas,* é uma comedia em tres actos, em prosa. Foi publicada no Rio de Janeiro em 1834, na typographia de Thomaz B. Hunt & C., em 1 volume in-4.° de 76 pgs.

O seu motivo consiste na tentativa da tomada da Villa Real da Praia Grande, por uma sedição, tendo a sua frente o General Abreu e Lima, com o fim de restaurar o Conselheiro José Bonifacio no alto cargo de tutor do Sr. D. Pedro II, e como consequencia a queda da Regencia e do Ministerio, propagando-se por todas as Provincias, o systema de Jacuipe e de Panellas. Unico systema que podia realizar no Brazil a igualdade dos Srs. d'Engenho e dos soldados.

Escripto, principalmente, para ridicularisar o General Abreu e Lima, esta comedia custou á Januario violentissima resposta do mesmo General.

Temperamento satyrico, sem ser pornographico bocagiano nem sarcastico gregoriano, as suas composições resumbram espirito e original ironia.

Como modelo desse genero de litteratura mencionaremos *Os Garimpeiros,* poema heroe comico em quatro cantos e oitava rimada. O. D. C. F. A. P. M. M. P—B. Formado ao seu collega e amigo F. A. P. J—B. Formado. Rio de Janeiro. Typ. de R. Ogier do C. 1836 in-8.°.

Teve tres edições.

Foi escripto por desforço do Conego Januario resentido dos ataques, contra elle dirigidos em outro poema, que sahiu com o titulo de *Pesadelo*, em versos soltos, attribuido a Francisco Pinheiro Guimarães, ao que se diz, instigado por inspirações de Bernardo Pereira de Vasconcellos, que então figurava notavelmente nas cousas politicas do Imperio.

Neste poema de versos dodecasyllabos o poeta em um sonho, faz allusões a um certo grupo de individuos conhecidos e colligados por B. P. de Vasconcellos.

F. J. Pinheiro Guimarães — *O Petisca* —, respondeu com o mencionado poema — *O Pesadelo.*

Poema heroe comico offerecido e dedicado aos admiradores do Portentoso Instincto e dos Exmos. e Revmos. *Chichélos.*

Como o nome indica o poeta parece sonhar, em roda de uma mesa de monstros, gritando todos a um tempo; entre elles, um magro e macillento que, batendo na mesa chama á ordem e convida alguem a tomar a palavra.

No decorrer dos discursos, procuram os oradores ridicularisar o Bispo e o Conego Januario; que não é poupado, na sua vida privada, motejado mesmo de um modo insultuoso.

Estas duas composições—*Rusgas da Praia Grande* e *Garimpeiros*,— a primeira em prosa e a segunda em verso, são o episodio dramatico da vida de Januario. O poeta retrahiu-se airosamente, pondo a sua culta intelligencia ao serviço de assumptos mais uteis.

Mencionaremos ainda um discurso pronunciado a 21 de Outubro de 1838, como primeiro secretario perpetuo e director da commissão de estatutos, ao installar-se o Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Nelle dando conta do motivo da fundação do Instituto, termina com uma invocação ao Eterno, tomada das palavras de Santo Isaias. «E tu, Senhor, atêa, em luzeiro eterno, faiscas tuas já assomadas neste horizonte...»

Historiador, escreveu biographias, monographias, bibliographias, desenvolveu theses, etc.

Nos numeros de 1840 a 1842 da Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, foram publicadas varias biographias de brazileiros notaveis, taes como: José de Monteiro Noronha, Monsenhor José de Souza Pizarro de Araujo, padre Antonio Pereira de Souza Caldas, Bento de Figueredo Tenreiro Aranha, Dr. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, Gregorio de Mattos Guerra, padre Domingos de Souza Caldas, Martim Affonso de Souza (Ararigboia), José Joaquim Carneiro de Campos (Marquez de Caravellas).

«Como biographo», escreve o Sr. Dr. Sylvio Roméro, «Barboza era simples e deixava-se lêr com agrado.»

Referindo-se á biographia de Claudio Manoel da Costa, cita este trecho: «O seu estro poetico, sem nunca esfriar em meio dos fastidiosos trabalhos da sua occupação principal, deixou-se vêr sempre sublime em muitas composições portuguezas, italianas e latinas, que ainda nos restam

impressas ou manuscriptos, para eternos monumentos da sua gloria litteraria. Claudio Manoel da Costa foi um philosopho de vastissima erudição, tanto na litteratura antiga como na moderna.

Encontram-se em seus manuscriptos citações de Voltaire, Rousseau e outros auctores, apenas no Brazil conhecidas naquelle tempo pelos seus nomes e sempre perseguidos pelos que nem ao menos haviam lido uma só linha, tal era o preconceito que então reinava!

Mas as suas sombras servem de realçar a gloria de nossos litteratos, que ainda com injusto indifferentismo deixa sepultados em vergonhoso esquecimento. Claudio Manoel foi talvez o primeiro brazileiro, que em Minas leu e citou doutrinas de Adam Smith, bebidas na sua obra sobre *Riquezas das Nações*, e esta circumstancia não é de pequena monta em época de tanta obscuridade e perigosa pela novidade dos conhecimentos que não se queriam propagados no Brazil.

« Estas palavras », arremata o illustre historiador, « si honram a quem foram dirigidas, exaltam tambem o padre liberal e tolerante que as escreveu. »

As suas varias monographias historicas acham-se todas na mencionada Revista do Instituto Historico. Taes são:

Investigações sobre as povoações primitivas da America etc., publicadas na obra *Antiguidades Mexicanas* por Warden, Paris, 1834, 3 vols.

E' uma traducção dos tres primeiros capitulos da 2ª parte, sob o titulo 1º. Pretendido conhecimento da America pelos antigos. 2º Auctores da antiguidade que parecem ter acolhido á descoberta de um novo mundo. Conhecimentos geographicos dos antigos.

Vem no tomo 5º, 1843, pp. 187 a 206 ou 199 a 219 da terceira edição da Revista.

Trabalho interessantissimo, que de par com a correcta versão feita pelo traductor, ha muito estudo de investigação e eruditas apreciações.

Algumas outras monographias sahiram da habil penna d'este illustre litterato.

Em sessão de 4 de Fevereiro de 1839, do Instituto Historico, leu o seu 1º secretario perpetuo, as seguintes

questões, que todas foram approvadas para servirem nas discussões da casa:

1.ª Quaes sejam as causas da espantosa extincção das familias indigenas que habitavam as provincias littoraes do Brazil, si entre essas causas se deve numerar a expulsão dos Jesuitas, que pareciam melhor saber o systema de civilisar os indigenas.

2.ª O que se deve concluir sobre a historia dos indigenas, ao momento da descoberta do Brazil; e d'ahi por diante, á vista das continuadas guerras entre as suas diversas tribus; da differença de suas linguas e de seus costumes; se os devemos suppôr familias nomadas e no primeiro gráo da associação, ou si segregadas das grandes nações occidentaes da America por quaesquer calamidades que as fizessem emigrar e neste caso se algum vestigio de civilisação das grandes nações do resto da America apparece nos Indios do Brazil.

3.ª Qual seria hoje o melhor systema de colonisar os Indios do Brazil entranhados em nossos sertões; se conviria seguir o systema dos Jesuitas, fundado principalmente na propagação do christianismo, ou se outro do qual se esperem melhores resultados do que os actuaes.

4.ª Se a introducção dos Africanos no Brazil serve de embaraço á civilisação dos Indios, cujo trabalho lhes foi dispensado pelo dos escravos. Neste caso qual é o prejuizo da lavoura brazileira, entregue exclusivamente aos captivos:

5.ª Quaes foram os primeiros introductores da canna, café, tabaco e outros vegetaes da nossa riqueza; em que provincias foram primitivamente introduzidas e em que éras.

6.ª Marcar diversas épocas da creação das capitanias geraes do Brazil; da fundação dos seus bispados, das suas relações. Quaes os seus capitães generaes, os seus bispos e o estabelecimento dos seus missionarios, tanto Jesuitas como carmelitas ou de outras ordens religiosas nas diversas provincias.

Por sorte sahiu a 4ª questão para entrar na ordem do dia depois da existente.

Foi desenvolvida pelo signatario na sessão de 16.

Espirito progressista e civilisador, mostra-se adverso á escravidão, á introducção de escravos africanos no Brazil.

« Não é patrono da escravidão, nem dos indios que considera a liberdade como um dos melhores instrumentos da civilisação dos povos. Em qualquer parte em que o homem fôr reduzido a uma mercadoria, não haverá crime que a cubiça não commetta para augmentar a sua fortuna. A humanidade resente-se desses crimes e o unico sentimento nobre que resta a um desgraçado captivo é o da sua liberdade, que muitas vezes o atira de seus ferros a terriveis emprezas. A escravidão foi sempre um forte embaraço á civilisação dos indios, porque elles só fugiam da catechese por medo da sujeição. A escravidão dos indios embaraçou a civilisação e a dos negros tornou infructifera a liberdade a que foram restituidos pelos seus. Não aproveitou á civilisação dos indios nem á sua propria, nem aos progressos da nossa industria. »

Esses conceitos do Conego Januario demonstram á puridade, ter sido um dos primeiros brazileiros que conceberam a idéa de combater a escravidão.

Philosopho, acreditava que a moral, o direito, a economia politica, todas as sciencias sociaes, emfim, a philosophia positiva tem sobre a escravidão se pronunciado de um modo decisivo e harmonicamente condemnado a propriedade do homem sobre o homem.

E' que Januario partilhava das idéas do celebre jesuita padre Antonio Vieira quando dizia : « A natureza como mãe, desde o rei até o escravo, a todos fez eguaes, a todos livres. »

Como o Chrysostomo portuguez, comprehendia que « a razão principal da escravisação dos africanos e dos indios pelos europeus era a differença de côr e que a côr era a justificação iniqua do captiveiro dessas raças. »

As suas idéas foram mais longe, combateu sempre tão desarrazoado principio ; não admittindo orgulho que só tivesse por base a côr, nem reconhecia nobreza que não possuisse outro titulo senão a côr.

Cinge, por conseguinte, a altiva e nobre fronte de Januario, uma bellissima corôa decorada de tres preciosas

gemmas: Independencia do Brazil. Abolição da escravidão. Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

A these — Qual seria hoje o melhor systema de colonizar os indios entranhados nos nossos sertões, etc., foi igualmente tratada com proficiencia.

Nella o seu auctor se revelou altruista e moralisador.

Historiador litterario conhecemos do Conego Januario:

Breve Noticia sobre a creação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Tomo I, 1839, pag. 5 da Revista do Instituto.

Differentes relatorios do 1.° secretario perpetuo do mesmo Instituto, um dos quaes reproduzido na *Minerva Braziliense,* tomo 2.°, pag. 423 e seguintes.

E sobretudo o *Parnaso Brazileiro*, ou collecção das melhores poesias de poetas brazileiros, tanto ineditas como já impressas. Rio de Janeiro, 1829 a 1830. 2 vols. in-4.° Typ. Imperial e Nacional.

Livro rarissimo, de merito e paciente pesquiza.

Seu estro descobrio, principalmente, trabalhos anonymos, nascidos de paixões politicas, as quaes não foi extranho na sua idade madura.

E' excellente estudo bibliographico.

No Prefacio, diz-nos o auctor:

« Que emprehendeu essa collecção dos melhores poetas, com o fim de tornar ainda mais conhecido o genio daquelles brazileiros que ou podem servir de modelos ou de estimulo á nossa briosa mocidade, que já começa a trilhar a estrada das Bellas Letras, quasi abandonada nos ultimos vinte annos dos nossos acontecimentos politicos. Os que se deram a semelhante tarefa na Inglaterra, França e Portugal e Hespanha, de certo não tiveram tantas difficuldades a vencer, como as que encontram neste Paiz, onde a Imprensa he moderna e por isso os escriptos, por mais de uma vez copiados, podem ser, em muitas partes, differentes dos que sahiram das pennas dos seus Aucthores. Todavia confrontando manuscriptos de amigos entendidos dos nossos Poetas e sem desprezar o conselho de alguns, que ainda lhes pertencem por sangue e affeição, julgo prestar um serviço louvavel, aos que desejam possuir,

em uma só collecção, tantas Poesias estimaveis, que o tempo vai já consumindo com prejuizo de nossa gloria Litteraria.

« Fôra bom ajuntar á esta collecção uma noticia biographica de tantos Poetas, que honram o nome Brazileiro, com producções distinctas, mas esta tarefa offerece maiores difficuldades, sem comtudo desanimar a quem espera ainda offerecer os conhecimentos do mundo, as memorias dos illustres Brazileiros, que fazem honra á Litteratura nacional. »

Com a publicação deste *Parnaso*, tornou-se o primeiro collector de producções poeticas nacionaes.

Modernamente appareceo em dous volumes o *Parnaso Brazileiro,* do Sr. Dr. A. J. de Mello Moraes Filho. Seculos XVI—XIX, 1556 a 1880. Rio de Janeiro 1885. B. L. Garnier, editor.

Recentemente aquelle operoso e erudito litterato deo á luz, editada pela mesma casa Garnier, os — *Poetas Contemporaneos,* — esse que veio completar o seu Parnaso.

Antes do Sr. Dr. Mello Moraes e apoz o Conego Januario, F. A. Warnhagen, publicou o *Florilegio da poesia Brazileira.* Collecção das mais notaveis composições dos poetas brazileiros fallecidos, contendo as biographias de muitos delles. Tudo precedido de um ensaio historico sobre as letras do Brazil. 3 tomos in-8° pequeno: Lisboa, Imprensa Nacional 1850.

Sobre esse assumpto, mencionaremos ainda a — Bibliotheca dos Poetas classicos da lingua portugueza ou *Parnaso Brazileiro*,selecção de Poesias dos melhores poetas brazileiros desde o descobrimento do Brazil, precedida de uma introducção historica e biographica sobre a Literatura Brazileira por J. M. Pereira da Silva, 7 tomos in-4° 1843 a 1866, Rio de Janeiro, Eduardo e Henrique Laemmert, editores.

Tratando do Conego Januario e do seu *Parnaso*, escreve Vanrhagen, no *Florilegio*. Introducção LII.

«Se o Conego Januario merece nos differentes ramos da litteratura brazileira uma reputação maior, do que a que lhe dão suas obras na poesia, sobretudo os seus serviços foram maiores, do que os que indica o seu *Nictheroy*.

Januario foi o primeiro collector de poesias brazileiras, que promoveu o gosto pelas letras americanas e dellas foi na imprensa, na tribuna e até no pulpito extremo e acerrimo campeão. Seu estro descobrio elle, principalmente, em producções anonymas, que por ora ao menos não podem pertencer á litteratura, pelas muitas personalidades que encerram nascidas nas paixões politicas, as quaes não foram estranho na idade madura este activo ecclesiastico.»

Este conceito era o que acima externamos.

Amigo e admirador do orador poeta Francisco de S. Carlos, com Gonçalves Ledo, analysou e criticou Januario o poema — *Assumpção da Virgem*.

Infelizmente não podemos ler este juizo.

Visitado pouco antes de morrer, S. Carlos, por Monte Alverne, disse o illustre moribundo ao seu collega e amigo «Eis aqui uma obra, cuja historia é simples mas curiosa, porque nasceu debaixo de inspirações alheias ao apparecimento destas creações: aqui nada houve de profano, nada do que pertence ao seculo.»

Pedira-lhe Mont'Alverne ser della editor, ao que recusara S. Carlos, allegando que ja fizera doação a uma sua irmã. Mais tarde o Conego Januario procurou obter dessa senhora a obra doada, offerecendo-lhe todos os lucros da empreza, ao que se recusou ella pedindo pela cessão dos manuscriptos a quantia de doze contos. Não foi portanto avante o projecto do Conego, que por experiencia sabia quão ruinosas são para os homens de letras no Brazil emprezas desse genero.

Muitos annos mais tarde, em 1862, foi o poema *Assumpção da Virgem*, editado pela livraria B. L. Garnier, qne para isso incumbio o finado Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.

Este saudoso literato conseguio por intermedio de um digno magistrado obter as corrigendas do P. M. S. Carlos, que paravam em mãos de uma sua sobrinha.

Esta edição após a Prefação traz a biographia de Frei Francisco de S. Carlos e o Juizo critico acerca do poema, do illustre Conego Pinheiro:

« O que sobre tudo illuminou a fronte do poeta sagrado e inspirou-o, o que excitou a contemporisar com

o desejo dos amigos, foi o cahir entre as mãos de S. Carlos um poemeto francez com o titulo « *La Chandelle de Arras*. »

Esta obra *infernal*, na opinião do poeta e *infame* na poesia era um tecido de injuria contra Jesus Christo, sua bemdita mãi e seus discipulos. S. Carlos resolveu então dar publicidade a *Assumpção da Virgem*, cuja acção se abre em Epheso.

Antes da censura, disse o poeta, prevenindo a severidade e o respeito do valor de seu poema. Se não são versos ao menos não são blasphemias e se não fallo a linguagem do Pindo, fallo a do Calvario.»

Prosador ha do nosso illustre biographado varios artigos litterarios, politicos, polemistas, economicos, etc, esparsos no *Diario Fluminense*, *Reverbero*, *Mutuca Picante*, *Minerva Brasiliense*, *Ostensor Brazileiro*, *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, *Auxiliador da Industria Nacional*, etc.

No *Ostensor*, appareceram entre outros trabalhos: Bibliotheca Publica, n. 6. Influencia do espiritualismo sobre o genio litterario; no n. 7, Academia de Sciencias de Paris.

Já mencionamos alguns dos seus escriptos no *Diario Fluminense*, *Reverbero e Mutuca Picante*, quando estudamos o homem politico; resta-nos agora referir os que se leem no *Auxiliador*; antes, porém, deveremos lembrar ter sahido da sua penna: *Epitalamio*, ao augustissimo Imperador e Defensor perpetuo do Brazil, o Sr. D. Pedro II, na occasião do seu consorcio com a Serenissima Princeza das Duas Sicilias. D. Thereza Christina Maria, por Carlos Norberto, Barão de Planitz.

Traducção livre, Rio de Janeiro, in.-4.º

Está em tres linguas: latina, portugueza e italiana, sendo esta ultima traducção feita pelo Dr. L. V. de Simoni.

Bullas Pontificias, cartas regias, alvarás e provisões episcopaes, porque foi erecta a santa igreja cathedral e capella imperial do Rio de Janeiro, e se lhe concederam os privilegios de que gosa. Colligidas etc, pelo Conego Manoel Joaquim da Silveira e dada á luz pelo

Vêr o Medeiros

Conego Januario da Cunha Barboza. Rio de Janeiro 1844. 111 pp in. 4.º

Trabalho inedito indicaremos : *Conselhos* á um notavel ministro do Evangelho sobre a arte de pregar ; traduzidos, etc. O autographo pertence á Bibliotheca do Instituto Historico.

Prosador polemista lembraremos as suas discussões com o General Abreu e Lima.

Em 1844 teve o Conego Januario de sustentar polemica litteraria com o pernambucano General José Ignacio de Abreu e Lima.

Intelligente e de educação aprimorada, segundo os seus biographos, mas, polemista, irrequieto e turbulento viveu sempre o General em constantes discussões. Acompanhando uma carta de 1843, offereceu Abreu e Lima ao Instituto Historico, do qual era membro honorario, o seu *Compendio de Historia do Brazil.* Para sobre elle emittir juizo foi nomeada uma commissão composta do Conselheiro Bento da Silva Lisboa e Dr. Diogo da Silva Bivar.

O nosso provecto e conceituado historiador Sr. Francisco Adolpho Varnhagen apresentou o seu primeiro juizo sobre a validade desse livro, declarando e provando plagio do insignificante escriptor Beauchamp. A commissão da redacção da *Revista Trimensal do Instituto*, composta do Conego Januario da Cunha Barboza e Antonio José de Paiva Guedes de Andrade, opinou que, apezar de ser para a instrucção elementar menos recommendavel que o compendio do Sr. Bellegarde, comtudo era de parecer que o Instituto deveria adoptal-o e publical-o.

Esses juizos vieram encolerisar o atrabiliario escriptor.

Contra o Conego Januario escreveu o opusculo: Resposta ao Conego Januario da Cunha Barboza ou analyse do primeiro juizo de Francisco Adolpho Varnhagen, acerca do *Compendio de Historia do Brazil.* Pernambuco. 1844, 152 pp. in-8.º

A primeira critica sahio na *Minerva Braziliense*, tomo 1.º, 1843.

O conego não replicou á aggressiva resposta, repleta de apodos e de diatribes ; não era a injuria a sua arma

predilecta. Varnhagen, ao contrario, veio á imprensa, para fazer calar o famigerado historiador, que avido de querellas, foi a Pernambuco arengar com Monsenhor Pinto de Campos, com o pseudonymo de *Christo Velho*, sobre assumpto religioso.

Cousa singular, o General Abreu Lima, cujo pai, após a viuvez, tomara ordens sacras, *padre Roma*, teve por maiores adversarios dous padres: o Conego Januario e Monsenhor Pinto de Campos; mas as suas idéas, em materia religiosa, eram livres.

Os seus restos mortaes não descançam em cemiterio sagrado.

O juizo severo e acrimonioso emittido por F. A. Varnhagen, sobre o trabalho do illustre pernambucano—*Synopse da Historia do Brazil*—deu motivo a essa desintelligencia, puramente accidental com o conego Januario.

Trabalhador activo e propagandista economico, seu nome apparece em diversas monographias ruraes e discursos, originaes ou traducções do *Auxiliador*, orgão da Auxiliadora da Industria Nacional, da qual fôra secretario perpetuo e redactor da sua revista.

Deve-se a Januario a animação prestada á industria que então se iniciava e que tropega ensaiava os primeiros passos.

Seu verdadeiro merito consistio, principalmente, nos praticos conselhos e doutrinamento dados aos nossos agricultores, de modo a encaminhal-os na applicação de novos processos.

Procurou desse modo concorrer com o contingente da sua leitura, para o melhoramento da nossa agricultura, manancial seguro, de riquezas progressivas, quando as sciencias a desembaracem de prejuizos e da velha rotina.

Para conhecermos o seu espirito economico, recommendamos a leitura do—Discurso sobre o abuso das derrubadas de arvores em lugares superiores a valles e sobre o das queimadas; lido na sessão annual da Auxiliadora no dia 7 de Julho de 1835.

Este discurso é uma pagina de alto valor economico, no qual o economista estuda e trata do assumpto com o maior criterio e sensatez.

Na sessão de 6 de Agosto de 1837 leu um outro discurso — sobre algumas producções do Brazil que podem ser de grande utilidade, se fôrem promovidas e aperfeiçoadas.

Commungando das idéas de um sabio economista francez, que considera ser o mais util melhoramento que se possa dar a uma Arte, aquelle que tem por fim utilisar uma materia indigena, visto a riqueza de um paiz estar na razão dos numerosos trabalhos que n'elle se executam; é de opinião tornar mais familiares os conhecimentos industriaes, para que possamo-nos desprender das dependencias estrangeiras.

« Muita cousa que nos vem de fóra, possuimos com abundancia e as desprezamos, como sejam: os oleos, as amendoas, os grãos, o amendoim, o ricino, o pinho bravo, a semente do chá, os côcos e muitos outros fructos. Muitos productos nossos abandonados são superiores aos que nos são importados; como por exemplo o chá, cuja cultura da Quinta do General Arouche em S. Paulo, se fôsse aproveitada daria excellente resultado, pois era da melhor qualidade, nada desejando da procedencia indiana. A industria da seda, seria de grande interesse para o Brazil, que possue em grande escala o casulo indigena e que, bem como nelle medra facilmente como na Europa, os originarios da Asia.»

Mencionaremos do *Auxiliador* ainda, a — *Memoria* sobre a vantagem, necessidade e meio mais prompto de propagar a cultura e manipulação do chá; lida na sessão publica de 12 de Julho de 1835.

N'ella lembra a idéa de dous differentes processos para a cultura deste precioso vegetal (chá), e empenha os socios lavradores, em evidenciar pela sua pratica e facilidade a vantagem d'esta proveitosa industria.

Sobre a industria é digna de menção a — *Memoria* sobre o cruzamento do gado vaccum, lida na sessão de 6 de Agosto de 1837.

Baseado na excellente doutrina do sabio Bonstatten, quando diz: «que cahindo a luz do homem que pensa sobre a obra do homem que trabalha he que a grande sociedade se desenvolve», resolvera dar em extractos e traduzidos do

idioma inglez, algumas das sabias observações de M. James Dishson, sobre o cruzamento das raças do gado vaccum, colhidas de uma memoria, n'aquella época publicada.

Reconhecendo achar-se atrazada a industria em seus differentes ramos, entendeo que não pequeno serviço prestaria, aproveitando-se das sabias observações dos homens mais celebres dos outros paizes, para dar aos nossos industriaes, ou como normas, que podessem seguir em suas emprezas, ou como motivos para novas observações, que servissem de base ás regras, que d'esta arte melhor podessem prescrever, e das quaes muito carecemos.

Guiado por essa consideração, cogitou, como membro da Auxiliadora da Industria Nacional, emprehender essas traducções e lêl-as na Sociedade.

Poz em execução o intuito, com a leitura da supracitada *Memoria* e de outras, taes como:

Memoria sobre o programma sorteado: «Qual é o methodo que se deve empregar para se obter a melhor manteiga», offerecida ao conselho administrativo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, de 1837, e lida em sessão de 25 de Fevereiro d'esse anno.

Expondo e apreciando as quatro maximas de M. M. Anderson e Tivambry, sobre o assumpto, desenvolve a these, pede ao Conselho a discussão para que melhor seja aproveitada.

Em uma outra sessão publica de 1838, leu a Pomologia physiologica.

Muitissimas outras traducções suas existem espalhadas n'essa preciosa revista; todas ellas muito apreciadas pela segurança e correcção de estylo.

Na politica a sua melhor joia foi o *Reverbero Constitucional Fluminense*, escripto por dous brazileiros amigos da nação e da patria. Rio Janeiro, 1821 a 1822, 2 volumes. in-4.º

Este jornal começou a ser publicado a 15 de Setembro de 1821 e terminou a 8 de Outubro de 1822. A opposição que fez ao ministerio Andrada, foi a causa da prisão e processo dos redactores.

Quando director da Bibliotheca Publica, sob as suas ordens, trabalhou com elle no catalogo d'esse estabeleci-

mento o illustre geographo B. Esyès, homem de saber e traductor de Humboldt e do principe Maximiliano.

Como publicista o Conego Januario deve se achar entre o Visconde de Cayrú, que se distinguiu pelo sentimento da fé monarchica, e Evaristo da Veiga, que animou o espirito de reformar o paiz.

De estudo aprofundado, concepção vivaz e facil, vastissima memoria, a sua conversação era attrahente, instructiva e deleitante, especialmente pelas suas anecdotas.

Foi o primeiro que iniciou, entre nós, as necrologias, prestando culto merecido á memoria de varões illustres, como o padre José Mauricio Nunes Garcia e o padre mestre Frei Francisco de Jesus Sampaio.

N'esses trabalhos, poderia ter commettido enganos; mas, escreveu por mais de meio seculo, quando n'essa época, as pesquizas e consultas eram difficeis e deficientes.

As suas ligeiras faltas biographicas não autorisam que se lhe tire o merito literario, o alto conceito que gozou entre os seus coevos compatriotas e os estrangeiros.

Não ha negar, após o seu influxo, appareceram os Varnhagens, os Joaquim Norberto, Pereira da Silva, Macedo, Fernandes Pinheiro, etc; todos elles luzeiros da nossa literatura, todos veneradores do Conego Januario.

Os seus necrologistas, nacionaes e estrangeiros, como o Visconde de Santarem, os seus biographos, emfim, fazem-lhe inteira justiça.

Como sóe acontecer ao romancista da *Moreninha*, no seu *Anno Biographico Brazileiro*, e ao illustre auctor do *Diccionario Biographico Brazileiro*, é bem possivel que Januario tambem commettesse erros, como alguns dos seus biographados. As mesmas considerações feitas á Macedo e á Sacramento Blake, fizemos ao cantor do *Nictheroy*: « Quem escreve sobre esse assumpto, tem de soccorrer-se de todas as informações que suppõe de caracter authentico e muitas vezes se engana, principalmente, não havendo tempo para verificar certos factos.»

Na convivencia habitual com o sabio Monarcha, que pelo Instituto Historico tinha um carinho especial; impeperialista convicto, foi admirador enthusiasta desse pre-

claro Principe, o Senhor D. Pedro II, que não só animava as letras, mas os escriptores, e como tal dispensou grande affecto ao secretario perpetuo do Instituto, de que era protector.

Homens ha que, longe de repousarem com louros conquistados, mais se exaltam e proseguem na razão directa das glorias obtidas.

Tal foi o Conego Januario; operoso, trabalhou prestando sempre serviços á patria.

Alquebrado pelos annos, quasi sem vista, mas cercado de admiração dos seus contemporaneos, conservou-se num dos postos mais elevados, entre os prestantes cidadãos, quando a morte o veio colher.

A carreira do Conego Januario ficará, sem duvida, como um exemplo a seguir, e as honras que lhe foram tributadas, como um alvo a conquistar.

O clero perdeu no sapiente sacerdote brilhante florão; as letras um apostolo incansavel; a patria um modesto e utilissimo servidor; a humanidade seguro protector.

Desde os primeiros annos da sua vida publica manifestou a dedicação e interesse pela prosperidade de sua terra natal.

O pulpito, a tribuna sagrada foram o vasto theatro em que seu genio mais se expandio sublime, onde milhares de vezes provocou o enthusiasmo dos seus ouvintes.

Alquebrado pela idade e quasi cego, como dissemos, entretanto, qual outro Mont'Alverne, nunca a memoria e outras faculdades do entendimento mentiram ao seu ardor de estudar e ensinar.

A superioridade incontestavel do seu merecimento e o seu temperamento satyrico acarearam emulos, que não foram poupados, valendo-se da imprensa e alguns opusculos para assaltal-os com epigrammas, sarcasmos e allusões pessoaes; sempre aliás prudentes e não ultrapassando as raias da conveniencia.

Em todo o mundo civilisado — governo, associações, escriptores se esforçam para legar nas paginas da sua historia o nome dos filhos que trabalham para o engrandecimento patrio.

Entre nós, ao contrario, pouco se tem escripto sobre illustres brazileiros que tanto ennobreceram o berço do seu nascimento, e que vão ficando no olvido.

Nós nos temos preoccupado mais, como diz um illustre escriptor, com a chronica politica do que com a organisação das bases de Historia Nacional.

De ordinario se diz: «tudo acaba quando um cadaver resvala uma cova.»

Mas o conego Januario, deixou o mundo terraqueo para o seu nome figurar nas brilhantes paginas das letras nacionaes. Só a materia desappareceu dos nossos olhos; o espirito, esse grande espirito paira entre nós.

Não logrou as culminancias ecclesiasticas, as eminencias politicas; o seu temperamento satyrico e mordaz e o manifesto devotamento ás letras, o privaram de sentar-se no solio episcopal e na curul senatorial; não obstante, rutilantes emblemas fulguram em seus brazões patrioticos.

A' primeira vista parece que Januario fôra mais mundano do que religioso. A verdade é que o illustre Conego fôra um grande laborioso que curou de varios assumptos, não se esquecendo muito embora das obrigações do seu habito, que houvera sido sempre a sua carreira, e na qual obteve os maiores triumphos no pulpito.

Abraçou a vida ecclesiastica por vocação, nutrindo sempre o sentimento do dever e do decoro; se bem que, por vezes, embaraçado por sua condição social. As suas despezas pessoaes satisfazia-as com o seu ordenado de professor de philosophia.

Modesto e simples fôra o modo da sua vida.

Gozando da privança dos proceres politicos, poderia ter-se aproveitado dos seus favores para chegar a uma opulencia sem igual.

Era tido injustamente desaffecto dos portuguezes; entretanto, podemos asseverar que muitos d'essa nacionalidade foram seus intimos amigos.

Trajava a secular; assistia a todas as reuniões litterarias e solemnidades, dissertando em tom serio e jovial, sobre assumptos differentes e amenos, chistosos ou epigrammaticos, amoldando-se com vantagem a todas as situações de uma vida tão varia e tão cheia de complicados

accidentes; deixando sempre transparecer o seu habito clerical, o seu espirito altamente philosophico.

Leccionava no Seminario a secular, trajando vestuario preto, sobrecasaca côr de rapé escuro, vestuario esse com que apparecia ás sessões do Instituto Historico, que antes funccionava no predio do Museu Nacional, hoje Fôro.

O seu desinteresse em materia de dinheiro e riquezas nunca se desmentiu um só instante. Os seus innumeros sermões proporcionaram-n'o morrer em condições mais vantajosas; honradamente, mesmo engeitando licitos proventos, teve occasião de enriquecer-se.

O *mercantilismo e a deshonra* não têm sido brazões da nossa honesta familia.

Fôra discipulo de rhetorica e poetica do notavel poeta mineiro Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, com quem tambem aprenderam os eminentes oradores sacros: Frei Miguel de Santa Maria Frias, Frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho, Frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio, D. Francisco Ferreira de Azevedo, Frei Fernando de Oliveira Pinto e Frei Francisco de Mont'Alverne.

No fim da vida teve necessidade, para compor as suas ultimas obras do auxilio de amanuenses, que, infelizmente, desviaram o seu precioso archivo e escolhida bibliotheca.

O orador sacro jamais abusou do seu ministerio para fazer invectivas e dirigir allusões pungentes e injuriosas aos seus inimigos e invejosos, a despeito do seu temperamento satyrico.

Nos seus sermões tratava e desenvolvia, com facilidade, pureza e energia de linguagem as materias do seu assumpto, respeitando sempre as regras da nobreza, da declamação e do gesto, em que era singularmente auxiliado pelos dotes corporaes.

De figura grave e sympathica, estatura mais que ordinaria, fronte elevada e magestosa, tez morena, olhos vivos e scintillantes, cabellos bastos e annellados, negros na mocidade e alvos na velhice, todo esse conjuncto de elementos physionomicos contribuiram para dar-lhe um certo realce no pulpito.

O patriotismo fôra sempre a paixão dominante, que occupou o seu coração, que o encheu e o abrazou, não o arrefecendo a adversidade, as ingratidões e a velhice.

Emquanto o povo fluminense assistia ao primeiro baile mascarado realisado no theatro de S. Januario, á praia de D. Manoel, a 22 de Fevereiro de 1846, fallecia de uma febre intermitente perniciosa á rua dos Pescadores n. 80, aquelle que tantos serviços prestara á sua patria.

Essa vigorosa mentalidade, após ter passado por tantos trabalhos e desgostos exhalou o ultimo suspiro com 65 annos, 4 mezes e 16 dias de idade e 43 de sacerdocio, tendo recebido todos os sacramentos da Egreja.

Finou-se esse vulto proeminente, brazileiro notavel, que tomou parte nos principaes acontecimentos da sua epoca, o qual, sempre antepoz aos interesses pessoaes as idéas uteis á sua patria.

Não tem um tumulo onde repousam os seus preciosos restos mortaes, mas seu nome immorredouro figura e figurará sempre nas paginas da nossa historia.

Deixado pelos amigos, na manhã da sua morte, em condições menos assustadoras, á noute ao regressarem do theatro, tiveram a triste noticia do lutuoso acontecimento.

Fôra seu medico assistente seu amigo e collega do Instituto o Sr. Dr. Sigaud.

Mezes antes do seu passamento já o previa, em um jantar de um respeitavel tio, nosso primo e particular amigo, dia de Santo Antonio, ao brindal-o declarára-lhe ser aquella a sua ultima saudação, pois em pouco tempo deveria se achar na Eternidade.

Januario teve algumas presciencias na sua vida.

Falleceu ás oito horas da noute, conservando lucido o seu espirito, até os seus ultimos momentos. Balbuciando despediu-se dos presentes, fallou na sua cara patria, no seu estremecido Instituto.—Meu amado Brazil, meu querido Instituto, adeus ! !

Foram as suas ultimas palavras, e morreo.

Os seus restos mortaes descançaram nos jazigos da Veneravel Ordem Terceira dos Minimos de S. Francisco de Paula, onde era irmão Commissario; jazigo proximo do do seu collega e amigo o immortal Evaristo Ferreira da

Veiga, que desde 1837, aguardava o seu companheiro de lides politicas, ambos glorificados, ambos trasladados para as paginas immorredouras da historia nacional.

Suas cinzas acham-se no subterraneo da capella de N. Sra. de Victoria, ao lado da capella-mór da Egreja de S. Francisco de Paula.

Seu cadaver foi transportado, em coche da Casa Imperial, em caixão proprio, trajando as vestes de conego.

Foi acompanhado pelo Cabido da nossa igreja metropolitana e encommendado pelo Revmo. Pro-Commissario d'aquella Ordem e doze sacerdotes; teve officio de sepultura e muitos convidados; foi seguido pelo Cura da Capella Imperial e inhumado na catacumba n. 80. Teve todas as honras inherentes á sua hierarchia e ao seu alto cargo. A missa suffragada pela sua alma, bastante concorrida, rezou-se ás 9 horas da manhã, na igreja de S. Francisco de Paula, no dia 28 do mencionado mez de Fevereiro.

Ao baixar o cadaver á sepultura, pronunciou commoventes palavras o eloquente orador do Instituto Historico Brazileiro, Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre.

Esta sabia Associação prestou e continuou a prestarlhe homenagem de sua profunda gratidão e apreço, pelo que nos desvanecemos, como modesto membro que somos della e como sobrinho neto do seu saudoso secretario perpetuo.

O anno em que falleceo o Conego Januario foi de grande luto para o Brazil, que vio desapparecer alguns dos seus mais illustres filhos, taes como:

Conselheiro Antonio Carlos Ribeiro de Andrade Machado e Silva; o deputado Antonio Navarro de Abreu; o conego e deputado Antonio Marques de Sampaio; o distincto artista Agostinho da Silva Pinheiro; a condessa de Iguassú; o Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto; Barão de Iguarassú; o Marquez de Paranaguá; o senador João Evangelista de Faria Lobato; o deputado paulista Francisco Alvares Machado e Vasconcellos; o senador José Carlos Mairink da Silva Ferrão.

A ceifa bateu ás portas do Instituto Historico, arrebatando alem do seu primeiro secretario perpetuo, o poeta Antonio Francisco Dutra e Mello, o senador Antonio

Carlos, o primeiro Marquez de Paranaguá, o Bispo de São Paulo e o lente Frei José de Santa Eufrasia Peres, o Visconde de Itabayana, o Visconde d'Osery, O Cardeal patriarcha de Lisboa Frei Francisco de S. Luiz, o sabio Silvestre Pinheiro Ferreira, o Marquez de Baependy, o Marquez de Lages, etc.

Nesse anno ficou registrada ainda a necrologia do eminente brazileiro e 1.° presidente do Instituto Historico o Sr. Visconde de S. Leopoldo.

Tendo tentado esboçar, ligeiramente, aquelle que exerceu a peregrina virtude de amor ao Estudo, — finalisaremos estas pallidas linhas com as palavras do Sr. Dr. F. de Paula Menezes :

« Sua vida foi um composto de grandes feitos e de pequenas imperfeições. Viveu como morreu,—*talis vita, finis ita*,—pobre e respeitado. Sua morte foi placida e tranquilla, como a dos homens probos, grandiosa e sublime como a dos sabios. A hora tinha soado nos campanarios da eternidade, era a hora do horrivel passamento, ainda em bem que ella solemne!

A patria recebeu o eterno adeus, e vendo o derradeiro sopro da vida estalar a ultima corda daquelle patriotico coração, uma lagrima de saudade se deslisou das suas humedecidas palpebras.»

A BALAIADA

1839

Depoimento de um dos heróes do cerco de Caxias sobre a revolução dos «Balaios»

Reside hoje na cidade de S. Paulo, muito avançado em annos, pois nasceu em 1814, o tenente-coronel honorario do Exercito Ricardo Leão Sabino, filho do Maranhão. (1)

Relações de familia me fizeram approximar, pelos annos de 90 a 92, do velho militar, cuja conversação, cheia de interesse, me despertou desde logo viva curiosidade.

Em pouco tempo me apercebi de que o então Majos Sabino (2) era um repertorio inexgotavel de narraçõer guerreiras, de historias de passados tempos. Tendo tido uma longa vida, cheia de luctas e accidentes, voluntario do Duque de Bragança, no cerco do Porto (3); professor

---

(1) Posteriormente á leitura deste trabalho, feita pelo autor no Instituto Historico, o Tenente-Coronel Sabino falleceu, aos 17 de Abril de 1902, em Lisboa, para onde fôra a passeio em companhia de seu filho Dr. Horacio Belfort Sabino, residente em S. Paulo.

(2) As honras de Tenente-Coronel lhe advieram por força do Decreto de 12 de Novembro de 1894, que promoveu ao posto immediato os officiaes honorarios com serviço de campanha.

(3) Assim contou o nosso heroe sua historia na campanha de Portugal em um artigo publicado na *Provincia de S. Paulo* de 24 de Julho de 1887, sob o titulo *Datas portuguezas*:

«Desse faustoso dia, que a colonia portugueza vai festejar, sou eu em S. Paulo talvez o unico representante vivo, ainda que brasileiro nato. Estudando no Porto na época em que o exercito pacificador sob o commando de D. Pedro IV desembarcou em Parafita ou terras do Mindello, alistei-me voluntario em suas fileiras, e achei-me em todos os combates durante o cerco do Porto.

de latim, em Caxias, arvorado em commandante de artilharia na invasão dos *balaios*, soldado da legalidade na repressão das revoltas liberaes de S. Paulo e Minas, em 1842, do Rio Grande do Sul, em 1845, contava o major Sabino, na simplicidade de sua linguagem pittoresca, mas despida de inuteis atavios, os successos, em que fôra parte os memoraveis acontecimentos em que se vira envolvido.

E era um prazer ouvil-o, com a sua physionomia expressiva, referindo anecdotas de campanha, pequenos episodios de guerra, curiosas narrações de viagem.

Do que elle contava, porém, mais interessante era a historia da *balaiada*, o desordenado motim das classes inferiores no Maranhão, e que tão sanguinolenta revolução implantou em todo o solo da antiga provincia.

Fiz parte da expedição que, sob o commando do Conde de Villa Flor, em principio de Junho de 1833, por meio de falúas e da escuridão da noite sahio pela foz do Douro, açoitada pelas metralhas e fuzilarias das trincheiras do Cabedello, para ir embarcar em sete vapores inglezes, nos quaes guardados por nove vasos de guerra, costeamos as praias até as Berlengas de Lisboa e depois montamos o cabo de S. Vicente, para irmos desembarcar perto de Tavira, em Algarve, ao som da canhonada de parte de um pequeno forte.

De posse da cidade de Tavira, sem resistencia, marchamos logo para Faro, Lolê, S. Bartholomeu de Missines, Mesejana, Albufeira, Alvalada, Beja, Cascilhas, Setubal e Almada, onde mesmo em marcha derrotamos os seis mil homens do general Telles Jordão, que foi morto quando, disfarçado em habitos de commissario de viveres, procurava escapar á morte; porém um soldado seu já preso e muito embriagado o descobriu, sem querer, saudando-o pelo seu nome, quanto bastou para os nossos o crivarem de balas e golpes.

No dia seguinte o povo de Lisboa despejava por nos ir felicitar e conduzir em galeras ou falúas; entramos em Lisboa nesse dia 24 de Julho, um mez completo desde o nosso desembarque em Tavira.

Para melhor fazer as honras a esse faustoso dia não entro nos detalhes dos feitos dessa marcha triumphal de oito e nove leguas por dia, para não diminuir os louros do dia 24, repartindo-os com os outros seus irmãos anteriores, a começar de Tavira.

Constava nossa heroica expedição apenas de cinco dizimados batalhões: o 2 e 3 de caçadores, o 3 e o 6 de infantaria, em que me achava, quarenta academicos lanceiros, com duas peças de c. 1 ás costas de cavallos e um batalhão de jovens francezes, que não passou de Faro, lá ficando de guarnição.

E' com esta perexigua ou insignificante força que entramos em Lisboa, onde o Visconde de Santa Martha tinha ás suas ordens doze mil homens e em Almada seis mil com o Telles Jordão, em Albufeiras sete mil com o Visconde de Mulelos, que nos vinha no encalço a marchas forçadas.

Apezar de me referir ao dia 24, não devo omittir que fui até Asseceiro e Evora Monte, onde findou a guerra.»

Foi por occasião desses tristes e graves successos que o Major Sabino teve melhor ensejo de desenvolver suas aptidões militares, seu tacto guerreiro. Das recordações da sua vida, por certo, essas, da guerra dos *balaios* e do cerco de Caxias, eram as que mais intensamente lhe despertavam velhas emoções.

Occorreram ahi as peripecias mais notaveis da sua existencia, as situações mais perigosas em que se encontrara, os actos mais assignalados que praticara.

Por isso, relembrando esses acontecimentos, o velho guerreiro se animava, a phrase tomava calor e, não raras vezes, as pausas da narração eram pontilhadas pelas reticencias das lagrimas, que lhe brotavam dos olhos vivos...

Pois não é menos do que a historia dessa revolução dos *balaios*, que aqui venho depositar.

De factos que registrei, após as longas palestras do Major Sabino, e, sobretudo, de *notas* que elle mesmo escreveu, e cujos originaes conservo, elaborei esta narração onde, de minha parte, não ha nenhum trabalho de estudo e pesquiza.

Não fui aqui mais do que um registrador de alheia narrativa; e, como essa narrativa é o depoimento de testemunha de sciencia propria e digna de fé, aqui a deposito no precioso archivo do Instituto Historico para que se não perca tão valiosa contribuição para a historia dos interessantes successos de 1839.

I

Preliminares da revolução

Durante os ultimos annos da Regencia um accentuado espirito de rebeldia e reacção contra o elemento portuguez animava os liberaes exaltados de todo o Imperio e ateava a guerra civil, que se alastrou, intensa e devastadora, do extremo norte ao extremo sul.

No Maranhão, em 1838, a incandescencia dos animos havia levado a revolução ao momento da explosão inevitavel. Ahi esses liberaes eram cognominados *bemtevis*, do titulo de um jornal que, em linguagem popular e desco-

medida, propagava as idéas desse liberalismo reaccionario e do nativismo intransigente: — a expulsão dos portuguezes, o confisco de seus bens.

Em Caxias, a principal cidade do interior e rico emporio commercial, onde naturalmente fermentavam todas esses idéaes revolucionarios do tempo, era professor de latim Ricardo Leão Sabino, moço filho da terra, mas que se havia casado em Portugal com uma senhora portugueza, quando lá fôra a estudos.

Em casa do moço professor, como elle fosse eximio tocador de flauta, reunia-se á noite alegre companhia de amadores de musica, entre os quaes um francez, antigo boticario e insigne violinista, por nome Labord.

Por certo tempo esse francez começou a ser menos assiduo ás costumadas reuniões em casa de Sabino, até que, certa manhã, alli appareceu, de modo preoccupado, e, procurando conversar a sós com o seu amigo, pediu-lhe que se informasse se na cidade se achavam oito pessoas, cujos nomes indicou e entre as quaes Severino Dias Carneiro, Fernando Mendes de Almeida e Major Marques. Precisava muito Labord saber disso com segurança e á noite viria buscar a resposta.

Como se tratasse de cidadãos qualificados e influentes, desconfiou o professor do intento de Labord e perguntou-lhe para que precisava elle saber de tal. A principio recusou-se o francez a dizer qualquer cousa, mas afinal declarou que a revolução estava imminente e que arrebentaria de um dia para outro, sendo assassinados simultaneamente os oito cidadãos nomeados.

Mostrando-se incredulo Sabino, Labord informou-o mais de que, todas as noites, em casa do Juiz de Paz, Bernardo Antonio da Silveira, reuniam-se os conspiradores em torno de uma mesa de voltarete, emquanto no quintal reunia-se a capangada. Pela meia noite servia-se a ceia e depois, despedindo-se os parceiros, que em sua maior parte eram estranhos ás machinações revolucionarias, fechavam-se as portas e soava a hora da conspiração.

Estava assentado que, logo que houvesse certeza de que aquelles oito chefes dormiriam na cidade, o rompimento se daria pelo seguinte modo: um capanga iria, por

alta noite, pedir o fogo á sentinella do quartel e, emquanto esta estivesse entretida com elle, seria apunhalada por outros capangas, que, em seguida, se apoderariam das armas e do quartel. Feito isto, iriam á casa de um dos oito individuos indicados, obrigal-o-hiam a sahir para a rua, deixando a casa bem guardada para que ninguem della sahisse; e, servindo-se desse prisioneiro, iriam-no fazendo chamar de casa em casa os outros sete, que assim iriam sendo todos presos sem tumulto. Senhores do quartel e dessas pessoas influentes do partido adverso, os revolucionarios nada mais tinham que receiar. Então os portuguezes seriam expulsos de Caxias e mudar-se-hia a feição dos negocios publicos.

O professor Sabino aconselhou a Labord que se não mettesse nesse negocio, além de mais, porque não acreditava no seu bom exito. Labord replicou que se contava com mais de quinhentos homens decididos a tudo e que, presos os influentes do lugar, o triumpho seria seguro; e assim instou com o professor para que se informasse do paradeiro dos oito cidadãos, conforme lhe havia pedido.

Lembrou então Sabino ao seu interlocutor, que era casado com uma portugueza; ao que lhe tornou Labord que não se incommodasse com isso, porque a revolução só visava os homens e principalmente os do commercio.

E como Sabino de modo algum se mostrasse resolvido a acompanhar o antigo boticario, este, dizendo-lhe que não queria estar na pelle dos individuos a quem procurava, fez-lhe sentir o risco de vida que corria se contasse a alguem qualquer das cousas que ouvira de sua bocca.

Partido que foi Labord, o moço maranhense, contrario por principios a esse projectado levante e amigo de algumas das victimas já condemnadas, foi entender-se com a mulher, cujo conselho ouvia sempre, e esta perguntou-lhe o que pretendia fazer. Indeciso mostrou-se o professor, procurando o melhor meio de livrar-se dessa difficil conjunctura. A mulher, porém, replicou-lhe energicamente que o que havia a fazer era sem perda de tempo ir avisar a estas pessoas do risco que corriam e dar emfim todos os passos para que abortasse o plano infernal. Com isso concordou Sabino, dizendo preferir morrer ao punhal dos revolucionarios do que permittir que tantas atrocidades

fossem commettidas, com seu conhecimento. E dali partiu para a casa de Fernando Mendes de Almeida, a quem relatou todo o occorrido, pedindo-lhe que agisse com cautela e sem comprometel-o.

Entretanto, ao dia seguinte pela manhã, é citado Ricardo Leão Sabino por um meirinho para a audiencia do Juiz de Paz, o já mencionado conspirador Bernardo Antonio da Silveira. E, ahi comparecendo á hora aprazada, já encontrou Labord e Fernando Mendes de Almeida, acompanhado do advogado Dr. Gonçalo da Silva Porto, que, dirigindo-se ao professor, disse-lhe que o havia feito citar para, perante a barra daquelle tribunal, vir declarar judicialmente o que havia, no dia anterior, dito ao Sr. Fernando Mendes, ali presente.

Sorpreso de tal procedimento, não perdeu entretanto Sabino a presença de espirito e respondeu tranquillo que o que havia dito ao Sr. Fernando era simplesmente que, tendo-se encontrado com Labord, perguntara-lhe se elle havia ouvido fallar alguma cousa sobre uma projectada revolução, ao que Labord respondera que de facto ouvira dizer que se pensava nisso. Interrogado por seu turno Labord confirmou plenamente as declarações do professor de latim.

E mais do que isso não conseguio arrancar do depoente o advogado Dr. Porto. Depois do debate, que não foi longo, o Juiz de Paz, contrariado, disse:

— Eis ahi como se dão as cousas! contam o que lhes parece e depois, chamados a jurar, negam, negam sempre. Póde retirar-se, Sr. Sabino.

E Sabino retirou-se e, ao sahir, encontrou a esposa que o esperava anciosa, á porta do auditorio.

Dando-lhe o braço, seguiam os dous para casa quando ao lado lhes surgio Labord que, abrindo o paletot e mostrando o cabo de um punhal na bainha das calças, disse:

— Vês, meu amigo! Se outra cousa houvesses dito na audiencia, ali mesmo cahirias morto, e a revolução teria arrebentado, porque a casa do Juiz de Paz estava cheia de homens, promptos ao primeiro signal.

E por esta fórma, nesse momento, frustraram-se as tentativas de um levante em Caxias.

Os animos, porém, não haviam serenado, nem os exaltados haviam desistido ainda da sua funesta preoccupação, quando um successo criminoso veio precipitar os acontecimentos.

Pouco tempo depois dos casos que acima foram relatados, recolhendo-se á casa, certa noite, o Coronel da Guarda Nacional Raymundo Teixeira Mendes, cidadão muito bemquisto e de caracter brando, pertencente ao partido liberal, foi seguro por dous bandidos que o assassinaram, vibrando-lhe 18 facadas.

Aos gritos da victima as patrulhas correram ao lugar do crime, mas já os assassinos se haviam escondido e junto do corpo só se encontrava a esposa do assassinado, D. Rosa, presa de incomparavel dor.

Este crime foi attribuido a Severino Dias Carneiro. um dos chefes oppostos ao partido *bemtevi*, que, segundo constou, para vingar-se de uma phrase de Teixeira Mendes a seu respeito, fornecera os capangas que o mataram.

Este respeitavel cidadão era padrasto do Dr. Francisco José Furtado, que depois representou papel tão brilhante na politica do Imperio.

Como quer que fosse, a morte desse liberal precipitou os acontecimentos. Os *bemtevis* de Caxias, não confiando nos proprios elementos para a revolta e tendo sciencia de que um grave e poderoso motim havia estalado na Villa da Manga, mandaram emissarios convidar esses revolucionarios a vir se apoderar de Caxias, como desgraçadamente aconteceu e pela forma que ver-se-ha adiante.

II

Na Villa da Manga

Foi a pequena Villa da Manga, distante 12 leguas da Capital e 20 mais ou menos do rio Itapicurú, o theatro da primeira desordem que não pôde ser suffocada e se alastrou, conflagrando quasi todo o territorio da Provincia.

Nesse povoado um preto de nome José Gonçalves commettera um assassinato.

Raymundo Gomes, irmão de José Gonçalves e destimido facinora, vendo o irmão e companheiro de tropelias preso e recolhido á cadêa do lugar, foi ter com o Juiz de Paz e pedio-lhe que proporcionasse a fuga do criminoso.

Negou terminantemente o Juiz de Paz o que lhe pedia Raymundo e declarou-lhe que José Gonçalves só seria restituido á liberdade se o Jury o absolvesse.

Ante a inflexibilidade do Juiz retirou-se Raymundo Gomes, tendo feito, porém, a formal ameaça de vir no dia seguinte arrancar o irmão da cadêa, por bem ou á força.

Receioso o Juiz de Paz de que o preto bandido procurasse converter em realidade sua temeraria ameaça, tratou desde logo de tomar providencias que assegurassem a effectividade da prisão do assassino e garantissem a paz publica na emergencia de um motim.

Tendo conseguido reunir 42 guardas nacionaes, o Juiz de Paz armou-os como pôde, e ficaram todos de escolta ao fragil edificio que servia de cadêa.

Ao outro dia, pela manhã, Raymundo Gomes, acompanhado de mais sete companheiros, entrou na Villa, disposto a executar o que havia promettido ao Juiz de Paz. Tendo conseguido aproximar-se sem que ninguem lhe embaraçasse a marcha, o bando de Raymundo Gomes fez uma descarga sobre a inexperta guarnição, pondo-a em completa debandada. Senhores do terreno, então, os assaltantes apoderaram-se da cadêa, e, arrombando-lhe as portas, de lá tiraram, não só José Gonçalves, como todos os outros criminosos que se achavam reclusos, em numero de oito ou dez.

Depois do exito feliz da audaz façanha, o bando amotinado andou pela Villa e circumvizinhança em correrias e depredações, de tal modo avolumado por companheiros e camaradas que de todos os lados lhe chegavam que, em poucos dias, formava um respeitavel contingente de mais de duzentos homens. Tendo chegado á capital noticia destes graves successos, o Presidente da Provincia, então Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo, mandou sem perda de tempo 200 homens de linha para pacificar a villa, e esse contingente, no primeiro encontro que teve com os amotinados, os destroçou inteiramente.

Satisfeitos pela facil victoria, contentaram-se os commandantes da força regular que fôra á Villa da Manga com a primeira batalha e, na esperança de que, desmantelados os revoltosos, cada um seguisse seu rumo e fosse cuidar de sua vida, retiraram-se para S. Luiz.

Illusoria era, porém, essa perspectiva optimista. Os revoltosos foram-se pouco a pouco reunindo de novo, engrossados por novos contingentes de vadios e perversos sertanejos que de todos os lados lhes vinham chegando e, algum tempo depois, constituiam um poderoso exercito que, ameaçando a tranquilidade do até então pacifico povoado, vivia em continuas rapinas e assaltos ás propriedades ruraes mais proximas.

Era então Presidente da Provincia Manoel Felizardo de Souza e Mello, que armou contra os revoltosos da Manga uma expedição de 400 homens, commandada pelo Capitão Pedro Alexandrino e pelos Alferes Pacheco e Graça e que seguio sem detença para o sertão.

Presentindo os rebeldes a aproximação da tropa, mudaram de tactica, e, em vez de aceitarem combate, como desastradamente haviam feito ao primeiro contingente, internaram-se pelas matas proximas da Villa; e, na picada da mata da Lagoa, por onde vinham as forças do Governo, envolveram-nas, fazendo-lhes um fogo mortifero por todos os lados. Surpresos e dizimados desde logo pelo impetuoso ataque, apoz uma inutil resistencia, todas as forças expedicionarias foram aprisionadas, apoderando-se os rebeldes de todas as armas, munições e fardamento, depois de haverem morto cruelmente o Capitão Pedro Alexandrino.

Foi profunda a impressão que estes successos causaram no animo publico. Circularam a respeito os boatos mais contradictorios e até chegou-se a dizer que ás forças do Governo haviam sido fornecidas munições com balas de papel.

Como é facil de prever, depois desta victoria, fortificados os rebeldes pelo grosso da expedição, que se lhes incorporou e, bem fornecida agora de armamento e munição, a sedição tomou aspecto assustador.

Dia a dia engrossava o exercito de Raymundo Gomes, chegando-lhe reforços até do interior remoto da Provincia e do Piauhy.

Neste pé estavam as cousas na Villa da Manga, quando emissarios dos *bemtevis* de Caxias vieram procurar o chefe do exercito revolucionario e solicitar seu auxilio para a projectada revolta, convidando-o a marchar sobre a cidade, que ficava 80 leguas acima, pelo rio Itapicurú.

Aceito desde logo o convite, no qual viram Raymundo Gomes e sua gente a fortuna, porque sabiam que a linda Caxias era um celleiro bem sortido, poz-se em movimento a grande columna dos rebeldes.

Ainda pelo caminho novos bandos vieram se reunir ao grosso das forças, sendo desses bandos os mais consideraveis os de Livio Castello Branco, com cerca de 1.000 homens, de Milone e de Mulungueta, com cerca de 800 cada um, de Pedro de Moura, vindo do Piauhy, com cerca de 600 e o do caboclo Coque, que se reunira a Raymundo Gomes, com cerca de 400 companheiros.

Além desses valiosos contingentes que, dia a dia, mais avolumavam a temerosa expedição, logo ao sahir da Villa da Manga tinha-se-lhe incorporado com toda a sua gente, já de negregada chronica, o celebre Balaio, desabusado crioulo, cujas façanhas, de todos sabidas, faziam do seu nome sinistro o terror do sertão.

Uma vez reunido á gente de Raymundo Gomes, o Balaio assumio a posição proeminente que sua sinistra fama lhe assegurava, e papel tão importante representou nesta crudelissima rebellião que do seu appellido se tirou o nome por que é na historia conhecido todo este movimento: — *a balaiada*.

Assim, consideravelmente augmentada, approximou-se de Caxias a força rebelde, que o espirito apaixonado dos politicos energumenos desencadeou, como uma calamidade, sobre a prospera cidade.

Anciosos por cevar a sua ambição estimulada, sem respeito a nenhuma disciplina, sem obediencia a nenhum chefe, aggremiados em torno da bandeira revolucionaria apenas por força do instincto desordeiro e sanguinario, sem nenhuma aspiração, sem nenhum idéal, esses homens, que marchavam á conquista de Caxias, apenas unidos pela solidariedade do crime e da rapina, constituiam, por certo, um perigo tão grave como não haviam imagi-

nado aquelles mesmos cuja cegueira lhes havia guiado os passos.

E agora, nesse decisivo momento, emquanto acampados pelas cercanias da cidade, a turba revoltada, aguardando a hora do banquete, aterrorisava as populações com os écos de sua grita descompassada, em Caxias febrilmente tomavam-se as derradeiras providencias para a defesa do inopinado assalto.

III

O cerco de Caxias

Logo que em Caxias se soube que os revoltosos, a chamado de alguns chefes influentes do partido *bemtevi*, marchavam sobre a cidade, o Prefeito da comarca, autoridade que então tinha funcções policiaes e administrativas, João Paulo Dias Carneiro, convocou o povo para uma grande reunião no largo dos Remedios, afim de se tomarem as deliberações que a situação exigia.

A convocação produzio o desejado effeito, pois que o povo resolutamente attendeu ao convite do Prefeito e foram assentadas todas as providencias necessarias.

Ficou resolvido formar-se um corpo de toda a burguezia, cada qual armando-se e fardando-se á sua custa, e mais crear-se um esquadrão de cavallaria e um parque de artilharia, devendo-se desde logo começar o entrincheiramento da cidade.

E assim se fez. Com a actividade febril, que a gravidade do momento impulsionava, puzeram-se mãos á obra. Em menos de dez dias achava-se em pé de guerra um corpo de mais de mil homens, cujo commando geral foi confiado ao Tenente-Coronel José Dias Carneiro, filho do Prefeito; esse corpo de exercito dividia-se em oito companhias, commandadas cada uma por Capitão, e para ellas foram nomeados 16 tenentes e 32 alferes. Todas essas nomeações feitas pelo Prefeito foram posteriormente confirmadas pelo Presidente da Provincia.

Organisou-se tambem um esquadrão de cavallaria, ao commando do negociante Alexandre José de Siqueira,

tendo sido confiado o commando da artilharia, o trabalho do entrincheiramento da cidade e a direcção de todos os apretos bellicos ao nosso conhecido professor de latim Ricardo Leão Sabino, unica pessoa que em Caxias tinha conhecimento pratico de cousas de guerra, pois, havia feito, pouco tempo antes, a campanha de Portugal, nas fileiras de D. Pedro IV.

Transformou-se Caxias, a tranquilla cidade do interior, num centro de movimento e de agitação. Suas ruas e praças, até esse momento apenas habituadas ao rumor honesto e fecundo do trabalho e do transito commercial, eram agora o theatro de exercicios militares, de marchas e contra-marchas; ouviam-se descargas de fuzilaria e vozes de commando disciplinando improvisados recrutas; todos estavam entregues, cada qual de accôrdo com a sua condição, aos variados misteres da guerra e da defesa da cidade.

O Capitão Sabino, encarregado da artilharia e do entrincheiramento das ruas, fez prodigios de actividade e de perspicacia. Foi descobrir no lastro de embarcações, que estavam no porto, e no fundo de antigos armazens, velhos canhões abandonados e carcomidos; retirou-os, convertendo-os em armas de guerra, promptas para seu fatal serviço. Sob sũa direcção um numeroso grupo de senhoras formou um operoso laboratorio de munições; umas derretiam o metal e fundiam balas, outras fabricavam cartuchos, que outras iam enchendo de polvora e outras ainda arrumando e dispondo nos cunhetes.

Era de ver-se a maravilhosa transformação da vida habitualmente calma de Caxias; a approximação do perigo, convergindo todos os esforços para um resultado commum, despertava o instincto de conservação e lançava todos os habitantes da cidade no trabalho incessante que, nesses dias que precederam o cerco, se observou em Caxias.

Todas as ruas que davam entrada para a cidade foram fechadas com fortes trincheiras de fardos de algodão e abriam-se, pelo interior das casas, nas ruas externas, brechas por onde a guarnição pudesse circular, de trincheira a trincheira. Nessas casas tambem foram abertas pequenas frestas ou seteiras por onde a fuzilaria pudesse

repellir a invasão, sem perigo de ser dizimada pelas forças assaltantes.

Na mais importante dessas trincheiras collocou o Capitão Sabino as duas melhores peças que conseguira arranjar, servidas por oito artilheiros, que só esses foram os que se prestaram a ajudal-o no manejo de arma tão perigosa.

E, emquanto as cousas assim se passavam em Caxias, do sertão vinham tambem chegando reforços, dos quaes os mais consideraveis foram os do Tenente Coronel Severino Dias Carneiro, pardo, irmão natural do Prefeito João Paulo, que veio com uma força de 400 sertanejos armados e municiados, e os de Francisco Dias Carneiro, outro filho do mesmo Prefeito, que trouxe cerca de 200 praças.

Assim ficou a cidade com uma guarnição approximadamente de dous mil homens, promptos para a defesa ou para o ataque.

E, nessa faina de aprestos bellicos, cerca de trinta dias decorreram antes que o primeiro tiro fosse ouvido da parte do inimigo. Certa manhã, porém, o ataque rompeu. Houve umas escaramuças entre guardas avançadas de ambos os campos, e já alguns feridos foram trazidos a braços para Caxias. Indizivel panico produziu na cidade a vista deste primeiro sangue. Até então, como que se não acreditava seriamente na realidade do caso. Como sóe acontecer sempre em situações semelhantes, aguardava-se inconscientemente o imprevisto que, na ordem social, as mais das vezes transforma o aspecto das situações.

O soffrimento real dos primeiros feridos, porém, desfez as derradeiras illusões. Era realmente a guerra, estupida, brutal e deshumana, que vinha bater ás portas da cidade, e esta certeza decidiu a sorte dos habitantes de Caxias. Os pusilanimes e fracos recolheram-se ao mais fundo de suas casas, os fortes e resolutos, porém, puzeram-se a postos, fortes e resolutos.

Depois das primeiras escaramuças os sitiantes circumdaram a cidade e apertaram o cerco. Imitando a tactica dos sitiados, acastellaram-se nas casas que haviam ficado além das trincheiras e dali fuzilaram desesperadamente as guarnições da cidade.

Foi uma luta incessante que durou quarenta e seis dias, não respeitando a noite, nem cedendo mesmo á impetuosidade da chuva, que por vezes cahiu copiosa durante o cerco. O inimigo crescia todos os dias, ao passo que o effectivo das forças sitiadas, que não podiam receber reforços, todos os dias diminuia, por numerosas baixas. O hospital de sangue regorgitava de enfermos, aos quaes quatro medicos prestavam soccorros desvellados. Por outro lado, escasseavam os viveres na cidade, ao passo que aos sitiantes havia ficado livre campo para as rapinas. Assim era fatal que Caxias, dentro em pouco se visse na necessidade de se render. Os rebeldes faziam repetidos assaltos a diversos pontos da cidade, mas eram rechassados pela energia dos sitiados, além de que, as armas de que dispunham, na maior parte espingardas de caça e chuços, não lhes favoreciam muito a funesta empreza.

Era fatal, porém, a proxima chegada do dia da rendição. Tambem as munições de guerra iam escasseando aos sitiados, e sobretudo a convicção da inutilidade dos seus desesperados esforços ia levando o desanimo e o desalento aos heroicos defensores de Caxias.

Achavam-se as cousas neste pé quando occorreu o episodio que foi talvez o mais notavel de toda a historia da revolução dos *balaios*.

Os rebeldes haviam resolvido dar um assalto decisivo a um ponto da cidade e para isso concentraram grande parte de sua força e o ataque foi ordenado. O ponto escolhido foi o lugar denominado *Páo d'Agua*, que, por isso mesmo que era propicio para a conquista da cidade, havia sido aquelle em que o Capitão Sabino, collocara as duas peças que commandava com os seus oito valentes artilheiros.

O entrincheiramento onde estavam collocadas as peças ficava contiguo á igreja de S. Benedicto e fazia-se fogo sobre o largo que lhe ficava por traz.

Desde as cinco horas da manhã durava a luta, e varios e encarniçados assaltos foram dados, sem exito, pelos sitiantes, que se não cansavam, entretanto.

O ponto era valorosamente defendido pelo Capitão Sabino, com sua artilharia e mais cem praças da guarnição,

algumas na trincheira, outras nas casas proximas, perfuradas internamente, como dito ficou.

Eram já seis horas da tarde e os derradeiros raios do sol allumiavam o campo desmantelado dos sitiados exhaustos. Os sitiantes se aperceberam que a repulsa da guarnição de Caxias diminuia consideravelmente de intensidade e prepararam-se para um impetuoso ataque que contavam fosse decisivo e afinal triumphante. E não se illudiam os assaltantes: as forças sitiadas estavam sem elementos de repellir uma nova tentativa de invasão da cidade.

A unica peça que restava ao Capitão Sabino, tinha sido carregada de seixos até a bocca, para um ultimo tiro, por falta absoluta de outro qualquer projectil. Dos artilheiros uns tinham sido mortos, outros se tinham internado, feridos ou impossibilitados de proseguirem no combate. Reforços não podiam chegar ao Capitão, porque o ataque era simultaneo em todo o circulo da cidade, de modo que havia receio de deslocar a guarnição dos diversos pontos assaltados. E assim o valoroso commandante da trincheira de Páo d'Agua, onde mais intenso era o assalto, achou-se, um momento, só, ao lado de sua peça, com varios ferimentos pelo corpo e apenas acompanhado de um seu escravo, tambem já ferido por bala. Além dessas duas pessoas, na trincheira apenas existia uma creatura viva, um pobre professor de primeiras letras que, pouco adiante da peça, jazia no chão, gemendo dos graves ferimentos recebidos.

Achava-se o Capitão nessa situação desesperada quando ainda mais lhe veio aggravar a afflicção a retirada de 35 praças que restavam das cem que guarneciam as proximidades da trincheira. Esses homens, exhaustos de forças, e mortos de fome, desesperados da chegada de reforço que os viesse render, como já haviam diversas vezes mandado pedir, abandonaram seu posto de inutil e custoso sacrificio. Antes de partir para dentro da cidade vieram, porém, ter com o Capitão Sabino no intuito de convencel-o de que devia fazer o mesmo e leval-o comsigo, por bem ou por mal.

Inutil, porém, foi o esforço junto do Capitão. Este preferia morrer no seu posto a abandonal-o á discreção do

inimigo. Mas, vendo o Capitão Sabino a insistencia dos retirantes, propoz-lhes o seguinte: —« Bem, eu seguirei; mas antes tentemos uma derradeira façanha. Tornem vocês aos seus postos, preparem as armas, apontem-nas pelas seteiras e, quando ouvirem o som da minha flauta, desfechem a queima-roupa no inimigo que eu vou attrahir para junto da peça, com a qual tambem lhes farei fogo.»

E os soldados obedeceram, retirando-se para seus respectivos abrigos. Então o Capitão Sabino, subindo para cima da peça, cuja bocca se achava mascarada por um pranchão suspenso por duas guascas de couro, bradou ao inimigo que chegasse, acenando-lhe com um lenço branco, tinto de sangue.

Os sitiantes, a medo, foram-se approximando do ponto em que se achava o Capitão, sósinho sobre a trincheira, e ahi, sob a bocca da peça e das seteiras que a ladeavam nas casas proximas, reunio-se um formidavel troço de *balaios*. Então o Capitão Sabino, como se fosse um partidario delles, dirigio-lhes uma arenga e, exhortando-os a que se mantivessem em ordem, disse-lhes que ia abrir as trincheiras, e, para que entrassem na cidade em boa ordem, mandou que se formassem em columna.

E, finda a allocução, emquanto os rebeldes, cumprindo as ordens do supposto chefe, formavam columna, o Capitão Sabino tomou da flauta, que casualmente tinha comsigo, ergueu um viva a *Sua Magestade o Imperador!* que foi correspondido em confuso alarido e poz-se a tocar com enthusiasmo o hymno nacional.

Confiantes deixaram-se ficar os *balaios*, offerecendo todo o seu flanco descoberto á fuzilaria inimiga, quando uma formidavel descarga foi ouvida de envolta com a grita e vozeria infernaes dos rebeldes sorpresos, muitos dos quaes cahiram mortos e feridos.

Ouvidos os primeiros tiros de fuzil, em obra de um momento, o Capitão Sabino saltou da peça, cortou as guascas, porque sósinho não podia suspender o pesado pranchão, e lançou-lhe fogo disparando-lhe sobre o ouvido um tiro de clavinote.

Aconteceu, porém, que o pranchão descido não desmascarou completamente a bocca da peça, de modo que

parte da carga levou comsigo não só o pranchão como todo o entrincheiramento de fardos de algodão onde elle estava preso, causando um ruido infernal e lançando um panico irresistivel na fileira assaltante.

Tal foi o effeito do estratagema do Capitão Sabino que os rebeldes puzeram-se em debandada, deixando no campo mortos e feridos, alguns dos quaes foram sendo recolhidos pelos parentes durante a noite, que entrou calma e tenebrosa.

E, graças a estes successos, houve tempo de chegar novas forças áquelle ponto da cidade, cujas trincheiras foram refeitas, evitando-se assim que naquella noite Caxias fosse tomada de assalto.

Este acontecimento fez éco em toda a provincia, tendo delle chegado noticia á Corte, pelo que o Imperador galardoou o Capitão Sabino com as honras de Capitão do Exercito, o habito de Cavalleiro da Ordem do Cruzeiro e com uma pensão de 100$ mensaes, que a Assembléa Geral reduzio a 40$, equivalente ao soldo de sua patente.

IV

A occupação de Caxias

No quadragesimo dia do cerco já era completa a falta de viveres em Caxias, tendo sido abatidos até os seis bois de carro que puxavam, de um para outro reducto, as peças de artilharia, conforme as necessidades da defesa.

Já nada havia na cidade que fosse susceptivel de servir de alimento á população extenuada. E de tal sorte, tornava-se inevitavel a contingencia da capitulação.

No fim do cerco era commandante em chefe das forças de Caxias o Coronel Severino Dias Carneiro, e elle proprio, na noite da antevespera da entrada dos rebeldes na cidade, mandou chamar o Capitão Sabino, que percorria as linhas de guarnição, e informou-o que seu irmão, o Prefeito, já havia enviado um emissario a negociar a capitulação com os rebeldes, mas que as condições dos *balaios* eram inaceitaveis; exigiam a entrega de oito chefes, entre os

quaes os interlocutores, o Coronel Severino e Capitão Sabino, para serem fuzilados no dia da entrada na cidade, a prisão de todos os que haviam pegado em armas e o saque geral para pagamento das tropas. Apenas promettiam respeitar as familias.

Em vista de tal situação, propoz o Coronel ao Capitão Sabino romperem o cerco naquella noite com alguns outros companheiros e seguirem na direcção da Capital.

A essa proposta objectou o Capitão com a segurança das familias que ficavam.

— Mas, essas não ficarão mais seguras se nós aqui ficarmos, respondeu o Commandante em chefe; porque, para nós aqui o que nos espera é a morte, ao passo que fugindo poderemos ainda vir com forças regulares ajudar a repellir estes bandidos de Caxias.

Aceito finalmente o alvitre, e convencido que tudo era preferivel a ficar na cidade, na imminencia de uma capitulação desgraçada, o Capitão Sabino despedio-se, promettendo á meia noite comparecer no ponto indicado.

Ao chegar em casa entendeu-se com a esposa, e esta declarou que o acompanharia para onde elle fosse. Era portugueza, e prefereria ir partilhar da arriscada jornada, do que deixar-se alli ficar á espera de um supplicio certo. Assim accordados, prepararam duas pequenas malas de roupa que confiaram ao seu escravo, e pouco antes de meia noite se apresentaram no lugar do combinado encontro.

Já ahi esperava pelo Capitão o Coronel Severino, mas para dizer-lhe que era impossivel a aventura.

Os sertanejos de Caxias, tendo noticia das negociações para entrega da cidade, estavam todos se bandeando para os rebeldes. Muitos chefes, o proprio Prefeito, João Paulo Dias Carneiro, segundo já se fallava, haviam passado para o lado dos sitiantes, e elle mesmo, o Coronel Severino, para fugir a uma morte de outro modo inevitavel, já estava negociando sua passagem. Alli havia entretanto ficado até aquelle momento, por dever de lealdade para com o bravo camarada, de quem se despedio muito commovido.

Desnorteados com estas revelações do Coronel, Sabino e a esposa recolheram-se á casa de D. Carlota de Aquino,

que lhes havia offerecido asylo, e onde já encontraram recolhidas cerca de vinte familias, entre as quaes a de Fernando Mendes de Almeida.

Essa respeitavel e generosa senhora era aparentada com um dos chefes sitiantes, Pedro de Moura, que viera de Pastos Bons com cerca de 400 sertanejos, e agora se achava acampado do outro lado do rio, na Trisidella, e já havia mandado dizer á sua parenta que viria fazer quartel em sua casa. Prevalecendo-se dessa favoravel circumstancia, a boa senhora esperava obter protecção para todas as familias de sua amisade. E assim aconteceu até certo ponto. O Capitão Sabino ahi esteve durante algum tempo, e não mais voltou á sua casa, que foi invadida e saqueada como quasi todas as casas da cidade.

Das demais pessoas que se foram apadrinhar em casa de D. Carlota, alguns negociantes portuguezes, e dezeseis caixeiros, tambem dessa nacionalidade, foram requisitados e conduzidos todos á prisão geral pelo proprio Pedro de Moura, que receiava alguma represalia dos seus companheiros de armas.

Por toda a parte cada qual tratava egoisticamente da propria salvação, mandando offerecer resgate de sua pessoa, compra de um salvo-conducto ou protecção da bandeira revolucionaria, a este ou áquelle chefe, mais humano ou mais ambicioso.

De tal geito, pouco se soube do que ia acontecendo a cada uma das principaes figuras da defesa de Caxias.

Quanto ao Coronel Severino, sabe-se que, tendo alcançado a protecção do caboclo Coque, assim mesmo, quasi foi victimado.

Logo que alguns chefes mais intolerantes tiveram conhecimento de que o Coronel Severino se achava entre as forças do caboclo, mandaram um contingente para reconhecel-o e prendel-o. Era noite quando o contingente chegou aos campos do Coque, que logo fez formar em linha sua gente e entre ella metteu o Coronel disfarçado em sertanejo. Percorrendo as linhas com fachos accesos, porém, e examinando as praças, uma a uma, foi reconhecido o Coronel a quem o emissario quiz logo matar. Salvou-o, porém, o extraordinario sangue frio e presença de espi-

rito que revelou nesse momento. Tendo sido elle informado que os *balaios* pretendiam poupar seu irmão natural, o Prefeito, e que todo o odio se concentrava em si, assim exclamou o Coronel aos seus adversarios:

— Pois querem vocês matar o *cabra*, poupando o *branco*! Lembrem-se que vocês são *cabras* tambem, e que eu, um dia, poderei ser seu amigo, ao passo que o *branco* nunca o será. Não digo que deixem vocês de exercer sua vingança; mas, não se deixem illudir pelos chefes que querem salvar o *branco*.

Estas considerações detiveram um pouco o impeto dos *balaios*, e a intervenção opportuna do Coque acabou de livrar o Coronel da morte immediata.

— Meus amigos, ponderou o chefe caboclo, isso não vai assim. O *homem* está preso. Amanhã tambem serão presos os outros todos e o conselho de guerra é que ha de decidir da sorte delles!

E por essa forma escapou da morte o Coronel Severino Dias Carneiro, um dos mais destemidos defensores de Caxias sitiada.

O resto da noite e o dia seguinte áquelle em que Sabino se recolheu á casa de D. Carlota de Aquino, passára-se entre sobresaltos e preoccupações. Ninguem sabia ao certo o que occorria na cidade, chegando de instante a instante noticia dos boatos mais contradictorios e inverosimeis.

Para informar-se do que realmente havia e poder tomar alguma resolução conveniente, ao anoitecer, o Capitão Sabino, deixando sua familia e as demais que estavam asyladas em casa da boa D. Carlota, presas da maior anciedade e consternação, sahiu a colher noticias verdadeiras da situação. Percorreu todos os pontos guarnecidos, encontrando-os todos abandonados, sem uma sentinella; armas e munições á discreção do inimigo.

Tornou á casa para dar informações do que havia observado e, em seguida, voltou o Capitão para a cidade, seguindo na direcção da igreja de S. Benedicto, onde occorrera o curioso episodio, derradeiro successo militar da defesa de Caxias.

Ao chegar ao largo ouviu o Capitão o ruido cadenciado de uma força que se approximava. Fixando o olhar

para o lado de onde vinha o rumor de passos, distinguiu na escuridão da noite um grosso contingente que entrava a cidade pela trincheira abandonada.

Recuou para um lado afim de deixar passar a força, mas foi percebido e seguro pelo personagem que vinha na frente e lhe deu voz de prisão. Aconteceu que o guia dessa força rebelde era o Tenente da Guarda Nacional Joaquim Caetano, *bemtevi* que no principio do cerco havia sido recolhido preso em Caxias e de quem agora o Prefeito João Paulo se servira para combinar a occupação da cidade.

O Tenente Joaquim Caetano conhecia o Capitão Sabino, se bem não houvesse entre elles maior intimidade. Dotado de caracter bondoso e genio pacifico, era geralmente estimado em Caxias. Fora preso por suspeitas vãs. Tinha principio de morphéa.

Reconhecendo o Capitão e não só querendo salval-o, como aproveitar os serviços que ainda pudesse prestar, o guia exclamou aos rebeldes que o haviam segurado :

— Olá, camaradas ! Deixai este homem que é dos nossos.

E após, vendo Sabino livre, approximou-se e informou-o que trazia aquella força por uma medida combinada entre o Prefeito João Paulo e o Chefe Coque, afim de com ella guarnecer todos os pontos da cidade para que, quando, no dia seguinte, o Balaio entrasse com sua gente desenfreiada, encontrasse as posições occupadas, procurando-se evitar assim os morticinios e a pilhagem

Informado o Capitão Sabino dos intuitos daquella gente, tomou conta della e, emquanto o Tenente Joaquim Caetano voltava para o campo dos rebeldes onde o chamavam outros trabalhos, foi guarnecendo os pontos mais convenientes da conquistada Caxias, reservando um ultimo contingente para o morro do Fidié, para onde seguiu apressado.

Era esse um morro muito alto, que ficava a um lado da cidade e onde havia uma peça de artilharia na qual, depois das nove horas da noite, se davam tiros de polvora secca, de hora em hora, como para chamar o exercito que se acreditava em marcha para soccorrer Caxias. A guar-

nição do Fidié, separada inteiramente das demais guarnições, estava na completa ignorancia do que occorrera na cidade e para lá se dirigiu o Capitão apressado para evitar que fosse dado o primeiro tiro, que seria interpretado como acto de hostilidade e poderia determinar funestas represalias.

Aconteceu, porém, que approximando-se elle da peça, como fossem nove horas, o sargento artilheiro, um moço portuguez, dispara a peça.

Sobresaltados os rebeldes precipitam-se a elle, suppondo-se atacados e só com grande esforço conseguiu Sabino salval-o da furia dos conquistadores.

A estes, porém, conseguiu o Capitão convencer afinal que aquelles tiros de polvora secca eram apenas para indicar as horas, sendo conveniente que continuassem a ser dados com regularidade, pelo que ainda, nessa derradeira noite, foram ouvidos de hora em hora os tiros do Fidié, chamando pelo sertão além um soccorro que não chegava nunca.

Desembaraçando-se o Capitão Sabino dessa repugnante missão, que aceitára, entretanto, de boa mente, para evitar mal maior, pois, essa gente do Coque era a que mais pacifica e menos sanguinaria se mostrava dentre toda a numerosa caterva revolucionaria, recolhia-se á casa do seu asylo, quando encontrou na rua o Juiz de Direito Dr. Antonio Manoel Fernandes Junior e o Dr. Miranda, estimado clinico da cidade.

Vendo-o, interpellaram-no desanimados: que faz? que ha? que nos conta?

O Capitão informou-os do que sabia: estava tudo perdido. Caxias, a esse momento, já era presa dos rebeldes. Abraçaram-se os tres e, despedindo-se, cada um seguiu rumo diverso.

Chegado á casa de D. Carlota de Aquino e pondo todos ao corrente do que se havia passado, o Capitão fez ver a esta bondosa senhora que convinha quanto antes procurar no campo dos rebeldes o seu parente Pedro de Moura, afim de obter que elle lhe mandasse guarnecer com segurança a casa, antes que a gente do Balaio e de outros facinoras entrasse na cidade.

Pediu-lhe D. Carlota que se incumbisse dessa missão salvadora. E, pela terceira vez nessa noite, deixou o Capitão Sabino a casa, dirigindo-se para a beira do rio. Ahi chegado, e vendo do outro lado o acampamento dos sitiantes, poz-se a gritar pelo nome de Pedro de Moura. Este, avisado de que o chamavam, manda um caboclo atravessar o rio em uma canoa afim de saber o que queriam delle.

Informado de tudo e sabedor de que a gente do Coque já guarnecia a cidade, Pedro de Moura e Bernardo Antonio da Silveira, o Juiz de Paz *bemtevi*, a que já nos referimos, e que se achava em sua companhia, enviaram immediatamente para Caxias 800 homens, quasi todos da gente de Moura e do chefe José Raymundo de Sá Moscoso.

Toda essa gente marchou e foi ensarilhar armas em frente á casa de D. Carlota, aonde já se havia recolhido o Capitão Sabino.

De tal geito, quando amanheceu o dia, Caxias já se achava occupada por mais de tres mil homens. Apercebendo-se disso, as demais forças rebeldes foram entrando sob o commando dos seus respectivos chefes.

O Balaio foi dos ultimos a entrar. Mesmo entre os chefes rebeldes era olhado com desconfiança e antipathia por sua indole brutal e perversa. Tendo começado como sargento de Raymundo Gomes, na sahida da Villa da Manga, desde que se sentiu com alguma força propria, negou obediencia ao seu primitivo chefe. Em brutalidade e perversidade só o igualava nos arraiaes dos rebeldes o chefe ou quadrilheiro cognominado — o *Ruivo*.

Terminada a occupação da cidade pelas forças assaltantes, dominou Caxias uma desordem indescriptivel.

Todo o dia seguinte á noite em que esses successos se deram esteve a cidade entregue ao saque e á depredação, ao sabor desordenado de cada caudilho.

A ninguem se respeitava, não havia chefes cuja autoridade se fizesse sentir; cada qual agia por conta propria, cevando, como entendia, os appetites estimulados pela prolongada e tenaz resistencia dos sitiados.

Ouviam-se pelas ruas correrias, e assuadas e toda a sorte de crimes se praticou.

Aquelles cujos nomes estavam em maior evidencia e que não haviam conseguido a efficaz protecção de um chefe poderoso, trataram de se occultar do melhor modo que puderam. Assim mesmo, muitos delles foram descobertos, presos e maltratados.

Foi o que aconteceu ao velho Fernando Mendes de Almeida, que era um dos oito requisitados na resposta á capitulação proposta pelo Prefeito.

Elle se havia escondido sob uma pilha de madeira em casa de Miguel Belleza. Ahi mesmo, porém, foi descoberto e levado, em grande tumulto, preso através da cidade. Ao passar a escolta, que o conduzia, pela casa de D. Carlota de Aquino, a esposa de Fernando Mendes, D. Esmeria Mendes de Almeida, que acompanhava o marido, viu numa janella o Capitão Sabino e pediu-lhe que viesse em seu soccorro.

Immediatamente o Capitão, apezar do risco em que corria, mas confiado em que o não conhecessem, desce á rua e dirige-se á escolta — Camaradas, não maltratem a esse homem! Elle é dos nossos! Foi quem nos mandou aquelles barris de polvora que recebemos ao chegar junto de Caxias!

E graças a essa piedosa mentira, o velho Fernando Mendes foi conduzido com brandura e chegou vivo á prisão onde esteve algum tempo.

Para se aquilatar da desordem que havia, basta narrar um pequeno facto que dá a mostra da anarchia reinante.

Em casa de D. Carlota estava uma escrava dos Mendes de Almeida, por appellido Túca, e que era empregada em continuos recados e serviços na rua.

De uma vez que entrou em casa contou que o lindo cavallo que pertencia ao negociante José Pedro dos Santos, já estava nas mãos do 18º dono, tendo uns sido successivamente mortos pelos outros, pela simples ambição de possuir um cavallo bonito.

O primeiro rebelde que o furtou foi ter a uma botica e pediu um copo de cachaça. Respondendo-lhe o boticario que alli não havia cachaça, o rebelde quiz matal-o, quando cahiu morto por um tiro desfechado, á queima roupa, por um companheiro que se apoderou do sinistro animal.

Este, pouco adiante, soffreando o galope em que ia, disse ufano a um grupo que encontrou :—Comprei este cavallo barato. Custou uma bala !

— Pois, por esse preço tambem o compro eu, retorquio-lhe um *balaio*, já muito bebedo ; e, dando execução ao intento manifestado, derrubou da sella o companheiro com um tiro certeiro. Ao montar, porém, como estivesse embriagado, cahiu por terra e foi um terceiro que, prevalecendo-se do incidente, apoderou-se do animal e disparou estrada em fóra.

E, assim por diante, numa successão tragica de crimes.

V

Commissão á Capital

Insupportavel se tornou a situação creada em Caxias pela desintelligencia dos chefes conquistadores.

Não os guiando nenhum ideal politico, não os ligando nenhuma especie de solidariedade ou subordinação, irritados uns com os outros pela protecção que uns e outros dispensavam a varias personalidades influentes de Caxias, esteve por pouco a rebentar um conflicto tremendo entre os vencedores, o que por certo maiores males viria accrescentar a tanta desgraça já consummada.

Em face dessa situação, alguns dos influentes *bemtevis* de Caxias procuraram agir no sentido de apaziguar o animo dos *balaios* e pôr termo á situação anormal da cidade. Para esse fim entenderam-se com Raymundo Gomes e outros chefes mais cordatos e resolveu-se reunir uma assembléa dos chefes das forças sitiantes afim de se tomarem medidas de ordem geral, que todos deveriam respeitar.

E assim se fez. Depois de varias sessões, que a principio foram tumultuosas, e sempre contra o voto do Balaio, que a todas as propostas respondia :—«*Mentira do Diabo ! Não adopto !*» — a assembléa resolveu :

1.° Confiar o commando em chefe das forças ao preto Raymundo Gomes.

2.° Considerar todos os prisioneiros communs e não deste ou daquelle chefe.

3.° Sujeitar a prisão todos os adversarios influentes, mesmo aquelles que haviam comprado caro o patrocinio de algum dos chefes.

4.° Mandar uma embaixada a S. Luiz entender-se com o Presidente da Provincia para a entrega da Capital, sem resistencia.

5.° Sequestrar todos os bens dos prisioneiros para pagamento da tropa.

Adoptadas estas resoluções, tratou-se de organisar a commissão que deveria ir a S. Luiz, e os chefes *bemtevis* de Caxias, não confiando absolutamente na situação, não se sentindo seguros, elles mesmos, disputavam todos, com ardor, um logar na embaixada, vendo nesse expediente um meio de sahir daquella temerosa anarchia.

E, afinal, feita a escolha dos embaixadores, apresaram um hiate, que no Maranhão chamavam então « Canôa Grande », e nelle embarcou a Commissão composta de 18 ou 20 chefes *bemtevis*, levando uma escolta de 20 homens decididos.

Nesse hiate permittiram que embarcassem algumas familias e homens velhos, que compraram passagem a conto de réis por pessoa. Entre estes conseguio partir de Caxias o cirurgião Campos de Medeiros, amigo do capitão Sabino, que quiz prevalecer-se da circumstancia para partir tambem.

Para isso fez com que sua mulher, ás 4 horas da tarde, momentos antes de largar a embarcação, acompanhasse a familia do velho cirurgião. E, logo que a vio a bordo, correu á casa de D. Carlota e convencionou com os 16 caixeiros portuguezes, que lá estavam escondidos, a fuga ao cahir da noite.

Para isso sujaram a camisa e a roupa de barro vermelho, tomaram chapéos de palha com tope amarello, e, pés descalços e espingarda ao hombro, deixaram a casa e simulando um contingente *balaio*, marcharam na direcção do porto de onde havia largado o hiate.

Em caminho, passaram por um curral onde rebeldes estavam carneando e lhes perguntaram a que iam.

— A uma diligencia, responderam.

— Vão matar algum *cabano*?

— Não! Vamos em busca de rezes para a nossa gente.

E proseguiram sem que o passo lhes fosse embargado. Chegados á beira do rio, desceram pela margem até encontrar uma pequena canoa onde se metteram. A embarcação era tão pequena, porém, que para dous dos fugitivos não houve lugar pelo que tiveram de ir a nado seguros com as mãos ás bordas da canoa.

Felizmente mais abaixo encontraram uma igaraté, para onde baldearam, indo então todos mais commodamente.

Tinham apenas quatro remos. E para que todos remassem serviram-se de talos de folhas de palmeira.

Por algum tempo seguiram sem novidade os intrepidos fugitivos. Mais abaixo, porém ao passarem por um destacamento postado á margem do rio, tiveram voz de atracar a canoa e, como não attendessem, antes mais velozmente remassem proximo á outra margem do rio, foram alvejados por uma fuzilaria tremenda, que, por milagre, nenhum damno lhes causou, graças á escuridão da noite.

Depois desse successo seguiram o Capitão Sabino e os seus companheiros até que, pelas 2 horas da madrugada, encontraram o hiate encostado ao barranco e amarrado á beira do rio.

Com as devidas cautelas passaram-se todos para o hiate, que tão cheio estava que só de pé podiam os passageiros se conservar, e ahi, accommodados como foi possivel, aguardaram o dia.

Logo que amanheceu a escolta que vinha voltou para Caxias, conforme as ordens que havia recebido. E, mais alliviado, o hiate seguio viagem, chegando ao meio-dia á povoação do Codó, onde uma força de cerca de 300 homens estacionava por ordem de Raymundo Gomes, afim de reter os fugitivos de Caxias.

Ahi encontrou o Capitão Sabino o seu cunhado Jorge Gramoel, fazendeiro no municipio, e ficou sorpreso de vel-o com o tope de *bemtevi*.

Interpellado, respondeu Gramoel que sempre fôra liberal, mas que não lhe fizesse o cunhado a injuria de

suppor partidario dos bandidos que haviam ensanguentado o sertão. No intuito de salvar a povoação e a fazenda, todas as principaes pessoas do lugar se haviam arvorado em —*bemtevis*—e, graças a esse expediente, nada haviam soffrido até aquelle momento.

Teve, porém, o Capitão o desgosto de saber que seria muito difficil escapar á vigilancia dos rebeldes. Para elle pessoalmente poderia Gramoel, por sua influencia, conseguir salvo-conducto; para os demais fugitivos, porém, era impossivel. Teriam necessariamente de ficar retidos no Codó.

Com isso, porém, não concordou Sabino, e disse positivamente ao cunhado que para si não queria outra sorte que não fosse a do seus 16 companheiros e de mais quatro defensores de Caxias que encontrára no hiate. Estava entretanto disposto a tentar a fuga durante a noite e pedio ao cunhado que arranjasse uma igarité com 20 remos e deixasse o mais por conta delles.

A isso accedeu Jorge Gramoel e, á noitinha, foi Ricardo Leão Sabino sabedor de que tudo estava prompto. Reunio os companheiros todos e, por volta das 10 horas, seguiram pela margem do rio até encontrar a igarité, onde embarcaram e partiram com a resolução impetuosa de quem tem certeza de que foge a um grave risco.

Com o excessivo esforço da fuga, porém, algumas horas depois estavam extenuados os fugitivos e na impossibilidade de continuar a remar. Deixaram então que a igarité deslisasse, rio abaixo, ao sabor da correnteza e assim os veio encontrar a manhã.

Encostaram então a canoa e, para refazer-se do enorme esforço e proseguir na róta, despiram-se todos e atiraram-se na agua. No banho estavam os fugitivos quando perceberam que outra igarité, impellida pela força de muitos remos, vinha descendo o rio, cortando as aguas com fragor.

Correr para terra, mesmo nús, e tomar as armas, em attitude de defesa, foi obra de um minuto. Então, da igarité, que estava proxima dos fugitivos, levantou-se a figura de José Lagos, Juiz de Paz do Codó e pessoa das relações do capitão Sabino, e gritou: — Não atirem! Não atirem!

Ao que Sabino respondeu-lhe: — Pois então salte em terra e venha só.

E assim fizeram. Encostada a igarité, o Juiz de Paz saltou e, veio margeando o rio, até o ponto onde estavam Sabino e seus companheiros. A igarité, porém, tambem veio vindo, á mercê da correnteza, e abicou mesmo no lugar em que todos se achavam. Então José Lagos, dirigindo-se ao Capitão, lhe disse:

— Não sabe o que fez, Ricardo Leão Sabino? Comprometteu seu cunhado, que talvez tenha de pagar muito caro a fuga que lhe proporcionou.

— Jorge Gramoel nada teve com a nossa fuga, respondeu resoluto o Capitão. Apenas o vi rapidamente, e nenhuma parte elle tomou no que fizemos.

— Póde ser que isso seja verdade, retorquio o Juiz de Paz; mas a cousa se podia ter arranjado de outro modo, sem perigo para ninguem.

E fez para Sabino um gesto caracteristico com a ponta de dous dedos.

Então um portuguez, companheiro de Sabino, de nome José Vianna, comprehendendo o que desejavam José Lagos e seus sequazes, entrou na igarité e, tirando do bolso de suas calças um *pé de meia* cheio de moedas, o mostrou, dizendo: — Nós não levamos senão isto. São 92 patacões. Se lhes basta...

Lagos então voltou-se para a canôa e interrogou com o olhar sua gente. Aceita a offerta, tomou o *pé de meia*, embarcou em sua igarité, ali mesmo fez a partilha do cobre e, despedindo-se de Sabino, partio em retirada.

Depois deste incidente, sem mais demora, os fugitivos tomaram suas roupas e proseguiram na viagem antes que nova sorpresa lhes trouxesse a approximação do Codó. E assim remaram sem cessar até que, algumas horas decorridas, foram alcançados pelo hiate para cujo bordo passaram.

*

Deixe-se, por emquanto, correr o hiate rio abaixo na direcção de S. Luiz, e voltemos a Caxias, entregue á sanha dos conquistadores.

Apezar das resoluções tomadas na assembléa dos chefes sitiantes, o repulsivo *Balaio* não se conformára com a nova situação que se pretendeu crear.

Continuou a agir por conta propria e a fazer o que bem lhe parecia. Foi assim que não tendo concordado com a retirada das familias, e outras pessoas estranhas á embaixada, no hiate, logo que teve noticia da partida da embarcação, mandou que uma força, por terra, fosse assaltal-a numa curva que fazia o rio.

Afortunadamente, porém, quando a força chegou ao ponto designado, a muito que havia passado o hiate. E assim gorou a traiçoeira perversidade do *Balaio*.

Depois da partida do hiate a situação foi melhorando em Caxias. Como os rebeldes não tinham outro intuito senão o saque e a rapina, logo que se sentiam sufficientemente aquinhoados iam partindo para rumos diversos, pelo que diminuia sempre e consideravelmente o numero dos occupantes. De sorte que, em poucos dias, completado o saque da cidade, todos os chefes *balaios* tinham-na abandonado, seguindo cada qual com sua gente, transportando o fructo de suas rapinas, para os sitios de suas tropelias habituaes.

Vasia por fim Caxias da funesta invasão que tanto mal lhe causára, algumas pessoas de iniciativa, que haviam ficado na cidade, começaram a reorganização dos serviços desmantelados, creando uma guarda civica para policiamento das ruas e protecção das familias restantes.

E começou a voltar a gente que se havia refugiado nos sitios circumvisinhos.

Sabedor disso o tredo *Balaio*, que ainda não se havia afastado e, mais incontentavel que os demais, ainda andava em roubos e morticinios pelas cercanias da cidade, voltou sobre Caxias e fez uma segunda entrada, matando quem encontrava e saqueando aquillo que, por milagre, houvesse escapado ao saque.

E nesse dia, era um domingo, chegando ao centro da cidade, informado que o padre Gallinha estava officiando, mandou um emissario á Igreja dizer-lhe que *esbarrasse* com a missa, que queria ir ouvil-a com sua gente.

Obedeceu o padre e suspendue em meio o sagrado officio, á espera que chegasse o tremendo salteador. E depois,

que elle, com sua capangada immunda e sanguinaria, invadio o templo, recomeçou o padre a missa interrompida.

Finda a cerimonia o sacerdote, transido de pavor, ainda tomou do calix e, voltando-se para o *Balaio*, pediolhe em nome da cruz que o não deixasse matar.

Ao que o caudilho lhe respondeu que elle ficava sendo o seu capellão!

Nesse momento algumas caboclas approximaram-se do *Balaio* e disseram-lhe que se queriam casar e mais que elle lhes désse o dote que lhes havia promettido.

Ordenou então ao miserando capellão que casasse aquellas horriveis mulheres e, depois de casadas, trazendo-as para a porta da igreja, foi-lhes distribuindo as casas do largo de S. Benedicto, indicando-as com as mãos tintas de sangue: — aquellas duas são para ti, *Zabe*; aquellas outras, para ti, Maria, e assim até aquinhoar todas as noivas.

Finda tal scena, que seria grotesca se não fosse tragicamente horrivel, o *Balaio* entrou novamente na cidade, onde continuou a praticar roubos e mortes.

Felizmente a *ceremonia* dos casamentos deu tempo á diminuta policia de Caxias de retirar-se para suas casas, porque, impotentes como eram essas poucas praças para resistir á impetuosidade sanguinaria do bando do *Balaio*, apenas teriam servido para augmentar o já tão immenso rol das suas victimas.

E assim, sem o menor embaraço á satisfação do seu desordenado appetite, proseguio o *Balaio* em sua série de crimes, até que, indo assaltar a casa do Collector Miguel Ferreira de Gouvêa Pimentel Belleza, onde constava que havia gente escondida e valores accumulados, uma bala certeira, partida de dentro, varou-lhe ambas as pernas, prostrando-o por terra.

Os companheiros do facinora, vendo-o ferido, ainda mais se enfureceram no assalto e, arrombando afinal as portas da forte habitação do Collector, nella penetraram, matando quantos encontraram, apenas poupando as mulheres.

Depois dessa formidavel façanha esses ultimos rebeldes abandonaram a cidade que pouco a pouco voltou á sua tranquillidade habitual.

Do *Balaio* soube-se que, dias depois, morreu, pela gangrena do ferimento recebido.

E por essa fórma terminou a revolução em Caxias, mas não na provincia, onde ainda continuou até a chegada e acção do Presidente Coronel Luiz Alves de Lima, elevado pouco depois a Barão de Caxias.

VI

Expedições no sertão

Se em Caxias a situação era essa, que acabamos de esboçar não menos critica era a situação da Capital e do resto da Provincia.

A pouca tropa de linha e de policia, que havia, foi reunida e mandada para a cidade sitiada, mas lá não havia chegado, retardada no caminho por varios incidentes.

A guarda nacional estava em armas e de guarnição ás cidades.

O insuccesso das expedições officiaes desanimava as populações e relaxava a soldadesca. Já narramos o fracasso completo da expedição mandada pelo Presidente Camargo á Villa da Manga, sob o commando do Capitão Pedro Alexandrino. E agora, não melhor succedida estava sendo a expedição mandada pelo Presidente Manoel Felizardo a soccorrer Caxias. Era o Tenente-Coronel Junqueira commandante dessa expedição, composta do Corpo de Policia ao mando do Major Feliciano Falcão, de alguns soldados do Deposito e de um contingente de trezentas praças de linha, vindas de Pernambuco com o Major José Thomaz Henriques; ao todo cerca de mil homens.

Com a desordem, porém, que reinava em toda a parte muito morosa ia sendo a marcha dessa força, que afinal estacou no caminho, por mais de dous mezes á espera dos cargueiros de munição que haviam ficado vinte leguas atrás, de onde não seguiam não só por se achar toda a escolta de 32 homens, que os conduzia, atacada de febres malignas, como pelo receio dessa diminuta escolta de se

internar com tão preciosa carga por aquelles sertões infestados de inimigos.

E essa era a situação quando chegou a Itapicurú o hiate que conduzia a embaixada de Caxias e onde vinha o Capitão Sabino com a mulher e os companheiros de fuga. Era então ahi Sub-Prefeito Altino Lellis de Moraes Rego, com quem o Capitão Sabino se entendeu ácerca dos motivos porque a força não havia seguido viagem para soccorrer Caxias. E, sabendo do que occorria e que as munições se achavam a oito leguas, no lugar denominado Rodeio e a tropa a cerca de 28 leguas, no Carnaúbal, offereceu-se Sabino para, assim mesmo baleado, como estava, conduzir munições e tropa para Caxias, distante 60 leguas do ponto em que a tropa se achava. Aceito logo seu patriotico offerecimento, foram-lhe dados um guia, conhecedor daquellas paragens, e um ordenança, e todos os tres se puzeram em marcha sem demora, montados em máos animaes, emquanto o hiate seguia rio abaixo o rumo da Capital.

Chegado ao Rodeio encontrou o Capitão os 32 soldados da escolta sem nenhuma disposição de seguir viagem. Então Sabino, reunindo-os em fórma, dirigio-lhes uma allocução patriotica, exhortando-os a que o acompanhassem e fazendo ver que muito maior era o seu sacrificio, voltando novamente para o campo da guerra onde tanto lutára e recebêra os ferimentos que ainda sangravam. E de tal geito, tendo conseguido levantar o animo abatido dos soldados, poz-se o contingente em marcha, conduzindo cada soldado, muitos dos quaes realmente enfermos, uma emmagrecida cavalgadura carregada com dous cunhetes de cartuchame. O Alferes, que commandava esse contingente, não quiz ou não poude acompanhal-o, voltando para o Itapicurú.

Nos primeiros dias a marcha proseguio sem novidade. No quarto dia, porém, ao pôr do sol, entrando o destacamento em um capão que orlava o Riacho do Mello, foi recebido por forte fuzilada que matou logo um soldado, feriu mortalmente um cavallo de carga e encheu de chumbo grosso o peito do guia.

Sorpresos com o inesperado assalto, mas protegidos pelas sombras da noite que cahia, conseguiram os soldados

abrigar-se numa volta do caminho, e dahi o Capitão deu ordem ao guia que conduzisse, com cautela, a gente e a munição contornando o capão e fosse aguardar por elle umas duas leguas afastado ; recommendou o Commandante que fossem quebrando galhos de arvores e deixando pelo caminho para o orientar quando tivesse de se ir reunir a elles. E assim se fez. O guia partiu cauteloso com a gente e Sabino se deixou ficar com um cabo, que havia forçado a ficar com elle, por que era conhecedor daquellas paragens.

Servio-se então o astuto guerrilheiro de um estratagema para afugentar o inimigo de sua emboscada. Elle havia sabido pelo caminho que se esperava a proxima passagem de um grande contingente de forças regulares que, constava, vinham do Ceará em soccorro de Caxias. A approximação dessa força atemorisava os rebeldes. Sabedor desses factos, o Capitão simulou a chegada da tropa e começou, correndo de um lado para outro, a dar vozes varias de commando : — *A musica para retaguarda! Avancem as companhias pelo flanco!* E assim conseguio pôr em debandada os balaios pelo matto a fóra, n'uma fuga desordenada, cujo estrepito cada vez mais longinquo, o Capitão Sabino foi ouvindo com grande satisfação. Além disso, houve uma circumstancia que tambem concorreu para dar vulto ao habil estratagema do Capitão. Havia na comitiva um pequeno cão que era companheiro inseparavel do cavallo que cahira baleado. Vendo o seu companheiro prostrado, impossibilitado de seguir com os demais, que haviam partido, o cãosinho ficou toda a noite a latir anciosamente saltando em torno do cavallo ferido. Esse facto fez com que os rebeldes se convencessem de que a poderosa força vinda do Ceará havia feito alto e aguardava o amanhecer do dia para proseguir na derrota.

E assim, algum tempo passado, puderam o Capitão e o cabo, que com elle ficára, partir ao encontro do contingente que encontraram uma hora depois, resolvendo-se então marchar por toda a noite sem cessar no rumo do Carnáubal. Quando amanheceu tinham se afastado cêrca de tres leguas do capão em que haviam sido assaltados e se acharam a menos de duas leguas do sitio em que estacionaram as forças.

Pouco tempo depois do sol nascido veio correndo, juntar-se á tropa o pequeno cão; naturalmente o cavallo morrera e o amoroso animal, vendo então que inutil era sua dedicação, o abandonára e viera ao encontro do companheiro de jornada.

Nesse dia, depois de um grande esforço conseguio o Capitão Sabino juntar-se ás forças ao mando do Tenente Coronel Junqueira, que ahi permaneciam na mais completa inacção. Feitos os necessarios reconhecimentos e entregue a munição, dava o coronel as providencias para a marcha da columna, que deveria ser breve, quando na arrumação dos cunhetes se descobrio em um delles um officio do Presidente Manoel Felizardo ao Coronel Junqueira ordenando que logo que o recebesse marchasse, sem detença, sobre a Capital que estava ameaçada de revolução. Reunio desde logo o Commandante o Conselho de officiaes e foi resolvido o immediato regresso á Capital.

Voltou então a columna para a Villa do Munim, pequena povoação situada á margem de uma bahia. E ahi estacionando a columna de difficil mobilisação, seguio o Capitão com um pequeno contingente para o Itapicurú-Mirim, de onde havia partido, e onde deu ao sub-prefeito Altino Lelis conta de sua commissão.

Dahi, aproveitando o sub-prefeito suas boas disposições, despachou-o para S. Luiz conduzindo 40 prisioneiros, algemados, com uma pequena escolta de 4 soldados e um cabo e embarcados em uma igarité tripolada por 8 remadores negros. Partido que foi, o Capitão comprehendeu que havia muito a receiar dos presos que levava, apezar de algemados, por isso que, sendo em numero muito superior á escolta, podiam, revoltando-se, victimar a todos.

Mandou então o Capitão quebrar as algemas aos prisioneiros, dizendo que não era digno delle conduzir os seus patricios daquella maneira ignominiosa. E, apezar da reluctancia da escolta, as algemas foram partidas e os presos gratos por esse nobre procedimento do Capitão Sabino não só não tentaram fugir como ainda ajudaram a remar até á Capital.

Lá chegando marcharam em ordem até o Palacio, em frente do qual ficaram os presos soltos com 4 soldados, em-

quanto o Capitão subio e foi entregar ao Presidente os officios que trazia. Manoel Felizardo ficou sorprehendido do modo por que o Capitão soubera levar a termo satisfactorio sua difficil incumbencia e muito o louvou pelo seu procedimento.

Dias depois informado o Presidente de tudo o que havia feito o Capitão Sabino em Caxias e no sertão, perguntou-lhe o que pretendia fazer e o que desejava. Ao que o valente soldado respondêra: primeiro descançar e tratar de meus ferimentos; em seguida, continuar nos trabalhos de pacificação da provincia, se me fôr dado um batalhão para commandar. E a esses votos respondeu-lhe o Presidente que fosse curar de sua saude, que o resto ficava por sua conta.

Não devia caber, porém, ao Presidente Manoel Felizardo satisfazer as justas aspirações do Capitão Sabino. Um mez depois de sua entrada no S. Luiz, chegára o novo Presidente nomeado para a Provincia, Tenente-Coronel Luiz Alves de Lima, depois Marechal e Duque de Caxias, que, informado da historia do official valoroso, o mandou chamar e confirmou todas as promessas feitas por Manoel Felizardo, organizando em poucos dias um corpo de 450 praças, cujo commando lhe confiou.

VII

O preto Cosme

Tomando o Tenente Coronel Luiz Alves de Lima conta do Governo da Provincia, providenciou desde logo para, sem perda de tempo, destruir os elementos revolucionarios que ainda perturbavam a paz do sertão.

Reunidas as forças que se pôde arrebanhar na Capital, seguio para o interior o Presidente acompanhado do Capitão Sabino, seu batalhão e mais da tropa que arregimentou. Seguiram todos num pequeno vapor até Itapicurú Mirim e de lá até á Vargem Grande, sitio onde se

deixára ficar o Tenente Coronel Junqueira com o corpo de exercito que, infructiferamente, marchára para soccorrer Caxias.

Do acampamento destacára o Presidente parte da força, ao mando do Coronel Francisco Sergio de Oliveira, para seguir para aquella cidade, onde afinal entrou sem nenhuma resistencia, porque desde muito os rebeldes a haviam abandonado, depois de atrozes morticinios e funestissimos saques.

E ao mesmo tempo que o Coronel Oliveira seguia para Caxias, o Capitão Sabino seguio com uma força consideravel afim de exterminar o temeroso quilombo do preto Cosme Bento das Chagas, que se havia apoderado da fazenda de *Tocanguira*, pertencente a um tal Ricardo Naiva.

Era esse preto Cosme um facinora condemnado a morte e que conseguira fugir da cadêa de S. Luiz.

Internado pelo sertão, levantára escravos das fazendas e, vivendo do saque e de depredações, tornára-se o terror de uma vasta zona de cultura.

Intitulava-se Imperador, Tutor e Defensor de todo o Brazil ; e para manter o brilho do seu throno, concedia aos mais salientes dos seus sequazes, patentes de capitão e titulos de barão, cobrando dos agraciados gordos emolumentos, que elles iam colher no roubo e no saque.

Tinha como secretario um pequeno portuguez, que fôra caixeiro de uma venda que sua gente saqueára, matando o vendeiro. E esse pequeno caixeiro é que lavrava com má calligraphia os decretos que o velho facinora assignava com uma cruz.

Para impor-se ao respeito e a veneração dos seus subditos, e sciente da fascinação que a pompa e o espectaculo exercem sobre o animo dos povos, fazia-se transportar sobre um andor que fôra de um santo, adornado com os paramentos de padre de uma pequena igreja de arraial, que assaltara e roubara.

E por essa forma irreverente e pittoresca ia o preto Cosme cercado de seus ministros e vassallos, vivendo vida folgada e descuidosa, certo, como se achava, que os poderes da Provincia por muito tempo tinham de se haver com os *balaios*, e por outro lado confiante na va-

lentia do seu *exercito*, que dia a dia engrossava de modo assustador.

Achavam-se as cousas neste pé quando o fazendeiro Ricardo Naiva, laborioso proprietario da *Tocanguira*, achando insupportavel a incommoda e perniciosa permanencia do facinora com sua gente nos sitios vizinhos de sua fazenda, escreveu ao Presidente Luiz Alves de Lima, então chegado á Provincia, indicando-lhe o lugar certo do acampamento de Cosme.

Muito apreciou o Presidente receber o precioso aviso mas, providenciando para a prompta destruição do quilombo teve a idéa infeliz de responder, pelo portador, á carta de Ricardo Naiva, agradecendo-lhe as indicações fornecidas e informando-o da proxima partida das tropas.

Aconteceu que esse portador, que trazia a resposta do Presidente, fôra preso ao approximar-se da *Tocanguira* e encontrando-se-lhe a carta, foi ella lida pelo Secretario de Cosme. Este, vendo-se denunciado, num assomo de furor, matou, acto continuo, o misero portador e seguindo para a fazenda do Naiva, apoderou-se della e assassinou o infeliz fazendeiro, fazendo prender a familia em um paiol.

Como quer que fosse, porém, alguns dias após estes tristes successos approximou-se da fazenda a força ao commando do Capitão Sabino; ahi foi ella dividida em duas alas, fazendo-se um cerco que produzio os melhores resultados. A acção foi rapida e feliz.

Sorpresos, os quilombólas atacaram as forças sitiantes, mas tiveram que ceder á impetuosidade do assalto, debandando pelo matto, deixando prisioneiros cerca de 2.400 companheiros. Entre estes achou-se o chefe Cosme, que, varado por uma bala nas pernas, não pôde fugir. Foi preso, reconduzido para a cadeia da Capital onde na forca, em cumprimento de sentença, expiou tão horrorosos crimes.

Ainda na fuga os pretos do quilombo praticaram um acto de barbaridade; passando pelo paiol onde desde alguns dias se achava presa a misera familia do infeliz Ricardo Naiva, sua mulher e filhos, lançaram fogo á coberta de palha. Felizmente os soldados do Capitão Sabino chega-

ram a tempo de attender aos gritos das crianças e arrombar a porta do paiol, salvando assim de uma morte horrivel aquellas desgraçadas creaturas.

Nos bolsos dos mortos e dos prisioneiros foram encontrados alguns documentos interessantes que o Capitão enviou com a respectiva parte ao Presidente. Eram os decretos de nomeação expedidos pelo Cosme, a que acima nos referimos e que tinham mais ou menos o têor seguinte :

— Sahe hoje na ordem do dia a patente de Capitão a Antonio Cabinda, que não é mais escravo do *cabano* José Rosa, o qual pagará 30$, sendo 15$ á vista e o resto fiado por um anno.

— Sahe hoje na ordem do dia a nomeação de Barão a D. Joaquim Cabinda, que foi de Ricardo Naiva, que pagará 100$, sendo 50$ á vista e os outros 50$, fiados por um anno, ao qual se fará as honras de minha imperial casa, e quem não fizer ficará desgraçado.

E muitas outras de igual teôr.

Nessa expedição fôra o Capitão Sabino ferido por uma bala que lhe penetrara o peito, do lado esquerdo. Apezar disso conservou-se sempre no seu posto até o fim, tendo voltado com sua gente e todos os prisioneiros para a Capital.

Depois destes feitos foi, por ordem do Presidente, o Capitão Sabino a Caxias, levando para entregar ao pagador das tropas a quantia de 10:000$, que recebera na Capital. Seguio o Capitão com sua mulher e uma filhinha, que então tinha, em um hiate com 40 allemães engajados, e em Caxias, onde foi recebido festivamente, foi lhe dado o commando da segunda Companhia de Cavallaria. No fim de dous mezes, porém, foi pelo Presidente chamado á Capital e vindo rio abaixo com sua familia, em um hiate, este no lugar denominado *Remanso da Marianna*, após uma noite de chuva torrencial, em que as aguas do rio engrossaram consideravelmente, virou, despejando na correnteza todos os passageiros e carga, composta de saccos de algodão e bagagens.

Em tal emergencia, o Capitão Sabino com grande difficuldade conseguio salvar a mulher, a filha e mais uma

criança que estava boiando segura a um fardo de algodão. Outros fizeram o mesmo, e felizmente não houve mortes a lamentar. Mas a perda das bagagens foi completa.

Chegado á Capital foi o capitão nomeado commandante effectivo da 4ª Companhia do corpo de Policia, por acto de 14 de Abril de 1841 ; e posteriormente, em 13 de Novembro do mesmo anno, por acto do Presidente, foi o Capitão nomeado para assumir interinamente o Commando do Corpo de Policia, na ausencia do Major Falcão.

Por esse tempo a amnistia decretada pelo Governo Imperial havia feito a completa pacificação da provincia e não existiam mais inimigos a combater no sertão.

Todos os rebeldes que haviam sido aprisionados eram castigados com chibatadas e depois enviados como recrutas para o Rio Grande do Sul, onde então lavrava a revolução dos Farrapos.

Um dos transportes de guerra, que maior numero de prisioneiros conduzio, era commandado pelo Capitão-Tenente Antonio Conrado Sabino, irmão do nosso heróe. Nesse transporte seguiram prisioneiros varios dos nossos conhecidos de Caxias, entre os quaes Raymundo Gomes, com a mulher e os filhos e Pedro de Moura. Aquelle morreu a bordo, como toda a familia e grande numero de prisioneiros, durante a longa travessia de nove mezes, num barco de vela. Pedro de Moura, porém, conseguio salvar-se. De uma vez que o barco achava-se muito perto da costa da Parahyba, o rebelde lançou-se ao mar e alcançou a praia, a nado.

Não faltou quem visse em tanta fortuna a boa vontade do Capitão do navio para com o chefe revoltoso que em Caxias protegera por sua vez a vida e a esposa de seu irmão mais moço.

Algum tempo ainda se demorou no Maranhão o Tenente-Coronel Luiz Alves de Lima, que a munificencia imperial elevara a Barão de Caxias.

E retirando-se elle, aconselhara ao Capitão Sabino, por quem manifestara sempre muita amizade e sympathia que se dedicasse á carreira militar, para a qual se mostrava de tão decidida vocação.

Prometteu o Capitão seguir o conselho do Presidente e no momento de sua partida para a Côrte offereceu-lhe este soneto de sua lavra :

O triste adeus, ó Lima, escuta agora
De quem do fundo d'alma amor te offerta,
Daquelle que no campo sempre alerta
Teu nome honrou com sangue seu outr'ora.

Teu marcio companheiro em vão te chora,
Entregue á dor que amor por ti desperta
Ao ver que o mar te espera, estrada aberta,
Fumega a barca em que te vais embora.

Partir te apraz ; saudades da consorte,
Dos ternos filhos e do Pai amado
Faz grata a ti e a mim contraria a sorte.

Assaz, porém, me deixas premiado,
Ganhando, ao mando teu, por entre a morte,
O cunho que faz ver fui teu soldado !

Referia-se o Capitão ao derradeiro ferimento que recebera, a bala no peito na expedição contra o quilombo do preto Cosme.

Entretanto não foi esse o unico ferimento que recebera nessa campanha do Maranhão. Consta de sua fé de officio, passada no Corpo de Policia dessa provincia em 1848, que fôra ferido cinco vezes com seis ferimentos, sendo o primeiro no braço direito, o segundo na perna esquerda, o terceiro e o quarto no ventre, o quinto na perna direita e o sexto no lado esquerdo do peito.

No Corpo de Policia conservou-se o Capitão Sabino até que, sabendo que o seu antigo Commandante, Barão de Caxias, ia marchar para S. Paulo, na campanha contra a revolução de Raphael Tobias, pedio desligamento em 27 de Março de 1842, vindo para o Sul, onde apresentou-se ao General, conduzindo um contingente para as forças expedicionarias.

VIII

Conclusão

Aqui devia terminar propriamente esta narrativa que outro valor não tem que a sua minuciosa fidelidade historica.

E' justo, porém, que se registre a continuação da vida do heróe de Caxias, a testemunha presencial, *magna pars*, de todos estes acontecimentos, de cuja boca ouvi quanto foi aqui relatado, o Capitão Ricardo Leão Sabino.

Disse-se já que, seguindo os conselhos do antigo commandante, viera para o Sul do Imperio, desejoso de proseguir na carreira das armas, tão auspiciosamente começada.

Aqui chegado, foi desde logo nomeado Commandante da 5ª companhia de caçadores 12, e nesse corpo marchou poucos dias depois, para S. Paulo, onde havia rebentado a revolução liberal de 1842.

Ahi foi mandado, pelo já então Visconde de Caxias como commandante militar tomar conta da villa de Santo Amaro, onde havia alguma força e onde em menos de 20 dias o Capitão organisou um luzido esquadrão de lanceiros, composto todos de valentes domadores.

Com esse esquadrão, 200 praças do 12 de caçadores e 400 guardas nacionaes, no momento opportuno seguio, constituindo a vanguarda do exercito em operações, pela estrada do Norte em direcção a Taubaté, que era o centro militar da revolução.

Não teve de entrar, porém, em nenhum combate porque os revolucionarios abandonaram a cidade logo que della a força se approximou.

Não deixou, por esse facto todo occasional, de ser menos importante o papel do Capitão Sabino nessa mobilisação. E tanta confiança depositava nelle o Commandante em chefe que, no officio em que lhe enviou as instrucções para a marcha, terminou com estas expressões :

« E fique V. S. certo de que marcho em sua retaguarda, com uma força consideravel das tres armas, apoiando suas operações.»

Pacificada a provincia de S. Paulo, antes de seguir para Minas Geraes, onde tambem lastrava a revolução liberal, o General Caxias em officio de 9 de Julho de 1842, do acampamento de Pinheiros enviou ao Ministro da Guerra, então José Clemente Pereira a proposta de promoção onde pedia para o Capitão de Policia do Maranhão Ricardo Leão Sabino, o *posto de Major do Exercito*.

De Pinheiros o Capitão seguio para Minas, onde fez toda a campanha, e de lá ainda seguio para o Rio Grande do Sul, com o General Caxias, que ia assumir o commando contra as forças revolucionarias dos Farrapos.

Ahi chegando, porém, teve noticia o Capitão Sabino da morte quasi simultanea de sua mulher e de seu pai, o Desembargador Joaquim José Sabino. E, acabrunhado por esse duplo golpe, pedio licença para retirar-se do Exercito, onde o ralava profundo desgosto por não ver confirmada pelo Governo a proposta do General, quando a proposta já havia sido attendida em relação a todos os outros officiaes nella contemplados.

A's suas reclamações por essa inqualificavel injustiça procuraram explicar o facto por um *quiproquo*. As promoções e confirmações haviam sido feitas no Ministerio da Guerra, em vista de uma segunda proposta enviada pelo General Caxias, pouco tempo depois da primeira, do acampamento de Santa Luzia do Sabará.

Aconteceu, porém, que não se tendo achado o Capitão Sabino na batalha que ahi se travou, por estar desempenhando outra commissão em ponto differente, seu nome não figurou na nova proposta, e assim não foi attendido na promoção.

Feitas as promoções com a clamorosa exclusão do bravo defensor de Caxias, o Governo não quiz emendar a mão, sem nova proposta do General, e o General não esteve pela impertinencia do Governo, allegando que já havia feito a proposta e não precisava fazer segunda. E dessa forma o prejudicado ia sendo o Capitão Sabino, a quem aliás o General havia promettido renovar a proposta, quando outra opportunidade désse motivo a se occupar elle de sua pessoa, opportunidade que, certamente, estaria muito breve.

Esse dia, porém, nunca chegou. Profundamente desgostoso por taes successos, o Capitão Sabino, sem ver assegurado o seu futuro pela injustiça com que o haviam tratado os homens, a quem tanto servira, reformou-se como Major honorario, retirando-se para S. Paulo, onde pretendia fazer o curso juridico que, já uma vez, circumstancias imprevistas o haviam impedido de fazer em Coimbra, para onde fôra mandado por seu pai.

Ahi, porém, annos depois como em Coimbra, contrahio casamento, e dessa vez encheu-se de filhos. Foi-lhe preciso trabalhar para sustento da familia que crescia, e jámais chegou a realizar o seu projecto de estudos.

Quando rebentou a guerra contra o Paraguay, foi pessoalmente lembrar ao Imperador a creação de corpos de Voluntarios, á feição dos que Pedro I havia organisado em Portugal e nos quaes o Major Sabino havia feito toda a campanha constitucional. E offereceu-se desde logo para commandar o primeiro corpo que tivesse de partir para a guerra, levando comsigo dous filhos, de 14 e 16 annos, para os quaes solicitou o posto de Alferes, que lhe foi concedido.

Tardou, porém, a nomeação do futuro commandante de batalhão de voluntarios. Não sendo a promessa do Imperador realizada por seus Ministros, o Major Sabino, de genio fogoso e impaciente, escreveu e publicou pela imprensa um vehemente artigo contra o Ministro Angelo Ferraz, o que lhe valeu não fossem confirmados os filhos no promettido posto.

Os rapazes, que haviam seguido no 1° e 5° de Nitherohy, apenas foram com as honras de cadete, a que tinham direito por lei, o que lhes não livrou de marchar de mochila ás costas pelo tempo de nove mezes. Afinal foram ambos promovidos a official no campo da batalha, chegando ao posto de Tenente.

Um delles, ferido gravemente em Lomas Valentinas, foi depois da guerra nomeado Tabellião e Escrivão em S. João da Barra, na então provincia do Rio de Janeiro, onde ainda hoje exerce o seu officio. O outro, heroico moço, apoz longos annos de penosissima campanha, cahio ferido e morto pela metralha inimiga na ensanguentada ponte de Itororó.

Ao velho e cançado Major nenhuma recompensa foi concedida. Concurrente a varios officios de justiça, vio sempre outros, mais felizes do que elle, serem favorecidos da sorte.

Até que um dia, sem dinheiro e exhausto de forças para lutar, fez annunciar um espectaculo em seu beneficio e no qual elle daria um concerto com aquella flauta historica, com que conseguira uma vez destroçar os sitiantes de Caxias. E no annuncio do espectaculo, para o qual era convidado Sua Magestade, vinha publicada uma breve noticia do mencionado successo.

O Imperador teve sciencia do caso, mandou chamar a Palacio o Major Sabino, e pediu-lhe que desistisse do seu intento, dizendo-lhe que aquella flauta historica não deveria servir para o fim industrial a que a queria destinar.

Ao que o Major replicou que a outra maneira pela qual elle já um dia se havia servido della, em proveito da ordem, não havia impedido que elle e os filhos não tivessem que comer.

Informado então o Imperador de suas inadiaveis necessidades, mandou-lhe entregar uma quantia de dinheiro e mandou que concorresse ao primeiro officio de justiça que vagasse, assegurando-lhe a nomeação.

E assim aconteceu. Mezes depois o Major Sabino concorreu ao officio vago do 2.º cartorio de orphãos do termo de Guaratinguetá, sendo de facto nelle provido por carta imperial do anno de 1875.

Não lhe aproveitou, porém, esse subito bafejo da sorte. Sua estrella funesta soffrera apenas um passageiro eclipse. Installado o novo serventuario, com sua numerosa familia, na séde do seu cartorio, feitas as despezas da nomeação, viagem e installação, foi pouco tempo depois o cartorio supprimido pela Assembléa Legislativa de São Paulo.

E para o caiporismo do Major Sabino se creou esta situação original: a de um serventuario vitalicio sem serventia, a de um tabellião sem cartorio.

E de então para cá não lhe mudou o destino. Jamais conseguio alcançar designação de novo officio, ou nova

nomeação para outros officios para os quaes concorreu, apezar de continuas solicitações, reclamações e protestos. (1)

Desanimado de obter recursos que viessem do poder publico, atirou-se á industria particular. Mas ahi o mesmo atroz caiporismo o perseguia, desmanchando-lhe todas as perspectivas, arruinando-lhe todas as emprezas.

Com alguns contos de réis que lhe chegaram de uma pequena herança montou em Santa Catharina o commercio de peixe em latas, para exportação. Como sempre, contou desde logo com o estrondoso successo do seu emprehendimento, e despendeu quasi todo o seu capital em latas para exportar peixe. Aconteceu, porém, que o producto não teve procura e em pouco tempo não havia com que encher de peixe, ou de outra qualquer cousa, tantas latas vazias...

---

(1) Entre estes encontro, no *Diario Popular* de S. Paulo, de 11 de Fevereiro de 1881, a seguinte carta:

« A' Sua Magestade, o Imperador

Senhor — Se vossa magestade reconhece que não póde fazer-me a justiça, que por tantas vezes me tem promettido fazer por espaço de seis annos, desde que fui privado do meu officio de segundo escrivão de orphãos de Guaratinguetá, supprimido pela Assembléa Provincial por falta de rendimentos para dous cartorios no termo; se vossa magestade consente que seu Governo contra a disposição da lei não tenha em seis annos até hoje dado-me outro cartorio, visto serem de serventia vitalicia esses officios, apezar de ter eu já varias vezes concorrido a varios cartorios por determinante mando de vossa magestade, sendo o ultimo a que concorri por expressa determinação de vossa magestade o terceiro de tabellião desta Capital, que até hoje apezar de decorridos mais de dous annos se conserva provisoriamente provido; se o meu inseparavel caiporismo ainda nessa occurrencia descobre um meio de algemar-me os pulsos, paralysando-me em vans esperanças, para assim impossibilitar-me de procurar algum outro emprego á minha actividade, e prover á alimentação e necessidades de minha numerosa familia; não queira vossa magestade ser o primeiro a auxiliar a esse meu fatal inimigo, condemnando-me a uma morte tão lenta, antes por um procedimento mais humano e condigno, queira dar-me um formal desengano, demovendo-me dessa letal esperança, que de dia para dia sepulta-me no mais funesto desespero, deixando-me vossa magestade por essa humanitaria resolução franca e livre a brecha para uma honrosa e previdente retirada, que hoje no caso actual equivale se não excede uma victoria tardia e inutil.

Senhor, o publico tão conhecedor de minha historia se absorve na admiração e espectativa e aproveitando-se desses factos tira proveitosos corollarios; por outro lado, a paciencia humana esgota-se, pois tudo tem limites, e a época convida ás aventuras, tão almejadas dos infelizes. De v. m. cidadão benemerito da patria,—Major *Ricardo Leão Sabino*, cavalleiro da imperial ordem do Cruzeiro, escrivão avulso ou sem cartorio. »

Foi completa a ruina. E teve o Major Sabino de abandonar a terra do seu insuccesso. Parou em Paranaguá, onde com o restinho de seu dinheiro comprou um troly e algumas bestas, empregando-se, com um filho, em transportar passageiros da marinha para Curityba, e vice-versa.

Afinal, pelo anno de 1881, veio para S. Paulo, onde estabeleceu-se como fabricante de bonecas. Mandou vir da Allemanha um sem numero de cabeças de porcellana, de varios tamanhos, com cabelleiras louras e negras e começou a fabricar bonecas. Elle mesmo fazia os pés e as mãos e os braços de madeira, a bico de canivete e fazia os corpos de panno cheio de serragem... Mas as bonecas sahiam desengraçadas e aleijonas, e as crianças não n'as queriam, nem para quebrar. Iam ficando nas lojas como *alcaide*, para um canto. Nem lhes valeu o nome de *bonecas separatistas*, que o fabricante improvisado lhes dera, consoante o movimento de *separatismo* que então agitavam alguns exaltados politicos paulistas.

O insuccesso de suas bonecas lembrou-lhe aproveitar algumas num pequeno theatrinho *Guignol* para crianças. A noticia do ruidoso successo que aqui alcançara o *João Minhoca*, com seu primitivo theatrinho de bonecos, dominou-o. E a idéa de fundar cousa semelhante em S. Paulo o conquistou inteiramente.

Escreveu varias pantomimas originaes, fabricou os personagens, com umas carantonhas caracteristicas, e não se enganou desta vez em suas previsões. O successo foi enorme. Todas as tardes o jardim em que armara a tenda se enchia de uma multidão de creanças que iam, a pequeno preço, ouvir as comedias do theatrinho, repetidas pelo Major Sabino em voz de falsete, escondido atraz das sanefas desbotadas de metim ordinario.

Mas ainda ahi nessa fagueira situação o antigo guerrilheiro não se soube contentar com sua modesta prosperidade. Ambicionou mais. Achou S. Paulo pequena platéa e, prelibando estrondoso successo, veio para o Rio de Janeiro. Montou no jardim do Polytheama, então já desoccupado pelo *João Minhoca*, o seu pequeno theatrinho.

Mas não se satisfez com a modesta installação do que primeiro explorara, com exito e proveito, o negocio.

Architectou uma confortavel construcção para seu theatro. Com alguns recursos, que havia conseguido ajuntar, obtendo o resto de emprestimo a um amigo, construio no Jardim do Polytheama uma pequena casa para abrigar o seu theatro e a platéa, que até então ficava tudo ao ar livre. Fez outras despezas e gastou mais do que podia. E justamente, parece que, depois da nova installação, o theatrinho já não tinha a mesma graça primitiva. O publico, que jamais faltára ao *João Minhoca*, começou a escassear, o aluguel do terreno não poude ser pago em tempo, e afinal tudo foi executado e penhorado para solução das rendas devidas.

E ficou novamente o Major Sabino de braços cruzados, arruinado e endividado, olhando, indeciso e desconsolado, o incerto futuro.

Lembrou-se então de se fazer dentista. Apezar de velho, matriculou-se na escola, estudou, tirou carta, montou gabinete, fez emfim tudo o que dependia delle para ser dentista. Mas, faltou-lhe o que dependia dos outros, aquillo que lhe era essencial para o ser; não teve clientes.

Convenceu-se afinal que seu destino era esse mesmo. Eterno desoccupado, em busca sempre do trabalho, do meio de vida, que lhe fugia sempre das mãos, para mais longe, como as inaccessiveis montanhas azues do horisonte, de nossas lendas selvagens.

Recolheu-se então a uma pequena casa que possuia em Santo Amaro, perto da cidade de S. Paulo e entregou-se á vida interior do pensamento.

Após longas meditações escreveu um opusculo de azedo pessimismo, o que chamou *Deus e Alma* (1) e onde reunio todas as suas desconsoladas observações sobre o mundo e os homens.

E entregue a essas mesmas cogitações ainda hoje vive em S. Paulo, cheio de achaques physicos, tropego, surdo e quasi cego, mas conservando ainda inalterados os dotes inestimaveis do espirito.

RODRIGO OCTAVIO.

Rio de Janeiro, Agosto de 1901.

---

(1) S. Paulo, *Typ. Industrial*, de S. Paulo, 1895.

TRAÇOS BIOGRAPHICOS

DE

Serranos illustres, já fallecidos

PRECEDIDOS
DE UM BOSQUEJO HISTORICO SOBRE A FUNDAÇÃO DA CIDADE
DO SERRO (MINAS GERAES)

**Offerecidos ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro
pelo socio correspondente**

NELSON COELHO DE SENNA

I

Reinicolas e paulistas formaram os primeiros povoamentos das Minas Geraes. Os colonos, fossem elles o simples aventureiro peninsular ou o bandeirante atrevido de São Paulo, ou fosse o emboaba pertinaz e avaro — portuguezes eram todos na lei, que os considerava vassallos de um só senhor.

Irmanavam-se os filhos da metropole e os nascidos na colonia do Brazil, quanto ao serem uns e outros subditos d'El Rei de Portugal.

Nunca tivemos estas gentes sem patria (*os heimathloses*), de que nos fala o douto Bluntschli, referindo-se aos que, na Constituição federal Suissa, se reputam homens de nacionalidade duvidosa.

Emparedada a colonia, para que estrangeiros não a visitassem (*hospes semper hostis*), cá se misturavam os

brancos, os pretos e os indios, aperfeiçoando-se a fusão cada vez mais, no mestiçamento dos tres elementos ethnicos, formadores do povo brazileiro actual.

Localisados nos povoados auriferos, nos arraiaes diamantinos, nos descobertos opulentos das Minas, os sertanistas em breve se consideravam filhos do torrão abençoado, que lhes proporcionava vida farta e regalada. Installavam-se ás carreiras, na cobiça das riquezas do solo; depois, deslumbrados com a opulencia da terra, ahi firmavam a habitação, esperançados de mais risonho porvir.

O *habitat* novo pedia o lar, este exigia o laço social da familia, e assim os portuguezes de ultramar e os naturaes de outras partes do Brazil, vindiços ás Minas, iam se naturalisando mineiros.

Nossas villas mais antigas, desde Villa Rica á Villa do Principe (Ouro Preto e Serro), desde Sabará á Paracatú, nos quatro pontos cardeaes das Minas, nos primeiros tempos do povoamento, iam tendo seus primeiros filhos illustres, uns adoptivos, outros natos, estes oriundos dos primeiros.

Por isso, nossas chronicas locaes enumeram quantidade de varões notaveis, em perfeito anachronismo com a data da fundação das primeiras descobertas, origens de arraiaes e villas futuras. Mas é que o bairrismo se accentúa em Minas, desde os primordios do povoamento.

O bandeirante Antonio Dias, Ouro Preto o adopta como o patriarcha de sua fundação; como Marianna tambem o fez com o sertanista Coronel Salvador Furtado. Assim tambem o Serro com seus primitivos descobridores e povoadores, aos quaes os chronistas coloniaes e posteriores passaram carta de «filhos do serro», fundando nesses ancestraes da familia Serrana os primeiros luminares da descendencia illustre da gente de *Hivituruhy*.

II

Não se extranhe, pois, que alinhemos neste modesto bosquejo de algumas biographias de conterraneos nossos, os nomes de Serranos natos e os de outros, que Serranos se tornaram pela adopção fervorosa da terra, que vieram

habitar. Alguns, pela actual divisão judiciaria e administrativa, teriam nascido em municipios e comarcas differentes do Serro; mas é que, do seculo 18.° até ás primeiras decadas do 19.°, a Comarca do Serro do Frio, com séde em Villa do Principe, abrangia territorio immenso, no qual viriam a se encravar hoje muitos e vastos municipios de Minas. Basta vêr que, ainda em 1830, a comarca do Serro comprehendia *Vinte e nove* (29) freguezias, todas povoações importantes, algumas hoje cidades, outras simples districtos de paz da nova e admiravel organisação municipal do Estado de Minas.

Dos innumeros sertanistas paulistanos e portuguezes, que percorreram a zona norte-mineira, depois submettida á jurisdicção dos ouvidores de Villa do Principe, nem todos acamparam no local da futura cidade serrana, ahi constituindo moradia. Alguns mesmo só rapidamente passaram pelo vasto territorio do Serro, entre as bacias dos rios Jequitinhonha e Doce: Sebastião Fernandes Tourinho, Jorge Dias, o padre Navarro (será mesmo o jesuita Azpilcuêta Navarro, como hoje se affirma?) — Antonio Dias Adorno, Marcos de Azeredo Coutinho e seus filhos Antonio e Domingos de Azeredo, com o padre Francisco de Moraes e os jesuitas Luiz de Sequeira e André dos Banhos... e tantos outros, são simples exploradores, que não permanecem no territorio. Mas outros já chegam dos fins do seculo 19.° em diante, e vão abivacando, em improvisados abarracamentos, com visos de se fixarem no paiz descoberto, nesse paiz do Serro do Frio, ou *Hivituruhy* dos gentios, assim chamado « por ser combatido de frigidissimos ventos, todo penhascoso e intratavel », diz Claudio Manoel, no fundamento historico do seu primoroso poema *Villa Rica*.

Chamam-se Antonio Soares, Antonio Rodrigues Arzão, Bartholomeu Bueno de Siqueira, Fernão Dias Paes, Coronel Francisco de Roboredo de Vasconcellos, Balthazar de Lemos e Siqueira, Manoel de Mattos Sotto Maior, Lucas de Freitas de Azevedo, Tenente Amaro dos Santos de Oliveira, Manoel Paes Barretto, Luiz Telles de Miranda, Jeronymo Rodrigues Arzão, Lucas Soares Moreno, Pedro de Miranda, Francisco Machado da Silva, Gaspar Soares... esses nossos bandeirantes, vindos de São Paulo para

explorarem o amplo paiz frigidissimo do Serro, onde brilhavam as verdes esmeraldas do Rio Doce, onde fulgia o bello ouro de Itapanhoacanga, onde scintillavam os limpidos diamantes do Tejuco. Alguns desses sertanistas já se localisam por essas paragens de Minas e ahi se estabelecem e formam familia no Serro, transmittindo aos descendentes os cognomes, que se encontram, frequentemente repetidos posteriormente em varias familias do Serro, no correr do seculo 18.°, como se póde vêr dos registros parochiaes e assentos ecclesiasticos de baptismos, casamentos e obitos da matriz da Villa do Principe.

Requerem sesmarias extensas de terras de cultura e de mineração; pedem honras e postos militares pelos serviços de exploração e descobertas auriferas; trazem de São Paulo e mais tarde da metropole as familias, para com ellas residirem no Serro do Frio.

Está feito o arraial das *Lavras Velhas do Serro*, que o governador Dom Braz Balthazar da Silveira erigio em Villa do Principe do Serro Frio, em 1714. O povoamento prosegue, sob felizes auspicios.

Lucas de Azevedo cresce em honras, é « Mestre de Campo do descobrimento das esmeraldas e mais pedras preciosas, na região do Serro Frio », « em attenção aos seus merecimentos e capacidade », diz a nova patente, que lhe passa o integro e severo Conde de Assumar, confirmando a anterior, que lhe fora dada por Dom Braz Balthazar da Silveira. Luiz Borges Pinto obtem de D. João V, em 1740, a patente de « Capitão-mór do Sertão do Sul e todas as vertentes do Rio Doce até o Rio Pardo, na comarca do Serro Frio ». Lourenço Henriques do Prado recebe de Dom Braz da Silveira a patente (1714) de Sargento-mór do Terço dos auxiliares do Itambé do Serro. Manoel Correia Arzão é confirmado pelo mesmo Governador (Abril de 1714) no posto de Capitão das Ordenanças da Villa do Principe e seu districto.

Os outros descobridores egualmente se adeantam em cabedaes e melhoria social, na nova terra. Da creação da Villa decorrem muitos beneficios; surge a vida municipal, com o Senado da Camara, que se installa, em 1715, sendo eleitos os primeiros vereadores pelo povo : Geraldo

Domingues (1.° Juiz), Jeronymo Pereira da Fonseca (2.° Juiz), Antonio de Moura Coutinho e Luiz Lopes de Carvalho, sendo Manoel Mendes Fagundes, o Procurador.

A propria africana Jacintha de Siqueira, annunciadora feliz do ouro a granel, no corrego desde então chamado *Quatro Vintens*, levantára a primeira rustica ermida catholica, onde hoje é a egreja da Purificação. Não tardariam os sacerdotes.

Vem o 1.° Vigario encommendado da Matriz serrana (cuja padroeira é N. S. da Conceição), o Padre Antonio de Mendanha Souto Maior, de certo parente da esposa do mestre de Campo Lucas, a distincta dama Dona Izabel de Mendanha Souto Maior. No tempo do padre Mendanha, era Vigario da Vara o rev. doutor Joseph de Crasto Couto, residindo tambem, no Serro, o padre Luiz Pinto de Almeida, em quem o Vigario da Vara delegava muitas vezes as suas funcções, na administração de sacramentos aos parochianos.

De fins de 1724 até 1776, por um longo periodo de 52 annos, exercera o parochiato de Villa do Principe, como 1.° Vigario collado, já o tendo sido antes da Vara, o padre Simão Pacheco, que alli fallece (18 de Janeiro de 1776). Bernardo da Fonseca Lobo, feliz aquinhoado da fortuna, com aquelles seixos brancos, usados no Tejuco como tentos de jogar (vide J. Felicio, no romance *Acayaca*), e que Lobo vem a saber que eram purissimos diamantes, tão valiosos como os que então vinham das remotas minas do Indostão, na Asia — obtem d'El-Rei D. João 5.º tenças, mercês e pensões, por ter annunciado á metropole as riquezas diamantinas do Tejuco.

Para Villa do Principe vae Lobo, com a patente honorifica de Capitão-mór da Villa, em sua vida, e com a propriedade do rendoso officio de Tabellião da Comarca do Serro do Frio, alem das vantagens feitas ás suas duas irmans, solteiras, no Reino, Maria e Margarida, ambas Nunes Machado de cognome. Isto em 1734.

A vida civil, as relações forenses se iniciam no Serro, deante dos togados vindos do Reino, eivados das tradições juridicas regalistas, ensinadas em Coimbra aos futuros magistrados coloniaes.

Os ouvidores geraes da comarca residem na Villa do Principe: o dr. Antonio Rodrigues Banha (1721), o dr. Antonio Ferreira do Valle e Mello (1729), dr. Simão Borges de Azevedo (1741), dr. Francisco Moreira de Mattos (1747), este o velhote empertigado em finos vestuarios, mas bonacheirão e tolerante, sem asperas demasias de autoridade para com seus jurisdiccionados como diz Felicio dos Santos, em suas nunca assás gabadas *Memorias do Districto Diamantino;* o dr. José Pinto de Moraes Bacellar (1753), o enfatuado verdugo de Felisberto Caldeira, o *Contractador*, a quem perseguio, com grave e escandalosa injustiça; o dr. José Pereira Sarmento (1759); o dr. Francisco de Souza Guerra e Araujo (1772), que foi tambem Intendente interino no Tejuco; o dr. Joaquim Manoel de Seixas Abranches (1780), que alem de Ouvidor Geral exercia as funcções de Provedor e Corregedor da comarca. Esses doutores, bachareis e licenciados em leis traziam á Villa noções de ordem, paz e justiça, apartando as discordias e removendo a anarchia dos primeiros tempos da occupação do solo.

Em 1811, a metropole (alvará regio de 6 de dezembro) creou mais uma magistratura togada na Villa do Principe, com o cargo de Juiz de Fóra, mantida a Ouvidoria, que ainda continuaria com o dr. João Evangelista Faria Lobato (1817), depois Senador do Imperio, até se extinguir com o dr. Antonio José Vicente da Fonseca (1821) e o dr. José Antonio de Siqueira e Silva (1826), os ultimos dous Ouvidores do Serro. Juiz de Fóra seria ainda o dr. Manoel Fernandes Corrêa Pinto (1825), cujo logar depois da Constituição do Imperio, passou a sêr exercido por Juizes Municipaes e de Orphãos, com dupla jurisdicção para o civel e crime na Comarca.

III

Os sacerdotes egualmente edificam a Villa com fecundos exemplos de cordura, virtudes e illustrações. O padre Dr. Joaquim Brandão (1782), afamado pregador, varão caridoso, intrepido e justo, no conceito de Felicio dos

Santos, nas citadas *Memorias*; o padre Francisco Rodrigues Ribeiro de Avellar (1817), deixam bemquistos nomes, como Vigarios.

Accresce que em Villa do Principe a sociedade é numerosa de gente branca, reinós e paulistas sobretudo, occupando os mais notaveis cargos de justiça e administração.

A metropole, attendendo á riqueza, extensão e povoamento da comarca, creára na séde desta (Villa do Principe) diversos logares, para o complicado funccionalismo colonial: o Ouvidor geral, o Provedor, o Intendente da fundição, o Juiz de Fóra, Tabelliães, Inquiridor do crime, Thesoureiro de ausentes, Meirinho geral, Meirinho do Campo, Alcaide municipal, Meirinho de ausentes, Meirinho da Almotaceria, Meirinho da Real Fazenda e os respectivos Escrivães da Ouvidoria, das Execuções, da Camara, da Provedoria, de Orphãos, havendo tambem os diversos escrivães dos Meirinhos, da Alcaidaria, e do Almotacé, alem do Porteiro dos Auditorios da comarca.

Ainda em Villa do Principe existia um Capitão-Mór com 22 companhias de ordenanças de homens brancos, 13 companhias de homens Pardos e 6 de Pretos, todas sob a jurisdicção militar do Capitão-mór. Isto só na séde, sem contar que na Comarca havia 2 regimentos de cavallaria auxiliar, o primeiro de 9 companhias, o segundo de 8, conforme se deprehende da *Memoria Historica da Capitania de Minas Geraes*, do Dr. Diogo Pereira de Vasconcellos, quando trata de *Villa do Principe*.

Dahi se infere a importancia da Villa, no seculo 18.° e mesmo nos primeiros decennios do seculo 19.°

Populosa, bem policiada, residencia obrigatoria de altas autoridades administrativas, judiciarias e militares, Villa do Principe era então como que a capital politica de todo o sertão norte-mineiro.

A instrucção limitada ás primeiras lettras e ás humanidades, nunca faltou aos Serranos, mesmo na época colonial, pois então o famoso *Subsidio litterario*, cobrado pela metropole aos vassallos do Brazil, dava para remunerar os inesqueciveis *Mestres Regios*, partidarios decididos e praticos do *convincente* systema pedagogico: *Litteræ non intrant sine sanguine*...

Em 1825, a Camara, então composta do Juiz de Fóra Dr. Manoel Fernandes Corrêa Pinto, como presidente, dos Vereadores Capitães Antonio José Gonçalves e Domingos Pereira Guimarães, Cadete José de Faria Machado, tendo como Procurador o Capitão José Ferreira Carneiro e como Escrivão Antonio Teixeira Ottoni — estipendiava os professores Francisco de Paula Coelho de Magalhães (de grammatica latina), Antonio Gomes Chaves (de primeiras lettras), havendo ainda outros professores notaveis, como o Padre Joaquim Gomes de Carvalho (optimo latinista), o poeta José Paulo Dias Jorge, José Joaquim Bento de Oliveira, Padre Marcos Vaz Mourão, espalhados na comarca, nessa epoca (1825).

Feita cidade a villa, pela lei mineira n. 93, de 6 de Março de 1838, restaurando-lhe a Assembléa Provincial Mineira o primitivo nome historico, a cidade do Serro desde então, com pequenas intercadencias de prosperidade, tem sempre decahido.

Sua legenda gloriosa de *mater* creadora do Norte de Minas, suas tradições brilhantes de civilisadora do sertão na vasta zona, onde correm os rios Jequitinhonha, Santo Antonio, Guanhães, os dous Correntes, os dous Suassuhys, o Doce, o Fanado, o Arassuahy; sua aureola inoffuscavel de ter sido berço de tantos Brasileiros illustres, nas letras e na sciencia, na Egreja e nas armas: são ainda os titulos de renome e valor, os brazões da velha *urbs* das « montanhas frias » de Minas.

Todavia, tomando a ideia de Pompeyo Gener, o illustre critico hespanhol, no seu soberbo livro *Heregias*, diremos que «é nossa convicção muito arraigada que se serve muito mais á Patria, apontando-lhe seus vicios fundamentaes do que adulando-a com frases já consagradas pelo uso.»

Ora, ao velho Serro cabe, sem malicia, a queixa do Dante á cidade florentina: *Parvi mater amoris*, sim... *mãe de pouco amor* para com os filhos que a extremecem. E' verdade tambem que outros filhos a tem profundamente esquecido, deslembrados de que lá no vetusto *Hivituruhy* corações maternos e peitos amigos soluçam por causa delles a perenne elegia das saudades sinceras...

IV

Claudio, o amoravel *Glauceste Saturnio*, na *Villa Rica* (1773) allude á chegada dos bandeirantes de São Paulo ao *Hivituruhy*, em varias passagens do poema :

> ... « E crêm que era chegado Fernão Dias,
> Amparado do engano, ás *serras frias*
> Destes sertões... »
>
> CANTO TERCEIRO.

Essas *serras frias*, onde as rispidas nortadas vindas do alto sertão agreste de Minas, faziam tiritar os sertanistas impavidos, e onde os cabeços dos montes se toucavam de nevoeiros frequentes, embaçando o horizonte largo e longinquo, com a balisa escura e desconforme do *Itambé* alteroso, guardavam valles riquissimos de pedras e metaes cobiçados...

> « E do Indo será menor a gloria,
> Quando vir apagar sua memoria
> Nas terras onde o solo iguala o dia,
> Do meu Jequitinhonha onde fria
> Sobre grossos canaes no alto erguidas
> As correntes do rio e divertidas
> Da margem natural, darão entrada
> A' industriosa mão, que já rasgada
> Uma penha, e mais outra faz que a terra
> Descubra aos homens o valor, que encerra.
>
> CANTO OITAVO.

E mais adeante o poeta, no mesmo *canto*, accrescenta outros versos, mostrando que, além do ouro e diamantes,

> « A's safiras azues produz a serra
> Do Itambé...»,

nesse rico territorio do distante Serro, onde se levanta outra Villa de Minas,... « que do Principe se canta », todas ellas

> « Ditosas povoações, que hão de algum dia
> Encher de lustre a lusa monarchia. »
>
> CANTO NONO.

Pois é ahi nesse alpestre recanto do Serro, cantado pelo maior e mais delicado dos poetas mineiros da éra colonial, que vamos travar conhecimento com bellos espiritos, muitos delles poetas de fino quilate, pelo estro expontaneo e meigo de suas lyras campesinas. Os manes de José Eloy Ottoni, José Paulo Dias Jorge, João Nepomuceno Kubitschek, Lucindo Filho, João Salomé de Queiroga..., saudosos poetas todos mortos, que não nos desmintam os gabos, ao commum torrão natal de veneravel ancianidade.

Pode-se dizer que, exceptuando a velha e gloriosa antiga Capital mineira (Ouro Preto), nenhuma cidade de Minas rivalisa com o Serro no numero de filhos illustres dados á Patria.

Escassos os informes, esparsos os dados e documentos, esta monographia se resentirá de um certo desalinhavo, peculiar aos estudos historicos do passado de Minas Geraes.

As fontes escriptas são opulentas, mas jazem esquecidas e desordenadas; muitas com estragos e extravios taes que difficil será dellas colher algum proveito; para classifical-as e trazel-as a um deposito carinhoso já temos em Minas, nos ultimos annos, um *Archivo Publico*, que reedita documentos importantissimos de nossa vida colonial, em bem cuidada *Revista*. Nas paginas desta, em curiosos documentos ahi pacientemente copiados e eruditamente annotados pelo respeitavel e velho pesquizador, Sr. Alferes Luiz Antonio Pinto (chronica viva, memoria feliz das tradições gloriosas da outr'ora Villa do Principe); nas magnificas *Memorias do Districto Diamantino* (do Tejuco, Comarca do Serro Frio) do fallecido senador federal, Dr. Joaquim Felicio dos Santos, com succulentos capitulos sobre a vida administrativa e politica do povo serrano, em geral; foram bebidas preciosas e seguras informações historicas para esta monographia, que estuda um dos mais opulentos capitulos da chronica do Serro Frio.

Ha alguma cousa mais, como a *Noticia da Villa do Principe*, escripta por Joaquim Gonçalves de Aguiar, e algumas notas dos finados José Marques de Oliveira, no *Almanack de Minas*, de Antonio Martins, anno de 1864, pags. 197 e 189, e professor José Coelho Tocantins de

Gouvêa, no n. 50 do jornal *Mensageiro*, alem do que Augusto de Sainte-Hilaire escreveu sobre o Serro em seus livros de Viagens (Vide *Voyage dans le District des Diamans et sur le littoral du Brésil, Tome Premier*, edição de 1833, pags. 85, 86 e 87).

A nossa *Memoria Historica e Descriptiva da cidade e municipio do Serro* (publicada em 1895, num folheto in-4°, de 22 paginas), com sêr muito deficiente e lacunosa, todavia enfeixou copia de factos e dados, muitos até então ignorados ou obscuros, sobre a terra serrana. Nas *Ephemerides Mineiras* do illustre e pranteado Xavier da Veiga, faltou referencia condigna á importancia do Serro, como Villa colonial ou cidade do Imperio.

Por conseguinte, ao tratarmos agora dos filhos illustres do Serro, dos já extinctos tão sómente, sem excepção para os vivos, por mais notaveis que estes o sejam, novas lacunas e deficiencias enxamearão, por certo, neste humilde esboço historico.

E' o caso: *Faciant meliora potentes*. .

V

Que se nos releve a menção dos saudosos e illustres Serranos, que agora vamos fazer — sem obediencia quer á seriação alphabetica, o que seria fatigante —, quer ás datas de nascimento dos biographados, para dispol-os, chronologicamente, como mais methodico fôra.

José Eloy Ottoni. — Nasceu no Serro, a 1° de Dezembro de 1764, sendo filho legitimo do fundador da Intendencia do ouro de Villa do Principe, Manoel Vieira Ottoni, descendente de genovezes, e de sua mulher D. Anna Felizarda Paes Leme, filha de paulistas.

José Eloy, tendo cursado a aula de latinidade, no visinho arraial do Tejuco (hoje Diamantina), quiz melhor se aperfeiçoar, no estudo das letras latinas em um bem reputado collegio do arraial de Cattas Altas de Matto Dentro, onde foi dado antes por Mestre eximio que por discipulo, no convivio dos classicos.

Sentindo-se com pendor para as bellas letras, conseguio José Eloy seguir para a capital do Reino, onde os seus creditos de mavioso poeta foram logo bem cotados, seguindo depois para Roma, onde teve longa estada, peregrinando tambem pela Italia. Dahi voltou a Portugal, com tenções de regressar ao Brazil, obtendo então a nomeação de professor de latim para a villa de *N. S. do Bom Successo do Fanado* (hoje cidade de Minas Novas), onde se casou com uma sua parenta, D. Maria Rosa do Nascimento Ottoni, filha do Coronel Manoel José Esteves.

Depois de residir alguns annos em Minas Novas, José Eloy resolveu nova viagem para Lisboa, onde a illustre poetisa Marqueza de Alorna (conhecida tambem por Condessa de Oyenhausen) muito o protegeu e o recommendou a seu genro, o Conde de Ega, então embaixador portuguez em Madrid, para onde foi José Eloy como secretario de legação, em 1807, por occasião da invasão franceza em Portugal com as hostes de Junot. Desgostoso do cargo diplomatico, José Eloy se retirou de Madrid para o Reino e dahi para a Bahia (1808), onde ficou algum tempo protegido pelo então governador Conde dos Arcos. Passou-se em seguida ao Rio de Janeiro, de onde, sempre anciando por melhor collocação, voltou a Lisbôa 3ª vez em 1821, anno em que Minas o elegeu deputado ás Cortes Constituintes de Lisbôa, mas não tomou nellas assento, por lhe ter chegado tarde o diploma e ter-se declarado a independencia do Brazil.

Baldo de recursos para voltar ao Brazil, esteve José Eloy em Lisboa até 1825, depois da sua terceira viagem ao Reino ; e em fins desse anno, regressando ao Rio, obteve definitiva collocação no cargo de official da Secretaria de Marinha, o qual exerceu até morrer, vivendo sempre longe da familia, tendo por unico consolo os seus trabalhos de poesia religiosa.

O renome poetico de Eloy Ottoni provém dos seguintes trabalhos, em muito dos quaes reponta a inspiração mystica da poesia religiosa, para a qual se voltou elle inteiramente no fim da vida, como nas lindissimas glosas e traducções — que fez do latim da *Vulgata* — do *Miserere* e do *Stabat Mater* ; no *Livro de Job traduzido em verso*, em

tercetos hendecasyllabos; na *Paraphrase dos Proverbios de Salomão em verso portuguez*, em quadras octosyllabas. Outro trabalho de José Eloy, infelizmente desapparecido, é a traducção das *Georgicas* de Virgilio, para versos portuguezes. A *Paraphrase* foi impressa, em 1815, na capital da Bahia, na typographia de Manoel Antonio da Silva Serva; e reimpressa no Rio de Janeiro, em melhor edição, em 1841; e a admiravel traducção do *Livro de Job* foi publicada, em 1852, no Rio de Janeiro, em edição hoje rarissima, pelo conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, com um prefacio biographico sobre o poeta por seu sobrinho o Dr. Theophilo Benedicto Ottoni, sob o titulo: *Noticia historica sobre a vida e poesias de José Eloy Ottoni*, escripta em 1851, e publicada com aquella traducção do *Livro de Job*.

Ainda ha de Eloy Ottoni um *Drama allusivo ao caracter e talentos de Bocage*, onde se vê que o estylo poetico de Ottoni se resente de uma certa influencia bocagiana. E em geral póde-se com franqueza dizer da poesia de José Eloy que ella nenhum cunho nativo da terra brazileira teve. O poeta, como bem salientou o Sr. Dr. F. Badaró, no seu *Parnaso Mineiro*, se esqueceu do Brazil, «escrevendo epitaphios e epithalamios, aquelles em latim, estes em oitava rima portugueza, trescalando sempre a lusitanismo. Lingua, costumes, tradições, tudo elle esqueceu para identificar-se com Portugal».

Sylvio Roméro acha que José Eloy é o patriarcha dos novos poetas brazileiros, e que dentre os lyricos é o que mais suavidade romantica tem. Diz mais que o poeta compoz carmes patrioticos sobre a aspiração politica dos Brazileiros de se separarem de Portugal; mas acha que José Eloy foi mais um crente do que um revolucionario. Vide *Historia da Litteratura Brazileira*, 1° volume.

Desde a volta de Eloy ao Brazil, em 1825, anno em que se empregou na Academia de Marinha, não abandonou jámais o convivio dos classicos de nossa bella lingua, em que foi eximio escriptor, até a data de sua morte, no Rio de Janeiro, em 3 de Outubro de 1851, aos 87 annos de edade. Está sepultado no cemiterio de S. Francisco de Paula o notavel poeta Mineiro, filho de que muito se

orgulha o Serro, porque José Eloy, como disse um seu biographo, «é um desses homens que têm o poder de illustrar seu berço e de realçar a patria,» embora — ajuntamos nós — pouquissimo houvesse elle amado ao torrão serrano.

José Paulo Dias Jorge. — Apreciado poeta, nasceu no Serro, e, em 1825, era professor de latinidade, no arraial do Rio Preto, hoje municipio e comarca de Diamantina.

De José Paulo, nada mais podemos saber. Delle ficou uma *Descripção das Festas no Tejuco, por occasião da acclamação de D. Pedro 1°, em 1822*, publicada no tomo 4° da *Rev. do Arch. Publ. Mineiro.*

Geraldo Pacheco de Mello. — Nasceu no arraial de Santo Antonio do Itambé do Serro (municipio do Serro Frio); era ourives e mechanico habil e pelos seus conhecimentos nessas artes concebeu e levou a effeito o fabrico e montagem de um prelo, onde editou o *Liberal do Serro*, pequena folha apparecida em 1831, no Itambé (7ª localidade de Minas Geraes, que, na ordem chronologica, possuio uma imprensa).

Esse novo Guttemberg serrano era um ardoroso patriotico e discipulo das idéas politicas de Theophilo Ottoni; verdadeiro genio, na mechanica, Geraldo de Mello nunca vira machinas nem typos de imprimir, pois jámais sahira do obscuro arraial onde vivia, junto ás escarpas alterosas da serra do Itambé. Quasi ao mesmo tempo em que Geraldo de Mello cogitava de montar um prelo no Itambé, fundindo ás peças para a machina de impressão e os typos de composição, embora não tivesse a menor noção de arte typographica, no arraial do Tejuco (então sujeito á jurisdicção de Villa do Principe) dous outros patriotas, o habil ourives Manoel Sabino de Sampaio Lopes e o joven João Nepomuceno de Aguillar tratavam do mesmo objecto, isto é, montaram prelo e fundiram typos, com os quaes imprimiram o semanario *Echo do Serro* (1828).

Doutor Pedro Caetano Sanches de Moura. — Este filho do Serro, fallecido a 20 de Agosto de 1900, na

sua cidade natal, para onde viera desde 1837, data de sua formatura, na Faculdade de Direito de S. Paulo, nas primeiras turmas de bachareis, no Brazil, era um vigoroso espirito, já como eminente jurisconsulto, já como homem de letras, versado no convivio dos classicos latinos e gregos, quasi um polyglotta, sabedor que era de numerosos idiomas (latim, grego, francez, italiano, allemão, inglez, hespanhol...).

Antigo politico conservador, foi deputado provincial na Assembléa Mineira (legislatura de 1844-45), tendo sido tambem Juiz Municipal no Serro, ha muitos annos, o Dr. Pedro Caetano (o *Nestor Brazileiro*, como já o chamavam), abandonou a politica e a magistratura, entregando-se sómente ás lettras e á sciencia do Direito, vivendo afastado dos homens e do bulicio da cidade, na sua aprazivel chacara, do *Pasto Padilha*, em um arrabalde do Serro. O povo já pittorescamente o chamava, o « Dr. Pedro da Chacara ». Legou quasi toda a sua fortuna ao hospital da Santa Casa de Caridade do Serro, que lhe fez pomposos funeraes. Era condecorado com o officialato da ordem da Rosa, no antigo regimen.

Padre José Jacintho Nunes. — Benemerito e virtuoso sacerdote serrano, ha annos fallecido; foi um dos fundadores da Santa Casa da Caridade, com o illustre medico Doutor Vieira de Andrade.

General Antonio Ernesto Gomes Carneiro. — Nasceu no Serro, a 28 de Novembro de 1846, sendo filho legitimo de Mariano Ernesto Gomes Carneiro e Dona Maria Adelaide Gomes Carneiro; morreu a 9 de Fevereiro de 1894, na cidade da Lapa, estado do Paraná, com 47 annos e quasi dous mezes de idade. Morreu commandando os soldados legaes sitiados na Lapa pelas forças revolucionarias rio-grandenses, commandadas por Gumercindo Saraiva. Um dia antes da sua morte, o Governo Federal o promovera de Coronel do Corpo de Engenheiros militares ao posto de General de Brigada, por actos de bravura em combates. O decreto que o promoveu tem a data de 8 de Fevereiro de 1894 e está assignado pelo marechal Floriano

Peixoto e general Bibiano Costallat, este ministro da Guerra e aquelle Vice-presidente da Republica. Em 1856 ainda na tenra idade de 10 annos, foi Gomes Carneiro cursar o Seminario de Diamantina (cidade visinha a sua terra natal); em fins de 1858 sahio de Diamantina e quando contava 17 annos sua familia o levou para Curvello (cidade mineira que em vão disputa ao velho Serro a gloria de ter sido o berço natal do General Carneiro). No Curvello permaneceu Gomes Carneiro até sua ida para o Rio de Janeiro, afim de seguir a carreira das armas, que era constante anhelo seu; no Curvello exercera a modesta profissão de caixeiro de pharmacia, ao mesmo tempo que continuava a estudar latim, portuguez e outras materias, com o padre Francisco Martins do Rego, seu professor. Chegado a então Capital do Imperio, e não conseguindo de prompto sua matricula, na Escola Militar, Gomes Carneiro passou a seguir (1863) o curso de humanidades no velho e abalisado mosteiro dos Benedictinos. Depois veio aquelle affrontoso repto do tyrano paraguayo, a cujos insolitos e traiçoeiros ataques respondeu o Brazil com a potente voz de ferro dos canhões; data de então a brilhante carreira de Gomes Carneiro, que partiu para o Paraguay como simples soldado do 1° corpo de Voluntarios da Patria, organisado na Côrte. Até conquistar os postos de 1° sargento e alferes por bravura, tendo sido ferido em combates, ficou Carneiro naquelle Corpo, sendo transferido depois para o 23° de Voluntarios Mineiros. Finda a guerra, voltou ao Brazil e, em 1872, se matriculou na Escola Miltar o já alferes do exercito Gomes Carneiro, que foi promovido por estudos aos postos de tenente (1875) e de capitão (1877); por merecimento obteve as promoções de major (1887), tenente-coronel (1890) e coronel (7 de Abril de 1892). Na sua turma era considerado o melhor alumno da Escola Militar e seus proprios collegas faziam delle o mais alto conceito. Os Congressos Legislativos dos Estados do Paraná e S. Paulo (este pela lei de 21 de Agosto de 1894) mandaram levantar o primeiro, um monumento na cidade da Lapa, e o segundo uma estatua na Capital paulista, perpetuando o heroismo e valor do distincto general serrano, que morreu como um bravo, em serviço e defesa da causa

que julgava ser justa e legal. Em Minas, no ramal ferreo de Bello Horisonte, a mais bella estação tem o nome de *General Carneiro*, a quem o Congresso Mineiro, pela lei n. 170 de 3 de Setembro de 1896, mandou que se levantasse, opportunamente, uma estatua na Nova Capital. Da estada de Gomes Carneiro, no Curvello, por alguns annos, é que provem o engano de muitos escriptores, que julgam, erradamente, ser essa cidade mineira e não a legendaria Villa do Principe (Serro) o berço de nascimento do valente militar. Como triste coincidencia do destino, notaremos que Gomes Carneiro, nascido no Serro (outr'ora Villa do Principe), foi morrer justamente nessa outra Villa do Principe, como antes se chamou a cidade da Lapa (no Paraná), nos tempos coloniaes!

Desembargador João Salomé de Queiroga. — Este notavel poeta e jurisconsulto, filho de S. Gonçalo municipio do Serro, era formado pela Faculdade de S. Paulo, e falleceu, repentinamente, em Ouro Preto, onde era Juiz de Direito, a 25 de Agosto de 1878, já quasi septuagenario, pois nascera em 1810.

Tendo seguido a magistratura, Salomé era Juiz de Direito da comarca de Ouro Preto e estava nomeado desembargador para a Relação de Pernambuco, quando a morte o colheu de subito. Em São Paulo, estudava direito com seu irmão Antonio Augusto, outro poeta e ambos fundaram um gremio literario, a *Sociedade Philomatica* (1829). Ahi começou elle a compor poesias de um pronunciado sabor nativo, com um sainête agreste e campezino, tocado ás vezes de um delicado lyrismo pessoal. Nos *Arremedos* estão suas poesias primitivas e tambem no *Canhenho*. Nunca abandonou as musas, que lhe foram grato consolo na velhice, na qual conservou sempre a veia humoristica, ás vezes rude demais. Mineiro dos velhos tempos, simples e franco, Salomé de Queiroga se destacava muito das novas gerações pelos seus habitos e estylo. Sem ser um genio, seu estro era inspirado; elle mesmo se intitulou o *Poeta das brenhas*, procurando vasar no verso os costumes e as lendas sertanejas, contribuindo assim para o melhor conhecimento e divulgação do opulento *folk-lore* mineiro.

Suas poesias ficaram, em grande parte, colleccionadas em dous livros: *Canhenho de Poesias Brazileiras*, 1870 (edição da casa Laemmert) e *Arremedos ou lendas e Cantigas Populares*, 1873 (typographia *Perseverança*, Rio), além do que deixou em jornaes mineiros e do Rio, notadamente em periodicos de Diamantina (*Jequitinhonha*, *Monitor do Norte*, *Voz do Povo*...) e na *Actualidade*, do Rio de Janeiro. Publicou em 1871 um romance *Maricota e o padre Chico, Lendas do Rio São Francisco*, desenrolando-se a acção atravez de scenas do sertão, com natural pintura de usos e costumes da gente ribeirinha ao grande rio norte-mineiro. Explorou tambem no verso algumas lendas mineiras, como o *Menino Diabo*, *O Irmão Lourenço*, *A Lavadeira do Lucas*.

Senador Christiano Benedicto Ottoni. — Este venerando serrano, que nasceu em Villa do Principe, a 17 de Maio de 1811, era irmão do grande Theophilo Ottoni e filho do mesmo leito conjugal de que este proviera. A 18 de Maio de 1896, com 85 annos de idade completos, falleceu no Rio de Janeiro, no Hotel Victoria, ás 10 1/2 horas da noite, o velho Senador federal por Minas, cujo nome representa um emblema de civismo e labor. Christiano não herdou de seu tio José Eloy a veia poetica, nem seguiu ao irmão Theophilo, na ardorosa pugna partidaria. Mais homem de gabinete, espirito aferrado ao calculo e ás sciencias exactas, sahiu bem joven do Serro para cursar a antiga Academia de Marinha, onde, findo o curso, e fazendo parte da Armada, chegou a obter os galões de capitão-tenente, posto em que se reformou, exercendo desde então o magisterio. A velha capital de sua provincia natal (Ouro Preto) o teve como professor de mathematicas elementares, curso que elle depois leccionou na Escola Naval, até 1855, escrevendo obras didaticas sobre algebra e geometria que ficaram classicas no Brazil, onde muitas gerações de estudantes por ellas aprenderam. Depois do magisterio vem a engenharia absorver a forte mentalidade de Christiano Ottoni, que é o creador genial, o executor tenaz desse admiravel traçado da hoje Estrada de Ferro Central do Brazil, nos seus primeiros trechos do Rio á Barra do

Pirahy, pela famosa região dos tunneis, da Serra do Mar para o interior do paiz. Uma estação mineira da antiga via ferrea D. Pedro II, situada entre Queluz e Barbacena, conserva o nome do energico e tenaz vencedor das resistencias moraes e materiaes, que antecederam a construcção desse colossal caminho de ferro brazileiro. Como politico militante, nas fileiras do antigo partido liberal, Christiano representou o então 3° districto de Minas, na Assembléa Geral, em varias legislaturas (1848, 1861-63, 1867-68) até que, em 1879, deixou de ser deputado geral para tomar assento na nossa antiga Camara Alta, como Senador do Imperio, pela provincia do Espirito-Santo, que o elegera. No Senado do Imperio, onde esteve dez annos, o apanhou a Republica, em 1889, devendo alli voltar em 1892, investido do mandato de Senador federal por Minas Geraes, que havia de representar até sua morte. Homem de estudo antes que tribuno politico, o velho Christiano teve sempre uma palavra convincente servida por um estylo claro e exacto.

Além de seus trabalhos sobre mathematica e assumptos economicos, politicos e sociaes, deixou alguns opusculos: *O Futuro das Estradas de Ferro no Brazil*, *Vida de Theophilo Ottoni* e *Biographia de Dom Pedro Segundo*.

Dr. Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá.—Este sabio naturalista, senador do Imperio, no 1° reinado, antigo Intendente dos diamantes no Tejuco, nasceu no arraial de Itacambirussú, então pertencente á comarca do Serro Frio e ao termo de Minas Novas do Fanado, e hoje districto do municipio norte mineiro de Grão Mogol. Formado em leis e philosophia pela Universidade de Coimbra, em 1788, aos 26 annos de idade, pois nascera no correr do anno de 1762; diplomado em engenharia e lavra de minas pela escola de minas de Fiedberg (Allemanha), onde foi discipulo do sabio Werner, tendo então percorrido os centros mais cultos da Europa, em companhia de outro sabio e seu collega, o grande brazileiro José Bonifacio de Andrada e Silva; Camara já estava no Brazil, ao começar do seculo 19°, sendo nomeado Intendente dos diamantes em 1807, eleito deputado geral por

Minas á Constituinte Brazileira, em 1823, escolhido Senador do Imperio, por D. Pedro I, em 1826 (22 de Janeiro), tendo tomado assento no Senado em 29 de Abril do anno seguinte, e havendo sido um dos redactores da Constituição do novo Imperio. Camara foi tão erudito homem de sciencia quanto austero parlamentar e politico de largas vistas. Era membro das Academias Reaes de Sciencias de Lisboa, Stockolmo e Edimburgo; amigo de sabios, que o respeitavam, delle fallando com louvor o bavaro Dr. Carlos Frederico von Martius, o francez Auguste de Saint-Hilaire, o allemão barão Guilherme Von Eschwege, o inglez John Mawe, os quaes, em suas obras tão conhecidas, narram a prodigiosa actividade, o alto preparo mental do Dr. Camara, a quem visitaram no *Tejuco* (hoje Diamantina), quando elle era Intendente do Districto Diamantino, cargo que o sabio serrano soube nobremente desempenhar, adoçando quasi sempre o rigor das leis da metropole, como bem pondera um de seus melhores biographos, o fallecido senador Dr. J. Felicio, nas *Memorias do districto diamantino.* Falleceu o Dr. Camara na Bahia, aos 73 annos de edade, a 13 de Dezembro de 1835, depois de haver prestado grandes e inolvidaveis serviços ao Paiz, em geral, e á zona d'onde era filho. Dentre os illustres Brazileiros, que hão brilhantemente figurado no scenario politico e scientifico da Patria, nenhum excede em talento e serviços ao Dr. Camara. Deixou varias memorias e opusculos sobre assumptos de mineralogia: *Ensaio de descripção physica e economica da comarca dos Ilhéos* (Bahia); *Observações sobre o carvão de pedra que se encontra na freguezia da Carvoeira* (Portugal); *Memoria sobre as Minas de chumbo e prata e sobre a fundição do ferro por um processo novo* (processo que elle chegou a ensinar, montando fornos de fundição, no arraial de N. S. do Morro do Pilar do Gaspar Soares, hoje municipio de Conceição do Serro, e donde elle levou ao Tejuco na distancia de 25 leguas, as primeiras barras de ferro fundido no Brazil, com grandes festas, cuja descripção se encontra no jornal de então: *Investigador Portuguez*) escreveu ainda varias *Memorias* de agricultura e industria agricola, sobre o cultivo e preparo da araruta, fumo, cacáu, algodão e especiarias (canella, gen-

gibre, cravo, etc.), tendo-se perdido sua grande obra inedita *Tratado de mineralogia no Brazil*. Homem completo, conhecedor de varias linguas, por elle falladas, correntemente, muito viajado, de genio vivo, acção rapida, despida de formalismos legaes e de temperamento irritadiço e, ás vezes, violento (exemplo o martyrio do negro *Isidoro, o garimpeiro*), Camara mereceu de seus biographos anteriores (o Dr. J. Sigaud, o senador J. Felicio e o Dr. Sylvio Roméro) elogios e censuras, aquelles em maior porção que estes. Queremos com razão suppor que o Dr. Camara tenha sido até agora o talento mais extraordinario, o espirito mais lucido, a mentalidade melhor preparada dentre os filhos de Minas Geraes. No seu tempo, nenhum outro brazileiro lhe foi superior nos varios departamentos da intelligencia, mesmo que nos refiramos aos mais illustres (José Bonifacio, Cayrú, o bispo Coitinho, Frei Velloso, José Feliciano, Vasconcellos, Vieira Couto, Accioli...). Estrangeiros do quilate de Saint-Hilaire endossariam tal conceito sobre Camara, figura extraordinaria na nossa historia intellectual e politica.

Dr. Flavio Farnese da Paixão Junior.—Nasceu no Serro, em data que ignoramos, mas, provavelmente, entre os annos de 1835-37, e falleceu no Rio de Janeiro a 6 de setembro de 1871. Formado em direito pela Faculdade de São Paulo, em 1856, antigo deputado geral pelo 4º districto de Minas, na legislatura de 1867-68, redactor do famoso orgão liberal *Actualidade* (de 1858-64), na antiga Corte, ao lado de correligionarios seus, como os Drs. Lafayette Rodrigues Pereira, Bernardo Guimarães e Pedro Luiz. Mudando de idéas, Flavio Farnese abraçou o deal democratico e foi um dos intemeratos fundadores do jornal *A Republica* (1871), no Rio, ao lado de Quintino Bocayuva, Aristides Lobo e outros. De 1862 a 63, Flavio foi um dos redactores do periodico de propaganda *Le Brésil*, em francez, destinado á circulação na Europa, como meio de tornar melhor conhecido o nosso paiz, no estrangeiro. Poeta modesto, polemista de valor e escriptor correcto, eis Flavio Farnese, que, dotado de poderosas qualidades intellectuaes, era todavia um organismo phy-

sicamente condemnado á breve existencia, tão franzino, pallido e debil era o seu corpo.

Dr. Lucindo Pereira dos Passos Filho.—Era filho legitimo do illustrado medico mineiro Dr. Lucindo Pereira dos Passos (de Marianna) e D. Maria Salomé Perpetua (de Diamantina). Mais conhecido por Lucindo Filho, no mundo das letras, esse saudoso poeta mineiro era filho do Serro e não de Diamantina, como dizem alguns de seus biographos. Alli nasceu a 16 de agosto de 1847, quando seu pae, o Dr. Lucindo Passos veio de Diamantina já casado, clinicar no Serro; e falleceu na cidade fluminense de Vassouras, onde residia, a 30 de Junho ou 1.° de Julho de 1896. Habilissimo medico, formado pela Faculdade do Rio de Janeiro, esteve como medico do exercito (1869-70), no ultimo anno da guerra do Paraguay. Deixou varios trabalhos de sua sciencia profissional: *Dos vomitos rebeldes na prenhez* (1870), *Um monstro acephaliano*, *Tratamento das febres pelo bromhydrato de quinina*; *Hygiene Publica*, *Prophylaxia da variola* (1886); *Hygiene Popular dos Banhos* (1876); *Hygiene dos cemiterios urbanos* (1896). Sua bagagem literaria é maior e consta de varios opusculos, sendo alguns delles primorosas traducções dos classicos latinos: *O Visconde de Araxá* (notas biographicas — 1882); *Virgilianas* (1884), *Quatro poemetos de Longfellow* (1882); *Novas Virgilianas* (1888), *Estudos da Lingua Portugueza* (1890) e *Flores Exoticas* (1899), livro posthumo de versos, que ainda maior brilho accrescenta ás laureas, que em vida já obtivera o illustre parnasiano. Jornalista amestrado, no *Vassourense*— semanario por elle fundado, em 1881; musicista habilissimo, latinista invencivel, clinico estudioso, poeta e critico, esse mestiço rivalisou em talento com Tobias Barreto, Dr. Caetano Lopes de Moura, padre José Mauricio, André Rebouças e outros brazileiros eminentes de côr parda, como elle. Morreu pobre, tendo sido sempre um bom e um abnegado, despido de ambições e vaidades.

Dr. Joaquim Vieira de Andrade. — Medico pela Faculdade do Rio de Janeiro, este benemerito serrano,

ligado pelo sangue aos Ottoni, era o prototypo da caridade na nobre sciencia, em que foi profissional tão eminente quanto respeitado. Fundador da Santa Casa do Serro, deputado provincial, varias vezes, e geral, pelo antigo 18º districto, na legislatura de 1881-84, sempre eleito pelo partido liberal, Vieira de Andrade foi um lucido espirito, digno de outro fim, que não o triste acabamento mental, em que se finou! Morreu louco, depois de atrozes 7 annos de perda da razão, no Hospicio de Alienados da cidade de S. João d'El-Rey, em 26 de Fevereiro de 1897. A elle se refere o illustrado escriptor, filho de Minas, Dr. Affonso Celso — que foi seu collega na Camara Geral — nos *Oito Annos de Parlamento*, pags. 182 a 184, nos seguintes termos: « Joaquim Vieira de Andrade, igualmente do interior de Minas e medico de primeira ordem, caracterisava-se pelo excessivo escrupulo no desempenho das suas obrigações — verdadeira monomania do dever. Exageradamente religioso, caritativo e casto, incapaz de um juizo temerario e de uma proposição menos segura, gastava o subsidio em esmolas, ou o remettia á Mãi, reservando para si apenas a quantia indispensavel á alimentação, vestuario e transporte.

Nunca faltou a uma sessão. Sentava-se na bancada estrictamente á hora regimental e só se levantava, findos os trabalhos. Nem para attender a quem o procurava ou para satisfazer necessidades physicas, arredava pé do seu logar, o que lhe prejudicava a saude. Estudava todos os projectos, ouvia todos os discursos, votando sómente depois de acurado exame de consciencia. Confessava-se de semana em semana e assistia á missa quotidianamente.

Cifrava-se seu divertimento unico em ir de quando em quando, ao theatro lyrico. Conhecedor profundo de musica, seguia na partitura a opera cantada, indignando-se si supprimiam ou modificavam algum trecho.

Dava consultas clinicas a dezenas de collegas, antes de principiar a sessão, sempre prompto a prestar serviços desde que não preterisse assim a fiel execução do que lhe competia. Typo de austeridade, virtuosissimo, para elle a deputação importava em arduo sacrificio. Morreu doido. » — Em todo o norte de Minas, ainda hoje se lamenta, com

lacrimosas saudades, a morte do Dr. Andrade, verdadeiro e abnegado apostolo de Hypocrates, protector desvelado dos pequenos e desamparados da sorte.

Dr. Joaquim Felicio dos Santos. — Este notavel jurisconsulto, irmão do 1º bispo de Diamantina, autor dos *Apontamentos para o Codigo Civil Brazileiro* (1881), primoroso chronista da era colonial mineira (*Memorias do Districto Diamantino*, 1864), prosador e romancista notavel (*Historia do Brazil no anno de 2.000, Acayaca...*) nasceu na cidade do Serro, que o teve como um de seus mais gloriosos filhos. Falleceu a 21 de Outubro de 1895, com 71 annos de edade, na fabrica do Biribiry, (burgo industrial fundado pela familia Felicio dos Santos) a 2 leguas da cidade de Diamantina (districto de S. João da Chapada), pelas 10 horas da manhã, sendo o seu passamento lamentado como uma perda nacional. J. Felicio estudou os preparatorios, antes de ir para S. Paulo, no collegio de Congonhas do Campo. Eleito senador federal por Minas, Joaquim Felicio desde 1891 tinha assento no mais alto corpo legislativo da Republica por cujos principios elle se batera, a descoberto, no seu jornal semanario, *Jequitinhonha* (1860-68), em Diamantina, onde então advogava, depois de formado (1850) em leis pela Faculdade de S. Paulo.

Advogado e jornalista desde que, formado, se estabelecera em Diamantina, Felicio foi, em 1864, eleito deputado geral pelo partido liberal, que então subira ao poder. Na jurisprudencia, J. Felicio deixou muitas monographias, pareceres e consultas sobre direito civil, principalmente. O *Projecto do Codigo Civil*, que elle apresentou ao Governo Imperial, em 1881, e do qual a Commissão dos 21, encarregada de rever o Projecto Clovis (1901) tirou valiosos subsidios, como me confessou o illustre parlamentar, Dr. Alfredo Pinto, consta de 5 volumes e representa aturado e laborioso esforço de Felicio, que, em solitario pico da serra do alpestre Biribiry, no chamado *ninho da aguia*, em estreita guarida, ia escrever seus trabalhos juridicos, longe do bulicio dos homens, ouvindo, já amortecidos, o estridor das machinas das fabricas do Biribiry e o escachoar das aguas do rio, que corre, enca-

choeirado, ao sopé da serra. Penna primorosa e erudita, na sua bagagem litteraria encontramos os seguintes romances: *Os Invisiveis*, *Fragmentos de um manuscripto*, *Braz*, *O Capitão Mendonça* (Scenas da vida de um garimpeiro) e o já citado livro *Acayaca*; estudo romantico-historico dos homens e costumes do Tejuco, nos primeiros e ricos tempos coloniaes. No genero propriamente da chronica e da historia de Minas, J. Felicio escreveu as *Memorias do Districto Diamantino*, a que já me referi, e reputado o melhor trabalho dentre os congeneres, pelo Sr. Dr. Sylvio Roméro, um competente na critica literaria, entre nós; publicou mais a *Historia do anno de 2.000*, trabalho critico-humoristico e historico sobre o Brazil e em que o seu estylo imaginoso e ironico aponta durissimas verdades sobre o antigo regimen e costumes politicos do nosso paiz. No mesmo estylo mordaz e leve, deixou a satyra *O Inferno* e a comedia *O Intendente de Diamantes*, sendo verdadeira pena que estejam ainda ineditas varias obras de Joaquim Felicio, sem duvida uma das maiores e mais geniaes cabeças, dentre as pleiades de varões insignes que Minas tem dado á Patria Brazileira. Modesto em extremo, de pouco convivio com os homens, apostolo intransigente da idéa democratica, Joaquim Felicio viveu quasi que sempre entre os carinhos da familia illustre, que deixou, e as suas estantes de sabio, no agreste e pittoresco recanto industrial do Biribiry. E' talvez o filho mais illustre da velha cidade do Serro, pela omnimoda manifestação de seu espirito culto e erudito.

Theophilo Benedicto Ottoni. — Era serrano, sobrinho de José Eloy Ottoni, e filho legitimo de Jorge Benedicto Ottoni e Dona Rosalia Benedicta Ottoni, tendo nascido em Villa do Principe, a 27 de Novembro de 1807. Em 1826, foi se matricular na Academia de Marinha, do Rio de Janeiro, e de lá sahiu com o posto de guarda-marinha, em 1828, tendo obtido sempre as melhores notas no curso e causado admiração aos mestres pelo seu talento em mathematicas.

O chefe de esquadra José de Souza Corrêa, seu mestre, delle dizia: « estudantes, como este, honram os professores e a propria Academia ».

Regressando ao Serro, em fins de 1829, ahi se entregou ao jornalismo politico, como partidario do liberalismo radical, fundando a celebre *Sentinella do Serro* (1830), cuja linguagem exaltada deu origem a disturbios, no Serro, em 6 de Abril de 1831 — echos longinquos das *garrafadas de março*, no Rio de Janeiro.

Bem creança ainda, aos 15 annos, já Theophilo Ottoni compunha, na terra natal, poesias patrioticas, que bem revelavam o pendor de seu genio e a sua vocação politica.

Do Rio já collaborava em jornaes politicos do tempo, a *Astréa* (de São João d'El-Rei), e o *Echo do Serro* (do Tejuco) ; e na antiga Côrte militou no Club secreto dos *Amigos Unidos*, francamente revolucionario.

Foi deputado provincial de 35 a 37, na 1ª legislatura da Assembléa Provincial Mineira, e na 2ª de 1838-39, na 4ª legislatura de 1842-43 ; ao lado de Bernardo de Vasconcellos, na 1ª Assembléa Provincial Mineira, Theophilo ajudou enormemente a se organisarem os multiplos serviços da provincia, no ponto de vista administrativo. Liberal-democrata, todos os movimentos politicos do fim da Regencia ao 2º reinado o vêm á sua frente. Na Camara Geral, foi liberal-democrata, em opposição ao seu velho companheiro de luctas, Bernardo de Vasconcellos, que se tornara chefe do novo partido conservador.

Deputado geral, em 1838, figura activa na Rebellião Mineira, de 1842, preso politico, depois amnistiado, após a derrota dos rebeldes liberaes, em Santa Luzia do Rio das Velhas; reeleito deputado geral, nas legislaturas de 1845 e 1848, escolhido senador do Imperio, dez annos depois (1864) — foi esse tempo longo de ostracismo politico que Theophilo aproveitou para se dedicar aos labores commerciaes, no Rio.

Minas já o havia incluido, desde 1859, em uma lista triplice de senador, e em mais duas outras listas, em 1860 e 61, dando-lhe sempre o 1º logar ; em 1862, o longinquo Matto Grosso deu-lhe egual honra. Genio activo e emprehendedor, sacrificando fortuna e commodidades, na mallograda empreza da colonisação do valle do *Mucury*, na zona onde fundou a Philadelphia Mineira (hoje a importante e opulenta cidade de Theophilo Ottoni) ; tal foi

Theophilo Benedicto Ottoni, figura de parlamentar eminente, auctor da celebre *Circular á Provincia de Minas* (1864), cidadão de convicções democraticas inabalaveis e digno de se imitar, pelo patriotismo, de que sempre deu provas, na sua longa vida publica de 42 annos de insano luctar.

Falleceu no Rio de Janeiro, victimado por antiga molestia de coração, a 17 de outubro de 1869, tendo deixado a seus patricios o exemplo de um bravo e intransigente defensor dos principios da Liberdade e da Democracia.

Na sua admiravel biographia, escripta por seu irmão, tambem já fallecido, Senador Christiano Ottoni, vê-se quão dolorosa foi para a alma mineira, para o paiz inteiro, a morte de Theophilo Ottoni, o patriarcha da Democracia no Brazil do seculo 19°. Eram demonstrações de saudade pelo querido morto, vindas do seio do parlamento, das assembléas e camaras das provincias, de gremios e sociedades politicas, do jornalismo, das Academias, do clero, das classes commerciaes, do povo, em summa. O enterro de Theophilo Ottoni teve a apparencia de um funeral romano: milhares de cidadãos levaram seu corpo ao jazigo final, prestando assim derradeira homenagem ao fogoso tribuno democrata, o « Graccho do 2° reinado », como o chamou o saudoso historiador Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

Doutor Justino Ferreira Carneiro.—Era filho da cidade do Serro, este velho servidor do Estado, fallecido em 15 de agosto de 1896, na Capital Federal, onde residia desde 1894, anno em que terminou sua vida publica, em Minas. Eleito pelo partido liberal, foi deputado provincial no biennio de 1878-79 e geral, por Minas, no Imperio; esteve como Presidente das Provincias da Parahyba do Norte (posse de 2 de outubro de 1880) e do Pará (posse de 25 de agosto de 1882); Secretario de Finanças, em Minas, na presidencia do Conselheiro Affonso Penna (7 de setembro de 1892 a 94). Era formado em direito pela Faculdade de S. Paulo e morreu com perto de 60 annos de edade. No Imperio, foi tambem advogado por muitos annos na cidade de Juiz de Fóra, onde exerceu os cargos de

Delegado de policia e de Juiz Municipal do termo de Parahybuna; e, vigente a Republica, foi director da Fazenda e Finanças, em Ouro Preto, desde 1891, até ser nomeado para o cargo de Secretario de Finanças do presidente Affonso Penna. Era um cidadão illustrado e probo, tendo deixado boa memoria de seu nome e serviços ao paiz.

Doutor Bernardino José de Queiroga. — Este illustre serrano era formado em direito e abraçou a politica, tendo sido deputado provincial na 2ª legislatura da Assembléa Mineira (1838-39) e mais tarde deputado geral. Foi nomeado presidente da provincia de Minas Geraes, em 1848, tomando posse em 22 de Junho e continuando sua administração até 4 de Novembro de 1848. Já occupara a vice-presidencia desde 11 de Maio desse anno, na vaga do Conselheiro José Pedro Dias de Carvalho. Sobre este filho do Serro nos faltam outros dados biographicos.

João Nepomuceno Kubitscheck. — Nasceu no Serro este distincto poeta, da geração de João Julio, Aureliano Lessa, Antonio Augusto de Queiroga e outros poetas mineiros, dos quaes foi companheiro de estudos em S. Paulo, em cuja Faculdade Juridica não chegou a se formar, por não haver concluido os preparatorios. Kubitscheck falleceu em Bello Horisonte, em Junho de 1899, como Director da Imprensa Official e redactor do orgão diario do Governo, o *Minas Geraes*, tendo sido antes Inspector Geral de Instrucção Publica, em Ouro Preto, no tempo da provincia; depois eleito, a 25 de Janeiro de 1891, Senador estadoal para a Constituinte Mineira, sob a Republica; reeleito Senador em 15 de Novembro de 1894 para a legislatura de 1895 a 1902 do Senado e Vice-Presidente do Estado de Minas, no quatriennio de 1894 a 98. Foi advogado em Diamantina, onde quasi sempre residiu, influente membro do antigo partido liberal, lente de inglez do antigo Externato e de pedagogia da Escola Normal dessa cidade; fazendeiro no districto de São João Evangelista (municipio do Peçanha), advogado na cidade de Caethé, havendo residido nessas duas ultimas localidades, durante algum tempo. Casou-se duas vezes e era

homem de natural retrahido, typo gordo e louro de allemão, sobrio de palavras, embora fosse um bom e inspirado poeta (autor do poemeto *Hermengarda*), traquejado no conhecimento da literatura classica e uma autoridade em assumptos de instrucção publica. Deixou muita cousa inedita sobre poesia, pedagogia e historia.

Kubitscheck foi muito calumniado por causa do poemeto *Hermengarda*, tirado do conhecido e bello romance, *Eurico*, o *Presbytero*, de Alexandre Herculano; accusaram-no, aereamente, de plagiador, quando ha o testemunho insuspeito de dous de seus companheiros de casa, em S. Paulo (o Dr. Francisco Corrêa Rabello, o Dr. *Pichico*, já morto, e o Sr. desembargador Theophilo Pereira da Silva, actual Juiz da Relação de Minas), que sempre affirmaram ser de Kubitscheck aquelle bello trabalho poetico, escripto sob as vistas delles, na *republica* em que moravam.

Dr. Antonio Augusto de Queiroga.— Nasceu no velho arraial de S. Gonçalo, municipio do Serro, em 1811, e era mais moço que seu irmão o desembargador João Salomé de Queiroga. Falleceu, em 1855, como Juiz de Direito, na cidade de Conceição do Serro, tendo antes residido em Diamantina, onde advogava, sendo poeta e orador distincto; era bacharel em direito pela Faculdade de S. Paulo, onde se formou em 1834. De biographia ainda obscura, por falta de dados completos, o nome de Antonio Augusto só nos chega como orador forense de muito recurso e como poeta inspirado por um estro nativista, de côr accentuadamente local, cuja melhor producção é a *Lyra ao Sabiá*, no conceito do Sr. Dr. Sylvio Roméro.

Em S. Paulo, foi Antonio Augusto fundador da *Sociedade Philomatica*, de cuja revista foi elle um dos redactores, em 1834. Muitas poesias de Antonio Augusto figuram no *Parnaso Brazileiro*, do conselheiro J. M. Pereira da Silva, e no *Florilegio da poesia brazileira* do sabio Francisco Adolpho de Varnhagen (Visconde de Porto Seguro). O verso popular e sertanejo, a rima facil e delicada fizeram de Antonio Augusto um lyrista apreciavel, conforme observa o illustre critico sergipano, já citado.

Do Dr. Antonio Augusto de Queiroga fallou com phrases carinhosas um illustre moço mineiro, residente em S. Paulo, o Dr. Manoel Viotti, no vol. IV da *Rev. do Arch. Publico Mineiro*, (anno de 1899), pags. 931 a 943, nos *Fragmentos biographicos dos poetas mineiros na Faculdade de S. Paulo*.

Diz o Dr. M. Viotti que Antonio Augusto, nascido « na cidade tradicional do Serro, berço fecundo de tantos filhos que, nas sciencias, nas letras e nas artes, têm honrado o Estado natal — passou como um meteóro pela Via Láctea da existencia, durando apenas um instante »; « jorrando, porém, no céo azul da historia mineira um rastro luminoso », como só o fazem os astros de primeira grandeza. Do velho archivo da Academia de Direito de S. Paulo, o Dr. Viotti conseguiu arrancar do ingrato olvido em que estavam, algumas rarissimas e pouco conhecidas producções de Antonio Augusto, taes como uma versalhada comica, sob o titulo *A vida do estudante*, (1833), muito jocosa e bem rimada, com alliteração constante no quarto verso de cada estrophe ; uma *Ode* (maio de 1833), em que o poeta leva sua Musa, horrorisada, a contemplar o supplicio de um condemnado á forca, gritando em versos implacaveis contra a atrocissima pena de morte ; e um *Elogio Dramatico*, escripto pelo poeta, em setembro de 1833, e que foi representado, no festivo dia 7, anniversario da Independencia e do Imperio, no *Theatro Academico* de S. Paulo, entrando quatro personagens symbolicos —o *Genio da Metropole*, a *Liberdade*, o *Brazil* e o *Genio da America*. Esta ultima producção, no julgamento do Dr. M. Viotti—que é tambem poeta—faz honra ao Dr. Antonio A. de Queiroga ; « é moldada em *versos brancos*, sem, comtudo, perder o rhythmo sonóro da musica dos versos, no que está a maior difficuldade e o maior elogio » do poeta, que galhardamente se sahiu, versejando num metro cahido ha muito em desuso.

Doutor Eloy Benedicto Ottoni.—Nasceu no Serro, em 1822, e era o irmão mais moço de Theophilo e Christiano Ottoni. Formado em medicina, em 1848, pela Faculdade do Rio de Janeiro, viajou a Europa, frequentando

a clinica dos grandes mestres, nos hospitaes de Paris, Londres e Vienna; e, de volta ao Brazil, escreveu bastante sobre sciencias medicas e literatura (1857 a 1884), tendo fallecido em Nictheroy, pouco depois de proclamada a Republica, no Brazil.

Doutor Ernesto Benedicto Ottoni.— Tambem serrano (nasceu em 1821), medico pela Faculdade do Rio (formou-se em 1841) e irmão de Theophilo, Christiano e Eloy Ottoni. Residiu sempre fóra de Minas, clinicando por muitos annos na antiga provincia de S. Paulo e depois como medico do hospital de marinha da ex-Côrte, morreu occupando esse logar, em 1881.

Deixou alguns trabalhos: *O clima da provincia de Minas e molestias que mais frequentemente acommettem seus habitantes* (these de formatura), (1841); *O cholera morbus* (memoria escripta em 1868); e um minucioso *Relatorio* (1862) sobre o estudo da *Companhia de colonisação do Valle do Mucury*, de que era director seu irmão, o senador Theophilo Ottoni.

Doutor Joaquim Bernardino Pereira de Queiroz. — Medico e poeta, formado pela Faculdade do Rio de Janeiro, deixou publicado um volume de suas poesias.

Nasceu no Serro, nos principios do seculo XIX e ahi falleceu, como clinico modesto e dedicado, em 1892.

Padre Alexandre Generoso de Almeida e Silva. —Filho da cidade do Serro, ordenou-se no Seminario Episcopal de Diamantina e foi parochiar a freguezia da então villa do Rio Doce, depois cidade de Suassuhy e hoje do Peçanha, chamada. Foi eleito deputado á Assembléa Provincial Mineira, pelo partido conservador no biennio de 1887-1888. Falleceu em dias de agosto de 1901, na sua cidade natal, para onde fora em busca de melhores ares. Victimou-o a tuberculose. Homem lhano e activissimo, o vigario Alexandre conseguiu muitas amizades e realisou alguma fortuna, que deixou em testamento a varios parentes e a muitas instituições e obras pias da sua diocese.

Padre Hermogenes Generoso da Silva. — Sobrinho do precedente, serrano tambem, tomou ordens sacerdotaes no Seminario de Diamantina, onde foi distincto professor de lingua nacional, até sua morte (1897). Falleceu muito moço ainda, deixando fama de suas virtudes, modestia e operosidade. Estava prestes a se congregar na ordem dos Padres Lazaristas ou da Missão, seus antigos mestres.

José Coelho Tocantins de Gouvêa. — Este illustre serrano, fallecido no correr do anno de 1896, foi um espirito lucido e trabalhador. Muitos moços lhe deveram o preparo de humanidades, com elle aprendendo o latim e o francez, o portuguez e a geographia, nas suas aulas secundarias, mantidas pelo Governo provincial, na cidade do Serro. Foi deputado provincial á Assembléa Mineira, nos biennios de 1870—71, 1882—83.

Doutor Joaquim de Gororós. — Deste filho do Serro só consegui saber que era medico formado pela Faculdade do Rio de Janeiro e clinicava, ultimamente, na cidade de S. Domingos do Prata (Minas), onde falleceu ha poucos annos.

Vigario José Alves de Mesquita. — Filho da cidade do Serro, parochiou por dilatados annos a freguezia de sua terra natal, e ahi falleceu, deixando fama de sua modestia e virtudes. Faltaram-me outros dados a seu respeito, embora eu os procurasse, com avidez.

Coronel João Luiz de Almeida e Souza. — Este distincto serrano, graduado pela Escola de Pharmacia de Ouro Preto, na qual completou em 1895 o seu curso de pharmaceutico com o bacharelado em sciencias naturaes, foi tambem chefe politico, militando no partido liberal, durante o Imperio, e sendo eleito deputado estadoal á Constituinte Republicana de Minas, em 1891, reeleito, depois para a legislatura de 1893 a 1895, para a Camara Estadoal.

Falleceu em dias de fevereiro de 1902, na cidade de Serro, onde era estabelecido, com pharmacia.

Nos ultimos tempos de sua vida, levava já o organismo combatido por frequentes accessos de nervosismo, devidos ao terrivel habito da *morphinomania*.

Gabriel Augusto da Silva. — Filho do Capitão Raymundo Augusto da Silva, era filho da cidade do Serro este esperançoso joven, que morreu no Rio de Janeiro, em 1893 (Julho) victimado pela febre amarella. Já era academico de medicina e por sua applicação nos estudos secundarios, emquanto cursou o Seminario de Diamantina, já deixava prever que futuro promissor o aguardava, si a morte o não colhesse tão cruel e prematuramente.

Dr. Simão da Cunha Pereira.— Este illustre serrano foi um politico de influencia no antigo partido conservador do norte da provincia, cuja melhor circumscripção eleitoral representou na Assembléa Provincial, nas legislaturas de 1858-59, 1860-61. Neste ultimo biennio, acabava de presidir a Assembléa Legislativa Mineira, quando de regresso ao Serro, ahi falleceu, com 40 annos de idade, no dia 13 de outubro de 1862. Ligado por casamento á illustre familia Carneiro, o Dr. Simão deixou dignos descendentes de seu nome, na magistratura e na politica de Minas. Foi um cidadão dedicado á causa publica e um nobre espirito. Pedi a dous de seus filhos, meus amigos, informações e dados biographicos, que até agora não me chegaram (set. 902).

Pedro Maria da Silva Brandão. — Illustre serrano, chefe do partido conservador na sua cidade natal, tendo sido eleito repetidas vezes deputado provincial em varias legislaturas (1872-73, 1874-75, 1876-77, 1878-79, 1884-85) ; e deputado geral pelo 18.º districto de Minas, na legislatura de 1886-89. Advogado provisionado, e homem de excellente caracter e regular cultura de espirito, Pedro Maria era uma legitima influencia politica na zona norte-mineira. Celibatario, muito methodico em seus habitos, falleceu relativamente moço, 1889, exercendo a esse tempo a advocacia, em sua cidade natal.

Francisco de Salles Queiroga. — Era irmão dos Drs. João Salomé e Antonio Augusto de Queiroga, mas não chegou a se formar em engenharia, como fôra seu intento, logo que concluio, e de modo brilhante, os seus estudos de humanidades, no Seminario Diamantinense, e depois perante o Lyceu Mineiro, em Ouro Preto. Voltando á terra natal, Salles Queiroga se tornou professor emerito de mathematicas na Diamantina e no Serro, vindo a fallecer nesta ultima cidade, annos depois. Faltam-nos outros dados a seu respeito.

Samuel Brandão.—Este filho do Serro, veio ainda bem moço para Ouro Preto, onde, concluidos os preparatorios, se tornou afamado professor de mathematicas elementares, sendo mais tarde nomeado, por concurso, lente dessa materia, no antigo Lyceu Provincial e na Escola Normal. Homem rigoroso no cumprimento de seu dever, honrou o magisterio secundario, até sua morte, pela seriedade de seus julgamentos, como examinador temido e geralmente respeitado por collegas e discipulos.

Josephino Pires. — Nasceu no Serro em 12 de setembro de 1863, e falleceu na capital de S. Paulo, na madrugada do dia 19 de fevereiro de 1890, depois de dolorosa e rapida agonia, victimado por uma grave hepatite. Filho legitimo do Desembargador Aurelio A. Pires de Figueiredo Camargo, antigo magistrado mineiro, e de sua mulher D. Maria Josephina dos Santos Pires, ja fallecidos, Josephino Pires bem cedo se revelou o grande e invejavel talento, que havia de ser. Ainda criança, foi estudar preparatorios, em Diamantina, onde cursou as aulas do Seminario Episcopal, e depois as do Externato de linguas e sciencias, que a provincia alli mantinha. Fez desde logo grandes progressos nos estudos de humanidades, mostrando o pendor poetico de seu espirito culto, e fundou com outros companheiros de curso o periodico *Idéa Nova*, de accentuada feição democratica. Vindo para Ouro Preto, ahi completou os preparatorios e exerceu o cargo de 3° official, na extincta Directoria de Fazenda da antiga provincia. Seguio em 1885 para S. Paulo, levando feito de

Minas «um curso brilhante de preparatorios, em que se contavam os exames pelas distincções merecidas, verdadeiramente conquistadas,» na phrase de um seu biographo. Matriculando-se na Faculdade Juridica paulista, em Março de 1886, não chegou a finalisar o seu curso, já porque o colheu a morte a mais de meio caminho das laureas academicas, quando ia cursar o 4° anno de direito, já porque a luta pela vida, pobre que elle era, lhe entibiára as forças, deixando-o desilludido e atormentado por duro pessimismo. Foi tambem professor de historia e philosophia e de linguas em S. Paulo, Ouro Preto e Grão-Mogol, tendo nesta ultima cidade mineira residido por mais de anno. Poeta vibrante, correcto e inspirado, foi Josephino Pires um «talento de primeira grandeza, realçado por erudição pouco vulgar» e «uma das intelligencias mais lucidas, um dos caracteres mais puros, um dos corações mais bondosos, que tem produzido o norte de Minas,» segundo o conceito do biographo já citado, no artigo d'*O Movimento*, de Ouro Preto, n. 135, de 19 de fevereiro de 1891. Pena é que não se tenham publicado até hoje as magnificas producções do moço-poeta.

Dr. Pedro Fernandes.—Não tento fazer aqui uma completa biographia literaria do Dr. Pedro Fernandes Pereira Corrêa, um dos maiores talentos do norte de Minas Geraes, poeta imaginoso e admirado no seu tempo, tribuno fogoso e applaudido, como *primus inter pares*, na arte da eloquencia. Tão illustre e mallogrado poeta mineiro jaz hoje na valla de um ingrato olvido de nossa geração. Quero ter a honra, cumprindo tambem um dever de piedosa homenagem, de trazer a quem leia estas linhas uma noticia de quem foi e o que fez Pedro Fernandes. (1) Elle é quasi um Serrano, pois, ahi viveu os melhores annos de sua vida, ahi viu crescer sua familia, ahi teve o seu tumulo.

---

(1) Antes de mim já se occuparam de Pedro Fernandes, embora com pequeno desenvolvimento, o illustrado Sr. Xavier da Veiga no 4° volume das *Ephemerides Mineiras* (dia 9 de novembro de 1879) e o distincto Dr. Badaró, no *Parnaso Mineiro*, pags. 89 a 92, este em bellas palavras de saudosa recordação ao nome injustamente esquecido do

Nasceu o poeta na bella cidade sertaneja de Montes Claros, em 29 de junho de 1837 sendo filho legitimo do alferes José Fernandes Pereira Corrêa e de D. Eduarda Maria de Jesus. Na cidade natal, estudou primeiras lettras e depois cursou a aula de latim e francez do professor Antonio da Fonseca Ferreira Campanha; e mais tarde frequentou o Seminario Episcopal de Marianna, ahi concluindo o estudo dos preparatorios de linguas e sciencias, que já cursára no (2) *Athenêo de S. Vicente de Paulo*, de Diamantina. Para esta cidade (a capital intellectual do norte mineiro, por isso chamada *Athenas do Norte de Minas*) veiu Pedro Fernandes bem joven ainda encetar seus estudos secundarios no *Athenêo*, sabiamente dirigido pelo então conego Dr. João Antonio dos Santos, hoje preclaro bispo da diocese de Diamantina. No *Athenêo*, foram collegas do poeta outros illustres nortistas, como Joaquim Felicio dos Santos (depois jurisconsulto notavel, historiador e romancista, que morreu senador federal por Minas, em 1895) e o general Couto de Magalhães, o reputado indianista, autor do *Selvagem*. Indo para a Capital de S. Paulo (1859) cursar a Faculdade de Direito, Pedro Fernandes alli se formou em sciencias juridicas e sociaes, em 29 de novembro de 1864, com a nota de plenamente, no acto final do 5° anno, e tendo tido por condiscipulos, na vida academica da boa *Paulicéa* daquelles tempos, esses talentos que foram Pedro Martins, Theodomiro Alves Pereira, João Carlos de Araujo Moreira, Francisco Corrêa Rabello, João Julio dos Santos, João Nepomuceno Kubitschek, Aureliano José Lessa, Antonio Augusto e João Salomé de Queiroga,

---

poeta. Os dados com que tenho elaborado este e outros traços anteriores sobre Pedro Fernandes (vide *Diario de Minas*, *Almanak Popular* de Pelotas, *O Oliveirense* e *Archivo Illustrado*, de S. Paulo), devo-os em grande parte ao dedicado amigo sr. João Felicio dos Santos Filho, digno moço diamantinense, por cujo intermedio me vieram parar ás mãos preciosos autographos do poeta.

(2) O *Athenêo de S. Vicente de Paulo* não existe mais, em Diamantina; funccionava no grande casarão da *Rua do Contracto*, ao lado do opulento templo do *Carmo*, e nelle está hoje o palacio episcopal diamantinense.

constellada pleiade, brilhante patrulha de poetas e oradores, todos filhos do sertão norte-mineiro. (1)

Voltando formado da Academia, Pedro Fernandes fez logo a peregrinação costumada de bacharel em direito, no inicio da carreira.

Advogado em Montes Claros, na villa de Guaicuhy (hoje extincta), no Serro e em Diamantina; Juiz Municipal em Minas Novas, S. João Baptista e Serro, Pedro Fernandes, abraçando no final da vida a banca de advogado, nessa profissão permaneceu, na cidade do Serro, até que ahi rendeu sua nobre alma ao Creador, a 9 de novembro de 1879, victima de fataes ferimentos, que recebera de

---

(1) Quando o poeta se graduou em direito, ou *se formou em leis*, como dizia o nosso povo, em 1864, era director da Faculdade de São Paulo o Conselheiro Dr. José Maria de Avellar Brotéro, e foi presidente do acto de formatura de Pedro Fernandes, o Dr. Joaquim Ramalho, depois Barão de Ramalho, o grande praxista brazileiro, que foi director daquella Faculdade, até seu fallecimento, em agosto de 1902, em São Paulo.

Os então rapazes norte-mineiros, que foram condiscipulos ou contemporaneos de Pedro Fernandes, na *Paulicéa*, tomaram depois rumos diversos na politica e delles só sobreviveu o Dr. Theodomiro Alves Pereira, o *leão do Norte*, velho advogado em Diamantina, onde é professor de historia da Escola Normal. O Dr. Francisco Corrêa Rabello, filho de Diamantina, morreu em Ouro Preto, deputado federal, em 1892, mezes depois do golpe de estado do Marechal Deodoro, em novembro de 1891; foi um valente republicano propagandista e excellente advogado, além de um optimo caracter.

O Dr. João Carlos de Araujo Moreira, filho de Grão Mogol, morreu Juiz de Direito, na cidade de Ubá, em 1893, e foi deputado provincial e geral por Minas.

João Julio dos Santos, o mavioso poeta, teve morte prematura, nem chegou a se formar, foi intimo de Castro Alves e de Kubitschek. Este foi um dos primeiros que a morte colheu na nova capital mineira, onde até junho de 1899 foi redactor e director da Imprensa Official, tendo sido senador estadoal e Vice-Presidente do Estado de Minas, poeta illustre e modesto, e não chegou a se bacharelar em S. Paulo... pelo horror que tinha aos exames de mathematicas!

O Dr. Aureliano Lessa, outro poeta de lei, morreu magistrado ha bem annos; era filho de Diamantina, ao passo que Kubitschek era do Serro.

O Dr. Antonio Augusto falleceu como Juiz de Direito, em Conceição do Serro, e o Dr. João Salomé de Queiroga acabou desembargador, em Ouro Preto, em 1879, tendo ambos nascido em S. Gonçalo do Serro.

O Dr. Pedro Martins, de Grão Mogol, jurisconsulto, falleceu em Carangola, ha poucos annos.

E quantos outros desse tempo, cujos nomes não me occorreram agora.

um figadal inimigo, ainda vivo, o que me faz silenciar o seu nome. O poeta se casara em setembro de 1866, em Diamantina, com D. Hermelinda Leopoldina Fernandes, já fallecida, e de cujo consorcio teve duas gentilissimas filhas, ainda vivas, ambas professoras normalistas, as Exmas. Sras. D. Henriqueta, solteira, e D. Eduarda Fernandes Caldeira, esta professora publica na cidade de Grão Mogol e aquella no arraial da Gouvêa (municipio de Diamantina).

Sobreviveu-lhe tambem por muitos annos um irmão, o professor Sebastião Fernandes Pereira Corrêa, que ha pouco falleceu em Diamantina. Eis ahi os traços geraes da vida do poeta; vejamos agora que papel teve elle, na litteratura mineira, e estudemos seus habitos, sua indole e o que foi Pedro Fernandes, como mentalidade.

Não deixou publicado um livro, siquer, mas seus *discursos*, suas *poesias*, seus *artigos de polemica* e outros trabalhos andam esparsos em varios periodicos do decennio de 1868 a 1878, editados em Diamantina, nesse tempo, como o *Jequitinhonha*, *Monitor do Norte*, *Voz do Povo*; em jornaes de Ouro Preto e em folhas academicas de São Paulo, de 1859 a 1864. Dariam para um ou mais volumes taes escriptos. (1) Tentarei ainda reunil-os quasi todos e brindarei as letras mineiras com o regio presente das producções desse grande talento, tragicamente succumbido. Alto, corpulento, musculoso, de saude rija e constituição robusta e forte, legitimo sertanejo pelos modos simples e francos, despido de luxos e ceremonias, modesto no trajar, generoso de coração, desprendido de ambições de dinheiro e renome, porque tinha consciencia do que valia Pedro Fernandes, para se lhe fazer o perfeito retrato, deveria estar defronte de cada leitor, para este captivar logo com a sympathia de modos e idéas, que delle se transfundia,

(1) Varias poesias, escriptos e discursos tenho do poeta que irei dando a lume com mais vagar e paciencia. *A poesia da rosa*, o soneto *Entre nuvens*, a modinha *Tenho saudades profundas*, o recitativo, *A ventania*, o *Hymno maçonico*, os sonetos satyricos, *Um vigario de aldeia*, a *Saudação a Bernardo Guimarães* (poesia); a *Satyra a Quasimodo*, *Da cerveja allemã*, *do Lysio bôdo* (poesias satyricas); a *Cruz da Serra* (poesia), *Consolação* (poesia elegiaca), *Os sacrificios do bosque de Karnak* (poemeto), são dignos de leitura. Em tempo serão publicados, querendo Deus.

logo á primeira vista. Com a sua basta cabelleira negra, em cachos, os grandes olhos vivos e negros, o semblante moreno pallido, leve bigode, barba escassa, apontada em *cavaignac*, sempre usando oculos escuros, aros de ouro: Pedro Fernandes era, não ha duvida, uma dessas figuras que se nos gravam na retina, do modo mais insinuante e vivaz.

Era um *doutor democrata*, no veridico e sincero conceito do povo, que o estimava e admirava.

Eloquente, illustrado, lia e escrevia muito; e, nota curiosa, que demonstra sua despreoccupação de dinheiro — nos seus livros de Direito se encontraram, após sua morte; muitas cedulas de dinheiro que ia recebendo e com as quaes marcava as paginas do livro, em cuja leitura estava, no momento em que qualquer constituinte o procurava para pagar-lhe honorarios!

A fluencia torrencial de sua palavra imaginosa e vernacula a todos encantava; e já em jantares e saráos, pois gostava de festas e de boa mesa, aquecida a idéa pelo fino topazio do legitimo *Oporto Wine*, já em reuniões politicas ou em palestras com amigos, Pedro Fernandes derramava a flux as ricas perolas de seu talento. Inimigos, só politicos os teve, pois, conservador que era, ás vezes se apaixonava, violentamente, com o seu fogoso temperamento indomavel, nas contendas partidarias; e dahi as lutas que sustentou, os odios que acarretou ao seu nome.

Pobre morreu o grande bardo mineiro e ainda quando muito alto poderia talvez subir. Acceitem os manes de Pedro Fernandes estas linhas de homenagem, hoje 63º anniversario do nascimento do poeta. (1)

Padre José Pinheiro da Silva.—Nascido no Serro, em 22 de Outubro de 1856, sendo seus paes José Pinheiro da Silva e D. Carolina Augusta de Moraes, esse illustre sacerdote norte-mineiro veio a fallecer, aos 33 annos in-

(1) Este artigo foi escripto na Capital de Minas, em 29 de junho de 1900, para o *Archivo Illustrado* (revista de S. Paulo) e nelle estão compendiados com fidelidade os traços da vida do Dr. Pedro Fernandes, glorioso Serrano adoptivo, cujo nome achei que seria justo figurar nesta *memoria*.

completos, no arraial do Jiquiry (municipio de Ponte Nova), onde era Vigario, em 22 de fevereiro de 1889.

Victimado ainda bem moço, colhido por morte repentina e inesperada, o Padre José Pinheiro deixou fama de clerigo virtuoso e digno e traços inapagaveis de um brilhante talento, desde os bancos do Seminario de Marianna, onde se ordenara, em 1879. Nas linguas portugueza e latina foi doutissimo mestre, tendo da primeira deixado inédita uma *Grammatica*, e da segunda publicado a *Grammatica e Syntaxe*, obra não inferior á do reputado Padre Dantas, outro illustre sacerdote mineiro. Salientou-se bastante o Padre Pinheiro na tribuna sagrada e de seu preparado e culto espirito ficaram provas, em artigos esparsos em alguns periodicos provincianos.

Faltaram-nos dados sobre a vida dos seguintes dignos e extinctos Serranos:

Padre João Clarimundo de Souza. — Ordenado no Seminario de Diamantina, nascido no arraial do Milho Verde e fallecido como Vigario da freguezia de São José dos Paulistas (municipio do Serro).

Padre Dr. Honorio Benedicto Ottoni. — Sacerdote catholico a principio, capellão do exercito, emerito pregador, deputado provincial mineiro, morreu ha pouco tempo, professo na religião evangelica.

Commendador Thomaz Antonio Teixeira de Gouveia. — Advogado e politico de prestigio, varias vezes deputado provincial.

Coronel Sebastião Ferreira Rabello. — Capitalista e agricultor, homem de espirito adeantado e de grandes haveres.

Dr. Joaquim Ferreira Carneiro. — Formado em Direito, na Faculdade de S. Paulo, e deputado provincial de 1844-45, bem como seus parentes José Ferreira Carneiro e Joaquim Bento Ferreira Carneiro, tambem deputados á Assembléa Mineira.

Innocencio Augusto de Campos. — Antigo professor e tambem deputado provincial mineiro de 1876-77.

Nos casos desses, que ficaram enumerados, de quantos outros illustres Serranos não terei tido a menor noticia? Entretanto, busquei fazer menção de quantos conterraneos fossem dignos de figurar neste trabalho. Pedi informações, fallei a amigos, fiz publico que ia dar a lume esta *Memoria*... mas nem assim me vieram ás mãos informações e dados que não os por mim proprio colhidos, em jornaes, livros, revistas e trabalhos historicos, que consultei. E' sempre assim, nesta terra, onde—para os panegyricos politicos — nunca faltam collaboradores sollicitos e promptos, que tragam elementos de sobra para qualquer escripto laudatorio a *vivos*, mas vivos de notoriedade politica, figurões capazes de distribuir graças e favores. Em se tratando, porém, de simples trabalho historico, de que nenhum proveito material aufiram os taes sollicitos cyrinêos do engrossamento, a coisa muda de figura. Já não é a primeira vez que tal me acontece...

Para escrever a chronica de Minas tenho me visto só, sem o auxilio siquer dos mais directamente interessados na elaboração de nossa Historia. E ás vezes ainda se tem de aguentar a impertinencia dos criticos!

VI

Ao finalisar este imperfeito bosquejo de uma pagina de tua historia local, sejam minhas ultimas palavras em homenagem e votos por teu progresso, ó Serro amado!

Emquanto mólho a penna, acodem-me á lembrança enternecida esses outros tempos de fausto e grandeza, que já tiveste, ó patria de José Eloy, o lyrico, de João Salomé, o poeta, de Vieira de Andrade, o santo medico, de Theophilo Ottoni, o democrata, de Flavio Farnese, o attico publicista, de Joaquim Felicio, o historiador fiel, de Antonio Augusto de Queiroga, o orador de arrebatados surtos, de Gomes Carneiro, o general sem pavor, de Christiano Ottoni, o mathematico, de Lucindo Filho, o latinista e classico, de Pedro Caetano, o jurisprudente e polyglotta, de José Paulo, o

meigo trovador! Visitada tens sido, nas centurias passadas, por homens illustres de todos os paizes: naturalistas e sabios — o barão Guilherme de Eschwege, Spix, John Mawe, o grande Carlos Frederico Von Martius, o amavel e minucioso Auguste de Saint-Hilaire ; estadistas, generaes e principes — os Condes de Bobadella e de Valladares; o general José Antonio Freire de Andrade, o Visconde de Seabra, o duque de Saxe, o principe Gastão de Orleans, o santo prelado Dom Viçoso...; e quantos mais não te palmilharam as ruas accidentadas, levando de teu povo hospitaleiro as mais gratas recordações?!

Minha retina fiel não esquece o teu panorama alpestre, as torres brancas de tuas egrejas, desde *Santa Rita*, na collina eminente, até a capellinha do bom e milagroso *Senhor do Mattosinhos*, lá na baixada humida do *Bota-Vira*...

Nos alcantis de teus serros, « combatidos de frigidissimos ventos, penhascosos e intrataveis », — como te descreveu a penna de Claudio, o poeta de *Villa Rica* — se levantou ha dous seculos uma civilisação, naquelles então invios e brutos sertões do norte de Minas. Não se empallideça a luz gloriosa do fanal de *Hivituruhy!* Cantem futuros serranos o porvir dessa outr'ora afamada *Villa do Principe*, para que outro Volney não se approxime de seus muros vetustos e ahi lamente uma grande cidade antiga, desfazendo-se em ruinas e escombros...

O espirito e a força (*mens et robur*) muito podem, quando orientados com o amor da Patria e a fé em Deus. Possa de novo sacudir a juba esse querido Serro — « velho leão que dorme » e engastar nos annaes de Minas e do Brazil paginas brilhantes eguaes ás que já conta no seu legendario passado.

NELSON COELHO DE SENNA.

Bello Horizonte, Março a Setembro de 1902.

GUILHERME PINTO DE MAGALHÃES (1)

Ha, na modesta vida de Guilherme Pinto de Magalhães, actos de tanta nobreza de caracter e tão dignos de menção que, para venerar a sua memoria, apresentamos os traços principaes de sua biographia.

Não será completo o trabalho, poucos vestigios nos guiaram na senda a trilhar, ainda assim os factos conhecidos illuminam exuberantemente a estrada seguida por Guilherme Pinto de Magalhães, o preclaro provedor da Irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de N.ª S.ª da Candelaria, a quem esta cidade deve o inestimavel serviço de ter a magnifica peça architectonica, o zimborio da matriz de N.ª S.ª da Candelaria, que completa, com o frontespicio, o mais bello monumento religioso desta capital.

Guilherme Pinto de Magalhães, era portuguez de nascimento e brazileiro adoptivo, vindo para o Brazil antes da independencia.

Seus paes eram abastados, mas a invasão franceza, em Portugal, causou grandes damnos á fortuna publica e particular, arruinando o patrimonio de muitas familias, como succedeu á de Guilherme Pinto de Magalhães.

---

(1) Este trabalho foi lido, em sessão de 11 de Novembro de 1898, no Instituto Historico e Geographico Brazileiro e é agora publicado em homenagem á veneranda memoria de Guilherme Pinto de Magalhães, emerito provedor da Irmandade do Santissimo Sacramento da Freguezia de N.ª S.ª da Candelaria, ao qual deve esta cidade o inestimavel serviço de ter o zimborio de marmore, adornando o seu mais bello templo.

Não conhecemos a data certa do nascimento de Guilherme Pinto de Magalhães. Natural da villa de Paredes, foi baptisado na sé da cidade do Porto, em 1803. Era filho legitimo de Manoel Antonio Pinto de Magalhães e D. Anna da Silveira. (1)

Casou-se, nesta cidade, com D. Maria Rosa Pinto de Magalhães e, de seu consorcio, teve quatro filhos. Falleceu a 25 de Setembro de 1874, na povoação da Piedade, e foi sepultado na cidade de Magé; sendo mais tarde os seus despojos trasladados para a villa do Carmo, Estado do Rio de Janeiro, e depositados no jazigo de familia, por seu genro e amigo, o Sr. Commendador Fernando de Castro Abreu Magalhães.

*
* *

Chegando ao Brazil, muito joven, começou a trabalhar pela vida, dedicando-se ao commercio, tendo sido caixeiro de seu tio Zefirino José Pinto de Magalhães, e, mais tarde, estabeleceu-se na rua da Quitanda n. 149.

Mudou o seu domicilio para Magé, onde continuou os labores da vida commercial, fundando uma casa de fazendas, a que depois addicionou o ramo de commissões e consignações.

Estes factos são posteriores a 1831.

Em Magé, que, nesse tempo, era como tantos outros pontos do littoral da então provincia e hoje Estado do Rio de Janeiro, um grande emporio commercial, gosava Guilherme Pinto de Magalhães de todo o prestigio de sua posição independente de commerciante honrado, laborioso e emprehendedor. Desempenhou o cargo de vereador, e foi nomeado Tenente-Coronel commandante do batalhão da guarda nacional daquella cidade.

*
* *

Quando rompeu a revolução nas provincias de Minas Geraes e S. Paulo, o Governo Imperial fez seguir para o

---

(1) Esta informação devemol-o á benevolencia do Sr. Visconde de Thayde.

campo da luta o batalhão de Magé, commandado pelo seu Tenente-Coronel Guilherme Pinto de Magalhães, posto para que tinha sido nomeado (1) pelo Desembargador Honorio Hermeto Carneiro Leão (Marquez do Paraná) presidente da então provincia do Rio de Janeiro. Só o culto do dever, em que era tão primoroso, poderia fazel-o ausentar-se da familia, abandonar os seus interesses e deixar as pacificas occupações do seu commercio, para cumprir as obrigações militares inherentes ao seu posto.

Seguiu para Minas Geraes e ficou sob as ordens do General em chefe das tropas legaes, o Barão de Caxias, que depois, pelos relevantes serviços prestados na guerra do Paraguay, foi elevado a Duque de Caxias.

Nesta posição, Guilherme Pinto de Magalhães foi um galhardo e valente militar, generoso e digno do posto que elle honrou e em que muito se distinguiu.

Parecerá estranho que um commerciante desempenhasse tão cabalmente os seus deveres de militar, mas diz o nosso Epico:

> A disciplina militar prestante
> Não se aprende, senhor, na phantasia,
> Sonhando, imaginando ou estudando
> Senão vendo, tratando e pelejando. (2)

O Governo Imperial, attendendo aos seus serviços de campanha, nomeou-o cavalleiro da ordem de Christo, por decreto de 11 de Março de 1842, e official da imperial ordem do Cruzeiro, por decreto de 4 de Outubro do mesmo anno.

Esta distincção era muito apreciada, no tempo da monarchia, honrosissima para o agraciado e rara n'aquella época.

São quasi dos nossos dias os factos que provocaram a revolução mineira e ainda, ha pouco tempo, o paiz perdeu o prestimoso cidadão conselheiro Manoel de Jesus Valdetaro (Visconde de Valdetaro) que foi o juiz que despronunciou o negociante desta praça, Tristão Ramos da

---

(1) Carta de 31 de Maio de 1842.

(2) Camões. Lus., Cant. X, CLIII.

Silva e outros personagens implicados aqui no movimento politico; por isso só trataremos estrictamente do que se refere a Guilherme Pinto de Magalhães.

Guilherme Pinto de Magalhães assistiu ao ataque de Santa Luzia, que poz termo á luta, depondo as armas os chefes politicos do movimento, homens de grande valor, que depois figuraram nos conselhos da Corôa, no conselho do estado e nas camaras legislativas, como José Pedro Dias de Carvalho, Joaquim Antão Fernandes Leão, Theophilo Benedicto Ottoni, Torres Homem, Limpo de Abreu (Visconde de Abaeté), e tantos outros homens illustres pelo talento e saber.

Guilherme Pinto de Magalhães distinguiu-se nobremente na sua vida militar, como attestam a sua fé de officio, as ordens do dia do general em chefe e as distincções que lhe foram conferidas pelo Governo Imperial; mas, muito mais nobres foram os seus sentimentos humanitarios com os vencidos.

Lancemos um olhar retrospectivo sobre essa data memoravel para o partido liberal brazileiro e invoquemos o testemunho de Theophilo Benedicto Ottoni, apreciando o caracter de Guilherme Pinto de Magalhães.

O movimento politico de Minas Geraes, em 1842, depois da batalha de Santa Luzia, a 20 de Agosto desse anno, expoz Theophilo Ottoni, José Pedro Dias de Carvalho e outros homens politicos ás vicissitudes da guerra.

Podiam, é certo, tel-as evitado, se quizessem, homiziando-se; preferiram permanecer no campo da luta, Ottoni e Dias de Carvalho recolheram-se resignados, á casa do seu amigo e correligionario, tambem companheiro de infortunios, José Gualberto Teixeira de Carvalho.

Occupada a povoação pelas tropas imperiaes, o quartel mestre general, Antonio Nunes de Aguiar (1) foi ás

---

(1) Antonio Nunes de Aguiar, Conselheiro de guerra, Commandante do corpo de engenheiros e Director do archivo militar. Condecorado com a Dignitaria da ordem da Rosa e com a de Commendador da ordem de São Bento de Aviz. Nasceu em 22 de Novembro de 1807. Assentou praça em 12 de Abril de 1822. Foi promovido a 2º Tenente de artilheria em 12 de Outubro de 1823; a 1º Tenente em 12 de Outubro de 1824; a Capitão em 12 de Janeiro de 1830 com antiguidade de 18 de

oito horas da noite prendel-os e em acto continuo foram confiados á guarda do Tenente-Coronel Guilherme Pinto de Magalhães.

Nunes de Aguiar recommendou toda a consideração para com os presos. «Esta recommendação, affirma o proprio Theophilo Benedicto Ottoni, que serve para provar a galhardia e generosidade do Sr. Nunes, echoou na alma bem formada do Sr. Magalhães, que passou a tratar-nos com distincção particular, porquanto, apresentando-se em acto successivo uma escolta de trinta homens para guardar-nos, e ordenando o Capitão commandante della que nos collocassemos por entre as fileiras, retorquiu o Sr. Magalhães ser desnecessario e que responderia por todos os presos.» (1)

Precisamos transcrever mais este periodo do illustre patriota Theophilo Ottoni:

« Em companhia do nosso generoso guarda, seguimos ao encontro do Sr. Barão de Caxias com quem, a pouca distancia nos avistamos. S. Ex. recebeu-nos com summa urbanidade; approvou que houvessemos sido confiados á guarda do Sr. Tenente-Coronel Magalhães, cujo cavalheirismo S. Ex. melhor podia apreciar; ordenou a este digno official que nos conservasse na mesma casa, onde foramos encontrados e nos dirigiu a seguinte allocução: Meus Senhores, isto são consequencias do movimento, mas podem contar commigo para quanto estiver ao meu alcance, excepto soltal-os». Durante a sua estada em Santa Luzia, o Tenente-Coronel Guilherme Pinto de Magalhães interveiu sempre, energicamente, em favor dos presos, quando varios officiaes os insultavam, esquecendo-se da posição dos

---

Outubro de 1829, a Major em 13 de Setembro de 1837, a Tenente-coronel graduado em 20 de Agosto de 1838; a Tenente-Coronel effectivo em 18 de Julho de 1841; a Coronel em 7 de Setembro de 1842; com antiguidade de 18 de Julho de 1841; a Brigadeiro graduado em 2 de Dezembro de 1856; a Brigadeiro effectivo em 2 de Dezembro de 1859; a Marechal de Campo em 1 de Junho de 1867, em cujo posto veiu a fallecer na côrte no dia 17 de Junho de 1876. Foi quartel Mestre-General e fez parte da commissão que inspeccionou o Corpo de Bombeiros em 1874.

Devemos esta informação ao Sr. Capitão de Engenheiros Dr. Candido Mariano da Silva Rondon.

(1) Conego Marinho, Hist. do Movimento politico na provincia de Minas Geraes, vol. 2°, pag. 41.

vencidos e que, entre elles, alguns tinham já desempenhado o mandato de deputados geraes. E foi com grande desgosto que estes illustres brazileiros souberam que não era o Tenente-Coronel Guilherme Pinto de Magalhães com o seu batalhão que escoltaria os presos para Ouro Preto, sendo entregues ao commandante das forças do Presidio, Athayde.

Quando os presos, a pé, mettidos entre duas filas de soldados, seguiram para Sabará, provocados e maltratados pela populaça e até, como dizia o senador Theophilo Ottoni, por gente de gravata lavada, o Tenente-Coronel Guilherme Pinto de Magalhães que os encontrou, perguntou admirado e com os olhos arrasados de lagrimas: «O que é isto?»

Se Guilherme Pinto de Magalhães fosse o guarda dos presos politicos para Ouro Preto, como esperava, não teriam percorrido a via dolorosa de agonias, máos tratos e escarneos que soffreram algemados e martyrisados, contrariando ao ordens do Barão de Caxias que sabedor destes factos apresentou todas as desculpas a estes patriotas vencidos; reprehendendo, severamente, os officiaes que haviam infringido as suas ordens.

O senador Theophilo Ottoni teve sempre por Guilherme Pinto de Magalhães amizade filial, que lhe testemunhava todas as vezes que se proporcionava occasião tratando-o pelo carinhoso nome de pai.

*
* *

Regressando de Minas Geraes, continuou Guilherme Pinto de Magalhães a observar e prestar solicita attenção ao progresso de Magé, que estava ameaçado na sua prosperidade, se fossem desviados os productos de Minas Geraes e parte do Rio de Janeiro, para outros pontos, por falta de boas communicações.

Guilherme Pinto de Magalhães comprehendeu o grande alcance que, para o commercio, tem as boas estradas e faceis communicações, especialmente, para Magé; por isso organisou e foi o director industrial da empreza que lançou a ponte pensil da Sapucaia, em 1844, sobre o rio

Parahyba, obra que, naquella época, se reputava impraticavel e que veiu salvar aquelle entreposto commercial de grandes prejuizos e talvez de sua completa ruina.

Não parou ahi a actividade de Guilherme Pinto de Magalhães, mais tarde, em 1846, pôde por sua diligencia ter Magé um canal, da cidade ao mar, o qual ainda existe.

Estes serviços relevantes eram galardoados pelos magéenses com a maior estima pessoal, e todas as provas de distincção.

Por carta de 18 de Julho de 1844, o presidente da provincia do Rio de Janeiro, Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, (Visconde de Sepetiba) nomeou-o Coronel chefe da 5ª legião da Guarda Nacional.

Foi eleito deputado provincial do Rio de Janeiro no biennio de 1858 a 1859.

*
* *

Não conhecemos a data em que regressou a esta cidade do Rio de Janeiro, sabemos, porém, que se estabeleceu com uma casa de commissões na Rua Direita, (1º de Março) e foi eleito director do Banco Rural e Hypothecario, em 27 de Julho de 1859 e presidente, em 31 de Agosto de 1860; exercendo este elevado cargo até 3 de Agosto de 1865, desempenhando sempre os seus deveres com a honorabilidade de seu elevado caracter.

E' certo, porém, que já residia nesta capital em 1858, porque o encontramos desempenhando cargos em diversas corporações.

Em 1864, foi nomeado membro da commissão liquidadora da casa bancaria A. J. A. Souto & C.ª conjunctamente, com os conselheiros Bernardo de Souza Franco, (Visconde de Souza Franco) e José Pedro Dias de Carvalho.

Cumpre dizer, abrindo um parenthesis, que a quebra dos banqueiros, em 1864, produziu uma crise commercial que dominou a praça do Rio de Janeiro, perturbando suas transacções, chegando ao ponto de abalar a ordem publica. O Governo Imperial, ouvido o Conselho de estado adoptou diversas providencias, reputadas urgentes; a suspensão, a contar de 9 de Setembro dos vencimentos de letras, notas

promissorias, e outros titulos commerciaes pagaveis nesta praça, e na então provincia do Rio de Janeiro, ficando suspensos e prorogados pelo mesmo tempo os protestos, recursos em garantia e prescripções dos referidos titulos. Estes factos determinaram disposições extraordinarias que o Governo Imperial tomou pelo Decreto n. 3308 de 17 de Setembro de 1864, na ausencia da Assembléa geral legislativa, porque, as circumstancias reclamavam uma providencia urgente : revogando, provisoriamente, a parte terceira do Codigo Commercial, como se vê e é expresso no citado decreto. Em virtude do art. 3° deste acto, foi publicado o Decreto n. 3309 de 20 de Setembro do mesmo anno regulamentando as fallencias dos bancos e casas bancarias.

Posteriormente foram publicados outros decretos e avisos que completaram estes actos.

Eis os motivos que determinaram a nomeação de uma commissão liquidadora da casa de A. J. A. Souto & C., recahindo a escolha de seus membros em pessoas respeitaveis na politica, nas finanças e no commercio, como eram os Conselheiros Bernardo de Souza Franco (Visconde de Souza Franco), José Pedro Dias de Carvalho e Guilherme Pinto de Magalhães.

*
* *

Trataremos agora dos serviços que prestou á Irmandade do Santissimo Sacramento da Freguezia de N. S. da Candelaria, como seu provedor. Guilherme Pinto de Magalhães entrou para esta corporação a 13 de Junho de 1830 e desempenhou os cargos de definidor em 1831, o de escrivão (secretario), no anno compromissal 1858 a 1859, o de provedor de 1864 a 1870 e sendo empossado a 12 de Outubro daquelle anno.

No dia da posse, fez com toda a Administração a visita ás obras, como era costume, subindo ao tambor do zimborio, onde o engenheiro Job Justino de Alcantara, na occasião, estava dirigindo a collocação do engradeamento que devia servir para o zimborio de madeira. Guilherme Pinto de Magalhães encontrou esta obra approvada pela Mesa administrativa da Irmandade e, com a

penetração de que era dotado e pelo exame feito, observou que no trabalho executado estava o germen da ruina das obras, o cupim, e logo em seu espirito ficou resolvida a idéa de procurar outro material mais resistente e que não estivesse sujeito a este gravissimo inconveniente.

Esta questão do zimborio da igreja da Candelaria foi muito debatida na imprensa e tratada por muitos engenheiros e por todas as administrações da Irmandade, desde 1860 até 24 de Março de 1879, dia em que se concluiu.

Guilherme Pinto de Magalhães teve o bom senso de encaminhar a questão criteriosamente, para que a Mesa administrativa a resolvesse de accordo com as suas idéas não permittindo que se fizesse um zimborio de madeira coberto de cobre sem belleza architectonica, oppondo-se ao parecer de distinctos engenheiros, que opinavam por este attentado artistico, apresentando a razão de não terem bastante solidez, os alicerces dos arcos reaes da igreja.

Façamos, a traços largos, o estudo desta parte monumental das obras da igreja matriz de N. S. da Candelaria.

Em 1860, a Mesa administrativa da Irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de N. S. da Candelaria nomeou uma commissão de engenheiros para examinar as obras e dar o parecer, que foi apresentado na sessão de 8 de Março desse anno. A commissão declarou que não podia ser executado o primitivo plano do zimborio, porque não tinha confiança nas bases dos arcos reaes e por isso era de parecer que se fizesse um zimborio de madeira coberto de cobre. Esta opinião era aceita pelo engenheiro das obras Job Justino de Alcantara, que tambem julgava os alicerces sem segurança ; declarou, porém, que se a Administração quizesse que o zimborio tivesse a primitiva altura, seria indispensavel que a cupula fosse apoiada em columnas de bronze, o que era dispendiosissimo, e por este motivo propunha, que ficasse inferior ás torres.

Na provedoria de José Pereira da Rocha Paranhos, em 1863, pediu a Administração ao engenheiro das obras que organizasse um projecto de zimborio.

Satisfeito o pedido, foi apresentado o projecto, que era um zimborio de madeira coberto de cobre e um tambor, e a Administração nomeou uma commissão para examinal-o.

Essa commissão approvou o projecto, reconhecendo, porém, que não estava em relação á grandeza do templo, mas assim mesmo aconselhava a sua aceitação com uma modificação no perfil da cupula que era semi-circular, no projecto, e a commissão propunha que fosse parabolico. Esse projecto poderiamos comparal-o a um grande prato redondo com a sua coberta.

A Administração hesitou em mandar executar a obra e pediu ao engenheiro Gustavo Waenheldt um plano, para confrontal-o com o de Alcantara e escolher o melhor.

A 23 de Outubro de 1863, foi por aquelle engenheiro apresentado o seu projecto. Era tambem um zimborio de madeira coberto de cobre com uma lanterna.

Nova commissão, novos pareceres, porém, desta feita, os engenheiros deram cada um o seu laudo. Novas hesitações da Administração e, para completar a obra, novo pedido de projecto a Job Justino de Alcantara. Afinal foi aceito este ultimo projecto e, a pedido do seu autor, enviado a Academia de Bellas Artes, pedindo a Administração o seu douto parecer.

O Conselheiro Thomáz Gomes dos Santos, ouvida a congregação, enviou o parecer á Irmandade apresentando modificações. Alcantara contestou o parecer da Academia, resolvendo a Mesa administrativa da Irmandade, em sesão de 9 de Julho de 1864, adoptar o projecto e executal-o.

Foi no inicio deste trabalho que Guilherme Pinto de Magalhães assumiu, como dissemos, a provedoria da Irmandade e que intentou modificar esse projecto, e julgou conveniente consultar outros engenheiros para «ver se era possivel empregar outro material» mais duravel.

A opinião do provedor foi aceita pela Mesa administrativa, em sessão de 12 de Janeiro de 1865, e a consequencia foi a ordem para suspender a compra de madeiras para o zimborio e nomear-se uma commissão tirada da Mesa administrativa para consultar engenheiros compe-

tentes afim de, obtido o seu parecer, apresental-o a Mesa admininistrativa para esta resolver.

O provedor tambem consultou, particularmente, o engenheiro Gustavo Waenheldt e este profissional opinou que se poderia construir a cupula de tijolo, se os alicerces dos arcos offerecessem resistencia necessaria, para o que faria o exame dos pegões.

Reunida a Mesa administrativa, em 3 de Abril de 1865, expoz Guilherme Pinto de Magalhães a conferencia havida com o engenheiro Waenheldt e que o encarregara de organizar novo projecto apresentando os desenhos para que fossem examinados.

Ponderados os motivos que o provedor apresentou á Mesa administrativa, foi por esta revogada a deliberação da sua antecessora; resolvendo que se não construisse o zimborio de madeira. A 6 de Abril era confirmada esta resolução pela mesa conjuncta e estava resolvido o magno problema — O zimborio não seria mais de madeira.

São merecedores da gratidão desta grande capital as Mesas administrativas e conjunctas que tomaram esta deliberação, pelo serviço inestimavel do embellezamento da cidade.

Baseada nas informações do mestre Sant'Anna e de Francisco da Silva Paes, a Mesa administrativa tinha a certeza da estabilidade dos fundamentos dos arcos reaes e por isso o zimborio seria de tijolo.

Job Justino de Alcantara foi dispensado de engenheiro das obras, (1) por ser contrario a essas idéas, não tinha confiança na solidez dos arcos reaes; affirmava, mas não procedeu ás necessarias vistorias, como fez Gustavo Waenheldt, que o substituiu. (2) Não eram verdadeiras as proposições do engenheiro Job Justino de Alcantara, como posteriormente provou o Dr. Villa Nova Machado quando se quiz fazer um zimborio de marmore.

---

(1) Officio de 7 de Abril de 1865. Liv. 4 de Registro.

(2) Por officio, tambem de 7 de Abril de 1865, foi nomeado Waenheldt. Respondeu a 8, que a 17 tomaria a direcção das obras. Liv. citado, pag. 89.

Segundo a synopse do Dr. Villa Nova Machado, o peso do zimborio pelo projecto do Dr. Ferro Cardoso tem 4.270, 302 t. m. de excesso de resistencia.

	Tons. metricas
Peso das obras, existentes, segundo os calculos do Dr. Villa Nova Machado	8.028,778
Peso do tambor de marmore	102,211
Peso do zimborio de marmore	445,589
Peso do zimborio de tijolo, cupula interna	165,552
Peso da lanterna do coruchêo de marmore	25,077
Peso da lanterna interior	7,420
	8.774,627
Resistencia total dos fundamentos	13.044,929
Excesso de resistencia	4.270,302 (1)

Gustavo Waenheldt prestou muito bons serviços á Irmandade, examinou os alicerces, desenhou os trabalhos das vistorias, e, com estes elementos, demonstrou a inanidade das affirmativas dogmaticas dos profissionaes sobre a segurança dos arcos reaes; fez diversos desenhos dos detalhes do zimborio, da lanterna e do tambor afim de serem enviados para a Prussia e França para se saber do preço — sendo o esqueleto da lanterna de bronze ou ferro e a parte externa de cobre.

Era uma grande peça quasi uma torre e foi tal o preço exigido (70 a 80 contos fortes) que a Irmandade desistiu do intento.

Waenheldt desenhou, em ponto grande, a balaustrada do zimborio, visto estar quasi prompto o assentamento das fiadas do tambor, tendo-se feito o assentamento das fiadas dos capiteis, e fecharam-se os arcos das janellas, faltando as fiadas da architrave e a do friso, já promptos; e a cimalha, em estudos. Fez os desenhos das estatuas da Fé, Esperança, Caridade e Religião, e as dos quatro Evangelistas, executadas pelo artista portuguez José Cesario de Salles.

---

(1) Relatorio de 1871, Annexos. Vide Relatorio de 1870, pag. 70 e o nosso trabalho sobre a Irmandade do SS. SS. da freguezia de N. S. da Candelaria, vol. 1° pags. 143 e 144.

De outros trabalhos se encarregou Waenheldt, tendo, porém, adoecido pediu demissão em 19 de Agosto e a 15 de Setembro de 1868, agradeceu-lhe a Mesa administrativa os seus bons e reaes serviços.

Foi este engenheiro que tirou a prumada da torre da igreja do lado da rua S. Pedro, quando se preparava para fazer o mesmo trabalho, na do lado da rua do General Camara, sobreveiu-lhe a doença que determinou a sua exoneração. Foi substituido pelo Sr. Bethencourt da Silva que, nomeado em sessão de 24 de Setembro, entrou em exercicio a 28 do mesmo mez. Organisou este profissional novos planos; a Mesa administrativa resolveu, em 4 de Outubro de 1869, ouvir a diversos engenheiros, mas antes de interporem parecer o Sr. Bethencourt da Silva pediu demissão em 15 e foi aceita em 18 de Dezembro daquelle anno.

Depois desta data foram apresentados os pareceres, mas não agradaram á commissão. Cada engenheiro tinha opinião differente.

Chegava, porém, o termo do mandato do venerando provedor Guilherme Pinto de Magalhães, mas antes teve a satisfação de ver collocadas as estatuas nos angulos da balaustrada, que remata o tambor e circumda o zimborio,

Incumbio-se deste trabalho e cabalmente o desempenhou o Dr. Daniel Pedro Ferro Cardoso, a pedido da commissão composta dos mesarios Antonio José Pedroso, Francisco da Costa Faria (Barão de Faria) e José Fernandes Palha.

As estatuas subiram na seguinte ordem:

1.ª A estatua de S. Matheus, no dia 6 de Junho de 1870, por coincidencia era o anniversario da collocação da primeira pedra da igreja, porque não houve intenção de commemorar esta data gloriosa para a Irmandade.
2.ª Representando a Religião, no dia 11,—
3.ª a de São Marcos, em 16,—
4.ª a da Caridade, a 19,—
5.ª S. João Evangelista, no dia 24,—
6.ª Representando a Fé, em 29,—
7.ª de S. Lucas, no dia 4 de Julho; — e finalmente,
8.ª a Esperança, em 9,—

No pedestal das estatuas está encerrado o auto que se tomou da sua collocação, tendo comparecido o imperador D. Pedro II, inesperadamente, quando subia a ultima, assignando tambem o auto.

Estava quasi a terminar o mandato da Administração mas estava firmada a solução,— não haveria zimborio de madeira, — e por isso tratou de examinar e estudar os meios de construir o zimborio fazendo uma circular aos engenheiros escolhidos para responderem a um questionario.

O mais notavel é o parecer do Dr. Gabriel Militão de Villa Nova Machado.

A gloria immorredoura da bella peça architectonica que esta cidade tem, deve-se ao benemerito Guilherme Pinto de Magalhães e engenheiro Dr. Daniel Pedro Ferro Cardoso.

A sua constancia e a sua intelligencia não foram demovidas pelos pareceres de notaveis engenheiros; se as suas opiniões fossem acceitas e elles vencessem em poucos annos o cupim teria consumido o zimborio.

Se este benemerito provedor presidisse á Mesa administrativa, quando se tratou do revestimento de marmore da igreja, elle teria mantido a unidade da construcção, o estylo barroco, qualidade essencial, dentro da pureza dos caracteres que a distinguem. E o verdadeiro architecto tendo o estylo determinado tem por força de seguil-o para não commetter anachronismo architectonico, onde todas as ordens, todos os estylos, todos os typos podem achar-se; e de facto, se encontrarão, em parte, no templo da Candelaria, para formar um conjuncto hybrido, mas nunca uma obra de arte. Certo é, que a ornamentação interior não corresponde á fachada do engenheiro Francisco João Rocio e ao zimborio do engenheiro Dr. Ferro Cardoso. O interior é a negação da unidade de estylo (1) e a compo-

---

(1) A regra é antiga, e encontramol-a applicada por Horacio a certo esculptor que morava perto da escola de esgrima de Emilio Lentulo. Este artista expressava bem no bronze, leves cabellos, delicadas unhas, mas a estatua no seu conjuncto era defeituosa, nada valia porque não podia conseguir unidade. *Infelix operis summâ...*

sição é a violação das regras da arte no templo da Candelaria, que a mesa conjuncta presidida por D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco tinha determinado fosse o luxuriante estylo barronimico, quando resolveu a construcção da nova igreja. E esta falta tornou imperfeito o monumento.

O provedor, que se oppoz aos homens eminentes na sciencia que queriam levantar o aleijão de madeira no grandioso templo delineado por Francisco João Rocio, não aceitaria o parecer da commissão, sancionando os planos em que se deturpava o primitivo estylo architectonico do templo mesmo quando nesses planos se reconheceram certas qualidades recommendaveis. O facto positivo é o que o conjuncto interno da obra é hybrido, destoa do estylo basico da igreja, nada tem do barroco de accordo com o qual ella foi projectada e apresenta polychromias que são absurdas apesar dos elogios de occasião.

***

Na provedoria deste benemerito servidor, succedeu um facto que merece menção.

Em 1819, D. João VI obteve o sino grande da igreja matriz de N. S. da Candelaria, que estava na torre do lado da rua do General Camara dando em troca outro que lá está ainda hoje, inutilisado. Este facto que não consta de acto ou memoria da Irmandade, veio pela tradição até nós, porque o negociante José Francisco Coelho, morador na rua da Quitanda n. 130, deu, em 1867, o seu testemunho de ver arriar o sino e conduzil-o para a Cathedral e lá se conservou arrumado a um canto, até que o procurador das obras da igreja, Antonio José Pedrozo procurou readquiril-o, em 1866. Não podemos hoje explicar a razão porque não foi o sino aproveitado na Capella Real, pois que D. João VI, que era grande amador de bom cantochão, gostava do bello som deste sino, e procurando trazer para a sua capella não deixaria de o aproveitar.

Antonio José Pedrozo requereu ao ministerio do imperio a entrega do sino grande, que era de muita vantagem para a Irmandade e delle precisava por causa do re-

logio que se ia collocar na torre do lado da rua de S. Pedro. O ministro, que então era o Conselheiro Joaquim José Fernandes Torres, mandou ouvir o inspector interino da Capella Imperial, que opinou pela entrega, dando a Irmandade duas apolices do valor nominal de 1:000$000.

A Irmandade replicou oppondo-se, e o ministro mandou, pela portaria de 23 de Novembro de 1866, entregar o sino sem indemnisação alguma.

Era retirado da Capella Imperial e Cathedral a 29 do mesmo mez e foi suspenso na torre do lado da rua de S. Pedro em 15 de Dezembro, ficando a collocação prompta a 31 de Janeiro de 1867, funccionando pela primeira vez em 2 de Fevereiro, festa de N. S. da Candelaria, dia escolhido para se inaugurar o relogio.

Este sino tem de bronze 4.611 £. e com os preparos o peso total de 8.430 lbs. ou 263 arrobas e 14 lbs. correspondendo a 3.869 kilos e 370 grammas.

*
* *

Taes são, em resumo, os factos principaes da vida deste benemerito e virtuoso varão ; faltando só para completar a nossa tarefa expôr a sua muita bondade, caridade e desprendimento das riquezas hemanas, tendo ainda em vida entregue a seus herdeiros os poucos bens do seu patrimonio; reservando o indispensavel para chegar ao fim do caminho, para onde todos nos approximamos quotidianamente.

A este benemerito servidor da Irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de N. S. da Candelaria bem se póde applicar a sentença do Venusino :

> .....*Aut virtus nomen inane est,*
> *Aut decus et pretium recte petit experiens vir.* (1)

F. B. Marques Pinheiro.

---

(1) Horacio, Liv. I, Epist. XVII ad Sævam, v 42 e 43.

HISTORIA DIPLOMATICA

O primeiro Relatorio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros

O primeiro relatorio do Ministerio de Negocios Estrangeiros — hoje das Relações Exteriores — foi feito e apresentado no officio de 19 de Junho de 1826 do então Ministro da respectiva repartição, o Sr. Visconde de Inhambupe, em resposta ao que lhe tinha sido dirigido com data de 27 de Maio do mesmo anno pelo Sr. José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada, 1° Secretario da Camara dos Deputados.

O officio da Mesa da Camara fôra motivado por uma moção dos Srs. Vergueiro e Hollanda Cavalcante, redigida e approvada nestes termos: — « A Camara dos Deputados, querendo obter um exacto conhecimento de todos os negocios da publica administração, afim de deliberar com o maior acerto sobre as providencias legislativas de que necessitar cada um de seus ramos, resolve que se peça ao Governo a conta de todos os actos que a Constituição o obriga a dar ás Camaras, logo que se acham reunidas em sessão ». (*Annaes da Camara dos Deputados, vol. 1826*).

A resposta do Visconde de Inhambupe distinguiu os actos que o Governo julgava conveniente levar ao conhecimento das Camaras, contestando que pela Constituição do Imperio cumprisse a cada Ministro dar conta de todos os assumptos de sua repartição.

Eis as textuaes palavras dessa resposta sobre tal ponto :

— « Devendo o Ministerio reger a marcha do Governo pela Constituição do Imperio, que religiosamente

cumpre observar e não se deduzindo de seu contexto obrigação alguma de dar cada um dos Ministros e Secretarios de Estado uma conta absoluta e indeterminada dos objectos de sua Repartição, eu fallarei detalhadamente daquelles que, pertencendo aos negocios estrangeiros em conformidade dos §§ 6°, 7°, 8° e 9° do art. 102 da Constituição, me parece que convém chegar ao conhecimento da Assembléa, sem que todavia se possa deduzir essa obrigação do que se acha decretado no § 1.° do art. 37 da mesma Constituição, porque essa disposição é relativa ao § 6.° do art. 15, que felizmente por óra não tem lugar ».

E depois de mencionar os actos que entendia dever communicar á Camara, accrescentou o Sr. Visconde de Inhambupe : — « Se, além desta prévia informação, a Camara dos Deputados precisar de quaesquer outros esclarecimentos a respeito dos negocios desta repartição, V. Ex. me avisará para eu assim cumprir, para o que me acho competentemente auctorisado por ordem de S. M. Imperial, que a tal respeito houve por bem transmittir-me. —Deus guarde a V. Ex. Paço, em 19 de Junho de 1826. Ao Sr. José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada.— Visconde de Inhambupe » — (Volume citado dos Annaes da Camara dos Deputados, pag. 202).

As disposições constitucionaes a que se referia o Sr. Visconde de Inhambupe eram as seguintes:—Art. 37, § 1°— «Tambem principiarão na Camara dos Deputados, — o exame da administração passada e reforma dos abusos nella introduzidos » — Art. 15, § 6° — « E' da attribuição da Assembléa, — na morte do Imperador ou vacancia do throno, instituir exame da administração que acabou e reformar os abusos nella introduzidos ».

Com effeito, só posteriormente a lei de 15 de Dezembro de 1830, art. 42, determinou, que os Ministros de Estado deviam apresentar na Camara dos Deputados, até o dia 15 de Maio, relatorios impressos, expondo mui circumstanciadamente *o estado dos negocios a cargo de cada repartição, — as medidas tomadas para desempenho de seus deveres e a necessidade ou utilidade de augmento de suas despezas*. (Repertorio da Constituição politica do Imperio

do Brazil e do Acto Addicional, por J. J. Machado Portella, edição de 1865, pag. 132).

Esta lei era complemento da de 8 de Outubro de 1828, arts. 9° e 10°, que regulamentando o art. 172 da Constituição, dispunha que « *os diversos Ministerios remettessem annualmente ao da Fazenda os orçamentos concernentes ás suas despezas, fazendo individuação das ordinarias e extraordinarias e a razão dellas com tabellas explicativas que indicassem a particular applicação de cada uma e sua legalidade* ».

As constituições não são codigos de leis e sim codigos de principios ; ou antes, não são codigos, no sentido que deu á denominação a Compillação das leis, pragmaticas e rescriptos dos doze Imperadores romanos, mandada organisar por Justiniano e como, por imitação, segundo os diccionarios politicos, se chamam as diversas consolidações das leis civis, penaes, commerciaes e militares de um paiz.

Quero dizer, — uma constituição não é propriamente uma *lei*, mas um systema de governo, como a definiu Paley, do grego *sustema*, que corresponde exactamente á palavra latina *constitutio* ; ou em outros termos, um corpo de doutrinas fundamentaes ou instituintes em que as leis se devem inspirar. O proprio vocabulo o diz ; constituição, em sua accepção geral, exprime a essencia de um organismo, a essencia das cousas. Só nesse sentido é que se póde denominal-a *lei fundamental*.

Seja, porém, como fôr, a infracção de uma disposição constitucional, emquanto a lei penal não a qualifica, não constitue crime ou delicto e simplesmente a violação theorica de um preceito basico ou institutivo.

Esta conclusão, pelo menos, parece deduzir-se da doutrina assentada pelo Conselho de Estado do Imperio, em sua reunião de 20 de Julho de 1871, convocado para resolver sobre a *consulta*, de que era relator o Sr. Sayão Lobato (depois Visconde de Nitherohy), relativa ao caso da pensão do Brigadeiro honorario Fidelis Paes da Silva e de que haviam divergido os dois outros membros da secção respectiva, os Srs. José Ignacio Nabuco de Araujo e Carlos Carneiro de Campos (depois Visconde de Caravellas).

Tomaram parte nessa reunião, como consta dos seus luminosos pareceres, os Conselheiros de Estado, Srs. Conde d'Eu, Visconde de Abaeté, Viscondes de Sapucahy e de S. Vicente (depois Marquezes), Bernardo de Souza Franco (depois Visconde de Souza Franco), Francisco de Salles Torres Homem (depois Visconde de Inhomirim), Barão das Tres Barras (depois Visconde de Jaguary) e Duque de Caxias.

Faltaram com participação, mas mandaram seus votos por escripto, os Srs. Visconde de Itaborahy, Barão de Muritiba (depois Marquez do mesmo titulo) e Nabuco de Araujo que remetteu a sua réplica.

Deixou tambem de comparecer o Sr. Carneiro de Campos que, como membro da Commissão, já tinha apresentado a sua opinião apoiando a divergencia do Sr. Nabuco.

O Sr. Barão do Bom Retiro (depois Visconde ou Marquez nos seus ultimos dias), não votou por ausente, em serviço na viagem do Imperador. O Sr. Visconde do Rio Branco por ser *Presidente do Conselho*, não tomou parte na reunião.

Era então Ministro dos Negocios Estrangeiros o Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, que foi quem nessa qualidade referendou a Resolução Imperial de Sua Alteza a Princeza Regente, de 5 de Junho de 1871, mandando ouvir o Conselho de Estado. (Actas das sessões do Conselho do Estado em 1871).

Na brilhante discussão doutrinal que se travou sobre a materia, em fórma de additamento a seus pareceres, entre os Srs. Sayão Lobato e Nabuco, foram citados, pelo primeiro os casos do Marquez de Aracaty, Dr. Tavares e Padre José Antonio de Caldas, que apezar de terem incidido pela Constituição na perda dos direitos de cidadão brazileiro, não se tornou effectiva essa perda, por falta da lei organica respectiva, recahindo ao contrario no ultimo a expressa deliberação legislativa de 3 de Julho de 1834, que confirma a conclusão a que acima me referi.

Ao recordar os nomes illustres dos antigos *Conselheiros de Estado* e os serviços por elles prestados em todos os ramos da administração, assoma a idéa da conveniencia de uma corporação identica, em que tivessem assento os

estadistas que ainda nos restam e as mentalidades politicas que têm apparecido e vão apparecendo. (1)

Já a Republica deu o primeiro passo, creando o lugar de *Consultor Geral*, que tão bem preencheu, confiando-o a pessoa competente por sua variada illustração e preparação pratica para o cargo. E' pois de suppôr que não se faça esperar por muito tempo a installação do novo Conselho de Estado do Brazil.

Peço desculpa do parenthesis e volto ao assumpto interrompido.

Em meu humilde conceito, uma constituição necessita imprescindivelmente, para produzir seus effeitos praticos de leis organicas que a regulamentem. Só depois dessa completa regulamentação, o caminho a seguir, desobstruido das interpretações arbitrarias dos partidos e dos governos, abre-se franco e largo á marcha do paiz. E' talvez tão palpitante a necessidade de uma codificação das leis organicas politicas, como a de codigos civis, penaes e quaesquer outros.

Por si só uma constituição não é mais que a base das liberdades de um povo, — a planta architectural da patria nacional. São as leis organicas e as que dellas derivam, que levantam e construem o edificio, — a casa do povo —

---

(1) Das pessoas que faziam parte em 1871 do *Conselho de Estado* só existem :

Sua Altezas a Princeza Imperial Senhora Dona Izabel, e o Principe Senhor Conde d'Eu, *membros extranumerarios*, nomeados em 1870.

— Nem mesmo acha-se completo o numero dos seus *membros ordinarios* e extraordinarios, de nomeação posterior, que funccionaram até a sua extincção, em 15 de Novembro de 1889, pelo advento da Republica

Dos primeiros que eram doze, sobrevivem apenas os Srs. Marquez de Paranaguá (nomeado em 1879), Visconde de Ouro Preto (1882), Visconde de Sinimbú (1882), Lafayette Rodrigues Pereira (1882), Manoel Francisco Correia (1887) e João Alfredo Corrêa de Oliveira (1887), isto é, a metade.

E dos segundos que eram onze, por faltar preencher-se uma vaga para complelar o numero marcado pela lei, da organisação do Segundo Conselho de Estado, de 23 de Novembro de 1841, restam unicamente os Srs. Domingos de Andrade Figueira (de 1888), Olegario Herculano de Aquino e Castro (1889), Felippe Franco de Sá (1889), Manoel Duarte de Azevedo (1889) e José da Silva Costa (1889).

Outubro de 1903.

BARÃO DE ALENCAR.

na phrase de Taine; e para a firmeza do mesmo, têm que assentar em cheio nas dimensões da planta traçada. Qualquer desvio dessa regra corresponde á parede inclinada que produz o desabe ou ao desajuste das telhas que forma a goteira. Assim, não podem as leis, quaesquer que ellas sejam, estender ou restringir os limites marcados aos poderes publicos ou aos direitos primordiaes do cidadão, instituidos na Constituição.

Só o Parlamento inglez passa como permanentemente constituinte, talvez por ser a Camara dos Communs sempre eleita sem restricções constitucionaes; mas na Inglaterra, o Estado é antes um organismo gerado das tradições e costumes, feito para obedecer a todo o momento ao impulso do *Self-government* na significação lata do termo, que formado por uma Constituição preexistente. Não obstante, o *Reform Bill* de 1832 e a *Elective franchise* (direito de voto) não deixam de ter tirado a força do aphorismo popular que consagra a omnipotencia do Parlamento inglez.

Na propria Russia, a vontade do Czar, que é o eixo do poder publico, não póde alterar o *Livro das leis*, isto é, o codigo dos decretos autocraticos (ukases), sem a intervenção, conforme a materia, dos tres Grandes Conselhos do Imperio russo: o *Conselho do Imperio*, o *Senado dirigente* e o *Santo Sinodo*. Unicamente por esses tramites, póde effectuar-se qualquer reforma radical.

Não é meu intuito aqui, em que apenas me proponho a reproduzir rapidamente uma pagina de nossa historia diplomatica, entrar no exame da natureza das constituições e dos poderes das constituintes, aliás já magistralmente estudados nos Commentarios da Constituição Federal brazileira do Sr. Dr. João Barbalho.

Sómente, de passagem, seja-me permittido ponderar, que no ponto de vista da theoria, não pode conceber-se *Constituinte limitada*, senão no sentido de sua convocação especial para a reforma parcial de uma constituição vigente, quando porventura *ella autorisa* as convocações para taes fins. Ha de facto constituições que se corrigem a si proprias, como se costuma dizer da dos Estados Unidos.

Na verdadeira significação porém da terminologia politica, uma assembléa constituinte é a personificação da

autonomia de um povo; e a autonomia dos povos, á luz dos principios democraticos, não tem senão o limite que lhe marca exclusivamente a sua vontade.

Limitar, portanto, os poderes de uma constituinte corresponderia em direito publico a limitar a soberania nacional, isto é, a negação da legitimidade da democracia.

E' dahi que vem a principal differença que existe entre as *constituições e as cartas constitucionaes.* As primeiras são feitas pela nação; as segundas decretadas pela razão de Estado ou pela victoria de uma revolução, que, embora muitas vezes lancem as bases mais adiantadas das liberdades publicas, o fazem comtudo sem consulta ou participação do povo—*o demos soberano.*

Neste caso estão a *Grande Charte* de 1215, outorgada á Inglaterra por Jean Sans Terre e confirmada em 1264, e a *Charte Constitutionelle* de 1814, da França, e reformada em 1830 quanto á iniciativa legislativa, que são, segundo Bouillet, as que mais importancia têm na historia. Merecem tambem menção, entre varias outras, a *Carta Constitucional* de Portugal, de 29 de Abril de 1826, ainda em vigor, e a *Carta de lei*, de 25 de Março de 1825, convertida em verdadeira *Constituição do Brazil,* pela acceitação voluntaria da Assembléa Geral e da Nação.

Essa Constituição não era terminante sobre a obrigação da informação ministerial dos actos do Governo ao Corpo Legislativo, como bem demonstrou o Sr. Visconde de Inhambupe no seu officio: mas por uma deducção logica do systema representativo, a lei acima citada, de 1830, a estabeleceu, e tão ampla quanto exigia o regimen adoptado.

Pelo extracto que passo a fazer desse officio, ao qual cabe a denominação que acima lhe dei, de *Primeiro relatorio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros,* se vê que na opinião do Governo Imperial, a Inglaterra foi desde o principio favoravel á nossa independencia e que ao Governo britannico se deve em muito o tratado de reconhecimento do Imperio do Brazil por Portugal, o qual aliás está firmado pelo mediador inglez, Sir Charles Stuart, como Plenipotenciario por parte de Sua Magestade o Sr. D. João VI.

Na verdade a Inglaterra, desde a emancipação dos Vice-Reinados europeus da America do Sul, tem representado sempre em nosso continente o papel de uma nação civilisadora e superior e por isso é talvez a mais respeitada em toda a America Meridional.

Ella não aceitou e antes condemnou a quadrupla alliança dos reis absolutos para a reabsorpção de suas antigas colonias neste hemispherio e continuou a ser até hoje um mentor digno, por sua experiencia e elevação, de acatamento,—um conselheiro seguro das nações sul-americanas.

Ainda ha pouco, a sua acção imparcial na questão de limites entre a Republica Argentina e o Chile veiu confirmar esse juizo; seu laudo foi menos uma sentença arbitral, que uma lição pratica de equidade internacional.

No que nos diz respeito particularmente, pondo de parte a excessiva severidade do *Bill Aberdeen*, exercida na phase da extincção do *trafico* e que até certo ponto encontra sua attenuante no zelo com que se dedicou ao serviço da idéa humanitaria, só ha um eclipse nas suas relações de correcta e seria politica para com o Brazil.

Refiro-me ao incidente da *ilha da Trindade*—esse *cochilo de Homero* de Lord Salisbury. Ainda ahi, ella não chegou a desmerecer do apreço a que tem direito, pois reconheceu por si mesma o seu erro, posto aliás em evidencia na patriotica e intemerata nota de nossa Chancellaria. Era Ministro das Relações Exteriores o Sr. Dr. Carlos de Carvalho, que redigiu a argumentação juridica; — a argumentação historica é em parte da penna do Sr. Visconde de Cabo Frio.

No mais, só ha a recordar o *demasiado zelo* de Mr. Christie na memoravel questão que tomou o seu nome, e raros desazos desdenhosos de alguns de seus diplomatas, que ella tem corrigido promptamente com o elevado criterio de uma nação poderosa. E' por isso com justiça apontada para esses casos como modelo; — sabe, sem deprimir seus agentes, emendar-lhes as obstinações (*stiffness*) com a nobreza symbolisada em seu brazão.

Relata o Sr. Visconde de Inhambupe no seu officio-relatorio (conservo a linguagem e o estylo desse documento): —

« Separado o Reino do Brazil da Monarchia Portugueza e elevado á categoria Imperial pela unanime acclamação dos povos, era de absoluta necessidade recorrer áquelles meios que pareciam mais adequados para que a nossa independencia politica fosse reconhecida pelos governos de ambos os continentes.

« A Inglaterra, que tem tomado tanta parte nos negocios do continente americano, mostrou que sua politica era sempre favoravel para promover a paz neste hemispherio e as suas relações com o povo brazileiro e europeu foram sempre tão ligadas aos seus proprios interesses, que Sua Magestade Imperial escolheu a Côrte de Londres para ser o theatro das primeiras negociações. E supposto que esta tentativa não seguisse seu devido effeito pela opposição que então se encontrava no Ministerio portuguez, todavia os esforços de amizade praticados pelo Gabinete britannico e a dexteridade com que o Ministro britannico dirigiu a negociação obtiveram o desejado fim pelo tratado de 29 de Agosto do anno passado (1825), celebrado entre os Plenipotenciarios brazileiros e Sir Charles Stuart, como Plenipotenciario de Sua Magestade Fidelissima, de que resultou o pleno reconhecimento da nossa independencia.

« Naquella mesma data celebraram os sobreditos Plenipotenciarios uma Convenção que tambem foi ratificada e pela qual S. M. Imperial conveio, á vista das reclamações apresentadas de Governo á Governo, em dar ao de Portugal a somma de dois milhões esterlinos, ficando com esta quantia extinctas de ambas as partes todas e quaesquer reclamações, assim como todo o direito á indemnisação desta natureza, tomando S. M. Imperial para este fim sobre o Thesouro do Brazil o emprestimo que Portugal havia contrahido em Londres no mez de Outubro de 1823, pagando o restante para prefazer os sobreditos dois milhões esterlinos no prazo de um anno, á quarteis, depois da ratificação e publicação da mesma Convenção, que agora se deve patentear, como foi ajustada entre os Plenipotenciarios.

« Desta maneira se poz termo á luta que infelizmente existia entre Brazil e Portugal e a seu exemplo se acha reconhecida a nossa independencia politica por todas as nações da Europa, á excepção da Russia, pelas conheci-

das mudanças que ultimamente têm occorrido naquelle Imperio, e da Hespanha cujas desconfianças a respeito dos negocios do Sul (Rio da Prata) hão de desapparecer, convencendo-se da justiça que abona nossa conducta. »

« Em Janeiro de 1824 se realizou uma missão aos Estados Unidos americanos e pouco depois recebeu o Gabinete Imperial a fausta nova de haver aquelle Governo reconhecido a nossa independencia no dia 26 de Maio desse mesmo anno, noticia esta que não podia deixar de ser acolhida com satisfação pela nação qne tivera a prioridade daquelle reconhecimento. »

— « Entretanto vivemos em harmonia com os Estados independentes da America Meridional, franqueando-lhes nossos portos e communicações da mesma sorte que o fizemos ás provincias argentinas, até que Buenos Ayres nos obrigou a um rompimento para defendermos a integridade do Imperio, direitos do throno e honra nacional. »

— « Com effeito, chegando a época de se aplainarem todos os escrupulos dos gabinetes europeus pelo facto de reconhecer S. M. Fidelissima a independencia deste Imperio, compareceu a França para encetar com elle um tratado de commercio e navegação, e S. M. Imperial desejando manter as relações de amizade e benevolencia para com os outros Estados, mormente em artigos de vantagens e felicidade do Brazil, não hesitou em nomear Plenipotenciarios para negociarem com a França, e o resultado foi o tratado de Janeiro (8) do corrente anno (1826) que foi ratificado e já está publicado para sua devida execução. (Essa convenção soffreu uma opposição violentissima na Camara dos Deputados).

— « Acham-se actualmente nomeados alguns Enviados Extraordinarios e Ministros Plenipotenciarios e Encarregados de Negocios nas principaes Côrtes da Europa ; e S. M. Imperial continuará a organisar o Corpo Diplomatico de maneira tal, que sem sobrecarregar o Thesouro publico com excessiva despeza, não deixe comtudo de ter seus representantes e agentes politicos nas primeiras Côrtes e Estados para conservar com todas as Potencias, segundo permittirem as circumstancias, aquellas relações de amizade e harmonia de que resulte a prosperidade deste

Imperio: como é hoje praticado pelas demais nações, sendo tanto mais necessaria esta providencia quando nos achamos a grande distancia das primeiras Côrtes européas ».

(Este officio acha-se integralmente nos Annaes de 1826, da Camara dos Deputados).

Desejava completar o presente artigo com a transcripção do tratado de 29 de Agosto de 1825 e da Convenção Addicional da mesma data, a que se referio o officio que acabo de extractar; mas me alongaria demasiado e de mais ambos estes documentos se acham registrados no Annexo ao relatorio de 2 de Agosto de 1900 que corre impresso em um folheto com o improprio titulo de *Codigo das Relações Exteriores.*

Notarei apenas, como constancia historica, que nessa publicação official, — trabalho aliás claro e methodico — não se encontra o artigo 5°, incorporado a referida Convenção Addicional e negociado em Londres entre o Barão de Itabayana por parte do Brazil, e do Marquez de Palmella por parte de Portugal, a 8 de Janeiro de 1826.

Em uma pasta de papeis depositados, creio que pelo Sr. Marquez de S. Vicente, no Archivo Publico, existe uma cópia desse artigo juntamente com a da acta da conferencia em que foi assignado o tratado, tendo as duas o « conforme » do Sr. Bento da Silva Lisboa, então Official Maior da Secretaria.

Resta-me transcrever, como simples recordação dos estylos da nossa primeira phase diplomatica, o *Preambulo e Decretos* de ratificação e promulgação desse tratado.

PREAMBULO

Em nome da Santissima e Indevisivel Trindade: — Sua Magestade Fidelissima. Tendo constantemente em seu Real Animo os mais vivos desejos de restabelecer a paz, amisade e boa harmonia entre povos irmãos, que os vinculos mais sagrados devem conciliar e unir em perpetua alliança, para conseguir tão importantes fins, Promover a prosperidade geral e Segurar a existencia politica e os destinos futuros de Portugal assim como os do Brazil e Querendo de uma vez Remover todos os obstaculos que possão impedir a dita alliança, concordia e felicidade de

hum e outro Estado, por seo Diploma de 13 de Maio do corrente anno, Reconheceo o Brazil na cathegoria de Imperio independente e separado dos Reinos de Portugal e Algarves e o Seo Sobre Todos muito Amado e Prezado Filho D. Pedro por Imperador, Cedendo e Transferindo de Sua Livre Vontade a Soberania do dito Imperio ao Mesmo seu Filho e seos legitimos successores e Tomando somente, e Reservando para Sua Pessoa, o mesmo titulo.

E estes Augustos Senhores, Aceitando a Mediação de Sua Magestade Britanica para o ajuste de toda a questão incidente á separação dos dous Estados, Tem Nomeado Plenipotenciarios, a saber : — Sua Magestade Imperial — ao Illm. e Exm. Luiz José de Carvalho e Mello, do Nosso Conselho de Estado, Dignitario da Imperial Ordem do Cruzeiro, Commendador das Ordens de Christo e Conceição, e Ministro e Secretario de Estado dos Negocios de Estrangeiros ; — Barão de Santo Amaro, Grande do Imperio, Dignitario da Imperial Ordem do Cruzeiro, Commendador das Ordens de Christo e da Torre e Espada ; — e Francisco Villela Barboza, do Nosso Conselho de Estado, Grã-Cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro, Cavalheiro da Ordem de Christo, Coronel do Imperial Corpo de Engenheiros e Ministro e Secretario de Estado e Inspector Geral da Marinha. — Sua Magestade Fidelissima ao Illm. Exm. Cavalheiro Sr. Carlos Stuart, Conselheiro Privado de Sua Magestade Britanica, Gran-Cruz da Ordem da Torre e Espada e da Ordem do Banho.

E vistos e trocados os Seos Plenos Poderes, convieram em que, na conformidade dos principios expressados neste Preambulo se firmasse o presente Tratado. (Seguem-se os 11 artigos do mesmo e as assignaturas dos Plenipotenciarios, na Cidade do Rio de Janeiro, a 29 do mez de Agosto de 1825). (1)

---

(1) Aproveito o espaço que me proporciona a *Revista Trimensal* do Instituto Historico, para nella deixar registrado integralmente o tratado de reconhecimento da independencia do Brazil por Portugal de 29 de Agosto de 1825 e que tem por titulo — *Tratado de paz e alliança*.

Esse notavel documento põe em relevo a personalidade do Senhor Dom Pedro 1°. Nelle se fundem o coração e o caracter do primeiro imperador do Brazil, alliando a elevação e firmeza do Principe ao respeito do filho a seu augusto pae.

Ratificação — « E sendo — Nos presente o mesmo Tratado, cujo theor fica acima inserido e sendo bem visto, considerado e examinado por Nós, tudo o que nelle se contém, Tendo ouvido o Nosso Conselho de Estado, o Approvamos, Ratificamos e Confirmamos, assim no todo, como em cada hum de seos artigos e estipulações, e pela presente o Damos por firme e valioso para sempre, Promettendo em Fé e Palavra Imperial observal-o e cumpril-o imviolavelmente e Fazel-o cumprir e observar por qualquer modo que possa ser.

TRATADO DE PAZ E ALLIANÇA DE 29 DE AGOSTO DE 1825

Art. 1.° — Sua Magestade Fidelissima Reconhece o Brazil na Cathegoria de Imperio Independente e Separado dos Reinos de Portugal e Algarves e a Seo sobre todos muito amado e prezado Filho Dom Pedro por Imperador, Cedendo Transferindo de Sua livre vontade a Soberania do dito Imperio ao mesmo Seo Filho e a Seos legitimos successores. Sua Magestade Fidelissima Toma tambem e Reserva para a Sua Pessoa o mesmo Titulo.

Art. 2.° — Sua Magestade Imperial em reconhecimento de Respeito e Amor a Seo Augusto Pae, o Senhor Dom João 6°, Annue a que Sua Magestade Fidelissima tome para Sua Pessoa o Titulo de Imperador.

Art. 3.° — Sua Magestade Imperial Promette não acceitar proposições de quaesquer Colonias Portuguezas para so reunirem as Imperio do Brazil.

Art. 4.° — Haverá d'ora em diante Paz e Alliança e a mais perfeita amisade entre o Imperio do Brazil e os Reinos de Portugal e Algarves com total esquecimento das desavenças passadas entre os Povos respectivos.

Art. 5.° — Os subditos de ambas as Nações, Brazileira e Portugueza, serão considerados e tratados nos respectivos Estados como os da Nação mais favorecida e amiga e seos direitos e propriedades religiosamente guardados e protegidos ; — ficando entendido que os actuaes possuidores de bens de raiz serão mantidos na posse pacifica dos mesmos bens.

Art. 6.° — Toda a propriedade de bens de raiz e imoveis e acções, sequestrados ou confiscados, pertencentes aos Subditos de Ambos os Soberanos, do Brazil e Portugal, serão logo restituidos, assim como os seus rendimentos passados, deduzidas as despezas da Administração, ou seos proprietarios indemnisados reciprocamente pela maneira declarada no artigo 8°.

Art. 7.°—Todas as embarcações e cargas apresadas, pertencentes aos subditos de ambos os soberanos, serão semelhantemente restituidas, ou seus proprietarios indemnisados.

Art. 8.°—Uma Commissão nomeada por ambos os Governos, composta de Brazileiros e Portuguezes em numero igual e estabelecidos onde os respectivos Governos julgarem por mais convenientes, será encarregada de examinar as materias dos artigos sexto e septimo ; — entendendo-se que as reclamações deverão ser feitas dentro do prazo de

Em testemunho e firmeza do sobredito, Fizemos passar a presente Carta por Nós assignada, com o Sello Grande das Armas do Imperio e referendada pelo Nosso Ministro e Secretario de Estado abaixo-assignado.

---

um anno, depois de formada a commissão, e que no caso de empate nos votos será decidida a questão pelo Representante do Soberano Mediador. Ambos os Governos indicarão os fundos por onde se hão de pagar as primeiras reclamações liquidadas.

Art. 9°—Todas as reclamações publicas de Governo a Governo serão reciprocamente recebidas e decididas, ou com a restituição ou com uma indemnisação do seu justo valor. Para o ajuste destas reclamações, ambas as Altas Partes Contractantes convieram em fazer uma Convenção directa e especial.

Art. 10.—Serão restabelecidas desde logo as relações de Commercio entre Ambas as Nações, Brazileira e Portugueza, pagando reciprocamente todas as mercadorias quinze por cento de direitos de consumo provisoriamente, ficando os direitos de baldeação e reexportação da mesma forma que se praticava antes da separação.

Art. 11.—A reciproca troca das Ratificações do presente Tratado se fará na Cidade de Lisboa, dentro do espaço de cinco mezes ou mais breve, se for possivel, contados do dia da assignatura do presente Tratado.

Em testemunho do que, Nós, abaixo assignado, Plenipotenciarios de Sua Magestade Imperial e de Sua Magestade Fidelissima, em virtude dos nossos respectivos Plenos Poderes, assignamos o presente Tratado com os nossos punhos e lhe fizemos pôr os sellos das nossas Armas.

Feito na Cidade do Rio de Janeiro aos vinte e nove dias do mez de Agosto do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocento e vinte cinco.

L. S. Luiz José de Carvalho e Mello
» Barão de Santo Amaro
» Francisco Villela Barboza
» Charles Stuart.

—

A primeira parte do artigo 5° e o artigo 10 desse tratado se tornarão insubsistentes de facto, depois das declarações da Nota de 25 de Junho de 1847, dirigida pelo Sr° Saturnino de Souza Oliveira, Ministro dos Negocios Estrangeiros do Brazil, ao Sr. João de Vasconcellos e Souza, Encarregado de Negocios de Portugal no Rio de Janeiro.

A *Convenção addicional*, da mesma data, ao referido Tratado e que foi celebrada em virtude da estipulação do seo art. 9°, regulou o modo pratico de attender as reclamações respectivas e de effectuar o pagamento da somma total da indemnisação, á que e Brazil ficou obrigado e á que alludio o Sr. Visconde de Inhambuy no Relatorio que deixei extractado.

A essa *Convenção*, ajustada no Rio de Janeiro e que constava de *quatro artigos*, se teve de addir um outro artigo, sob a numeração de 5°, accordado em Londres á 8 de Janeiro de 1826 entre o Barão de Itabayana por parte do Brazil e Marquez de Palmella por parte de Portugal.

A copia desse artigo, authenticada pelo Sr. Bento da Silva Lisboa, então Official Maior da Secretaria dos Negocios Estrangeiros, acha-se como disse acima, em uma pasta de papeis, depositada no Archivo Publico desta capital.

Dado no Palacio do Rio de Janeiro, aos trinta dias do mez de Agosto do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e vinte e cinco *Pedro*, Imperador. Com guarda.—*Luiz José de Carvalho e Mello.* O Official-Maior Luiz Moutinho Lima Alvares e Silva a fez. »

O texto portuguez terminava deste modo: — « Em testemunho e firmesa do sobredito, Fiz passar a presente Carta por Mim assignada, passada com o Sello Grande das Minhas Armas e referendada pelo Meu Conselheiro e Ministro e Secretario de Estado, abaixo assignado.

Dado no Palacio de Mafra, aos quinze dias do mez de Novembro de mil oitocentos e vinte e cinco.—Imperador e Rey — com Rubrica e Guarda.—*Conde de Porto Santo.*»

DECRETO DE PROMULGAÇÃO

Achando-se mutuamente Ratificado o Tratado assignado nesta Côrte aos vinte e nove de Agosto do anno proximo passado pelos Meos Plenipotenciarios e o do Senhor Dom João Sexto, Rei de Portugal e Algarves, Meo Augusto Pai, mediante o qual pondo-se o desejado termo á guerra que infelizmente se fizera necessario entre os dous Estados, foi justamente Reconhecida a plena Independencia da Nação Brazileira e a Suprema Dignidade a que Fui Elevado pela Unanime Acclamação dos Povos, com a cathegoria de Imperador Constitucional e Seo Defensor Perpetuo; Hei por bem ordenar que se dê ao dito Tratado a mais exacta observancia e execução, como convém á sanctidade dos tratados celebrados entre as Nações independentes e á inviolavel boa fé, com que são firmados.

O Visconde de Inhambupe de Cima, do Meo Conselho de Estado, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, o tenha assim entendido e faça executar, expedindo as devidas participações e exemplares impressos para as estações competentes desta Côrte e Provincias do Imperio, com as ordens mais positivas para que se cumpram e guardem como nellas se contém — Palacio do Rio de Janeiro, em Dez de Abril de Mil oitocentos e vinte

seis, Quinto da Independencia do Imperio. — Com a Rubrica da Sua Magestade Imperial. — *Visconde de Inhambupe.*

— Preparei este trabalho, para lel-o no *Instituto Historico*, como o primeiro de outros do mesmo genero que tenho entre mãos.

BARÃO DE ALENCAR.

Rio de Janeiro, Maio de 1903.

ACTAS DAS SESSÕES DE 1902

1.ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 20 DE FEVEREIRO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 2 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro e Marquez de Paranaguá, Henri Raffard, Desembargador Souza Pitanga, Dr. José Americo dos Santos, Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Rocha Pombo, Belisario Pernambuco, Coronel Thaumaturgo de Azevedo, Dr. Alfredo Nascimento Silva, Barão de Loreto, Miguel Galvão e Max Fleiuss, 2.° Secretario, o Sr. Presidente abre a sessão.

O Sr. 1.° Secretario lê o seguinte

Expediente

Officios: do Sr. Dr. Affonso Celso, offerecendo ao Instituto o original do discurso proferido na Igreja do Collegio de São Paulo, servindo de Cathedral, pelo Revmo. Conego Joaquim Anselmo de Oliveira, por occasião do solemne *Te Deum* mandado celebrar pelo Revmo. Cabido Diocesano pela visita feita á Provincia de São Paulo por S. M. o Sr. D. Pedro II, em 1846. — O Instituto muito agradece a valiosa offerta que é remettida á Commissão de Redacção.

Da Camara Municipal de Macahé solicitando a remessa de uma collecção da Revista. — A' Secretaria para providenciar.

Do Sr. Carlos Lix Klett pedindo copia do parecer sobre a sua obra: *Estudios sobre a Republica Argentina*. — A' Secretaria para providenciar.

Offertas

As que foram lidas em sessão e constam do appendice.

O Sr. Max Fleiuss, 2.º Secretario, offerece um exemplar de sua Anthologia — Ferias —, e em nome do Sr. Dr. Theodoro Sampaio, um exemplar da Conferencia por este realizada em S. Paulo sobre o Padre Anchieta.

O Sr. Presidente declara que o fim desta reunião extraordinaria é submetter ao juizo do Instituto o parecer apresentado pela Commissão especial, que nomeou, composta dos Srs. Tristão de Alencar Araripe, Macedo Soares e Amaro Cavalcante, sobre o trabalho do Sr. Dr. Felisbello Freire, intitulado *Historia da Cidade do Rio de Janeiro*, trabalho este remettido ao Instituto pelo Sr. Dr. Xavier da Silveira Junior, Prefeito do Districto Federal, para que esta Associação julgue do merito da referida *Historia*.

O Sr. 1.º Secretario lê o respectivo officio do Sr. Prefeito:

« Prefeitura do Districto Federal, em 16 de Janeiro de 1902.— Sr. Dr. Olegario H. de Aquino e Castro, Presidente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Para cumprimento do disposto no art. 2.º da lei municipal n. 231 de 19 de Março de 1896, que junto vos remetto por copia, resolvi solicitar o auxilio desse venerando Instituto para que se digne acceitar a incumbencia de julgar do merito da — *Historia do Districto Federal* — apresentada a esta Prefeitura pelo Sr. Dr. Felisbello Freire.

Esperando que o Instituto, que tão dignamente presidis, acceitará esta incumbencia, antecipo os mais sinceros agradecimentos pela valiosa cooperação que prestará a esta Prefeitura em cujo Gabinete fica á vossa disposição o referido trabalho.

Saude e fraternidade. — *Joaquim Xavier da Silveira Junior*. »

Procede o mesmo Sr. Secretario á leitura do Decreto citado.

« O Prefeito do Districto Federal: Faço saber que o Conselho Municipal decretou e eu sancciono a seguinte resolução:

Art. 1.° Fica instituido pela Municipalidade o premio de cincoenta contos de réis (50:000$000) para o historiador que escrever a historia completa do Districto Federal desde os tempos coloniaes até a presente época.

Art. 2.° Para julgamento do merito do trabalho historico será nomeada uma commissão de pessoas competentes a juizo do Poder Executivo.

Art. 3.° E' fixado o prazo de 5 annos para a execução desta lei:

Art. 4.° Revogam-se as disposições em contrario.

Districto Federal, 19 de Março de 1896. — (Assignado) *Dr. Francisco Furquim Werneck de Almeida*, Prefeito Municipal. »

Pelo Sr. 2.° Secretario é lido o seguinte parecer da Commissão especial:

« A obra escripta pelo Dr. Felisbello Freire — *Historia da Cidade do Rio de Janeiro* — sobre a qual a Commissão abaixo assignada emitte o presente parecer, para ver se o seu valor merece o premio decretado pela lei de 19 de Março de 1896, estuda todo o periodo historico desde 1502 até a época presente, não só da Capital da Republica, sob todos os pontos de vista como toda a região septentrional do Brazil em suas linhas geraes.

Nesse trabalho, o auctor obedeceu aos methodos scientificos da moderna sciencia da Historia jogando com todos os elementos para descrever os factos, a evolução geral dos acontecimentos, a marcha da civilisação nesta zona do paiz, as instituições, a formação de elemento ethnico, a politica e com a maior minudencia a formação da Cidade, seu desenvolvimento, desde as primitivas épocas até agora.

Sendo a cidade do Rio de Janeiro o objectivo capital do trabalho, o auctor esmerou-se com os elementos de suas pesquizas, nos archivos, quasi todos desconhecidos pelos nossos historiadores e ainda não publicados.

Estão traçadas as causas da conquista do Territorio, da construcção da Cidade na Praia Vermelha, de sua mudança para o morro do Castello, de seu desenvolvimento pela planicie, da construcção de suas ruas com especificação das mais antigas, de seus edificios desde a época da fundação até agora e das invasões estrangeiras que se deram.

Estão tambem minuciosamente estudados a sua população, seu desenvolvimento, desde o seculo 16°, seus costumes, seus habitos, suas tradições, etc.

Não se limitando o auctor ao estudo da Cidade estendeu-o a antiga capitania do Rio de Janeiro, traçando as linhas que seguiu o povoamento pelas bacias dos Rios os mais importantes, publicando a integra de todas as sesmarias que foram concedidas, não só na Capitania, como na Cidade.

Estão ahi importantes documentos que devem servir de base ao estudo do direito de propriedade territorial, entre nós, tão descurado e tão litigioso.

Alem dos elementos materiaes da Cidade, estão completamente estudados os elementos moraes de instrucção, de arte, de cultura, e os governos que ella teve, desde o seculo 16° até agora.

Ahi é por demais minucioso o estudo que foi feito sobre originaes manuscriptos. A politica com todas as suas evoluções, interna e externa dos governos, seus actos, suas finanças, o movimento economico, com a maior abundancia de estatisticas, a genesis do nosso exercito e marinha, tudo está minuciosamente descripto, assim como a mineração, nossas luctas com os Argentinos, a colonisação de Montevidéo, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catharina, Minas e São Paulo.

A leitura do trabalho revela muita cousa desconhecida e original em relação as nossas luctas, com os Argentinos, em relação as questões das Missões, da Colonia do Sacramento, da Colonisação do Rio Grande e a influencia que exerceu ella sobre a politica Nacional e Internacional, as razões da colonisação de Minas e São Paulo, Santa Catharina e Paraná e a influencia, que exerceu sobre o Rio de Janeiro e o Brazil, em geral.

E' da maior importancia o estudo sobre mineração, que se iniciou no começo do seculo 18° e a influencia que exerceu ella sobre os caminhos de communicação entre o Sul e o Norte, e as differenças de riqueza particular entre as duas zonas.

Nestes capitulos, o auctor pinta a feição social da primeira metade do seculo 18°, tão profundamente corrompida pelo contrabando do ouro, e do escravo, cujas causas de importação estão perfeitamente estudadas desde o fim do seculo 16°. Sendo uma das mais importantes épocas de nossa historia, o auctor não perde um só elemento de estudo desde a invasão franceza até a entrada do seculo 19°, estudando muitos governos inteiramente desconhecidos.

Em relação a Cidade, ella é estudada em cada seculo, no desenvolvimento material que teve, sua organisação politica, administrativa, judiciaria, tributaria de seculo em seculo, acompanhando todas as modificações que se deram, com a descripção das causas respectivas, suas crises financeiras, e economicas, e os processos, de suas soluções, suas epidemias, suas guerras, os elementos de defesa militar na construcção de seus fortes, na organisação dos corpos militares, etc.

Uma das cousas que mais preoccupou o auctor foi o estudo do governo Municipal do Rio de Janeiro desde o primeiro dia de sua organisação, até a época actual.

Estão estudados seus impostos, a influencia que elle exerceu sobre o desenvolvimento da Cidade, da Capitania, e de todas as Capitanias do Sul do Brazil, suas relações com os governos, seu prestigio politico, suas luctas, com as outras autoridades, e o contingente financeiro com que entrou para a defesa do Rio, da Colonia e da integridade do seu territorio. Estão traçadas, com criterio scientifico, as causas da decadencia do governo Municipal, que começou em 1734 com o acto de Vahia Monteiro, retirando da iniciativa Municipal os impostos de que estava investida a camara do Rio de Janeiro.

Está tambem estudado o patrimonio Municipal, com todos os documentos comprobatorios do seu direito.

Com o resultado de sua paciente pesquiza em nossos archivos, o auctor depois de ter estudado a Cidade, seus

governos, a acção que exerceram na colonisação e no povoamento da Capitania e da Colonia, passa a estudar os governos do Vice Reinado, revelando que leu toda a correspondencia dos Vice-Reis, o Reinado, a Independencia, o 1.º Imperio, o 2.º Imperio e a Republica.

Em todo esse periodo, estuda o desenvolvimento natural da Cidade, seu povo, sua instrucção, seus governos, e suas guerras.

A Commissão julga por conseguinte a obra do Dr. Felisbello Freire da maior utilidade ao Paiz e merecedora do premio decretado pela lei Municipal.

E' essa sua opinião unanime.

Capital Federal, 21 de Janeiro de 1902.—*T. Alencar Araripe.—Amaro Cavalcanti.—Antonio Joaquim de Macedo Soares.* »

Terminada a leitura, pedem a palavra os Srs. Henrique Raffard, Araripe, Souza Pitanga, Barão de Loreto, Max Fleiuss, José Americo dos Santos e Alfredo do Nascimento Silva.

Fica resolvido, depois de discussão, que o Instituto convide o Sr. Dr. Felisbello Freire para ler o seu trabalho perante o Instituto, sendo que em caso de seu impedimento a leitura poderá ser feita pelos Secretarios.

Em seguida o Sr. Fleiuss, 2.º Secretario, lembra a conveniencia de ser representado o Instituto na proxima conferencia internacional de historia a realizar-se em Roma, no mez de Abril vindouro. O Instituto resolve commetter á deliberação do Sr. Presidente esse ponto.

Nada mais havendo a tratar, levanta-se a sessão ás 3 1/2 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2.º Secretario.

1.ª SESSÃO ORDINARIA EM 7 DE MARÇO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro e Manoel Francisco Correia, Henri Raffard, Desembargador Souza Pitanga, Rocha Pombo, Beli-

sario Pernambuco, Dr. José A. dos Santos, Luiz de França Almeida e Sá, André Werneck, Commendador Oliveira Catramby, Dr. Antonio de Paula Freitas, M. A. Galvão, Dr. Zeferino Candido, Dr. Felisbello Freire e Max Fleiuss, 2° Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2° Secretario, lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada, sem debate.

O Sr. Raffard, 1° Secretario, lê o seguinte

Expediente

Officios: do Sr. Oliveira Catramby, pedindo em nome do Sr. Almirante Augusto de Castilho, diversos exemplares da Revista do Instituto para a Escola Naval de Lisboa.—A' Secretaria para providenciar.

Do Sr. Dr. E. Matta Vial, Sub-Secretario da Instrucção Publica do Chile, remettendo diversas publicações.—Agradece-se.

Do Club de Engenharia communicando a eleição da nova Directoria.— Agradece-se.

Do Consul do Brazil, em Antuerpia, remettendo a circular para a exposição cartographica, ethnographica e maritima que se realizará, em Antuerpia, em Maio de 1902.— Agradece-se.

Carta de S. Ex. Rev. o Sr. Bispo de Petropolis apresentando as suas despedidas, por ter que partir para a diocese do Pará, para qual foi transferido. — Agradece-se.

Aviso do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores, remettendo um exemplar do programma do 13° Congresso Internacional de Americanistas, que se reunirá, em Outubro proximo, em New York.— Agradece-se a communicação.

Offertas

As que foram lidas em sessão e constam do appendice.

O Sr. Presidente declara ter recebido da neta do Sr. Desembargador Joaquim Ignacio da Silveira da Motta um manuscripto contendo o «Ensaio sobre a critica de Ale-

xandre Pope,» traduzido em verso heroico pelo mesmo Sr. Silveira da Motta, trabalho apresentado ao Instituto para que este o adquira. — O Instituto resolve deferir ao Sr. Presidente qualquer deliberação a respeito.

O Sr. Dr. José Americo dos Santos offerece, em nome de sua esposa, a Sra. D. Maria Clara da Cunha Santos, um exemplar do livro *Paineis*, da lavra da mesma senhora.—O Instituto muito agradece a offerta.

O Sr. Raffard, 1° Secretario, informa que o porteiro do Instituto, Geraldo Martins Bonilha, por enfermo, pede a sua demissão do cargo. De conformidade com os Estatutos, o mesmo Sr. 1° Secretario propõe a nomeação, que é approvada, do Sr. Honorio Leoncio de Macedo para o referido logar.

O mesmo Sr. Secretario lê a seguinte proposta:

«Propomos para socio correspondente do Instituto o engenheiro civil Dr. Theodoro Sampaio, membro fundador do Instituto Historico de S. Paulo, auctor de varios trabalhos historicos e ethnographicos, entre os quaes a notavel memoria intitulada: *O Tupi na Geographia Nacional*. Sala das sessões do Instituto, aos 7 de Março de 1902.—*A. F. de Souza Pitanga—A. Zeferino Candido—M. A. Galvão—Henri Raffard—Oliveira Catramby—José Americo dos Santos—Max Fleiuss.*»—A' Commissão de ethnographia, sendo relator o Sr. Barão de Capanema.

Em seguida foi dada a palavra ao Sr. Dr. Felisbello Freire que, em cumprimento ao resolvido pelo Instituto, expõe o plano geral do seu trabalho, *Historia da Cidade do Rio de Janeiro*, submettido ao juizo do Instituto pelo Sr. Prefeito do Districto Federal.

O Sr. Desembargador Souza Pitanga propõe que se realizem sessões extraordinarias para o fim especial de poder ser lido pelo Dr. Felisbello Freire o referido trabalho.

O Instituto resolve celebrar sessões todas as sextas-feiras, ás 3 horas da tarde.

Nada mais havendo a tratar, levanta-se a sessão ás 4 e 45 minutos da tarde.

Max Fleiuss, 2° Secretario.

2.ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 14 DE MARÇO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, Manoel Francisco Correia, Marquez de Paranaguá, Henri Raffard, Desembargador Souza Pitanga, Drs. Liberato de Castro Carreira, Barão Ribeiro de Almeida, Felisbello Freire e Zeferino Candido, M. A. Galvão, Belisario Pernambuco e Max Fleiuss, 2° Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2° Secretario, lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem debate.

O Sr. Raffard, 1° Secretario, lê o seguinte

Expediente

Officios: do Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina, communicando a eleição da respectiva Directoria para o corrente anno.—Agradece-se.

Do Director Geral dos Correios, em resposta ao do Instituto, datado de 27 de Abril de 1901, e remettendo um pacote contendo sellos e outras formas de franquias para a Bibliotheca do Instituto. — Agradece-se.

O Sr. Fleiuss pedindo a palavra diz: que esse officio do Director Geral dos Correios foi motivado pelo que áquella autoridade dirigiu o orador, quando no exercicio interino do cargo de 1° Secretario, em Abril do anno passado, para que o Museu do Instituto possuisse uma collecção das nossas formulas de franquia.

O Sr. Raffard observa que a remessa feita pelo senhor Director dos Correios é incompleta e em tempo offerecerá alguns sellos raros que possue.

O Sr. Dr. Liberato de Castro Carreira, Thesoureiro, diz: que por não ter sabido da sessão anterior sómente agora offerece á consideração do Instituto o « Balancete do 4° Trimestre de 1901» e o Balanço geral da Receita e Despeza do mesmo anno de 1901.»

Balancete do 4.° Trimestre de 1901 do Instituto Historico e Geographico Brazileiro

DESPEZA

	Outubro:	
1	Conta de A. Telles & C.	180$000
2	Recibo de Carlos Maury	81$000
3	Folhas dos Empregados, de Outubro	500$000
4	Conta de Jean Bidart & C.	140$500
5	» de M. Arruda	60$000
6	Recibo de Carlos Maury	78$000
7	Folha dos Empregados, de Novembro	500$000
8	Recibo de João Ventura Rodrigues	50$400
9	» da Secretaria do Instituto	200$000
10	Folha dos Empregados, de Dezembro	500$000
11	Recibo de Carlos Maury	72$000
12	» de João Valentim de Siqueira	127$000
13	Conta de José A. Guimarães	284$000
14	» de Goulart & Irmão	92$000
15	» de Soares Baptista	70$000
16	Conta de Antonio Ferreira Lopes Sobrinho	14$000
17	» d'*O Paiz*	11$200
18	» d'*A Noticia*	4$800
19	» da *Gazeta de Noticias*	12$200
20	Contas (3) do *Jornal do Brazil*	53$500
21	Conta de Joaquim da Cunha & C.	42$000
22	» de Luiz de Macedo	25$500
23	» de José Francisco do Amaral	20$800
		3:118$900

RECEITA

Outubro:	
Saldo em 30 de Setembro	5:255$040
Juros de 36 Apolices Municipaes	216$000
Remissão do Dr. Pedro Augusto C. Lessa	150$000
Dr. João Capistrano de Abreu	12$000
Quóta das loterias de Julho a Setembro	3:500$000
	9:133$040

Transporte........	9:133$040
Novembro :	
Visconde de Ouro Preto................	12$000
Dr. Antonio da Cunha Barbosa..........	24$000
Dr. Affonso Celso......................	12$000
Dr. Antonio Olyntho dos S. Pires........	12$000
Dr. Barão Ribeiro de Almeida...........	12$000
Barão de Teffé.......	12$000
Dr. Cincinato Cesar da Silva Braga......	12$000
Dr. Rodolpho Cavalcante de Albuquerque..	12$000
Dr. Felisbello F. de O. Freire..........	12$000
Desembargador Ovidio F. Trigo de Loureiro..............	24$000
Dr. Sylvio Roméro.....................	50$000
Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho.	12$000
Dr. Antonio Augusto de Lima...........	150$000
Dr. Manoel Alvaro de S. Sá Vianna......	12$000
Dr. Joaquim Pires Machado Portella.....	72$000
Dr. Ermelino Agostinho de Leão........	12$000
Dr. Horacio de Carvalho...............	56$000
	9:641$040
Saldo em 31 de Dezembro de 1901...	6:522$140

Balanço geral da Receita e Despeza do Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 1901

RECEITA

Saldo em 31 de Dezembro de 1900........	2:639$840
Quota das loterias.....................	14:000$000
Juros das apolices do patrimonio do Instituto	3:760$000
Dito das inscripções do Banco da Republica...........................	427$000
Dito de 36 apolices municipaes..........	426$000
Mensalidades pagas pelos socios.........	630$000
Joia pela entrada de socios.............	340$000
Remissão de dous socios................	300$000
	22:522$840

DESPEZA

Impressão da Revista e catalogo........	5:240$000
Diversas publicações, nos jornaes........	1:368$900
Despezas pela Secretaria...............	650$000
Busto do Conselheiro Candido Mendes.....	309$000
Mesas, quadros e outras obras...........	652$300
Encadernações, papeis, etc.............	307$500
Aluguel de cadeiras, flôres e illuminação para as duas sessões magnas de 1900 e 1901	920$000
Recibos de um collaborador na Secretaria.	607$000
Folha dos empregados.................	5:768$000
Porcentagem aos cobradores............	177$400
	16:000$100

RESUMO

Receita......................	22:522$840
Despeza.....................	16:000$100
Saldo..................	6:522$740

REFLEXÕES

O saldo supra está sujeito ao pagamento da impressão da segunda parte do terceiro e quarto trimestres de 1901 e mais algumas contas, que não foram apresentadas.

O patrimonio do Instituto se compõe: de 74 apolices da divida publica do valor de 1:000$000 e juros de 5 °/₀ e 2 do valor de 600$000 da mesma especie, 14 inscripções do Banco da Republica do valor de 1:000$000 e uma de 500$000, juros de 3 °/₀, 36 apolices do emprestimo municipal do valor nominal de 200$000 e juros de 6 °/₀, sendo 6 com destino especial, uma inscripção do Banco da Republica do valor de 500$000 e outra de 100$000, com destino especial.

Junto a este a relação dos socios cujas prestações tem de ser pagas no corrente anno; por ella se verá que se acha elevada essa cifra a 6:790$000, cuja amortização é quasi nulla, nada produzindo as alterações que a este respeito se fizeram nos Estatutos.

Tambem merece attenção a nota quinta que trata dos socios que ainda não solicitaram os seus diplomas nem pagaram a competente joia.

Dantes as contas do Instituto tinham 1ª e 2ª vias, supprimiram as segundas vias e por isso não estão annexas ao balanço. Capital, 31 de Dezembro de 1901. — *Dr. Liberato de Castro Carreira.*

O mesmo Sr. Thesoureiro informa que com o saldo de 1901 comprou para o Instituto oito apolices da Divida Publica, sendo quatro do valor nominal de 1:000$000 e quatro do de 200$000, de accordo com o que em sessão se resolvera anteriormente.

Tanto o Balanço Geral como o Balancete do quarto trimestre de 1901 são enviados á commissão de fundos e orçamento, sendo relator o Sr. Conselheiro Souza Ferreira.

OFFERTAS

As que foram lidas em sessão e constam do appendice.

O Sr. Fleiuss, em nome do consocio Sr. Horacio de Carvalho, offerece um exemplar da obra *Navegação aerea, 1709-1901*, da lavra do mesmo consocio. Diz o Sr. Fleiuss ter lido esse trabalho que considera de palpitante interesse, constituindo uma synthese, intelligentemente feita, de todas as tentativas e experiencias da navegação aerea.

Não havendo propostas nem pareceres, o Sr. Presidente dá a palavra ao Sr. Dr. Felisbello Freire, que inicia a leitura do seu trabalho *Historia da cidade do Rio de Janeiro*, submettido ao juizo do Instituto pelo Sr. Prefeito do Districto Federal.

Levanta-se a sessão ás 4 1/2 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2.° Secretario.

2ª SESSÃO ORDINARIA EM 21 DE MARÇO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, Manoel Francisco Correia e Marquez de Paranaguá, Max Fleiuss, Desembargador Souza Pitanga,

Drs. Felisbello Freire, Liberato de Castro Carreira, Aristides Milton, José Americo dos Santos, Desembargador Paranhos Montenegro, M. A. Galvão, Belisario Pernambuco, Luiz de França Almeida e Sá, André Werneck e Rocha Pombo, primeiro supplente dos Secretarios, servindo de 2º Secretario, o Sr. Presidente abre a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2º Secretario, servindo de 1º, lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem debate. Declara em seguida que não ha expediente, pareceres, nem propostas.

OFFERTAS

As que foram lidas em sessão e constam do appendice.

O Sr. Belisario Pernambuco apresenta ao Instituto o manuscripto do seu trabalho : «A Maçonaria atravez dos seculos, sua poderosa influencia politico-emancipadora no Brazil.»

Esse trabalho, segundo informa o seu auctor, compõe-se de tres partes: «1ª, Critica preliminar. 2ª, Origem da maçonaria. Lenda transmittida a actualidade por diversos escriptores. Verdadeira origem historica. Estabelecimento da ordem em diversos paizes. 3ª, Estabelecimento da Maçonaria no Brazil, conforme os apontamentos publicados. Perseguições movidas pelo Governo depois da Republica Pernambucana de 1817. Creação de novas lojas que fundaram o Oriente Brazileiro. Instituição da nacionalidade Brazileira por influxo da Maçonaria. Libertação do ventre escravo. Abolição da escravatura. Proclamação da Republica. Maçonaria actual.»

O Sr. Belisario Pernambuco pede que esse seu trabalho seja, por intermedio do Instituto, remettido ao Congresso Internacional de Sciencias Historicas, a reunir-se, em Roma, a 20 de Abril proximo.

O Sr. Presidente declara que o enviará ao Sr. ministro da Italia, respondendo, assim, ao convite que a respectiva Legação dirigio ao Instituto, em data de 22 de Julho do anno passado.

Comparece neste momento o Sr. Henrique Raffard, que assume o logar de 1º Secretario.

Em seguida, o Sr. Presidente dá o palavra ao Sr. Dr. Felisbello Freire, que continua a leitura do seu trabalho: *Historia da Cidade do Rio de Janeiro*, submettido ao juizo do Instituto pelo Sr. Prefeito do Districto Federal.

O Sr. Raffard lê, depois, uma carta do Sr. Barão de Fallou, Encarregado de Negocios da Belgica, na qual remette um exemplar do circular-convite para a Exposição Cartographica, Ethnographica e Maritima que se effectuará em Anvers, no mez de Maio proximo futuro.

O Sr. Presidente declara que não pode haver sessão extraordinaria na proxima sexta-feira, por ser dia santo de guarda. Assim a leitura da obra do Sr. Dr. Felisbello Freire continuará na 3ª sessão ordinaria, a 4 de Abril, ás 3 horas da tarde.

Levanta-se a sessão ás 4 $^1/_2$ horas da tarde.

Max Fleiuss, 2° Secretario.

3ª SESSÃO ORDINARIA EM 4 DE ABRIL DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia
(1° Vice-Presidente)

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros M. F. Correia, Marquez de Paranaguá, Barão Homem de Mello, Henrique Raffard, Desembargador Souza Pitanga, Drs. José Americo dos Santos, A. Cunha Barbosa, Aristides Milton, Castro Carreira, Felisbello Freire, Antonio de Paula Freitas, Coronel Thaumaturgo de Azevedo, General Mello Rego, Belisario Pernambuco, Oliveira Catramby, Rocha Pombo, M. A. Galvão e Max Fleiuss, 2° Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Presidente communica que o Sr. Conselheiro Aquino e Castro, por incommodado, deixa de comparecer.

O Sr. Fleiuss, 2° Secretario, lê a acta da sessão anterior a qual é approvada sem debate.

O mesmo Sr. Secretario lê o seguinte:

EXPEDIENTE

Officios: do Sr. Ministro da Italia datado, de 22 de Março ultimo, declarando ter recebido com summo prazer a monographia do Sr. Belisario Pernambuco, intitulada— A Maçonaria atravez dos seculos, para ser remettida ao Congresso Internacional de Sciencias Historicas a reunir-se em Roma no mez de Abril corrente—Inteirado e agradece-se.

Do Director Geral dos Correios, datado de 25 de Março ultimo, remettendo diversas publicações postaes— Agradece-se.

Do socio effectivo Dr. Rodrigo Octavio, datado de 24 de Março ultimo, communicando a sua partida para a Europa e offerecendo os seus prestimos onde quer que se ache — Agradece-se.

Do Director Geral da Imprensa Nacional, datado de 27 de Março ultimo, relativamente á publicação da Revista — A Mesa para providenciar.

Do Dr. Bernardo Pinto Monteiro, Prefeito da cidade de Bello Horisonte, datado de 31 de Março ultimo, remettendo um exemplar da monographia da mesma cidade escripta pelo Dr. Moreira Pinto—Agradece-se.

OFFERTAS

As que foram lidas em sessão e constam do appendice, destacando-se as que são feitas pelo Sr. Barão Homem de Mello e pelo Sr. Dr. Antonio da Cunha Barbosa.

São lidas pelo Sr. 1º Secretario as seguintes propostas: « Propomos para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o socio effectivo Dr. Joaquim Pires Machado Portella, que faz parte desta Associação desde 17 de Junho de 1870, já tendo sido 2º Secretario e 3º Vice-presidente, cargos em que prestou importantes serviços. Sala das sessões, 4 de Abril de 1902. — *Manoel Francisco Correia — M. de Paranaguá — Barão Homem de Mello — Henri Raffard — Max Fleiuss — Castro Carreira — A. F. de Souza Pitanga.*»— A' commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Dr. Antonio de P. Freitas.

« Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Conselheiro Dr. Ruy Barbosa, nascido a 5 de Novembro de 1849, na Bahia, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1870. Auctor de varios e importantissimos trabalhos sobre historia, litteratura e direito, servindo de base para esta proposta o intitulado *Cartas de Inglaterra*. Sala das sessões, 4 de Abril de 1902. — *Max Fleiuss — Felisbello Freire — B. Homem de Mello — Dr. Cunha Barbosa — Rocha Pombo — A. Milton — F. R. de Mello Rego — A. F. de Souza Pitanga — Henri Raffard — Dr. Castro Carreira — Belisario Pernambuco.* » — A' Commissão de historia, sendo relator o Sr. Visconde de Ouro Preto.

Passando-se á ordem do dia, é dada a palavra ao Sr. Dr. Felisbello Freire, que continua a leitura do seu trabalho, denominado *Historia da Cidade do Rio de Janeiro*, submettido a juizo do Instituto pelo Sr. Prefeito do Districto Federal.

Nada mais havendo a tratar, levanta-se a sessão ás 4 $^{1}/_{2}$ horas da tarde.

Max Fleiuss, 2° Secretario.

3.ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 11 DE ABRIL DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia (1° Vice-Presidente)

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros M. F. Correia e Marquez de Paranaguá, Henrique Raffard, Desembargador Souza Pitanga, M. A. Galvão, Drs. Felisbello Freire, Antonio da Cunha Barboza, André Werneck, Belisario Pernambuco, Rocha Pombo, Aristides Milton, José Americo dos Santos, Thaumaturgo de Azevedo, Antonio de Paula Freitas, Susviela Guarch e Max Fleiuss, 2° Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Conselheiro Correia, 1º Vice Presidente, declara que o Sr. Conselheiro Aquino e Castro, Presidente do Instituto, compareceu antes de aberta a sessão, tendo-se retirado por incommodado.

O Sr. Fleiuss, 2º Secretario, lê a acta da sessão anterior, a qual é unanimemente approvada. Em seguida declara não haver expediente.

Offertas

As que foram lidas em sessão e constam do appendice, sobresahindo as que são feitas pelo Dr. A. da Cunha Barboza, socio effectivo.

O Sr. 2º Secretario lê o seguinte parecer da commissão de admissão de socios o qual fica sobre a mesa para ser votado na sessão seguinte:

« A commissão de admissão de socios, a que foi presente a proposta da mesa apresentando o socio effectivo Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, entende que a proposta está nas condições do art. 10 § 3º, dos Estatutos por haver o mesmo Sr. Dr. Portella prestado serviços nos cargos de 2º Secretario e 3º Vice-Presidente da mesa administrativa do Instituto; pelo que julga-a nas condições de ser approvada.

Sala das Sessões em 10 de Abril de 1902. — *A. de Paula Freitas — Manoel Francisco Correia.*»

O Sr. Raffard, 1º Secretario, declara que, tendo o Sr. Honorio Leoncio de Macedo pedido demissão do lugar de porteiro do Instituto propõe, na forma dos Estatutos, para substituil-o o Sr. Paulo Ribeiro.

O Instituto approva a indicação do Sr. 1º Secretario.

O Sr. Fleiuss, 2º Secretario, propõe que o Instituto se faça representar na ceremonia do lançamento da primeira pedra do monumento ao benemerito Visconde do Rio Branco, que foi eleito, em 29 de Outubro de 1846, socio do Instituto, e cujo nome pertence immorredouramente ás paginas mais gloriosas da historia de nossa patria.

O Instituto approva essa proposta e o Sr. Presidente nomeia a seguinte commissão: Marquez de Paranaguá, Henrique Raffard, Max Fleiuss, Dr. Aristides Milton e Coronel Thaumaturgo de Azevedo, para representar o Instituto na referida ceremonia.

Passa-se depois á ordem do dia, dando-se a palavra ao Sr. Dr. Felisbello Freire, que prosegue a leitura do seu trabalho a *Historia da Cidade do Rio de Janeiro*, submettido ao criterio do Instituto pelo Sr. Prefeito do Districto Federal.

Levanta-se a sessão ás 4 $^1/_2$ horas da tarde.

Max Fleiuss, 2.° Secretario.

4.ª SESSÃO ORDINARIA EM 18 DE ABRIL DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia (1° Vice-Presidente)

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros M. F. Correia e Marquez de Paranaguá, Henrique Raffard, Desembargador Souza Pitanga, Visconde de Barbacena, Commendador Oliveira Catramby, Drs. Aristides A. Milton, Paula Freitas, José Americo dos Santos, A. da Cunha Barboza, Castro Carreira, Barão Ribeiro de Almeida e Felisbello Freire, André Werneck, Rocha Pombo, M. A. Galvão, Luiz de França Almeida e Sá, e Max Fleiuss, 2° Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2° Secretario, lê a acta da sessão anterior a qual é approvada sem debate.

O Sr. Conselheiro Correia, Presidente da sessão, declara que o Sr. Conselheiro Aquino e Castro, Presidente do Instituto, por justo motivo não comparece.

O Sr. Raffard, 1° Secretario, declara não haver expediente nem pareceres.

OFFERTAS

As que são lidas em sessão e constam do appendice, destacando-se a que é feita pelo socio effectivo Luiz de

França Almeida e Sá da — Copia de um importante documento para a discussão do terreno litigioso entre o Brazil e a Guyana Ingleza.

O Sr. Marquez de Paranaguá declara que a Commissão nomeada para assistir a ceremonia do lançamento da primeira pedra do monumento ao Visconde do Rio Branco, cumpriu o seu dever.

O Sr. Presidente declara que o Instituto fica inteirado.

Correndo-se o escrutinio é approvado por unanimidade o parecer da commissão de admissão de socios e acto continuo proclamado socio honorario o socio effectivo Dr. Joaquim Pires Machado Portella, em attenção aos serviços prestados ao Instituto.

O Sr. Raffard, 1º Secretario, lê as seguintes propostas :

« Propomos para socio honorario deste Instituto o Sr. Dr. Sabino Barroso Junior, actual Ministro da Justiça e Negocios Interiores, tendo em attenção o seu reconhecido merito e serviços prestados ao Instituto.

Sala das sessões em 18 de Abril de 1902. — *Manoel Francisco Correia — Marquez de Paranaguá — Barão Homem de Mello — Henri Raffard — Max Fleiuss — Castro Carreira — Souza Pitanga — Rocha Pombo — Belisario Pernambuco — A. de Paula Freitas — José Americo dos Santos — A. Cunha Barboza.*»

A' commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Conselheiro Souza Ferreira.

«Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Dr. Manoel Ferreira Garcia Redondo, Engenheiro civil, nascido nesta Capital em 7 de Janeiro de 1854, auctor de varios trabalhos litterarios e historicos, servindo de base para esta proposta o que se intitula : *Á primeira concessão de Estrada de Ferro dada, no Brazil*.

Sala das sessões, 18 de Abril de 1902. — *Rocha Pombo — A. Cunha Barboza — Dr. Barão Ribeiro de Almeida.*»

A' commissão subsidiaria de historia, sendo relator o Sr. Max Fleiuss.

Nada mais havendo a tratar, passa-se á ordem do dia proseguindo o Sr. Dr. Felisbello Freire a leitura do seu tra-

balho *Historia da Cidade do Rio de Janeiro*, submettido ao juizo do Instituto pelo Sr. Prefeito do Districto Federal.

Ao levantar-se a sessão, o Sr. Dr. Felisbello Freire propõe que a exemplo do que se praticou com o monumento ao Visconde do Rio Branco, o Instituto nomeie uma commissão para assistir ao lançamento da primeira pedra do monumento dedicado a Tiradentes. Approvada essa indicação o Sr. Presidente nomeia os Srs. Henrique Raffard, Souza Pitanga, Aristides Milton, M. A. Galvão e Felisbello Freire para representarem o Instituto na referida cerimonia.

Levanta-se a sessão ás 4 1/2 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2º Secretario.

4.ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 25 DE ABRIL DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia (1.º Vice-Presidente)

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros M. F. Correia, Marquez de Paranaguá e Barão Homem de Mello, Commendador Henrique Raffard, Drs. Castro Carreira, José Americo dos Santos, Aristides A. Milton, Felisbello Freire, A. da Cunha Barboza, Desembargador Souza Pitanga, M. A. Galvão, Rocha Pombo, Susviela Guarch e Max Fleiuss, 2.º Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2.º Secretario, lê a acta da sessão anterior a qual é approvada sem debate.

O Sr. Conselheiro Correia, 1.º Vice Presidente, communica que o Sr. Conselheiro Aquino e Castro, Presidente do Instituto, por justo motivo deixa de comparecer.

O Sr. Raffard lê o seguinte

Expediente

Carta do Sr. Eduardo Marques Peixoto offerecendo ao Instituto um exemplar do seu trabalho denominado *Questão Maurer — Os Muckers* — Agradece-se.

O Sr. Desembargador Souza Pitanga informa ao Instituto que a Commissão nomeada para assistir ao lançamento da primeira pedra do monumento dedicado a Tiradentes cumprio o seu dever, acompanhando tambem o prestito, tendo comparecido os Srs. Dr. Aristides Milton, M. A. Galvão e o orador.

O Sr. Dr. Castro Carreira, (Thesoureiro), apresenta o seguinte balancete do 1.° Trimestre de 1902.

RECEITA

Janeiro:	
Saldo, em 31 de Dezembro de 1901....	6:522$140
Juros das apolices do patrimonio, de Julho a Dezembro de 1901	1:880$000
Quóta das loterias, de Outubro a Dezembro de 1901.........................	3:500$000
Padre Raphael Maria Galanti (remissão)..	100$000
Dr. Affonso Arinos de Mello Franco, joia..	50$000
» » » » » » (remissão)	150$000
Juros das inscripções	217$000
	12:419$140

DESPEZAS

Janeiro:	
Folha dos empregados, de Janeiro........	500$000
Quatro apolices do valor nominal de 1:000$ e quatro do valor nominal de 200$000.	4:024$000
Sello e corretagem	15$500
Folha dos empregados, de Fevereiro.......	500$000
Conta do Sr. Manoel Teixeira da Rocha, restauração de um retrato.............	150$000
Folha dos empregados, de Março..........	470$000
	5:667$500
Saldo, em 31 de Março de 1902	6:751$740

Rio de Janeiro 31 de Março de 1902. — *Dr. Castro Carreira.*

A' Commissão de Fundos e Orçamento sendo relator o Sr. Conselheiro J. C. de Souza Ferreira.

O Sr. Presidente: diz que verificando-se um saldo, consulta o Instituto se se deve autorisar o Sr. 1.º Secretario a mandar fazer o retrato do Barão do Rio Branco, de accordo com o que resolveu o Instituto em sessão de 7 de Dezembro de 1900. O Instituto concede a autorisação.

A esse proposito, fazem algumas observações os Srs. Raffard, Fleiuss e Presidente.

O Sr. Raffard, 1.º Secretario, communica que o porteiro Paulo Ribeiro, recem nomeado, por motivo de molestia, não póde aceitar o cargo.

OFFERTAS

As que foram lidas em sessão e constam do appendice.

O Sr. Fleiuss, 2.º Secretario, lê o seguinte parecer da commissão de admissão de socios, o qual fica sobre a mesa para ser votado na sessão seguinte:

« Em presença da proposta da Mesa, apresentada na sessão de 18 do corrente, e tendo na devida consideração as qualidades que altamente recommendam o nome do Sr. Dr. Sabino Barroso Junior, a commissão de admissão de socios é de parecer que seja conferido ao mesmo senhor o titulo de socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Rio de Janeiro, 25 de Abril de 1902. — *João Carlos de Souza Ferreira — Manoel Francisco Correia.* »

Em seguida lê as propostas abaixo:

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico o Geographico Brazileiro o Sr. Dr. Martim Francisco Filho, natural de S. Paulo, com 50 annos de idade, advogado na cidade de Santos, e auctor de notaveis trabalhos historicos e litterarios, servindo de titulo para esta proposta o que se intitula — *Os precursores da Independencia* — já offerecido por esse illustrado escriptor ao Instituto.

Sala das sessões, em 25 de Abril de 1902. — *Max Fleiuss — Henri Raffard — A. F. de S. Pitanga — B. Homem de Mello — Marquez de Paranaguá.* »

A' commissão subsidiaria de Historia, sendo relator o Sr. Dr. Affonso Celso. »

«Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Eduardo Marques Peixoto, natural do Rio Grande do Sul, com 35 annos de idade, auctor de varios trabalhos historicos, servindo de titulo para esta proposta o que se intitula : *Questão Maurer, Os Muckers*: já offerecido pelo mesmo senhor ao Instituto.

Sala das sessões em 25 de Abril de 1902.—*Felisbello Freire—Henri Raffard—Max Fleiuss.* »

A' commissão de Historia, sendo relator o Sr. M. A. Galvão.

Passando-se á ordem do dia, é dada a palavra ao Sr. Dr. Felisbello Freire que prosegue a leitura do seu trabalho *Historia da Cidade do Rio de Janeiro*, submettida ao juizo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro pelo Sr. Prefeito do Districto Federal.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levanta a sessão ás 4 1/2 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2.° Secretario.

5.ª SESSÃO ORDINARIA EM 2 DE MAIO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correía,
(1.° *Vice-Presidente*)

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros M.F.Correia e Marquez de Paranaguá, Commendador Henrique Raffard, Drs. Aristides Milton, Felisbello Freire, José Americo dos Santos, Cunha Barboza, A. de Paula Freitas, Desembargador A. de Souza Pitanga, Coronel Thaumaturgo de Azevedo, M. A. Galvão, Rocha Pombo, Luiz de França Almeida e Sá, Susviela Guarch e Max Fleiuss, 2.° Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2.° Secretario, lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem debate.

O Sr. Conselheiro Correia, 1° Vice-Presidente, declara que o Sr. Conselheiro Aquino e Castro, Presidente do Instituto, por justo motivo deixa de comparecer.

O Sr. Raffard, 1° Secretario, declara que não ha expediente.

Offertas

As que foram lidas em sessão e constam do appendice, destacando-se uma do 1° Secretario, de um exemplar dos — *Fastes de Napoleon I* (com gravuras) e uma collecção de diversos petrechos indigenas.

O Sr. Fleiuss, 2° Secretario, obtendo a palavra, offerece ao Instituto um exemplar d'*A Noticia* de 29 de Abril ultimo em que vem um interessante artigo do illustrado Sr. Dr. Vieira Fazenda, digno bibliothecario do Instituto, sobre a data e local da execução de *Tiradentes*. Pede o orador que esse trabalho, de incontestavel valor historico, seja enviado, para os devidos fins, á Commissão de Redacção.

O Sr. Presidente declara attender a esse pedido.

O Sr. Raffard, 1° Secretario, lê os seguintes pareceres, que são approvados:

« A Commissão de Historia do Instituto Historico e Geographico Brazileiro está convencida de que não haverá no paiz quem, dispondo de mediana cultura litteraria, desconheça os escriptos insertos no *Jornal do Commercio* desta Capital nos primeiros mezes de 1895 e posteriormente colligidos em volume sob o titulo *Cartas de Inglaterra*.

Cada um dos membros desta associação, pelo menos, tem já formado, por estudo proprio, juizo altamente lisonjeiro, acerca da alludida producção.

Dar-se-ia pois, a commissão a trabalho escusado, se, para cumprir mera formalidade, viesse apontar e apreciar os varios assumptos desenvolvidos no livro com a rara erudição e fórma primorosa, peculiares ao seu illustre auctor.

Assim, limitar-se-á a propor que seja eleito socio effectivo do Instituto o Sr. Conselheiro Ruy Barbosa, conforme a indicação feita na sessão de 4 do corrente mez. Rio de Janeiro, 29 de Abril de 1902.—*Ouro Preto*. — *M. A. Galvão*.»

A' commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Dr. A. de Paula Freitas.

« A' commissão subsidiaria de historia foi presente o opusculo do Sr. Dr. Manoel Ferreira Garcia Redondo — *A primeira concessão de Estrada de Ferro dada no Brazil* — opusculo que acompanhou a proposta para ser o mesmo senhor eleito socio correspondente deste Instituto.

Trata-se de uma monographia lida, na sessão magna do Instituto Historico de S. Paulo de 1° de Novembro de 1895, na qual o auctor prova que a primeira concessão ferro-via feita em nossa patria foi a sanccionada pelo Dr. Venancio José Lisboa, presidente de S. Paulo, em Março de 1838. Essa concessão feita á companhia Aguiar, Viuva Filhos & Comp. e a Plate Reids, não obstante os estudos procedidos pelo engenheiro Mornay sobre o projecto de Frederico Fomm, que era o gerente da companhia acima referida, caducou. Mas como bem disse o illustrado auctor, a boa semente ficou e mais tarde se desenvolveu.

Convém lembrar—e o auctor tambem o fez – que antes dessa concessão, sob a regencia do Padre Diogo Antonio Feijó, appareceu a lei n. 101 de 31 de Outubro de 1835, autorisando o governo a conceder a uma ou mais companhias indeterminadamente privilegio exclusivo por 40 annos para a construcção de uma linha ferrea ligando a capital do Imperio ás provincias de Minas, Bahia e Rio Grande do Sul, mas isto não passou de simples autorisação, que jámais foi executada.

Em 1840, o Dr. Cochrane obteve privilegio para uma Estrada de Ferro entre a capital do Imperio e S. Paulo, mas o concessionario não conseguiu vencer as difficuldades que se lhe apresentaram.

Finalmente, a 27 de Abril de 1852, a provincia do Rio de Janeiro contractou a construcção da E. F. Mauá, approvada por Decr. n. 987 de 12 de Junho de 1852. Foi essa a primeira estrada que trafegou em nossa patria, inaugurando a sua 1.ª secção em 30 de Abril de 1854, tendo sido começadas as obras em 29 de Agosto de 1852.

Na inauguração desse trecho, o benemerito Irineu Evangelista de Souza, mais tarde Visconde de Mauá, dirigindo-se ao Imperador que a assistia, pediu « a sua protecção efficaz aos primeiros passos desse meio de locomoção admiravel, que tem contribuido poderosamente para a

prosperidade e grandeza de outros povos.» S. M. o Imperador respondeu:

« A Directoria da Estrada de Ferro de Mauá póde estar certa de que não é menor o meu jubilo ao tomar parte no começo de uma empreza que tanto ha de animar o commercio, as artes e a industria do Imperio.»

E desde esse tempo datam as verdadeiras providencias sobre tão importante assumpto.

Se entretanto, o primeiro acto official sobre estradas de ferro, em nosso paiz, pertence ao governo de Feijó, a primeira concessão de que decorreram estudos foi, com effeito a do governo de S. Paulo e a que se refere o Sr. Dr. Garcia Redondo, sendo a Estrada de Ferro de Mauá a que iniciou o trafego.

O trabalho do Sr. Dr. Garcia Redondo é sem duvida interessante e posto que resumido póde justificar a admissão do auctor no Instituto, na qualidade de socio correspondente. Sala das sessões, 30 de Abril de 1902.—*Max Fleiuss.—Affonso Celso.*»

A' commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Conselheiro Souza Ferreira.

O Sr. Raffard, 1º Secretario, informa que está providenciando para levar a effeito a autorisação, que lhe foi concedida na ultima sessão, relativamente ao retrato do Sr. Barão do Rio Branco.

O Sr. Presidente declara que o Instituto fica inteirado.

Correndo-se o escrutinio, é unanimemente approvado o parecer da commissão de admissão de socios relativo ao Sr. Dr. Sabino Barroso Junior e o Sr. Presidente proclama o mesmo senhor socio honorario do Instituto.

Passando-se a ordem do dia, é dada a palavra ao Sr. Dr. Felisbello Freire que continua a leitura de seu trabalho denominado *Historia da Cidade do Rio de Janeiro*, submettida ao juizo do Instituto pelo Sr. Prefeito do Districto Federal.

Levanta-se a sessão ás 4 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2º Secretario.

5.ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 9 DE MAIO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, 1.º Vice-Presidente

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros M. F. Correia, Marquez de Paranaguá e Homem de Mello, Henrique Raffard, Drs. Felisbello Freire, A. Cunha Barboza, Aristides e A. Milton, José Americo dos Santos, A. de Paula Freitas, Castro Carreira, Desembargadores A. F. de Souza Pitanga e T. G. Paranhos Montenegro, Coronel G. Thaumaturgo de Azevedo, Belisario Pernambuco, Rocha Pombo, Carlos V. de Oliveira Freitas, M. A. Galvão, Luiz de França Almeida e Sá, Susviela Guarch e Max Fleiuss, 2.º Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2.º Secretario, lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem debate.

O Sr. Conselheiro Correia, declara que o Sr. Conselheiro Aquino e Castro, Presidente do Instituto, por justo motivo deixa de comparecer. Declara mais que attendendo ao convite do Sr. Prefeito do Districto Federal para a cerimonia da inauguração do monumento ao Visconde do Rio Branco, nomeia a seguinte Commissão, que representará o Instituto : Marquez de Paranaguá, Castro Carreira, Alencar Araripe, General Mello Rego e Paranhos Montenegro.

O Sr. Raffard, 1.º Secretario, declara que não ha expediente.

OFFERTAS

As que foram lidas em sessão e constam do appendice.

O Sr. Barão Homem de Mello, 3.º Vice-Presidente, diz que, devendo ser incluida no proximo volume da *Revista*, em elaboração, a cópia de uma memoria sobre as minas, da qual é auctor Pedro Taques de Almeida Paes Leme, e sabendo existir na Bibliotheca Nacional uma outra cópia, tratou de confrontal-as, encarregando-se desse trabalho o digno Chefe da Secção de Manuscriptos daquella

Bibliotheca, Sr. Jansen do Paço, o qual enviou uma carta, cuja leitura pede seja feita, e de que resulta ser o manuscripto do Instituto o rascunho, original autographo, feito pelo proprio Pedro Taques, e que o manuscripto da Bibliotheca é uma cópia offerecida ao Morgado de Matheus, assignada pelo auctor.

A leitura da carta do Sr. Jansen do Paço é feita pelo Sr. 2.º Secretario.

O Sr. Conselheiro Correia muito agradece, em nome do Instituto, ao Sr. Barão Homem de Mello e ao Sr. Chefe da Secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

Passando-se á ordem do dia é dada a palavra ao Sr. Dr. Felisbello Freire que prosegue a leitura de seu trabalho — *Historia da Cidade do Rio de Janeiro*, submettido ao juizo do Instituto pelo Sr. Prefeito do Districto Federal.

Levanta-se a sessão ás 4 1/4 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2.º Secretario.

6.ª SESSÃO ORDINARIA EM 16 DE MAIO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, 1º Vice-Presidente.

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros M. F. Correia e Marquez do Paranaguá, Commendador Henrique Raffard, Desembargador Souza Pitanga, Drs. Castro Carreira, Aristides Milton, José Americo dos Santos, Thaumaturgo de Azevedo, Paula Freitas, Susviela Guarch, Felisbello Freire, Rocha Pombo, Belisario Pernambuco, Luiz de França Almeida e Sá, Oliveira Catramby e Max Fleiuss, 2º Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2º Secretario, lê a acta da sessão anterior a qual é approvada sem debate.

O Sr. Presidente declara que o Sr. Conselheiro Aquino e Castro, Presidente do Instituto, por justo motivo deixa de comparecer.

O Sr. Raffard, 1°, Secretario, lê o seguinte

Expediente

Officios: do Sr. Prefeito do Districto Federal, datado de 9 de Maio, convidando o Instituto para a inauguração do monumento ao Visconde do Rio Branco. — Em tempo se providenciou a respeito.

Do Centro de Sciencias Lettras e Artes de Campinas, solicitando a remessa da Revista do Instituto. — A' Secretaria para informar.

Carta do professor Domingos Sergio de Carvalho, solicitando que sejam recolhidos ao Musêo Nacional os artefactos indigenas recentemente offerecidos ao Instituto pelo Sr. 1° Secretario. O Instituto, depois de ligeiras observações dos Sr. Fleiuss e Raffard, resolve, contra o voto do Sr. Fleiuss, deferir o pedido do Sr. Sergio de Carvalho.

O Sr. Marquez de Paranaguá informa ao Instituto que a Commissão nomeada para representar o mesmo Instituto na cerimonia da inauguração do monumento ao Visconde do Rio Branco, cumpriu o seu dever, tendo comparecido todos os socios que a compunham.

O Sr. Presidente declara que o Instituto fica inteirado.

O Sr. Raffard, 1° Secretario, informa que em virtude da autorisação que lhe foi concedida, contractou com o artista brazileiro Sr. professor Teixeira da Rocha, a execução do retrato a oleo, do Sr. Barão do Rio Branco, para ser collocado no Instituto, e competente moldura e inscripção com o nome e as palavras — Missões e Oyapoc, tudo pela quantia de 1:400$000. O Instituto approva o acto do Sr. 1° Secretario.

O Sr. Desembargador Souza Pitanga pedindo a palavra diz que injustamente peza sobre o Brazil a pecha de pouca iniciativa nas grandes descobertas, em antagonismo com o movimento deliberante dos Estados Unidos da America do Norte. A navegação em geral, a navegação submarina, aerea tem tido em nossa patria estrenuos paladinos. Nesta ultima principalmente, nenhum paiz do mundo tem

jus á glorificação que nesse ramo de progresso humano aureóla o nome brazileiro. Bartholomeu de Gusmão, Julio Cesar, Santos Dumont e Augusto Severo, exprimem toda a evolução do alpha, do omega, da aerostatica actual do Universo. A França que nos disputa a primazia neste departamento scientifico, rende homenagem aos nossos grandes aeronautas.

Destes, o mais genial pelo seu invento, o mais heroico pela sua coragem acaba de dar em holocausto a propria vida á sua gloria e á gloria de sua patria.

Esse acontecimento que emocionou o mundo inteiro não póde passar despercebido no cenaculo da historia e da geographia do Brazil.

Proponho, pois que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, faça inserir, na acta de hoje, um voto de profundo pezar pela morte tragica do denodado aeronauta brazileiro Augusto Severo de Albuquerque Maranhão, e nomeie uma commissão para assistir a todas as solemnidades em sua homenagem.

O Sr. Fleiuss diz que applaude a proposta do Sr. Desembargador Souza Pitanga, mas entende que o voto de pezar deve ser estendido ao modesto collaborador do Sr. Augusto Severo e que com este foi victima da desgraça que todos lamentam. Pede por isso que na acta se consigne em o mesmo voto de pezar ao lado do de Augusto Severo o nome do machinista Sachet.

O Instituto approva as duas propostas e o Sr. Presidente nomeia a seguinte Commissão para assistir ás exequias: Henrique Raffard, Max Fleiuss, Souza Pitanga, Thaumaturgo de Azevedo e Rocha Pombo.

O Sr. Presidente nomeia para substituir interinamente o Sr. Rodrigo Octavio na commissão de Biographias o Sr. Dr. Aristides Milton.

O Sr. Coronel Thaumaturgo de Azevedo propõe que se envie uma mensagem ao Governo da França, testemunhando o sentimento do Instituto pela catastrophe da Martinica.

O Sr. Presidente pensa que igual procedimento se deve ter com o governo da Inglaterra por causa do que succedeu, em S. Vicente.

O Instituto approva ambas as propostas.

Offertas

As que foram lidas em sessão e constam do appendice.

O Sr. Conselheiro Correia offerece os numeros do *Jornal do Commercio* de 13 e 14 do corrente, contendo importantes noticias acerca do Visconde do Rio Branco. São remettidas a Commissão de Biographias, relator o Sr. Dr. Milton, para o fim do art. 41 dos Estatutos, que diz : « A Commissão de Biographias incumbe escrever a historia succinta de todos os nacionaes ou estrangeiros, que se assignalaram por serviços prestados ao Brazil em qualquer ramo de actividade. »

O Sr. Fleiuss, 2° Secretario, lê o seguinte parecer da Commissão de admissão de socios, o qual fica sobre a Mesa para ser votado na proxima sessão :

« A Commissão de admissão de socios do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, a que foi presente o parecer da Commissão de Historia sobre os trabalhos do Sr. Conselheiro Ruy Barbosa, insertos no *Jornal do Commercio* desta Capital dos primeiros mezes de 1895 e posteriormente colligidos em volume sob o titulo — *Cartas de Inglaterra* conforma-se com esse parecer e entende que o Sr. Conselheiro Ruy Barbosa por este e outros trabalhos que deu a publicidade reune todas as condições precisas para, de accordo com o art. 7° dos Estatutos, ser admittido como socio effectivo do Instituto : pelo que a Commissão é de parecer que a proposta apresentando-o para socio effectivo do Instituto seja approvada. Sala das Sessões em 16 de Maio de 1902. — *A. de Paula Freitas.* — *Manoel Francisco Correia.* »

Passando-se á ordem do dia é dada a palavra ao Sr. Dr. Felisbello Freire para proseguir a leitura do seu trabalho : *Historia da Cidade no Rio de Janeiro*, submettido a juizo do Instituto pelo Sr. Prefeito do Districto Federal. Nesse momento o Sr. Rocha Pombo pede a palavra e justifica a seguinte indicação :

« Achando-se o Instituto perfeitamente orientado pela leitura feita até agora, para julgar do merito do trabalho do Sr. Dr. Felisbello Freire, indico que se dê por

terminada essa leitura e que se marque a proxima sessão para controverter definitivamente os pontos a respeito dos quaes houver divergencias. Sala das Sessões, 16 de Maio de 1902.— *Rocha Pombo.* »

O Sr. Presidente declara não poder acceitar a indicação nos termos em que se acha concebida por ser contra o vencido. Fazem observações a respeito os Srs. Felisbello Freire, Henrique Raffard, Max Fleiuss, Pernambuco, Souza Pitanga, Rocha Pombo e Aristides Milton, que apresenta a seguinte emenda :

« Depois da palavra — indico — sigam-se estas outras :— Que a leitura a fazer ainda do trabalho seja restricta á 3ª parte delle, por ter sido aquella a respeito da qual existe alguma divergencia, o que feito se reuna o Instituto, em sessão especial, para votar o parecer apresentado. S. S. 16 de Maio de 1902.— *Aristides Milton.* »

O Instituto approva esta indicação e o Sr. Presidente antes de levantar a sessão, convida os membros do Instituto, ao qual originariamente se liga a Universidade Popular Livre, a assistirem as primeiras prelecções que se tem de realizar proximamente.

Levanta-se a sessão ás 4 1/2 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2° Secretario.

6ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 23 DE MAIO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia
1° Vice-Presidente

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Manoel Francisco Correia, Marquez de Paranaguá e Barão Homem de Mello, Commendador Henri Raffard, Desembargador Souza Pitanga, Visconde de Barbacena, Dr. Aristides Milton, Commendador Oliveira Catramby, Drs. Paranhos Montenegro, Thaumaturgo de Azevedo e A. da Cunha Barbosa, M. A. Galvão, Belisario Pernambuco, Rocha Pombo, Drs. A. de Paula Freitas, José

Americo dos Santos, Susviela Guarch, Felisbello Freire e Max Fleuiss, 2º Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2º Secretario, lê a acta da sessão anterior a qual é approvada sem debate.

O Sr. Presidente informa que por continuar o incommodo de saude, felizmente sem gravidade, o Sr. Conselheiro Aquino e Castro, Presidente do Instituto, deixa de comparecer a sessão.

O Sr. 2º Secretario declara não haver expediente.

OFFERTAS

As que foram lidas em sessão e constam do appendice.

O Sr. 2º Secretario lê o seguinte parecer da Commissão de admissão de socios, o qual fica sobre a Mesa para ser votado na proxima sessão :

« De accordo com os illustres consocios, que em data de 30 de Abril ultimo, emittiram opinião sobre o merito do opusculo intitulado « A primeira concessão de estrada de ferro dada no Brazil », a Commissão de admissão de socios é de parecer que o auctor desse trabalho, Sr. Dr. Manoel Ferreira Garcia Redondo, está nas condições de ser recebído na classe dos socios correspondentes do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Rio de Janeiro, 22 de Maio de 1902.—*João Carlos de Souza Ferreira.* — *Manoel Francisco Correia.* — *A. de Paula Freitas.*»

Lê depois a proposta abaixo que é remettida a Commissão de Historia, sendo relator o Sr. M. A. Galvão :

« Propomos para socio correspondente o Sr. Desembargador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, de 60 annos de idade, presidente do Instituto Geographico e Historico da Bahia; servindo de titulo de admissão o seu trabalho historico sobre o Padre Antonio Vieira.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 23 de Maio de 1902.—*T. G. Paranhos Montenegro.*—*Rocha Pombo.*—*A. Milton.* »

Correndo-se o escrutinio é approvado, por unanimidade de votos, o parecer da Commissão de admissão de socios, relativo ao Sr. Conselheiro Ruy Barbosa e o Sr. Pre-

sidente proclama o mesmo senhor socio effectivo do Instituto.

Passando-se á ordem dia é dada a palavra ao Dr. Felisbello Freire, auctor da *Historia da Cidade do Rio de Janeiro*, submettida ao juizo do Instituto pelo Sr. Prefeito do Districto Federal.

O auctor em vista do resolvido pelo Instituto, passa a ler a 3ª parte da mesma obra.

Levanta-se a sessão ás 4 1/2 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2º Secretario.

7.ª SESSÃO ORDINARIA EM 30 DE MAIO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia
1º Vice-Presidente

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Manoel Francisco Correia e Marquez de Paranaguá, Commendador Henri Raffard, Desembargador Souza Pitanga, Drs. Castro Carreira, Aristides Milton, José Americo dos Santos e Felisbello Freire, Coronel Thaumaturgo de Azevedo, Commendador Oliveira Catramby, André Werneck, Rocha Pombo, M. A. Galvão e Max Fleiuss, 2º secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Max Fleiuss, 2º Secretario, lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem debate.

O Sr. Presidente communica que o Sr. Conselheiro Aquino e Castro, Presidente do Instituto, por justo motivo deixa de comparecer.

O Sr. Raffard, 1º Secretario, lê o seguinte

Expediente

Officio do Sr. Ministro da Italia, datado de 25 de Maio de 1902, declarando que a monographia do Sr. Belisario Pernambuco foi remettida a Commissão do Congresso Historico Internacional de Roma, que a tomará na devida consideração, logo que o mesmo Congresso se abrir, o que

ainda não se realisou devido a diversos motivos.—Inteirado e agradece-se.

Carta do socio honorario eleito, Dr. Sabino Barroso Junior, datada de 27 de Maio de 1902, communicando que só depois que descer de Petropolis, poderá tomar posse da respectiva cadeira.— Inteirado.

Convite da Directoria da Associação do 4.° Centenario do Descobrimento do Brazil, para a ceremonia da collocação da primeira pedra da nova Escola de Bellas Artes, no edificio do antigo Mercado da Gloria, a 31 do corrente ao meio-dia.—O Sr. Presidente declara que comparecerá e nomeia mais os seguintes senhores para tambem representarem o Instituto: Drs. Aristides Milton, José Americo dos Santos, Thaumaturgo de Azevedo e M. A. Galvão.

O Sr. Presidente declara que, havendo urgencia para serviço da Commissão de Historia, nomeia para nella servir *ad hoc*, no impedimento temporario de um de seus membros, o Sr. Max Fleiuss, membro effectivo da Commissão subsidiaria de Historia.

OFFERTAS

As que foram lidas em sessão e constam do appendice.

O Sr. Fleiuss, 2° Secretario, lê o seguinte parecer da Commissão de Historia:

«Para prestar homenagem ao vulto saliente da nossa historia colonial — o grande orador e famoso politico o Padre Antonio Vieira — resolveu o Instituto Geographico e Historico da Bahia, além de outras manifestações, celebrar uma sessão magna, no dia do bi-centenario da morte do illustre discipulo de Loyola.

O que foram essas festas dá-nos ampla idéa a serie de brilhantes conferencias, havidas na Cidade da Bahia, nas quaes os maiores sabedores enalteceram os serviços do mestre da nossa lingua e do qual a biographia fora ha tempos feita pelo sempre lembrado João Francisco Lisboa.

A' frente desse movimento sempre digno de applausos collocou-se o Sr. Conselheiro Salvador Pires de Car-

valho e Albuquerque, Presidente dessa conspicua Associação, emerito homem de lettras, já conhecido por seus trabalhos historicos e pelos importantissimos serviços prestados á nossa illustre co-irmã.

Na noite de 11 de Julho de 1897, pronunciou o Sr. Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque importante discurso que pode e deve servir de titulo a sua entrada no gremio do nosso Instituto.

A Commissão, pois, é de parecer seja approvada a proposta para socio correspondente do mesmo Instituto o Exm. Sr. Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

Rio de Janeiro, 30 de Maio de 1902.—*M. A. Galvão.* —*Max Fleiuss.* »

E' approvado e vai á Commissão de admissão de socios sendo relator o Sr. Dr. Paula Freitas.

O mesmo Sr. 2° Secretario lê a proposta abaixo, que é remettida á Commissão subsidiaria de Historia, sendo relator o Sr. Max Fleiuss:

«Propomos para socio effectivo do Instituto o Sr. Conselheiro Joaquim da Costa Barradas, ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal, filho do Estado do Maranhão, e maior de 65 annos; servindo de titulo de admissão o trabalho junto, referente a pontos historicos, e semelhante ao que, com justo fundamento, deu ingresso no Instituto ao illustre jurisconsulto Conselheiro Manoel da Silva Mafra.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 30 de Maio de 1902.—*Henri Raffard.*—*M. de Paranaguá.*—*A. Milton.* »

O Sr. Presidente declara que em vista da representação da Secretaria sobre o atrazo de certos serviços por deficiencia de empregados, acha conveniente nomear-se um escripturario extraordinario por alguns dias, para o que deverá ficar consignada a quantia de 75$, (setenta e cinco mil réis).

O Instituto approva.

Correndo-se o escrutinio foi approvado por unanimidade o parecer da Commissão de admissão de socios, relativo ao Sr. Dr. Manoel Ferreira Garcia Redondo, e o

Sr. Presidente proclama esse senhor socio correspondente do Instituto.

Passando-se á ordem do dia, é dada a palavra ao Sr. Dr. Felisbello Freire que prosegue a leitura de seu trabalho (terceira parte) intitulado *Historia da Cidade do Rio de Janeiro,* submettido ao juizo do Instituto pelo Sr. Prefeito do Districto Federal.

Levanta-se a sessão ás 4 1/4 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2° Secretario.

7.ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 6 DE JUNHO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, 1° Vice-Presidente

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Manoel Francisco Correia, Marquez de Paranaguá e Barão Homem de Mello, Commendador Henri Raffard, Desembargadores Souza Pitanga e Paranhos Montenegro, Drs. Castro Carreira, Cunha Barbosa, Paula Freitas, José Americo dos Santos, Aristides Milton, Susviela Guarch e Felisbello Freire, General Mello Rego, Coronel Thaumaturgo de Azevedo, Commendador Oliveira Catramby, Rocha Pombo, M. A. Galvão e Max Fleiuss, 2° Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2° Secretario, lê a acta da sessão anterior a qual é approvada sem debate.

O Sr. Presidente declara que o Sr. Conselheiro Aquino e Castro, Presidente do Instituto, por motivo justo deixa de comparecer.

O Sr. Raffard, 1° Secretario, lê o seguinte

Expediente

Officio do Sr. Dr. Mello Pitada, offerecendo o seu *Curso de Geographia Universal*, com que se apresenta candidato a socio do Instituto. — E' remettido o trabalho á

Commissão de Geographia, sendo relator o Sr. Coronel Thaumaturgo de Azevedo.

Convite do « Club Naval » para a sessão magna a realisar-se em 11 do corrente. — O Sr. Presidente nomeia para representarem o Instituto os Srs. 2º Secretario Max Fleiuss, Coronel Thaumaturgo de Azevedo e Capitão-Tenente Carlos Vidal de Oliveira Freitas.

O Sr. Dr. Aristides Milton informa que a commissão incumbida de representar o Instituto na ceremonia da collocação da primeira pedra da nova *Escola de Bellas-Artes* cumpriu o seu dever. — O Instituto fica inteirado.

Offertas

As que foram lidas em sessão e constam do appendice.

O Sr. Conselheiro Correia offerece cópias das actas das sessões (cujos originaes pertencem ao Instituto) da commissão encarregada de organisar o projecto do Codigo Civil Brazileiro, de 12 de Julho e de 30 de Agosto de 1889. A primeira esclarece inteiramente o ponto historico quanto ás medidas anteriormente tomadas para o mesmo fim. A segunda contém a esclarecida opinião de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II sobre o direito autoral. Essas cópias são remettidas á Commissão de Redacção.

O Sr. 2º Secretario lê o seguinte parecer da Commissão de admissão de socios, o qual fica sobre a mesa para ser votado na proxima sessão :

« A Commissão de admissão de socios, conformando-se com o parecer da Commissão de Historia do Instituto Historico e Geographico Brazileiro sobre os trabalhos produzidos pelo Sr. Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, é de parecer que taes trabalhos justificam a sua admissão no gremio do mesmo Instituto, pelo que entende que a proposta, apresentando-o para socio correspondente, está nas condições de ser approvada. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 5 de Junho de 1902. — *A. de Paula Freitas — Manoel Francisco Correia.* »

Lê, depois, o mesmo Sr. Secretario os pareceres abaixo que são approvados :

« Tendo procedido á leitura do trabalho intitulado *Questão Maurer ou os Muckers* — offerecido ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro pelo cidadão Eduardo Marques Peixoto, proposto para socio effectivo do mesmo Instituto, pensa a Commissão de Historia estar o auctor nas condições de ser admittido no gremio desta Associação, na classe para a qual foi proposto. O escripto de que se trata é a narração documentada das tristes peripecias acontecidas, em 1874, no municipio de S. Leopoldo, do Estado do Rio Grande do Sul, onde se estabeleceu a seita dos Muckers, fanaticos que commetteram mortes e incendios nas colonias em que se indispuseram com os visinhos, que não podiam acompanhal-os nas praticas a que se entregavam excitadas por um intrigante que se assenhoreara do espirito fraco e ignorante de Maurer e da mulher deste que se apresentava affirmando predizer o futuro e ser elle o verdadeiro Christo. Como não ha causa má e disparatada que não encontre adeptos, essa seita absurda e má conseguiu-os e tão ferozes que, apezar do seu reduzido numero, foram causas de muitas lagrimas, pois praticaram incendios e assassinatos, obrigando o Presidente do Rio Grande a reunir tropas de linha e da Guarda Nacional, que operando contra os fanaticos, soffreram desastres e mortes de officiaes, de praças e de auxiliares, pondo em relevo o desaso da Administração e a imprestabilidade do armamento empregado, como foi demonstrado pelo Deputado Silveira Martins na Camara respectiva, na sessão de 14 de Julho de 1874. Rio, 16 de Maio de 1902.— *M. A. Galvão* — *Ouro Preto* — *Max Fleiuss.* » — A' Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Conselheiro Souza Ferreira.

« A Commissão subsidiaria de Historia tendo em vista a proposta apresentada em sessão de 30 de Maio ultimo, indicando o Sr. Conselheiro Joaquim da Costa Barradas para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, estudou com apurado escrupulo o trabalho justificativo dessa proposta — « *Razões finaes por parte do Estado do Paraná no litigio, que lhe move o de Santa Catharina sobre limites territoriaes.* »

E', sem embargo do fim principal a que ella collima, substanciosa monographia em que á questão propriamente juridica se relaciona desenvolvida parte historica, elaborada com o criterio que distingue as producções do Sr. Conselheiro Barradas. Sobre o assumpto convém não esquecer o que na *Revista do Instituto Historico de S. Paulo* disse o Sr. Dr. Toledo Piza que analysando, embora succintamente, todas as allegações do litigio, terminou por sustentar e a nosso ver justamente — o direito de Santa Catharina, em vista das Cartas Régias de 9 de Maio de 1747 e e 20 de Novembro de 1748. Não cabe, porém, á Commissão encarar o trabalho sob o ponto de vista da controversia.

Abstendo-se, pois, de commentarios que seriam demasiados, a Commissão emitte apenas o seu parecer sobre a importancia historica da monographia do Sr. Conselheiro Barradas. Quem percorrer attentamente as 175 paginas das referidas *Razões* verificará que essa importancia resalta desde o primeiro capitulo, mostrando-se o auctor ao par de todos os documentos e antecedentes historicos.

Parece, pois, á Commissão subsidiaria de Historia que o trabalho do Sr. Conselheiro Barradas justifica de modo completo a sua admissão no Instituto como socio effectivo. S. R., 4 de Junho de 1902. — *Max Fleiuss*, relator — *Affonso Celso* — *Mello Rego*. » — A' Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Dr. Paula Freitas.

E' em seguida dada a palavra ao Sr. Dr. Felisbello Freire, auctor da *Historia da Cidade do Rio de Janeiro*, submettida ao juizo do Instituto pelo Sr. Prefeito do Districto Federal. O auctor prosegue na leitura da terceira parte e pede ao Sr. Presidente se digne interessar-se para que seja confiada ao Instituto, por algum tempo, a *Correspondencia de Felisberto Caldeira Brant*, a qual se acha no Archivo Publico, por ser de grande interesse para o estudo que está lendo. O Sr. Presidente designa os Srs. Secretarios Raffard e Fleiuss para se entenderem com o Sr. Ministro do Interior sobre o emprestimo da referida *Correspondencia*.

Levanta-se a sessão ás 4 1/2 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2º Secretario.

8.ª SESSÃO ORDINARIA EM 13 DE JUNHO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, 1.º Vice-Presidente

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Manoel Francisco Correia, Marquez de Paranaguá e Barão Homem de Mello, Commendador Henrique Raffard, Desembargador Souza Pitanga, Dr. Castro Carreira, Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, Drs. José Americo dos Santos, Aristides Milton, Cunha Barboza, Felisbello Freire e Susviela Guarch, M. A. Galvão, Rocha Pombo e Max Fleiuss, 2º Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2º Secretario, lê a acta da sessão anterior a qual é approvada sem debate.

O Sr. Presidente communica que o Sr. Conselheiro Aquino e Castro, Presidente do Instituto, por motivo justo deixa de comparecer; tem entretanto a satisfação de informar que S. Ex. se acha muito melhorado de seus incommodos. O Instituto recebe com especial agrado essa noticia.

O Sr. Fleiuss, 2º Secretario, lê o expediente, que apenas consta de um officio do Ministro da França no Brazil, M. Décrais, em resposta á circular do Sr. 1º Secretario, declarando ter requisitado das autoridades francezas as informações sobre os socios do Instituto, relacionados na referida circular. O Instituto agradece o obsequio do mesmo Senhor Ministro.

O mesmo Sr. 2º Secretario lê as offertas que constam do appendice. Dentre estas, destaca-se um exemplar dos *Guyanás*, um dos primeiros trabalhos do saudoso e distincto consocio General Couto de Magalhães. O exemplar é offerecido pelo Sr. José Couto de Magalhães, por intermedio do Sr. Barão Homem de Mello, que, a proposito, faz algumas considerações, salientando o merito dessa obra.

E' lido depois, pelo mesmo Secretario, o seguinte parecer da Commissão de admissão de socios, o qual fica sobre a Mesa para ser votado na proxima sessão:

« A Commissão de admissão de socios, concordando inteiramente com o parecer da illustrada commissão subsi-

diaria de historia, é tambem de parecer que seja approvada a proposta para socio effectivo do Sr. Conselheiro Joaquim da Costa Barradas.

Instituto Historico, 12 de Junho de 1902. — *A. de Paula Freitas — Manoel Francisco Correia.*»

Prosegue em seguida o mesmo Sr. Secretario a leitura do parecer abaixo, da Commissão de Ethnographia :

« A interessante memoria do Dr. Theodoro Sampaio sobre o Tupy na Geographia Nacional é um importante trabalho, que attesta criteriosos estudos da materia.

« O selvagem é um admiravel observador que obriga a quem se occupa de decifrar a sua linguagem, a procurar a que objecto, facto ou acção se referem as palavras que elle exprime.

« Occorre-nos um exemplo : por muito tempo procuramos a significação da palavra *Imbê* e não havia meio de achal a.

« O saudoso Dr. Baptista Caetano auxiliou-nos nas pesquisas, mas sem resultado ; ultimamente no sertão das missões do Paraná descobrimos que *Imbê* não é substantivo, mas adjectivo, querendo dizer : perpendicular, aprumado ; atiramos com isso nos *caimbés*, frequentes naquellas regiões isto é, paredes de pedra, verticaes, por entre as quaes correm aguas. A verdade dessa interpretação é confirmada pela palavra cipó-imbê, uma aroidêa que cresce nos ramos de altas arvores.

« Como o Sr. Dr. Theodoro Sampaio já deu concludentes provas de seu interesse por esses estudos, a Commissão de Ethnographia entende que a sua acceitação pelo Instituto, como socio correspondente, será proveitosa. S. R. 20 de Maio de 1902.— *Capanema — T. Alencar Araripe.* »

E' approvado e remettido á Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Conselheiro Souza Ferreira.

Correndo-se o escrutinio, é approvado por unanimidade o parecer da Commissão de admissão de socios, relativo ao Sr. Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e o Sr. Presidente proclama esse senhor, socio correspondente do Instituto.

O Sr. Fleiuss informa que a Commissão nomeada para representar o Instituto na sessão magna do « Club Naval »,

a 11 do corrente, cumpriu o seu dever.— O Instituto fica inteirado.

Passando-se á ordem do dia é dada a palavra ao Sr. Dr. Felisbello Freire que prosegue a leitura da terceira parte do seu trabalho — *Historia da Cidade do Rio de Janeiro* — submettido ao juizo do Instituto pelo Sr. Prefeito do Districto Federal.

Levanta-se a sessão ás 4 $^1/_4$ horas da tarde.

Max Fleiuss, 2º Secretario.

8.ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 20 DE JUNHO DE 1902

Presidencia do Ex. Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia (1.º Vice-Presidente)

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Manoel Francisco Correia, Marquez de Paranaguá e Barão Homem de Mello, Max Fleiuss, Desembargador Souza Pitanga, Drs. Castro Carreira, José Americo dos Santos, Aristides Milton, Felisbello Freire e A. de Paula Freitas, General Francisco Raphael de Mello Rego, Desembargador Paranhos Montenegro, M. A. Galvão, Rocha Pombo e Belisario Pernambuco, abre-se a sessão.

Não se achando presente o Sr. 1º Secretario Henrique Raffard, assume o Sr. Fleiuss, 2º Secretario, o lugar de 1º, e o Sr. Belisario Pernambuco, Supplente, o de 2º Secretario.

O Sr. B. Pernambuco, servindo de 2º Secretario, lê a acta da sessão anterior a qual é approvada unanimemente.

O Sr. Presidente declara que o Sr. Conselheiro Aquino e Castro, Presidente do Instituto, por motivo justo, deixa de comparecer.

O Sr. Fleiuss, 2º Secretario servindo de 1º, lê o seguinte

Expediente

Officios: do 1º Secretario do Club Naval, datado de 14 do corrente, communicando a eleição e posse do Con-

selho Director do mesmo Club para o anno social de 1902 a 1903.— Agradece-se.

Do 1° Secretario do Instituto Geographico e Historico da Bahia, datado de 2 do corrente, communicando a reeleição da mesa administrativa do mesmo Instituto. — Agradece-se.

Do Sr. Ministro da Allemanha, em resposta a um pedido de informações do 1° Secretario. — Aguardam-se as informações.

Do Sr. Ministro do Perú no mesmo sentido. — Agradece-se a informação prestada.

O Sr. Desembargador Souza Pitanga declara que a Commissão incumbida de representar o Instituto nas exequias do pranteado aeronauta Augusto Severo cumpriu integralmente o seu dever, assistindo ás ceremonias religiosas e acompanhando o prestito.

Comparece, nesse momento, o Sr. Henrique Raffard, que assume o lugar de 1° Secretario.

«O Sr. Presidente diz que precisamente daqui a um mez completa 100 annos de idade o veterano do Instituto, socio honorario Visconde de Barbacena, que serve dedicadamente á corporação, ha 61 annos, desde 12 de Agosto de 1841.

Para dar ao prezado consocio uma demonstração de grande apreço, por todos os titulos merecida convida aos membros do Instituto para no domingo, 20 de Julho, ao meio-dia, se reunirem, na Escola Senador Correia, proxima á residencia de S. Ex., afim de irem incorporados cumprimental-o pela graça que a Providencia lhe concede conservando-lhe a preciosa existencia no goso perfeito de saude e dos dotes de espirito.»

E' unanimemente approvada essa indicação.

Correndo se o escrutinio, é approvado por unanimidade o parecer da Commissão de admissão de socios relativo ao Sr. Conselheiro Joaquim da Costa Barradas e o Sr. Presidente o proclama socio effectivo do Instituto.

Passando-se á ordem do dia é dada a palavra ao Sr. Dr. Felisbello Freire que termina a leitura do seu trabalho denominado *Historia da Cidade do Rio de Janeiro*, submettido ao juizo do Instituto pelo Sr. Prefeito do Districto Federal.

O Sr. Presidente declara que á vista do resolvido pelo Instituto, marca para a proxima sexta-feira uma sessão especial, ás 2 horas da tarde, antes da sessão ordinaria, havendo nesse mesmo dia a 1 hora da tarde uma reunião da mesa para se tratar de assumpto que será exposto pelo Sr. Barão Homem de Mello.

Levanta-se a sessão ás 4 horas da tarde.

B. Pernambuco, servindo de 2.º Secretario.

SESSÃO ESPECIAL EM 27 DE JUNHO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia
(1º Vice-Presidente)

A's 2 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Manoel Francisco Correia, Marquez de Paranaguá e Barão Homem de Mello, Commendador Henrique Raffard, Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, M. A. Galvão, General Francisco Raphael de Mello Rego, Coroneis Thaumaturgo de Azevedo e Honorio Lima, Desembargador Souza Pitanga, Dr. Castro Carreira, Conselheiro José M. Fernandes Pereira de Barros, Luiz de França Almeida e Sá, Commendador Oliveira Catramby, Drs. A. da Cunha Barboza, Aristides Milton, José Americo dos Santos, A. de Paula Freitas, Miranda Azevedo, Rocha Pombo e Max Fleiuss, 2º Secretario, abre-se a sessão.

« O Sr. Presidente declara que o fim desta sessão especial é a discussão e votação do parecer da Commissão Especial, nomeada pelo Sr. Presidente do Instituto, para dar parecer sobre o trabalho do Sr. Dr. Felisbello Freire denominado — *Historia da Cidade do Rio de Janeiro* —, remettido pelo Sr. Prefeito do Districto Federal, para que o Instituto acceitasse a incumbencia de julgar do merito do referido trabalho, tendo em vista a Lei Municipal de 19 de Março de 1896, que creou o premio de 50:000$ para o historiador que escrevesse a historia completa do Districto Federal, desde os tempos coloniaes até á presente época.

« O Instituto em sessão extraordinaria de 20 de Fevereiro proximo passado, resolveu que o referido trabalho fosse lido por seu auctor perante o Instituto, marcando-se para isso sessões em todas as sextas-feiras.

« A leitura iniciada na sessão de 7 de Março deste anno, pelo auctor, proseguio regularmente até a sessão de 9 de Maio.

« Na sessão de 16 de Maio, o Instituto approvou a indicação do Sr. Dr. Aristides Milton, resolvendo que o auctor da *Historia da Cidade do Rio de Janeiro* passasse a ler a terceira parte da obra, por ter sido aquella a respeito da qual existia alguma divergencia; o que feito se reunisse o Instituto, em sessão especial, para votar o parecer apresentado.

« Tendo o auctor concluido a leitura na ultima sessão foi convocada a presente sessão especial. »

O Sr. Fleiuss, 2° Secretario, lê o officio do Sr. Prefeito Municipal, datado de 16 de Janeiro deste anno, a cópia da Lei Municipal de 19 de Março de 1896 e o parecer da Commissão Especial, datado de 21 de Janeiro, tambem deste anno.

Terminada esta leitura, o Sr. Raffard, 1° Secretario, pede a palavra e declara que tem a honra de submetter ao criterio do Instituto o seguinte substitutivo, assignado por si e pelo Sr. Max Fleiuss, que procede á leitura do mesmo:

« Entendem os abaixo-assignados que o respeitavel parecer, ora em discussão, elaborado pela commissão especialmente nomeada pelo Sr. Presidente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro afim de desempenhar a missão solicitada pelo Sr. Prefeito para julgar do merito da *Historia do Districto Federal*, não está nos casos de ser approvada pelo Instituto, porquanto:

1.° O trabalho offerecido pelo Sr. Dr. Felisbello Freire tem o titulo restricto de *Historia da Cidade do Rio de Janeiro*, e, posto que se occupe desenvolvidamente de alguns capitulos relativos a esta parte, demonstrando estudos e apresentando documentos de verdadeira importancia, nem por isso consulta o espirito clarissimo do decreto municipal n. 231 de 19 de Março de 1896, o

qual creando o premio de 50:000$ para a melhor Historia sobre o Districto Federal, taxativamente impoz que o historiador escrevesse a *« Historia completa do Districto Federal, desde os tempos coloniaes até a presente época. »*

Ora a lei n. 85 de 21 de Setembro de 1892, que estabeleceu a organisação municipal do Districto Federal, declarou que o Districto comprehenderia o territorio do antigo Municipio Neutro. E' sabido que este municipio, creado em 1834, pelo Acto Addicional constava tambem de diversas freguezias suburbanas como Irajá, Inhaúma, Jacarépaguá, Campo Grande, Guaratyba, etc., de que o auctor não cuidou e que fazem parte do actual Districto Federal, segundo os termos expressos da lei organica de 1892.

2.° O trabalho apresentado não abrange o periodo decorrido após o anno de 1889, no qual a organisação do Municipio soffreu radical transformação.

Releva ponderar que mesmo ácerca dos annos anteriores a 1889, isto é, relativos ao primeiro e segundo reinados, o auctor tratou perfunctoriamente de muitos dos principaes successos, quasi não se referindo aos effeitos sensiveis da lei de 1 de Outubro de 1828, que alterou a feição das municipalidades ; por outro lado, commentou acontecimentos politicos, extranhos ao fim do trabalho e factos particulares que nada tinham que ver com a materia.

Sem duvida a obra encerra boa cópia de dados uteis para a historia patria e mesmo para a do Rio de Janeiro, testemunhando os esforços intelligentemente feitos para corresponder á lei municipal já referida, é, porém, susceptivel de profundas melhoras, accrescendo que o Instituto não poderá applaudir algumas das versões notoriamente parciaes, de que o auctor se soccorreu em certos casos.

Em summa, pensam os abaixo-assignados que o trabalho do Sr. Dr. Felisbello Freire, não está de accordo nem com os intuitos dos legisladores, nem com os termos da lei, e que quanto ao seu merito, elle o encerra, sem que pôr isso se possa consideral-o sufficiente, attentas as condições da mesma lei.

O Sr. Prefeito Municipal poderá, entretanto, recompensar por equidade essa tentativa assaz brilhante, o que naturalmente serviria de estimulo ao illustrado auctor e aos outros estudiosos que porventura se quizerem envolver no certamen.

Ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro não é licito, porém, sanccionar, pelos fundamentos acima expostos, as conclusões do parecer da commissão especial. S. M. J.

Rio, 27 de Junho de 1902.—*Henrique Raffard.*—*Max Fleiuss.*»

O Sr. Presidente declara que o substitutivo está em discussão, conjunctamente com o parecer.

O Sr. Barão Homem de Mello faz diversas observações, salientando a importancia scientifica e moral que deverá ter a decisão do Instituto e recorda o que teve ensejo de expender em uma das ultimas sessões, ao ouvir ler um topico da Historia em questão, relativo á quéda do ministerio Andrada, em 1822.

Depois de varias considerações justifica o seguinte additivo, que, diz o orador, será, por assim dizer, o seu voto motivado.

« Parece que abrindo concurso e instituindo premio para a organisação da Historia do Districto Federal, o Conselho Municipal teve em vista obter e pôr ao alcance de todos, principalmente para fins de utilidade publica, uma obra ampla e desenvolvida, que fosse como um verdadeiro transumpto da consolidação dos documentos authenticos, que a integram, existentes tanto no Archivo Municipal, como nos outros Archivos, e que completem a serie dos documentos a consultar.

Nestes termos, parece que o trabalho a organisar deveria abranger :

1.° Estatistica, população, seu desenvolvimento nos seculos 16°, 17°, 18° e 19°; natalidade, obitos e casamentos.

Divisão territorial. Tombamento das terras. Apreciação dos trabalhos feitos sobre este assumpto pelo Conselheiro José Paulo de Figueirôa Nabuco de Araujo (*Fazenda de Santa Cruz*), Dr. Roberto Jorge Haddock Lobo, Conselheiro Carlos Augusto de Carvalho e outros.

2.° Historia Economica: *a*), agricultura, culturas existentes, cereaes, canna, anil, café, fumo, etc. ; *b*) industria, fabricas (Alvará de 5 de Janeiro de 1785), ourivesaria, mobiliario, obras de talha, oratorios, altares, imagens, etc., ceramica (João Manso, porcellana) ; *c*) pescaria, pesca de baleia, commercio, movimento de importação e de exportação.

3.° Historia Financeira: administração da Fazenda Real, impostos coloniaes e seu desenvolvimento até hoje ; rendas do Districto.

4.° Instrucção Publica e particular, instituição de ensino superior, idem de ensino secundario. Escolas primarias.

5.° Historia politica: successos politicos, os governos que se succederam e sua influencia no desenvolvimento da cidade.

6.° Organisação judiciaria: Magistratura, Administração da justiça, Senado da Camara.

7.° Edificação da cidade: *a*) edificios publicos, obras militares, aqueductos, fontes publicas, etc. ; *b*) culto publico, igrejas, etc. ; *c*) edificação particular, predios, etc.

8.° Solemnidades religiosas, costumes, profissões, habitos da população, industria domestica, fiação, tecidos, rendas, flores artificiaes, etc.

9.° Saude publica: Physicatura Mór do Reino.

Da memoria lida perante o Instituto, vê-se que o illustrado Sr. Dr. Felisbello Freire, reuniu nella grande cópia de valiosos subsidios para a Historia do Districto Federal. Parece-me, porém, que deverão ser elles, depois de classificados em um systema de verdadeira consolidação, coordenados e expostos, ou no plano que acima esbocei, ou em outro que mais acertado julgar a sabedoria deste Instituto, de modo que nelle se veja passar necessariamente diante de nós os aspectos multiplos e interessantes do desenvolvimento material, moral e intellectual desta grande cidade e de seu Districto.»

O Sr. Dr. Castro Carreira faz diversas considerações favoraveis ao trabalho apresentado e ao parecer da Commissão Especial.

O Sr. Fleiuss declara sustentar o substitutivo e mostra a divergencia que em alguns pontos se nota entre o parecer e o que a obra, de facto, contém; o parecer, por exemplo, diz que o auctor estudou os governos do vice-reinado, o reinado, a Independencia, o primeiro imperio, o segundo imperio e a Republica. Ora, o auctor foi o primeiro a declarar perante o Instituto que o seu trabalho ia sómente ao anno de 1880. Faz ainda outras considerações.

O Sr. General Mello Rego, pedindo a palavra, adduz varias observações e acha extraordinario que tendo o officio do Sr. Prefeito, remettendo a obra, a data de 16 de Janeiro, a Commissão Especial pudesse dar o seu parecer a 21 do mesmo mez, tratando-se, como se sabe, de trabalho tão volumoso.

O Sr. Conselheiro João Alfredo, expondo os escrupulos que o possuem para julgar da questão, por isso que só teve ensejo de assistir a uma sessão da leitura, entra em varias apreciações sobre a importancia da missão deferida ao Instituto e após diversas observações sobre o que ouvio do trabalho, justifica a seguinte indicação:

« O trabalho do Sr. Dr. Felisbello Freire tem merito, denota grande esforço do auctor, mas o Instituto não o acha completo, nem póde tomar a responsabilidade dos juizos historicos do auctor, em certos pontos. »

Contra essa indicação se manifesta o Sr. Dr. Aristides Milton que se inclina pelo parecer da Commissão Especial, fazendo diversas considerações.

Da mesma fórma se manifesta o Sr. Desembargador Souza Pitanga, que sustenta a seguinte indicação:

« Indico que o Instituto Historico, approvando a conclusão do parecer da Commissão Especial, nomeada para conhecer do merito do trabalho do Sr. Dr. Felisbello Freire resolva a conveniencia de ser elle completado nos termos do additivo, offerecido pelo consocio Sr. Barão Homem de Mello.»

O Sr. Dr. José Americo dos Santos, refere-se a essas indicações mostrando-se favoravel ao parecer da Commissão Especial e declarando que ao Instituto cabe, tão sómente, responder ao que lhe foi perguntado pelo Prefeito Municipal.

O Sr. Raffard apresenta algumas razões em favor do substitutivo, que em sua opinião synthetisa todas as duvidas que se tem levantado.

O Sr. Dr. Miranda Azevedo faz tambem varias considerações, achando-se de accordo com os Srs. Drs. Milton e José Americo dos Santos e favoravel ao parecer.

Tomam de novo a palavra os Srs. Conselheiro João Alfredo, Max Fleiuss, Souza Pitanga e Miranda Azevedo.

Resolvendo o Instituto que sejam votadas as conclusões do parecer, incluindo a indicação do Desembargador Pitanga, menos na ultima parte, é encerrada a discussão.

O Sr. Presidente diz que a votação será por partes e assim expõe os quesitos:

1.° A obra do Sr. Dr. Felisbello Freire, é da maior utilidade para o paiz, resalvando-se a conveniencia de ser completada?

O Instituto resolve pela affirmativa.

2.° E' merecedora do premio decretado pela lei municipal?

O Instituto resolve pela negativa:

Vêm á mesa as seguintes declarações de votos:

«Declaro que votei pelas conclusões do parecer quanto ao merito e ao premio; quanto ao programma da conclusão julgo que deve ser deixado ao criterio do auctor, e isso mesmo só caso lhe seja conferido o premio.

Sala das sessões, 27 de Junho de 1902.—*Miranda Azevedo.*»

«Declaro que votei contra a entrega do premio, pois a meu ver, a obra do Sr. Dr. Felisbello Freire, não corresponde aos intuitos da lei municipal que estabeleceu o mesmo premio, e quanto ao merito estou de inteiro accordo com a indicação apresentada pelo benemerito Conselheiro João Alfredo.

Sala das sessões, 27 de Junho de 1902.—*Max Fleiuss.*»

Nada mais havendo a tratar, o Sr. presidente declara que a sessão ordinaria, que se deveria seguir á sessão especial, fica transferida para a proxima sexta-feira.

Levanta-se a sessão ás 4 1/4 da tarde.

Max Fleiuss, 2° Secretario.

9.ª SESSÃO ORDINARIA EM 4 DE JULHO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, 1º Vice-Presidente.

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Manoel Francisco Correia, Marquez de Paranaguá e Barão Homem de Mello, Commendador Henrique Raffard, Desembargador Souza Pitanga, Drs. Castro Carreira, José Americo dos Santos, Conselheiros João Alfredo Corrêa de Oliveira e Camelo Lampreia, Desembargador Paranhos Montenegro, M. A. Galvão, Drs. Susviela Guarch, Paula Freitas, e Aristides Milton, Luiz de França Almeida e Sá e Max Fleiuss, 2º Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2º Secretario, lê a acta da 8ª sessão extraordinaria a qual é approvada sem debate.

Lê em seguida a acta da sessão especial realisada em 27 de Junho ultimo.

Posta em discussão, o Sr. Dr. José Americo dos Santos declara que a parte dessa acta relativa á sua intervenção no debate está menos exacta, convindo que seja assim rectificada :

« O Sr. Dr. José Americo dos Santos diz que não tendo podido assistir á discussão, até então travada nesta sessão, pois acaba de comparecer, fez rapida leitura da consulta do Exm. Prefeito Mnnicipal e da lei, que, por copia, a acompanha.

Referindo-se a estes documentos, entende que a obra é de merecimento e que ao Instituto cabe apenas se pronunciar sobre dous pontos : se a obra é completa, conforme exige a lei, e sobre o merito da mesma. »

O Sr. Fleiuss, 2º Secretario acha acceitavel a rectificação offerecida pelo illustre consocio; precisa, porém, declarar que na acta de sessão especial póde ter havido engano ou omissão de qualquer detalhe, mas que no fundo, em seu aspecto principal, a acta é a expressão do que se passou.

A sessão especial correu não raro agitada, o orador nella tomou activa parte, mas nem por isso deixou de

registrar os principaes acontecimentos e suas notas acham-se de inteira harmonia com as do digno Sr. 1° Secretario.

O Sr. Dr. Aristides Milton declara que não votou a 2ª conclusão relativa ao trabalho do Sr. Dr. Felisbello Freire denominado — *Historia da Cidade do Rio de Janeiro* — opinando que elle não merecia o premio da Prefeitura Municipal, porquanto, diz o orador, esta pergunta não foi feita ao Instituto e nem era elle competente para proferir uma decisão que cabe só áquelle funccionario. Declara tambem que quando orou, na sessão especial não se inclinou ao parecer da commissão especial, que fôra ouvida a respeito daquelle trabalho, mas que apenas combateu o 3° *item* de uma emenda do Sr. Conselheiro João Alfredo, em que se propunha, contra os estylos, que o Instituto declarasse concordar, ou não, com as opiniões do auctor.

O Sr. Dr. Souza Pitanga entende que a votação relativamente ao premio teve por fim sómente a ordem na approvação da conclusão do parecer da Commissão Especial, não sendo intuito do Instituto prestar á Prefeitura informação alguma sobre esse incidente.

O Sr. Presidente declara que não podia deixar de sujeitar á votação as conclusões do parecer da Commissão Especial, e como estas contivessem dous pontos, submetteu-os separadamente á votação.

A primeira conclusão dizia :

« A Commissão julga a obra do Sr. Dr. Felisbello Freire da maior utilidade ao paiz ; »

A segunda rezava :

« e merecedora do premio decretado pela lei municipal. »

A' primeira conclusão o Instituto resolveu accrescentar as seguintes palavras da indicação apresentada pelo Sr. Desembargador Pitanga « resalvando-se a conveniencia de ser completada. »

« Procedendo-se á votação, o Instituto approvou a primeira conclusão do parecer com o referido accrescimo, rejeitando a segunda conclusão, relativa ao ser a obra merecedora do premio decretado pela lei municipal. »

Feitas estas observações, é approvada a acta da sessão especial.

Achando-se na sala immediata o novo socio correspondente eleito Sr. Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, o Sr. Presidente nomeia os Srs. 1° e 2° Secretarios para introduzil-o no salão. Ahi o Sr. Presidente dirige-lhe a seguinte allocução:

« Sr. Conselheiro. E' com entranhada satisfação que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro vos recebe em seu seio.

Elle estima a occasião que se lhe proporciona de, a um tempo, manifestar publicamente o seu justificado conceito acerca do vosso superior merecimento; e o alto apreço em que tem a benemerita corporação que presidistes, o Instituto Geographico e Historico da Bahia, cujos serviços á nobre causa a que se dedicam os dous Institutos são valiosos e notorios.

Aceitai, Sr. Conselheiro, o testemunho de nosso regosijo por vossa desejada acquisição, e dignai-vos de transmittir ao bem fadado Instituto Geographico e Historico da Bahia os nossos votos fervorosos pela continuação de sua prosperidade. »

O Sr. Conselheiro Salvador Pires responde do seguinte modo:

« Exm. Sr. Presidente, e Srs. illustres Membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

« Erguendo-me do leito, em que cruciante enfermidade deteve-me por largo tempo, foram meus primeiros passos em direcção a este Areopágo para beijar as munificentes mãos, que abriram seu portico para receber a quem não traz outra senha de ingresso, que não seja a boa vontade de contribuir para a erecção do mais grandioso e reverente monumento de uma nação — a Historia, que do fundo empoeirado dos archivos extrahe o ouro da verdade, para reivindicar os direitos sagrados da Patria, que investiga e registra seus fastos gloriosos, que erige, como em os altares de um templo, a estatua dos seus verdadeiros sabios, como de seus heróes; que devassa as riquezas naturaes, como prescruta a evolução, mais ou menos lenta de civilisação de um povo, que, em summa, assignala a verdadeira coordenada de cada nação no convivio dos povos cultos.

E' pois, meus senhores, antes de tudo, o sentimento da mais profunda gratidão que traz-me alacre e pressuroso á vossa animadora presença para genuflexo receber a elevada investidura com que, tão immeritamente, com tanta liberalidade, galardoastes, não serviços, que não os tive occasião de prestar, mas os ardentes votos meus de contribuir, como simples e obscuro operario, para a manutenção de tão preclara Instituição, e para a consecução de seu já assignalado e nobilissimo escôpo.

Sim ; foi a gratidão, que nunca é excessiva, ou não póde haver no mundo mais bello excesso, que de forças alquebradas conduzio-me á este recinto augusto para renovar e affirmar o consorcio da mais emerita e veneranda Associação litteraria scientifica do Brazil como o modesto Instituto Geographico e Historico do Estado da Bahia, já aqui tão bem representado, e ao qual immeritamente ha alguns annos represento e dirijo ; a esse Instituto que póde, deve e effectivamente consagra o melhor de seus esforços á investigação de alguns pontos ainda obscuros da historia patria, que melhor do que outro qualquer Instituto congenere póde, pois ali teve a civilisação e vida nacional o seu berço, na aurea batêa de suas profundas investigações recolher os mais puros brilhantes, as mais preciosas gemmas para rendilhar a corôa que ha de encimar o mais grandioso monumento do Brazil — a sua Historia, que simultaneamente é o registro fiel do seu passado e será a prophecia do seu incommensuravel futuro.

Senhores do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, ainda que esta Associação não fosse uma das mais notaveis entre as mais assignaladas do mundo illustrado, ainda que não fosse a mais selecta aggremiação do que o Brazil ha possuido e hoje reune de mais saliente na privilegiada região do saber e das mais altas posições officiaes do Paiz e não fosse uma aspiração dos sabios e litteratos estrangeiros, eu sentir-me-ia orgulhoso, si o orgulho não fosse a mais ascorosa das enfermidades moraes, como sinto-me dignificado por confraternizar hoje comvosco, bem que reconheça a minha inferioridade deante da altitude de vossos meritos ; porque entre o sentimento da dignidade e do orgulho ha, disse-o alguem,

a dessemelhança da chamma que allumia para a labareda que carbonisa.

Senhores, do jubilo, porém, que de minha alma transborda irrompe um pezar que me opprime neste momento: o de não ter podido escolher um assumpto de relativa importancia historica para depor no altar de vossa munificencia como exigua oblata de minha gratidão.

Sim, Senhores, almejava com ardor preparar, para submetter á vossa illustrada mas benevolente apreciação, um trabalho sobre ponto historico controverso para receber a luz de vosso saber, para obter a sagração da verdade historica; porque nós devemos amar as controversias pacificas que se travam na arena litteraria: as questões já liquidadas perante a sciencia ou a historia, ainda reproduzidas em relevado estylo, com elegancia rhetorica nunca prenderam o meu espirito. Prefiro a controversia entre intelligencias cultas e polidas, e não é difficil estabelecel-a; porque a verdade é que não ha principio nem opinião sobre factos de ordem scientifica, por mais bem fundamentados que elles sejam, que não se preste á contradicção e não ache contradictores. A historia toda da evolução da sciencia e do progresso do espirito humano está repleta destes exemplos.

Percorramos toda a lista dos notaveis descobrimentos que assignalaram o poder e o progresso da sciencia na segunda metade do seculo passado, e ahi vereis, a cada passo, a lucta pela demonstração de uma verdade scientifica travada entre espiritos claros e convictos, que não cedem uma linha de suas affirmações e espiritos scepticos, resistentes, retrogrados, que se recusam a acceitar a solução de um problema só porque ella não tem o clarão refulgente da luz meridiana, na phrase expressiva do Dr. Baptista de Lacerda.

Mas, Senhores, além da enfermidade, a que já alludi, não disponho de copia de conhecimentos historicos, que me proporcionassem de prompto e em transito como estou nesta Capital, a escolha de adequado assumpto e os meios de esgrimir com vantagem: a minha longa vida de magistrado na qual despendi o melhor de 33 annos da mocidade, percorrendo a escala da profissão até alcançar a

maior graduação no Superior Tribunal de Appellação e Revista do Estado da Bahia, oppoz-me sempre insuperavel obstaculo a estudos outros, que não fossem algumas monographias juridicas, que com supremo esforço consegui publicar além da commissão, de que fiz parte, incumbida pelo Governo da Bahia de fazer a Consolidação das Leis de organisação judiciaria do mesmo Estado e das do Processo Civil e Criminal, Orphanologico e Commercial.

Justificada assim a magoa profunda que em tão solemne instante me opprime e só póde ser attenuada pela ingente honra de occupar ao vosso lado uma cathedra, embora consciente de ser o mais rude operario que já foi inscripto na folha das illustradas summidades cooperadoras desta Augusta Corporação, eu peço permissão para mais uma vez agradecer-vos a elevadissima distincção que a vossa liberalidade conferiu-me, em retribuição da qual eu vos hypotheco todo o meu reconhecimento, « que é memoria do coração », e a segurança de meus já debeis esforços para tudo quanto fôr a bem desta Associação á que symbolicamente abraço, cordealmente abraçando-vos com o mais perfeito sentimento de fraternidade. »

« O Sr. Desembargador Souza Pitanga, orador, respondendo ao novo socio diz que em sua excursão pela terra legendaria que serviu a ambos de berço teve occasião de ver a torre de Garcia d'Avila, monumento da nobreza de seus avoengos, e de transitar pela planicie do Pirajá onde foi inscripta com o sangue heroico dos antepassados a ultima pagina da Independencia do Brazil. Corre os tempos e a Bahia fundando o seu Instituto Geographico e Historico para guardar os thesouros inestimaveis de suas tradições, entrega as chaves desse escrinio ao descendentes dos habitantes daquelle solar, dos luctadores daquella gloriosa campanha.

Era o bastante para justificar a presença do novo consocio neste recinto e o regozijo do Instituto pela sua chegada ao seu gremio. Os relevantes serviços porém de seu longo percurso pela via dolorosa da magistratura e o encendrado culto da historia comprovado por trabalhos que enaltecem o seu merito, são outros tantos realces da conquista que em sua egregia individualidade faz o Insti-

tuto Historico, cujo sentimento interpreta o orador com a maior fidelidade. »

O Sr. 1º Secretario lê o seguinte

Expediente

Officios: da Legação da Inglaterra de 21 de Junho ultimo em resposta a circular do Sr. 1º Secretario com relação a socios estrangeiros. — Agradece-se.

Do Sr. Consul da Venezuela datado de 21 de Junho ultimo no mesmo sentido. — Inteirado.

Offertas

As que são lidas em sessão e constam do appendice, destacando-se as que são feitas pelo Sr. Desembargador Souza Pitanga, de diversos retratos e documentos do inditoso aeronauta Augusto Severo e relativos ao balão Pax cuja catastrophe será sempre sentida.

O Sr. 1º Secretario lê o seguinte parecer da Commissão de Fundos e Orçamento sobre as contas da Thesouraria, relativas ao anno de 1901.

« Tendo examinado attentamente as contas da Thesouraria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro no anno de 1901, a Commissão de Fundos e Orçamento verificou o seguinte:

A receita realizou-se pelos seguintes titulos:

Subsidio Nacional	14:000$000
Juros de apolices da divida publica nacional	3:760$000
Juros de apolices do Emprestimo Municipal	366$000
Juros de inscripções emittidas pelo Banco da Republica	427$000
Prestações semestraes dos socios	630$000
Joias de entrada de socios	340$000
Remissão de socios	300$000
	19:823$000
Renda com applicação especial (Commemoração do Centenario da Independencia do Brazil)	60$000
	19:883$000
Saldo de 1900	2:639$840
Total	22:522$840

A despeza effectuou-se pelas seguintes verbas:

Publicações do Instituto:		
Impressão e brochura da *Revista*	1:240$000	
Dita do Catalogo da Bibliotheca...............	4:000$000	
Publicação de 1.000 exemplares da Commemoração..............	1:170$000	6:410$000
Encadernações...........		180$000
Empregados:		
Bibliothecario............	3:000$000	
Escripturario.............	1:800$000	
Porteiro.................	968$000	5:768$000
Expediente:		
Papel, pennas, etc.........	50$500	
Despezas miudas, etc., pela Secretaria...........	650$000	
Copias e collaboradores.....	643$000	
	1:343$500	12:358$000
Annuncios, etc............	173$900	
Porcentagem por cobradores	177$400	1:694$800
Extraordinarios e eventuaes:		
Busto de um socio fallecido.	309$000	
Acquisição de numeros antigos da *Revista Trimensal*.............	42$000	
Despezas por occasião das sessões solemnes.......	900$000	
Photographias diversas....	60$000	
Moveis e concertos varios...	636$300	1:947$300
		16:000$100
Comparação da receita na somma de............	....	22:522$840
Com a despeza na de.....	....	16:000$100
Saldo sujeito a diversos pagamentos..........	....	6:522$740

Toda a despeza está comprovada por documentos devidamente legalisados.

Em conclusão, a Commissão é de parecer que sejam approvadas as contas do venerando Sr. Thesoureiro referentes ao anno de 1901.

Rio de Janeiro, 25 de Junho de 1902.—*João Carlos de S. Ferreira — José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.* »

E' approvado o parecer e bem assim um voto de agradecimento ao Sr. Thesoureiro, Dr. Castro Carreira.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levanta a sessão, declarando que a proxima sessão será a 18 do corrente ás 3 horas da tarde.

Levanta-se a sessão ás 4 e 5 minutos da tarde.

Max Fleiuss, 2º Secretario.

10ª SESSÃO ORDINARIA EM 18 DE JULHO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia
1º Vice-Presidente

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros M. F. Correia, Marquez de Paranaguá e Barão Homem de Mello, Commendador Henrique Raffard, Desembargador Souza Pitanga, Drs. Castro Carreira, Aristides Milton, Paula Freitas, José Americo dos Santos, Commendador Oliveira Catramby, Luiz de F. Almeida e Sá, M. A. Galvão, Desembargadores Paranhos Montenegro e Salvador Pires de C. Albuquerque, Belisario Pernambuco, General Francisco R. de Mello Rego, Coronel Thaumaturgo de Azevedo, e Max Fleiuss, 2º Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2º Secretario, lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem debate.

O Sr. Presidente informa que o Sr. Conselheiro Aquino e Castro, Presidente do Instituto, felizmente resta-

belecido de seus incommodos de saude, não póde por motivo justo comparecer.

O Sr. Raffard, 1º Secretario, lê o seguinte

Expediente

— Prefeitura do Districto Federal em 7 de Julho de 1902. — Sr. Henrique Raffard, 1º Secretario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Accusando o recebimento do vosso officio de 5 do corrente mez que acompanhou os manuscriptos da obra do Sr. Dr. Felisbello Freire — *Historia da Cidade do Rio de Janeiro* — e copias do parecer sobre esse trabalho e da acta da sessão em que foi julgado, cumpre-me agradecer ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro o alto serviço prestado á administração publica municipal. Saude e fraternidade. — *Joaquim Xavier da Silveira Junior*. » — Inteirado.

O Sr. Dr. Castro Carreira, Thesoureiro, apresenta o seguinte balancete do 2º trimestre de 1902.

Balancete do 2º trimestre de 1902 do Instituto Historico e Geographico Brazileiro

DESPEZA

Conta do Sr. Manoel T. da Rocha	100$000
» da Imprensa Nacional	180$000
Folhas dos empregados, do mez de Abril.	471$660
Conta do jornal *A Noticia*	24$600
» da Companhia do Gaz	23$200
Recibo do Sr. Francisco M. Guimarães.	150$000
Conta do *Jornal do Commercio*	600$000
Folha dos empregados, do mez de Maio.	500$000
Conta dos Srs. Laemmert & C.	671$700
Folha dos empregados, do mez de Junho.	500$000
	3:221$160

RECEITA

Saldo em 31 de Março de 1902........	6:751$740
Juros das apolices do emprestimo municipal, do mez de Abril...........	216$000
Quota das loterias, de Janeiro a Março.	3:500$000
Dr. João Damasceno F. Vieira.......	12$000
Dr. José Americo dos Santos.........	12$000
Conselheiro João Carlos de Souza Ferreira..........................	12$000
Coronel Thaumaturgo de Azevedo.....	24$000
Rs.........	10:527$740
Saldo, em 30 de Junho de 1902........	7:306$580

Rio de Janeiro, 30 de Junho de 1902.

O Thesoureiro, *Dr. Liberato de Castro Carreira.*

A' Commissão de Fundos e Orçamento, Relator, o Sr. Conselheiro Souza Ferreira.

O Sr. Dr. José Americo dos Santos tem o prazer de communicar ao Instituto que a segunda parte do tomo 63 da *Revista*, a qual terá cerca de 600 paginas, está em adeantada impressão sendo que, talvez, se possa distribuil-a no correr do proximo mez.

O Sr. Presidente declara que o Instituto fica inteirado e agradece os esforços da Commissão de Redacção.

OFFERTAS

As que foram lidas em sessão e constam do appendice, destacando-se a que é feita pelo Sr. Coronel Thaumaturgo de Azevedo, da monographia que escreveu para o livro do Centenario.

O Sr. Conselheiro Correia declara, que no dia em que completava 50 annos de sacerdocio o vigario Monsenhor Francisco Martins do Monte, distribuiu-se na missa solemne, celebrada na matriz da freguezia da Lagôa, com assistencia do Sr. Arcebispo, por motivo desse Jubileu, a biographia do referido Monsenhor.

O orador offerece ao Instituto o exemplar, que lhe foi destinado.

O Sr. Presidente propõe que quando aqui se acharem os officiaes da Marinha Chilena, que vem tambem em demonstração de apreço á nossa patria, se celebre uma sessão solemne, com o fundamento de se entregar ao illustre Representante do Chile o diploma de socio honorario, de accordo com a proposta da Mesa nesta data apresentada.

E' depois lida a seguinte proposta, que é remettida á Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Dr. Paula Freitas.

« Propomos para socio honorario do Instituto o Sr. Hevia Riquelme, digno representante do Chile junto ao Governo Brazileiro. Rio, 18 de Julho de 1902. — *Manoel Francisco Correia—Marquez de Paranaguá—B. Homem de Mello—Henri Raffard—Max Fleiuss—A. F. de Souza Pitanga—Dr. Castro Carreira—A. Milton—Belisario Pernambuco—Oliveira Catramby—M. A. Galvão—Thaumaturgo de Azevedo—José Americo dos Santos—T. G. Paranhos Montenegro—Salvador Pires de Carvalho* e *Albuquerque—F. R. de Mello Rego* ».

Nada mais havendo a tratar levanta-se a sessão ás 3 1/2 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2° Secretario.

11.ª SESSÃO ORDINARIA EM 1 DE AGOSTO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, Manoel F. Correia e Marquez de Paranaguá, Commendador Henri Raffard, Drs. Castro Carreira, A. de Paula Freitas, Susviela Guarch, A. da Cunha Barboza e José Americo dos Santos, Commendador Oliveira Catramby, Visconde de Barbacena, Dr. Aristides Milton, General Francisco R. de Mello Rego, Coronel Thaumaturgo de Azevedo, Belisario Pernambuco, Luiz de França Almeida e Sá e Max Fleiuss, 2° Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2° Secretario, lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada, sem debate.

O Sr. Raffard, 1° Secretario, lê o expediente que consta de um officio do Director da Bibliotheca Nacional de Montevidéo pedindo exemplares da *Revista do Instituto*. Esse officio é remettido á Secretaria para os fins convenientes.

O Sr. Conselheiro Correia participa que o Sr. Desembargador Souza Pitanga, orador, não comparece por se achar enfermo, e que o Sr. Barão Homem de Mello, terceiro Vice-Presidente, tambem, por ter que soffrer uma operação de catarata falta á presente sessão.

O Sr. Marquez de Paranaguá dá conta da solemnidade promovida pelo Instituto para commemorar o centenario do venerando consocio Sr. Visconde de Barbacena, solennidade a que compareceram o Chefe do Estado, o Arcebispo, o Provincial da Ordem de Santo Antonio, o Ministro da Industria, o Prefeito Municipal e outras pessoas gradas.

O Sr. Presidente declara que o Instituto fica inteirado.

O Sr. Raffard propõe que se lance na acta um voto d satisfação pelo facto de ter o Sr. Conselheiro Aquino e Castro reassumido a presidencia do Instituto, da qual esteve afastado, por motivo de molestia, que felizmente cessou.

O Instituto approva unanimemente essa proposta. O Sr. Presidente agradece.

O Sr. Fleiuss propõe tambem que, em attenção ao dia 1 de Agosto, se lance na acta um voto de congratulações á Suissa que nessa data celebra o anniversario de seu pacto fundamental. E' approvado.

O Sr. Raffard, 1.° Secretario, propõe, e o Instituto approva, que seja nomeado porteiro do mesmo Instituto o Sr. Gregorio Alves Coelho que, a contento geral, já exerce o cargo interinamente, ha tres mezes.

Offertas

As que foram lidas, em sessão, e constam do appendice, destacando-se um opusculo do consocio Dr. Belisario Pernambuco, intitulado *A Maçonaria e o Proletariado*, commemoração do 1° de Maio.

O Sr. Raffard, 1° Secretario, lê o seguinte parecer da Commissão de admissão de socios, o qual fica sobre a mesa para ser votado na proxima sessão.

«A Commissão de admissão de socios informando sobre a proposta da Mesa apresentando o Exm. Sr. Dr. D. Hevia Riquelme, muito digno Ministro do Chile, para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, é de parecer que, não só em relação á elevada representação que exerce junto ao Governo Federal do Brazil, como tambem ao seu consummado saber e ás notaveis habilitações scientificas de que tem dado provas exuberantes, acha-se o Sr. Dr.D. Hevia Riquelme nas condições de fazer parte do quadro de socios honorarios do Instituto, e portanto julga que a mencionada proposta está no caso de ser approvada. Sala das Sessões em 30 de Julho de 1902. — *A. de Paula Freitas—Manoel Francisco Correia.*»

O Sr. Fleiuss inscreve-se para leitura do prologo de um seu trabalho, na proxima sessão.

O Sr. Presidente declara que a primeira sessão ordinaria será na proxima sexta-feira, 8 do corrente por isso que o dia 15 é santificado.

Levanta-se a sessão ás 3 horas e 45 minutos da tarde.

Max Fleiuss, 2° Secretario.

12.ª SESSÃO ORDINARIA EM 8 DE AGOSTO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, Manoel Francisco Correia e Marquez de Paranaguá, Commendador Henri Raffard, Drs. Aristides Milton, A. de Paula Freitas e José Americo dos Santos, General Francisco Raphael de Mello Rego, Coronel Thaumaturgo de Azevedo, Desembargadores Paranhos Montenegro e Souza Pitanga, Commendador Oliveira Catramby, M. A. Galvão, Belisario Pernambuco e Max Fleiuss, 2.° Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2° Secretario, lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada, sem debate.

O Sr. Raffard, 1° Secretario, declara não haver expediente.

OFFERTAS

As que foram lidas em sessão e constam do appendice, destacando-se a de um exemplar do livro do Dr. Sylvio de Almeida, intitulado *O Antigo Vernaculo*; essa offerta é feita por intermedio do Sr. Fleiuss.

Correndo-se o escrutinio, é approvado unanimemente o parecer da Commissão de admissão de socios, relativo ao Sr. Dr. Anselmo Hevia Riquelme, Ministro do Chile, e o Sr. Presidente proclama o mesmo senhor, socio honorario do Instituto.

O Sr. Presidente declara que a sessão extraordinaria para entrega do diploma ao Sr. Dr. Riquelme se effectuará, no dia 18 do corrente, ás 3 horas da tarde.

Passando-se á ordem do dia, o Sr. Max Fleiuss procede á leitura do prologo do seu trabalho, denominado *O Passado Contemporaneo*.

Nada mais havendo a tratar, levanta-se á sessão ás 4 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2.° Secretario.

SESSÃO ESPECIAL EM 18 DE AGOSTO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, Manoel Francisco Correia e Marquez de Paranaguá, Commendador Henrique Raffard, Desembargador Souza Pitanga, D. Joaquim, Arcebispo do Rio de Janeiro, Conselheiro Camello Lampreia, Dr. Susviela Guarch, Conselheiro Visconde de Ouro Preto, Coronel Thaumaturgo de Azevedo, Drs. Aristides Milton, Paranhos Montenegro, Affonso Celso, Contra-almirante Calheiros da Graça, Barão de Loreto, Conselheiro Costa Bar-

radas, Dr. José Americo dos Santos, Luiz da França Almeida e Sá, Conde de Leopoldina e Max Fleiuss, 2º Secretario, é aberta a sessão.

E' introduzido no recinto, com todas as formalidades o Sr. Dr. Anselmo Hevia Riquelme, Ministro do Chile, o qual é acompanhado de seu Secretario, do Consul Geral e de diversos officiaes da esquadrilha de guerra chilena.

Em seguida o Sr. Conselheiro Aquino e Castro, Presidente do Instituto, profere o seguinte discurso:

« Exm. Sr. Dr. Anselmo Hevia Riquelme. — Em respeitosa homenagem á Republica do Chile, dignamente representada no Brazil pelo nobre Ministro que ora nos honra com a sua presença, celebra o Instituto Historico e Geographico Brazileiro a solemne sessão em que nos achamos reunidos, offerecendo ao mesmo tempo ao Sr. Ministro o titulo de socio honorario desta douta associação litteraria, de longos annos dedicada aos estudos historicos do Brazil e em cujos annaes têm sido registrados com admiração e louvor os gloriosos feitos daquella adiantada e valorosa Republica.

Com muita satisfação e desvanecimento é recebido no gremio do Instituto o novo e illustrado consocio, que com o prestigio de seu nome e reconhecidas habilitações vem abrilhantar nossas fileiras.

Por disposição regimental é o titulo honorifico, que acaba de ser conferido, destinado especialmente as pessoas que por seu consummado saber e elevada representação se acham no caso de justificar a escolha feita.

Estão preenchidas as condições legaes; e o Instituto congratula-se com os seus associados por contar com a valiosa cooperação de quem pelo seu merito bem corresponde á confiança com que foi distinguido, em nome da sciencia, pelos que a cultivam nesta associação.

Della têm feito parte notaveis litteratos e estadistas da esclarecida Republica do Chile, sempre lembrados pelo Instituto com veneração e justo apreço; Andrés Bello, Gutierrez, Domingos Santa Maria, Barros Arana, Manoel Sallas, Amunátegui, Lastarria, Makenna, Errázuris, Villamil Blanco, Constantino Banen e ainda outros, tão recommendaveis pelas suas luzes como pelos serviços pres-

tados á causa publica, tem inscriptos os seus nomes entre os dos mais estimaveis consocios desta illustre corporação.

E' tradicional e sempre grata a lembrança da intima e cordial amisade que, ha mais de 80 annos, une o Brazil á Republica do Chile.

Não são os chilenos estranhos ás nossas affeições, nem hospedes no seio da nação amiga, que não ha muito tempo, recebeu com indizivel prazer e sinceras manifestações de estima e gratidão a briosa officialidade do encouraçado *Almirante Cochrane*, correspondendo assim ao carinhoso e fraternal agasalho prestado, em épocas diversas, aos officiaes dos navios brazileiros *Vital de Oliveira* e *Almirante Barroso*, quando nas aguas territoriaes da generosa Republica do Chile.

Será por certo agradavel ao Sr. Ministro reviver a memoria desse festivo acontecimento, percorrendo as paginas do livro, agora offerecido, e ahi encontrando a leal expressão dos sentimentos dos Brazileiros quando affirmavam que os Chilenos, pelas sympathias e adhesões que conquistavam, encontrariam amigos por toda a parte, mas só no Brazil irmãos.

Perduram os affectuosos sentimentos que, então, nos animavam; e hoje nos é dado com prazer assegurar ao digno Sr. Ministro e á brilhante officialidade que o acompanha a perfeita estima e alta consideração em que são tidos os Chilenos pelos Brazileiros, que ainda uma vez saudam jubilosos a heroica nação que, a justo titulo, bem póde ser chamada a fina Perola do Pacifico.»

Logo depois o Sr. Dr. Hévia Riquelme levantou-se e pronunciou o seguinte discurso:

«Señores—Los hombres como los pueblos tienen no solo templos en que orar, sino tambien sitios de retiro, hogares de trabajo en que hacer de la ciencia un culto.

Vosotros, señores, que os dedicais al cultivo de la ciencia, sabeis mui bien que la preponderancia futura será de los mejores preparados para la lucha económica, que acaso no tarde mucho en reenplazar al choque sangriento de las armas.

Basta contemplar el espectáculo que nos ofrecen las Naciones que han alcanzado su mayor desarrollo para con-

vencerse que ya está trabada la lucha de la competencia en que la deseada victoria pertenecerá, no al mas fuerte, sino al mejor preparado para ese combate multiple que se libra primero en la escuela que prepara buenos ciudadanos útiles a si mismos y a la sociedad en que viven, es decir, verdaderos soldados que van a librar la lucha decisiva del progreso nacional, no en los campos de batalla, sino en el taller, en el laboratorio de donde dia a dia sale el perfeccionamiento incesante que empuja todas las manifestaciones de la vida industrial de nuestra época.

Toca a nuestros dias asistir a los preámbulos de esta transformacion de la económia jeneral del mundo, operada por los afiliados a las diversas manifestaciones de la ciencia.

Felices los pueblos, señores, que tan hermosas inclinaciones cultivan !

El secreto de la portentosa transformacion que se ha operado en los paises que van a la vanguardia del progreso, no es otro que « la voluntad, la union y el espiritu cientifico de sus hijos, unido a la proteccion activa del Estado. »

E's esto un vasto plan cientifico desarrollado a amparo de un fuerte poder militar.

Hermanando en el espiritu estas dos manifestaciones de esos pueblos — ciencia y fuerza — siento, señores, gratos presentimientos del imenso porvenir que para nosotros reserva el Destino, llegando a este apacible asilo del saber, de la meditacion y del estudio, cuando acabo de ver flotar confundidas sobre los cañones de nuestros barcos las banderas del Brazil y de Chile.

En presencia de los primeros, siente el corazon los impetus patrióticos que llevan al sacrificio ; aqui, a su turno, en este claustro del sacerdocio del trabajo siente mi espiritu la certidumbre de que nada podrá apartarnos de la ancha y luminosa senda del progreso que nos pertenece.

Y, poderosamiente, estoi cierto, habrá de contribuir a ese progreso esta Institucion que immerecidamente, hoi me ha distinguido haciéndome su membro honorario.

Señores : En este mismo sitio han resonado las estrofas admirables de la Araucana del inmortal Alonso de

Ercilla ; hasta aqui han llenado los versos de nuestros poetas y el jeneroso recuerdo de nuestros dias de gloria.

Habeis, pues, contribuido con ello a mantener vivo el sentimiento de simpatia que, asi en la buena como en la mala fortuna, ha sentido el gran pueblo de que sois hijos predilectos por aquel apartado pais cuya solitaria estrella se enlaza y confunde, hoi, con las que relucen en vuestro hermoso pabellon.

Sabeis que en Chile hai poetas que han cantado vuestras glorias y entonado himnos de union que siempre vibran en el corazon del pueblo.

Sois hombres de ciencia y por lo mismo sois hermanos de los que en mi país a la ciencia renden culto.

Habeis conocido de cerca a Lastarria, el pensador profundo que trajo ante vosotros el nombre de Chile empujado a una guerra dolorosa. Mas de una vez habereis consultado la Monumental historia de Barros Arana, quien, como Lastarria, ha sido entre vosotros el prestijoso mantenedor de los afectos inestinguibles que para el Brazil guarda el corazon chileno.

No ignoramos en Chile que en esta tierra hermana no faltan espiritus distinguidos y cultos que han estudiado nuestra historia politica y nuestro desarrollo intellectual.

Mas, sea en esta ocasião solemne que junto com mis agradecimientos por la honrosa distincion que me habeis dispensado, haga, en nombre de Chile mis mejores votos por que los conocimientos de la historia de las dos naciones sean difundidos en el corazon mismo de ambos pueblos, que si han simpatizado, casi sin conocerse, habran de estrecharse y confundirse cuando ambos tengan el recuerdo de sus dias de sacrificios y de glorias.»

O Sr. Desembargador Souza Pitanga, orador do Instituto, acto continuo, proferiu a seguinte oração, que ao terminar foi. como todas as outras, muito applaudida :

« Sr. Ministro.— Em seu notavel estudo sobre Leonardo de Vinci o eminente litterato russo Dimitry de Merijcowski nos dá noticia de uma original concepção scientifica da fórma da terra que assaltara o espirito genial de Colombo em resultado de observações feitas sobre a estrella polar no meridiano dos Açores : no desvario de suas

visões de predestinado, afigurou-se ao descobridor do Novo Mundo que a terra não tinha a fórma espherica que se lhe attribuia, mas a de uma pera encimada por uma bossa, de onde se destacava uma montanha que ia apoiar-se na esphera lunar e que ahi era o Paraiso.

O que teria determinado esse desvio scientifico naquelle cerebro illuminado, onde primeiro se gerara a idéa do continente occidental, contravindo a orientação que em bases mathematicas lhe ministrava o grande astronomo Paulo Toscanelli, e a toda corrente scientifica da época ?

Mysterioso apanagio do genio, que até nos seus erros e nas suas obsessões, entrevê desconhecidas verdades !

A mim se me afigura que sobre o disco luminoso do astro director dos navegantes, elle presentira a projecção dessa formidavel mole granitica que como um marco occidental da Terra se estende em toda a zona austral do mundo que elle ia descobrir ; em seu sonho de visionario elle divisara, invadindo o infinito, essa cordilheira sem par em cujo seio refervem as lavas que vão inflammar as nuvens pelas crateras do Antisana e do Cotopaxi e sobre ellas ainda as cabeças altivas e serenas do Ximborazo e desse gigantesco Aconcagua, cobertas de neves, de *tchili*, na linguagem harmoniosa dos quixuas, cercados pela revoada dos condores que lhes pousam nas grimpas.

Pois bem, Sr. Ministro, essa immensa serra de dentes colossaes que parece dividir o espaço infinito, interpõe-se entre o nosso e o vosso paiz ; mas essa monstruosa muralha que porventura teria influido no espirito do descobridor da America para alterar a fórma do globo, não foi sufficiente para impedir a corrente sympathica que, pelo mais espontaneo e pelo mais arraigado affecto, une o nosso ao vosso paiz.

Desde que esse bravo *condottiere* dos mares, que trouxe ao serviço da libertação dos povos americanos, o concurso precioso de sua pericia e de sua bravura, chegara ao termino meridional do continente onde os dois oceanos, em amplexo de paz e de amor celebram o *consortium aquarum*; e transpondo o estreito onde Fernando de Magalhães levara em triumpho as quinas hespanholas, penetrou as aguas brazilicas, trazendo ainda frescas as impressões do

heroismo chileno na campanha de sua emancipação, nasceu no coração brazileiro esse sentimento sympathico que nunca mais arrefeceu; e quando, mais tarde, Lastarria e Varnhagen foram incumbidos de estreitar entre as duas nações as relações internacionaes, facil foi aos primorosos cultores fazer vicejar a semente sã em terreno fecundo.

E o viço dessa alliança innata ha de perpetuar-se na historia, porque são immorredouras essas allianças, que surgem aquecidas pelo sol da liberdade.

Demais, são garantias de firmeza e constancia os caracteres dos dois povos, que pela civilisação têm requintado as qualidades dos colonisadores, como dos aborigenes: a nobreza fidalga do hespanhol apurando a bravura indomita dos Araucanios e dos Tuelches; a virtude e a lealdade portuguezas retemperadas pela grandeza magnanima das tribus brazileiras e pelo influxo de uma natureza excepcional; que bem poderia, pela sua amenidade, confirmar o fantasioso sonho de Colombo; são penhores seguros da sinceridade dessas affectuosas relações.

Esses vinculos moraes não podem deixar de crear entre os dois povos affinidades historicas, pela identidade de aspirações e de vistas no curso da vida nacional: e são essas affinidades que vos conduzem, hoje, ao recinto deste Instituto, que, depositario das tradições da Patria Brazileira, honra-se em continuar em vossa egregia pessoa a linha de affectuoso culto á Nação amiga, em nome da Historia.

Proclamando deste posto, que o lugar que ides occupar já foi honrado pelos vossos compatriotas Salas Carvalan, D. Andrés Bello, D. Juan Maria Gutierrez, D. Domingos de Santa Maria, D. Miguel Luiz Amunatégui, D. José Victorino Lastarria, D. Benjamin Vicuna e Mackenna, D. Frederico Errasuriz e D. Diogo de Barros Arana, e outros, tenho vos feito comprehender a escrupulosa selecção com que se tem conferido essa distincção e o alto valor em que tem o Instituto o actual representante do Chile.

E' sempre grato ao Instituto dar testemunho do seu apreço ao merito dos filhos dessa nação amiga; e essa demonstração sobe de importancia no momento, em que se transferem para o seio da Patria, os despojos preciosos de

quatro eminentes Chilenos que a fatalidade céga victimou em seus postos de honra; que estas affectuosas demonstrações vos sirvam de consolo e vos habilitem a dizer aos vossos concidadãos e aos bravos membros da gloriosa marinha chilena que, se elles não exhalaram o ultimo suspiro no regaço abençoado da mãi-patria, dormiram todavia o primeiro somno da morte no sólo de uma nação que, pelos seus tradicionaes sentimentos, deplora a sua morte como a de seus proprios filhos.»

Pede, em seguida, a palavra o Sr. Max Fleiuss, 2.º Secretario do Instituto, que diz:

«Sr. Ministro do Chile. — No dia em que chegaram os vasos da esquadrilha chilena, ora surta na formosa Guanabara, uma folha desta Capital, noticiando o facto, serviu-se das seguintes expressões:

«Sentimos a certeza de que o Chile é nosso amigo, como o Chile sente a certeza de que o Brazil é um amigo seu.»

Raras vezes um jornal tem sabido, assim, tão nitidamente, exprimir o sentimento publico.

Com effeito, o que os Brazileiros nutrem pelos Chilenos não é apenas a sympathia que a delicadeza impõe ou que as circumstancias obrigam: ha vinculos mais fortes unindo os dois povos — o da amizade nascida do desinteresse reciproco, o da sinceridade na communhão dos objectivos, sem o risco immediato da concurrencia.

Paizes do mesmo continente, mas sem que dahi possa resultar a mais remota emulação, o Chile habituou-se a reconhecer no Brazil o seu melhor amigo e os Brazileiros hão sempre encontrado nos Chilenos essa abundancia de sentimentos generosos, que constituem o apanagio dos grandes povos.

Aliás, o Chile merece sem restricções o preito que todos lhe votam, pois quem conhecer a sua historia desde os primeiros dias, as suas lutas, as suas victorias, a segura directriz que tem impresso aos negocios publicos, não póde, sem gravame da critica historica, deixar de consideral-o uma grande nação.

Na época de sua conquista pelo elemento europeu é o heroismo gentilico do joven araucanio Lantaro que

emerge brilhantemente das paginas das primeiras refregas ao lado do triumphador Valdivia ; são os capitães de Villagran pasmando ante o stoicismo de Caupolican que na magnitude da causa sabia achar a serenidade para o martyrio !

Mais tarde, é o glorioso Bulnes, que já occupara a principal magistratura do Estado, jugulando rebelliões e submettendo-se nobremente aos poderes constituidos, que nelle deparavam o mais solido esteio.

Vêm depois outras lutas em que os exemplos anteriores não são imitados, mas excedidos, patenteando aos olhos sorprezos de outros povos, o valor desses homens que se batiam para o bem da patria, sem cogitar de proventos que pessoalmente lhes pudessem advir da victoria.

Hoje é a pujança de suas forças militares, e mais do que isso, é o desenvolvimento de suas luzes, o que torna a nação chilena alvo de admiração e estima.

Antiga e firme ha sido a nossa amizade : do Chile nos tem vindo representantes como vós, Sr. Ministro, do mais elevado merito ; para lá o Brazil, por seu turno, tem não raro enviado illustres filhos e do accôrdo de opiniões, isentas de qualquer resaibo, surgio naturalmente essa espontaneidade affectiva que, mais uma vez, se derrama nas justas festas dedicadas aos briosos marinheiros chilenos. Deveis ter avaliado, Sr. Ministro, a intensidade da alegria que nos possue quando — velhos e moços, sem distincção de indoles, nem de classes — levantamos vivas ao Chile.

E agora que acabaes de penetrar neste Instituto, onde ha mais de sessenta annos, se archivam e processam desapaixonadamente os successos da historia deste paiz, tereis por certo, experimentado nova e decisiva demonstração do quanto amamos a vossa patria e do quanto sabemos ser justos na apreciação dos meritos individuaes.

Aproveitando-me das palavras de Eduardo Prado, um dos nossos patricios mais distinctos por suas multiplas virtudes e cuja morte prematura ainda nos crucia, direi — « não é esta casa sómente um templo de patriotismo ; é uma escola de muitas das virtudes que elle exige. Se a lealdade e a gratidão fossem de todo banidas do Brazil,

deve-se dizer, para honra da raça humana, que encontrarão um abrigo no Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Pois bem, Sr. Ministro, essa lealdade e essa gratidão mais uma vez se affirmam com a vossa entrada para a nossa companhia. Lealdade — na correspondencia dos sentimentos do vosso povo e no julgamento de vossos predicados moraes e intellectuaes. Gratidão—ao vosso paiz, que desde sempre se mostrou sincero amigo do Brazil. »

« O Sr. Dr. Affonso Celso diz que innumeros e eloquentissimos discursos tem sido pronunciados, affirmando os sentimentos fraternaes do Brazil para com o Chile. Dispensa qualquer nova demonstração a cordialidade desses sentimentos. Seria, portanto, perfeitamente escusada mais uma manifestação no mesmo sentido e da parte do orador.

Mas ao pouco que vai dizer assiste significação especial. Pedio por isso a palavra.

Monarchista irreductivel, pertencente ao grupo excluido de todas as posições officiaes e considerado fóra da lei dos que nunca transigiram e tencionam jámais transigir, — ergue tambem enthusiastica saudação ao eminente plenipotenciario chileno e á sua nobre terra, a gloriosa Republica transandina.

Isto mostra que ainda ha no Brazil unidade de pensamento e de affecto em algumas cousas entre as quaes avulta a sincera estima á Republica do Chile.

A Republica do Chile e a monarchia brazileira entretiveram ininterruptamente as mais amistosas relações.

O Governo de D. João VI foi dos primeiros a reconhecer a independencia do Chile; já em 1821, dava passos para unir diplomaticamente os dous povos. Em 1837, só o Brazil, na America do Sul, manifestou officialmente indignação e pezar pelo assassinato do Ministro Portales, perto de Valparaiso.

Em 1851, tomou o Brazil a iniciativa de elevar a categoria de sua legação em Santiago. Em 1866, quando o Almirante hespanhol Nunez bombardeou Valparaiso, ainda o Brazil sósinho, apezar de monarchia, a despeito de arcar com immensas difficuldades internas e externas, pro-

testou energica e solemnemente contra o procedimento do Reino de Hespanha.

Navios de guerra brazileiros visitaram os portos chilenos antes que navios de guerra chilenos visitassem o Brazil, por exemplo : a *Vital de Oliveira* em 1880 e o *Almirante Barroso* em 1889, commandado este pelo saudoso e galhardo Custodio José de Mello e levando a seu bordo um neto do Imperador.

O ultimo ministerio da monarchia concedeu uma estrada de ferro ligando Valparaiso a Pernambuco.

O Imperio cahio no meio de deslumbrantes festas aos chilenos do *Almirante Cochrane*, nome que representa uma gloria commum a ambas as nações.

Sobresahio entre essas festas a exposição de livros concernentes ao Chile, effectuada pelo Instituto Historico.

Reuniram-se mais de tres mil volumes, na mór parte remettidos por Sua Magestade o Sr. D. Pedro II.

Por seu turno, patenteou constantemente o Chile decidido pendor pelo Brazil. Quando, em 1808, D. Carlota Joaquina tentou fazer-se acclamar soberana da America Hespanhola, em lugar de seu irmão Fernando VII, detido por Napoleão, os emissarios daquella Princeza, enviados do Rio de Janeiro, então capital da Monarchia Portugueza, receberam o melhor acolhimento no Chile, onde se formou o partido *Carlotino*.

Em 1819, o Senado chileno proclamou a necessidade de cultivar o seu governo a amisade do Brazil, e O' Higgins declarou n'uma mensagem reconhecer essa necessidade. Em 1825, recusou o Chile associar-se a uma colligação tramada entre o Governo de Buenos-Aires e Bolivar para derrubar D. Pedro I.

Estabelecidas regularmente as relações diplomaticas, acreditou o Chile perante a Côrte Imperial seus homens mais notaveis : os Lastarria, os Blest Gana, os Barros Arana.

Nunca deixou de tributar ao Sr. D. Pedro II as mais reverentes homenagens. Quando este preclaro soberano, denominado o *Magnanimo*, pelo Instituto de França, expirou em Pariz, no anno de 1891, destacou-se o preito do Chile entre os rendidos ao glorioso morto por todo o universo

culto, especialmente pela Republica Franceza. Um grupo de illustres Chilenos, desterrados naquella capital, por força dos acontecimentos politicos de sua Patria, grupo a cuja frente se achava D. Joaquim Godoy, acompanhou piedosamente o portentoso prestito funerario. Sobre o feretro coberto pela bandeira imperial depositara este grupo soberba corôa, com as côres chilenas e em que se lia este distico : *Os exilados chilenos ao grande exilado !*

Não datam, pois de hoje as sympathias reciprocas das duas nações : vêm de longe, vem dos primordios do antigo regimen e são superiores, no Brazil, ás correntes politicas, independentes da fórma de governo.

Nunca tivemos attritos com o Chile. Temol-os tido com a Inglaterra, a França, a Hespanha, a Italia, Portugal, a Argentina, o Perú, o Paraguay, o Uruguay, os Estados Unidos. Contra inglezes, francezes, hespanhoes, portuguezes, uruguayanos, argentinos, paraguayos os brazileiros se tem batido.

Relativamente ao Chile, porém, sempre nutrimos sentimentos de lhaneza e affecto, sem um resentimento, sem uma questão irritante. Provem isso, não tanto da diversidade de productos e de interesses e de se não tocarem as fronteiras, o que difficulta os conflictos, como de mysteriosa attracção, existente entre as duas nacionalidades. Ha, além disso, pontos de semelhança nos caracteres e temperamentos dos dous povos. Somos, como o chileno, um povo modesto, com tradições de ordem e probidade, cheio de bom senso, resignado e docil, dotado de um patriotismo seguro, porém não emphatico, palavroso e theatral, capaz de demorado esforço, qual o da guerra do Pacifico no Chile, qual, entre nós, o da guerra do Paraguay. A' semelhança do Chile, nunca soffremos derrota, não reparada por uma victoria ; sabemos manter a integridade nacional; repellimos o estrangeiro invasor ; defendemos denodadamente o nosso direito, usando das armas, quando mister.

Expellimos os francezes do Rio de Janeiro e do Maranhão ; os hollandezes da Bahia e de Pernambuco ; os paraguayos de Matto-Grosso e do Rio Grande do Sul; os inglezes da Guyana brazileira e da Trindade.

Registramos esplendidos triumphos pacificos como os do Amapá e das Missões.

O Acre ha de ser nosso, desde que nos convencermos ser essa a justiça.

O Chile que, no dizer de Gervinus, occupa lugar de primazia entre os povos bem equilibrados, o libertador do Perú, o desbravador do deserto de Atacama, reputado inaccessivel, apresenta, entre muitos, estes titulos ao geral respeito:

Foi o primeiro a abolir a escravidão, na America do Sul.

Foi o primeiro a organisar, nesse continente, tribunaes de arbitramento internacionaes, cuja presidencia coube ao Imperador representado successivamente por Lopes Netto, Lafayette e Aguiar de Andrada. Foi o primeiro a oppor barreiras á corrente imperialista dos Estados Unidos, quando Blaine pretendeu intervir na guerra do Pacifico.

A politica internacional do Brazil não póde ser senão viver em paz e harmonia com todos os povos da America, sem a nenhum especialmente se prender.

Mas se acaso os acontecimentos nos aconselhassem uma alliança, como a da Allemanha com a Italia e a Austria, como a da França com a Russia, como a da Inglaterra com o Japão, o nosso alliado natural, indicado pela tradição historica, determinado pelo sentimento popular, seria a Republica do Chile.

Os nossos corações já são alliados.

E da união da estrella solitaria com o Cruzeiro do Sul, só poderia resultar um augmento de luz.»

O Sr. Presidente levanta a sessão ás 4 horas e 30 minutos da tarde.

A' entrada e sahida do Sr. Ministro, bem como ao finalizar cada discurso, uma banda de musica do Exercito tocou o Hymno Chileno.

Max Fleiuss, 2.° Secretario.

13.ª SESSÃO ORDINARIA EM 29 DE AGOSTO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, Manoel Francisco Correia e Marquez de Paranaguá, Commendador Henrique Raffard, Desembargadores Souza Pitanga e Paranhos Montenegro, Commendador Oliveira Catramby, Coronel Thaumaturgo de Azevedo, Drs. A. de Paula Freitas e José Americo dos Santos, Rocha Pombo, e Max Fleiuss, 2º Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2º Secretario, lê as actas da 12ª sessão ordinaria e da sessão especial, realisada a 18 do corrente, sendo ambas approvadas, sem debate.

O Sr. Presidente diz que em vista das noticias dadas pela imprensa, sabe-se ter fallecido em Buenos Ayres o Sr. D. Mariano Peliza, socio correspondente do Instituto, que lamenta tão sensivel perda, inserindo-se na acta da presente sessão um voto de justo pezar por este acontecimento.

Expediente

E' lido pelo Sr. 1º Secretario o seguinte:

Telegramma do Dr. Susviela Guarch agradecendo as felicitações que lhe foram enviadas pelo Sr. Presidente do Instituto por occasião do anniversario da Independencia do Uruguay.— Inteirado.

Carta do Sr. Dr. Americo da Veiga remettendo uma collecção da *Tribuna Medica* e solicitando a remessa da *Revista do Instituto*. —A' Secretaria para providenciar.

Officio do Director Geral dos Correios solicitando a remessa de diversos exemplares da *Revista do Instituto*.— A' Secretaria para o mesmo fim.

Do Instituto da Ordem dos Advogados Brazileiros convidando o Instituto para assistir á sessão em homenagem á memoria do Conselheiro Justino de Andrade.— Agradece-se.

Carta do Conselheiro Augusto de Castilho solicitando a remessa de alguns exemplares da *Revista do Instituto*. — A' Secretaria para providenciar.

Officio do Vice-Presidente da Companhia de Loterias Nacionaes do Brazil, solicitando a cooperação do Instituto para que seja prorogado o contracto que tem com o Governo Federal para a extracção das loterias nacionaes.— E' tomado na devida consideração.

OFFERTAS

As que foram lidas em sessão e constam do appendice, destacando-se a de 2 opusculos de Monsenhor Guedelha Mourão e a que é feita pelo Sr. Desembargador Souza Pitanga do trabalho do Dr. Affonso Claudio de Freitas Rosas intitulado : Biographia do Dr. João Climaco de Alvarenga Rangel.

O Sr. Fleiuss informa que, por motivo poderoso qual o de grave enfermidade em pessoa de sua familia, não teve tempo de escrever a continuação do trabalho que está lendo perante o Instituto.

Nada mais havendo a tratar, levanta-se a sessão ás 3 $^1/_2$ horas da tarde.

Max Fleiuss, 2° Secretario.

14.ª SESSÃO ORDINARIA EM 12 DE SETEMBRO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, Manoel Francisco Correia e Marquez de Paranaguá, Commendador Henrique Raffard, Desembargadores Souza Pitanga e Paranhos Montenegro, Drs. Aristides Milton, A. de Paula Freitas, José Americo dos Santos e Miranda Azevedo, M. A. Galvão, Belisario Pernambuco, Luiz de França Almeida e Sá e Max Fleiuss, 2º Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2º Secretario, lê a acta da sessão anterior, a qual é sem debate approvada.

O Sr. Raffard, 1º Secretario, lê o expediente que consta de um officio do Director Geral dos Correios, agradecendo a remessa da *Revista* e mais publicações do Instituto para a Bibliotheca Postal.

OFFERTAS

As que foram lidas em sessão e constam do appendice.

O Sr. Miranda Azevedo propõe um voto de pezar pela morte do grande sabio allemão Rodolpho von Virchow, cujos trabalhos ethnographicos e anthropologicos tanto influiram em nosso meio scientifico. Pede tambem que este voto do Instituto seja communicado ao Governo da Allemanha.

O Sr. Souza Pitanga, applaudindo as palavras do Sr. Miranda Azevedo, propõe que o Instituto se dirija ao illustre Dr. Paulo von Ehrenzeich, que foi auxiliar de Virchow e que visitou em missão scientifica o nosso paiz, pedindo-lhe que communique o voto do Instituto á Academia de Medicina de Berlim.

O Sr. Miranda Azevedo lembra que se peça tambem ao distincto brazileiro Sr. Dr. Hilario de Gouvêa, que foi igualmente discipulo e admirador de Virchow, a fineza de scientificar á familia do eminente sabio a deliberação do Instituto.

São approvadas unanimemente estas indicações.

O Sr. Raffard, 1º Secretario, lê as seguintes propostas:

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Monsenhor João Tolentino Guedelha Mourão, deputado federal, servindo de titulo de admissão seu estudo sobre o Divorcio no Brazil. (S. R.) Rio, 12 de Setembro de 1902.—*Henri Raffard*—*A. Milton*—*T. G. Paranhos Montenegro*—*A. C. Miranda Azevedo*.»

— A' Commissão subsidiaria de historia, sendo relator o Sr. Max Fleiuss.

« Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Dr. Luiz Henrique Pereira

de Campos, official da Repartição de Estatistica, com 50 annos de idade, servindo de titulo de admissão a sua Conferencia sobre Estatistica. (S. R.) Rio, 12 de Setembro de 1902. — *Henri Raffard* — *José Americo dos Santos* — *Luiz de França Almeida e Sá.*»

A' Commissão subsidiaria de historia, sendo relator o Sr. Dr. Affonso Celso.

Nada mais havendo a tratar levanta-se a sessão ás 4 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2º Secretario.

15.ª SESSÃO ORDINARIA EM 26 DE SETEMBRO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, 1.º Vice-Presidente.

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiro Manoel Francisco Correia, Commendador Henrique Raffard, Drs. Aristides Milton, José Americo dos Santos e Felisbello Freire, Coronel Dr. Thaumaturgo de Azevedo e Max Fleiuss, 2º Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2º Secretario, lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem debate.

O Sr. Presidente declara que o Sr. Conselheiro Aquino e Castro, Presidente do Instituto, por justo motivo, deixa de comparecer.

O Sr. Presidente diz que o Instituto tem acompanhado sempre, com vivo interesse, tudo o que diz respeito ao Brazil.

Não pode, portanto, deixar de manifestar o seu sentimento pela morte de um cidadão por mais de um titulo illustre e que mereceu ser eleito para o alto cargo de Vice-Presidente da Republica. Por essa sensivel perda e sem embargo de não pertencer ao Instituto, será lançado na acta da presente sessão um voto de profundo pezar pela morte do Sr. Dr. Silviano Brandão.

Offertas

As que foram lidas em sessão e constam do appendice destacando-se entre ellas um opusculo do Sr. Alberto de Carvalho denominado «*Memoria a respeito da sepultura raza do descobridor do Brazil, Pedro Alvares Cabral, na igreja da Graça em Santarem, Portugal*.» O Sr. Presidente diz que o Instituto recebe, com agrado, esta offerta.

Pondera porém, que o illustre auctor deixou de mencionar que foi o distincto consocio Francisco Adolpho Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, quem descobriu, em 1839, a referida sepultura, da qual não havia memoria escripta nem tradicional, como tudo consta da acta da trigesima sessão do Instituto, celebrada em 11 de Janeiro de 1840.

O Sr. Raffard, 1° Secretario, lê os seguintes pareceres da Commissão subsidiaria de historia, os quaes são approvados.

«Martim Francisco Ribeiro de Andrada é um dos nomes fulgurantes da nossa historia politica e litteraria.

Tres illustres brazileiros tem usado esse nome.

Foi o primeiro o celebre irmão de José Bonifacio e Antonio Carlos, um dos eminentes factores da independencia nacional, ministro da fazenda em 1823 e 1840, membro da Constituinte convocada e dissolvida por D. Pedro I, deputado em mais de uma legislatura, sabio, litterato, caracter nobilissimo, socio honorario do Instituto, cuja *Revista*, tomo IX, estampa importante trabalho delle, intitulado *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo em 1805*.

O segundo, filho do precedente e neto de José Bonifacio, foi lente cathedratico da Faculdade de Direito de S. Paulo, deputado geral em varias legislaturas, ministro de estrangeiros e da justiça no gabinete Zacharias, de 3 de Agosto de 1866, conselheiro de estado, presidente da Camara dos deputados, chefe politico de vasta influencia, orador, poeta e, sobretudo, coração magnanimo, admirado de quantos o conheceram.

Não desmerece, antes continúa e procura augmentar o terceiro as gloriosas tradições de seus antecessores.

O actual Martim Francisco, filho do segundo, neto do primeiro, bisneto do patriarcha da independencia, desempenhou com lustre mais de uma vez as funcções de membro da assembléa provincial de S. Paulo e de representante da mesma provincia na Assembléa Geral, no tempo do Imperio. Presidiu, ainda sob a monarchia, a provincia do Espirito Santo. Occupou o cargo de secretario da fazenda do Estado de S. Paulo, após a Republica.

Dedicando-se particularmente á investigação do passado brazileiro, tem publicado excellentes monographias historicas reveladoras de erudição, engenho e diligencia pouco vulgares.

Seus trabalhos *Os Precursores da Independencia* (dado a lume este quando o auctor ainda estudante), *Em Guararapes*, *Patria Morta*!, entre outros, conferem ao Sr. Dr. Martim Francisco elevados fóros de escriptor, chronista e emerito conhecedor das cousas patrias. Accrescem nelle outros predicados, quaes os de orador, poeta, jornalista e advogado notavel.

Em summa, pela sua intelligencia, pela sua cultura, pelo que tem produzido, por sua nobreza moral, senão pelo nome que dignamente traz, merece o Dr. Martim Francisco ter assento na mais antiga associação scientifica e litteraria do Brazil. Abrindo-lhe as portas, pratica o Instituto um acto de estricta justiça. Assim pensa a Commissão Subsidiaria de Historia. Rio, 26 de Setembro de 1902.—*Affonso Celso*—*Max Fleiuss*.»

— A' Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Dr. Paula Freitas.

« A Commissão subsidiaria de historia pensa que os trabalhos e a notoria competencia de Monsenhor João Tolentino Guedelha Mourão auctorisam a sua entrada para o Instituto Historico e Geographico Brazileiro na qualidade de socio correspondente.

Com effeito, o seu estudo sobre a questão do divorcio sendo embora um trabalho de natureza politico-social, não deixa de offerecer interesse historico, pois que o auctor registra fielmente e commenta as diversas tentativas que os partidarios do divorcio tem levado a effeito em nosso paiz

e a marcha que as mesmas tentativas tem tido, quer no parlamento, quer na imprensa.

Elaborado com superioridade de vistas e apuro de fórma, esse estudo só por si satisfaz ás exigencias dos Estatutos. Rio, 25 de Setembro de 1902. — *Max Fleiuss* — *Affonso Celso*.»

A' Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Dr. Paula Freitas.

« E' trabalho de merito a Conferencia publica realisada em 1883, na Escola da Gloria, pelo Dr. Luiz Henrique Pereira de Campos, sobre *Repartição de Estatistica*.

Occupando-se deste importante ramo da administração, revelou o auctor da conferencia grande conhecimento do assumpto, especialmente do que no tocante a elle, se tem feito no Brazil.

Numa fórma correcta e agradavel, foram no estudo em questão, colligidos interessantes dados historicos, a par de criteriosas ponderações sobre o que deve ser a estatistica em nosso paiz.

Formado em direito, antigo e intelligente funccionario superior, distincto advogado criminal, o Sr. Dr. Pereira de Campos reune todos os requisitos para ser admittido como socio effectivo no Instituto.

A sua obra citada constitue titulo sufficiente afim de ser approvada a indicação do seu nome. Rio, 26 de Setembro de 1902.—*Affonso Celso*—*Max Fleiuss*.

A' Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Conselheiro Souza Ferreira.

O Sr. Raffard, pedindo a palavra, diz o seguinte :

«O nosso Instituto que tem por fim colligir, methodisar, publicar ou archivar os documentos concernentes á historia e geographia do Brazil, á archeologia, ethnographia e lingua dos indigenas, houve, entretanto, por bem amparar as idéas felizes de um dos nossos consocios o Exm. Sr. Dr. Susviella Guarch e assim pode vangloriar-se pela brilhante representação que teve o Brazil no segundo Congresso Latino-Americano, reunido em Montevidéo no anno passado e pela creação, no Rio de Janeiro, da Universidade Popular Livre.

Offerece-se agora nova occasião para o Instituto prestar o seu concurso moral á realisação de uma idéa grandiosa e aliás mais de accordo com os seus fins ; não é minha essa idéa, pois me foi suggerida pelo distincto cidadão Dr. Sergio de Carvalho, professor de Anthropologia do Museu Nacional e Secretario Geral da Sociedade Nacional de Agricultura ; venho não obstante solicitar a valiosa intervenção do Instituto.

Constituiram-se associações por toda a parte no estrangeiro em favor dos indigenas africanos, americanos, etc., mas não me consta a existencia de cousa semelhante exclusivamente para os nossos indios, sendo o que ora se pretende organisar aqui, pois que se trata de trabalhar para o bem dos brazileiros até hoje algum tanto esquecidos e cujo relativo bem estar redundará em proveito desta terra.

A idéa foi despertada da alma generosa do Dr. Sergio de Carvalho pela presença entre nós de dez indios, recentemente chegados do valle do Tocantins e que deu lugar a commentarios mais ou menos desconnexos.

Oxalá possam ainda ser evitados os factos deploraveis resultantes da pouca importancia ligada ao assumpto.

Pertencem os ditos indios a duas e mesmo tres nações distinctas: são *Apinagés* o Capitão Souza e dous soldados; *Cherentes*, que se tornaram *Caraós* pelo casamento, o Major Sabino, um tenente, o Alferes Agostinho e tres soldados e *Cherente* o irmão do Coronel Joaquim Sepé, supremo chefe dos *Cherentes*, a quem prestam obediencia os chefes *Caraós*.

O *Apinagé* Capitão Souza, que reside em Goyaz nas fronteiras do Maranhão, traquejado pelas suas constantes viagens ao Pará, lembrou-se de vir pedir ao Governo protecção contra um fazendeiro Leonel de tal e bem assim armas, ferramentas, etc., tendo, porém, arranjado dous companheiros apenas, chegando na tribu dos *Caraós*, aos quaes tinha de pedir licença para a sua passagem, propoz associarem-se ao seu proposito e estes que projectavam vir ao Rio de Janeiro ao encontro da professora D. Leolinda de Figueiredo Daltro, que com elles convivera mais de dous annos, foram submetter o caso a Sepé. Este

não só concordou como juntou á comitiva seu proprio irmão, afilhado de baptismo da dita professora.

Apenas desembarcados na estação central, encontraram os indios quem os levasse para o quartel de policia e ahi não tardaram a se achar atemorisados pelos numerosos soldados que os cercavam, divertindo-se com a sua simplicidade e suspiravam pela liberdade de acção.

O Sr. Coronel Dias Ribeiro, hospede da Sra. D. Leolinda de Figueiredo Daltro, sabendo da vinda dos *Apinagés*, cuja tribu vive nas immediações de sua fazenda, da qual está ausente faz perto de um anno, foi visital-os para ter noticias dos seus, levando na sua companhia a professora que não esperava ver *Caraós* e o *Cherente* seu afilhado. Este naturalmente não a largou mais.

Sobrevieram complicações, separaram-se os *Cherentes Caraós* dos *Apinagés*, ficando estes no quartel de policia emquanto aquelles se recolheram á casa da professora.

E não querendo entrar na apreciação das diversas versões que tiveram curso, direi que fui então procurado pelo Dr. Sergio de Carvalho e que accedendo bondosamente ao meu pedido, o nosso illustrado confrade Desembargador Souza Pitanga, auctor do bello trabalho *O selvagem perante o direito*, pessoalmente procurou o Sr. Doutor Chefe de Policia, que fez vir os *indios Apinagés* á presença de S. Ex., os quaes se manifestaram desejosos de regressar para o seu sertão no prazo mais breve possivel, tendo effectivamente seguido para S. Paulo no nocturno do dia 22 do corrente os tres *Apinagés* e um joven *Caraó*, que o tio Major Sabino havia mandado do quartel de policia buscar os objectos que alli deixara.

Não ha duvida que os *Apinagés* e mesmo os *Cherentes Caraós* estavam fartos de sua permanencia entre os civilisados e aspiravam a volta ás suas selvas. Acertado foi sem duvida o embarque dos *Apinagés*, cuja missão estava mais ou menos cumprida; infelizmente, porém, fez-se seguir tambem o joven *Cherente Caraó* João, que poderá ser victima de alguma cilada do astuto Capitão *Apinagé* a quem não obedeciam mais os *Cherentes Caraós*.

O Major Sabino, chefe dos *Caraós*, se submettera a ser dirigido pelo Capitão *Apinagé*, mais habilitado a tratar com

os christãos, assim como depois que adoecera o Major delegou ao Alferes Agostinho e não ao Tenente, cujo nome não guardei, os poderes de chefe dos *Caraós*, por ser aquelle mais conhecedor da lingua portugueza.

Não querendo abusar da benevola attenção dos meus consocios, não entrarei em maiores minudencias e passo a ler a carta da Sra. professora D. Leolinda publicada em 22 do corrente no *Jornal do Brasil*, edição da tarde.

« Tenho me conservado silenciosa ante as apreciações dos orgãos da imprensa desta capital relativas á chegada dos indios, algumas das quaes não traduzem inteiramente a verdade, fazendo honrosa excepção — *O Paiz* e o *Jornal do Brasil*; cada um dos quaes tem relatado os factos de um modo independente, não se achando em absoluto accordo com as notas fornecidas pela reportagem policial.

Hoje, porém, estou obrigada a dirigir-me ao publico, de quem tenho recebido manifestações de adhesão e sympathia, com o fim de explicar-lhe o que ha de verosimil nesta incruenta campanha que pessoas da policia parecem mover contra uma senhora inerme cujo unico delicto é a consagração do amor á raça indigena, da qual tambem é descendente, raça de brazileiros atirada ás selvas e á ignorancia, immersa em uma obscuridade que é supportada, máo grado sua vontade.

A população fluminense não se terá esquecido certamente da primeira turma de selvicolas chefiada pelo indio Sepé, que aqui chegou, ha cerca de seis annos, para solicitar do governo umas tantas providencias que nunca lhe foram concedidas, e penso que jámais sel-as ão, a julgar pela pouca importancia, ligada aos selvagens aldeiados nas margens do Tocantins e Araguaya.

Nessa occasião offereci-me espontaneamente para acompanhal-os em sua volta, offerecimento que foi acceito e, com os meus companheiros, puz-me em marcha depois de ter conseguido uma licença de um anno do Conselho Municipal, *unico favor que apenas me foi possivel alcançar*.

O que foi essa campanha, a minha propaganda de missionaria pelas varias aldeias dos *Cherentes*, *Caraós* e outras nações indigenas, as decepções, os martyrios que então

experimentei, já os leitores sabem pelos estirados artigos que publiquei.

Bastará sómente recordar que essa peregrinação durou quatro longos annos e de volta a esta capital em 1900, eu trouxe como recompensa de meu devotamento a saude seriamente alterada, a pobreza e o infortunio dos meus filhos que, á semelhança dos indios, eu não lhes podia conceder a desejavel educação e uma collocação condigna no seio da sociedade civilisada.

Está pois definida a minha posição e situação: entre os indios jámais poderei ser considerada uma intrusa, e ao contrario, assiste-me todo o direito de advogar-lhes a causa, porquanto convivi com elles, por longo espaço de tempo, estudei profundamente os seus usos e costumes e acompanhei de perto o supplicio a que se acham condemnados, arrastando uma vida improba, em meio de um paiz civilisado.

Desde então tenho me conservado nesta capital, em uma luta herculea, pensando, buscando, solicitando, esmolando mesmo, os meios tendentes a regressar ás margens do Tocantins e Araguaya, afim de satisfazer o compromisso contrahido com os indigenas, que é de instruil-os e a sua prole e angariar os meios de cultivarem essas gigantescas e ferteis regiões que incessantemente pedem cerebros preparados e mãos possantes que as explorem.

Achava-me pois, exhausta de forças, porém, não desilludida, quando a segunda turma de indios ao commando de Joaquim de Souza vem de chegar, ha poucos dias, e cuja noticia me foi transmittida pelos jornaes.

Naturalmente fui á repartição da policia, onde se achavam aboletados, para cumprir o dever de visital-os e offerecer-lhes o meu exiguo prestimo, patenteando desta arte que era eu a mesma companheira que os havia deixado, máo grado meu, naquellas invias paragens de Goyaz.

E' aqui occasião de desfazer por completo um erro em que tem elaborado toda a imprensa: os indios que se hospedam actualmente no Rio de Janeiro são em sua maioria das nações dos *Cherentes e Caraós*, sendo apenas apinagés tres, inclusive o Capitão Souza, que quando muito póde exercer influencia sobre essa pequena fracção, não lhe com-

petindo em absoluto o commando dos *Cherentes e Caraós* que são meus conhecidos, sendo que um delles tocou-me por afilhado de baptismo em uma das vezes que estive na povoação de Piabanha, então denominada por Frei Antonio, de Ganges.

O certo é, que *Caraós e Cherentes* vieram procurar-me, buscar-me, a conselho de Sepé.

Uma vez chegada á repartição da policia, os indios em sua totalidade atiraram-se aos meus braços e pediram-me agasalho, porquanto, diziam elles, não lhes agradava o commodo que aquella repartição designou-lhes, nem tão pouco podiam, elles que se acham extenuados por uma longa jornada de seiscentas e tantas leguas a pé, exhibir-se em repetidos passeios e diversões até alta noite, ás quaes não se achavam habituados e eram levados á força por um agente de policia, que sem duvida tirava grande partido desse espectaculo, aliás desagradavel e incompativel com a reputação de que goza a cidade do Rio de Janeiro.

Franqueei-lhes pois as portas de minha casinha, em Cascadura, onde elles se acham alojados, depois de ter obtido a permissão de um dos delegados auxiliares do chefe de policia, e, em acto continuo pedi, a esse cidadão que se dignasse de concorrer com uma parca diaria, que me auxiliasse na manutenção e sustento de um pessoal de oito homens.

Essa tentativa foi infructifera e ha mais de dez dias que os sustento exclusivamente á minha custa, achando-se quatro delles actualmente doentes, aos quaes tenho fornecido não só diéta como assistencia medica diaria e medicamentos, fornecidos alguns da Capital, outros pela pharmacia Sul-Americana no Engenho de Dentro, de propriedade do Sr. Saint Clair Pimentel.

Tem-se estabelecido pela imprensa uma verdadeira controversia, chegando ao ponto de um orgão mais chegado á policia insinuar que eu me recuso a entregar os indios que buscaram hospedagem em minha casa! E' absolutamente inexacto.

Quatro indios se acham, como já disse, enfermos e dous delles acommettidos de molestias que revestem certa gravidade; tres se acham sãos e estes podem se retirar quando muito bem lhes aprouver, mas fique certa a policia

que eu, a quem chamam de mãi, que lhes tenho muito amor, que desejo concorrer para a felicidade desses irmãos brazileiros, jámais, (eu o juro pelos manes de meus antepassados) jámais expulsal-os-ei do tecto amigo que por elles foi buscado.

Quanto aos doentes é intuitivo que não posso entregal-os, se não depois da prévia alta do facultativo, que é o Dr. Primo Teixeira de Carvalho, sob cujo tratamento se acham.

Os indios querem regressar para os seus sertões, mas sob a condição de que eu os acompanhe. Sendo professora cathedratica, só posso acompanhal-os, mediante licença do Prefeito ou do Conselho Municipal, e uma vez que ella seja concedida immediatamente marcharei á sua frente, para continuar, se é possivel, com mais ardor a minha missão de educadora.

O desequilibrio cerebral é proprio da humanidade, que toda ella vive em continuo delirio.

Todas as grandes investigações no dominio das sciencias e das artes tiveram por base a paranoia de um sabio e no começo deste seculo, para não remontar-me á noite da antiguidade, a direcção dos balões traz presos em suas tendas de trabalho tres nossos illustres patricios, para não recordar a memoria do saudoso Severo.

Pois bem, eu sou uma monomaniaca. Praz-me educar os selvicolas e enthusiasmar-me diante da belleza de suas mattas; penso dest'arte ser mais proveitosa á sociedade.

Concluindo, ha de permittir-me o respeitavel cidadão que chefia a policia do Districto Federal que lhe declare, mui solemnemente, que os indios abrigados em minha residencia, á rua da Pedreira n. 3, em Cascadura, não deixarão o meu lar corridos como qualquer criminoso e se não lhe agradar esta minha resolução inabalavel, se quer os meus caros indios, póde mandar buscal-os quando lhe aprouver, na certeza de que, não podendo oppor a resistencia precisa, limitar-me-ei a lavrar o seguinte protesto:

O chefe de policia arrancou de uma casa amiga, onde se achavam hospedados, pobres indios fatigados e enfraquecidos pelas privações que soffreram em penosa viagem, quatro dos quaes enfermos, para atiral-os a um comparti-

mento da policia que em nada lhes agrada, por innumeros e justos motivos, ou para mandal-os, ainda mal descansados e doentes, em torna viagem, com a semceremonia de quem despede hospedes importunos.

Continuarei, se for seriamente contradictada. — *Leolinda de Figueiredo Daltro.* »

Terminando, accrescentarei que devéras intrigado e desejoso de conhecer a verdade, fui no dia 23 á casa da professora, onde achei o *Cherente* irmão de Sepé e cinco *Cherentes Caraós*. Devo confessar que fiquei agradavelmente sorprendido e seriamente empenhado em esforçar-me pela causa destes quasi pseudo-selvagens.

Ao contrario do que esperava ver, encontrei uma gente sã — homens de boa estatura, intelligentes, doceis e joviaes. Fui informado que não são bigamos, que repudiando a mulher, retiram-se para outra aldêa, que quando dansam, o fazem separadamente os homens e as mulheres em lugares differentes; não são antropophagos, têm indole extremamente pacifica e entregam-se á agricultura, cultivando principalmente o arroz, o milho, a mandioca, o cará, o amendoim, o fumo; criam porcos em quantidade assás grande, caçam e pescam, alimentando-se regularmente, mas gastando pouco ou nenhum sal, que pagam a 6$ o litro, quando apparece, na região por elles habitada.

Respondendo ás minhas perguntas, disse o Alferes Agostinho: « *Você escuta minha palavra.*

Briga muito ruim, nunca vio briga Caraó com outra nação. »

« *Caraó não gosta, não desgosta Apinagé.* »

« *Caraó muito longe Apinagé.* »

« *Apinagé veio pedir armas e ferramentas, Caraó veio buscar Mamãi* » (a Professora D. Leolinda de Figueiredo Daltro).

« *Apinagé tem beiço furado, Caraó tem orelha furada, mas não fura mais, sabe não precisa.* »

« *Caraó tem coração muito certo, tem mãos muito limpas. Não furtou policia, nada quer da policia.* »

O septuagenario Major Sabino que se achava de cama, ponderou: « *quer Mamãi botar escola, ensinar nós* »

e outro *Caraó* observou : « *Mamãi não pode andar, nós bota nas costas.* »

Mas quem é esta mulher que tamanha influencia ou quasi suggestão exerce sobre os *Cherentes* e *Caraós*?

Natural da Bahia, sobrinha do fallecido principe da igreja catholica D. Antonio de Macedo Costa, neta pelo lado materno de indios tymbiras e tupinambás; professora publica, com vocação para a catechese dos indios brazis, tal é a Sra. D. Leolinda de Figueiredo Daltro, que a chamado dos seus queridos indios, não hesita por mais tempo e prepara-se para quanto antes partir, obedecendo ao impulso do seu ideal. Pretende levar os seus tres filhos que já são homens e um dos quaes esteve com ella nas aldêas *Cherentes e Caraós.*

Observei cuidadosamente esta senhora professora, que me pareceu uma especie de heroina e testemunhei o seu carinho pelos indios que se mostram amorosissimos para com ella ; resolvi tentar auxilial-a na medida do meu pequeno prestimo, isto é, promovendo a organisação de um gremio ou commissão central permanente a bem dos indios do Brazil em geral e particularmente dos *Cherentes Caraós* que se acham ainda nesta Capital.

Não nos póde ser muito favoravel a impressão que os *Caraós* levarão daqui, não conseguindo ir com a professora, cuja companhia, além de satisfazel-os, terá por vantagem dispol-os de modo a uma melhor interpretação do que lhes terá succedido por cá.

Ignoro quaes os meios de attingir o meu *desideratum*, mas para estudal-o e leval-o avante faz-se preciso um centro de reunião que não póde ser mais favoravel que o local do nosso Instituto.

Eu quizera ser mais talentoso para bem advogar a causa dos nossos indigenas, mas *ad impossibilia nemo tenetur* e confio na benevolencia dos meus illustres confrades para o deferimento pedido. »

O Sr. Presidente declara que as idéas emittidas pelo Sr. Raffard estão de accordo com os fins do Instituto; mas não póde ser tomada na presente sessão uma providencia a respeito, por isso que tendo se retirado um dos socios não ha numero legal para votação.

Fica, pois, a questão adiada para a proxima sessão ordinaria.

O Sr. Max Fleiuss pede a palavra e diz que vai occupar a attenção do Instituto com um assumpto que julga de maior interesse.

Trata-se da *Carta Descriptiva*, organisada para uso das escolas do Brazil, organisada em Bello Horizonte, por Julio Cesar Pinto Coelho e o Dr. Albino Alves Filho, illustrada por Julio Verdussen, sendo o trabalho calligraphico do Sr. Neutel Brant.

O orador lê o memorial que acompanhou o exemplar da *Carta*, remettido á Camara dos Deputados e que determinou uma emenda approvada no orçamento da despeza para 1902.

Com effeito, a lei do orçamento autorisou o Governo a despender, mediante avaliação pela Imprensa Nacional, a quantia necessaria para a impressão, até o numero de 3.000 exemplares, da *Carta Descriptiva*. Ao que lhe consta, a Imprensa Nacional já apresentou o devido orçamento e o illustre Sr. Ministro interino da Fazenda está disposto a promover a abertura do necessario credito para que o trabalho possa ser executado.

E' inutil encarecer a utilidade que dahi provirá para o ensino publico. O orador estudou meticulosamente a organisação do mappa geral e dos mappas parciaes, bem como todo o plano da obra e com franqueza externa a excellente impressão que o possuiu. E', em verdade, um trabalho que merece o mais incondicional applauso, e que representa os intelligentes esforços de seus auctores e a competencia technica do seu principal executor, o artista Julio Verdussen.

Parece, entretanto, ao orador que na serie de retratos ha varias omissões que devem ser reparadas, opinião esta que não se aparta da de um dos auctores, o illustrado Dr. Albino Alves Filho.

Mas esse ponto não poderá prejudicar a excellencia da obra, pois que o remedio não offerece a menor difficuldade. Afigura-se, porém, ao orador ser indispensavel que um dos auctores acompanhe de perto a impressão de todo o trabalho que não póde ser executado neste paiz.

A *Carta Descriptiva* vai ser impressa, na Belgica, e entregue unicamente á habilidade graphica das officinas é de crer appareça inçada de erros, quanto á orthographia e nomenclatura. E, destinada ás escolas, taes erros reduziam por certo o valor pedagogico do trabalho.

E' um capitulo que o orador julga impressionará o esclarecido espirito do Ministro interino da Fazenda.

Os auctores do trabalho submettem-n'o ao criterio do Instituto para que este aponte as correcções que julgar convenientes.

O orador deve informar que o Sr. 1° Secretario requisitou do Sr. Ministro interino da Fazenda a remessa da *Carta* que, certamente na proxima sessão, poderá ser detidamente examinada.

O Sr. Presidente declara que o Instituto recebe com agrado a noticia do apparecimento de obra tão importante.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levanta a sessão ás 4 1/4 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2º Secretario.

SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 3 DE OUTUBRO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, Manoel Francisco Correia e Marquez de Paranaguá, Commendador Henrique Raffard, General Francisco R. de Mello Rego, Coronel Thaumaturgo de Azevedo, Desembargador Paranhos Montenegro, Commendador Oliveira Catramby, Luiz de França Almeida e Sá, Drs. Aristides Milton, José Americo dos Santos e A. da Cunha Barboza e Max Fleiuss, 2.° Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2.° Secretario, lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem debate.

O Sr. Raffard, 1.º Secretario lê o seguinte

EXPEDIENTE

Carta do Sr. José M. Pelliza datada de Buenos Ayres, de 15 de Setembro de 1902, communicando o fallecimento de seu pai D. Mariano A. Pelliza, socio correspondente do Instituto. — Inteirado, já se tendo o Instituto manifestado a respeito.

Aviso do Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, datado de 25 de Setembro de 1902, agradecendo a remessa dos sessenta volumes da *Revista do Instituto* para a collecção existente na Secretaria de Estado. — Inteirado.

OFFERTAS

As que foram lidas em sessão e constam do Appendice.

O Sr. Presidente declara ter sido convocada a presente sessão extraordinaria para que se tome uma deliberação sobre a proposta do Sr. Raffard, apresentada na ultima sessão.

Tem a palavra o Sr. Raffard que diz:

« Entrando em discussão a proposta adiada por falta de numero legal, na ultima sessão, e relativa á creação sob os auspicios deste Instituto, de uma associação protectora dos indios brazis, cumpre-me trazer algumas informações complementares, precedendo-as, porém, das rectificações seguintes:

a) Não mencionei na respectiva proposta a *Sociedade de Ethnographia e Civilisação dos Indios*, com séde em S. Paulo; pois supponho que esse gremio não tem o mesmo caracter, do que desejo vêr creado aqui, de fins mais amplos e com intervenção mais immediata. E certamente a sociedade paulista nos prestará o mais franco apoio.

b) Os *Caraós*, actualmente entre nós, habitam o valle do rio Manuel Alves da Natividade, tributario do Tocantins, na proximidade do sertão do Estado da Bahia, emquanto que os *Apinagés* vivem a 60 leguas delles, mais abaixo no proprio Tocantins, e arredores da cidade da Boa Vista, na visinhança do Estado do Maranhão.

c) O Tenente Agostinho é dos nossos actuaes hospedes indigenas o unico *Caraó* de nascimento, sendo os demais tres *Cherentes* que se tornaram *Caraós* pelo seu casamento com mulher desta tribu e um *Cherente*, o afilhado de baptismo da professora e irmão do Coronel Joaquim Sepé, o chefe supremo dos *Cherentes* e *Caraós*, que dispõe de uns 6.000 homens validos.

Proseguindo na narrativa direi:

O major Sabino, que melhorara dos seus incommodos physicos, estava moralmente affectado, em vista da partida do joven *Caraó*, João, e não cessava de lamentar-se, pois este seu sobrinho, como repetia constantemente, era quem trazia agua para elle beber, quem lhe accendia o cachimbo, etc. Não me parece duvidoso que fatal impressão produzio no bom velho a communicação de um telegramma recebido de S. Paulo, enviado pelo Exm. Sr. Senador Almeida Nogueira, amigo dos Indios, e nestes termos: *Carta chegou tarde, indio João seguiu muito contente—Nogueira.*

Como acreditar no verdadeiro contentamento do sobrinho e na sua chegada á aldea, tendo seguido para o sertão só na companhia de tres *Apinagés*?... Apaixonou-se o velho e ninguem me tirará da idéa que foi o que provocou o fallecimento delle, embora succumbisse de uma «entero-colite», como attestou o medico assistente.

Eis o que publicou a *Gazeta de Noticias* em 29 de Setembro ultimo:

« Sepultou-se ante-hontem no cemiterio de Jacarépaguá o Major Sabino, um dos indios ultimamente chegados á esta Capital e que se acham em casa da professora D. Leolinda Daltro, á rua da Pedreira, em Cascadura.

O corpo foi conduzido á mão pelos cinco companheiros sobreviventes até a estação da Companhia Jacarépaguá, sendo dahi levado em bond especial e funebre até o cemiterio.

A professora Daltro que acompanhou o enterro estava profundamente perturbada e por vezes chorou amarguradamente não só durante a viagem como na occasião, em que baixou o corpo á sepultura.

Dos outros indios, dous pareceram, ao nosso companheiro que acompanhou a triste solemnidade, bastante

doentes, sendo que um quasi foi amparado pela professora Daltro para transpor uma pequena elevação que existe antes do cemiterio ».

O informante da *Gazeta de Noticias* felizmente equivocou-se quanto ao estado dos dous indios que lhe pareceram doentes, pois achavam-se elles tão sómente em extremo commovidos e carinhosamente tratados pela professora, a quem denominam mamãi...

Esta senhora dispensou ao querido morto as honras compativeis com as suas condições precarias e assim o *Caraó* Major Sabino fez a sua derradeira viagem como pobre, porém não indigente.

Facil é imaginar o que soffreu D. Leolinda de Figueiredo Daltro ao deparar, na sua casa, com o cadaver do chefe indigena e como se achou depois de ser informada da scena tocante que vou procurar descrever.

Reunidos os quatro companheiros em redor do leito, o Major Sabino pegou na mão do Tenente Galdino, seu filho, e disse mais ou menos o seguinte: *Mamãi sahio, coitada! Ella tem tantos desgostos que nunca me tenho queixado para não augmentar os seus soffrimentos, mas eu me sinto muito doente e sei que quando o sol deitar-se eu subirei para o céo. Meu filho apanha as minhas lagrimas, leva-as á minha mulher e com ella chorarás por mim... assume o poder em meu logar, sejas bom para todos e governe direito como tenho feito; trate bem os christãos e lhes indique sempre o caminho verdadeiro. Leva Marriai para as nossas aldeias, não a deixa fallar de cousa alguma, dê-lhe bastante comida, impeça as crianças de fazerem barulho perto della que já vai ficando velha e quando ella fechar os olhos abre para ella uma cova bem funda e muito limpa que cobrirás com folhas verdes.*

Teiapôco-Teinô, o Sabino, passára a seu filho o titulo de Major e ao Alferes Agostinho deu o de Capitão, adoptando este os nomes de Capitão Agostinho Constantino Primeiro e aquelle os de Major Galdino Delfino de Souza.

No dia 30 de Setembro, chegaram mais tres *Cherentes*, sendo um cégo, que veiu pedir á mamãi de lhe restituir a vista, tendo feito a viagem, acompanhado por dous sobrinhos tendo um apenas 12 annos.

Já se vê que estão hospedados na casa da professora, e esta já recorreu para este fim aos humanitarios e proficuos serviços do distincto especialista Dr. Moura Brazil.

E' devéras extraordinaria a confiança que estes indios depositam na professora D. Leolinda de Figueiredo Daltro e com a especie de fanatismo desta senhora para a causa delles muito poderá ella conseguir de sua convivencia nas aldeias, quer os ensinando, quer os observando e nos transmittindo preciosas noticias de toda a sorte.

Ha dias perguntou o Capitão Agostinho Constantino: *Mamãi quero aprender a ler e escrever, você ensina em um mez?* — « Não meu filho, necessito de mais tempo, digamos doze mezes. — *E' muito, mamãi, eu quizera escrever para dizer aos christãos tudo quanto sente o indio Caraó.*

Esta phrase exprime o desejo salutar que possue a alma ingenua desse indigena. E esse sentimento é commum nos que o acompanham, sendo natural que os seus companheiros tambem delle participem, tanto mais quanto a professora já permaneceu algum tempo em suas regiões, procurando incutir-lhes a conveniencia da instrucção.

Vê-se, pois, que é uma gente que, sem grande difficuldade, póde ser chamada á civilisação, bastando para isso que se proporcione o meio indispensavel afim de ser proveitosa a catechese.»

Em seguida pede a palavra o Sr. Luiz de França Almeida e Sá, que profere o seguinte:

« Recebendo hontem a carta, de 1 do corrente, em que o nosso illustrado 1.º Secretario, Exm. Sr. Commendador Henri Raffard, dignou-se fazer-me o generoso convite para vir, na sessão de hoje, dizer se os indios *Cherentes*, *Caraós*, *Apinagés*, que vivem nos valles do Araguaya e Tocantins, são *espiritas*, como elle ouvira dizer, gostosamente venho trazer ao Instituto o meu juizo sobre a condição religiosa daquelles irmãosinhos que tão pouco hão merecido dos governos da Republica; e tanto é isto verdade que a propria D. Leolinda Daltro já escapou de ser assassinada a mandado do infeliz padre que, no mesmo Araguaya, os reduz á mais crassa ignorancia e ao mais duro captiveiro!

Se ser *espirita* é acreditar em Deus, embora com o nome de Tupan; se ser *espirita* é crer que temos uma alma que não morre, e bem assim nas reincarnações, confirmadas por Jesus a Pedro, quando disse: « Elias já veio e vós não o reconhecestes », e a Nicodemus, quando disse: « Se não nascerdes outra vez não entrareis no Reino do Céo »; se ser *espirita* é alegrar-se por ver um ente querido despojar-se da materia perecivel e alar-se para a verdadeira vida, onde reina a verdadeira felicidade; se ser *espirita* é sustentar e praticar a communicabilidade com os desincarnados, que nos rodeiam e nos assistem, a todos os momentos, como ensina o espiritismo alicerceado nos *ensinos* dos espiritos que, aliás, baixam á terra desde as mais remotas éras, não nos resta a menor duvida que os indios são espiritas.

Tudo progride eternamente, e os coitadinhos, pelo facto de terem vindo em uma raça desprezada, para soffrerem as provações necessarias ao pagamento de suas dividas contrahidas em anteriores incarnações, não estão fóra da grande lei da progressividade, instituida pelo Creador de todos os mundos, pai amantissimo de todas as humanidades, dos planetas e dos espaços inter-planetarios.

E quereis uma prova de que elles já estiveram na terra? Ide á casa do nosso considerado consocio, Exm. General Mello Rego, e lá vereis, nas paredes de sua sala de visitas, varios artisticos e inspirados desenhos feitos por *Guido*, o indio das serras de Matto-Grosso, que elle acolhêra com paternal carinho e que, desincarnando aos dez annos de idade, nunca tivera a menor noção de pintura!

E' que, como se nos communicára, fôra elle notavel e laureado pintor e, na humilde posição de selvicola, pagára o orgulho que então dominára-o.

Que importa o riso da incredulidade, quando o homem ri de tudo quanto ignora? E' esta a verdade e bem facil de verificar-se pela observação, estudo e analyse do que Deus permitte baixar á Terra, nos tempos predictos em que nos achamos; *predictos*, sim, e se não vejam: Não ha dia em que os jornaes não dêm noticia de colossaes incendios, inundações, erupções de vulcões, alguns até desconhecidos, terremotos, cyclones e trombas marinhas, que

levam em massa a milhares de irmãos em differentes pontos da terra; a peste, no Egypto, já victíma a mil e quinhentas pessoas por dia e acaba de invadir o Japão, fazendo enorme carnificina! Como o *Judeu Errante*, ella caminha e penetra em todos os povos; a guerra na Europa e, quiçá, em todo o pequeno e atrazado Planeta que povoamos, não se fará esperar; e as mediumnidades relacionadas por Paulo, se patenteiam em todas as casas, idades e sexos!

Tal qual affirma Matheus, nos versiculos 6, 7 e 8 do Cap. XXIV do seu acatado Evangelho; tal qual os continuos avisos que recebemos dos Espiritos de Deus!

Os indios oram, reconhecem e se curvam ante o poder de um Sêr Creador, que tudo governa e tudo vê; crêm nos espiritos que com elles se communicam; acreditam possuir mais que um corpo material, trabalham, vivem em familia; têm prophetas e prophetisas (que são os mediums do espiritismo) á quem ouvem, cumprindo o que elles mandam fazer; alegres festejam a partida de um ente querido para *um mundo melhor*, certos, de mais tarde, irem com elle se reunir; não têm templos de pedra, não vendem preces, nada cobram pelo bem que praticam, são resignados, humildes e desejosos de aprender e progredir, como filhos de Deus, que sabem que são, buscam a civilisação, que delles *não cogita*; e com o sentimento da gratidão, tão raro no homem civilisado, amam a sua protectora, a desinteressada professora que cumprindo a sua missão, lembra as heroinas do christianismo que não é o romano catholicismo.

Que mais precisam elles para serem *espiritas*?

Quem déra a mim, e a muitos que se adornam com este nome ter as qualidades que elles possuem, ser *espiritas* como elles o são. »

Não havendo mais quem pedisse a palavra, o Sr. presidente dá por finda a discussão e pondera que o Sr. Raffard deve dar fórma positiva a sua proposta.

O Sr. Raffard lembra então que se nomeie uma commissão que se incumbirá de promover o estabelecimento de uma associação, destinada a cuidar efficazmente da catechese dos indios em geral.

Sendo approvada esta indicação, o Sr. presidente nomeia para a respectiva commissão os Srs.: Commendador Henrique Raffard, Desembargador Souza Pitanga e General Francisco Raphael de Mello Rego.

Levanta-se a sessão ás 4 horas.

Max Fleiuss, 2.º Secretario.

16ª SESSÃO ORDINARIA EM 10 DE OUTUBRO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, 1.º Vice-Presidente

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Manoel Francisco Correia e Marquez de Paranaguá, Commendador Henrique Raffard, Drs. Castro Carreira, José Americo dos Santos e A. de Paula Freitas, Desembargador Souza Pitanga, Commendador Oliveira Catramby, Luiz de França Almeida e Sá e Max Fleiuss, 2.º Secretario, o Sr. Presidente abre a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2º Secretario, lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem debate.

O Sr. Raffard, 1º Secretario, lê o seguinte

Expediente

Carta do Sr. Conselheiro Aquino e Castro, datada de 10 do corrente, declarando: que por incommodado não póde comparecer e offerecendo, de sua parte, para o Musêo do Instituto, uma medalha de prata com o retrato do fallecido deputado Augusto Severo e da parte do Dr. Blake, o 7º volume do seu *Diccionario Bibliographico*. — O Instituto muito agradece as valiosas offertas.

Officio do Director do Expediente do Thesouro Federal, datado de 9 deste mez, remettendo, de ordem do Sr. Ministro, a « Carta Descriptiva » preparada pelo Dr. Albino Alves Filho e Julio Cezar Pinto Coelho e

pedindo que opportunamente seja devolvida a mesma « Carta. » — O Instituto providenciará.

O Sr. Presidente declara: que se achando sobre a Mesa um convite do Sr. Ministro do Interior para as exequias do Dr. Silviano Brandão, designa para representar o Presidente do Instituto, nessa ceremonia, o Dr. José Americo dos Santos.

O Sr. Fleiuss diz que sendo provavel que o illustre Sr. Barão do Rio Branco chegue a esta Capital antes da proxima sessão, conviria que o Instituto nomeasse uma commissão para receber e saudar a tão eminente consocio, que gloriosa e indelevelmente insculpio o seu nome nos fastos de nossa patria.

O Instituto approva essa indicação e nomeia os Srs. Fleiuss, Raffard e Souza Pitanga, para receberem e darem as boas vindas ao eminente consocio Sr. Barão do Rio Branco.

O Sr. José Americo dos Santos tem o prazer de apresentar ao Instituto o 2.° volume, tomo 63 da *Revista do Instituto*, o qual encerra 633 paginas de texto. Fica, com esse volume, completo o tomo relativo ao anno de 1900, com dous volumes que reunidos constam de 954 paginas. Diz o Sr. José Americo dos Santos que a demora no apparecimento desse volume proveio da serie de trabalhos de natureza inadiavel, que sobrecarregavam as officinas da Imprensa Nacional.

O Sr. Presidente diz que o Instituto recebe com prazer o volume e louva o zelo da respectiva commissão geral e do illustre Sr. Dr. José Americo dos Santos, que mais directamente se occupou desse trabalho.

Offertas

As que foram lidas em sessão e constam do appendice.

O Sr. Raffard, 1° Secretario, lê os seguintes pareceres da Commissão de admissão de socios, os quaes ficam sobre a Mesa para que sejam votados na proxima sessão:

« Em presença do parecer da Commissão de Ethnographia que apreciou a memoria do Sr. Dr. Theodoro Sampaio sobre o *Tupy na Geographia Nacional*, considerando-a

trabalho importante, parece á Commissão de admissão de socios que o Sr. Dr. Theodoro Sampaio está nas condições de ser admittido no numero dos socios correspondentes do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Rio de Janeiro, 7 de Outubro de 1902. — *João Carlos de Souza Ferreira*. — *A. de Paula Freitas*. — *Manoel Francisco Correia*. »

« De accordo com os dignos consocios, a cuja apreciação foi sujeita a conferencia publica, feita na Escola da Gloria em 1883 pelo Sr. Dr. Luiz Henrique Pereira de Campos sobre a *Repartição da Estatistica*, a Commissão de admissão de socios é de parecer que o Sr. Dr. Pereira de Campos póde ser recebido na classe dos nossos socios effectivos. Rio de Janeiro, 9 de Outubro de 1902. —*João Carlos de Souza Ferreira*. — *A. de Paula Freitas*. — *Manoel Francisco Correia*. »

« A Commissão de admissão de socios do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, conformando-se com o parecer incluso da Commissão subsidiaria de Historia, acerca das condições de capacidade do Sr. Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada para a sua admissão no mesmo Instituto, entende que a proposta apresentando-o para membro correspondente do Instituto está nas condições de ser approvada. Sala das sessões, em 10 de Outubro de 1902.— *A. de Paula Freitas*. —*Manoel Francisco Correia*. »

« A Commissão de admissão de socios do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, tendo na devida consideração o parecer da Commissão subsidiaria de historia sobre as condições de capacidade do Sr. Monsenhor João Tolentino de Guedelha Mourão para a sua admissão no mesmo Instituto, entende que, de accordo com as disposições regulamentares, a proposta apresentando-o para membro correspondente do Instituto, está nas condições de ser approvada. Sala das sessões em 10 de Outubro de 1902. —*A. de Paula Freitas*.— *Manoel Francisco Correia*. »

O mesmo Sr. 1° Secretario lê a seguinte proposta : « Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Dr. Albino Alves Filho, natural do Estado de Minas Geraes, procurador

da Republica em Bello Horizonte, e um dos auctores da *Carta Descriptiva* para ensino Geographico, nas escolas do Brazil, a qual servirá de base para a sua admissão. Rio, 10 de Outubro de 1902. —*Max Fleiuss.* —*Henrique Raffard.* — *José Americo dos Santos.* »

A' Commissão subsidiaria de geographia, sendo relator o Sr. Almeida e Sá.

O Sr. Castro Carreira, Thesoureiro, apresenta o seguinte balancete do 3.° trimestre de 1902.

Balancete do 3.° trimestre de 1902 do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

DESPEZA

1.	Recibo do Sr. José Antonio Gonçalves Ennes........................	75$000
2.	Recibo do Sr. Francisco Martins Guimarães........................	150$000
3.	Conta de Manoel Arruda...........	30$000
4.	Folha dos empregados, de Julho....	500$000
5.	Conta do « Jornal do Commercio »...	130$000
6.	» de Soares Baptista..........	60$000
7.	Conta de Goulart Irmão............	47$500
8.	Folha dos empregados, de Agosto....	500$000
9.	» » » » Setembro..	500$000
		1:992$500

RECEITA

Saldo em 30 de Junho de 1902......	7:306$580
Juros das apolices do patrimonio do Instituto de Janeiro a Junho......	2:000$000
Quota das loterias de Abril a Junho..	3:500$000
Dr. Affonso Celso de Assis Figueredo.	12$000
Dr. Alfredo do Nascimento Silva....	12$000
Dr. Amaro Cavalcante.............	12$000
Dr. Antonio de Paula Freitas.......	12$000
	12:854$580

Transporte...........	12:854$580
Arthur Sauer......................	12$000
Barão de Loreto..................	12$000
Barão de Miranda Reis............	12$000
Capitão-Tenente Carlos Vidal de Oliveira Freitas..................	12$000
Almirante Francisco Calheiros da Graça........................	12$000
General Francisco Raphael de Mello Rego.........................	12$000
Dr. João Barbosa Rodrigues.......	12$000
Commendador José A. Rodrigues de Oliveira Catramby.............	12$000
Almirante José Candido Guillobel...	36$000
José Francisco da Rocha Pombo.....	12$000
José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.......................	12$000
Dr. Luiz Cruls...................	24$000
Luiz de F. Almeida e Sá...........	12$000
Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro.	12$000
Dr. Sylvio Roméro................	12$000
Dr. Thomaz G. Paranhos Montenegro.	12$000
José Verissimo de Mattos	24$000
Visconde de Ouro Preto	12$000
Visconde de Sinimbú...............	12$000
Juros das inscripções do Banco da Republica.......................	217$000
Max Fleiuss......................	12$000
Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga..................	12$000
Commendador Miguel Archanjo Galvão	12$000
Dr. Evaristo Nunes Pires..........	12$000
Dr. Tristão de Alencar Araripe Junior	12$000
	13:407$580
Saldo em 30 de Setembro de 1902..	11:415$080

Rio de Janeiro, 30 de Setembro de 1902.

Thesoureiro, *Dr. Liberato de Castro Carreira.*

A' Commissão de Fundos e Orçamento, sendo relator o Sr. Conselheiro Souza Ferreira.

Passando-se á ordem do dia, pede a palavra o Sr. Max Fleiuss que se occupa novamente e com o maior desenvolvimento da *Carta Descriptiva para uso das escolas primarias do Brazil, organizada em Bello Horizonte pelo Dr. Albino Alves Filho e Julio Cezar Pinto Coelho.*

Mostrando ao Instituto o original dessa *Carta*, o orador lê mais uma vez a memoria explicativa que a acompanhou, quando a Camara dos Deputados concedeu ao Governo a autorisação para a abertura do indispensavel credito, afim de ser feita na Europa a impressão, mediante avaliação da Imprensa Nacional.

O Sr. Ministro da Fazenda fez a gentileza de, attendendo ao pedido do Sr. 1.º Secretario, ceder por alguns dias o original da *Carta*, e o Instituto póde, pois, verificar a importancia do trabalho.

O orador salienta a necessidade, que lhe parece essencial, de ser a impressão fiscalisada de perto por um dos auctores, sem o que a *Carta* apparecerá inçada de erros.

Acha igualmente que convém dispôr os retratos com mais methodo e completar a galeria, tarefa que o desenhista e os auctores desejam executar guiados pelo Instituto. Esse ponto ficaria de absoluta perfeição se o provecto bibliothecario do Instituto se prestasse a dirigir os auctores nas corrigendas que se impõem.

O orador faz ainda outras considerações, com o fim de demonstrar as vantagens que a *Carta* trará ao ensino publico.

Levanta-se a sessão ás 4 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2.º Secretario.

17.ª SESSÃO ORDINARIA EM 24 DE OUTUBRO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, 1.º Vice-Presidente

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiro Manoel F. Correia, Commendador Henrique Raffard, Desembargador A. F. de Souza Pitanga, Drs. Castro Carreira,

Aristides Milton, A. de Paula Freitas, José Americo dos Santos, Rodrigo Octavio e A. da Cunha Barboza, Desembargador Paranhos Montenegro, Commendador Catramby, Coronel Thaumaturgo de Azevedo, Luiz de França Almeida e Sá e Max Fleiuss, 2.° Secretario, o Sr. Presidente abre a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2.° Secretario, lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem debate.

O Sr. Presidente informa que o Sr. Conselheiro Aquino e Castro, Presidente do Instituto, por ligeiramente indisposto deixa de comparecer.

O mesmo Sr. Presidente communica da seguinte fórma o fallecimento do Sr. Walther Hauser, Presidente honorario do Instituto.

« Ha na vida dos povos factos de magna importancia, que entram forçosamente na sua historia ; e os nomes que a elles se ligam inscrevem-se desde logo na gratidão da geração contemporanea e das futuras.

Era antigo litigio o nosso com a poderosa nação franceza sobre o territorio do norte do Brazil até o Oyapock. A questão passou por vicissitudes varias. O territorio ficou sujeito a um regimen especial, necessariamente transitorio. A pendencia teria de ser resolvida ou pelas armas, entre duas nações de forças desiguaes, ou por accordo. Este ultimo alvitre, o da civilisação, foi afinal o preferido.

Foi a questão submettida ao arbitramento do Conselho Federal da Suissa. Não se podia escolher juizo mais competente nem mais integro. Aprofundado e imparcial estudo foi feito com a mais escrupulosa isenção.

A sentença coroou as pretenções do Brazil.

Era uma gloria para a nossa Patria a de ter lutado com potente contendor apoiada exclusivamente na justiça que lhe assistia. O reconhecimento dessa justiça veiu justificar a sua tenacidade nas melindrosas circumstancias em que mais de uma vez se achou.

O testemunho do direito, a firmeza em reconhecel-o e proclamal-o, honrou não só o povo que pela nobre causa affrontou perigos, como tambem realçou a nobre missão do juiz, engrinaldando-lhe a fronte de louros immarcessiveis.

Não foi, portanto, a sentença que determinou o Instituto Historico a conceder ao Presidente da Confederação Helvetica, que a firmou, o titulo de Presidente honorario. Foi o apreço em que não podia deixar de ser tido, não só pelo Brazil, mas por todas as nações civilisadas, o aturado estudo da complicada questão, a constancia na apreciação de documentos innumeros e a serenidade em proferir o julgamento dictado pela consciencia esclarecida.

O facto historico a que me refiro dá ao Sr. Walther Hauser, ante-hontem fallecido, os mais justos motivos de pezar que o Instituto Historico consubstancia no voto registrado na sessão de hoje.»

O Sr. Dr. José Americo dos Santos participa ao Instituto ter assistido ás exequias mandadas celebrar pelo Governo Federal pelo Dr. Silviano Brandão, dando assim cumprimento á incumbencia que recebeu do Presidente do Instituto na ultima sessão.

Offertas

As que foram lidas em sessão e constam do appendice.

O Sr. Dr. Rodrigo Octavio offerece em nome do Sr. Dr. José Manoel Cardoso de Oliveira, Encarregado de Negocios do Brazil em Londres, dois exemplares de sua obra denominada *Pedro Americo, sua vida e suas obras*.

O Sr. Raffard offerece da parte do Sr. E. Rodrigo Mendoza, Secretario da Legação do Chile, um exemplar de sua novella *Vida Nueva*...

O Sr. Fleiuss offerece da parte do Sr. Luiz Augusto Soares de Magalhães um exemplar da *Vida de Santa Catharina*.

O Sr. Fleiuss informa ao Instituto do procedimento que tem tido a Commissão nomeada para receber o benemerito Barão do Rio Branco.

Informa ainda mais que: tendo sido resolvido que a primeira saudação, em nome do povo brazileiro, ao Barão do Rio Branco seja feita pelo muito digno Desembargador Souza Pitanga e entregue em pergaminho ao benemerito patricio, o illustre artista Sr. Manoel Teixeira da Rocha

se promptificou a fazer a illustração do mesmo pergaminho, offerecendo esse trabalho ao Instituto Historico.

O Sr. Presidente declara que o Instituto desde já muito agradece a valiosa offerta do abalisado artista, Sr. Teixeira da Rocha.

O Sr. Raffard pede que o Instituto autorise as despezas a que a mesma Commissão é obrigada.

O Sr. Presidente, consultando a casa sobre este ponto, o Instituto por unanimidade vota a quantia de cem mil réis.

O Sr. Desembargador Pitanga narra desenvolvidamente todos os passos da Commissão de recepção ao Sr. Barão do Rio Branco, informa que a idéa do Instituto tem encontrado o mais franco applauso, e termina pedindo que o Instituto julgue os actos da mesma Commissão.

O Sr. Presidente declara que a approvação desses actos foi implicitamente dada na autorisação para as despezas.

O Instituto applaude as palavras do Sr. Presidente.

São apresentadas as seguintes propostas:

« Propomos a reforma do art. 15 e seus paragraphos dos Estatutos do Instituto Historico e Geographico Brazileiro nos seguintes termos:

Art. 15. Aos socios será concedido o uso d'uma medalha nas solemnidades do Instituto e associações scientificas, de accordo com as disposições seguintes:

§ 1.° A medalha será de prata ou de ouro pendente ao pescoço por uma fita azul, e cunhada tendo n'uma face o emblema do Instituto rodeado da inscripção — *Auspice Petro Secundo* e *Pacifica scientiæ occupatio* —e n'outra face a inscripção — *Institutum Historico Geographicum Braziliensi* — rodeando a medalha e seguida d'um ramo de café e fumo, tendo no centro a inscripção — *In urbe fluminensi conditum die XXI Octobris A. D. MDCCCXXXVIII.*

§ 2.° Todo o socio do Instituto terá direito ao uso da medalha de prata.

§ 3.° Sómente terão direito a medalha de ouro: 1.° os socios benemeritos na fórma do art. 12, § 1.°; 2.° os socios benemeritos que fizerem donativo superior a réis 2:500$000 de uma vez ou por partes, em dinheiro ou em outros objectos de valor; 3.° os presidentes honorarios.

§ 4.° A concessão da medalha de ouro será outorgada, por deliberação do Instituto, e a entrega acompanhada de um diploma consignando o motivo da concessão.

§ 5.° A medalha de prata (com alça e com fita), será entregue ao socio mediante a contribuição de 25$000, a medalha de ouro ficará a cargo do socio galardoado. Sala das sessões em 12 de Setembro de 1902. — *A. de Paula Freitas.*— *José Americo dos Santos.*— *G. Thaumaturgo de Azevedo.*»

A' Commissão de estatutos, sendo relator o Sr. H. Raffard.

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Dr. José Manoel Cardoso de Oliveira, de 40 annos de idade, filho do Estado da Bahia, Encarregado de Negocios do Brazil em Londres, auctor de varias obras interessantes e notadamente de uma biographia do pintor Pedro Americo, que serve de base a esta proposta.

Rio de Janeiro, 24 de Outubro de 1902. — *Rodrigo Octavio.* — *Max Fleiuss.* — *A. Cunha Barboza.*—*A. de Paula Freitas.*»

A' Commissão de historia, relator o Sr. Visconde de Ouro Preto.

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Manoel Amunátegui, 1.° Secretario da Legação do Chile no Brazil servindo de titulo para sua admissão o trabalho intitulado *El Arbitraje Internacional en las Conferencias Americanas de Washington — 1889-90 — i de Mejico—1901-02.* Escripto expressamente para o Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Sala das sessões em 24 de Outubro de 1902.—*Henri Raffard.* — *A. da Cunha Barboza.* — *Luiz de França Almeida e Sá.*»

A' Commissão subsidiaria de historia, sendo relator o Sr. Max Fleiuss.

« Propomos para socio correspondento do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Emilio Rodrigues Mendoza, 2.° Secretario da Legação do Chile no Brazil e auctor de varios trabalhos historicos, servindo

de titulo o intitulado *Ultimos dias de la Administracion Balmaceda*.

Sala das sessões em 24 de Outubro de 1902.—*Henri Raffard*. — *Cunha Barboza*. — *Luiz de França Almeida e Sá*.»

A' Commissão subsidiaria de historia, sendo relator o Sr. Max Fleiuss.

Correndo-se o escrutinio sobre os pareceres da Commissão de admissão de socios, que se acham sobre a Mesa, são eleitos por unanimidade e proclamados socios correspondentes os Srs. Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Dr. Theodoro Sampaio e Monsenhor João Tolentino de Guedelha Mourão. E' eleito por maioria de votos e proclamado socio effectivo o Sr. Dr. Luiz Henrique Pereira de Campos.

Nada mais havendo a tratar levanta-se a sessão ás 4 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2.° Secretario.

18ª SESSÃO ORDINARIA EM 7 DE NOVEMBRO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, Manoel Francisco Correia e Barão Homem de Mello, Commendador Henrique Raffard, Drs. Castro Carreira, Miranda Azevedo, Cunha Barboza e Rodrigo Octavio, Desembargador Paranhos Montenegro, Luiz de França Almeida e Sá, General Francisco Raphael de Mello Rego, Conde de Leopoldina, e Max Fleiuss, 2° Secretario, abre-se a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2° Secretario, lê a acta da sessão anterior a qual é approvada sem debate.

O Sr. 1° Secretario communica que o Sr. Desembargador Souza Pitanga, por motivo de fallecimento de pessoa de sua familia, deixa de comparecer.

O Sr. Almeida e Sá propõe e o Instituto approva, que se nomeie uma commissão para felicitar o consocio honorario Conselheiro Rodrigues Alves, pelo facto de ser investido da suprema magistratura do paiz.

O Sr. Presidente nomeia para essa commissão os Srs. Barão Homem de Mello, José Americo dos Santos e Luiz de França Almeida e Sá.

O Sr. Conselheiro Correia mandou á Mesa algumas correcções, que devem ser feitas no seu trabalho, publicado no ultimo numero da *Revista*. Apresenta depois a seguinte proposta, que é approvada.

« Da acta da sessão de 30 de Abril de 1900, publicada á pag. 429 do tomo LXIII, parte 2ª, da *Revista Trimensal*, consta que nesse dia teve ingresso no Instituto Historico o socio effectivo General Dionysio Evangelista de Castro Cerqueira, ex-Ministro das Relações Exteriores. Não está, porém, publicado o discurso que elle então proferio. Como nelle ha topico referente á questão de limites entre o Brazil e a França, que assignala importante serviço do Instituto, proponho seja o mesmo discurso publicado no proximo tomo da *Revista*.»

O Sr. Fleiuss, 2º Secretario, pedindo a palavra, diz que precisa declarar ao Instituto que ao assumir, em Janeiro de 1901, o cargo de 2º Secretario, deu-se pressa em examinar as actas de 1900, encontrando-as, porém, na maior parte sem ordem alguma, escriptas em retalhos de papel, sendo-lhe por isso impossivel apresental-as completas. Para evitar esses inconvenientes estabeleceu logo um livro de registro de actas, em que são escripturadas com a maior minudencia, achando-se esse livro em dia, como tem ensejo de mostrar ao Instituto.

O Sr. Raffard, 1º Secretario, lê os dois seguintes pareceres da Commissão subsidiaria de historia:

« O Sr. Manoel Amunátegui é doutor em leis e sciencias politicas pela Universidade de Santiago de Chile e primeiro secretario da legação do Chile no Brazil.

A esses titulos, sem duvida distinctos, reune as qualidades de estimado publicista e historiador, sendo assim digno herdeiro de seu illustre pai, que foi membro proeminente do nosso Instituto.

A Memoria que expressamente escreveu para ser admittido como socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.— «*El Arbitraje Internacional en las Conferencias Americanas de Washington*, 1889-90, *i de Mejico*, 1901-902 » — foi examinada pela commissão subsidiaria de historia que emitte o seu parecer.

E' um trabalho apreciavel como resumo succinto dos antecedentes e dos resultados desses dois actos da politica americana, cuja iniciativa pode ser attribuida ao Sr. James Blaine, secretario de estado da grande republica norte-americana, já se vê que o auctor se occupa mais especialmente da attitude assumida pelo seu paiz, mas isto não prejudica a Memoria, em seu valor geral.

O auctor termina dizendo que a conferencia de Washington adoptou um plano de arbitramento obrigatorio; mas que nenhum dos governos signatarios desse plano procurou ratifical-o: os resultados foram pois completamente nullos. A conferencia do Mexico, proclamando pela unanimidade das nações concurrentes sua adhesão aos convenios celebrados pelo Congresso de Haya, procedeu como uma assembléa de verdadeiros homens de estado, que se apartam das theorias illusorias e buscam unicamente a paz e a harmonia, unicas bases seguras do progresso das nações.

São conclusões que offerecem margem a extensas criticas mas que pelo menos exprimem as generosas idéas de quem as enunciou.

Parece, pois, á Commissão subsidiaria de historia que o Sr. Dr. Manoel Amunátegui pode ser admittido socio correspondente deste Instituto.

Rio, 7 de Novembro de 1902.—*Max Fleiuss*.—*Affonso Celso*.— *F. R. de Mello Rego*.»

A' Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Conselheiro M. F. Correia.

« A Commissão subsidiaria de historia examinou o trabalho do Sr. Emilio Rodrigues Mendoza, segundo secretario da legação do Chile no Brazil, o qual serve de titulo para a sua admissão como socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

O Sr. Mendoza é um conhecido litterato chileno; sob o pseudonymo de *A. de Gery*, muito tem concorrido para o

realce das lettras da nação amiga. *Ultimos dias de la Administracion Balmaceda* é um trabalho interessante com dialogos curiosos e seguras informações sobre a grande revolução chilena.

Parece, em summa, á Commissão subsidiaria que o Sr. Mendoza está nos casos de ser acceito como socio correspondente do Instituto.

Rio, 7 de Novembro de 1902.—*Max Fleiuss.—Affonso Celso.— F. R. de Mello Rego.*»

A' Commissão de admissão de socios, sendo relator o o Sr. Dr. Antonio de Paula Freitas.

Estes pareceres foram approvados.

O mesmo Sr. 1° Secretario lê as seguintes propostas:

« Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho, distincto advogado deste fôro, auctor de varias obras de direito e historia, notadamente de um Estudo Historico das Relações Diplomaticas e Politicas entre a França e Portugal que serve de base a esta proposta.

O Dr. Leite Velho é portuguez de nascimento, brazileiro naturalisado, tem 65 annos e reside nesta cidade.

Rio de Janeiro, 7 de Novembro de 1902.— *Rodrigo Octavio.— A. C. Miranda Azevedo — A. Cunha Barboza.*»

A' Commissão subsidiaria de historia, sendo relator o Sr. Dr. Affonso Celso.

« Propomos para socio honorario o Sr. Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, socio effectivo deste Instituto desde 1883, como demonstração de apreço pelo serviço que o mesmo, honrando a Associação de que faz parte, acaba de prestar as lettras e a historia patria com a publicação, ora terminada, da sua importante obra em 7 volumes intitulada *Diccionario Bibliographico Brazileiro.* Sala das sessões em 7 de Novembro de 1902.— *O. H. de Aquino e Castro.— Manoel Francisco Correia.— Homem de Mello.— Henri Raffard.— Max Fleiuss.— Dr. Castro Carreira.— A. C. Miranda Azevedo.— Luiz de França Almeida e Sá.—A. da Cunha Barboza.—Rodrigo Octavio.— Conde de Leopoldina.* »

A' Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Conselheiro Souza Ferreira.

O Sr. Conde de Leopoldina justifica a seguinte proposta:

« Proponho que o Sr. Presidente convide os socios para escreverem trabalhos sobre mineração do Brazil afim de serem publicados, obrigando-me a fazer reproduzir na Europa os trabalhos indicados pelo Instituto. Os trabalhos sobre este importante assumpto, já existentes no Instituto, sejam remettidos a uma Commissão especial para ter começo pratico, o que submetto ao Instituto.

Esta proposta encontra apoio no art. 52 § 5° dos Estatutos.

Sala das Sessões em 7 de Novembro de 1902.—*Conde de Leopoldina.*»

O Sr. Barão Homem de Mello indica para esse fim, entre outros trabalhos, o *Diccionario de Minas*, de Francisco Ignacio Ferreira.

O Sr. Fleiuss lembra o trabalho do Sr. Rodrigo Octavio e o do Sr. Augusto de Lima, denominado *Um Municipio de Ouro*, já lido perante o Instituto.

A proposta é approvada, e o Sr. Presidente nomeia a seguinte Commissão especial para tratar desse assumpto: Srs. Drs. Paula Freitas e J. Americo dos Santos e Conde de Leopoldina.

O Sr. Almeida e Sá lê um trabalho sobre os *Selvicolas*.

Levanta-se a sessão ás 4 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2° Secretario.

19.ª SESSÃO ORDINARIA EM 21 DE NOVEMBRO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, Manoel Francisco Correia, Marquez de Paranaguá, Barão Homem de Mello, Commendador Henrique Raffard, Desembargador Souza Pitanga, Dr. Castro Carreira, Visconde de Barbacena, Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, Dr. José Americo dos

Santos, M. A. Galvão, Luiz de França Almeida e Sá, Belisario Pernambuco, Dr. Aristides A. Milton, Commendador Oliveira Catramby, Dr. Paula Freitas, Coronel Thaumaturgo de Azevedo e Max Fleiuss, 2.º Secretario, o Sr. Presidente abre a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2.º Secretario, lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem debate.

O Sr. Presidente profere as seguintes palavras :

« Infelizmente, temos hoje de registrar nos nossos *Annaes* a perda de dous dignos consocios.

No dia 17 do corrente falleceu, nesta Capital, o Coronel Pedro Paulino da Fonseca, nosso respeitavel companheiro desde 1883. Em sua longa e laboriosa existencia, nas elevadas posições que occupou, como Governador do Estado de Alagoas, donde era natural, e mais tarde como Senador pelo mesmo Estado, teve occasião de prestar serviços, que bem testemunharam a sua patriotica dedicação á causa publica.

Hontem, na Capital de S. Paulo, falleceu o Dr. Joaquim Floriano de Godoy, distincto servidor do Estado durante o Imperio, ex-Deputado á Assembléa Provincial e Geral Legislativa, Senador, Presidente de Provincia e auctor de variados e interessantes escriptos scientificos e litterarios, sendo desse numero o intitulado *A Provincia de S. Paulo*, trabalho historico, estatistico e noticioso que servio-lhe de titulo de admissão ao nosso gremio em 1876.

O Instituto, em cumprimento de disposições regimentaes, faz inserir na acta da presente sessão um voto de profundo pezar pelas sentidas perdas que acaba de soffrer, reservando para occasião opportuna o elogio biographico dos finados consocios. »

Expediente

Consta do seguinte :

Carta do Sr. Felix F. Outes, datada de Buenos Ayres, de 3 de Novembro, pedindo varios numeros da *Revista*. — A' Secretaria para providenciar.

Aviso n. 2.598 — Ministerio da Justiça e Negocios Interiores. Capital Federal, 13 de Novembro de 1902 .—

Communico-vos que na presente data expedi ordens ao Engenheiro encarregado das obras deste Ministerio para que vos sejam entregues as chaves do predio em que funcciona o Supremo Tribunal Federal, logo que este passe a funccionar no edificio da rua Primeiro de Março. Saude e fraternidade. — *Sabino Barroso Junior*. Sr. Presidente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.— Inteirado.

O Sr. Fleiuss, communica que o Sr. Conselheiro Ruy Barbosa deixa de tomar posse, na presente sessão, por justo motivo, tendo porém, assegurado que o fará proximamente.

O Sr. Conselheiro Correia offerece varias photographias da inauguração da estatua do Visconde do Rio Branco e aproveita a occasião para pedir que o Instituto nomeie uma commissão para assistir á festa dos bachareis em lettras, que se realisará em 2 de Dezembro proximo.

O Sr. Presidente nomeia para essa commissão os Srs. Drs. Aristides Milton, Desembargador Souza Pitanga e Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.

O Sr. Dr. Castro Carreira, Thesoureiro, communica que o patrimonio do Instituto se acha augmentado com a compra de apolices que realizou.

O Sr. Barão Homem de Mello communica que a commissão nomeada para felicitar o Sr. Conselheiro Rodrigues Alves, socio honorario do Instituto, por occasião da sua posse de Presidente da Republica, cumprio o seu dever, tendo sido gentilmente recebida.

O Sr. Dr. Aristides Milton informa que tendo sido incumbido pelo Instituto para escrever a biographia do Visconde do Rio Branco, deu começo a esse trabalho. Ultimamente, porém, leu nos jornaes que o Sr. Barão do Rio Branco estava elaborando trabalho identico. Pensa, pois, dever aguardar a chegada de S. Ex., para depois de novas informações concluir a sua obra.

O Instituto approva essa deliberação.

O Sr. Raffard, 1.° Secretario, lê os seguintes pareceres da Commissão de admissão de socios, os quaes ficam sobre a Mesa para serem votados na seguinte sessão.

« A Commissão de admissão de socios, reconhecendo no Sr. Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake,

digno e operoso socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, a reunião dos requisitos exigidos pelo art. 10 § 2.º dos Estatutos e achando-se de inteiro accordo com a proposta apresentada pela Mesa e varios outros consocios na sessão de 7 do corrente mez, é de parecer que ao Sr. Dr. Sacramento Blake seja conferido o titulo de socio honorario.

Rio de Janeiro, 14 de Novembro de 1902. — *João Carlos de Souza Ferreira — Manoel Francisco Correia — A. de Paula Freitas.* »

« Sendo convincentes as razões produzidas para que seja aceito como socio correspondente o Sr. Dr. Manoel Amunátegui, 1.º Secretario da Legação do Chile, a Commissão de admissão de socios concordando com a subsidiaria de historia, é de parecer que se approve a proposta feita para que occupe um logar entre os socios correspondentes deste Instituto o illustrado Sr. Dr. Manoel Amunátegui.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, em 17 de Novembro de 1902. — *Manoel Francisco Correia — A. de Paula Freitas.* »

« A Commissão de admissão de socios do Instituto Historico e Geographico Brazileiro conformando-se com o parecer da Commissão subsidiaria de Historia sobre os trabalhos do Sr. Emilio Rodrigues Mendoza, 2.º Secretario da Legação do Chile no Brazil, para a sua admissão no gremio do Instituto, e reconhecendo satisfeitas as demais condições consignadas no art. 8.º dos Estatutos do mesmo Instituto, relativas a admissão de socios correspondentes, é de parecer que está no caso de ser approvada a proposta apresentando para socio correspondente do Instituto o Sr. Emilio Rodrigues Mendoza.

Sala das Sessões, em 17 de Novembro de 1902.—*A. de Paula Freitas — Manoel F. Correia.* »

O Sr. Fleiuss, 2.º Secretario, lê depois o seguinte parecer da Commissão de Estatutos e Redacção, o qual fica sobre a mesa para ser votado na 1.ª sessão da Assembléa Geral :

« A Commissão de Estatutos e Redacção examinou a proposta assignada pelos Srs. Dr. Antonio de Paula Freitas, Dr. José Americo dos Santos e Coronel Gregorio Thau-

maturgo de Azevedo para que os membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro possam usar de um distinctivo nas suas solemnidades e nas das demais associações scientificas e

Considerando 1.º que identica proposta já foi objecto de um parecer apresentado na sessão de 13 de Setembro de 1896, nestes termos : A Commissão de Estatutos e Redacção teve presente a proposta do nosso consocio Dr. Cesar Marques para que o Instituto Historico resolva que seus membros tenham distinctivo especial para aś suas solemnidades. A Commissão pondera que aos membros desta associação foi concedido pelo Decreto de 2 de Março de 1860, a faculdade de usarem de farda conforme o figurino dado pelo mesmo decreto, e como essa faculdade subsiste poderão os socios usar della, quando lhes aprouver, sendo portanto claro que não precisamos de novo distinctivo.

Emquanto ao uso da medalha, parece á Commissão que ella só deve ser admittida nos termos do art. 15 dos nossos Estatutos.

Tal é o modo de pensar da Commissão que sujeita ao justo criterio do Instituto.

Sala das sessões, 13 de Setembro de 1896. — *T. de Alencar Araripe* — *Henrique Raffard*.»

Considerando 2.º que o referido parecer, sendo posto em discussão, pedio a palavra o relator Conselheiro T. de Alencar Araripe para o sustentar, declarando que os Estatutos conferem a medalha aos socios com serviços especiaes e relevantes e que ampliando a distincção a todos os associados tiraria o estimulo e seria preciso reformar os Estatutos.

Responde o Sr. Dr. Cesar A. Marques dizendo que o direito de usarem os socios do Instituto de farda tem contra si o ser dispendioso e por isso lembrou uma medalha com cordão a exemplo de outras corporações scientificas nacionaes e estrangeiras ; indicando pois que se adoptasse um distinctivo geral, não se confundindo com o que é devido aos socios benemeritos e fazendo outras considerações, terminou propondo o adiamento da discussão para a proxima sessão, o que foi approvado.

Não consta porém, das actas do anno de 1896 que este parecer fosse jamais approvado ou rejeitado pelo que parece não haver sido novamente posto em discussão.

Considerando 3º que o mencionado art. 15 dos Estatutos é do theor seguinte: «Distincções. Art. 15 — Aos socios se poderá conceder o uso de uma medalha nas solemnidades sociaes.

§ 1º. Esta medalha será de prata ou de ouro, pendente ao pescoço por uma fita azul, e será cunhada com o distinctivo ou armas do Instituto.

§ 2.º A concessão da medalha de prata se fará ao socio, que tiver contribuido com quantia nunca inferior a 1:500$, e a de ouro se conferirá ao que tiver doado importancia superior a 2:500$000.

§ 3.º O socio benemerito terá direito á medalha de prata.

§ 4.º A concessão será outorgada por deliberação do Instituto, e se enviará a medalha acompanhada do respectivo diploma.» — Allude a uma categoria de socios que por modificação dos Estatutos approvada na Assembléa Geral de 23 de Dezembro de 1898, passou a ter outra denominação sendo creada nova classe de socios com a primitiva denominação daquella.

Considerando 4º, que a decisão da Assembléa Geral de 23 de Dezembro de 1898 foi a approvação do parecer apresentado na sessão de 25 de Novembro do mesmo anno a saber : « Parecer. A Commissão examinou a proposta em que o Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia indica que seja sujeita á proxima Assembléa Geral do Instituto a alteração do art. 12 dos Estatutos, por darem os §§ 1º e 2º desse artigo a mesma denominação a socios de natureza differente, passando os do § 2º a ser denominados « Socios Bemfeitores ».

A Commissão faz sua essa proposta de accordo com o § 2º do art. 37 que a incumbe de propor as emendas, reformas ou additamentos necessarios ; sendo tambem de parecer que na Assembléa Geral, em que for discutida a reforma do art. 12, dê-se igualmente na redacção do art. 4º do Capitulo 2º, que trata da organisação do Instituto para estabelecer com maior clareza a differença das

diversas classes de socios. Entende que convém discriminar as categorias, mas sem marcar graduações entre ellas, pois a indole do Instituto, associação litteraria, a isso se oppõe.

Sala das sessões, 24 de Novembro de 1898.—*Barão de Alencar—Henri Raffard—Barão de Loreto*».

Considerando 5° que não ha entretanto inconveniente em ser approvado o objecto da proposta ora em questão attendendo aos desejos dos signatarios representando a opinião já por vezes manifestada de bom numero dos nossos consocios.

Pensa a Commissão de Estatutos e Redacção que, sem prejuizo do disposto no Decreto de 2 de Março de 1860, podem ser reformados os respectivos artigos dos Estatutos de 1 de Agosto de 1890, de accordo com a proposta ora em questão e a Resolução de 23 de Dezembro de 1898, salvas ligeiras alterações nos detalhes pelo que offerece as emendas que se seguem.

Cap. II art. 4° § 4°—diga-se: De socios bemfeitores.

Cap. II art. 4° § 5°—diga-se: De socios benemeritos.

Cap. II art. 4°—accrescente-se como § 6° os dizeres do antigo § 5°.

Cap. III art. 12—diga-se: O titulo de socio bemfeitor será conferido a pessoa de boa posição social que fizer donativo de importancia superior a 2:000$ em dinheiro ou outros objectos de valor.

§ 1.° Deve ser proposto da mesma fórma por que o é outro candidato nos termos do art. 7° § 1° e seguintes, menos quanto ao parecer de que trata o § 2° que é dispensado.

Cap. III art. 13 novo. Para socios benemeritos a Mesa poderá propor os socios honorarios que tiverem sido effectivos e os socios bemfeitores que por novos serviços relevantes se tornarem merecedores dessa distincção.

Cap. III art. 13 antigo—diga-se: 14.
do » » *14* » » 15.
do » » *15* » » 16.

Os socios, sem prejuizo do determinado no Decreto de 2 de Março de 1860, tem direito ao uso de uma medalha pendente ao pescoço por uma fita azul e cunhada, tendo na face o emblema do Instituto rodeado da inscripção — *Auspice Petro Secundo* e *Pacifica scientiæ occupatio*; e noutra face a inscripção — *Institutum Historico Geographicum Brasiliensi* — rodeando a medalha e seguida de um ramo de café e fumo, tendo no centro a inscripção — *In urbe fluminensi conditum die XXI Octobris — AD — MDCCCXXXVIII.*

Cap. III § 1 art. 16 novo — diga-se : A medalha será de ouro, prata dourada e de prata.

Cap. III § 2 art. 16 novo—diga-se : Sómente terão direito á medalha de ouro os socios bemfeitores, os socios benemeritos e os Presidentes honorarios ficando as respectivas despezas a cargo do socio galardoado.

Cap. III § 3 art. 16 novo—diga-se : A medalha de prata dourada com alça e com fita será entregue a cada socio effectivo mediante a contribuição de 20$000.

Cap. III § 4° art. 16 novo — diga-se a medalha de prata com alça e com fita será entregue a cada socio correspondente mediante a contribuição de 15$000.

N. B. — Altera-se a numeração do art. 16 (antigo) em diante.

Sala das sessões, 7 de Novembro de 1902. — *Henri Raffard*, relator—*José Americo dos Santos* ».

OFFERTAS

As que foram lidas em Sessão e constam do appendice.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levanta a sessão ás 4 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2° Secretario.

20ª SESSÃO ORDINARIA EM 6 DE DEZEMBRO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, 1º Vice-Presidente

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Manoel Francisco Correia e Marquez de Paranaguá, Commendador Henri Raffard, D. Joaquim, Arcebispo do Rio de Janeiro, Desembargadores Souza Pitanga e Paranhos Montenegro, Drs. Aristides Milton, A. de Paula Freitas, José Americo dos Santos e Rodrigo Octavio, Barão de Loreto, Coronel Thaumaturgo de Azevedo, M. A. Galvão, Conde de Leopoldina, Commendador Oliveira Catramby e Max Fleiuss, 2º Secretario, o Sr. Presidente abre a sessão.

O Sr. Fleiuss, 2º Secretario, lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem debate.

O Sr. Presidente declara que o Sr. Conselheiro Aquino e Castro por justo motivo deixa de comparecer.

Em seguida o mesmo Sr. Presidente communica do seguinte modo o fallecimento do Dr. Prudente José de Moraes Barros:

«Senhores. Cabe-me o encargo doloroso de trazer ao conhecimento do Instituto que, na manhã de 3 do corrente mez, a morte impiedosa eliminou da lista reduzida de seus presidentes honorarios o vulto venerado do ex-presidente da Republica Dr. Prudente José de Moraes Barros: *vir bonus*. Em breves dias o nosso conspicuo orador far-lhe-á o elogio.

Agora, o que cumpre ao Instituto, que lhe conhece os serviços relevantes á Patria, e lhe admira a austeridade dos costumes, bem como a rigidez do caracter realçada por aquella inquebrantavel probidade que vai escasseando; agora o que cumpre ao Instituto que sabe o lugar eminente que a nossa historia lhe reserva, e o collocou na classe excepcional e superior dos presidentes honorarios, na qual só pela unanimidade dos suffragios se penetra; agora, o que cumpre ao Instituto, que participa da geral consternação, é lançar como vae fazer, na acta da sessão de hoje, voto do mais profundo pezar pela morte do Dr. Prudente

de Moraes, certo de que dia é de luto para a Patria o da perda de um cidadão preclaro.»

Achando-se na ante sala o novo socio correspondente eleito Monsenhor João Tolentino de Guedelha Mourão, o Sr. Presidente nomeia os Srs. Secretarios para o introduzir no recinto. Ahi, o Sr. Presidente dirige-lhe a seguinte allocução:

«Senhor Deputado Monsenhor Guedelha Mourão:

O Instituto espera que o novo socio correspondente será em nosso gremio qual tem sido no sacerdocio e no parlamento, — trabalhador infatigavel, pondo a serviço das grandes causas o seu talento privilegiado e a sua eloquencia captivante.

Tenho tido o prazer de ouvir-vos na tribuna sagrada e na do parlamento; e foi com a mais robusta fé na efficacia do vosso concurso que acompanhei a satisfação com que os meus antigos e vossos novos collegas vos abriram as portas desta casa, em que são solicitamente recebidos os que, como vós, conquistaram nobremente o seu lugar pelo esmerado cultivo das letras e nunca desmentido amor á Patria.

Novo campo se abre a vossos proficuos esforços pela causa publica; e o Instituto, certo de que dareis vigoroso impulso á historia e á geographia do Brazil, jubiloso vos acolhe.»

Monsenhor Guedelha Mourão responde da seguinte forma:

« Senhores! Agradeço penhoradissimo a escolha, que fizestes de meu humilde nome para socio correspondente do egregio Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Se ha uma asociação benemerita é certamente esta, que poude atravessar as phases mais afflictivas e atormentadas da vida nacional, sem perder a serenidade, sem interromper os seus trabalhos scientificos, sem desmerecer do alto conceito, em que é tida na sociedade brazileira.

E'-me tanto mais grato pertencer a esta illustre corporação quanto descubro entre a Igreja e a Historia a mais perfeita harmonia. A Biblia, o livro por excellencia, contendo o antigo e novo Testamento, é guardada pela igreja com o maior cuidado e carinho, e graças ás precauções,

que ha tomado, os textos sagrados atravessaram os seculos sem alteração, não podendo delles prescindir quem se dedica ao estudo aprofundado dos acontecimentos mais notaveis da humanidade.

A Religião christã, que felizmente todos professamos, é exposta pelos auctores agiographos sob a forma historica. Os quatro evangelistas narram com simplicidade a vida de N. S. Jesus Christo desde sua mysteriosa encarnação no seio da Virgem Santissima até a sua ascensão admiravel ao seio do Eterno pai. O dogma, a Moral, o Culto, acham-se encerrados nas narrativas evangelicas e não em livros didacticos.

Senhores, é constante o amor que a Igreja consagra ao estudo da Historia, nada occultando do que possa interessar á verdade, como em nossos dias fez o inclyto Papa Leão XIII, franqueando os archivos do Vaticano ás pacientes investigações dos doutos, que desejam conhecer das fontes mais puras os factos, sobre que andam divididas as opiniões dos competentes. E' verdade que alguns pseudo-sabios buscaram converter a Historia em arsenal de guerra contra a Igreja. Conheceis sem duvida o tremendo libello, que formulou a sophistica contemporanea. Ainda assim as poucas accusações, que parecem procedentes, só attingem o lado exterior e contingente da Igreja, nunca a sua vida interior, nem os seus intuitos sublimes e a sua acção santificadora no mundo.

Uma instituição, que em vinte seculos de tremendas tempestades, não se anniquillou, antes se avigorou na luta contra tantos elementos hostis, é certamente a obra immortal de Deus.

O lôdo, que por ventura se possa assignalar adherindo á algumas obras externas, é signal apenas de tão larga viagem no mar do tempo, e de nenhum modo prejudica-lhe a riqueza e belleza, que todos lhe admiramos.

A melhor apologia da Igreja é a Historia, que de modo concreto attesta-lhe a perpetuidade, e põe em evidencia a sua acção sobrenatural.

Senhores, o Brazil só começou a sua Historia no momento em que o Europeu conquistou-o ao selvagem. A nossa historia data da feliz descoberta de Cabral, e não

receio affirmar, que ella está intimamente ligada á acção redemptora da Igreja.

Estude-se o Brazil colonial, o Brazil independente, o Brazil constituido nação, e ver-se-ha nas multiplas phases da sua existencia historica, que a Igreja lhe creara uma civilisação, collaborando em todos os commettimentos uteis.

Assim, Senhores, é-me summamente agradavel entrar num gremio scientifico, cujos trabalhos fatalmente levarão a glorificar a Religião, que represento, e que (não ha contestal-o) é a *alma mater* da civilisação, que floresce nesta nossa America.

Convidado a fazer parte desta douta corporação, quando murchas estão as flores da mocidade, quando já se foi com o viço da idade o ardor do trabalho e a capacidade para o estudo, resta-me o consolo de acompanhar com o applauso os collegas, que continuarem a enriquecer este Instituto com valiosos e novos documentos de saber, e perseverança nas investigações da Historia Patria.

Sinto-me bem neste lugar, onde o tumultuar das paixões não perturba a nossa paz, nem consegue afrouxar os laços da mais intima e fraternal amizade, tendo todos nós como intuito superior honrar estas cadeiras, a que se acham vinculadas gloriosas tradições.

Felizes, se podermos manter o brilho, que lhes deram nossos dignissimos predecessores.

Senhores, o estado precario da minha saude não me permittindo elaborar um discurso digno desta corporação e desta solemnidade, ficam estas poucas palavras sahidas do coração como testemunho de minha gratidão pela insigne honra, que generosamente me concedestes, permittindo tome assento ao lado de tantos varões illustres como o socio mais obscuro do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.»

O Sr. Desembargador Souza Pitanga, orador, na fórma dos estylos, saúda por sua vez o novo consocio.

Expediente

O Sr. Raffard, 1° Secretario, lê o seguinte expediente :

Officio do Instituto dos Bachareis em Lettras de 22 de Novembro, convidando o Instituto a se fazer represen-

tar na commemoração á data anniversaria da fundação do Collegio de Pedro II.

O Sr. Presidente nomeia para esse fim os Srs. Drs. Barão Homem de Mello, Desembargador Souza Pitanga e José Americo dos Santos.

Carta do auxiliar de gabinete do Prefeito Municipal remettendo cópia da acta da sessão de inauguração do monumento do Visconde do Rio Branco, cumprindo assim a ordem dada pelo ex-Prefeito Dr. Joaquim Xavier da Silveira Junior.— Agradece-se.

OFFERTAS

As que foram lidas em sessão e constam do appendice.

O Sr. Desembargador Souza Pitanga offerece tres valiosos documentos que pertenceram ao archivo do inolvidavel Dr. Aureliano Candido Tavares Bastos e que lhe foram offerecidos pela Exma. irmã do illustre morto D. Theonila Tavares Bastos. O mesmo Sr. Desembargador lembra que se tendo passado a 3 do corrente mais um anniversario da morte desse preclaro brazileiro, seria justo recordar este facto em um voto de saudade.

Procedendo-se a votação dos pareceres da Commissão de admissão de socios são eleitos por maioria de votos: socio honorario, o socio effectivo Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake e socios correspondentes os Drs. Manoel Amunátegui e Emilio Rodrigues Mendoza, Secretarios da Legação do Chile.

O Sr. Conselheiro Barão de Loreto manda á mesa uma declaração de que, por motivo imprevisto, deixa de assistir á sessão até o fim.

O Sr. Raffard, 1º Secretario, lê a seguinte proposta que, nos termos dos Estatutos, é dada por approvada: « Propomos para Presidente Honorario do Instituto Historico, nos termos dos arts. 4º § 5º e 13 dos Estatutos, o Sr. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, socio honorario do mesmo Instituto, e hoje Presidente da Republica.

Rio, 6 de Dezembro de 1902.—*O. H. d'Aquino e Castro.* — *Manoel Francisco Correia.* — *Marquez de Paranaguá.*—† *Joaquim, Arcebispo do Rio de Janeiro.*—*Henrique*

Raffard.—Max Fleiuss.—Oliveira Catramby.—A. F. de Souza Pitanga.—M. A. Galvão.—Conde de Leopoldina. — José Americo dos Santos.— A. de Paula Freitas.— Thaumaturgo de Azevedo.— T. G. Paranhos Montenegro.— A. Milton.— Rodrigo Octavio.— Monsenhor Guedelha Mourão.»

Acto continuo, o Sr. Presidente proclama o Sr. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves Presidente honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

O Sr. Raffard, 1° Secretario, informa ao Instituto que um dos dignos membros que deseja occultar o seu nome, faz doação ao Instituto de duas apolices, cuja renda será applicada á celebração de missas annuaes, em suffragio dos socios fallecidos.

O Sr. Presidente diz que essa offerta denota a grandeza de coração do seu auctor.

O Sr. Fleiuss communica ao Instituto a brilhantissima recepção que teve o illustre consocio Sr. Barão do Rio Branco, recepção promovida pelo Instituto que presidio á *Commissão Rio Branco.*

Informando o Sr. 1° Secretario que dous retratos do Imperador carecem de nova moldura, é auctorisada a necessaria despeza para esse fim.

O Sr. Presidente declara que sendo esta a ultima sessão ordinaria no presente anno, e devendo realizar-se a 15 do corrente a sessão magna, consulta se algum dos socios deseja fazer qualquer proposta a respeito.

Ninguem pedindo a palavra, o mesmo Sr. Presidente declara que a sessão magna será realisada da mesma forma e ás mesmas horas anteriores.

Nada mais havendo a tratar, levanta-se a sessão ás 4 1/2 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2° Secretario.

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

Instituto Historico e Geographico Brazileiro

EM

15 DE DEZEMBRO DE 1902

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A 15 de Dezembro de 1902, 64° anniversario da fundação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, na sala das sessões da mesma Associação, ás 7 horas da noite, foi celebrada, com as solemnidades do estylo, a sessão magna prescripta pelos Estatutos.

Presentes os Srs. Conselheiros O. H. d'Aquino e Castro, Manoel Francisco Correia, Marquez de Paranaguá, Commendador Henrique Raffard, D. Joaquim, Arcebispo do Rio de Janeiro, Desembargador Souza Pitanga, Monsenhor Guedelha Mourão, Barão de Loreto, Drs. Rodrigo Octavio, Cunha Barbosa, José Americo dos Santos. A. de Paula Freitas, Coronel Thaumaturgo de Azevedo, Luiz de França Almeida e Sá, Miguel A. Galvão, J. F. Rocha Pombo, Conselheiro J. M. F. Pereira de Barros, Contra Almirante F. Calheiros da Graça, Belisario Pernambuco e Max Fleiuss, 2° Secretario, annunciando-se a chegada do Exm. Sr. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, Presidente da Republica e honorario do Instituto, foi o mesmo senhor recebido pela Mesa Administrativa do Instituto, tomando assento em cadeira especial, ao lado esquerdo da Mesa, em frente ao Sr. Presidente.

Além do Sr. Presidente da Republica e do sub-chefe de sua casa militar o Capitão-Tenente Santos Porto, assistiram á sessão o Sr. Dr. José Joaquim Seabra, Ministro da Justiça e Negocios Interiores, pessoas gradas, nacionaes e estrangeiras, funccionarios publicos, magistrados, sacerdotes, representantes da imprensa e de diversas classes sociaes.

Abrindo-se a sessão, o Sr. Presidente communicou haver sido agora recebido o seguinte telegramma, do consocio honorario Sr. Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores: — « Petropolis, 15 de Dezembro de 1902. Sr. 1° Secretario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro — Rio. Contava poder assistir á sessão de hoje do nosso Instituto, mas uma ligeira indisposição me impede de ir esta noite ao Rio. Rogo a V. Ex. o favor de desculpar-me perante os nossos collegas e de dizer-lhes quanto lhes sou reconhecido pelos muitos favores que me têm dispensado, antes e depois do meu regresso á patria e pela insigne honra que me conferiram ha tempos e tornam hoje effectiva como hontem fiquei sabendo. Ao Instituto e a cada um de seus membros apresento os protestos da minha mais profunda e respeitosa gratidão. — *Rio Branco* ».

Depois o Sr. Presidente proferiu o discurso de abertura da sessão, dando em seguida a palavra ao Sr. 1° Secretario, Commendador Henrique Raffard, para ler o relatorio dos trabalhos do anno social, e por ultimo ao orador do Instituto, Sr. Desembargador A. F. de Souza Pitanga, que fez o elogio historico dos socios fallecidos durante o anno de 1902.

A's 9 horas foi encerrada a sessão, sendo o Sr. Presidente da Republica acompanhado até á porta do edificio pelo Sr. Presidente e mais membros da Mesa.

DISCURSO

Do Sr. Presidente do Instituto

CONSELHEIRO OLEGARIO HERCULANO D'AQUINO E CASTRO

Senhores.—A festiva solemnidade com que em cumprimento de um dever de honra para nós sempre summamente grato, e em observancia de um preceito regimental, celebramos hoje o 64° anniversario da fundação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, e o gracioso e inestimavel apreço de que se desvanece de ser objecto esta patriotica associação litteraria, tendo o prazer de vêr honrada a sua sessão commemorativa com a obsequiosa presença do eminente chefe do Estado, Exm. Sr. Conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, respeitavel Presidente honorario do mesmo Instituto, illustrado Ministro da Justiça e Negocios Interiores, venerando Arcebispo, nosso muito prezado consocio, dignos funccionarios e mais representantes da esclarecida opinião da nossa culta sociedade, são bem claras manifestações de vida e animação, que em extremo nos lisongeam, incitando-nos a proseguir com perseverança e redobrado esforço na trabalhosa missão a que nos temos dedicado, em serviço das lettras e em honra da patria, cuja gloriosa historia aqui preparamos.

E' longo o estadio percorrido pelo Instituto e porfiado o empenho que tem empregado no exacto cumprimento de seus arduos deveres.

E', porém, difficil o encargo, e não estão os meios de que dispõe em proporção com a magnitude da empreza que a si tomara.

Para escrever a historia de um grande paiz mal basta a vida de um homem, a actividade de uma associação ou a boa vontade de uma geração inteira.

A historia do Brazil é uma obra vasta e profunda, que demanda muito estudo, muita reflexão e diligencia, além de largo tempo e recursos materiaes que ainda nos faltam.

As collecções impressas ou originaes de monumentos historicos, que todos ou quasi todos os paizes possuem, nós não temos.

Documentos avulsos esparsos por obras escriptas em épocas remotas, quando as relações internacionaes quasi que não existiam, mal podem ás vezes, pela imperfeição de seu contexto ou por se acharem confundidos com diplomas ou titulos sem authenticidade, ser aceitos como autoridades seguras.

Essas e outras difficuldades para nós insuperaveis, encontrou o grande escriptor da Historia de Portugal, judiciosamente advertindo que o estudioso que se propuzer a escrever a historia de uma nação terá de sepultar-se, com exclusiva applicação de sua actividade, nos archivos publicos e nas bibliothecas, a descobrir entre milhares de papeis e documentos, muitas vezes indecifraveis, aquelle que possa satisfazer o seu intento; ha de indagar nos monumentos estrangeiros onde é que se encoutram passagens que illustram a historia do seu paiz; ha de avivar inscripções, investigar cartorios publicos, e registros das capitaes, cidades, villas, municipios, igrejas e mosteiros; ha de ser paleographo, antiquario, viajante, bibliographo, tudo, emfim, quanto possa fazer a luz no cahos da incerteza, e descortinar a verdade entre as sombras do tempo, condensadas pela ignorancia e pelo indifferentismo.

Entretanto, se tudo quanto deseja não tem feito o Instituto, muito vai em verdade conseguindo, fazendo com que sejam colligidos, methodizados e publicados em sua conhecida e geralmente apreciada *Revista*, ou recolhidos aos seus archivos os já numerosos documentos que possue e que servirão de abundante subsidio para que venha á ser escripta com exactidão e imparcialidade a brilhante historia desta patria estremecida, esplendido scenario, onde

avultam feitos admiraveis e grandiosos, onde desdobram-se successos memoraveis em que se distinguiram proeminentes varões que nos deixaram expressivos exemplos de civicas virtudes e acrisolado patriotismo.

E quanto nos será honroso concorrermos para que ainda em nossos dias sejam indelevelmente gravados nas paginas da historia os titulos que ennobrecem o nosso passado e affirmam a grandeza que nos promette o futuro!

Dizia Alexandre Herculano que o patriotismo podia inspirar a poesia, embellezar o estylo, mas seria sempre máo conselheiro do historiador.

Ha, porém, exageração no modo de pensar do eximio escriptor.

Não é, não deve ser o amor da patria incompativel com o amor da verdade que inspira o historiador; antes acreditamos que tanto mais vivo despertará o brioso impulso que domina o sentimento, quanto mais pura e elevada se fizer ouvir a voz da razão pronunciando os irrefragaveis dictames da justiça, rectidão e imparcialidade.

E tal é a nobre e ponderosa funcção que cabe á historia, tribunal de suprema autoridade a cuja apreciação e severo juizo irremissivelmente serão a todo o tempo subordinados os factos que assignalam a vida da humanidade.

No decurso do anno que termina não foram improficuos os trabalhos do Instituto, como ser-vos-ha detalhada e fielmente descripto pelo dedicado e prestimoso Sr. 1.º Secretario no relatorio que vos vae ser apresentado.

Vereis por essa exposição que bem guarda o Instituto as tradições honrosas do seu nome e não tem desmerecido nem desmentirá jamais o conceito em que é tido de Associação literaria illustrada e laboriosa.

Celebrou suas sessões ordinarias e extraordinarias com a regularidade habitual e com assistencia sempre crescida de consocios interessados no desenvolvimento e progresso da instituição.

Ouvio a leitura de trabalhos originaes por alguns delles apresentados em diversas sessões e recebeu outros que serão, como os primeiros, em tempo publicados.

Attendeu a honrosa incumbencia que lhe foi feita pela Prefeitura do districto federal, enunciando juizo fundamentado sobre o merito de um trabalho historico relativo ao mesmo districto, apresentado por um nosso illustre consocio, em virtude de uma lei municipal.

Concluio a publicação da 2.ª parte do vol. 63 e encetou a da 1.ª do vol. 64 da sua importante *Revista*, já bem conhecida no paiz e no estrangeiro, e denominada com razão por um dos nossos illustrados escriptores — valioso cofre de inestimaveis preciosidades — onde conscienciosos historiadores acharão em qualquer tempo reunidos com methodo e indefectivel correcção copiosos esclarecimentos sobre as antigas chronicas e tradições do passado.

Correspondeu ás numerosas offertas, que por diversas corporações, estabelecimentos de instrucção, repartições publicas e auctores nacionaes ou estrangeiros lhe foram feitas, de obras mais ou menos interessantes, manuscriptos, impressos, memorias, relatorios, etc., distribuindo com a largueza do costume a *Revista* ultimamente publicada.

Franqueou os seus opulentos archivos e escolhida livraria, confiados aos cuidados do muito zeloso e intelligente bibliothecario, ao exame e consulta de todos quantos ahi procuraram colher noticias e informações facilmente prestadas.

Acolheu com agrado visitantes nacionaes e estrangeiros, desejosos de conhecer de perto a antiga e tradicional instituição literaria do Brazil.

Promoveu por meio de uma commissão de seus consocios, por occasião da chegada a esta Capital de varios Indios, vindos de longinquas paragens em busca de auxilios e recursos que lhes faltam, o estudo e adopção de medidas adequadas ao melhoramento do serviço de catechese e civilisação dos Indigenas brazileiros, bem merecedores de protecção e amparo nas duras condições em que se acham nas agrestes regiões em que ainda habitam.

Com summo prazer associou-se ás enthusiasticas manifestações de regosijo com que os poderes publicos, corporações e povo receberam o distincto diplomata e nosso digno consocio Sr. Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores, nomeando para esse fim uma Com-

missão especial que bem correspondeu aos intimos sentimentos do Instituto, já revelados quando conhecido o esplendido e disputado triumpho, por todos applaudido, da causa da razão e do direito, na secular e debatida questão de limites entre o Brazil e a Guyana Franceza.

Haveis de estar lembrados de que na sessão de 7 de Dezembro de 1900 havia o Instituto deliberado que se felicitasse o benemerito Sr. Barão do Rio Branco por seus constantes e patrioticos esforços, coroados do mais feliz e desejado successo, na sustentação dos direitos do Brazil até então contestados; e mais que se collocasse na sala do Instituto o seu retrato, com a inscripção do seu nome e das palavras que synthetisavam suas brilhantes victorias alcançadas na defesa da integridade da patria.

Hoje ser-vos-ha certamente agradavel saber que está cumprido tão honroso e delicado empenho.

E' nesta solemne occasião, e com applauso de todos quantos prezam o verdadeiro merito, inaugurado neste luminoso templo dedicado á sciencia o retrato do eminente Brazileiro, que pelo seu nobre caracter e relevantes serviços prestados a Nação se fez credor de todo o nosso respeito, estima e consideração.

Motivo ponderoso, segundo a communicação que ha pouco recebemos, priva-nos infelizmente da assistencia pessoal do laureado consocio, ao acto celebrado em seu louvor.

Emfim, senhores, não desconhece o Instituto a importancia da sua missão e na medida de suas forças, sempre animado dos melhores desejos tem procurado corresponder a confiança dos seus associados.

O exame das materias que constituem o seu programma de estudos; a diffusão das luzes sobre a historia patria por todo este vasto paiz, mediante correspondencia continua e publicações periodicas; a convivencia dos doutos e estudiosos que nos procuram; a acquisição de novos elementos para a custosa obra de illustração geral que emprehendemos; a confraternidade de associações congeneres e de notabilidades litterarias de um e outro hemispherio, recebidas com apreço em nosso gremio, tem sido em todo o tempo e continuará a ser o maximo empenho desta prestante associação.

Intelligencia e vontade, perseverança e união são as condições de vida de instituições como a nossa; são as grandes forças do mundo moral que pelo pensamento e pela fé em toda a parte dão impulso ao movimento da civilisação e do progresso.

A intelligencia illustrada, alliando-se á actividade fecunda, conquista o espaço e o tempo.

Já inquiria um velho moralista: *Que ne peut le courage aidé de la sagesse?*

Prosigamos animosos em nossa jornada, e sempre unidos, redobrado será nosso valor.

Nestes ultimos tempos novos consocios vieram alistar-se em nossas fileiras; com satisfação foi acceito o valido concurso de provadas habilitações e seguras promessas que vieram revigorar as nossas forças para os incessantes e multiplos encargos que temos a desempenhar.

O diploma de socio desta douta corporação, como aqui já foi dito por voz autorisada, não é um titulo vão que possa ser profusamente barateado; nem ha conveniencia para o Instituto ou para o paiz em conferil-o a quem não quer ou não póde exhibir provas de suas habilitações. Elle não significa só merecimento scientifico ou litterario mas ainda actividade e prestimo na especial occupação a que nos consagramos.

O Instituto não deve ser, como a proposito já foi lembrado, uma arvore frondosa a cuja sombra venham repousar os indolentes e fatigados.

E' antes uma officina de trabalho continuo, intelligente e proveitoso, que se desenvolve na proporção dos nossos esforços.

Queremos, mais que tudo, a efficaz cooperação de auxiliares instruidos e laboriosos e acreditamos que os novos associados saberão realizar nossos desejos.

Até aqui, senhores, a actividade, o movimento, a vida do Instituto; agora o reverso do quadro, o silencio do tumulo, a sombria imagem da morte. E' o contraste da exis-

tencia ; ás mimosas flores que desabrocharam ao arrebol da manhã, vêm ao crepusculo da tarde, na sentida phrase do poeta, juntar-se os tristes goivos que symbolisam as lagrimas dos vivos sobre as sepulturas que se fecham.

Não nos poupou a cruel sorte arrebatando-nos em breve espaço estimaveis consocios, que adornavam as nossas columnas e com as suas luzes e prestigio de seus nomes engrandeciam a nossa associação.

Pela voz eloquente do illustrado orador do Instituto será feito o elogio desses saudosos companheiros que para sempre deixaram-nos, e nesse bello quadro então vereis quebrado o sceptro e revogado o poder da morte, na expressão do biographo, ante o fulgor do Anjo da immortalidade, perpetuando em gloria da patria e da sciencia a memoria dos seus servidores benemeritos.

Não morrem os que sobrevivem pelos seus feitos na eterna lembrança das gerações que passam.

São palavras de Tacito :

Quidquid mirati sumus, manet mansurumque est in animis hominum, in æternitate temporum, fama rerum.

O que de admiravel encontramos na vida do homem ficará com a fama do seu nome eternamente gravado na memoria dos posteros.

Terminando, com prazer cumprimos indeclinavel dever, agradecendo a amabilidade de todas as pessoas que nos obsequiaram com a sua honrosa presença nesta festa academica, simples e modesta em seu aspecto, mas interessante e aprazivel pelo seu objecto ; aos altos representantes do poder publico rendemos as devidas homenagens de reconhecimento e respeito pela benevolencia e favor que nos dispensam, demonstrando assim bem comprehender a sublimidade da sciencia em todas as suas manifestações e a influencia da instrucção sobre o desenvolvimento moral e intellectual da sociedade e progresso da civilisação.

Obsequios desta ordem honram tanto aos que os recebem como aos que com gentileza os prestam; por que é certo que só estimam as letras e as distinguem os que bem as servem e sabem quanto valem.

Quanto a vós, Srs. consocios, constantes companheiros das cançadas lides, a que solicitos aqui nos entregamos, dispensaveis serão quaesquer louvores, aliás bem merecidos pelo vosso zelo e dedicação aos serviços do Instituto. Tendes condignamente cumprido o vosso dever e tanto basta para o vosso elogio.

A nós outros, cultores das letras, affeitos aos trabalhos difficeis mas fructuosos da intelligencia, bem sabeis que outras glorias não nos cabem senão as que são colhidas nas incruentas pugnas do espirito travadas na extensa e illuminada arena da sciencia; essas, porém, são immarcessiveis e preciosas. E' o amor da sciencia, como se tem dito, a paixão dominante das novas gerações. E' sob o influxo de tão nobre sentimento que caminharemos altivos e animados, sem que nos assoberbem as contrariedades do tempo; a sabedoria nos ensina a triumphar da sorte; *victrix fortunæ sapientia*, diz o philosopho; não teria valor a gloria, se fosse bastante levantar a mão para colhel-a; na sustentação de uma boa causa tudo se póde esperar da protecção suprema — *causa jubet melior, superos sperare secundos* —; são maximas que educam o espirito e o fortalecem na pratica da vida intellectual.

A vida, na elegante phrase de um poeta francez, de risonhos idéaes, é um florido jardim em que vicejam perfumadas rosas; e o homem é a diligente abelha a quem por celeste favor é dado, por vezes dentre espinhos, sugar o mel ás flores.

Se não é fiel o quadro, outro talvez melhor o tenha feito, dizendo:

Employer ses talents, son temps et sa vertu,
Servir au bien public, illustrer sa patrie,
Penser, enfin; c'est lá que commence la vie.

Vivamos, pois, pela razão e pelo sentimento; trabalhemos com fervor, honrando a patria e cultivando as letras, e teremos bem cumprido a nossa missão sobre a terra.

Está aberta a sessão.

RELATORIO ANNUAL

DO

Primeiro Secretario Sr. Commendador Henri Raffard

APRESENTADO

NA SESSÃO MAGNA DE 15 DE DEZEMBRO DE 1902

Exm. Sr. Presidente.

Exms. Srs. Consocios.

Mais uma vez, em festiva sessão magna, abrem-se as portas deste modesto santuario das lettras para commemorar a fundação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Sessenta e quatro annos passados, cheios de fé e de perseverança, tornaram já realidade completa as sinceras aspirações daquelles que, em 1838, animados de energia e de vontade, lançaram as sementes desta instituição, transformada hoje em frondosa arvore de que pendem bellos e sazonados fructos.

A solemnidade actual, com que o presente agradece o passado patriotico e fecundo, é tambem sagrado dever de alta justiça porque se cumprimos a obrigação de perpetuar na alma do povo uma grande data, convém não esquecer, em egoistico olvido, os sacrificios postos por obra, as dedicações que prepararam e tornaram effectivo o facto a festejar, o acontecimento que se commemora.

Mas, não nos propomos a fazer o historico desta agremiação, em tão largo periodo de tempo decorrido, porém em simples bosquejo, relacionar occurrencias do anno cadente, as quaes sirvam de materiaes a quem houver, no futuro, de traçar com imparcialidade a vida do nosso Instituto, « largo pedaço da historia e do saber brazileiros » no dizer de Eduardo Prado.

Do que ides ouvir resalta ainda a realidade de que esta Associação tem sabido conservar o sagrado deposito confiado pelos seus fundadores.

Disso nos dão provas o favor publico e as distincções quotidianas que de compatriotas e extranhos vamos recebendo.

Sinto-me abatido, senhores, todas as vezes que por força da lei, tenho de tomar a palavra neste recinto tão cheio de gratas e venerandas recordações.

Parece-me ver, em torno desta mesa de trabalho, as sombras respeitaveis de tantos confrades que, impassiveis convivas, assistem a este serão litterario, fiscalisando no dia de hoje o encargo desta responsabilidade, que tomamos de um viver de mais de meio seculo.

Por outro lado reina neste ambito, resplandescente de luz e cheio do suave perfume das flores, tal affectuosidade fraterna, que me dá animo sufficiente para desdobrar perante vós o quadro da nossa vida, no anno de 1902.

Não abusarei da benevolencia, com que ha onze annos, persistis em manter-me neste lugar occupado outr'ora por tantos vultos eminentes nas sciencias e lettras patrias.

Inspiram-me, porém, sempre os salutares exemplos dos meus inesqueciveis antecessores no cumprimento fiel do meu mandato.

O Instituto, neste anno, encetou os seus trabalhos com uma sessão extraordinaria em 20 de Fevereiro, ultimando-os na sua vigesima sessão ordinaria no dia 6 do mez corrente, havendo realisado 31 sessões, sendo: 20 ordinarias com uma frequencia média de 15 socios, 9 extraordi-

narias com a média de 16 presentes e 2 especiaes que reuniram 20 a 21 confrades.

Foi este, sem duvida, o anno de maior movimento, perfeitamente indicado pelo numero de 32 reuniões juntando-se a de posse.

Impertinente molestia obrigou o nosso venerando Presidente, o Exm. Sr. Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, a retirar-se desta capital nos mezes de Abril a Julho, durante os quaes os negocios sociaes foram dirigidos pelo Exm. Sr. 1º Vice-Presidente Conselheiro Manoel Francisco Correia que tambem, posteriormente, em mais tres sessões substituiu aquelle titular.

Foi para o Instituto — dia de grande contentamento aquelle, em que completamente restabelecido, compareceu o nosso Presidente para continuar a dirigir-nos sem quebra de forças e com o mesmo enthusiasmo de que tem dado innumeras provas.

A morte, menos implacavel que em outros annos, nos levou entretanto seis consocios—*D. Marianno A. Peliza*, cidadão argentino; *Walther Hauser*, do Conselho Federal da Suissa e nosso Presidente Honorario; *Lino de Assumpção*, subdito portuguez; Coronel *Pedro Paulino da Fonseca*, cidadão brazileiro das Alagôas; *Dr. Joaquim Floriano de Godoy*, cidadão brazileiro de S. Paulo, Senador do Imperio; e *Dr Prudente José de Moraes Barros* nosso Presidente Honorario e ex-Presidente da Republica, a cujas manifestações de pezar se associou o nosso Instituto.

Limito-me a uma simples menção destes distinctos finados, pertencendo ao nosso illustrado confrade Orador, o Exm. Sr. Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga apresentar-vos, em breve, os elogios necrologicos.

Temos, porém, alistados nas nossas fileiras, no correr do anno de 1902, doze novos collaboradores — na classe dos correspondentes o engenheiro *Dr. Manoel Ferreira Garcia Redondo*, residente em S. Paulo, natural da cidade do Rio de Janeiro e auctor de varios trabalhos, entre os quaes *A Primeira Concessão de Estrada de Ferro dada no Brazil*, monographia lida na sessão magna do Instituto de S. Paulo em 1 de Novembro de 1895 e que lhe abriu as portas de nossa Associação.

O *Conselheiro Salvador Pires de Carvalho Albuquerque*, Presidente do Instituto Geographico e Historico da Bahia, tomou posse no dia 4 de Julho, provecto magistrado, erudito homem de lettras que tão saliente papel representou nas festas celebradas, na Bahia, por occasião do 4º centenario do fallecimento do grande Padre Antonio Vieira.

O *Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada*, natural de S. Paulo, digno herdeiro dessa familia cujos brazões podem ser resumidos em duas palavras—intelligencia e patriotismo—« Os Precursores da Independencia », além de muitos outros, constituiram um titulo sufficiente para entrada em nosso gremio. Illustração e erudição reconhecidas, verdadeiro talento de historiador critico, ardente polemista, são titulos que nobilitam o nome do bisneto do grande José Bonifacio de Andrada e Silva.

O engenheiro *Dr. Theodoro de Sampaio*, residente em S. Paulo, natural da Bahia, autoridade em assumptos de ethnographia brazileira. Como exemplo de seu alto valor citaremos a excellente monographia «O Tupy na Geographia Nacional ».

Monsenhor João Tolentino de Guedelha Mourão, deputado pelo Maranhão, que tomou posse em 6 do corrente, illustrado e virtuoso sacerdote, estrella de primeira grandeza do clero brazileiro, notavel parlamentar, profundo conhecedor das lettras profanas e sagradas, é tambem digno continuador das glorias de Mont'Alverne. Sirva de prova o bellissimo sermão pregado na inauguração do novo templo da Candelaria, desta capital, cujos alicerces foram lançados pelo bispo D. José Justiniano Mascarenhas Castello Branco.

Como sabemos, este magnifico templo foi, ha poucos annos inaugurado e aberto ao culto catholico por Sua Excellencia Reverendissima Monsenhor D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, digno metropolita desta archidiocese e nosso venerando consocio, que nunca se nega em cercar o Instituto do prestigio de sua presença associando-se aos nossos trabalhos.

Dr. Manuel Amunategui, doutor em leis, 1º Secretario da Legação do Chile, filho de um nosso já finado e illustrado consocio e auctor de varios trabalhos historicos.

Don *Emilio Rodriguez Mendoza*, 2º Secretario da Legação do Chile, distincto litterato e historiador.

Na classe dos effectivos:

O *Conselheiro Ruy Barbosa*, Senador pela Bahia, cerebração privilegiada, mentalidade da mais fina tempera; o maior elogio deste illustre patricio, gloria do Brazil, consiste sómente em citar-lhe o nome.

Conselheiro Joaquim da Costa Barradas, Ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal, natural do Maranhão, abalisado jurisconsulto, eximio advogado, mostrou no seu trabalho em defesa dos limites do Estado do Paraná profundo saber historico.

Dr. Luiz Henrique Pereira Campos, bacharel em direito, natural do Rio de Janeiro, funccionario superior da Repartição de Estatistica desta Capital, tem predilecção para os assumptos á seu cargo e os referentes á Instrucção publica.

Na classe dos honorarios:

O *Dr. Sabino Barroso Junior*, natural de Minas Geraes, bacharel em direito, que como Ministro da Justiça e Negocios do Interior prestou importantes serviços ao nosso Instituto,

O Dr. Anselmo Hevia Riquelme, D. Ministro do Chile, que tomou posse na sessão especial de 18 de Agosto por occasião da visita que fizeram a este porto diversos vasos de guerra do Chile, os quaes vieram buscar os restos mortaes de quatro illustres compatriotas, aqui, fallecidos.

Na pessoa do diplomata de verdadeiro merito e cultor das lettras prestou o Instituto tambem homenagem á grande nação chilena nessa sessão da qual foram publicados folhetos avulsos.

No intuito de regularisar o quadro de seus associados, o Instituto requisitou informações dos representantes de diversas nações os quaes gentilmente prometteram mandar proceder ás necessarias buscas.

Acha-se completamente feita a escripturação dos socios nacionaes.

S. Ex. o Sr. Conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, havendo assumido o alto posto de primeiro ma-

gistrado da nação, foi proclamado Presidente Honorario do nosso Instituto, do qual já fazia parte como socio honorario.

Tendo na devida consideração os serviços prestados ao nosso Instituto pelos Srs. Conselheiro Joaquim Pires Machado Portella e Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, foram estes confrades elevados á categoria de socios honorarios, este a 6 do corrente e aquelle em 18 de Abril.

Os Srs. Dr. Aristides A. Milton e Max Fleiuss foram nomeados para servir interinamente nas commissões de biographia e de historia.

Tendo de fixar definitivamente residencia em Lisboa para fundar e redigir o jornal *A Epoca*, o illustrado Dr. Zeferino Candido, nosso confrade, veio á nossa patria em visita de despedida, comparecendo a duas sessões do nosso Instituto que, lastimando a ausencia de tão valente cooperador, teve compensação na promessa que elle fez de se não esquecer do nosso gremio aonde conta sinceros amigos e admiradores, e pondo á disposição deste todos os seus bons serviços.

Ao venerando consocio o Exm. Sr. Visconde de Barbacena, que completou cem annos de existencia no dia 20 de Julho, deu o nosso Instituto prova cabal de sua estima e consideração promovendo com o concurso da benemerita Associação Promotora de Instrucção, da qual é muito digno Presidente o nosso 1° Vice-Presidente Conselheiro Manoel Francisco Correia, uma festa na Escola Senador Correia, proxima á residencia do Sr. Visconde, comparecendo o Exm. Sr. Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, então Presidente da Republica, o Exm. Revm. Sr. D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Arcebispo do Rio de Janeiro, o Exm. Sr. Conselheiro Antonio Augusto da Silva, Ministro da Viação, o Exm. Sr. Dr. Xavier da Silveira, Prefeito Municipal, e outras muitas pessoas gradas que cumprimentaram o Sr. Visconde de Barbacena pela felicidade obtida da Providencia conservando-o no goso de perfeita saude com todos os dotes do seu espirito, durante um seculo.

A presença do Chefe do Estado nesta festa de familia não foi uma sorpreza para o Instituto acostumado, como

estava, a receber de S. Ex. o Sr. Dr. Campos Salles, provas de estima e alta distincção.

Na sessão realisada em 1 de Agosto, foi consignado na acta um voto de congratulação a Suissa por ser o dia anniversario de seu pacto fundamental.

No dia 25 de Agosto anniversario da independencia da Republica Oriental do Uruguay, o Instituto apresentou as suas felicitações ao seu distincto representante o Sr. Dr. Susviela Guarch, sabio bactereologista, cujos trabalhos scientificos, provavelmente breve coroados de feliz exito, o farão proclamar bemfeitor da humanidade com gloria especial para o Brazil.

A proposito deste illustrado cavalheiro, nosso digno consocio honorario, temos a satisfação de annunciar que a Universidade Popular Livre, fundada sob os auspicios do nosso Instituto, por iniciativa do Exm. Sr. Dr. Susviela Guarch, é hoje realidade completa, tendo funccionado com toda a regularidade diversos cursos seguidos por bom numero de alumnos.

Para tão auspicioso resultado muito contribuiram a habil direcção do respectivo Presidente, nosso consocio 1° Vice-Presidente Conselheiro Manoel Francisco Correia, a proficiencia do Corpo Docente e a cooperação de varias instituições que com a maior gentileza franquearam os seus salões para o estabelecimento das aulas. Vem de molde citar aqui, com louvor, o *Retiro Litterario Portuguez* — a *Sociedade Nacional de Agricultura* — a *Associação dos Empregados no Commercio* — o *Lyceu de Artes e Officios* — a *Escola Barão do Rio Doce* — a *Associação Christã de Moços* e o *Pedagogium.*

Na sessão de 16 de Maio, o Instituto resolveu mandar aos Governos de França e da Inglaterra, mensagens testemunhando o seu sentimento pelas catastrophes da Martinica e de S. Vicente.

Votos de pezar foram consignados, nas actas de 12 e 26 de Setembro, pelo fallecimento do sabio allemão Dr. Rod. von Wirchow e do Vice-Presidente da Republica Dr. Silviano Brandão.

O Instituto fez-se representar na ceremonia do lançamento da primeira pedra do monumento Tiradentes em

21 de Abril; na ceremonia do lançamento da primeira pedra do monumento Visconde Rio Branco em 13 de Maio; na ceremonia das exequias do mallogrado aeronauta brazileiro Augusto Severo; na ceremonia da collocação da primeira pedra da nova Escola de Bellas Artes em 31 de Maio, na sessão do Club Naval em 11 de Junho; na ceremonia de investitura do cargo de primeiro Magistrado da Nação pelo Exm. Sr. Conselheiro Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves em 15 de Novembro e na festa commemorativa do 65 anniversario da creação do collegio D. Pedro II, a 2 do mez andante.

Na primeira sessão realisada, neste anno de 1902, e que fôra convocada extraordinariamente para o dia 20 de Fevereiro, declarou o Exm. Sr. Presidente ter ella por objecto submetter ao juizo do Instituto o parecer da commissão especial, composta dos Srs. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares e Dr. Amaro Cavalcanti, nomeada por S. Ex. afim de attender a honrosa incumbencia, confiada á nossa associação pelo Exm. Sr. Dr. Joaquim Xavier da Silveira Junior, D. Prefeito do Districto Federal, para julgar do merito do trabalho *Historia da Cidade do Rio de Janeiro*, apresentado com data de 21 de Janeiro de 1902, pelo nosso confrade Dr. Felisbello Freire no intuito de fazer jus ao premio de cincoenta contos de réis, instituido pela lei municipal n. 231 de 19 de Março de 1896, em beneficio do historiador que escrevesse no prazo de 5 annos uma *Historia completa do Districto Federal desde os tempos coloniaes até a presente época*.

Lido o parecer, resolveu o Instituto convidar o auctor a lêr o seu trabalho perante o Instituto, o que elle fez, iniciando a leitura na sessão de 7 de Março e terminando-a na de 20 de Junho, tendo esta Associação se reunido para este fim 8 vezes extraordinariamente, no periodo de tempo durante o qual realisou 8 sessões ordinarias tambem preenchidas com a leitura do referido trabalho e na sessão especial de 27 de Junho, após ampla discussão, foram postos a votos os quesitos seguintes:

1.° A obra é da maior utilidade para o paiz, resalvando a conveniencia de ser completada?

2.º E' merecedora do premio decretado pela lei municipal?

Resolvendo o Instituto pela affirmativa do 1.º e pela negativa do 2.º

Estas deliberações foram communicadas ao Sr. Prefeito, o qual em officio, agradeceu o alto serviço prestado á Municipalidade pela nossa Associação que teve conhecimento do referido officio na sua sessão ordinaria de 8 de Julho.

Foi talvez esta a occurrencia mais caracteristica do nosso Instituto neste anno cadente; pois que firmou mais uma vez a sua competencia, julgando do assumpto com todo o criterio e imparcialidade.

Leram trabalhos de sua lavra, durante o anno social, os Srs. Max Fleiuss e Luiz de França Almeida e Sá, este sobre os nossos selvicolas e aquelle o seu Prologo do « Passado Contemporaneo ».

No desejo de corresponder ao honroso convite do Congresso Internacional de Sciencias Historicas, de Abril de 1902, em Roma, o nosso consocio Sr. Belisario Pernambuco apresentou uma Memoria « A Maçonaria atravez do seculo e sua poderosa influencia politica e emancipadora, no Brazil. »

O Sr. Dr. Antonio da Cunha Barboza tem prompta para ser lida uma biographia completa do Conego Januario da Cunha Barboza, patriarcha da Independencia e um dos principaes fundadores deste Instituto.

Sabemos de outros consocios, que tambem estudam varios pontos da nossa historia e pretendem fazer leitura, no proximo anno.

Aquelle que agora vos dirige a palavra tem entre mãos uma Memoria cuja leitura não foi encetada por lhe faltar ainda copias de documentos que aguarda da Torre do Tombo.

A nossa Bibliotheca e Archivo continuam a serem favorecidos com offertas de diversas publicações nacionaes e estrangeiras, que augmentam o nosso importante cabedal, constantemente consultado por estranhos e consocios representantes de diversas classes sociaes, os quaes encontram no nosso diligente bibliothecario Dr. José Vieira Fazenda um poderoso auxiliar.

Este illustre funccionario pela sua assiduidade, illustração, erudição e amor as cousas do Instituto presta a todos relevantes serviços, está isto na consciencia de quantos o conhecem e dispensa maiores encomios.

Foi distribuido a II parte do tomo 63 da nossa Revista.

São conhecidas as causas da demora e atrazo na impressão desta importante publicação, entretanto cumpre salientar que ao zelo do nosso consocio Dr. José Americo dos Santos muito deve o Instituto nos esforços empregados para neutralizar os effeitos da tardança.

Está em via de impressão a 1.ª parte do tomo 64 que foi organisado pelo consocio Exmo. Sr. Barão Homem de Mello.

Cumpre não perder de vista a recommendação do nosso inolvidavel Protector de não descuidarmos da Revista que é o thermometro da vitalidade do nosso Instituto.

A presença nesta cidade de alguns descendentes dos primitivos senhores do solo brazileiro despertou a ideia da creação de um Centro destinado a interessar-se pela sorte destes individuos afastados da civilisação e com direito entretanto a toda a nossa consideração. Apresentada em 26 de Setembro a respectiva proposta, foi ella approvada em 3 de Outubro e nomeada uma Commissão que conseguio no dia 21 do mesmo mez, anniversario da inauguração desta nossa associação, installar definitivamente o Instituto de Protecção aos Indigenas Brazileiros, sob a presidencia do nosso illustrado consocio o Exmo. Sr. General Francisco Raphael de Mello Rego.

Ainda no nascedouro esta aggremiação conta sinceras adhesões e é de crer que, num futuro proximo, possa dar bons resultados a realisação da ideia lembrada pelo Sr. Dr. Sergio de Carvalho D. Professor de Anthropologia do Museu Nacional.

Em sessão de 7 de Novembro, foi approvada uma proposta para que escrevessem os socios do Instituto trabalhos sobre mineração do Brazil; afim de serem publicados, obrigando-se o Exm. Sr. Conde de Leopoldina a fazer reproduzil-os, na Europa. Alem disso que os trabalhos sobre tão importante assumpto e já existentes no Instituto, fossem

remettidos a uma commissão especial para terem começo pratico.

O patrimonio do Instituto é representado por 88 apolices da divida publica do valor nominal de 1:000$000 a 5 °/₀ de juros, 14 apolices ou inscripções do Banco da Republica do valor nominal de 1:000$000 a 3 °/₀ de juros; uma dita do valor nominal de 500$000, 6 do valor nominal de 100$000 e 2 do valor nominal de 200$000 com applicações especiaes e fins determinados; 36 apolices do Emprestimo Municipal do valor nominal de 200$000 a juros de 6 °/₀, sendo 6 com destino especial.

Releva salientar, aqui os importantes serviços prestados pelo nosso infatigavel Thesoureiro, que apezar de sua edade avançada e incommodos de saude não se farta de dar provas de sua dedicação.

Ao saber que depois de longa ausencia, o Exm. Sr. Barão do Rio Branco voltava á patria o Instituto approvou uma proposta para que tão eminente concidadão e confrade fosse condignamente recebido e nomeou uma commissão que, sob a direcção do nosso Instituto, reunisse as adhesões dos principaes corpos collectivos do Brazil e representantes de todas as classes sociaes.

O que foram as festas realisadas em 1 de Dezembro, por occasião do desembarque do Exm. Sr. Barão do Rio Branco, está na lembrança de todos nós, não precisando salientar o brilhantismo e a espontaneidade com que foram levadas a effeito.

Inaugura-se hoje, nesta casa o retrato do emerito patricio, mandado executar em obediencia a uma resolução do Instituto que sabe fazer justiça a quem de direito. A effigie do integralisador do nosso territorio figurará com subido realce entre os eminentes vultos que encaneceram ao serviço da patria.

Illustre confrade, que occulta o seu nome, fez ao Instituto donativo de 2 apolices federaes de 200$000 para com os respectivos rendimentos mandar-se dizer annualmente uma missa em suffragio dos socios fallecidos.

E' sempre de saudosa recordação a data anniversaria do passamento do nosso inolvidavel Protector S. M. o Sr. D. Pedro II. Como de costume, o Instituto em 5 de Dezem-

bro suspendeu os seus trabalhos, mantendo cerradas as portas do seu edificio. Modesto mas sincero tributo de veneração e respeito a Memoria de quem nunca deixou de amparar a nossa Associação para a qual, até a ultima hora, teve attenções de amigo sincero e pai carinhoso.

A Sua Memoria rendem os membros desta casa os mais profundos conceitos de gratidão.

A Sua Memoria prestam tambem o mais incondicional respeito todos os Brazileiros sem odios e paixões politicas.

Onze annos decorridos constituem periodo sufficiente para o juizo da historia. Elle começa a surgir triumphante em todos os circulos sociaes com a necessidade do immediato levantamento de uma estatua á tão Egregio Patriota e na reconducção dos seus preciosos despojos mortaes para esta sua terra patria.

Já no Congresso Nacional ha tempos surgio a nobre idéa de se mandar buscar os restos sagrados do inclyto Principe.

Em 4 de Março de 1892, o venerando Presidente deste Instituto, Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, no memoravel discurso pronunciado na sessão extraordinaria realisada em commemoração do fallecimento de S. M. o Sr. D. Pedro II se exprimia da seguinte forma:

« As nações engrandecem-se com as homenagens prestadas aos seus varões illustres, disse o Sr. D. Pedro II respondendo ao Instituto por occasião de ser inaugurada a estatua do velho José Bonifacio, elevada por iniciativa dessa Associação, e hoje repete o Instituto as mesmas palavras, como justamente applicaveis a quem tão patrioticamente as proferira, ha quasi 20 annos.

« Hão de ser ainda ouvidas estas vozes que como o poeta profere o desditoso:

> Terra da minha patria! abre-me o seio
> na morte ao menos. Breve espaço occupa
> o cadaver de um filho; e eu fui teu filho.

« Ha de ser satisfeito o derradeiro voto do grande martyr; assim nol-o diz a consciencia e o juizo que fazemos dos elevados sentimentos que são proprios do caracter nacional.

« Esse punhado de terra brazileira, que por sua recommendação foi ahi deposto, no fundo do ataúde que recebeu tão caros despojos, clama por ser restituido ao seio donde foi tirado ; e a generosidade deste grande povo não permittirá, sem duvida, que, sobre os restos inanimados daquelle que tão dedicadamente consagrou-se á felicidade da nação, se estenda o rigor que em vida tão dolorosos tormentos inflingiu-lhe. »

Tambem o nosso mui distincto 1° Vice-Presidente, Conselheiro Manoel Francisco Correia no decurso deste anno de 1902, em uma das reuniões da Commissão Especial da Camara dos Deputados nomeada para a confecção do Projecto do Codigo Civil Brazileiro, tratando do direito autoral citou a opinião emittida por S. M. o Sr. D. Pedro II e depois de apropriadas considerações terminou o seu discurso calorosamente applaudido com as seguintes palavras :

« Quando serenadas as paixões, a propria Republica ha de consentir que se eleve a este grande brazileiro a estatua que em vida recusou — recommendando que a importancia que para tal fim o povo subscrevera tivesse destino a bem da instrucção popular — e permittir que os seus restos mortaes voltem á terra do seu berço.

« Taes são os votos do Instituto, já manifestados em uma das suas ultimas sessões. »

Ainda no Instituto a minha incompetente voz se tem, por vezes, levantado salientando a necessidade dessas consagrações e em artigos publicados n'*A Imprensa* e no *Commercio de S. Paulo*, o nosso actual 2° Secretario proclamou eloquentemente, a obrigação que tem o povo brazileiro de erguer um monumento ao mais preclaro dos patricios.

Isto que nesta casa foi uma aspiração constante, tem encontrado écho em toda a parte nos corações bem formados.

Aproveitando o ensejo, o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, por diversos titulos, deve pôr-se á frente desse movimento santo e patriotico.

Tão sincera cruzada, temos fé, terá bom exito. Em seu favor militam — a causa da justiça, da verdade e da consciencia de todos os Brazileiros.

DISCURSO

PROFERIDO NA

Sessão Magna do Instituto Historico e Geographico Brazileiro

A 15 DE DEZEMBRO DE 1902

PELO ORADOR OFFICIAL

Desembargador A. F. de Souza Pitanga

Exm. Sr. Presidente da Republica,
Exms. Srs., Meus Caros Confrades.

Para perpetuar no bronze a memoria do genial fundador da biologia Francisco Xavier Maria Bichat, o esculptor francez David d'Angers, o ideou em attitude meditativa, tendo uma das mãos sobre o coração de uma criança, a contar-lhe as pulsações, e tendo a seus pés um cadaver illuminado por uma lampada.

Esse singelo symbolo, em que o inspirado artista traduz a grande personalidade do genial scientista, é o transumpto de toda a sciencia e de toda a philosophia : surprehender nos mysterios da morte as leis da vida ; estudar, nos phenomenos da vida, o fatal predestino da morte.

Essa profunda allegoria da estatuaria gauleza, acode-me ao espirito todas as vezes que tenho de cumprir a ingrata, se bem que piedosa, missão de envolver nas rosas deste nosso festival, os goivos dos nossos funeraes. Pungente antithese essa de fazer echoar logo após as notas vibrantes de um hymno, a surdina merencoria de uma nenia ; eterno e doloroso contraste, a reproduzir-se em successiva continuidade, no intermino percurso do tempo, no perenne evoluir dos acontecimentos !

E entretanto, no decorrer desta ultima translação solar, mantive por largo periodo a esperança de substituir as notas plangentes do alaúde funerario por um hymno de gloria na tuba canora da vida; de entoar, em vez do habitual *de profundis* em commemoração dos mortos, um *hozannah in excelsis* em acção de graças pelos vivos.

Ao contrario do que occorrera no anno anterior, em que a fatalidade da morte tributara este Instituto com uma hecatombe de vidas preciosas de todas as hierarchias e de diversas nacionalidades; a sombra sinistra do exterminio até 10 de Agosto, não fizera desapparecer do nosso convivio scientifico um só dos nossos. Iniciada, porém, a sua acção destruidora seis dos operarios da historia, da sciencia ou da grandeza da Patria, se evolaram de nossa já reduzida phalange aos páramos insondaveis da eternidade.

D. Marianno Pelliza, o operoso bureaucrata argentino, o eminente Presidente da Confederação Helvetica, Walter Hauser, o litterato portuguez Lino de Assumpção, o Coronel Pedro Paulino da Fonseca, o Senador Joaquim Floriano de Godoy e o egregio ex-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil, Dr. Prudente de Moraes.

Mantendo o systema que tenho observado nos anteriores necrologios, iniciarei a sua serie pelos socios de outros paizes, que por titulos scientificos ou actos de benemerencia mereceram a consagração deste Instituto pela eleição para o seu gremio; entre estes e como especial homenagem colloco em primeiro lugar o preclaro estadista que nesse paiz ideal, onde florí a *edelweiss* nos cimos da Jungfrau, foi elevado á altura de seu primeiro magistrado!

Walter Hauser

Quando ha um anno justo celebravamos nesta mesma mesa paschoal a nossa communhão na Historia, ao fazer o necrologio do nosso saudoso confrade Eugéne Emile Raffard, tive ensejo de referir-me ao illustre Presidente da Suissa, mal pensando que em tão breve tempo teria de fazer tambem o seu!

Disse-vos então :

« Um acontecimento extraordinario nos factos de nossa vida internacional acabava de operar-se ; e fôra grande factor desse triumpho, que decretou a justiça de uma pretenção em que se empenhara ardentemente o nome brazileiro, e que lhe assegurava uma vasta e riquissima zona do territorio da Patria, essa pequena nação da Europa de cuja grandeza ha pouco vos fallei. Mas porque simultaneamente tão pequena e tão grande ? De onde resulta esse paradoxo social inexplicavel pelo qual um paiz de menos de quarenta mil kilometros de área, e de menos de quatro milhões de habitantes, sem exercito e sem armada, se ha de impor ao respeito universal em uma época em que a fé dos tratados é subordinada á potencia dos canhões e ao numero das bayonetas, em que nem a posse de uma autonomia e quiçá de uma civilisação, archi-secular, como na China, nem a de tradições seculares de incontestavel independencia, mantida á custa de resistencia heroica, como no Transvaal, são barreiras sufficientes para impedir a invasão do mais forte ? Sem ter mesmo homogeneidade ethnica, germanica em Berne e Zurich, Celtica em Neuchâtel e Friburg; latina em Lucerna e Tessino; sem unidade de igreja, catholica em Valais, protestante em Genebra, porque ha de essa ideal Helvecia impor-se ao religioso respeito que lhe tributa toda a Europa, e quiçá todo o Universo ? Porque é que o formidavel urso moscovita, como o frio leopardo britannico, como a aguia negra da germania hão de retrahir as garras possantes diante desse inoffensivo arminho pacificamente aninhado entre os gelos de seus cimos alpinos? Não bastam para tal os quinhentos mil cidadãos soldados nem as fortificações de S. Gothardo!

Magestade imponente da Justiça, prestigio augusto do Direito, santo amor da Liberdade, que prodigios operaes em todas as relações da vida humana ! Queres comprehender esse mysterioso prodigio da supremacia da força do direito sobre o direito da força? Percorrei as paginas da historia desse povo original e desde a heroica resistencia dos tres cantões contra a prepotencia tyrannica de Alberto de Habsburg, até a derrota infligida á desarrazoada pretenção de Carlos o Temerario ; desde as figuras lendarias

de Walter Furst e de Meltchall e do heroismo stoico de Guilherme Tell affrontando na praça de Altorf o chapéu de Gessler, até as batalhas, de Granson e de Morat em que sua indomita bravura conquistou para sempre sua independencia, e tereis a chave desse enigma que ainda hoje perdura, e que constitue, nas relações da vida européa como da vida universal, um pequeno paiz na categoria de uma grande nação. »

Foi este paiz extraordinario que no vertice de seu monumento governamental collocou o egregio cidadão cuja morte neste momento deploramos.

O Conselheiro Federal Walter Hauser, nasceu em Wadensweil a 1 de Maio de 1837 : filho de um curtidor, iniciou-se na vida como empregado no cortume de seu pai. Educado nesse meio democratico onde a modestia da profissão não exclue as mais elevadas aspirações civicas, o joven Walter cultivara esmeradamente o seu espirito e ao transpor as faixas da adolescencia, sentiu gravitar para o serviço publico sua compleição de estadista ; e militando na politica exerceu diversos cargos de nomeação e de eleição em Zurich, seu cantão natal, para cujo conselho de Estado chegou a ser eleito em 1881.

A capacidade que revelou no exercicio desse honroso mandato, de tal sorte o elevou no conceito de seus concidadãos, que em 13 de Dezembro de 1888 foi eleito membro do Conselho Federal Suisso.

Nesse circulo mais vasto, teve ensejo de expandir suas altas qualidades de estadista, merecendo ser successivamente eleito Vice-Presidente da Confederação Helvetica desde 1891 até 1899, assumindo em 1900 a chefia suprema do Estado, na qual veiu surprehendel-o e fulminal-o um insulto apopletico.

De uma simplicidade de trato encantadora, que o fazia confundir com qualquer outro cidadão, era comtudo dotado de uma firmeza de caracter que, sem affectações hypocritas ou ostentação de catonismos convencionaes, o faziam respeitar pela rectidão e pureza de seu governo.

Entre os actos de benemerencia que o assignalaram, sobreleva, para o Instituto, o da arbitragem dessa memoranda questão do reconhecimento do Oyapock de que ha

pouco vos fallei. Recebendo-a já estudada das mãos de seu illustre antecessor na Presidencia da Republica o Conselheiro Federal Coronel Eduardo Müller, resolveu com o seu criterio de magistrado e de estadista confiar a este a terminação desses estudos, e sobre elles calcou as conclusões do seu notavel laudo arbitral, assignado em Berne a 1° de Dezembro de 1900, no qual foi reconhecido o direito do Brazil á extensa zona territorial que do verdadeiro limite da Guyana Franceza pelo rio Oyapock, tão magistralmente estudada pelo provecto Joaquim Caetano da Silva e tão proficientemente tratada pelo nosso illustre confrade Barão do Rio Branco, se estende até as proximidades do estuario do Amazonas.

A veneração pela sua probidade civica e a gratidão pela sua intemerata intransigencia o proclamaram Presidente honorario deste Instituto, que rende á sua memoria esta modesta homenagem.

D. Marianno Pelliza

No mesmo anno de 1837 em que nascia na Suissa o illustre cidadão a quem acaba o Instituto de pagar o ultimo tributo, nascia em Buenos-Ayres, de familia pobre, se bem que illustre, o operario das lettras e da Historia que mereceu ser admittido no nosso convivio por notaveis trabalhos litterarios e relevantes serviços á nossa patria na diplomacia sul-americana—D. Marianno Pelliza.

Urgido pelas necessidades da vida, iniciou-se em verdes annos na carreira commercial, onde fez as suas primeiras armas, mas sentindo logo vibrar-lhe a fibra civica que o impellia ao exercicio de funcções publicas, dedicou-se a estudos aduaneiros e em brilhante exame disputou e conquistou o cargo de contador da alfandega de Buenos Ayres.

Ahi o surprehendeu o movimento de 1880 e, localista arraigado, fez causa com os defensores da cidade historica, e recusou-se formalmente a acompanhar o Presidente Avellaneda e os decididos congressistas que se haviam passado a Belgrano.

Tendo combatido no Paraguay sob as ordens do illustre general Mitre, e tendo-se assignalado nos successos da capitalisação, comprehendeu todavia, que não era aquella a orientação de seu espirito predisposto ao culto das lettras e á meditação da historia.

Tendo collaborado na mocidade em diversos orgãos de imprensa, notadamente em *El Nacional*, *El Argentino*, *Sud America*, *Tribuna e Nacional*, desde essa época abordou com grande erudição altas questões internacionaes entre as quaes a do Estreito de Magalhães, sobre a qual publicou notavel monographia, e a dos limites com o Chile, o que lhe mereceu a nomeação de sub secretario das relações exteriores, cargo que exerceu até a morte e no qual tornou-se, para o governo argentino, o principal consultor technico em todas as questões internacionaes que se agitavam.

Cultor da historia, alem de outras obras, publicou as biographias de Alberdi de Dorrego, de Monteagudo e de Puyerredon, salvando do olvido a quatro argentinos notaveis em diversos ramos das aptidões humanas, merecendo a seu turno honrosissimas referencias a sua competencia scientifico-litteraria das pennas celebres de Lamas, de Mitre, de Barros Araña, de Vicuña Mackena.

O interesse que sempre revelou pelas questões historicas do Brazil, abriu-lhe as portas deste Instituto como seu socio correspondente e o Instituto retribue essa velha sympathia honrando-lhe a memoria com este sincero tributo de saudade.

Lino de Assumpção

Não foi, no perlustrar do ultimo periodo de nossa vida social, pesado, como no anterior, o tributo de vida que teve de pagar o velho Portugal em sua legião de homens de saber incorporados ao Instituto.—Na passada sessão solemne tive a ardua missão de celebrar a grandeza portugueza desde os tempos heroicos em que os grandes albatrozes atiravam-se aos desertos oceanicos em busca de ignotos mundos, e em que as quinas gloriosas de Vasco da Gama, de Bartholomeu Dias, e de Pedro Alvares Cabral conquis-

tavam continentes para os dominios dos successores do mestre de Aviz, até ao periodo em que os exploradores dos invios desertos africanos continuaram a campanha civilisadora; para commemorar o nome de Serpa Pinto, tive de fazer com elle a viagem invertida de Levingstone, do Bihé ao Natal; para honrar a memoria de Thomaz Ribeiro, tive de percorrer o pantheon dos grandes poetas, de Camões a Garrett, de Bocage a Castilho, de João de Lemos a Thomaz Ribeiro e de celebrar com este o heroismo luzitano nos tempos ingratos da dominação de Castella; para assignalar os titulos de benemerencia de Antonio Ennes, tive de subir com elle a ribalta do theatro portuguez e de trazer ao nosso proscenio as scenas admiraveis de *D. Branca* e de *Frei Luiz de Sousa*; do *Pedro*, de Mendes Leal; dos *Lazaristas* e dos *Engeitados* do eximio dramaturgo desapparecido.

Dos nossos confrades portuguezes foi ceifada este anno apenas a personalidade mais modesta de Lino de Assumpção.

Mas, por modesta, não desmerece da homenagem que lhe é devida o operoso cultor das lettras portuguezas.

Dissipados os ultimos resquicios de resentimento que a campanha da independencia havia gerado no espirito brazileiro, as affinidades ethnicas e ethicas dos dous povos homoglotas obedeceram á corrente sympathica que fatalmente os unia e a litteratura portugueza penetrou no nosso meio intellectual com direito de cidade. Alexandre Herculano, Rebello da Silva, Julio Diniz, Camillo Castello Branco penetraram no espirito brazileiro com o acolhimento dispensado a José de Alencar, a Manoel de Almeida, a Joaquim Manoel de Macedo, ou a Bernardo Guimarães.

Essa approximação, porém, accentuou-se depois que uma corrente emigratoria da antiga metropole estabeleceu-se para o paiz feérico que ampliava e perpetuava esse ramo especial da raça latina.

Entre os hospedes illustres, em cujo numero contam-se Faustino Xavier de Novaes e Ramalho Ortigão, veio o nosso extincto confrade Lino de Assumpção.

Ligado por estreita amizade ao illustre litterato Antonio Ennes, cujo drama—*Os Lazaristas*—fizera no Brazil

grande successo, foi attrahido ao Paiz que assim glorificava o seu amigo e director espiritual.

Aqui chegando com pequena bagagem litteraria estabeleceu a livraria editora Faro & Lino, tendo por alguns annos explorado essa industria.

Regressando a Portugal, ahi publicou diversas obras litterarias entre as quaes sobresahem *Mil e seiscentas leguas pelo Atlantico*, *As Festas de outr'ora* e a *Historia dos Jesuitas e Martyres* — Publicou tambem um volume intitulado *Narrativas do Brazil*, ao qual nem sempre preside o criterio do litterato conspicuo, mas que contém interessantes descripções de factos e cousas em estylo ameno.

Dotou o theatro portuguez de varios dramas e comedias, entre os quaes alguns de incontestavel valor litterario.

Eva, *Os Lazaros*, *A Patria na officina*, *Maldicta Companha* dão testemunho de sua aptidão nesse departamento litterario.

Nascido em Lisboa a 7 de Março de 1844, era viuvo de D. Adelia Dietrix, de quem houve uma filha que lhe sobreviveu, e que era o encanto de sua vida original de misanthropo.

De sua compleição moral pode-se dizer sem possivel contestação que foi um affectivo e um honesto.

Os reiterados testemunhos de sympathia dados a este Instituto, abriram-lhe as suas portas para acolhel-o como seu socio correspondente : e a sua morte constitue esta corporação no dever de render o extremo preito ao operario das lettras que collaborou na sua officina.

O Coronel Pedro Paulino

A primeira vez que tive de communicar com o Coronel Pedro Paulino da Fonseca foi no recinto da casa de Correcção desta Capital, onde exercia elle o cargo de Vedor.

Oriundo de uma familia de militares valentes, na qual iniciara elle mesmo sua vida, causava especie ver essa figura erecta e marcial, a mesma que assignalava os perfis

garbosos de Deodoro, de Severiano e de Hermes da Fonseca, seus irmãos, recolhida ao recinto sombrio do carcere para nelle applicar a sua actividade civica. Causava especie, disse-vos, mas aos que ignoram o que seja a vida no interior de uma prisão, e para os que não reflectem no que é necessario de coragem e de resistencia moral para impor-se a uma legião de proscriptos e para affrontar dia e noite a perspectiva deprimente da desgraça.

E que perspectiva a que infelizmente nos apresenta ainda hoje a maior parte dos postos penitenciarios! Nesse mesmo edificio da casa de Correcção, apesar dos melhoramentos introduzidos por Tolentino, por Bellarmino de Mello e mantido por seu actual director, o espectaculo que apresenta o raio do edificio destinado a detenção dos indiciados, é um traço offensivo á nossa civilisação. A insalubridade e a immundicie, determinando um triste quadro necrologico, a promiscuidade e a nudez determinando a perversão moral, salta aos olhos do observador menos philosopho.

Escusae, Senhores, esta digressão a que me levou instinctivamente a reminiscencia da minha primeira visita ao triste recinto de penitencia social.

Nunca é superfluo invocar a attenção dos gremios de civilisação e das almas justas e christãs em prol dos desgraçados.

E com maioria de razão para com os miseros prisioneiros da lei, aos quaes deve a sociedade o amparo que a propria lei lhes assegura.

Desde que o lemma — *oportet misereri*, foi inscripto nos porticos das prisões de Florença, a humanidade assumio esse dever para com os infelizes que uma degenerescencia ingenita ou que uma allucinação moral arrojou á solidão sombria do carcere. E hoje depois que a luz da sciencia, projectando-se sobre esses lugubres recessos, de Beccaria a Lombroso, de Montesquieu a von Ihering, definio humanamente o conceito do criminoso, esse dever de piedade é elemento complementar do estado de civilisação de um povo.

Foi nesse recanto sombrio do carcere que encontrei a figura original de Pedro Paulino, vindo aliás das fileiras brilhantes do exercito.

Nascido na cidade de Alagoas, antiga capital do Estado do mesmo nome, em 1835, filho de um casal feliz que conseguira sentar á sua mesa tres filhos generaes e um distincto profissional que attingio tambem depois ao generalato, o nosso extincto confrade Dr. João Severiano da Fonseca, iniciou-se na vida militar, de onde sahio para exercer o lugar de Vedor da casa de Correcção.

No exercicio dessa modesta profissão encontrou-o a proclamação da Republica, a cuja frente collocara-se seu irmão o marechal Deodoro, que o fez eleger senador á Constituinte e governador de seu Estado natal.

Um traço caracteristico de sua individualidade:

Depois de ter occupado essas posições eminentes no periodo do governo provisorio em que seu irmão e amigo intimo teve em suas mãos a maior somma do poder que jamais foi exercido no Brazil, desde o periodo de sua independencia, ao terminar os seus mandatos era tal o seu estado de pobreza, que foi mister que seu amigo pessoal Dr. Antonio Paulino Limpo de Abreu, quando ministro da Industria, o chamasse a exercer um lugar subalterno nesse ministerio para obter a subsistencia da familia.

Está feito o seu elogio.

Caridade e Probidade, pomposo epitaphio para um modesto. O Instituto o inscreve em sua lapide tumular e tem cumprido o seu dever.

O Senador Godoy

Continuando a prestar aos extinctos confrades brazileiros a homenagem com que o Instituto gratifica os seus saudosos operarios, depara-se-me ao espirito a figura veneranda do senador Joaquim Floriano de Godoy, um dos illustres patricios que por suas virtudes civicas mereceram subir á Camara alta da Patria brazileira.

Filho do sargento-mór Joaquim Floriano de Godoy e de D. Ignacia Xavier Pinheiro, nasceu na cidade de São Paulo a 4 de Janeiro de 1826.

Sentindo despertar-se em seu espirito observador e sereno manifesta vocação para a carreira medica, veio

matricular-se na Faculdade do Rio de Janeiro, onde com grande aptidão obteve successivas approvações e a estima constante de seus professores e de seus collegas.

Conquistado assim o seu titulo de doutor em medicina, regressou á sua provincia natal, onde a principio exerceu essa honrosa profissão com grande dedicação, publicando sobre assumptos medicos, dous trabalhos de valor, sendo um sobre cirurgia oculistica, outro sobre anatomia, *Alavancas e musculos do corpo humano.*

Influenciado depois pelos acontecimentos politicos de sua terra natal, iniciou-se no jornalismo, no qual revelou grande criterio e altos sentimentos civicos, que lhe abriram as portas da Assembléa Provincial, da Camara dos Deputados e, por ultimo, do Senado Brazileiro, tendo intercurrentemente exercido com grande probidade e muita independencia a presidencia da Provincia de Minas Geraes.

Em sua faina jornalistica, apurou seus conhecimentos, e aprimorou seu estylo, tendo publicado varias obras de valor, algumas de ordem politica, taes como: *O elemento sêrvil e as Camaras Municipaes de S. Paulo*, *Tentativas Centralisadoras*, *Projecto de Lei para a creação da provincia do Sapucahy*; outras de ordem scientifica, entre as quaes realçam: *A Provincia de S. Paulo*, *A Provincia do Sapucahy*, *Ligação do valle do Parahyba á via ferrea de Santos*, *Esboço sobre viação mineira* e outras.

Esses importantes estudos, conduziram-no a este Instituto, que rende hoje o seu preito de sentimento á sua honrada memoria.

O Dr. Prudente de Moraes

Ao proferir este nome eu sinto que um recolhimento profundo possue neste momento a alma do Instituto.

A sombra augusta e serena do grande morto surge neste recinto com estranha solemnidade, porque ella não exprime sómente a desapparição de um combatente de nossas fileiras: ella traduz perante nós uma pagina inteira da Historia de nossa Patria.

E que pagina vibrante de idéas, de sentimentos, de acções e de reacções moraes e civicas; uma pagina de tragedia de Shakespeare em que as lettras traduzem o ciume de Othelo, a duvida de Hamlet ou o martyrio stoico do Rei Lear; uma pagina de epopéa em que Dante descreve ao vivo o martyrio de Ugolino; uma pagina do *Genesis* em que em alguns caracteres define-se um periodo da evolução do Universo.

Não é tempo ainda de proclamar dessa tribuna todos os episodios que ella contém; a verdade historica é como a luz dos astros: precisa de fazer um largo percurso no espaço e no tempo, para mostrar-se á humanidade em seu verdadeiro esplendor.

Mas um esboço biographico de Prudente de Moraes póde ser delineado sem accentuarem-se as linhas vivas da politica militante, que não são a preoccupação dos operarios da Historia: a sua passagem pelo disco de nossa vida civica acha-se fatalmente stereotypada em seus annaes.

O Dr. Prudente José de Moraes Barros, nascido na pittoresca cidade de Itú no Estado de S. Paulo, em 4 de Outubro de 1841 —teve por progenitor José Marcellino de Barros, um dos descendentes dessa tradicional estirpe de bandeirantes que foram, nos nossos dias coloniaes, os arautos da civilisação e os mensageiros do progresso material e da exploração das riquezas dos nossos primitivos sertões.

Filho de um tropeiro, como Walter Hauser fôra filho de um curtidor, Prudente de Moraes desde os albores da mocidade dirigira seu espirito para o culto da sciencia juridica; tendo-se formado na Faculdade de S. Paulo em 1863, adoptara como ideal a defesa dos direitos de seus concidadãos.

Fazendo de sua profissão um sacerdocio, conquistou grande influencia entre seus patricios, particularmente na pittoresca cidade de Piracicaba, onde assentara seus arraiaes, sendo por aquelles eleito á Assembléa Provincial, como defensor das idéas liberaes que professava.

Não satisfeito, porém, com as restricções que o programma de seu partido oppunha a seus ideaes, fez-se pro-

pagandista da Republica, sendo um dos dois primeiros deputados republicanos enviados ao parlamento brazileiro.

Ahi, a elevação do seu espirito e a moderada firmeza com que defendia os principios que adoptara, o impuzeram ao respeito de seus proprios adversarios.

Proclamada a Republica dos Estados Unidos do Brazil, a sua figura honrada e singela appareceu no primeiro plano da vida politica que se iniciava, com tal prestigio, que o seu nome foi levantado em competencia com o do general que, pela sua audacia intemerata, levara ao cabo a fundação da Republica.

Eleito posteriormente Presidente da Republica, teve de assumir o governo nas condições difficeis que só é dado imaginar, a quem acompanhou os desastrosos effeitos da malfadada guerra civil, que dividiu por algum tempo a alma da patria, scindindo o exercito e a marinha, e separando a familia brazileira em arraiaes de hostilidade.

E entretanto, o modesto advogado de um nucleo campesino que nunca exercera funcções de governo, teve o tacto de obter a pacificação do Rio Grande e, com ella, a reconciliação da Patria ; de levantar o credito publico abalado pelas condições anormaes do periodo revolucionario ; de conjurar as difficuldades internacionaes que a revolução fizera surgir ; e de levar a termo o seu governo coberto das bençãos da Patria !

Quereis saber qual o philtro magico que operou taes prodigios ?

Foi o lemma singelo que elle sinceramente proclamou no inicio de seu governo :

« A Justiça e a Lei. »

Alçar o labaro do Direito nas ameias do edificio governamental, é assegurar o triumpho dos que governam.

O seu sentimento de justiça o immortalisou.

E o Instituto rende á sua memoria o preito modesto de inscrever seu nome no archivo da Historia, addicionando-lhe este epitheto :

Um Justo.

....

E ao terminar a piedosa missão, o espirito volta-se instinctivamente para a meditação philosophica sobre o

monumento que a alma do artista erigira á memoria do immortal autor desse evangelho scientifico intitulado: *La vie et la mort.*

Essa inspirada concepção é a solução do enigma eterno, ante o qual tem recuado a penetração dos sabios e dos philosophos de todas as épocas.

Essa lampada symbolica que illumina os arcanos da morte, mostra ao infante que se inicia na vida o termo fatal que o aguarda.

E essa visão calma do sepulchro espanca as sombras do mysterio e faz encarar a morte como um phenomeno natural e necessario á evolução universal.

E essa noção scientifica da vida e da morte, adquirida desde a infancia, desperta no espirito do homem a idéa da sua brevidade:

> «Vita nostra brevis est,
> Brevi finietur;
> Venit mors velociter,
> Rapit nos atrociter,
> Nemini parcetur.»

como no hymno dos academicos de Heidelberg.

E essa certeza da sua fatalidade e da sua brevidade, é o estimulo para o dever que alenta, para o trabalho que enaltece, para a fé que vivifica.

E para aquelles para quem a vida foi o conjuncto do dever, do trabalho e da fé, a bocca do tumulo é a porta da immortalidade.

SESSÃO DE ASSEMBLÉA GERAL PARA ELEIÇÕES EM 21 DE DEZEMBRO DE 1902

(1.ª CONVOCAÇÃO)

Presidencia do Sr. Conselheiro M. F. Correia

A's 3 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Manoel Francisco Correia, Marquez de Paranaguá, Commendador Henrique Raffard, Drs. José Americo dos Santos e Aristides Milton, e Max Fleiuss, 2º Secretario, o Sr. Conselheiro Correia assume a presidencia e declara que não se achando presentes socios em o numero fixado no art. 54 § 2º dos Estatutos, designa o dia 23 do corrente para nova reunião, ás 3 horas da tarde.

Nada mais havendo a tratar, levanta-se a sessão.

Max Fleiuss, 2º Secretario.

SESSÃO DE ASSEMBLÉA GERAL PARA ELEIÇÕES EM 23 DE DEZEMBRO DE 1902

(2.ª CONVOCAÇÃO)

Presidencia do Sr. Conselheiro M. F. Correia

A's 3 horas da tarde presentes os Srs. Conselheiros Manoel Francisco Correia, Marquez de Paranaguá, Commendador Henrique Raffard, Desembargador Souza Pitanga, Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, Dr. Aristides Milton, Desembargador Paranhos Montenegro, M. A. Galvão, Belisario Pernambuco, Conde de Leopoldina, Coronel Thaumaturgo de Azevedo, Drs. A. de Paula Freitas e José Americo dos Santos, e Max Fleiuss, 2º Secretario, o Sr. Presidente abre a sessão e declara que se vae proceder á eleição da mesa e das commissões permanentes para o anno de 1903, realizando-se esta Assembléa de accordo com as disposições dos Estatutos.

Convida para escrutadores os Srs. M. A. Galvão e Coronel Thaumaturgo de Azevedo.

Recolhidas as cedulas verificou-se o seguinte resultado :

PRESIDENTE

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro (reeleito).

1.º VICE-PRESIDENTE

Conselheiro Manoel Francisco Correia (reeleito).

2.º VICE-PRESIDENTE

Marquez de Paranaguá (reeleito).

3.º VICE-PRESIDENTE

Barão Homem de Mello (reeleito).

1.º SECRETARIO

Commendador Henrique Raffard (reeleito).

2.º SECRETARIO

Max Fleiuss (reeleito).

THESOUREIRO

Dr. Liberato de Castro Carreira (reeleito)

ORADOR

Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga (reeleito).

SUPPLENTES DOS SECRETARIOS

Dr. F. B. Marques Pinheiro.
Coronel Thaumaturgo de Azevedo.

As commissões permanentes eleitas foram as seguintes :

FUNDOS E ORÇAMENTO

Conselheiro João Carlos de Souza Ferreira.
Conselheiro José Mauricio F. Pereira de Barros.
Major Belizario Pernambuco.

ESTATUTOS E REDACÇÃO

Dr. Affonso Celso.
Commendador Henrique Raffard.
Dr. José Americo dos Santos.

REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

José Francisco da Rocha Pombo.
Commandante Carlos Vidal de Oliveira Freitas.
Dr. Antonio da Cunha Barbosa.

HISTORIA

Visconde de Ouro Preto.
Miguel Archanjo Galvão.
Barão Homem de Mello.

SUBSIDIARIA DE HISTORIA

Dr. Affonso Celso.
Max Fleiuss.
General Francisco Raphael de Mello Rego.

GEOGRAPHIA

Marquez de Paranaguá.
Contra-Almirante Francisco Calheiros da Graça.
Coronel Gregorio Thaumaturgo de Azevedo.

SUBSIDIARIA DE GEOGRAPHIA

Dr. J. Barbosa Rodrigues.
Contra-Almirante José Candido Guillobel.
Luiz de França Almeida e Sá.

ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA

Arcebispo D. Joaquim Arcoverde.
Barão de Capanema.
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

PESQUIZA DE MANUSCRIPTOS

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.
Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Conselheiro Joaquim Pires Machado Portella.

BIOGRAPHIAS

Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake.
Dr. Rodrigo Octavio de Langaard Menezes.
Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga.

ADMISSÃO DE SOCIOS

Conselheiro Manoel Francisco Correia.
Conselheiro João Carlos de Souza Ferreira.
Dr. Antonio de Paula Freitas.

O sr. Presidente proclamou o resultado da eleição.

Em seguida o Sr. Presidente submetteu á discussão o parecer da Commissão de Estatutos e Redacção que havia ficado sobre a mesa na sessão de 21 de Novembro para ser tomado em consideração pela Assembléa Geral e relativo á proposta apresentada por diversos socios para que os membros do Instituto possam usar de um distinctivo.

Depois de alguma discussão foi approvado o parecer consubstanciado na resolução seguinte : fica creada uma medalha de prata dourada com collar do mesmo metal e tambem dourado, de accordo com o modelo apresentado na proposta.

Foi tambem approvada uma proposta estabelecendo igualmente como distinctivo do mesmo Instituto Historico e Geographico Brazileiro, uma roseta de côr azul celeste; não prejudicando entretanto o disposto no decreto de 2 de Março de 1860, que faculta aos socios do Instituto o uso de uma farda especial, segundo o modelo que acompanhou o mesmo decreto, publicado na *Revista do Instituto*, tomo 59.

Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente levanta a sessão ás 4 1/2 horas da tarde.

Max Fleiuss, 2° Secretario.

RELAÇÃO DAS OFFERTAS

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 20 DE FEVEREIRO DE 1902

Pelo Socio Sr. Dr. Affonso Celso, o original do discurso, proferido na Igreja do Collegio de S. Paulo, servindo de Cathedral, pelo Revm. Conego Joaquim Anselmo de Oliveira por occasião do solemne *Te-Deum* mandado celebrar pelo Revm. Cabido Diocesano por occasião da visita feita á Provincia de S. Paulo por S. M. Imperial o Sr. D. Pedro II, em 1846.— Agradece-se e vai á Commissão de Redacção da Revista. Pelo Sr. Dr. V. A. de Paula Pessôa a sua obra *Guia da Estrada de Ferro Central do Brazil*, em 2 volumes; pelo Dr. Theodoro Sampaio um exemplar de sua conferencia sobre Anchieta; pelo Sr. 2° Secretario Max Fleiuss um exemplar de sua anthologia *Ferias*. — Agradecem-se.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 7 DE MARÇO DE 1902

Pelo Dr. Castro Lopes Junior, por intermedio do Sr. 2° Secretario, as seguintes obras do Dr. A. de Castro Lopes: *Plano Financeiro, O Sol, Refutação do Livro India Christã, Memoire Dédié aux Savants Astronomes, M. M. Faye et Schaparelli, Conferencias sobre Homœopathia, A Moeda Universal e Perolas Falsas*; pela Historical Society of Pennsylvania, *The Magazine*; pela Société de Géographie de Paris, *Bulletin*; pela Société des Études

Indo Chinoises de Saigon, *Bulletin* ; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin* ; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletin* ; pelo Dr. Alejandro Audebert, *Los Limites de la Antigua provincia del Paraguay* ; pelo Museu Nacional, *Archivos* ; pelo Museo Nacional de Buenos Ayres, *Communicaciones* ; pela American G. Society, *Bulletin* ; pela Philosophical Society of Manchester, *Memoirs* ; pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro, *Annaes*; pelo Archivo Publico Mineiro, *Revista* ; pela Universidad Central del Ecuador, *Anales*; pela National Geographic Magazine, *The Magazine* ; pelo Museo Nacional de Montevidéo, *Anales* ; pela Direcção dos Serviços Geologicos de Portugal, *Communicações* ; pela Societá Geografica Italiana; *Bolletino* ; pela Société de Topographie de France, *Bulletin* ; pelo Ministerio de Relaciones Esteriores, *Culto y Colonizacion* ; do Chile, *Memoria* ; pelo Retiro Litterario Portuguez, *O 1° de Dezembro de 1640* ; pela Directoria Geral de Saude Publica, *Boletim Quinzenal* ; pela Secretaria de Agricultura Commercio e Obras Publicas de S. Paulo, *Boletim da Agricultura* ; pela Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira, *Boletim* ; pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim* ; pela Academia Nacional de Ciencias en Cordoba, *Boletin* ; pela Société de Géographie Commerciale du Havre, *Bulletin* ; pela Sociedade de Geographia de Lisbôa, *Boletim* ; pela Real Sociedad Geografica de Madrid, *Boletin* ; pela Sociedad Cientifica Argentina, *Anales* ; pelo Observatorio do Rio de Janeiro, *Boletim Mensal* ; pelo Observatorio Astronomico Nacional de Tacubaya, *Anuario 1902* ; pela Real Academia de Ciencias Exactas, Fisicas y naturales de Madrid, *Memorias* ; pela Bibliotheca Açoriana, *Noticia Bibliographica de escriptos nacionaes e estrangeiros concernentes ás Ilhas dos Açores* ; pela Sociedad Geografica de Lima, *Boletin* ; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim* ; pela Repartição da Carta Maritima, *Boletim* ; pela Universidad do Chile, *Anales* ; pela Estatistica Commercial da Republica dos Estadas Unidos do Brazil, *Boletim* ; pelo Sr. Alfredo Requião, *Cartas de Pariz* ; pelo Sr. Arthur Ferreira Machado Guimarães, *Notas e Reflexões acerca da Crise bancaria de Setembro de 1900* ;

pelo Sr. Lopes Gonçalves, *A fronteira Brazileo Boliviana pelo Amazonas*; pelo Socio Dr. Manuel B. Otero, *El saneamiento de la Ciudad de Montevidéo*; pelo 2° tenente Armando Durval, *Reorganisação do Exercito*; pelo Socio Sr. Romario Martins, *Limites a Sueste*, (Paraná e Santa Catharina); pelo Socio Rodolpho Theophilo, *Seccas do Ceará*; pelo Socio Revmo. Padre Raphael Maria Galanti, *Compendio de Grammatica Ingleza*; pelo Socio Dr. Antonio da Cunha Barbosa as seguintes obras: *Pará em 1900, 4° Centenario do Descobrimento do Brazil, The Brazil by Marie Robinson Wright, Revista da Academia Pernambucana de lettras*, 3 fascs. *Limites do Estado do Pará*, 1 vol.; *Rio Acre*, 1 vol.; *Limites com a Guyana Ingleza*, 1 vol.; *Obras litterarias de Tenreiro Aranha*; *The Land of the Amazon*; *Estudo do Amazonas*; *Il paese delle Amazoni* pelo Barão *Sant'Anna Nery*; Medalha commemorativa do 4° Centenario do Descobrimento do Brazil; pelas Redacções, as seguintes Revistas: *Vida Moderna, Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia, Revista Agricola, Revista Maritima, Revista de Aragon, Capital Paulista, A Escola, A Fronde, Revista Mensual de la Camara Mercantil, Revue Franco Italien et du Monde Latin, Revista do Centro Litterario Militar, Revista da Academia Cearense, Revista da Faculdade Livre de Direito, O Trabalho*; pelas Redacções os seguintes Jornaes: *Le Nouveau Monde, Club Coritibano, Jornal do Recife, Diario Official do Amazonas, Gazeta Commercial e Financeira*; pela Exma. Sra. D. Maria Clara da C. Santos sua obra intitulada *Paineis*, 1902; pelo Sr. Luiz Leopoldo Flores, *A Nacionalidade dos filhos de pai Portuguez nascidos no Brazil — e Estado do Rio Grande do Sul.*

Pela American Historical Association, 1899, *Annual Report*, vols. I e II; pela Smithsonian Institution, 1898-1899, *Annual Report*; pela Société de Géographie de Marseille, *Bulletin*; pela Société des Sciences de l'Ionne, *Bulletin*; pela Academy of Natural Sciences of Philadelphia, *Proceedings*; pela Société Normande de Géographie, *Bulletin*, 1900 e 1901; pelo Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas, *Boletim Mensal*; pelo Dr. Castro Lopes Junior, *Arte Simplificada da Musica*—do Dr. Castro

Lopes; pela Sociedad Cientifica «Antonio Alzate» *Memorias y Revista*; pela U. S. Geological Survey, *Monographs*, XL.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 14 DE MARÇO DE 1902

Pelo Sr. Pedro Pablo Figuerõa, *Diccionario Biographico de Estranjeros en Chile*; pelo Sr. M. Frezier, *Relacion del Viaje por el mar del sur a las costas de Chile e del Peru*; pelo Sr. José Rodriguez Ballesteros, *Colecion de Historiadores i de documentos relativos a la Independencia de Chile*, tomo VI; pela National Geographic Magazine, 2 mappas dos Estados Unidos do Norte; pela Academia delle Scienze Fisiche e Matematiche, *Rendiconto*; pela Estatistica Demographo Sanitaria da Cidade de S. Salvador, *Boletim*; pela Repartição da Carta Maritima, *Boletim*; pela Camara Mercantil de Buenos Ayres, *Revista Mensual*; pela Société de Géographie de Paris, *La Géographie-Bulletin*; pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim Postal*; pelo Archivo do Estado de São Paulo, *Documentos Interessantes para a Historia e Costume de S. Paulo*, vols. 34 e 35; pelo Sr. F. Schrader, *Année Cartographique*; pela Universidad Central del Ecuador, *Anales*; pela Sociedade Geographica de Lima, *Boletim*; pela Respectiva Redacção a seguinte Revista: *Vida Moderna*; pelas Redacções os jornaes: *Le Nouveau Monde e Jornal do Recife*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 21 DE MARÇO DE 1902

Pela Academie Royale des Sciences des Lettres et des Beaux-Arts de Belgique, *Memoires Couronnées*, *Bulletin de la Classe des Lettres*, *Annuaire de 1901*; pela Université de Toulouse, *Bulletin*; pela Geographical Society of the Pacific, *Transactions and Proceedings*; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletim*; pela American Association, *Preceedings*; pela Wisconsin Academy, *Transactions*; pela Societá Geographica Italiana, *Boletino*; pela Société Khediviale, *Bulletin*; pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim Postal*; pela Di-

rectoria Geral dos Correios, *Varias publicações postaes*; pela U. S. Geological Survey, *Diversos Mappas topographicos dos Estados Unidos da America do Norte*; pelas Redacções, as seguintes Revistas: *A Escola, Vida Moderna, Revista do Archivo do Municipio da Capital do Estado da Bahia*; pelas Redacções, os jornaes: *Le Nouveau Monde, Jornal do Recife*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 11 DE ABRIL DE 1902.

Pela Universidad Central del Ecuador, *Anales*; pela Sociedade de Geographia de Lisbôa, *Boletim*; pela Estatistica Demographo-Sanitaria da Cidade de S. Salvador, *Boletim*; pelo Archivo Publico Mineiro, *Revista*; pelo Archivo Publico Nacional, *Publicações do Archivo Publico Nacional*; pela Société de Géographie de Paris, *La Géographie-Bulletin*; pela Sociedade Geographica de Lima, *Boletim*; pela Accademia delle Scienze Fisiche e Matematiche di Napoli, *Rendiconto*; pela Camara Mercantil de Barracas al Sur (Provincia de Buenos Aires) *Revista Mensual*; pela Geological Society of America, *Bulletin*; pela Estatistica Demographo-Sanitaria da Cidade do Rio de Janeiro, *Boletim Quinzenal*; pelas respectivas Redacções as seguintes Revistas: *Revista Official de ensino, A Escola, The Journal of the Franklin Institute*; pelas Redacções os seguintes jornaes: *Le Nouveau Monde, Jornal do Recife, Diario Official do Amazonas, Club Coritibano*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 18 DE ABRIL DE 1902

Pela Sociedad Geografica de Madrid, *Boletin*; pela Sociedade de Ethnographia e Civilisação dos Indios, *Revista*; pelo Sr. Eduardo Lima, *Ruinas da Marinha Mercante Brazileira*; pela Sr. Aristides de Araujo Maia, *Recordações*; pela respectiva Redacção, *Revista Maritima*; pela Geographischen Gesellschaften Bremen, *Deutsche Geographische Blätter*; pela Academia Cæsarea Vindobonensis,

Tabvlæ Codicorvm Manv Scriptorvm, pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim* ; pelas Redacções os seguintes jornaes *Diario Official do Amazonas*, *Le Nouveau Monde*, *O Reformador*, *Portugal Moderno* e *Gazeta Commercial e Financeira*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 25 DE ABRIL DE 1902

Pelo Socio Sr. Dr. Felisbello Freire os ns. 1, 2 e 3 dos *Annaes do Brazil*; pelo Observatorio do Rio de Janeiro, *Annuario*, 1902 ; pela Universidad Central del Ecuador, *Anales* ; pelo Sr. A. Lesonef, *E'tudes Américanistes* ; pela Universidad de Santiago de Chile, *Anales* ; pela Repartição da Carta Maritima, *Boletim*; pela Société de Géographie de Lilles, *Bulletin* ; pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim*; pelo Socio Dr. João Mendes de Almeida Junior, *Diccionario Geographico da Provincia de São Paulo*; pelas Redacções os jornaes : *Le Nouveau Monde*, *Jornal do Recife*, *Club Curitibano* e *O Reformador*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 2 DE MAIO DE 1902

Pelo Sr. Commendador Henri Raffard, 1º Secretario uma collecção do jornal, *A Provincia de São Paulo*, 1884, *Les Fastes de Napoleon* I (gravuras) 1 vol. e uma collecção de diversos apetrechos indigenas, pela Sociedad Meteorologica Uruguaya, *Servicio de las Observaciones pluviometricas*, 1899. Pelo Socio Sr. Dr. Felisbello Freire, *Annaes do Brazil*, n. 4; pela Companhia Cantareira e Viação Fluminense, *Relatorio* da Directoria e *Estatutos* de 31 de Março de 1902 ; pela Sociedad Cientifica Argentina, *Anales* ; pela American Geographical Society, *Bulletin* ; pela Historical Society of Pennsylvania, *The Pennsylvania Magazine of History and Biography*; pela Svenska Turitsforeningens, *Arsskrift*, 1902 ; Pelas Redacções os jornaes : *Le Nouveau Monde*, *Jornal do Recife*, *Diario Official do Amazonas* e *Gazeta Commercial e Financeira*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 9 DE MAIO DE 1902

Pela Société de Géographie de Paris, *La Géographie-Bulletin*; pela Secretaria da Agricultura do Estado de S. Paulo, *Boletim da Agricultura*; pela Société de Topographie de France, *Bulletin*; pela Sociedad Scientifica Argentina, *Anales*; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletim*; pela Societá Geographica Italiana, *Bolletino*; pela Universidad Central del Ecuador, *Anales*; pelas Redacções os seguintes jornaes: *Le Nouveau Monde, Jornal do Recife, Club Coritibano*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 16 DE MAIO DE 1902

Pelo Sr. 1.º Secretario Henri Raffard, *L'Art Byzantin*; por Ch. Bayet; — uma collecção de artigos d'*A Noticia* intitulada, *Galeria dos Ministros do Exterior*; 1822-1898, e uma collecção de 140 moedas de cobre para o Museu do Instituto; pela Société de Géographie de Paris, *La Géographie-Bulletin*; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pela Camara Mercantil de Barracas al Sur, *Revista Mensual*; pelas Redacções os seguintes jornaes: *Jornal da Ordem Medica Brazileira, Le Nouveau Monde, Jornal do Recife, O Reformador, Club Coritibano, Diario Official do Amazonas, O Trabalho*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 23 DE MAIO DE 1902

Pelo Atheneu Commercial do Porto, *Relatorios e Contas*; Pelo Sr. Ernesto Senna, *Conselheiro Ferreira Vianna*; pelo Sr. Adolpho A. Pinho, *Questões Economicas*; pelo Sr. Lopes Gonçalves, *A. Fronteira Brasilio Boliviana*; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim*; pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, *Boletim*; pela Universidade de Santiago do Chile, *Anales*; pelas Redacções as seguintes revistas: *A Escola e Revista Maritima*; pelas Redacções os seguintes jornaes: *Le Nouveau Monde, Jornal do Recife, Diario Official do Amazonas*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 30 DE MAIO DE 1902

Pelo Sr. Dr. Thomaz de Aquino e Castro, Uma copia photographica do projecto do monumento a Tiradentes, mandado executar pelo Dr. Pedro Bandeira de Gouvêa; pela Academia delle Scienze Fisiche e Matematiche de Napoli, *Rendicontos*; pelo Socio Dr. E. Göldi, *Oservations sur les arbres a caoutchouc de la region amazonienne*; pelo Real Centro Portuguez de Santos, *Relatorio*; pela Societá Geographica Italiana, *Bolletino*; pela Estatistica Demographo-Sanitaria da cidade de S. Salvador, *Boletim*; pela Real Sociedade Geografica de Madrid, *Boletim*; pelas Redacções os jornaes: *Le Nouveau Monde*, *Club Coritibano*, *Diario Official do Amazonas* e *Jornal do Recife*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 6 DE JUNHO DE 1902

Pelo 2.º Secretario Sr. Max Fleiuss, *Brazilian Tribute to Lord Cockrane on June* 28 th, 1901; pela Societá Geografica Italiana, *Elenco Generale dei Soci*, al 1.º Maggio 1902; pela Manchester Litterary & Philosophical Society, 1901 e 1902, *Memoirs and Proceedings*; pela Secretaria da Agricultura de S. Paulo, *Boletim da Agricultura*; pelo Instituto Hahnemanniano do Brazil, *Annaes*; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletin*; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pela Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, *Revista*; pelas Redacções os seguintes jornaes: *Le Nouveau Monde*, *Jornal do Recife*, *Diario Official do Amazonas*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 13 DE JUNHO DE 1902

Pela Sociedade de Geographia de Lisbôa, *Boletim*; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pela Société de Géographie de Génève, *Le Globe*; pelo municipio de Jundiahy, *O Major Honorario do Exercito Carolino Bolivar de Araripe Sucupira*; pela Société

de Géographie de Paris, *La Géographie-Bulletin*; pelas Redacções as seguintes Revistas: *Vida Moderna*, *O Trabalho*, *Revista Maritima*, *Revista Mensal de la Camara Mercantil* e *Revista Trimensal do Instituto do Ceará*, tomo XVI; pelas Redacções os seguintes jornaes: *Le Nouveau Monde*, *Jornal do Recife*, *Diario Official do Amazonas*, *O Seculo*, *O Reformador*, *Nortista* e *Sul do Ceará*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 4 DE JULHO DE 1902

Pela Sociedad Cientifica Argentina, *Anales*; pela Universidade de Santiago de Chile, *Anales*; pelo Sr. Nicolas Anrique R. i L. Ignacio Silva A., *Ensayo de Una Bibliografia Historica e Geographica de Chile*; pela Sociedade Nacional de Agricultura, *Manifesto á Lavoura* e *Boletim*; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pela American Geographical Society, *Bulletin*; pela National Geographic Society, *The National Geographic*; pelas Redacções as seguintes Revistas: *A Escola*, *O Trabalho*, *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia*; pelas Redacções os jornaes: *Le Nouveau Monde*, *Jornal do Recife*, *Club Coritibano* e *O Reformador*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 18 DE JULHO DE 1902

Pela Sociedad Cientifica Argentina, *Anales*; pela Universidad Central del Ecuador, *Anales*; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pela Secretaria da Agricultura, Commercio etc. de S. Paulo, *Boletim da Agricultura*; pelo Socio Sr. Conselheiro Barradas, *Questão de limites*; pela National Geographic Society, *The National Geographic Magazine*; pela Société de Géographie de Paris, *Bulletin-La Géographie*; pelos Drs. H. M. Hiller and W. H. Furness, *Notes of a trip to the Veddahs of Ceylon*; pela Estatistica Demographo Sanitaria, *Boletim*; pelo Sr. F. Agenor de Noronha Santos, *Apontamentos para o Indicador do Districto Federal*; pelo Archivo Publico Mineiro, *Revista*; pelo Instituto Geographico e

Historico da Bahia, *Revista*, 1901, anno VIII; pelas Redacções as seguintes Revistas: *Revista Maritima*, *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia*, *Revista Mensual de la Camara Mercantil de Barracas al Sul*, *Provincia de Buenos Aires*, *A Vida Moderna*, *O Trabalho*, *Revista de Legislação*; pelas ' Redacções os jornaes: *Le Nouveau Monde*, *Jornal do Recife*, *Club Coritibano*, *O Reformador*, *Diario Official do Amazonas*; pelo Socio Dr. Macedo Soares em nome do autor Sr. S. F. Bandeira as seguintes obras: *Portuguezes no Brazil*, *Credito Real Considerações sobre a Crise financeira e o Elemento Servil*, *Repertorio do Brazileiro*, *A industria no Estado de S. Paulo* em 1901; pelo Socio Coronel Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, *Memoria XV do Terceiro Livro do Centenario* pelo mesmo.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 1 DE AGOSTO DE 1902

Pelo Socio Dr. J. Barboza Rodrigues, *Contributions du Jardim Botanique de Rio de Janeiro*, 1 vol.; pela Directoria Geral dos Correios, *Relatorio de 1900*; pela Directoria Geral de Estatistica, *Relatorio*; pela Historical Society of Pennsylvania, *The Pennsylvania Magazine*; pelo Museo Nacional de Buenos-Ayres, *Anales*; pelo Socio Dr. Cunha Barbosa, um exemplar da *Vida Moderna de Junho de 1902*; pela Repartição da Carta Maritima do Brazil, Directoria de Meteorologia, *Boletim semestral* n. 8.; pela Sociedade Geographica de Lima, *Boletim*; pelo Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina, *Revista Trimensal* n. 1 vol. 1°; pela Universidad Central del Ecuador, *Anales*; pela Société de Géographie Commerciale du Havre, *Bulletin*; pela Accademia delle Scienze Fisiche e Matematiche, *Rendiconto*; pelo Archivo do Estado de S. Paulo, *Publicação official de Documentos Interessantes para a Historia e Costumes de S. Paulo*, volumes XXXVI e XXXVII.; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim*; pela Sociétá Geographica Italiana, *Bolletino*; pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim Postal* ns. 3, 4, 5.; pela Manchester Literary etc. Philosophical Society, *Memoirs and Proceedings*; pelas Redações

as seguintes Revistas: *A Escola, Revista Italo Americana*; pelas Redacções os seguintes jornaes: *A E'poca, O Portugal Moderno, Gazeta Commercial e Financeira, Diario Official do Amazonas, Jornal do Recife, Club Coritibano, O Reformador.*

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 8 DE AGOSTO DE 1902

Pela Secretaria da Agricultura Commercio e Obras Publicas de S. Paulo, *Boletim da Agricultura*; pela Sociedade de Medicina e Cirurgia, *Revista*; pela Société des E'tudes Indo Chinoises. *La Vaccine en Cochinchine*; pela Redacção o jornal: *Le Nouveau Monde.*

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 29 DE AGOSTO DE 1902

Pelo Sr. Dr. Nelson Senna, *Um documento de 1773 Conta da despeza feita com o compromisso da Irmandade do Sacramento da Freguezia da Conceição dos Raposos*; Um Jornal manuscripto intitulado o *Capenga*; uma photographia de Minas, uma esmeralda bruta, um tubo com diamantes brutos, um machado de pedra dos indios e as seguintes publicações: *As nossas questões internacionaes, Santa Ifigenia, e Memoria historica sobre os diamantes*, por José de Rezende Costa e diversas placas de malacacheta; pelo Sr. José Antonio Gonçalves Ennes, diversos numeros da *Revista Brazileira* e *Revista Technica Militar Consultiva*; pelo Sr. Dr. Americo da Veiga, Uma collecção da *Revista de Medicina e Cirurgia*; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pela Secretaria de Fomento del Mexico, *Informes*; pela Real Sociedade Geographica de Madrid, *Boletim*; pela Sociedad Cientifica Argentina, *Anales*; pela Societá Geografica Italiana, *Bolletino*; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim*; pela Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, *Boletim da Agricultura*; pela Société des Études Indo Chinoises de Saigon, *Bulletin*; pela Intendencia Municipal de Manáos, *Relatorio*; pelo Observatorio do Rio de

Janeiro, *Boletim Mensal*; pela Camara Mercantil de Barracas al Sur, *Revista Mensual*; pela Estatistica Demographo Sanitaria da Cidade de S. Salvador, *Annuario* e *Boletim*; pela Société de Géographie de Lille, *Bulletin*; pelo Instituto Paraguayo, *Revista*; pela American Geographical Society, *Bulletin*; pelo Rev. Sr. Conego Ulysses de Penaforte, *Mandú*, romance Indio Brazileiro; pelo Instituto Hahnemanniano do Brazil *Annaes*; pelo Socio Sr. Dr. Marques Pinheiro, Guilherme Pinto de Magalhães, *Traços biographicos*; pela Estatistica Demographo Sanitaria do Rio de Janeiro, *Boletim Quinzenal*; pelo Sr. José Joaquim Fragoso, *Pro justitia*; pela National Geographic Society, *The National Geographic Magazine*; pelo Socio Sr. Max Fleuiss, Um pedaço de tormalina preta do Rio Doce; pelo Sr. Francisco Romano Stepple da Silva, *Resumo historico das Companhias de Navegação a Vapor subvencionadas e privilegiadas nos Estados Unidos do Brazil de 1808 a 1900*; pelo Sr. Dr. Affonso Claudio de Freitas Rosa, um exemplar do seu trabalho, *Biographia do Dr. João Climaco de Alvarenga Rangel*; pelas Redacções as seguintes Revistas: *Vida Moderna*, *Revista Maritima*, *O Trabalho*, *A Escola*, *Revista do Archivo do Municipio da Capital do Estado da Bahia*; pelas Redacções os seguintes jornaes: *Jornal da Ordem Medica Brazileira*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Reformador*, *A Republica*, *Jornal do Recife*, *Diario Official de Amazonas*, *A Epoca*, *Nortista*, *Sul do Ceará*, *O Estimulo*, *Portugal Moderno*, *O Seculo*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 12 DE SETEMBRO DE 1902

Pela Directoria, *O 4º Congresso Brazileiro de Medicina e Cirurgia realizado na Capital Federal*, 2 vols.; pela Universidad Central del Ecuador, *Anales*; pela Sociedade de Geographia de Lisboa, *Boletim*; pelo Sr. Alfredo Ferreira Rodrigues, *Almanak, 1903*; pela Sra. Sara Villares Ferreira, *Pontos de Historia da America*; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pela Societá Africana d'Italia, *Bolletino*; pela Sociedade de Agri-

cultura Alagoana, *Relatorio* ; pelo Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, *Revista*, volume VI, 1900-1901 ; pelo Observatorio do Rio de Janeiro, *Boletim Mensal* ; pela Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira, *Boletim* ; pelo Congresso Cientifico Latino Americano, secunda reunion, *Organizacion y resultados generales del Congresso, celebrado en Montevidéo del 20 a 31 de Marzo de 1901*; pelas Redacções as seguintes Revistas: *Revista Mensual de la Camara Mercantil de Barracas al Sur*, *Revista Italo-Americana*, *Revista do Archivo do Municipio da Capital do Estado da Bahia*, *Vida Moderna*, *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia*, *Revista de Legislação*, *Revista Maritima*, *O Trabalho*; pelas Redacções os seguintes jornaes: *Le Nouveau Monde*, *Jornal do Recife*, *A E'poca*, *O Reformador*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Nortista*, *Municipio de Abaété* e *O Seculo*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 26 DE SETEMBRO DE 1902

Pelo Sr. Dr. G. Martina, *Estudo Chimico sobre algumas fructas Brazileiras* ; pela Repartição da Carta Maritima do Rio de Janeiro, *Boletim* ; pelo Museo Nacional de Montevidéo, *Anales* ; pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim Postal* ; pela National Geographic Society, *The National Magazine* ; pela Academia Nacional de Ciencias de Cordoba, *Boletin* ; pela Sociedad Cientifica Argentina, *Anales* ; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletin* ; pela Societá Africana d'Italia, *Bolletino* ; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim* ; pela Direccion General de Estadistica, *Anuario Estadistico de la Republica Oriental del Uruguay*; pelo Sr. Alberto de Carvalho, *Memoria* a respeito da Sepultura Rasa do Descobridor do Brazil Pedro Alvares Cabral, na Igreja da Graça, em Santarem — Portugal; pelas Redacções as Revistas: *A Escola*, *Vida Moderna*, *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia* ; pelas Redacções dos jornaes : *Le Nouveau Monde*, *Jornal do Recife*, *A Epoca*, *Diario Official do Amazonas*, *Club Coritibano*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 3 DE OUTUBRO DE 1902

Pela Universidad de la Republica de Chile, *Anales*; pelo Sr. Miguel Arrojado Ribeiro Lisbôa, *Um Caso de Critica Scientifica*; pelo Instituto Fisico-Geografico de Costa Rica, *Boletim*; pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim Postal*; pela Societá Geografica Italiana, *Boletino*; pelas Redacções os seguintes jornaes: *Le Nouveau Monde*, *Jornal do Recife*, *Club Coritibano*, *A Epoca*, *Diario Official do Amazonas*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 10 DE OUTUBRO DE 1902

Pela Sociedade Meteorologica Uruguaya, *Resumo de las Observaciones Pluviométricas*; pela Société des Études Indo-Chinoises, *Monographie de la Provence de Gia-Dinh*, *Monographie de la province de My-tho*, *Monographie de la Province de Bá Ria*; pela Sociedad de Beneficencia Olmedo, *El 28 de Mayo*; pelo Instituto do Ceará, *Revista Trimensal*; pela Secretaria da Agricultura de São Paulo, *Boletim da Agricultura*; pelas Redacções as seguintes Revistas: *Revista Maritima*, *Revista Mensual de la Camara Mercantil de Barracas al Sud*, e *Revista Italo-Americana*; pelas Redacções os jornaes: *Le Nouveau Monde*, *Jornal do Recife*, *Club Coritibano*, *A Epoca*, *Verdade e Luz*, *Perdão*, *Amor e Caridade*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 24 DE OUTUBRO DE 1902

Pelo Juizo dos Feitos da Fazenda Estadoal do Recife, *Acção Ordinaria*; pela Secretaria do Estado de São Paulo, *Boletim da Agricultura*; pela Comision Boliviana Demarcadora de Limites con el Brasil, *Informe del comisario en jefe Adolpho Ballivian*; pelo Sr. Luiz Augusto Soares de Magalhães, *Vida de Santa Catharina*; pelo Socio A. B. Sampaio, *Um caso de Medicina legal em Uberaba*; pelo Sr. Lindolpho Gomes, *Tiradentes e a Historia*; pela Sociedade Humanitaria dos Empregados no Commercio de Santos,

1879 a 1902, 23º anniversario; pelo Observatorio do Rio de Janeiro, *O Serviço da Hora*; pelo Dr. Moncorvo Filho, *Discurso* proferido, no Instituto de Protecção á Infancia do Rio de Janeiro; pelas Redacções os jornaes; *Le Nouveau Monde*, *Jornal do Recife* e *Club Curitibano*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 7 DE NOVEMBRO DE 1902

Pelo Sr. José Zeferino da Cunha, *Apontamentos para a Historia da Revolução de 1835*; pela Repartição da Carta Maritima, *Boletim*; pelo Observatorio do Rio de Janeiro, *Boletim Mensal*; pela University of Pennsylvania, *Tree Museum*; pela Accademia delle Scienze Fisiche e Matematiche de Napoli, *Rendiconto*; pela Sociedad Cientifica Argentina, *Anales*; pelo Dr. Augusto Montenegro, Governador do Estado do Pará, *Mensagem*; pela Historical Society of Pennsylvania, *The Pennsylvania Magazine of history and biography*; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletin*; pela National Geographie Society of New-York, *The National Geographic Magazine*; pela Directoria Geral de Saude Publica, *Boletim Quinzenal*; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pela Société de Géographie de Genève, *Le Globe*; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim*; pelo Sr. Nivaldo Teixeira Braga, *Perfil Biographico do Dr. Prudente José de Moraes Barros*; pelo socio Dr. Manoel Alvaro de Souza Sá Vianna, *Congresso Juridico Americano*; pelo Instituto Paraguayo, *Revista*; pelo Socio Antonio de Toledo Piza, *O Edificio do Congresso do Estado de S. Paulo*; pelas Redacções as Revistas: *Centro de Sciencias, Letras e Artes* e *La Revue Internationale de La Tuberculose*; pelas Redacções os jornaes: *Le Nouveau Monde*, *Jornal do Recife*, *Club Coritibano*, *Diario Official do Amazonas*, *A Epoca*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 21 DE NOVEMBRO DE 1902

Pelo Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, 1º Vice-Presidente, *Uma Collecção de photographias da inauguração do monumento* Rio Branco; pela Sociedade de

Geographia de Lisbôa, *Boletim*; pelo Socio Sr. Dr. Antonio de Toledo Piza, *Publicação Official de Documentos Interessantes para a Historia e Costumes de S. Paulo*, vol. 38; pela Officina Meteorologica de la Provincia de Buenos Ayres, *Anales*, tomo III; pela Société Imperiale des Naturalistes de Moscou; *Bulletin*; pela Secretaria da Agricultura Commercio e Obras Publicas de S. Paulo, *Boletim da Agricultura*; pela Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira, *Boletim*; pela Directoria Geral dos Correios, *Relatorio dos Serviços dos Correios e Boletim Postal*; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pela National Géographic Society, *The National Geographic Magazine*; pela Directoria Geral de Saude Publica, *Boletim Quinzenal*; pela Assistencia á Infancia, *Archivos*; pelo Sr. Arthur Goulart, *Pequenas Telas*; pelas Redacções as seguintes Revistas: *Revista Mensual de la Camara Mercantil de Barracas al Sud*, *Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas*, *Revista Maritima* e *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 6 DE DEZEMBRO DE 1902

Pelo Sr. Mucio Teixeira, *Brazil Marcial*, 1º, 2º e 3º fasciculos; pelo Muséo Nacional, *Anales*; pela Sociedad Cientifica Argentina, *Anales*; pela Sociedade Nacional de Agricultura, *Boletim*; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletin*; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pela Sociedad Geografica de Lima, *Boletin*; pelo Archivo do Estado de S. Paulo, *Documentos Interessantes para a Historia e Costumes de São Paulo*, vols. 38, 39 e 40; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim*; pelo Sr. E. de Carvalho Braga, *Glossario Hebreu Portuguez*; pelo Socio S. R. Cavalcanti de Albuquerque, *Commercio e Navegação de Transito Internacional com as Republicas de Columbia, Venezuela, Bolivia e Perú*; pela Redacção a Revista, *Vida Moderna*; pelas Redacções os jornaes: *Le Nouveau Monde* e *Club Coritybano*.

SOCIOS FALLECIDOS

(de Janeiro de 1902 a 31 de Outubro de 1903)

1902

1 D. Mariano Pelliza, socio corresp. estrangeiro.
2 Walther Hauser, Presidente honorario.
3 Thomaz Lino de Assumpção, socio correspondente estrangeiro.
4 Pedro Paulino da Fonseca, socio effectivo.
5 Joaquim Floriano de Godoy, socio correspondente.
6 Prudente José de Moraes Barros, Presidente honorario.

1903

1 Marechal Barão de Miranda Reis, socio effectivo.
2 Visconde de Assis Martins, socio bemfeitor.
3 Manoel Duarte Moreira de Azevedo, socio honorario.
4 Miguel Archanjo Galvão, socio effectivo,
5 Liberato de Castro Carreira, socio honorario.
6 Visconde Ferreira de Almeida, socio bemfeitor.
7 Joaquim José Gomes da Silva Netto, socio effectivo.
8 Luiz Henrique Pereira de Campos, socio effectivo.

QUADRO GERAL DOS SOCIOS

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

até 31 de Outubro de 1903

Presidentes honorarios

Nomes	Admissão no Instituto	Residencia
1 Christiano IX, Rei da Dinamarca....................	14 de Set. de 1843	Copenhague
2 Conde d'Eu, Principe Gastão de Orleans...............	16 de Set. de 1864	Paris
3 Duque de Saxe.............	16 de Set. de 1864	Vienna d'Austria
4 D. Miguel Juarez Celman, ex-presidente da Republica Argentina..................	13 de Set. de 1889	Buenos Ayres
5 D. Carlos I, Rei de Portugal.	8 de Nov. de 1896	Lisboa
6 Mr. Grover Cleveland, ex-presidente da Republica dos Estados Unidos da America do Norte.................	8 de Nov. de 1896	Washington
7 Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, ex-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil.................	12 de Maio de 1899	S. Paulo
8 General D. Julio A. Roca, Presidente da Confederação Argentina..................	18 de Agosto de 1899	Buenos Ayres
9 Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil............	6 de Dez. de 1902	Rio de Janeiro

Socios nacionaes benemeritos

Nomes	Admissão no Instituto	Residencia
1 Tristão de Alencar Araripe..	21 de Out. de 1870	Rio de Janeiro
2 Olegario Herculano de Aquino e Castro..................	14 de Julho de 1871	Rio de Janeiro
3 Manoel Francisco Correia...	1 de Out. de 1886	Rio de Janeiro

Socios nacionaes bemfeitores

	Nomes	Admissão no Instituto	Residencia
1	Domingos José Nogueira Jaguaribe..................	7 de Dez. de 1883	S. Paulo
2	Conde de Figueiredo.......	1 de Agosto de 1890	Rio de Janeiro
3	Candido Gaffrée...........	26 de Set. de 1890	Rio de Janeiro
4	Antonio José Dias de Castro	28 de Nov. de 1890	Rio de Janeiro
5	Conde de Leopoldina.......	5 de Dez. de 1890	Rio de Janeiro
6	Luiz José Lecocq de Oliveira	5 de Dez. de 1890	Rio de Janeiro
7	Tobias Lauriano Figueira de Mello..................	12 de Dez. de 1890	Rio de Janeiro
8	Barão de Quartim.........	6 de Março de 1891	Rio de Janeiro
9	Francisco de Paula Mayrink	20 de Março de 1891	Rio de Janeiro
10	Barão de Mendes Totta.....	3 de Abril de 1891	Rio de Janeiro
11	Barão de Ibiapaba.........	22 de Maio de 1891	Ceará
12	Urbano de Faria...........	31 de Julho de 1891	Rio de Janeiro
13	José Joaquim de França Junior....................	9 de Out. de 1891	Rio de Janeiro
14	Luiz Ribeiro Gomes........	4 de Dez. de 1891	Rio de Janeiro
15	Manoel de Mattos Gonçalves	4 de Dez. de 1891	Rio de Janeiro
16	Luiz Alves da Silva Porto..	17 de Out. de 1894	Rio de Janeiro
17	Luiz Martins do Amaral...	17 de Out. de 1897	Rio de Janeiro
18	Visconde Rodrigues de Oliveira...................	6 de Julho de 1900	Paris

Socios estrangeiros bemfeitores

	Nomes	Admissão no Instituto	Residencia
1	Luiz Augusto da Silva Canedo	6 de Março de 1891	Portugal
2	Visconde de Moraes........	3 de Abril de 1891	Rio de Janeiro
3	Manoel José da Fonseca....	28 de Agosto de 1891	Rio de Janeiro
4	Visconde de Thayde.......	7 de Julho de 1899	Portugal

Socios nacionaes honorarios

	Nomes	Admissão no Instituto	Residencia
1	Visconde de Barbacena.....	12 de Agosto de 1841	Rio de Janeiro
2	Barão de Capanema........	19 de Out. de 1848	Rio de Janeiro
3	Barão Homem de Mello....	3 de Junho de 1859	Rio de Janeiro
4	Barão Ribeiro de Almeida..	11 de Dez. de 1866	Rio de Janeiro
5	Barão do Rio Branco.......	7 de Nov. de 1867	Rio de Janeiro
6	Joaquim Pires Machado Portella....................	17 de Junho de 1870	Rio de Janeiro
7	Henrique Raffard..........	11 de Dez. de 1885	Rio de Janeiro
8	João Alfredo Corrêa de Oliveira...................	19 de Out. de 1887	Rio de Janeiro
9	Marquez de Paranaguá.....	31 de Agosto de 1888	Rio de Janeiro
10	D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo.................	2 de Junho de 1889	Austria

Nomes	Admissão no Instituto	Residencia
11 Barão de Alencar..........	13 de Set. de 1889	Rio de Janeiro
12 José Francisco Diana......	13 de Set. de 1889	Rio de Janeiro
13 D. Carlos Luiz d'Amour, Bispo de Cuyabá.........	9 de Dez. de 1892	Matto-Grosso
14 D. Jeronymo, Arcebispo da Bahia....................	7 de Julho de 1897	Bahia
15 D. Francisco, Bispo do Pará	25 de Julho de 1897	Pará
16 D. José Lourenço, Bispo do Amazonas..............	11 de Nov. de 1898	Manáos
17 Manoel Antonio Duarte de Azevedo.................	22 de Out. de 1899	S. Paulo
18 Visconde de Cabo Frio.....	26 de Out. de 1899	Rio de Janeiro
19 D. Pedro de Orléans e Bragança..................	22 de Junho de 1900	Europa
20 Alfredo Eugenio de Almeida Maia....................	10 de Agosto de 1900	S. Paulo
21 Joaquim Duarte Murtinho..	10 de Agosto de 1900	Rio de Janeiro
22 D. Joaquim Arcoverde, Arcebispo do Rio de Janeiro.	31 de Out. de 1900	Rio de Janeiro
23 Visconde de Ouro Preto....	9 de Nov. de 1900	Rio de Janeiro
24 Emilio Augusto Goëldi.....	10 de Dez. de 1900	Pará
25 Epitacio da Silva Pessôa...	27 de Março de 1901	Europa
26 Sabino Barroso Junior.....	2 de Maio de 1902	Rio de Janeiro
27 Alberto Santos Dumont....	11 de Set. de 1903	Paris

Socios estrangeiros honorarios

Nomes	Admissão no Instituto	Residencia
1 Bartholomeu Mitre........	20 de Nov. de 1871	Conf. Argentina
2 Estanisláo C. Zeballos......	7 de Dez. de 1883	Conf. Argentina
3 Enrique Moreno...........	13 de Set. de 1889	Roma
4 Norberto Quirno Costa.....	13 de Set. de 1889	Conf. Argentina
5 Achilles de Giovanni.......	25 de Out. de 1889	Italia
6 Blas Vidal................	29 de Nov. de 1889	Uruguay
7 Manoel Villamil Blanco....	29 de Nov. de 1889	Chile
8 Guilherme A. Seoane......	22 de Maio de 1891	Perú
9 Principe Roland Bonaparte.	22 de Maio de 1891	França
10 Francisco Garcia Calderon..	12 de Agosto de 1892	Perú
11 Miguel Antonio de la Lane.	12 de Agosto de 1892	Conf. Argentina
12 Mariano Rampolla del Tindaro, Cardeal............	7 de Abril de 1893	Roma
13 Martin Garcia Merou.......	5 de Maio de 1895	Washington
14 Augusto de Castilho Barreto Noronha.................	19 de Julho de 1896	Lisboa
15 Adrien Gerlache...........	28 de Out. de 1897	Belgica
16 Conde Wiener von den Steen de Jehay...............	28 de Out. de 1897	Belgica
17 Francisco Joaquim Ferreira do Amaral...............	25 de Maio de 1898	Portugal
18 João Oliveira de Sá Camelo Lampreia................	15 de Maio de 1898	Rio de Janeiro

Nomes	Admissão no Instituto	Residencia
19 Jeronymo Maria Gotti, Cardeal....................	14 de Out. de 1898	Roma
20 Joaquim Constantino de Freitas Muniz...............	10 de Nov. de 1899	Portugal
21 Francisco Maria da Cunha, General.................	20 de Abril de 1900	Portugal
22 Barão de la Barre..........	12 de Out. de 1900	Hespanha
23 Eduardo Muller...........	10 de Dez. de 1900	Suissa
24 Manoel B. Ottero..........	25 de Março de 1901	Uruguay
25 Susviella Guarch...........	29 de Maio de 1901	Uruguay
26 Anselmo Hevia Riquelme...	8 de Agosto de 1902	Europa
27 Barão Ernest de Hesse Wartegg.....................	25 de Junho de 1903	Allemanha
28 General Adriano Augusto de Pina Vidal	21 de Agosto de 1903	Lisboa
29 Duque de Abruzzos........	18 de Set. de 1903	Italia

Socios nacionaes effectivos

Nomes	Admissão no Instituto	Residencia
1 Visconde de Sinimbú.......	1 de Out. de 1840	Rio de Janeiro
2 Angelo Thomaz do Amaral.	10 de Out. de 1851	Rio de Janeiro
3 José Mauricio Fernandes Pereira de Barros..........	19 de Set. de 1856	Rio de Janeiro
4 Barão do Ladario..........	7 de Nov. de 1862	Rio de Janeiro
5 José de Saldanha da Gama.	18 de Agosto de 1865	Rio de Janeiro
6 Barão de Ramiz...........	16 de Agosto de 1872	Rio de Janeiro
7 Luiz de França Almeida e Sá.	29 de Set. de 1876	Rio de Janeiro
8 Francisco Calheiros da Graça	29 de Set. de 1882	Rio de Janeiro
9 Barão de Teffé.............	27 de Out. de 1882	Rio de Janeiro
10 José Alexandre Teixeira de Mello	24 de Nov. de 1882	Rio de Janeiro
11 José Candido Guillobel.....	24 de Nov. de 1882	Rio de Janeiro
12 João Barboza Rodrigues...	29 de Set. de 1886	Rio de Janeiro
13 João Capistrano de Abreu..	19 de Out. de 1887	Rio de Janeiro
14 José Verissimo de Mattos...	16 de Nov. de 1887	Rio de Janeiro
15 Visconde de Ibituruna	13 de Julho de 1888	Rio de Janeiro
16 Arthur Indio do Brazil.....	31 de Agosto de 1888	Rio de Janeiro
17 João Luiz Alves............	31 de Agosto de 1888	Rio de Janeiro
18 Luiz Cruls................	31 de Agosto de 1888	Rio de Janeiro
19 Feliciano Pinheiro de Bittencourt	25 de Out. de 1889	Rio de Janeiro
20 João Vicente Leite de Castro	25 de Out. de 1889	Rio de Janeiro
21 José Ricardo Pires de Almeida	25 de Out. de 1889	Rio de Janeiro
22 João Carlos de Souza Ferreira	1 de Agosto de 1890	Rio de Janeiro
23 Felisbello Firmo de Oliveira Freire..................	26 de Set. de 1890	Rio de Janeiro
24 Antonio Joaquim de Macedo Soares.................	3 de Out. de 1890	Rio de Janeiro

Nomes	Admissão no Instituto	Residencia
25 Alfredo Ernesto Jacques Ourique	5 de Dez. de 1890	Rio de Janeiro
26 Alfredo do Nascimento Silva	12 de Dez. de 1890	Rio de Janeiro
27 Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro	8 de Abril de 1892	Rio de Janeiro
28 Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque	23 de Set. de 1892	Rio de Janeiro
29 Affonso Celso de Assis Figueiredo	2 de Dez. de 1892	Petropolis
30 Tristão Alencar Araripe Junior	30 de Jun. de 1893	Rio de Janeiro
31 Antonio Martins de Azevedo Pimentel	1 de Jun. de 1894	Rio de Janeiro
32 Evaristo Nunes Pires	31 de Março de 1895	Rio de Janeiro
33 Francisco Baptista Marques Pinheiro	11 de Agosto de 1895	Rio de Janeiro
34 José Isidoro Martins Junior	16 de Agosto de 1896	Rio de Janeiro
35 Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo	27 de Set. de 1896	Roma
36 Barão de Loreto	6 de Dez. de 1896	Rio de Janeiro
37 Amaro Cavalcanti	6 de Dez. de 1897	Rio de Janeiro
38 Francisco Raphael de Mello Rego	29 de Maio de 1898	Rio de Janeiro
39 José Antonio Rodrigues de Oliveira Catramby	29 de Maio de 1898	Rio de Janeiro
40 Paulino José Soares de Souza Junior	10 de Jun. de 1898	Europa
41 Antonio da Cunha Barbosa	15 de Julho de 1898	Rio de Janeiro
42 Antonio de Paula Freitas	15 de Julho de 1898	Rio de Janeiro
43 Manoel Alvaro de Souza Sá Vianna	12 de Out. de 1899	Rio de Janeiro
44 Innocencio Serzedello Correia	12 de Dez. de 1899	Rio de Janeiro
45 José Americo dos Santos	12 de Dez. de 1899	Rio de Janeiro
46 Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho	12 de Dez. de 1899	Rio de Janeiro
47 Dionysio Evangelista de Castro Cerqueira	17 de Abril de 1900	Rio de Janeiro
48 Antonio Ferreira de Souza Pitanga	3 de Agosto de 1900	Nictheroy
49 José Francisco da Rocha Pombo	3 de Agosto de 1900	Rio de Janeiro
50 Max Fleiuss	3 de Agosto de 1900	Rio de Janeiro
51 Gregorio Thaumaturgo de Azevedo	17 de Agosto de 1900	Rio de Janeiro
52 Carlos Vidal de Oliveira Freitas	26 de Out. de 1900	Rio de Janeiro
53 Rodrigo Octavio Langgaard de Menezes	26 de Out. de 1900	Rio de Janeiro
54 Belisario Pernambuco	23 de Agosto de 1901	Rio de Janeiro
55 Manoel da Silva Mafra	23 de Agosto de 1901	Rio de Janeiro

Nomes	Admissão no Instituto	Residencia
56 Sylvio Roméro...........	23 de Agosto de 1901	Rio de Janeiro
57 Ruy Barboza..............	23 de Maio de 1902	Rio de Janeiro
58 Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque	13 de Junho de 1902	Rio de Janeiro
59 Joaquim da Costa Barradas.	20 de Junho de 1902	Rio de Janeiro
60 Monsenhor Vicente Ferreira Lustosa de Lima........	19 de Junho de 1903	Rio de Janeiro
61 Ernesto Senna............	11 de Set. de 1903	Rio de Janeiro
62 Alberto de Carvalho........	18 de Set. de 1903	Rio de Janeiro
63 Eduardo Marques Peixoto..	23 de Out. de 1903	Rio de Janeiro
64 Jesuino da Silva Mello.....	23 de Out. de 1903	Rio de Janeiro

Socios estrangeiros effectivos

1 Antonio Zeferino Candido..	24 de Nov. de 1889	Portugal
2 Arthur Sauer.............	19 de Junho de 1891	Rio de Janeiro
3 Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho	24 de Abril de 1903	Rio de Janeiro

Socios nacionaes correspondentes

1 Barão de Penedo	12 de Agosto de 1841	Rio de Janeiro
2 Barão de Guajará..........	8 de Nov. de 1866	Pará
3 Antonio Manoel Gonçalves Tocantins	17 de Julho de 1874	Pará
4 Thomaz Garcez Paranhos Montenegro.............	10 de Maio de 1878	Bahia
5 José Antonio de Azevedo Castro......................	24 de Julho de 1885	Europa
6 Antonio Borges Sampaio...	9 de Dez. de 1886	Minas
7 Francisco Augusto Pereira da Costa...............	9 de Dez. de 1886	Perú
8 Antonio Ribeiro de Macedo	19 de Out. de 1887	Paraná
9 Paulino Nogueira Borges da Fonseca	19 de Out. de 1887	Ceará
10 Virgilio Martins de Mello Franco	31 de Agosto de 1888	Minas
11 Guilherme Studart.........	20 de Maio de 1889	Ceará
12 Rodolpho Marques Theophilo...................	20 de Julho de 1890	Ceará
13 Brazilio Augusto Machado de Oliveira	12 de Set. de 1890	S. Paulo
14 João Damasceno Vieira Fernandes.......	31 de Out. de 1890	Rio Gr. do Sul
15 João José Pinto Junior....	19 de Dez. de 1890	Pernambuco
16 José Domingos Codeceira..	20 de Março de 1891	Pernambuco
17 João Baptista Perdigão de Oliveira	19 de Junho de 1891	Ceará

Nomes	Admissão no Instituto	Residencia
18 Evaristo Affonso de Castro.	14 de Agosto de 1891	Rio Gr. do Sul
19 Argemiro Antonio da Silveira	25 de Set. de 1891	S. Paulo
20 Arthur Vianna de Lima	25 de Set. de 1891	Rio de Janeiro
21 José Francisco da Silva Lima	17 de Junho de 1892	Bahia
22 Lafayette de Toledo	17 de Junho de 1892	S. Paulo
23 Bento Severiano da Luz	25 de Nov. de 1892	Matto-Grosso
24 Padre José Joaquim Corrêa de Almeida	20 de Abril de 1894	Minas
25 Antonio Olyntho dos Santos Pires	4 de Maio de 1894	Minas
26 João Lucio de Azevedo	31 de Março de 1895	Pará
27 Vicente Chermont de Miranda	31 de Março de 1895	Pará
28 Aristides Augusto Milton	11 de Agosto de 1895	Bahia
29 Manoel de Oliveira Lima	11 de Agosto de 1895	Rio de Janeiro
30 Cincinato Cesar da Silva Braga	25 de Agosto de 1895	S. Paulo
31 Antonio de Toledo Piza	22 de Set. de 1895	S. Paulo
32 Raymundo Cyriaco Alves da Cunha	20 de Out. de 1895	Pará
33 Manoel Baena	3 de Nov. de 1895	Pará
34 Henrique Marques de Santa Rosa	16 de Agosto de 1896	Pará
35 Alfredo Ferreira Rodrigues	30 de Agosto de 1896	Rio Gr. do Sul
36 Padre Raphael M. Galanti	22 de Nov. de 1896	Rio de Janeiro
37 Irineo Feliciano Pereira Joffely	14 de Dez. de 1896	Parahyba
38 André Peixoto de Lacerda Werneck	13 de Dez. de 1896	Rio de Janeiro
39 Tancredo do Amaral	13 de Junho de 1897	S. Paulo
40 Joaquim Silverio de Souza	19 de Set. de 1897	Minas
41 José Romaguera Corrêa	11 de Nov. de 1898	Rio Gr. do Sul
42 Adelino Antonio de Luna Freire	9 de Dez. de 1898	Pernambuco
43 Augusto Cesar de Miranda Azevedo	1 de Set. de 1899	S. Paulo
44 Padre Julio Maria	15 de Set. de 1899	Minas
45 Honorio Lima	10 de Nov. de 1899	Rio de Janeiro
46 Conego José de Andrade Pinheiro	3 de Agosto de 1900	Pará
47 Sebastião de Vasconcellos Galvão	26 de Out. de 1900	Pernambuco
48 Ermelino Agostinho de Leão	10 de Dez. de 1900	Paraná
49 Antonio Augusto de Lima	9 de Agosto de 1901	Minas
50 Alfredo Romario Martins	23 de Agosto de 1901	Paraná
51 Candido Costa	23 de Agosto de 1901	Espirito Santo
52 João Mendes de Almeida Junior	23 de Agosto de 1901	S. Paulo
53 Nelson de Senna	23 de Agosto de 1901	Minas

Nomes	Admissão no Instituto	Residencia
54 Pedro Augusto Carneiro Lessa	23 de Agosto de 1901	S. Paulo
55 Sebastião Paraná de Sá Souto Maior	23 de Agosto de 1901	Paraná
56 Estevão Leão Bourroul	18 de Out. de 1901	S. Paulo
57 Horacio de Carvalho	18 de Out. de 1901	S. Paulo
58 José Vieira Couto de Magalhães	18 de Out. de 1901	S. Paulo
59 Affonso Arinos de Mello Franco	6 de Dez. de 1901	S. Paulo
60 Alfredo de Toledo	6 de Dez. de 1901	S. Paulo
61 Manoel Ferreira Garcia Redondo	30 de Maio de 1902	S. Paulo
62 Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque	13 de Junho de 1902	Rio de Janeiro
63 Monsenhor João Tolentino de Guedelha Mourão	24 de Out. de 1902	Maranhão
64 Martim Francisco Ribeiro de Andrada	24 de Out. de 1902	S. Paulo
65 Theodoro Sampaio	24 de Out. de 1902	S. Paulo
66 Euclydes da Cunha	6 de Março de 1903	S. Paulo
67 Albino Alves Filho	22 de Maio de 1903	Minas
68 José Manoel Cardozo de Oliveira	22 de Maio de 1903	Inglaterra
69 Augusto de Siqueira Cardozo	25 de Junho de 1903	S. Paulo

Socios estrangeiros correspondentes

Nomes	Admissão no Instituto	Residencia
1 Visconde de Wildick	13 de Agosto de 1880	Lisboa
2 Paulo Gaffarel	24 de Nov. de 1882	França
3 Alexandre Baguet	7 de Dez. de 1882	Belgica
4 Pedro Wenceslão de Brito Aranha	7 de Agosto de 1885	Portugal
5 Angelo Justiniano Carranza	7 de Out. de 1887	Conf. Argentina
6 Annibal Echeverria y Reis	25 de Out. de 1889	Chile
7 Annibal Ferrero	25 de Out. de 1889	Chile
8 Bouquet de la Grye	25 de Out. de 1889	França
9 Alexandre Sorondo	29 de Nov. de 1889	Conf. Argentina
10 Constantino Bannen	29 de Nov. de 1889	Chile
11 Arturo de Leon	3 de Julho de 1891	Uruguay
12 Clovis Lamarre	19 de Julho de 1891	França
13 Aristides Marre	25 de Set. de 1891	França
14 Julius Meili	11 de Março de 1892	Suissa
15 Frank Vincent	6 de Dez. de 1892	Estados Unidos
16 Christiano Frederico Seybold	1 de Junho de 1894	Allemanha
17 Gabriel de Monte Pereira	31 de Março de 1895	Portugal
18 Carlos Baptista Ferreira de Mello	16 de Junho de 1895	Portugal
19 José Clementino Soto	8 de Nov. de 1896	Conf. Argentina
20 Adolpho Saldias	8 de Dez. de 1899	Conf. Argentina

Nomes	Admissão no Instituto	Residencia
21 José Antonio Ismael Gracias.	3 de Agosto de 1900	Africa.
22 Philotheio Pereira de Andrade	3 de Agosto de 1900	Asia
23 D. Francisco Bofarul y Sanz.	28 de Set. de 1900	Hespanha
24 Orville Adalbert Derby	26 de Out. de 1900	S. Paulo
25 Carlos Lix Klett	6 de Dez. de 1901	Conf. Argentina
26 Ernesto Quesada	6 de Dez. de 1901	Conf. Argentina
27 D. Manoel Amunategui	6 de Dez. de 1902	Chile
28 D. Emilio Rodrigues Mendoza	6 de Dez. de 1902	Chile
29 Anselmo de Andrade	8 de Maio de 1903	Lisboa
30 Laureano de Figueiróla	24 de Julho de 1903	Madrid
31 José Maria Pereira de Lima	11 de Set. de 1903	Lisboa
32 Victor Ribeiro	11 de Set. de 1903	Lisboa
33 Visconde de Sanches de Baena	11 de Set. de 1903	Lisboa

Resumo

Socios		Presidentes	Nacionaes	Estrangeiros	Total
Presidentes honorarios		9	—	—	9
Benemeritos		—	3	—	3
Bemfeitores		—	18	4	22
Honorarios	nacionaes	—	27	—	27
	estrangeiros	—	—	29	29
Effectivos	nacionaes	—	64	—	64
	estrangeiros	—	—	3	3
Correspondentes	nacionaes	—	69	—	69
»	estrangeiros	—	—	33	33
Somma		9	181	69	259

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO TOMO LXV

PARTE SEGUNDA